

A movie poster for the film 'Lesley Pearce'. The background is a close-up of a woman's face with blue eyes and red lips. In the upper left, there is a small inset image of a large, multi-story stone estate with a central tower, set against a blue sky with clouds. The estate is surrounded by a green lawn and some trees. The text is overlaid on the image.

“Um épico  
emocionante  
que você não vai  
esquecer tão cedo.”  
– *Woman's Weekly*

# Esperança

# LESLEY PEARCE



Esperança



## O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.





Esperança  
LESLEY  
PEARSE



# Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Título original: *Hope*

Copyright © 2006 por Lesley Pearse  
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Maria Silveira *preparo de originais:* Carolina Vaz *revisão:* Cristhiane Ruiz e Hemínia Totti *projeto gráfico e diagramação:* Valéria Teixeira *capa:* Edições ASA *imagens de capa:* © Craig Fordham/ Shutterstock (mulher);

Kwiatek7/ Shutterstock (casa) *adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão *foto da autora:* © Charlotte Murphy

*adaptação para e-book:* Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P374e

Pearse, Lesley

Esperança [recurso eletrônico]/ Lesley Pearse; tradução de Maria Silveira. São Paulo: Arqueiro, 2019.

recurso digital

Tradução de: Hope

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-860-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Maria. II. Título.

18-53737

CDD: 823  
CDU: 82-3(410.1)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

Para todos os meus amigos e vizinhos em Compton Dando por fazerem com que eu me sinta tão acolhida e feliz aqui. Espero que apreciem esta história totalmente fictícia e que me perdoem por tomar liberdades com a história real do nosso vilarejo e por qualquer erro ou omissão.



# Sumário

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

## Somerset, 1832

– Gritar não vai ajudar o bebê a nascer! – exclamou Bridie, irritada, enfiando nas mãos de sua senhora a corda amarrada na cabeceira da cama. – Segure isso e faça força.

A porta se abriu atrás dela. Bridie olhou por cima do ombro e viu Nell, a copeira, entrando com uma bacia de água quente.

– Até que enfim! Pensei que tivesse debandado!

Nell não se ofendeu com a aspereza da velha; percebeu que era apenas nervosismo. Bridie não era parteira, e somente o horror de lady Harvey ser exposta à vergonha pública a convencera a ajudar aquele bebê a nascer. A empregada aparentava bem os seus 60 anos naquele momento de angústia, as mechas de cabelo grisalho escapando da touca engomada, o rosto gorducho tenso e amarelado à luz das velas, e os olhos azuis, que normalmente cintilavam de alegria, embaçados pelo cansaço e pela ansiedade.

– Não seria melhor chamar o médico? – sugeriu Nell, quando viu as veias dilatadas e vermelhas transparecerem no rosto e no pescoço de lady Harvey. – Está demorando muito e ela está sofrendo.

Bridie a fulminou com o olhar e Nell entendeu que aquela não era a hora de dar opiniões. Então, tirou o pano da bacia de água fria, torceu-o e enxugou a testa da patroa. Só esperava que Bridie soubesse o que estava fazendo – se lady Harvey morresse, ambas estariam em apuros.

O quarto estava fétido e abafado, quente como um forno, embora o fogo da lareira já estivesse quase apagado. As pesadas cortinas de tapeçaria ao redor da cama e os móveis escuros bem polidos contribuíam para a atmosfera claustrofóbica. Nell tinha visto os primeiros raios da aurora surgirem quando fora buscar a água quente na cozinha, e estava tão cansada que tinha a impressão de que poderia desabar ali mesmo.

No ano anterior, ajudara no nascimento de seu irmãozinho, mas não tinha sido daquele jeito. A mãe estava andando até alguns minutos antes do parto quando então se deitou, gritou um pouco e o bebê nasceu, tão facilmente como se fosse um leitãozinho engordurado. Até aquela noite, Nell pensava que todos os bebês nasciam dessa maneira.

Mas lady Harvey começara a gritar às seis da tarde da véspera e a dor só tinha piorado ao longo da noite. Sua linda camisola branca estava empapada de suor, e a barriga distendida parecia obscena à luz tremulante das velas.

Se fosse isso o que se ganhava por estar com um homem, pensou Nell, preferia morrer virgem.

– Me deixe morrer junto com essa criança! – gritou lady Harvey. – Deus, o Senhor já não me puniu o suficiente por minha perversidade?

– Empurre a criança para fora ou vai morrer! – berrou Bridie, e deu um tapa forte na coxa nua de sua senhora. – Vamos, empurre o pestinha, maldição!

Não se sabe se por causa do tapa ou da ameaça de morte, os gritos de lady Harvey se

transformaram em uma espécie de urro, não muito diferente de uma vaca em trabalho de parto, e de repente ela estava empurrando com verdadeira determinação.

Vinte minutos depois, os olhos de Nell se arregalaram quando finalmente viu a cabeça do bebê aflorando. O cabelo era negro como azeviche, contrastando fortemente com as coxas brancas como lírios de sua senhora.

– É isso! Agora o bebê está vindo. – A voz de Bridie ficou mais suave com o alívio. – Deixe-o vir sozinho, não empurre mais.

Nell assistiu fascinada, o cansaço esquecido, quando o bebê deslizou para as velhas mãos enrugadas de Bridie. A barriga, que segundos antes parecia tão esticada e inchada quanto uma abóbora madura, de repente murchou, e a patroa soltou um leve suspiro de alívio por sua provação ter finalmente terminado.

Bridie deixou o bebê recém-nascido bem longe da mãe, sem ao menos anunciar que se tratava de uma menina. O olhar de Nell encontrou os olhos da mulher mais velha, viu o medo neles, e de repente a alegria e o encantamento que sentira com o milagre da nova vida se extinguiram.

Aquela criança não estava destinada a viver. Bridie não iria lhe dar um tapinha nas costas, nem soprar na sua boca minúscula para ajudá-la a sobreviver. Estava fadada à morte.

– Acabou mesmo? – perguntou lady Harvey, a voz um mero sussurro rouco.

– Sim, acabou, milady – disse Bridie enquanto rapidamente amarrava o cordão umbilical e o cortava. – É só expelir a placenta e poderá dormir e esquecer tudo isso.

Nell olhou para a criança imóvel e silenciosa na cama. Seus irmãos e irmãs mais novos haviam todos nascido feios e arroxeados, com a cabeça careca. Eles tinham se esgoelado, enraivecidos, em sua chegada apressada a um mundo novo e hostil. Mas aquela criança era bonita, com cabelos escuros e a boca parecendo um pequeno botão de rosa. Nell pensou que talvez fosse porque estava destinada a ir direto para o céu.

– O bebê morreu? – perguntou lady Harvey com voz sonolenta.

As veias saltadas e vermelhas em seu rosto e pescoço já haviam sumido, mas ela parecia abatida e pálida. Os compridos fios dourados, orgulho e alegria de Bridie, estavam emaranhados e sem brilho. Nell mal podia acreditar que era a mesma mulher que sempre admirara por sua serena elegância e beleza.

Bridie limitou-se a lançar um olhar de esguelha para a criança enquanto massageava a barriga da senhora.

– Sim, milady, receio que sim – respondeu ela com voz trêmula. – Mas talvez seja melhor assim.

– Posso ao menos vê-lo? – pediu lady Harvey.

Bridie acenou com a cabeça para Nell, que enrolou o bebê em uma peça de flanela e pegou-o no colo. Lady Harvey estendeu um dedo e deslizou-o pela bochecha da filha, depois virou a cabeça quando vieram as lágrimas.

– A vontade de Deus – sussurrou ela. – Mas estou grata por Sua misericórdia.

Bridie indicou a porta para Nell.

– Leve-a para a copa, depois vá para a cama – murmurou. – Cuido disso mais tarde, quando terminar aqui.

Segurando o pequenino bebê sem vida nos braços, Nell seguiu rapidamente pelo corredor em direção à escada dos fundos. Briargate Hall estava tão silenciosa quanto uma cripta. Todos os outros criados tinham sido enviados para a casa de Londres três semanas antes a fim de prepará-la para o retorno de sir William Harvey. Ele passara quase dois anos na América e, é claro, esta

era a razão pela qual Bridie não havia tentado salvar o bebê. Se sabia quem era o pai, ela não dizia. Tinha escondido a gravidez de sua senhora como se fosse sua. Mesmo quando fora obrigada a incluir Nell na conspiração porque não conseguiria lidar sozinha com o parto, explicou apenas que sua senhora estava esperando uma criança indesejada.

Era fim de abril, e na véspera finalmente tinham avistado sinais da primavera depois de um inverno longo e rigoroso. Aquele seria outro dia bonito e quente, porque a luz do sol já atravessava a janela junto à escadaria dos fundos.

No imenso espelho ao lado da janela, Nell viu o próprio reflexo. A imagem a chocou, não tanto porque parecia tão desarrumada – o avental manchado, a touca fora do lugar com fiapos de cabelo para fora –, mas porque os acontecimentos da noite de repente a tinham envelhecido. Apenas 24 horas antes, ela se parecia com qualquer outra criada de 16 anos: arrumada e recatada em seu uniforme engomado, as faces rosadas de tanto correr para cima e para baixo pelas escadas e um brilho nos olhos escuros porque Baines, o mordomo, não estava ali para repreendê-la o tempo todo. Seus pensamentos estavam em Ned Travers, que combinara de encontrá-la em Lord's Wood naquela tarde. Ele estava prestes a se alistar no Exército e todas as moças do vilarejo queriam namorá-lo. Nell não tinha certeza de que era isso que ela queria, mas era bom pensar que *ele* a queria.

Nell sabia que não tinha sido abençoada com beleza física. Puxara o lado paterno da família, como todos os seus irmãos e irmãs. Eram todos baixos e atarracados com cabelos pretos lisos e olhos castanho-escuros. Ned dizia que sua tez era branca como leite, mas isso provavelmente era só conversa fiada. Sua boca era pequena demais; o nariz, um pouco exagerado; as sobrancelhas, muito espessas.

Ela não conseguiu ir ao encontro de Ned, então nunca saberia se ele gostava dela de verdade ou se achava que uma mocinha simples como ela poderia ser fácil. Bridie soltou a bomba no meio da manhã e deixou bem claro que Nell não poderia sair da casa sob hipótese alguma.

Até então, Nell tinha acreditado, como todos os outros criados, que a prolongada permanência da patroa em seu quarto devia-se a ela ter se machucado ao cair do cavalo. Rose, uma das criadas, dissera que aquilo era “muito esquisito”, já que, dois dias depois da última queda do cavalo, lady Harvey já estava andando por todo lado com uma bengala.

Mas Nell não via nada de suspeito nesse longo período de convalescença. Em seus quatro anos de serviço, notara que damas da alta sociedade tendiam a sofrer de doenças curiosas que não atingiam pessoas comuns.

Nell achava que o problema da patroa era melancolia: uma combinação do longo inverno rigoroso e a ausência prolongada do marido. Sempre que a mandavam subir com uma bandeja, lady Harvey estava ainda na cama ou sentada junto à janela com os pés para cima, enrolada em uma colcha. Parecia tão linda como sempre, o cabelo dourado caindo nos ombros, mas estava abatida e muito pálida. Nell às vezes achava que Bridie deveria ser mais firme e fazê-la dar uma pequena caminhada ao ar livre todos os dias.

Baines dera ordens a Nell pouco antes de embarcar na carruagem para Londres com o resto dos criados. Ela deveria cozinhar e copeirar até lady Harvey se sentir bem para viajar para Londres com Bridie. Então ela ficaria ali sozinha para cuidar da casa, e o jardineiro e o cavaleiro se encarregariam da parte externa da propriedade.

Nell não ficou decepcionada por não ir para Londres com eles. Bridie dizia que sempre havia muito mais trabalho por lá, porque era uma casa muito maior e os Harveys recebiam muitos convidados. Também sempre falava que os funcionários de Londres faziam pouco de roceiros como eles, e lá era como trabalhar em um hospício.

A verdade é que ficar em Briargate equivalia a um feriado para Nell, uma vez que não teria praticamente nada para fazer. Poderia dar uma fugida até sua casa todas as tardes para visitar a mãe e os irmãos e irmãs mais novos e também perambular por Briargate Hall tanto quanto quisesse.

Quando Bridie lhe dissera no dia anterior o que realmente afligia a senhora, foi um grande choque.

“Ela cometeu um deslize”, foi a explicação de Bridie, talvez imaginando que Nell não soubesse como os bebês eram feitos.

E prometera dar um soberano a Nell desde que a menina não dissesse uma palavra sequer sobre o que veria e ouviria nas horas seguintes. Bridie declarara sem rodeios que esperava que o bebê não fosse sobreviver.

Na véspera, esse prognóstico não parecia tão terrível. Bridie estava apenas sendo prática, assim como o cavaleiro quando afogou os gatinhos nascidos no celeiro. Todo mundo sabia que, de qualquer maneira, as senhoras tinham amas de leite para os bebês e dispunham de muito pouco tempo para sua prole até as crianças estarem quase crescidas.

Porém, quando lady Harvey entrou em trabalho de parto, não foi diferente de nenhuma outra mulher que Nell conhecesse. Ela suou, chorou, até gritou pragas grosseiras iguais às da desmazelada criada da taberna. Todo o linho fino e as rendas, as escovas de cabelo de prata e as joias não a impediram de parir aquele bebê exatamente como uma cigana qualquer nos campos. E, assim como a mendiga mais comum lamentaria a morte de um filho, Nell sabia que lady Harvey também o faria.

Olhou para o pequeno embrulho em seus braços e as lágrimas brotaram-lhe nos olhos. Sua família não tinha nada, dez crianças criadas em uma casinha minúscula com goteiras no telhado, mas cada novo bebê tinha sido recebido com alegria. Aquela bebê, no entanto, não fora beijada, e nem sequer receberia um nome ou teria um enterro decente.

O fardo de testemunhar tudo aquilo era pesado. Nell não sabia como ia encarar lady Harvey depois daquilo, ou se um dia esqueceria o que aconteceu ali. Ela e Bridie poderiam até ser amaldiçoadas por terem participado!

Todos sabiam que uma maldição fora lançada sobre sir John Popham. Ele fora um antepassado dos Pophams, que ainda viviam na Hunstrete House, a mansão mais próxima de Briargate, do outro lado de Lord’s Wood. Sir John fora juiz no julgamento de William Darrell, de Littlecote, acusado de assassinar um bebê recém-nascido jogando-o no fogo. Darrell lançou a maldição sobre os Pophams porque o juiz tirou-lhe, juntamente com Hunstrete, que fazia parte da propriedade, em troca da sua absolvição. A maldição foi que a família Popham nunca teria um herdeiro homem. E eles nunca tiveram um menino, apenas meninas.

Nell supunha que Darrell assassinara o bebê porque não era o pai. Ela e Bridie não haviam assassinado a criança, mas... e se não tentar fazer um bebê recém-nascido respirar pela primeira vez fosse a mesma coisa?

Se alguém descobrisse, elas poderiam ser enforcadas!

O coração de Nell disparou e seu estômago se revirou. Será que Bridie pretendia enterrar o corpo do bebê no jardim? Como achava que poderia fazer isso sem que Jacob, o velho jardineiro, visse?

Quando começou a descer a escada dos fundos, um leve movimento contra seu peito a surpreendeu. Ela tropeçou e quase deixou cair o pequeno embrulho. Nervosa, afastou um pouco a coberta de flanela e, para seu espanto, viu uma pequenina mão se mexer e o bebê bocejar.

Por um momento, só fez olhar, convencida de que estava imaginando coisas, mas a mão se

mexeu de novo, mais vigorosamente dessa vez.

– É um milagre! – exclamou, sua voz ecoando na escada.

Todos sabiam que bebês recém-nascidos choravam para anunciar que estavam vivos e passando bem. Ela nunca tinha ouvido falar de algum que ficasse em silêncio, a não ser que fosse muito fraco para sobreviver.

A menos que aquela fosse uma filha das fadas.

A educação de Nell se resumia ao que tinha aprendido com o reverendo Gosling entre os 6 e 8 anos: reconhecer as letras e fazer contas. Mas tinha aprendido superstições desde pequena, com os pais e os mais antigos da aldeia.

Dizia-se que os filhos das fadas vinham ao mundo para trazer boa sorte. Eles podiam ser reconhecidos por sua chegada inesperada, sua beleza excepcional e sua natureza amável. Joan Stott, que era estéril, de repente, com mais de 40 anos, dera à luz uma menina que parecia um anjo. Joan e Amos Stott mal conseguiam subsistir vivendo de suas terras e ninguém esperava que sua filhinha pudesse sobreviver, mas foi o que aconteceu. E, mal a colocaram no berço, as galinhas dos Stotts começaram a pôr ovos, suas colheitas aumentaram e até a velha porca produziu uma ninhada de doze belos leitões. A criança agora estava com mais de 6 anos, ainda tão bonita quanto uma manhã de maio, e os Stotts estavam se tornando quase prósperos.

No entanto, fosse a bebê de lady Harvey um milagre ou uma filha das fadas, Nell sabia que Bridie não se alegraria ao encontrá-la viva. Ela estava a serviço dos Dorvilles, a família de lady Harvey, desde os seus 14 anos. Passara de auxiliar de cozinha a ama-seca e, oito anos antes, quando Anne, a mais nova, se casou com sir William Harvey, Bridie veio para Briargate com ela como sua criada pessoal.

A vida inteira de Bridie gravitava em torno da senhora que havia ajudado a trazer a este mundo, e não permitiria que nada nem ninguém a desgraçasse e envergonhasse.

Mas a possibilidade de que aquela fosse uma filha das fadas impedia que Nell considerasse os sentimentos ou os desejos de Bridie; tinha que agir de acordo com sua intuição. Desceu apressada as escadas até a cozinha aquecida e apanhou o xale que deixara em uma cadeira para agasalhar melhor o bebê. Desalojou o gato do assento da cozinheira, que ficava num canto, colocou a criança na almofada e correu para fora para encher a chaleira na bomba de água.

Quando Nell ouviu o passo pesado e lento de Bridie na escada quase uma hora depois, já estava claro lá fora, com o sol quente entrando pela treliça da janela junto à pia. A bebê agora estava lavada, embrulhada em flanela limpa e profundamente adormecida em uma cesta de roupa lavada perto do fogão.

Tinha aberto os olhos assustada quando Nell tirou a flanela suja e berrou indignada enquanto era lavada. Entretanto, assim que foi embrulhada de novo, voltou a dormir.

– Não disse para você ir para a cama? – resmungou Bridie, mal-humorada, quando entrou na cozinha, carregando um pesado balde de água suja em uma das mãos, uma bacia coberta no outro e pilhas de panos manchados de sangue debaixo de cada braço.

Ela parecia exausta. Tinha os ombros curvados e o avental manchado de sangue, e respirava ruidosamente com o esforço da caminhada até a cozinha.

– A menina está viva – disse Nell, apontando para a cesta.

Bridie empalideceu e deixou cair seus fardos, espirrando água no chão.

– Ah, meu Deus, Maria, mãe de Deus! – exclamou, persignando-se e olhando assustada para a cesta.



– É uma criança sadia e bonita – arriscou Nell, temerosa.

Ainda que simpatizasse com Bridie e sua senhora, pois sabia quantos problemas um bebê vivo poderia criar para ambas, não podia deixar de ficar satisfeita em tê-lo ajudado a sobreviver. No entanto, ao mesmo tempo, também sabia que moças como ela podiam ser demitidas por interferir no que não era de sua conta, e Bridie decerto acharia que era exatamente o que ela havia feito.

A velha ama soltou um soluço de tristeza e pôs as mãos no rosto, consternada.

– Ah, meu Deus! – exclamou. – O que vou fazer agora?

Nell logo se aproximou e a abraçou, como faria com a própria mãe se ela estivesse aflita. Bridie tinha sido bondosa com ela desde o seu primeiro dia em Briargate, quando ainda era só uma menina apavorada de 12 anos sem a menor ideia do que significava deixar a própria família e entrar para o serviço doméstico de uma casa. Foi Bridie quem insinuou que as habilidades de Nell estavam sendo desperdiçadas na cozinha e que ela deveria ser treinada como copeira; lutou contra os protestos da cozinheira e da Sra. Cole, a governanta, encobriu Nell quando ela quebrou um enfeite e em outra ocasião contrabandeou sobras de comida para sua casa quando o pai de Nell ficou sem conseguir trabalhar por causa de um problema pulmonar.

Durante seus quatro anos em Briargate, aquela mulher não tinha apenas consolado Nell, mas também fora sua professora e confidente. Graças a ela, Nell podia ajudar sua família; tinha boa alimentação, roupas decentes e perspectivas. Não sabia se havia algum jeito de fazer com que Bridie saísse daquele aperto, mas se houvesse um ela o encontraria.

– Não fique assim, Bridie – disse Nell, serena. – Estamos cansadas agora, mas se pensarmos juntas vamos dar um jeito. Vou fazer um chá e depois você vai para a cama. Vou pôr esses panos de molho e ficar de ouvido atento à patroa.

Bridie afastou-se dos braços de Nell e enxugou os olhos na bainha do avental. Seus olhos azuis ainda estavam marejados, mas a copeira notou que ela se esforçava para recobrar a compostura.

– Você é uma boa menina – disse com voz trêmula. – Mas é você quem deve ir para a cama. Eu vou me sentar aqui um pouco com meu chá e depois voltar para o andar de cima. Posso dormir na cadeira no quarto da senhora.

– Posso levar a bebê comigo? – perguntou Nell.

Bridie balançou a cabeça.

– Ela ficará mais aquecida aqui. Vá para a cama.

Com os pensamentos na criança, Nell se deu conta de que não conseguiria dormir. A menina ia ficar com fome em breve e, se Bridie estivesse no quarto de lady Harvey, não a ouviria chorar. Havia tantas outras coisas que precisavam ser feitas também: buscar carvão para o fogão, lavar a roupa e preparar algo substancial para lady Harvey comer. Ela não podia ficar ali deitada e deixar tudo por conta de Bridie.

Ela se levantou e se lavou, então pôs o velho vestido cinza que usava para o serviço pesado. Segurando as botas, desceu as escadas do seu quarto no sótão sem fazer ruído para não perturbar a senhora.

Não se passava um dia sem que Nell se considerasse abençoada por poder morar em

Briargate Hall. Era uma casa clara e iluminada, construída havia apenas quarenta anos por sir Roland Harvey, pai de William, e situada a meio caminho entre as cidades de Bath e Bristol. Nell nunca estivera em nenhuma dessas cidades; só conhecia o vilarejo de Compton Dando, onde nascera, e os vilarejos vizinhos. O lugar mais distante que havia visitado fora Keynsham, a cerca de cinco quilômetros dali.

As pessoas diziam que o porto de Bristol era uma maravilha e que lá se podia ver belíssimos navios a vela que navegavam até os extremos da terra. Mas Nell não tinha vontade de conhecer o lugar; um ano antes, centenas de pessoas tinham morrido de cólera, e fazia menos de cinco meses, em outubro, tinham ocorrido terríveis revoltas populares por três dias. Muitas pessoas morreram, dezenas ficaram gravemente feridas e vários prédios tinham sido destruídos e queimados. Quatro pessoas foram enforcadas por estarem envolvidas e outras mais colocadas na prisão ou exiladas. Para Nell, parecia ser um lugar muito perigoso.

O Sr. Baines, que sabia quase tudo, disse que os tumultos haviam acontecido porque o sistema de governo era corrupto. Explicou que os membros do Partido Conservador tinham subornado e intimidado os eleitores para que os partidos reformistas não pudessem entrar. Mostrou-se orgulhoso do fato de as pessoas de Bristol terem coragem de protestar e afirmou que, se fosse jovem, teria se juntado a elas.

Nell ouvira dizer que Bath, a outra cidade próxima, era muito diferente de Bristol, pois era onde a nobreza ia tomar suas águas especiais e se divertir. Baines contou que era uma cidade linda, com ruas largas, casas esplêndidas e lojas cheias de produtos de luxo, de deixar uma pessoa de queixo caído.

A cozinheira, porém, afirmava que aquilo era um antro de perdição, com as ruas repletas de batedores de carteiras, e que as tais águas tinham um gosto tão ruim que só faltavam matar as pessoas. Por isso, Nell achava que aquelas cidades não tinham nada muito interessante para uma moça como ela.

Baines contou que o velho sir Roland Harvey tinha sido um grande viajante e que o projeto da mansão de Briargate fora influenciado pelas casas que ele havia visto na Itália e pelas fazendas das Índias Ocidentais. Ele trouxera da Itália o mármore preto e branco para o piso do saguão, juntamente com as estátuas de mármore no jardim, e em vez de construir a casa com a pedra da região, ele usara tijolos cobertos com uma espécie de argamassa rosada. Havia um pórtico grandioso na frente sustentado por grandes colunas, e o telhado era verde em vez de vermelho.

As janelas longas e estreitas quase chegavam ao chão e deixavam entrar a luz do sol durante todo o dia; as persianas graciosas haviam sido especialmente desenhadas para sir Roland, assim como as lareiras de mármore. Nell apreciava especialmente as uvas e os pássaros esculpidos nos balaústres das escadarias; parecia impossível que alguém pudesse fazer algo tão delicado apenas com um cinzel. Com os candelabros reluzentes, tapetes espessos e móveis tão polidos que dava para ver o próprio rosto refletido neles, Nell tinha a sensação de estar morando num palácio.

Quando começou a trabalhar em Briargate, mal conseguia limpar uma lareira de tanto tempo que ficava contemplando as pinturas nas paredes. Para onde quer que olhasse, havia objetos para admirar. Bridie não compartilhava de seu entusiasmo. Dizia que, com apenas oito quartos, não chegava a ser tão grande ou magnífica quanto a casa de Londres. Admitia que o velho sir Roland fora inteligente ao projetar a casa de modo a poupar trabalho. Ela costumava acrescentar com certo sarcasmo que ele já devia saber que o comércio de escravos seria abolido e que não conseguiria criados para trabalhar ali sem ter que pagar por isso.

Nell achava que um mordomo, uma governanta e uma cozinheira, quatro criadas, mais

jardineiros e cavaleiros, além de várias outras pessoas que só vinham quando eram necessárias, era uma quantidade enorme de criados para cuidar somente de uma casa e de duas pessoas. Mas Bridie retrucava que não era uma equipe tão grande assim, e que só conseguiam dar conta de tudo com facilidade devido ao projeto da casa.

Os ambientes eram espaçosos, mas não grandes a ponto de atrapalhar o aquecimento. A sala de jantar ficava perto da cozinha, então a comida chegava quente à mesa. Havia até uma geringonça na cozinha com a qual, apenas se puxando uma corda, grandes baldes de água quente podiam ser mandados para o andar de cima, para os banhos e lavabos. Bridie ria e chamava-a de “O Salvador das Criadas”, puxando a manga para mostrar uma cicatriz de queimadura no antebraço que ganhara quando jovem ao carregar um balde de água fervendo escada acima.

Ao ouvir a bebê gritar, Nell nem parou para calçar as botas. Quando chegou ao final do corredor que levava à cozinha, ficou horrorizada ao ver Bridie curvada sobre a cesta da bebê com uma almofada nas mãos.

Não havia dúvidas sobre o que pretendia fazer, porque ela estava chorando e murmurando algo em meio às lágrimas que soava como um pedido de desculpas ou uma prece.

– Não, Bridie! – gritou Nell, largando as botas no chão ruidosamente e correndo para a ama.  
– Não faça isso! É maldade, e ela é uma filha das fadas.

Bridie olhou para trás, o rosto enrugado cheio de culpa.

– Mas é a única maneira, Nell. Se essa criança viver, vai desgraçar minha senhora, ela vai ser expulsa de Briargate.

Mais tarde, Nell lembraria que Bridie assistira com indiferença quando uma criada foi mandada embora porque estava grávida. Se lady Harvey fosse expulsa, seria acolhida pela própria família, mas aquela coitada não teria outro lugar para onde ir a não ser para os terríveis abrigos de pobres, forçada a executar trabalhos desagradáveis e árduos.

Mas Nell não pensou nisso; só tinha em mente evitar um assassinato.

– Você não pode matar um bebê – insistiu, metendo-se entre Bridie e o berço improvisado.  
– Não está certo e você sabe disso.

Por um segundo ou dois, Nell pensou que Bridie a empurraria e levaria seu plano adiante, pois dava para ver o desespero em seu olhar. Mas, em vez disso, ela de repente perdeu as forças, afundou em uma cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

– Só Deus sabe que não quero fazer mal a ela, mas o que mais resta fazer? – perguntou em tom de súplica.

– Não sei – disse Nell, e pousou a mão no ombro da velha ama. – Mas não é certo matá-la. Não é culpa dela ter nascido, e como já disse, é uma filha das fadas. Olhe bem para ela!

A bebê estava agora com os olhos abertos e parara de chorar, como se soubesse que o perigo havia passado. Seus olhos não eram da cor azul habitual dos bebês recém-nascidos, mas escuros como a noite, olhando para Nell como se lhe agradecesse por salvá-la.

– Talvez possamos levá-la para a igreja e deixá-la lá, então? – sugeriu Bridie em desespero.  
– O reverendo Gosling acharia um lugar para ela.

Nell balançou a cabeça. Sabia que os bebês que saíam da igreja iam para o abrigo dos pobres, e poucos sobreviviam mais do que algumas semanas. Ela pegou a criança e a aninhou com ar protetor em seus braços.

– Você sabe o que isso significa – lembrou a Bridie, e então, quando o cheiro suave da bebê chegou até ela, desencadeou suas próprias lágrimas.

Durante alguns minutos, nenhuma das duas falou. Bridie permaneceu com a cabeça entre as mãos, soluçando, enquanto Nell andava de um lado para outro pela cozinha acalentando a bebê.

Nell sentiu subir-lhe uma onda de raiva ao se dar conta de que lady Harvey deveria estar dormindo pacificamente agora, enquanto ela e Bridie tinham que encontrar uma solução para um problema que não era delas. Lady Harvey havia nascido rica, tinha sido mimada, vestida com as melhores roupas, educada por governantas, depois se casara aos 18 anos com um homem que todos diziam ser o melhor partido do condado.

Nell lembrava-se de, ainda pequena, estar com as outras crianças do vilarejo no pátio da igreja de Saint Mary the Virgin para jogar pétalas de rosa no casal. Nenhuma rainha pareceria mais bonita do que lady Harvey naquele dia, com os cabelos dourados caindo pelos ombros. Seu vestido de seda branca com a cauda de três metros e meio devia ter custado mais do que o pai de Nell ganhara em toda a vida. E sir William não era apenas rico, também era bonito, esguio e alto, com cabelos claros encaracolados e olhos muito azuis. Todos diziam que era uma união perfeita e, alguns anos depois, quando Nell veio trabalhar em Briargate, às vezes via o casal rindo e correndo pela propriedade como dois pombinhos apaixonados, o que para ela confirmava isso.

Então, por que lady Harvey dormira com outro homem? Por que não devia assumir a responsabilidade pelo próprio pecado, como se esperaria que Nell e até Bridie fizessem se o mesmo acontecesse com elas?

No entanto, embora pensasse dessa forma, ela sabia que, assim como Bridie, não poderia suportar ver lady Harvey desonrada. Ela podia ser mimada, mas era sobretudo uma mulher gentil e generosa. Nell não saberia dizer quantas vezes lady Harvey tinha colocado um xelim em sua mão para entregar à sua mãe. Dera-lhe roupas antigas; deixava-a costurar vestidinhos e camisas para seus irmãos e irmãs quando deveria estar trabalhando. Nunca batera nela e nem sequer resmungava quando Nell se mostrava desajeitada. No dia anterior, ela agradecera a Nell e Bridie por sua lealdade e prometera-lhes que sempre cuidaria delas.

A verdade era que, de muitas maneiras, lady Harvey parecia uma criança. Tinha muita vida e animação, mas também era cheia de inocência. Esse homem, quem quer que fosse, devia tê-la seduzido quando estava solitária. Ninguém da família dela a visitou desde que o marido foi embora; ela não tinha amigos em Somerset, só os amigos dele. Nell lembrava-se de ouvi-la chorar quando sir William partiu para a América; ela queria acompanhá-lo, mas ele não deixou. Como a própria mãe de Nell costumava dizer: *Você precisa andar com as botas de outra pessoa para saber como é para elas.*

Pensar em sua mãe deu uma ideia a Nell.

– Eu poderia levar a bebê para a minha casa, para minha mãe. Ela ainda deve ter leite para alimentar esta pequena.

– Sua mãe já tem filhos demais – disse Bridie, as lágrimas rolando pelas bochechas. – Além do mais, é muito perto daqui. Como ela explicaria onde conseguiu mais um?

Nell visualizou a casinha superlotada e a mãe já tão cansada com muitos filhos, mas sabia que, assim que estivesse com a bebê nos braços, ela não se negaria a cuidar dela.

– As pessoas não contam quantos filhos ela tem – disse Nell com sinceridade. – Estão tão acostumadas a vê-la sempre com um bebê novo nos braços que nem notariam.

– Mas e seu pai?

Nell deu um meio sorriso. A única culpa de seu pai era ser generoso demais em todos os sentidos: com seu trabalho, seu tempo e seu afeto. Quando tinha dinheiro, era generoso com isso também. Sua mãe sempre dizia que se ele trabalhasse apenas as horas que lhe pagavam, se não a amasse tanto e se economizasse o pouco dinheiro que tinha, eles não estariam em um casebre

desmantelado com tantos filhos. Mas Nell achava que a mãe não gostaria que ele fosse diferente.

– Meu pai gosta de bebês – respondeu a menina. – Ele vai dizer que mais um não fará diferença.

Bridie secou as lágrimas no avental, mas seus olhos ainda estavam cheios de ansiedade.

– Pode ter certeza de que eles não vão contar nada – continuou Nell, sabendo que era o que estava na mente de Bridie. – Nem os maiores saberão a verdade. Se eu a levar para minha mãe hoje à noite, depois que eles forem para a cama, vão acreditar que nasceu enquanto estavam dormindo.

Bridie ainda parecia insegura.

– Minha mãe tem partos rápidos – insistiu Nell. – Quando Henry nasceu no ano passado, eles não sabiam de nada até o ouvirem chorar. Eu estava com ela, por isso eu sei, e a barriga dela já é tão grande de tantos bebês que eles quase esperam que mais um apareça da noite para o dia.

– Mas é um segredo que tem de ser mantido para sempre – lembrou Bridie.

Nell assentiu; ela compreendia isso muito bem.

– A senhora me disse há algum tempo que, se a criança vivesse, queria que fosse entregue a alguém que a criasse em troca de pagamento – disse Bridie, baixinho. – Ela me pediu para procurar uma família, e fui ver uma mulher no vilarejo de Brislington para resolver isso. Mas não gostei da mulher, tinha uma expressão dura e as crianças de que cuidava estavam sujas e com ar doentio. Pelo menos nós sabemos que sua mãe vai cuidar bem dela.

Bridie ficou em silêncio, evidentemente ponderando tudo o que sabia sobre Meg e Silas Renton, e se eram confiáveis. Nell não disse mais nada porque sabia que sua família era muito estimada por ali. Ela não teria conseguido trabalhar em Briargate se não fosse por isso.

– Como devemos chamá-la? – Bridie acabou dizendo, tirando a bebê dos braços de Nell e desta vez olhando para ela quase com carinho. – Não seria certo deixá-la ir sem lhe dar um nome.

Deram à filha das fadas de Joan Stott o nome de Faith, que quer dizer fé, e ocorreu a Nell imediatamente que outra filha das fadas nascida tão perto deveria ter um nome semelhante.

– Hope, que significa esperança – disse ela, sem qualquer hesitação.

Bridie franziu os lábios como se não gostasse, mas então, ao olhar para a bebê dormindo em seus braços, sorriu.

– Sim, Nell, é um bom nome. Espero que sua mãe passe a amar a pobrezinha, espero também que um dia eu possa esquecer a maldade que ia fazer. Ela não se parece em nada com a nossa senhora, então talvez você esteja certa e ela seja mesmo uma filha das fadas.

Naquela noite, Nell parou junto de Lord's Wood, que marcava o limite entre o terreno de Briargate e Hunstrete. Trazia a bebê debaixo da capa, segura por um xale amarrado em seu peito. Pousando a cesta no chão, se virou para olhar para a casa, pois a lua estava cheia e ela conseguia enxergar tão bem como se fosse dia.

A melhor vista que se tinha de Briargate era a partir de seu longo caminho arborizado que saía da estrada em Chelwood. A propriedade aparecia, orgulhosa, em um terreno ligeiramente mais alto e podia-se ver o magnífico pórtico da frente, as elegantes janelas compridas e as grandes estátuas de mármore em torno do canteiro circular de roseiras diante da casa. No verão, era como uma pintura, as rosas e glicínias chegavam até as janelas dos quartos.

Mas Nell estava na ala leste da mansão, na extremidade inferior do padoque, pois a maneira mais rápida de chegar ao vilarejo de Compton Dando era pela floresta. Vistos desse ângulo, à luz

da lua, os abetos plantados nas margens do terreno davam mesmo a impressão de estarem protegendo Briargate. O luar se refletia também nas estátuas de mármore da fachada, e uma lágrima escorreu pelo rosto de Nell quando ela percebeu que a bebê dormindo em seus braços estava de fato perdendo seu direito de nascimento e sua mãe verdadeira.

– Vou dizer adeus por você – sussurrou. – Sinto muito você não poder crescer no berçário fino, não ter vestidos de seda e criados para atendê-la. Mas acho que terá mais amor na nossa casa.

A sensação de ter envelhecido dez anos quando se olhou no espelho aquela manhã permanecera. Estava exausta, mas sentiu que mesmo dormir não a faria voltar a ser aquela menina despreocupada de alguns dias antes. Ouvira lady Harvey chorando muito naquela tarde, e de repente ela não era mais uma mulher bonita e rica que tinha o mundo a seus pés. Aos olhos de Nell, era apenas outra pobre alma que sofria pela criança que havia perdido.

Hope tinha começado a chorar ao mesmo tempo, e tudo que Nell podia fazer era dar-lhe água açucarada com uma colher na boca minúscula para que aguentasse até o fim do dia. Bridie passara a maior parte da tarde revirando um baú no antigo quarto de criança de sir William, à procura de roupas de bebê, camisolas, toucas e casaquinhos. Comentou como se sentia triste por ter que pôr de lado as melhores, lindamente bordadas, e apanhar apenas as simples, pois despertaria desconfiança no vilarejo caso a pequena Hope aparecesse vestida com roupas caras.

No entanto, as fraldas, o cobertor e os outros itens embalados na cestinha ainda eram de muito melhor qualidade do que qualquer coisa a que Nell e seus irmãos estavam habituados. Hope ia mamar no seio que todos conheciam, passaria por dias de fome como eles e descobriria que as crianças do vilarejo começavam a trabalhar desde tenra idade. Mas será que não conservaria alguma coisa de seus pais biológicos? Não apenas a aparência, o corpo e a estatura, mas uma consciência inata de que não pertencia verdadeiramente a uma classe de criados?

Nell suspirou e pegou a cesta. Sabia que não era bom pensar nessas coisas, e precisava seguir a trilha através do bosque com atenção, tomando cuidado para não tropeçar no escuro.

Compton Dando ficava em um vale arborizado e era cortado pelo rio Chew. Para um vilarejo pequeno, com uma população de pouco menos de quatrocentas pessoas, era um lugar movimentado, com uma hospedaria, uma padaria, a igreja, um ferreiro, um carpinteiro e um moinho. Durante o dia, ouvia-se ali uma barulheira infernal vinda dos moinhos de cobre em Publow e Woolard, os dois vilarejos mais próximos seguindo o rio, e havia pequenas minas de carvão espalhadas por toda a área. Embora alguns homens de Compton Dando trabalhassem nos moinhos ou nas minas, a maioria era de trabalhadores rurais como o pai de Nell, que complementavam os baixos salários cultivando as próprias faixas de terra, criando galinhas e muitas vezes porcos ou vacas também.

Depois de atravessar o bosque, Nell passou pelo rossio, o grande terreno baldio de uso comum do vilarejo. Felizmente, a casa dos Rentons não era muito longe; se fosse perto da igreja, ela poderia ser vista por alguém que estivesse entrando na taberna Crown.

Uma coruja piou no grande carvalho ao lado da casa modesta, mas isso e o gorgolejo do rio foram os únicos sons ouvidos naquela noite.

– Nell! – exclamou Meg Renton quando viu a filha entrar pela porta. – O que a traz aqui tão

tarde?

A pequenina cabana estava iluminada por uma única vela, mas o fogo era somente um brilho vermelho desbotado. Um estranho presumiria que Meg estava sozinha em casa, mas na verdade havia uma porção de gente ali dentro. O pai de Nell estava na cama nos fundos do cômodo com Henry, o filho mais novo, ao lado dele. As outras oito crianças estavam numa espécie de mezanino, a que se chegava por degraus íngremes com uma corda servindo de corrimão.

Uma das coisas que Nell mais estranhou quando foi trabalhar em Briargate foi não poder ir para a cama ao anoitecer como sempre fazia em casa. Gente da nobreza ficava acordada até tarde, pois podia pagar por dezenas de velas e lâmpadas a óleo e não precisava se levantar ao nascer do sol.

Entretanto, sua mãe nunca ia para a cama com o restante da família, apesar de trabalhar mais do que qualquer um ali. Ela se sentava junto ao fogo por uma hora ou duas com uma vela acesa. Dizia que era a única hora em que tinha um pouco de paz.

Vendo o rosto cansado da mãe à luz da vela, Nell sentiu uma pontada de remorso por lhe trazer mais um fardo. Meg tinha 34 anos, e os dez filhos, além de um natimorto, tinham-lhe roubado a vitalidade e força de que Nell se lembrava de quando era pequena. O cabelo ainda era grosso e escuro, mas o corpo, antes esguio, tornara-se volumoso, e o rosto estava ficando enrugado e flácido. A camisola que vestia pertencera a Bridie, de flanela cerzida e remendada, tão puída em certos pontos que parecia que se desmancharia na próxima lavagem.

– Trouxe uma bebê – disse Nell com simplicidade, incapaz de pensar em uma maneira menos direta de apresentar Hope, tirando o capote e desatando o xale no qual a bebê estava aninhada. – Era melhor do que deixá-la na igreja ou nos abrigos, que eram as únicas outras opções.

Hope acordou quando a pegaram no colo e começou a chupar o punho. O mais resumidamente possível, Nell explicou como a criança viera parar em suas mãos e que precisava ser alimentada ou morreria.

Meg desabotoou a camisola em silêncio, pegou Hope e a colocou no peito sem dizer nada. Demorou alguns segundos para a bebê encontrar o mamilo; e só quando ela começou a sugar com regularidade é que Meg falou.

– Sua patroa devia ter vergonha – disse em voz baixa. – Não está certo contar com as criadas para acobertar seu erro.

Com medo de que o pai acordasse, Nell puxou um banquinho para perto da mãe e sussurrou a situação toda, incluindo o fato de lady Harvey achar que a criança havia morrido.

– Ela é uma boa mulher, você sabe disso, mãe. Bridie e eu não podíamos deixar que fosse desonrada...

– Ela teria pensado em você se estivesse na mesma situação? – perguntou Meg, os lábios tremendo de raiva. – Não, ela a teria mandado para a paróquia!

Nell se encolheu.

– Depois do que vi hoje, não deixarei que nenhum homem faça isso comigo.

A sombra de um sorriso aflorou nos lábios de Meg.

– Procure lembrar-se disso quando encontrar um namorado! – afirmou sem rodeios. – Mas ela é uma mulher casada! E uma pessoa estudada, que sabe das coisas. O que estava pensando?

– Talvez ele a tenha forçado – sugeriu Nell.

Meg balançou a cabeça.

– Quem ousaria forçá-la?

Nell não tinha resposta para isso. Ela não queria pensar em lady Harvey se comportando de maneira libertina com um homem, mas também não queria supor que essa bebezinha fosse resultado de uma agressão.

– Você vai ficar com ela, mãe? – perguntou, e tirou do bolso a libra esterlina que Bridie lhe dera.

– Já tenho filhos demais – disse Meg, mas estava olhando para Hope com a mesma expressão terna de quando olhava para os próprios bebês. – Não temos espaço; a cada semana fica mais difícil alimentar a todos. Se eu ficar com ela, daqui a uma ou duas semanas lady Harvey estará indo para as suas festas e bailes sem pensar em mais ninguém além de si mesma, e eu ficarei aqui me sacrificando.

Nell assentiu, sabia que a mãe tinha razão. Antes de ir para Briargate, ela não tinha a menor noção de como a nobreza vivia. Até então, eram apenas pessoas de roupas finas que se sentavam nos bancos da frente na igreja, ou aquelas para quem o pai dela tirava o chapéu quando passavam em seus cavalos elegantes. Ficou tão entusiasmada quando o reverendo Gosling arranhou-lhe um emprego na casa dos Harveys que não pensou nem um minuto que sentiria saudades de morar com a família, ou que seu trabalho como criada seria uma centena de vezes mais árduo do que as tarefas que desempenhava em casa.

Na realidade, durante o primeiro ano que passou em Briargate, ela chorava todas as noites, pois não tinha um segundo de descanso. Como criada da cozinha, seu trabalho era o mais duro: lavar panelas, esfregar pisos e acender o fogo, sempre tendo que obedecer imediatamente às ordens de todos. Em sua casa havia amor, risadas e conversas junto com o trabalho; sua mãe se preocupava se ela estava com dor nas costas, se tinha um dedo cortado ou se estava cansada. Seu pai a punha no colo à noite e dizia que era bonita e inteligente. Não tinha nada disso em Briargate.

Mas aprendeu a lidar com as dificuldades, afinal. Devagarinho, foi promovida a copeira. Agora, havia apenas Baines, a Sra. Cole, Bridie e a cozinheira acima dela, não fazia mais trabalho pesado e até tinha tempo livre para se sentar com uma xícara de chá e conversar com a cozinheira ou com Bridie.

Mas a melhor coisa ainda era a folga semanal, e a folga mensal de domingo quando ia para casa após a cerimônia da manhã na igreja. Sua família podia ser pobre, mas tinha orgulho, dignidade e bom coração.

– Vou ajudar no que puder. – Nell ofereceu a moeda de ouro novamente. – Isto foi o que recebi hoje, e Bridie vai dar um jeito de você receber mais. Vou pedir que ela leve James e Ruth para Briargate também. Isso vai ajudar.

Silas, o pai de Nell, se considerava um homem de sorte. Depois de umas duas canecas de sidra, ele tinha o costume de se gabar de ter a melhor esposa que um homem poderia ter, dez crianças felizes e saudáveis, e que sua casa ficava no lugar mais bonito de Somerset.

Contudo, permanecia o fato de que, por mais que Silas trabalhasse, o que tinham mal dava para o sustento diário e, quando não tinha trabalho, muitas vezes a família passava fome. Matthew, que aos 15 anos era o mais velho dos irmãos de Nell, também trabalhava no campo e contribuía regularmente com seu salário. Mas James e Ruth, que tinham 14 e 13 respectivamente, ainda não haviam conseguido encontrar trabalho permanente. Depois deles vinham Alice, Toby, Prudence, Violet e Joe, cujas idades iam de 9 até 2 anos e meio, e, finalmente, o bebê Henry, que recentemente fizera seu primeiro aniversário.

– Eu pensei em manter Ruth em casa para me ajudar com os pequeninos, mas Alice também leva jeito para cuidar deles – disse Meg com a voz cansada. – Ah, Nell, você tem sido tão boa...



Não é justo assumir essa incumbência.

Nell pensou em quão abnegada era sua mãe. Se concordasse em ficar com a criança, iria amá-la e cuidar dela da mesma forma que fizera com todos os filhos, e Nell não tinha dúvidas de que, dali a uma ou duas semanas, Meg provavelmente já teria esquecido que não dera à luz aquela criança. Mas jamais permitia que tirassem proveito de sua bondade.

– Não sou eu quem está assumindo a incumbência – afirmou Nell. – É você, mãe. Pode me dizer para levá-la embora, se quiser. O que estou lhe pedindo para fazer não é nada fácil. Mas, se concordar, farei tudo o que puder para ajudar. Prometo.

Meg acariciou o rosto da filha sem falar nada. Parecia que a pequena Hope tinha ficado satisfeita, pois deu um suspiro e soltou o mamilo intumescido. Meg deitou-a nos joelhos e passou o dedo carinhosamente pelo queixo pequenino, olhando-a com atenção.

– Ela é linda – disse por fim, olhando para Nell. – Duvido que vá dar muito trabalho para mim e seu pai. Então vá para a cama, Nell, você parece cansada. Ela agora é minha.

1838

– Só porque sou menina e pequena não quer dizer que eu não consiga subir nessa árvore igualzinho a vocês!

Nell sorriu ao ouvir o protesto indignado que vinha em altos brados do limiar do bosque. Com 6 anos, Hope era vista no vilarejo como um anjo, mas às vezes se comportava como um verdadeiro diabinho, principalmente quando se tratava de provar aos meninos que era tão valente quanto eles.

Era sua tarde de folga, e Nell estava a caminho de casa quando se deparou com seus irmãos mais novos, Joe e Henry, sendo alvos da língua afiada de Hope.

– A gente sabe que você consegue subir na árvore. É por causa do vestido. Vai rasgar e depois a coisa vai ficar feia para o nosso lado.

Nell riu da diplomacia de Joe; ele sempre encontrava um jeito de evitar as travessuras da irmã levada.

– Então vou tirar o vestido! – respondeu Hope. – Henry, ajude com os botões!

– Hope! – gritou Nell, certa de que Henry, cordato, faria exatamente o que a menina queria.

Nell imaginou a expressão desapontada de Hope ao ouvir a voz da irmã mais velha e teve que rir alto. Sabia que, assim que saísse do bosque e encontrasse as crianças, Hope estaria sentada com a compostura de uma duquesa, os olhos arregalados de fingida inocência.

Era a menininha mais bonita que Nell já vira na vida. O cabelo escuro e brilhante como mármore negro caía em ondas; os olhos com cílios incrivelmente compridos eram como piscinas escuras, e a pele, lisa e clara.

Todos na família de Nell tinham cabelos e olhos escuros: as pessoas do vilarejo costumavam descrever alguém dizendo que era “moreno como os Rentons”. Porém, tinham uma aparência comum, com a pele amarelada e cabelos ásperos. Nenhum deles tinha nada de mais.

Mas Hope fazia as pessoas virarem a cabeça. Tinha um sorriso deslumbrante, uma alegria e um entusiasmo que faziam rir até mesmo os mais sérios. Gostava de falar com todo mundo; com 4 anos, ficava no portão cumprimentando todos os que passavam. Até o reverendo Gosling, normalmente tão distante, sempre parava para conversar com ela.

Meg e Silas jamais se arrependeram, nem por um momento, de tê-la acolhido. Foi um bebê tranquilo que sorria o dia inteiro e, desde a primeira semana com eles, a sorte da família pareceu melhorar.

Como Nell, muita gente acreditava que ela era filha das fadas. Logo após seu nascimento, viram que o telhado da cabana dos Rentons fora milagrosamente consertado; Ruth tinha sido contratada como lavadeira em Briargate, e James, como ajudante de cavalaria. Meg e Silas não podiam dizer a ninguém, nem a seus filhos mais velhos, que essa mudança de sorte fora o resultado da influência de Bridie e, sendo assim, na falta de qualquer outra explicação, as pessoas gostavam de pensar que tudo aquilo se devia a algum tipo de magia.

Nell já não acreditava tanto em contos de fadas ou magia. Os últimos seis anos tinham sido agitados, e seus horizontes já não se limitavam ao vilarejo. Havia visitado Bath, Bristol e Londres, estivera em mansões quatro vezes o tamanho de Briargate e, incentivada por Baines, lia o jornal quase todo dia.

Agora entendia por que a maioria dos trabalhadores se sentia prejudicada pelo governo. Todas as leis pareciam ser feitas para proteger os ricos, e apenas os donos de propriedades podiam votar. As Leis dos Grãos e os cercamentos legais de terras de uso comum oprimiam os pobres e forçaram muita gente a deixar as áreas rurais e ir para as cidades atrás de trabalho. Entretanto, as dificuldades que essas pessoas sofriam em seus próprios vilarejos eram leves em comparação com as que encontravam nas cidades. A superpopulação, a sujeira, a doença e a miséria levavam homens, mulheres e crianças ao crime, e os castigos eram bastante duros.

Nell também parara de confiar irrestritamente nos patrões desde a morte de Bridie por pneumonia apenas dois anos depois do nascimento de Hope. Ela apanhou uma friagem ao fazer a longa viagem de Londres para Somerset sentada ao lado do cocheiro debaixo de chuva. Ninguém ousou comentar abertamente sobre o gesto nada galante de sir William e de um de seus jovens amigos estarem dentro da carruagem com suas damas enquanto uma criada idosa tinha que encarar o frio do lado de fora. Mas Nell ficou chocada com tamanha insensibilidade e percebeu que a nobreza não tinha afeto de verdade por seus criados; eles os viam como meros burros de carga que iriam trabalhar até cair e então serem substituídos.

Desde o nascimento de Hope, Nell e Bridie haviam se tornado muito próximas, e Bridie lhe ensinara várias coisas para que ela pudesse progredir e deixar de ser apenas uma copeira. Graças a ela, Nell sabia fazer penteados da última moda e costurar peças de roupa elegantes, além de ter aprendido as habilidades necessárias para ser governanta. Bridie também havia lhe ensinado como lidar com uma senhora que contava com seus criados para tudo, mas raramente reconhecia seu valor.

Nell não enfrentou bem a morte de Bridie e chorou quando lady Harvey disse que a ama lhe deixara todas as suas economias — quase 20 libras –, revelando que Bridie lhe confidenciara que passara a considerar Nell como filha.

Ela adivinhou que Bridie usara a palavra “filha” como uma mensagem secreta de que o dinheiro era para os cuidados contínuos de Hope e para garantir que Nell guardasse aquele segredo para sempre.

Lady Harvey nunca havia falado sobre o nascimento da menina, pelo menos não para Nell, mas a grande tristeza que demonstrou durante os dois primeiros anos deixava claro que pensava naquilo com frequência. Ela se recompunha quando o marido estava em casa, mas, assim que ele partia novamente para cuidar de seus negócios em Londres, ela voltava a sofrer.

Nell achava que a morte de Bridie ia deixá-la deprimida outra vez – afinal, a velha ama estivera com lady Harvey durante toda a vida. Porém, surpreendentemente, ela perguntou logo depois do funeral se Nell gostaria de ser sua criada de quarto.

Essa foi a única vez em que lady Harvey demonstrou se lembrar da participação de Nell nos acontecimentos daquela noite, dois anos antes. Mesmo assim, nunca falou sobre o assunto abertamente.

– Você é a única pessoa que poderia substituir minha querida Bridie – disse ela, apertando a mão de Nell. – Você provou ser tão leal quanto ela, e essa é a única maneira de mostrar meu reconhecimento.

Como a morte de Bridie fez Nell enxergar sua patroa com certa dose de ceticismo, seu primeiro pensamento foi que aquele gesto se explicava mais como mero interesse do que como

recompensa. Mas continuava sendo uma boa proposta e, em seu primeiro ano como criada pessoal de uma senhora, ela viajou bastante.

Em sua primeira viagem a Londres, enquanto a carruagem atravessava a cidade, Nell viu por si mesma quão pior era ser pobre ali do que em Somerset. Hordas de crianças esfarrapadas, descalças, os rostos contraídos de fome e frio, enchiam as ruas imundas. Viu mulheres devassas de olhar frio com os seios quase desnudos perambulando pelas esquinas e adivinhou sua ocupação. Muitas pessoas em péssimo estado por causa de bebida, tanto homens quanto mulheres, ficavam caídas às portas de abrigos dilapidados.

Então, em 1835, lady Harvey deu à luz um menino, Rufus, o tão esperado herdeiro.

Nell não estava presente no nascimento, dessa vez uma parteira experiente e um médico de Bath foram convocados. Rufus era pequeno, mas robusto e com um belo par de pulmões, e louro, de olhos azuis e pele clara como os pais.

Não contrataram nenhuma ama de leite. Lady Harvey o amamentou ela mesma, e sua alegria e a de sir William contagiaram toda a casa. Nell também ficou feliz por eles, mas, ao mesmo tempo, não podia deixar de considerar as diferenças entre a vida de Hope e a do meio-irmão. Contudo, quando lady Harvey pediu a Ruth, a irmã mais nova de Nell, que fosse a amaseca de Rufus, ela sentiu uma espécie de satisfação vaidosa de que, pelo menos, as duas crianças estariam sendo criadas pela família Renton.

Nos primeiros quatro anos da vida de Hope, a sorte sorriu para a família de Nell. Com invernos suaves, boas colheitas, os filhos mais velhos e o pai com trabalho regular, foi um tempo de certa abundância. Não havia mais bebês, e Meg começou a dizer que estava velha demais para ter filhos. Embora a cabana parecesse ainda mais apertada quando todos estavam em casa para uma visita, ali havia sempre riso e alegria. Mas os tempos felizes terminaram abruptamente quando Prudence e Violet, com apenas 9 e 8 anos, morreram de escarlatina. O reverendo Gosling dissera que eles deveriam se ajoelhar e agradecer ao Senhor por Joe, Henry e Hope terem sido poupados, pois geralmente a doença levava os mais novos. Mas Nell estava convencida de que as outras crianças só haviam sobrevivido porque sua mãe isolou as duas doentes na casinhola de fora antes que os mais jovens pudessem se infectar.

A morte de crianças era muito comum – um a cada três bebês morria antes do primeiro aniversário –, mas isso não serviu de consolo para a família. A perda de Prudence e Violet acontecera dois anos antes e eles ainda estavam de luto pelas meninas e, muitas vezes, quando Nell chegava inesperadamente à casa, encontrava a mãe chorando. No entanto, Hope, com sua natureza amorosa e afetuosa, ajudava muito. Meg costumava dizer que, se não fosse por ela, não poderia suportar aquela situação.

Como Nell previra, ninguém suspeitou que Hope não fosse uma verdadeira Renton. Até as crianças mais velhas, ao descer na manhã seguinte e encontrarem um novo bebê nos braços da mãe, acabaram por aceitar que era sua irmã, pois todos os outros bebês haviam chegado sem qualquer rebuliço ou barulho. Silas às vezes piscava para Nell quando um vizinho efusivo observava quanto Hope se parecia com ele, mas nem seu pai nem sua mãe falavam sobre como ela chegara até eles, nem quando estavam sozinhos.

Porém, Nell ainda se preocupava que, à medida que Hope crescesse, as pessoas reparassem na sua graciosidade, na pele clara, nos membros esguios e traços delicados e a vissem como a criatura de fina estirpe que realmente era.

– Estávamos esperando você – disse Hope com doçura quando a irmã mais velha apareceu.

Como Nell previra, ela estava sentada fazendo uma coroa de margaridas, como se nunca tivesse pensado em tirar a roupa para escalar uma árvore.

– Deem-me um beijo, então! – pediu Nell com um sorriso, deixando a cesta no chão e abrindo os braços para que as três crianças viessem abraçá-la.

Joe e Henry pareciam um par de moleques magricelas, com cabelos pretos desgrehados, rostos sempre sujos, pés descalços e camisas para fora dos calções. Exceto pelo fato de Joe ser uns cinco centímetros mais alto do que Henry, os dois podiam ser confundidos com gêmeos, e tinham herdado os padrões masculinos dos Rentons: orelhas ligeiramente de abano e nariz grande demais. Entretanto, mesmo que nenhum deles ao crescer pudesse ser considerado bonito, tinham todos uma natureza afetuosa e responderam com entusiasmo aos abraços e beijos da irmã.

Com as crianças gritando ao seu redor, Nell atravessou o rossio do vilarejo. Era um dia bonito e excepcionalmente quente para maio; os cerefólios selvagens estavam tão altos quanto Hope, e o ar, cheio do perfume da flor de espinheiro. Nell estava ansiosa para passar algumas horas com a mãe e saber como iam Alice e Toby.

Alice entrara para o serviço de uma casa em Bath pouco depois que Prudence e Violet faleceram. O reverendo Gosling providenciara tudo e, seis meses depois, Toby também foi trabalhar na mesma casa como segundo lacaio. A cabana parecia quase espaçosa com apenas três filhos e, embora a mãe alegasse gostar desse jeito, Nell percebeu que isso não era bem verdade.

Meg capinava a horta quando Nell chegou, mas largou a enxada e correu para abraçar a filha.

– As ervas daninhas podem esperar – respondeu ela, rindo, quando Nell se ofereceu para ajudar. – Elas aparecem todos os dias, você não.

O cabelo da mãe ficara grisalho depois que Prudence e Violet morreram, e o rosto estava se enrugando, mas, em muitos aspectos, parecia mais jovem e saudável do que quando Henry nasceu. Meg dizia que era porque seu corpo finalmente havia se recuperado da gravidez, e era verdade que estava esbelta de novo. Porém, para Nell, o motivo mais provável era que a mãe comia e dormia melhor e finalmente tinha tempo para si mesma. Estava feliz cuidando de seus legumes, alimentando as galinhas e ordenhando a vaca que Nell tinha comprado com parte do dinheiro de Bridie.

Sentaram-se no banco tosco que Silas tinha feito junto à porta dos fundos. Nell tirou da cesta os pães de groselha que a cozinheira lhe dera para levar para casa e os distribuiu.

As três crianças sentaram-se no chão em frente a Nell e Meg, os olhos escuros brilhando ao avistar os grandes pães confeitados. Matt e James tinham temperamentos muito diferentes quando meninos, mas tinham sido inseparáveis, assim como Joe e Henry.

Joe prestava atenção durante as aulas com o reverendo Gosling e sabia ler e escrever muito bem, mas Henry era um sonhador. Se fosse encarregado de fazer as galinhas entrarem no galinheiro, provavelmente esqueceria o pedido e ficaria perambulando e observando coelhos ou raposas. Preferia desenhar um animal a escrever palavras ou fazer somas. Joe era mais confiável e consciencioso, o cérebro da dupla, mas não tão robusto nem audacioso quanto Henry.

– O vale não está uma beleza hoje? – comentou Nell.

Maio era seu mês favorito, nem muito quente nem frio demais, e ela adorava as flores da primavera. Também era a ocasião em que a vista do jardim da casa deles ficava mais bonita.

O terreno dos Rentons descia embarrancado até o rio. Aqui e ali, um espinheiro estava em flor, e tantos botões-de-ouro cresciam na grama que parecia mais amarela do que verde. As flores

das macieiras e pereiras estavam sumindo, e as prímulas, quase no fim, mas debaixo das árvores junto à margem do rio, e no bosque do lado oposto, havia uma densa camada de campânulas azuis. Além do bosque, o solo se elevava, íngreme novamente, de um verde intenso com brotos novos de trigo e cevada, e os pássaros faziam o melhor que podiam para abafar com seu canto o ruído do moinho de cobre em Woolard.

Nell adorava os jardins de Briargate, mas adorava ainda mais aquele lugar. Ali, ela podia acreditar que a vida lhe reservava algo de bom, enquanto que em Briargate sempre era lembrada de que era apenas uma serviçal.

– Peguei uma truta anteontem – gabou-se Joe. – Era grande assim.

Estendeu as mãos a uns 40 centímetros uma da outra.

– Fui eu que fiz todo o trabalho. Você só colocou o peixe no saco! – exclamou Henry, indignado.

Meg olhou para Nell com uma sobrancelha erguida.

– Estava mais para 15 centímetros. E eles chegaram atrasados para o jantar e cobertos de lama.

Com essa falta de apreciação, os meninos fugiram para o rio para ver se conseguiam pegar outra truta. Mas Hope ficou, querendo ouvir Nell contar as últimas novidades de Briargate.

Hope nunca fora à casa dos Harveys, mas tinha visto sir William e lady Harvey na igreja aos domingos e, com duas irmãs e um irmão trabalhando lá, ouvira o suficiente sobre o lugar para estar muito interessada em tudo o que acontecia.

Como Nell passara as primeiras semanas em Briargate atônita com a forma como a nobreza vivia, queria que Hope tivesse alguma preparação para quando chegasse a sua hora de entrar para o serviço doméstico. Então, relatou que Ruby, a criada do andar de cima, tinha escorregado na escada dos fundos com um balde cheio de água suja, e que a cozinheira havia esquecido de colocar açúcar em uma torta de ruibarbo no dia em que lady Harvey tinha convidados para almoçar.

Depois, Nell descreveu o novo vestido de baile de seda rosa de lady Harvey, que havia sido enviado pelas costureiras de Londres e tinha chegado no dia anterior.

– Tem centenas de pérolas miúdas no corpete e ao longo da bainha!

– Quando eu for uma senhora, vou ter lindos vestidos – afirmou Hope, levantando-se e segurando a saia de seu vestido surrado de algodão como se estivesse prestes a entrar num salão de baile.

– Então, teremos que encontrar um marido rico para você – disse Nell com carinho.

Quando suas outras irmãs desejavam coisas que ela sabia que nunca poderiam ter, era sempre rápida em desencorajá-las. Mas, por algum motivo, nunca conseguia fazer isso com Hope. Havia algo nela, a ousadia em seus olhos, a inclinação da cabeça, que insinuava que poderia encontrar o caminho de volta para o lugar a que pertencia.

– Talvez eu possa me casar com o Sr. Rufus. – Hope riu. – Aí poderia morar em Briargate.

– Não seja tola, criança – disparou Meg. – A única maneira de você morar em Briargate é trabalhando lá, como Nell.

Embora Nell entendesse por que Meg tivera de descartar aquela ideia em especial, sentiu pena de Hope quando viu a decepção no rosto da menina. Ela não fora criada na ignorância sobre o mundo além dos limites do vilarejo como os outros irmãos. Não sabia apenas sobre Briargate; já acompanhara o pai a Bristol uma vez. Durante semanas, só falou dos navios, das ruas movimentadas, das carruagens elegantes e das lojas cheias de coisas que nunca tinha visto na vida. Era de surpreender que tivesse aquelas ideias fantasiosas?

– Por que você, Joe e Henry não voltam comigo para Briargate mais tarde? – sugeriu Nell, sem pensar. – Estou sempre falando sobre você para a cozinheira, sei que ela adoraria conhecê-la. Além disso, vai poder ver Ruth e James.

Hope bateu palmas, alegre. Meg dirigiu um olhar de desaprovação para Nell.

– É melhor para ela aprender que seu lugar é apenas na cozinha de lá – justificou-se Nell, enquanto Hope descia em disparada pelo campo para contar aos meninos.

Meg suspirou, mas não fez comentários. Era o seu jeito.

A Sra. Cole tinha ido embora de Briargate logo após o nascimento de Rufus, e lady Harvey decidira que não precisava de outra governanta.

Quando Nell passou a ocupar o antigo posto de Bridie como criada pessoal de lady Harvey, tornou-se a terceira na hierarquia doméstica, logo depois de Baines e a cozinheira. Não havia tantos criados agora – quando alguém saía não era necessariamente substituído –, o que significava que todos tinham algumas tarefas a mais. Rose, que fora a criada do andar de cima, agora era a copeira, e Ruby, a servente da cozinha, ocupara o antigo posto de Rose. A cozinheira tinha uma nova auxiliar chamada Ginny, e todo o trabalho pesado já era feito por Ada, que vinha todos os dias de Woolard. Ruth, como ama-seca, e James, agora o único cavaleiro desde que John Biggins se aposentara, além do novo jardineiro, Albert Scott, e seu assistente, Willy, constituíam a equipe completa.

Nell sentia certo prazer em saber que seu trabalho era o mais fácil e agradável de todos. Lady Harvey não era exigente, e Nell só tinha que vesti-la, fazer seus penteados e cuidar de suas roupas. Se a patroa fosse fazer visitas ou compras em Bath, ou mesmo apenas dar um passeio de carruagem, Nell iria junto. Quando havia visitantes em Briargate, Nell ocupava seu tempo consertando ou passando roupa, mas, caso não tivesse nenhuma tarefa doméstica no dia, seu tempo era livre. Achava que tinha tirado a sorte grande.

Mas no caminho de volta para Briargate, naquele fim de tarde, com as crianças correndo ao seu lado, Nell estava pensativa. A sensação que tivera de envelhecer dez anos na noite em que Hope nascera nunca mais a deixou. Era como se tivesse perdido parte da infância, e isso a deixou cautelosa e receosa demais.

Ela estava com 22 anos, e quase todas as meninas do vilarejo com quem crescera estavam casadas e com filhos. Algum dia ia acontecer o mesmo com ela?

Era o que queria acima de tudo. Quase toda noite adormecia imaginando seu casamento, a casa em que moraria, e até dava nomes para seus filhos. No entanto, será que já não teria passado da idade?

Isso a assustava porque não queria acabar como Bridie: alguém que vivera inteiramente para a família a quem servia.

Nell tinha admiradores, isso era certo. Sabia que Baines tinha um fraco por ela. Mas ele já estava com 50 e poucos anos e nunca fizera seu coração bater mais forte. Havia também Seth O'Reilly, que trazia mantimentos do armazém em Pensford; ficava tão nervoso quando a via que mal conseguia formar frases completas. Mas parecia um pouco fraco – Nell não o imaginava cortando lenha ou tirando leite da vaca –, e além disso era um pouco manco. Ela queria um homem como seu pai, um homem feliz e tranquilo, que não se queixava depois de um longo dia de trabalho no frio ou na chuva. O tipo de homem que podia fazer qualquer tarefa, que não era irresponsável com o dinheiro, não bebia demais, e que tinha alguma paixão na alma.

Nell imaginava que Albert Scott, o novo jardineiro, devia ser assim. Ele viera trabalhar em

Briargate em março, logo depois da morte de Jacob, o jardineiro que trabalhara ali desde a construção da casa.

Desde a chegada de Albert, Nell passava muito mais tempo do que deveria observando-o pela janela. Era muito bonito, com mais de um metro e oitenta de altura, cabelos pretos ondulados, barba escura cerrada e mãos fortes muito morenas. Achava que ele tinha uns 25 anos.

Infelizmente, sendo criada de quarto de lady Harvey, não lhe aparecia nenhuma oportunidade de se encontrar com jardineiros ou cavaleiros, pois eles tinham quartos nas estrebarias e faziam as refeições depois dos outros criados. Este fora outro motivo para sugerir que as crianças voltassem com ela naquele dia, pois, caso pedissem para ver os cavalos, ela talvez tivesse uma oportunidade de falar com Albert.

As crianças corriam à frente dela na trilha, os meninos se equilibrando em árvores caídas como pequenas cabras-montesas, gritando alto um para o outro, enquanto Hope colhia campânulas azuis para a cozinheira. Nell contemplava-os com afeto, lembrando-se de como era sortuda por ter sua família tão perto de si. A cozinheira tinha saído de casa com 12 anos e ficou mais de vinte sem ter contato nenhum com a família.

O sol do fim da tarde ainda estava inclemente quando saíram do bosque e atravessaram o padoque até a passagem junto às estrebarias.

– Será que a cozinheira vai gostar das flores? – perguntou Hope com ar entusiasmado. Parecia que ia explodir de alegria ao finalmente ter a chance de visitar a casa da qual ouvira tanto falar. – Será que vai colocá-las em um vidro de geleia?

– Tenho certeza que sim – disse Nell, divertindo-se com a empolgação da irmã. – Mas você não vai poder ficar muito tempo porque ela estará preparando o jantar. E eu tenho que providenciar o banho de lady Harvey; eles vão receber convidados hoje à noite.

– James vai nos deixar ver Merlin? – perguntou Henry.

Merlin era o novo garanhão do Sr. Harvey, e James falava sobre o cavalo o tempo todo.

– Com certeza. Você pode ir ver Duchess e Buttercup, seu potrinho, e também os cavalos da carruagem.

A cozinheira ficou encantada ao ver as crianças, pois ouvira falar tanto sobre elas quanto os três tinham ouvido sobre ela própria. Serviu a cada uma um copo de limonada especial e deu-lhes uma fatia de torta de maçã.

Ruth entrou na cozinha vestindo o uniforme listrado azul e branco de ama-seca. Com 19 anos, era uma réplica um pouco mais magra e alta de Nell. Soltou um grito de prazer ao ver os irmãos, envergonhando os meninos ao abraçá-los e beijá-los na frente da cozinheira.

– Vou para casa amanhã, é minha tarde de folga – explicou. – Tenho que ir agora porque está quase na hora do chá do Sr. Rufus. Mas não deixem de visitar James antes de ir embora.

Sir William estava fora montando Merlin, mas James mostrou-lhes Duchess e Buttercup em seu padoque e deixou-os alimentá-los com cenouras. Para decepção de Nell, ela não viu Albert.

– Ele ainda está trabalhando no jardim? – perguntou a James. – Achei que ele poderia mostrar as flores para Hope.

James deu uma risada. Estava com 20 anos e, desde que viera trabalhar em Briargate Hall, crescera alguns centímetros e desenvolvera músculos por causa do trabalho duro. Fazia grande sucesso com as criadas, pois, apesar de ser um rapaz de aparência comum, com os cabelos escuros desalinhados e o nariz grande dos Rentons, ele tinha um jeito agradável e engraçado.

– O que você quer dizer é que esperava encontrá-lo! – corrigiu ele com toda a franqueza.



Nell corou. E não tentou negar porque James a conhecia muito bem.

– Ele está lá na frente da casa, tirando ervas daninhas dos canteiros de rosas. Leve Hope até lá! – Deu um sorriso astuto. – Os meninos podem ficar aqui comigo.

– Não posso ir lá – retrucou Nell, horrorizada.

Havia uma espécie de regra tácita de que os criados não podiam se aproximar da frente da casa. Ela se sentira bastante à vontade mostrando a Hope os jardins na parte de trás, mas a frente era diferente, porque ela podia ser vista por alguém que olhasse pelas janelas.

– Não seja boba, é claro que você pode ir lá! – exclamou James, rindo. – Espero que goste de ver as estátuas. E Albert vai gostar de ver você.

Encorajada, Nell pegou a mão de Hope e passou pela arcada do pátio da estrebaria até a frente da casa. Além do grande canteiro circular de rosas junto ao caminho de cascalho, havia mais roseiras na frente da casa, algumas das quais subiam pelas paredes no apogeu do verão, e era lá que Albert estava trabalhando.

Tinha tirado o avental marrom que usava no dia a dia e enrolara as mangas da camisa, e a visão de seus antebraços musculosos e das calças de algodão grosso justas sobre as nádegas fez com que Nell se sentisse tímida de repente.

Ela sabia que, como nos anos anteriores, em algumas semanas as rosas estariam espetaculares, mas ainda não haviam desabrochado. Se estivessem floridas, ela poderia deixar Hope cheirá-las, mas sem qualquer desculpa para estar lá, Nell se sentia vulnerável e bastante tola.

Hope, porém, correu para Albert antes que Nell pudesse impedi-la.

– Por que não há flores? – perguntou a ele.

– Elas só vão florescer no próximo mês – respondeu Albert, sorrindo para Nell. – As rosas não gostam de dividir o espaço com outras plantas, sabe? Elas não ligam muito para ter companhia.

Nell encheu-se de coragem e caminhou até o jardineiro. Quando chegou lá, Hope estava perguntando por que as rosas não gostavam de companhia e que *ela* gostava de jardins que tinham flores por todo lado, de todos os tipos diferentes.

– Eu também gosto – concordou Albert. – Mas este jardim não é meu, então tenho de fazer o que o dono gosta.

Nell pediu desculpas pela irmã.

– Ela não está incomodando! – Albert sorriu. – Traga-a de novo aqui quando as rosas estiverem em flor. Aposto que sua irmã vai adorar.

Hope estava encantada com as estátuas de mármore no grande canteiro circular de rosas, e fez Nell corar de novo quando perguntou por que aquelas senhoras estavam nuas. Albert riu e disse que achava que devia ser mais difícil esculpi-las com as roupas.

Estavam a uns quatro metros do pórtico e da porta da frente quando Nell ouviu a porta se abrir e lady Harvey se despedir de alguém.

Não querendo ser vista batendo papo com o jardineiro, Nell disse a Hope que estava na hora de voltarem. Mas a menina não lhe deu atenção e foi saltitando na direção da porta da frente, alcançando-a assim que um cavalheiro saiu do pórtico.

– Hope! – chamou Nell.

Contudo, para seu constrangimento, a criança ficou parada, com as mãos atrás das costas, sorrindo docemente para o visitante.

Ele era alto e esbelto, talvez com uns trinta anos, e vestia um casaco de montaria verde-escuro, calça castanha e botas de montaria, além de um jovial cachecol amarelo e verde no

pescoço. Ele olhou para Hope e sorriu.

– Olá! Quem é você?

– Hope Renton – respondeu a menina sem qualquer hesitação. – Eu vim para ver as rosas, mas não há nenhuma.

Nell apressou-se e agarrou a mão de Hope. Lady Harvey já tinha entrado e batido a porta.

– Sinto muito, senhor!

– Não precisa se desculpar por uma criança educada.

A voz dele era profunda, mas tinha um tom bem-humorado por causa do constrangimento de Nell.

Ela olhou para o bonito rosto sorridente e empalideceu. Os olhos e o cabelo quase negros eram idênticos aos de Hope, e ela ficou tão chocada que só fazia olhar para ele de boca aberta.

– Você deve ser irmã do jovem cavaleiro que levou meu cavalo – disse ele com um sorriso aberto. – São muito parecidos.

Nell recompôs-se rapidamente.

– Sim, senhor. Eu sou Nell, a criada de lady Harvey. Vou pedir a James para trazer seu cavalo.

Nell saiu correndo arrastando Hope com firmeza pela mão.

Depois de dizer a James para levar o cavalo, Nell se despediu das crianças e recomendou que fossem direto para casa. Ficou na passagem da cerca junto ao padoque acenando para elas por algum tempo porque não se atrevia a voltar para a casa enquanto estivesse tão abalada.

Nunca se permitira refletir sobre o pai de Hope, assim como não procurava semelhanças entre sua patroa e a criança. Fazia muito tempo decidira que era melhor não pensar nessas coisas.

Havia muitos visitantes em Briargate; alguns vinham com as esposas, irmãs ou mesmo mães, e alguns sozinhos, quando eram amigos de sir William. Mas Nell nunca tinha visto alguém que se parecesse remotamente com Hope, e jamais esperara encontrar alguém assim. Afinal, um homem que fizera aquilo com sua senhora certamente não seria bem-vindo ali.

Entretanto, a maneira dissimulada como lady Harvey fizera aquele cavalheiro sair era quase uma comprovação de intriga amorosa. Por que não chamara Rose? E o que ela estava fazendo com cavalheiros quando seu marido estava fora?

E se o homem se reconhecesse em Hope? Se Nell via a semelhança, com certeza qualquer um também poderia ver...

Nell subiu ao quarto de Rufus um pouco mais tarde para ver Ruth, tão confusa que esqueceu que sua patroa ficava por lá naquela hora do dia.

– Ruth acabou de me dizer que seus irmãos vieram com você hoje – disse lady Harvey em um tom simpático.

– Desculpe, minha senhora. Eu deveria ter perguntado se podia trazê-los.

– Bobagem, você não precisa pedir permissão para eles passarem um tempo com o irmão e a irmã. – Ela pegou Rufus no colo e começou a fazê-lo saltar para cima e para baixo. – Eu queria tê-los conhecido também, e sem dúvida Rufus teria gostado da visita. Seria bom que ele tivesse uns amiguinhos para brincar.

O quarto do filho era o lugar onde lady Harvey estava sempre mais descontraída, e gostou

de Nell ter entrado também, dizendo que nunca lhe agradou a ideia de crianças pequenas serem mantidas isoladas das pessoas. Nell desejou não ter entrado naquele momento, mas não podia sair sem causar estranheza, então se abaixou para pegar alguns brinquedos do chão.

Ela sentiu-se aliviada por constatar que a patroa parecia perfeitamente normal. Não estava ruborizada nem agitada, e usava um vestido cinza simples que era perfeitamente adequado para uma mãe, mas dificilmente o tipo de vestimenta que uma mulher escolheria para receber um amante. Seu cabelo ainda estava bem preso como quando Nell o arrumou naquela manhã. Talvez ela estivesse errada a respeito do homem?

– Não nos atreveríamos a trazer nossos irmãos para encontrar Rufus – disse Nell, esforçando-se muito para agir normalmente. – Eles são muito rudes para um pequeno cavalheiro.

Rufus parecia uma menininha com seus longos cachos louros, olhos azuis e a habitual roupa comprida de bebê. Poucos dias antes, Nell tinha ouvido sir William dizer que achava que, com 3 anos, estava na hora do filho começar a usar calções, mas até agora lady Harvey não havia instruído Ruth a fazê-lo.

– Mas sua irmã poderia vir brincar – disse lady Harvey com um sorriso. – Quantos anos ela tem?

– Hope tem 6 anos, senhora – respondeu Nell, nervosa, com medo de que a patroa pudesse refletir sobre isso mais tarde e concluir que era uma estranha coincidência a menina Renton ter a mesma idade que o bebê que ela perdera. – Mas é precoce, parece que tem 18, nunca para de fazer perguntas.

– Quero descer agora, mãe – pediu Rufus, saindo do colo da mãe e se dirigindo para Ruth com seu andar incerto de criança pequena.

Nell e Ruth adoravam Rufus; ele era um menino tranquilo, alegre e divertido e tão carinhoso com elas quanto com a mãe.

– Traga Hope para o chá na segunda-feira – disse lady Harvey, levantando-se do sofá e alisando o vestido. – Você pode sair para buscá-la depois do almoço. Quando voltar, Rufus já terá acordado da soneca. Quero que ele aprenda a compartilhar os brinquedos e a se relacionar bem com outras crianças.

Quando a patroa saiu do quarto, Ruth olhou para Nell e riu.

– Nossa Hope aqui! Nossa senhora não sabe no que está se metendo.

Nell estava escovando os cabelos de lady Harvey naquela noite quando sir William entrou no quarto.

– Que cena bonita – disse ele, apoiando-se no portal. – Quem escova seu cabelo, Nell?

Nell riu. Ela percebeu que o patrão tinha bebido demais porque o rosto dele estava vermelho, e a camisa, para fora das calças. Era com certeza o homem mais bonito que Nell vira na vida, de traços tão perfeitos quanto as estátuas de mármore do canteiro de rosas, cabelos da cor do milho e olhos de um azul intenso. A cozinheira costumava dizer que era bonito como uma moça, mas Nell não concordava; seus lábios podiam ser um pouco grossos demais, mas ele tinha um maxilar forte, coxas e nádegas torneadas de tanto cavalgar.

Dava para ver que ele estava de bom humor, bêbado ou não, porque o tinha ouvido rir com a esposa enquanto subiam as escadas depois do jantar, quando os convidados foram embora.

– Eu mesma, senhor – respondeu Nell.

Ele ficou em silêncio observando as duas, e Nell imaginou que seria porque ele pretendia ir para a cama da esposa naquela noite. Achou bom já ter tirado o corpete de sua patroa e tê-la

ajudado a vestir a camisola. Não era bom um marido assistir àquilo tudo.

– Você tem um namorado, Nell? – perguntou sir William de repente.

– Não, senhor – respondeu ela, corando.

– Mas gostaria de ter um? – continuou ele, entrando no quarto e sentando-se na cama. –

Pretende se casar um dia?

– William! – repreendeu lady Harvey, rindo. – Pare de interrogar a pobre Nell!

– Pretendo me casar um dia, sim, senhor, quando o homem certo aparecer.

– Então, acho que tenho que encontrar um marido certo para você – disse ele com um vivo sorriso, revelando pequenos dentes brancos perfeitos.

– Bem, então não procure muito longe de Briargate, William – falou lady Harvey, se divertindo. – Não quero que ela me abandone. Mas pode descer e ir para a cama agora, Nell. Posso cuidar do resto sozinha.

Nell deixou a escova de cabelo na penteadeira, esboçou uma pequena reverência e disse boa noite. Quando saiu do quarto, virou a cabeça apenas o suficiente para ver que o patrão se levantara da cama e estava beijando o pescoço da esposa. Isso agradou-lhe, e aliviou seus medos sobre o visitante daquela tarde.

Descobriu por meio de James quem era o cavalheiro. Tratava-se do capitão Angus Pettigrew, dos Royal Hussars, um primo dos Pettigrews que viviam em Chelwood House, a cerca de três quilômetros de distância.

Nell não podia, claro, dizer ao irmão por que queria saber sobre ele, nem mesmo fazer mais perguntas, com receio de alertá-lo para sua curiosidade. Nem tinha certeza com que finalidade queria obter informações. Tudo o que sabia é que se sentia ameaçada.

Mas ameaçada por quê? Fez essa pergunta a si mesma dezenas de vezes durante a noite e não encontrou resposta. Entretanto, deixara o casal junto, claramente feliz, e pensou que talvez o capitão só tivesse ido a Briargate quanto foi visitar os parentes porque não seria delicado deixar de fazê-lo.

Porém, ainda se preocupava com o pedido da patroa para que Hope fosse brincar com Rufus. Se Bridie estivesse ali, teria posto as mãos na cabeça, horrorizada. Nell não podia recusar nem arranjar uma desculpa. Só podia torcer para que a visita não corresse bem, e lady Harvey decidiu que Hope não era uma boa companhia para o filho dela, o que seria o fim do problema.

As esperanças de Nell de que a visita fosse um fracasso foram frustradas. Estava chovendo na segunda-feira, então as crianças tiveram que ficar no quarto de brinquedos. Hope se entusiasmou tanto com os brinquedos de Rufus, já que nunca antes tinha visto algo igual, que ficou muito feliz de brincar com qualquer um que ele quisesse. Construiu castelos com seus blocos de construção e riu quando ele os derrubou. Cavalgaram juntos em seu cavalo de balanço, e Hope olhou os livros ilustrados de Rufus com ele.

Lady Harvey se juntou a eles para o chá, e Hope usou de seu encanto natural, admirando a delicada porcelana, comendo e bebendo com muito mais bons modos do que de costume, até repreendendo Rufus por não comer a casca de seu pão com geleia.

Estava claro que Rufus achou que ela era a melhor coisa que já acontecera em sua curta vida e, quando chegou a hora de Nell levar Hope para casa, ele se agarrou a ela chorando, fazendo a mãe prometer que ela poderia vir novamente na semana seguinte. Quando Nell atravessou o padoque com Hope, quase podia imaginar Bridie sacudindo o punho para ela e perguntando por que fizera a estupidez de levar a menina até lá.

Aos domingos, os criados de Briargate que podiam ser dispensados das tarefas domésticas e do preparo do almoço deveriam comparecer à igreja em Compton Dando. Todos os que vinham dos vilarejos vizinhos também tinham a opção de, um domingo por mês, ir para casa depois do serviço religioso para visitar a família. James e Ruth quase sempre tiravam o mesmo domingo de folga, mas, como Nell precisava cuidar de Rufus quando Ruth não estava, ela sempre ia para casa sozinha.

Três semanas depois da primeira tarde de Hope em Briargate, Nell teve seu domingo de folga. Estava contente enquanto caminhava para a igreja com os outros criados através de Lord's Wood. O chão estava seco, então não haveria lama em suas botas bem engraxadas nem em seu melhor vestido azul, e lady Harvey lhe dera um ramalhete de pequenas rosas artificiais e uma fita azul para enfeitar sua touca. Nell estava ansiosa para ver o pai, pois, em sua tarde de folga habitual, ele estava sempre trabalhando, e tinha sorte quando o via por mais de alguns minutos antes de retornar à casa. Mas, acima de tudo, estava encantada com o fato de Albert ter se juntado aos outros empregados naquele dia.

Como jardineiro, ele não trabalhava aos domingos, e até então sempre ia à igreja em Chelwood. Nell tinha a impressão de que ele só decidira mudar de igreja porque queria conhecê-la melhor. Não podia ser Rose de quem ele gostava: ela era uma verdadeira solteirona de mais de 30 anos. Ruby tinha apenas 14 anos e era magra como um varapau, sem graça como um ancinho. Só restava Ruth, mas, que Nell soubesse, eles nunca tinham se falado. Nell ponderou se teria coragem de convidá-lo para ir à sua casa depois do serviço religioso. Será que pareceria muito oferecida?

Como se lesse seus pensamentos, Albert parou, virou-se para trás e sorriu para ela.

– Quem da sua família vai estar em casa hoje? – perguntou ele.

Nell pensou que Albert parecia um cavalheiro com sua jaqueta de tweed, calças verde-escuras e meias brancas.

– Só Hope, os dois meninos mais novos e Matt, meu irmão mais velho. Ele trabalha na mesma fazenda que o meu pai – respondeu Nell. – Onde está sua família?

– Em Penshurst, fica em Kent. Só tenho um irmão e duas irmãs, e eles são casados. Nossos pais morreram alguns anos atrás.

– James me disse que você costumava trabalhar para o bispo de Wells. Por que veio para tão longe de casa?

Albert deu de ombros.

– Eu nunca teria uma oportunidade melhor do que trabalhar nos jardins de um palácio.

– Então por que foi embora?

Ele lhe lançou um olhar de esguelha desconfiado, o que a fez pensar que talvez estivesse fazendo perguntas demais.

– Porque eu ficaria velho antes de chegar a jardineiro principal. Ouvi dizer que sir William precisava de alguém e vim até aqui a pé no meu dia de folga. Assim que vi a propriedade, soube que era o lugar que queria, e sir William também gostou das minhas sugestões de mudanças.

Todos os criados tinham notado que o patrão parecia muito mais entusiasmado com os jardins desde a chegada de Albert. Ele ia lá para fora com sol ou chuva, muitas vezes ajudando a preparar novos canteiros. Lady Harvey dizia que estava feliz por ele ter encontrado outro interesse além da montaria.

– Mesmo assim, você não se sente um pouco solitário aqui? – perguntou Nell. – Quer dizer, Willy é um pouco simplório e James vai sempre para o vilarejo à noite. Você tinha muitos amigos em Wells?

Albert deu de ombros novamente.

– Eu não sou muito fã de companhia – explicou ele. – Quando quero ter um pouco, vou tomar uma cerveja em Chelwood. Não era tão diferente em Wells; os outros colegas de trabalho também eram muito velhos ou simples como Willy. Gosto mais daqui.

James contara a Nell que Albert não era muito de conversar, mas estava errado. Ele foi conversando até a igreja e fez dezenas de perguntas a Nell sobre sua família. Era um pouco sério, franzira a testa mais do que sorria, mas Nell não se importou, estava contente por ele querer conversar com ela.

Depois do serviço religioso, Albert subiu a colina de volta com Nell e o restante da família dela, e foi o pai que o convidou para um copo de cerveja. Albert ficou mais ou menos uma meia hora admirando a horta antes de pedir licença para ir embora. Porém, quando estava saindo, perguntou a Nell de modo bem direto a que horas ela voltaria para Briargate, deixando-a com a clara impressão de que pretendia encontrá-la para atravessar o bosque.

Nell notou que seus pais aprovaram Albert, embora não fizessem nenhum comentário além do fato de ele ser “um rapaz sério”. No entanto, embora animada por Albert parecer estar tão atraído por ela quanto ela por ele, um domingo em casa com a família era agora mais importante.

Meg preparara um ensopado de coelho com bolinhos, seguido de compota de framboesas do jardim, e foi uma refeição alegre com muita conversa e risada. Matt recentemente começara a sair com Amy Merchant, filha de um fazendeiro de Woolard que tinha sido amiga de Nell na infância, quando as duas frequentavam as aulas do reverendo Gosling no presbitério. Meg e Silas mostravam-se claramente muito esperançosos de que isso levasse ao casamento, pois eles não só gostavam de Amy como o pai dela era um fazendeiro bastante próspero e tinha apenas filhas. Meg provocou Matt por engraxar suas melhores botas antes de ir visitá-la no fim da tarde. Então Silas contou a todos como ele costumava andar mais de dezesseis quilômetros para cortejar Meg, e brincou dizendo que ele só a pediu em casamento porque odiava a caminhada quando o tempo estava ruim.

Matt despediu-se às quatro da tarde porque ia encontrar Amy, e as três crianças saíram para brincar junto ao rio, deixando Nell, Meg e Silas descansando debaixo da macieira no quintal da cabana.

Só quando Meg mencionou a visita semanal de Hope a Briargate que Silas se pronunciou:

– Acho que não devemos deixar que isso se torne uma coisa regular. Só vai gerar problemas.

– Ele tem razão – concordou Meg, assentindo. – Eu sei, Hope adora ir, mas vai acabar lhe subindo à cabeça. Daqui a pouco vai pensar que é fina demais para nós. Outro dia mesmo ela perguntou por que não tínhamos copos e pratos bonitos de porcelana. É Briargate isso, Briargate aquilo. Lady Harvey tem um vestido rosa, ou Rufus ganhou um pônei. Onde isso tudo vai parar, Nell?

– Não sei. – Nell franziu a testa. – Eu disse a vocês desde o início que não gostava. Mas como pôr um fim às visitas sem chatear o Sr. Rufus?

– Como lady Harvey a trata? – perguntou Silas, com uma expressão ansiosa.

– Com bastante gentileza, parece gostar mesmo dela. Todo mundo gosta dela em Briargate.

O pai suspirou.

– Não tem como não gostar, é sua própria carne, e é aí que reside o perigo.

Nell estava prestes a dizer que não via perigo em alguém gostar de uma criança, mas uma

lembrança súbita da maneira como lady Harvey ria com Hope, alisava seus cabelos e tocava seu rosto veio-lhe à mente.

– Você acha que ela pode vir a gostar demais de Hope?

Mais uma vez, viu os pais se entreolhando.

– Estão com medo de que ela tire Hope de vocês? – perguntou Nell, incrédula. – Ela jamais faria isso! Não pode.

– Há várias maneiras de alguém tirar um filho de você – retrucou Meg, sombria. – É só colocar ideias na cabecinha dela de que é diferente, e fazê-la querer ter mais do que vai poder ter. E não podemos garantir que Bridie não tenha dito a lady Harvey que a criança sobreviveu.

– Não! – Nell balançou a cabeça. – Bridie jamais faria isso.

– Tudo o que Bridie fazia era por sua senhora – afirmou Meg. – Ela deixou você trazer Hope para cá porque achava que era o melhor para lady Harvey, mas talvez mais tarde, quando sua patroa ainda estava chorando a perda da criança, ela tenha lhe contado a verdade.

– Impossível. Se tivesse contado, lady Harvey teria feito perguntas sobre nós, o que ela nunca fez.

– Os grã-finos não são como nós, gente comum – disse Silas em tom de desprezo. – Eles nasceram astutos. De qualquer forma, ela não precisaria perguntar nada a você, pois Ruth conta coisas demais para ela.

Nell estava prestes a negar, mas, ao mesmo tempo, percebeu que o pai provavelmente tinha razão, pelo menos com relação a Ruth. Ela cuidava de Rufus todos os dias desde que ele nascera, e havia adquirido todo o seu conhecimento sobre cuidar de bebês ao assistir e ajudar a mãe com os irmãos mais novos. O que poderia ser mais natural do que dizer “Minha mãe fez isso com o Henry” ou “Minha mãe fez isso com a Hope”? E Ruth não tinha motivos para desconfiar das perguntas que se seguiam.

– Essa história não vai acabar bem – disse Silas com tristeza. – Mesmo que lady Harvey saiba a verdade, ela não vai arriscar ter seu segredo descoberto dando à nossa Hope uma oportunidade na vida. E se ela não souber de nada, mas pegar afeto pela nossa garotinha, vai acabar estragando a cabecinha dela de tanto mimá-la. De qualquer jeito, quem vai sair perdendo mesmo é Hope.

Nell suspirou. Ela e os irmãos haviam sido criados sabendo exatamente qual seria sua função no futuro, assim como a mãe e o pai antes deles. Estavam todos ali para servir alguém: fosse o pai arando a terra, virando feno ou ordenhando vacas para um dos ricos donos de terras, ou Nell aos 12 anos entrando para o serviço doméstico em Briargate. Desde pequenos eles já eram preparados para o que os esperava, recolhendo lenha, tirando água do poço e até apanhando o excremento dos cavalos nas estradas para transformar em adubo e ajudar os legumes da horta a crescer. Na época da colheita, toda a família tinha que ajudar o pai nos campos; desde os 3 anos, Nell era incumbida de separar as batatas boas das ruins.

Antes de Nell trabalhar como criada, muitas vezes passou fome e frio. As roupas cerzidas e remendadas que usava eram passadas para Ruth e depois para Alice; ninguém ganhava roupas novas. Gente pobre como sua família só vivia com muita parcimônia, pois a colheita podia ser boa em um ano e um fracasso no ano seguinte. Trabalhadores como seu pai às vezes eram demitidos a qualquer momento e nunca conseguiam poupar dinheiro para uma emergência.

No primeiro mês de Nell em Briargate, suas mãos sangravam de tanto esfregar potes e panelas, e ela ficava tão exausta no fim do dia que subir as escadas era um sacrifício. Mas quando levou seu primeiro salário para casa e o entregou à mãe, o sorriso de gratidão e orgulho de Meg fez todo o esforço valer a pena.

Ela não conseguia imaginar Hope aceitando tudo isso calada. Ela nunca tinha ido dormir com fome, nunca teve que tomar conta de um bebê, consertar roupas ou tirar água do poço. A vida não a endurecera como fizera com os outros. Entretanto, se não fosse trabalhar como criada quando crescesse, o que mais poderia ser?

– O que vamos fazer? – perguntou Nell em voz baixa.

– Não sei – respondeu Silas, soltando um suspiro.

Os três sabiam que não seria prudente ofender lady Harvey dizendo-lhe que não queriam mais que Hope fosse à sua casa.

– Talvez seja melhor não fazermos nada por enquanto – disse Meg, desanimada. – Ver como ficam as coisas.

Nell pensara em contar aos pais sobre o capitão Pettigrew, mas não queria lhes dar mais uma preocupação. Não tinha certeza se ele era mesmo o pai de Hope e, se era ou não, talvez fosse melhor guardar as suspeitas para si mesma.



1840

– Se nos casarmos, o Sr. Harvey vai nos deixar ocupar a casa do portão – disse Albert, torcendo o gorro nas mãos, a testa franzida.

Nell o olhou com espanto, quase não acreditando no que Albert dizia. Havia dois anos que eles faziam companhia um ao outro, caminhando para a igreja juntos, conversando no pátio das estrebarias à noite e, como naquele dia, Albert sempre a esperava em Lord’s Wood para acompanhá-la de volta a Briargate depois da tarde de folga. Durante todo esse tempo, porém, não existira um namoro de verdade: ele nem ao menos tinha segurado a mão dela, que dirá beijá-la. Nell pensava que Albert a via apenas como amiga.

– Casar, Albert? Você está me pedindo em casamento?

– Sim – murmurou ele, os olhos baixos. – Você gostaria?

Era um fim de tarde quente de junho, com raios de sol tardios descendo enviesados pelas copas das árvores. O arrulhar dos pombos no bosque e o som de um córrego que gorgolejava nas pedras no mato ali perto seria o local perfeito para um pedido de casamento, mas a falta de paixão, ou até de afeição, de Albert o estragou.

– Não sei – respondeu Nell. – Quer dizer, você nunca disse nada para me fazer pensar que sentia algo por mim. É tão repentino...

– Já se passaram dois anos – afirmou ele, como se isso tornasse seu pedido completamente compreensível. – Agora ganho o suficiente para manter uma esposa, e nós somos compatíveis.

Nell concordava que eles combinavam, já que ambos eram devotados a Briargate e aos Harveys. Albert era apaixonado pelos jardins; em dois anos, construiu arranjos de pedras com plantas ornamentais, fez muitos canteiros novos e plantou tamanha profusão de novos arbustos e árvores que o resultado tinha ficado deslumbrante. Nell aprovava essa paixão, mas sempre imaginou que o homem com quem fosse se casar também demonstraria essa mesma paixão por ela e diria que a amava antes de pedir sua mão em casamento.

– E ser “compatíveis” é suficiente? – perguntou, olhando para ele com perplexidade.

Não se passava um dia sem que ela pensasse em como ele era bonito, forte e inteligente. Gostava de sua barba cerrada, do formato do nariz e de como seus cabelos formavam pequenos cachos quando estavam molhados. Ele sabia muito mais do que ela sobre o que acontecia no mundo; semanas antes, havia comentado que o desterro para a Austrália acabaria e explicou-lhe muita coisa sobre aquele país distante. Seria possível que um homem que sabia tantas coisas não soubesse que uma mulher precisava ser informada sobre seu interesse?

– Acho que sim – respondeu ele, obtuso. – Um canário não se acasala com um tordo, não é? Cada um com seu igual, e você e eu somos iguais.

– E o amor? Há centenas de pessoas por aí iguais a mim, da mesma forma como há muitas iguais a você. Mas é o amor entre duas pessoas que as torna especiais uma para a outra.

– Você é especial para mim. Então, acho que é o que chamam de amor.

– Quero um marido que *saiba* que me ama – retrucou ela, indignada, e começou a se afastar.

Nell tinha consciência de que a grande maioria das pessoas se casava exatamente pelas razões que Albert alegara. Isso era algo que o pessoal de Briargate costumava discutir quando se sentava ao redor da mesa na sala dos criados depois da ceia. Os ricos casavam-se principalmente para fortalecer os laços entre suas famílias, ou para trazer riqueza para uma família ilustre com dificuldades financeiras. Baines, que tinha trabalhado e visitado dezenas de grandes propriedades, dissera certa vez que sir William e lady Harvey eram os únicos membros da nobreza que ele conhecia que haviam se casado por amor. Baines estava convencido de que os criados fariam melhor escolhendo marido ou mulher por razões práticas, e não pelo que chamava de “doença do amor”.

Mas Nell nascera de um casamento cheio de amor. Fazia 25 anos que Meg e Silas estavam casados e, apesar de todas as dificuldades, ainda se beijavam e se tocavam como se fossem namorados. Seu pai dissera-lhe certa vez que não sentia necessidade de sair para tomar cerveja com outros homens; seu lugar favorito era ao lado de Meg. E isso era o que Nell também queria de seu casamento.

– Não fuja, Nell! Eu me expressei mal. Você quer se casar comigo?

Ela se virou para olhá-lo.

– Não até que você possa me dizer com toda a sinceridade que me quer como esposa porque não pode viver sem mim.

Hope ficou olhando enquanto sua mãe ajeitava o cabelo de Nell pela décima vez. Não estava acostumada a ver outra pessoa na família recebendo toda a atenção e não gostava nada disso.

Os sinos da igreja começaram a tocar.

– Isso significa que é hora de sairmos – disse Silas. – Quer dizer, se Nell tem certeza de que é mesmo com Albert que quer se casar.

Era setembro, e Nell finalmente concordara em se casar com Albert quando, uma semana depois da proposta no bosque, ele insistira que a amava e explicara que sua demora ao admiti-lo devia-se apenas à timidez.

– Tenho certeza – respondeu Nell, resoluta.

– Você está bonita como uma cerejeira em flor – disse Meg, colocando uma coroa de flores brancas na cabeça da filha.

Albert as trouxera de Briargate cedo naquela manhã, enquanto Nell ainda estava dormindo na mansarda. Meg fabricou a coroa de flores com um pedaço de arame, musgo e folhagem, e então prendeu as flores menores. Com o restante das flores, fez um buquê.

Nell havia confeccionado seu vestido rosa e branco com a ajuda de Rose, a copeira. Tinha um decote baixo e mangas bufantes, e a saia exibia babados franzidos em volta da bainha e uma anquinha como a de uma verdadeira senhora. Juntavam-se a isso a anágua enfeitada com renda bem engomada e sapatos delicados com fivelas de prata herdados de sua patroa. Hope achou que a irmã estava deslumbrante.

– Por que não ganhei uma coroa? – perguntou.

– Porque Nell é a noiva, e você já está com fitas novas na touca – explicou Meg, entregando o ramallete para Nell. – Agora, não faça essa cara, Hope, e comporte-se na igreja.

Hope sabia que Albert já estava na igreja, pois o tinha visto passar um pouco antes com Ruth e James, que seria seu padrinho. Joe e Henry também tinham saído. Hope achou que Albert ficara engraçado com um colarinho de ponta virada, mas todos os outros, com suas melhores roupas, também estavam.

A velha Gertie Ford estava esperando quando saíram de casa. Ela morava do outro lado da rua e suas pernas estavam muito ruins para ir até a igreja.

– Boa sorte! – gritou ela, cambaleando apoiada na bengala. – Você é uma noiva linda, Nell; faça aquele rapaz simpático tratá-la bem.

Hope se perguntou por que as pessoas não paravam de dizer aquilo a Nell. Isso significava que alguns maridos tratavam mal a esposa?

O casamento era um assunto um pouco misterioso para Hope. Ela perguntou à mãe a respeito, e Meg respondeu que era porque as mulheres queriam ter bebês e precisavam de um homem para lhes dar um. Mas Hope sabia que os bebês cresciam na barriga das mulheres, então aquela explicação não fazia sentido.

O badalar do sino da igreja foi ficando cada vez mais alto conforme os Rentons desciam a colina até o vilarejo. Nell segurava o braço do pai; Hope e a mãe seguiam atrás deles. Não havia ninguém mais para acenar para o pequeno grupo porque quase todo mundo já estava na igreja.

– Rápido, Hope – resmungou Meg. – Você vai nos atrasar!

Hope correu para a mãe e pegou sua mão.

– Quanto tempo vai levar até Nell ter um bebê? – perguntou.

– Isso cabe ao Senhor decidir. – Meg sorriu para Hope. – Não faça mais perguntas como essa hoje.

Hope espiava entre os dedos quando deveria estar rezando. A igreja estava muito bonita, pois, naquela manhã, algumas mulheres do vilarejo tinham prendido guirlandas de flores ao redor do púlpito e na ponta de cada banco. Era estranho ver todos os vizinhos e amigos sentados nos bancos da frente, onde a nobreza geralmente se sentava. O Sr. e a Sra. Calway estavam lá, e toda a família Nichols, os Carpenters da fazenda Nutgrove, o Sr. Humphreys, os Pearces, os Boxes, os Webbs, os Wilkins e até Maria Jeffries, a velha maluca que passeava pelo vilarejo puxando sua cabra por uma corda. Hope perguntou à mãe onde sir William, lady Harvey e Rufus iriam sentar quando chegassem, mas ela só respondeu que eles não iam ao casamento dos criados. Hope não entendeu. Nell cuidava de lady Harvey, e Albert deixava o jardim do jeito que ela gostava. Eles não deveriam vir ali naquele dia fazer uma gentileza para Nell e Albert?

*Vou ser bem antipática com Rufus na próxima vez que for a Briargate*, prometeu a si mesma.

Ela ainda ia brincar com ele às segundas-feiras, a não ser que o tempo estivesse ruim. Às vezes, ela se aborrecia porque, embora Rufus tivesse 5 anos, ainda agia como um bebê. Hope sabia que era porque ele não tinha irmãos como ela, e nunca fizera nada sozinho nem fora a lugar algum desacompanhado como ela fazia desde que tinha essa idade, mas ainda assim era irritante. No entanto, adorava olhar todos os livros dele, e sentia prazer em conseguir lê-los para Rufus. Também gostava de desenhar e pintar e brincar de esconde-esconde no jardim.

Mas, acima de tudo, ela adorava ir a Briargate. Já se sentia uma convidada especial só de subir a grande escadaria para o quarto de brinquedos. Era tão bom ver todas aquelas belas pinturas, tocar a madeira polida e as cortinas de veludo e entrar em um mundo tão diferente daquele onde fora criada.

Não achava que Nell, James e Ruth se sentissem da mesma maneira, mas talvez fosse por serem criados. Sempre a levavam depressa para a cozinha, como se quisessem lembrá-la de que aquele era o lugar a que pertencia. Porém, Hope gostava da cozinha tanto quanto do resto da mansão: era bom ver comidas que eles nunca tinham em casa, observar o cuidado com que a

cozinheira preparava as refeições, e a menina raramente saía de lá sem algo para levar para casa – uma torta, um bolo ou um pote de geleia.

Depois, havia lady Harvey. Hope achava que ela deveria ser a moça mais linda do país. O cabelo dourado, os olhos azuis, a voz suave e os vestidos maravilhosos por si só bastariam, mas ela também era gentil e sempre parecia ficar muito feliz quando a via.

Nell e Albert estavam ajoelhados diante do altar. Sua irmã parecia tão diferente com os cabelos soltos; a mãe os lavara na noite passada e enrolara várias mechas para cima com tiras de pano para que ficasse ondulado. Hope nunca o tinha visto tão brilhante e leve, e a pequena coroa de flores era muito bonita. Decidiu que, quando crescesse, pentearia seu cabelo assim todos os dias.

Virou a cabeça discretamente para olhar para Alice e Toby no banco detrás e sorriu para eles. Alegrava-se pelos irmãos terem conseguido vir; eles não os visitavam com frequência, pois Bath ficava muito longe do vilarejo. Antes de entrarem na igreja, Alice confidenciou que tinham vindo a pé e teriam que voltar do mesmo jeito no dia seguinte, mas que valera a pena. E acrescentou que trouxera um presente para Hope.

Torcia para que fosse um estojo de pintura como o que Rufus tinha.

– Por que está chorando, mãe? – sussurrou Hope.

A menina estava ficando entediada; o reverendo Gosling não parava de perguntar a Albert e depois a Nell as mesmas coisas, e aquilo parecia que nunca ia ter fim.

– Shhh... – murmurou Meg, colocando um dedo nos lábios.

– Eu os declaro marido e mulher.

Com as palavras do reverendo Gosling, ditas numa voz solene para todos na igreja ouvirem, Hope interessou-se novamente pela cerimônia. Talvez estivesse terminando e eles pudessem ir logo para a festa.

Todos tinham ficado preocupados com a possibilidade de chuva, porque a casa não era grande o bastante para todos os convidados. Mas o tempo estivera quente e ensolarado nos últimos três dias e, na noite da véspera, Silas e Matt tinham instalado uma mesa comprida feita de portas velhas no campo ao lado da horta, e havia tábuas apoiadas em troncos servindo de assento. Nell tinha trazido emprestado alguns lençóis de Briargate para usar como toalhas de mesa. Fora isso, havia um barril inteiro de cerveja, muitas tortas, pãezinhos e outras comidas, e Gareth Peregrine ia tocar sua rabeca para todos dançarem.

O reverendo Gosling se dirigiu a Albert:

– Pode beijar a noiva.

Hope tapou os olhos; ela não suportava ver casais se beijando. Matt sempre beijava Amy, principalmente quando achava que ninguém estava olhando, e ela achava que não aguentaria se Nell e Albert comesçassem a fazer aquilo o tempo todo.

Mas tinha que espiar entre os dedos apenas para ter certeza de que Albert o faria, porque ela nunca o tinha visto beijar Nell. Ficou aliviada porque foi somente um beijinho. Matt e Amy davam grandes beijos grudentos.

Mabel Scragg, dona da padaria vizinha aos Rentons, apareceu assim que eles saíram da igreja.

Hope não gostava dela: Mabel sempre a chamava de “pequena dama” e certa vez deu-lhe um tabefe porque Hope disse que ela era relaxada.

– A primeira finalmente se casou – disse a mulher a Meg, com a papada gorda balançando.  
– Aposto que Matt vai ser o próximo.

– Tomara. – Meg sorriu para o filho mais velho que, como sempre, estava tão perto de Amy que pareciam colados. – Mas aí será a família dela pagando pela festa, graças aos céus.

– Nell escolheu bem o marido – continuou Mabel. – Deram sorte de ter conseguido a casa do portão, e ainda por cima lady Harvey vai manter Nell como criada! Cuidado, hein? Isso não vai ser por muito tempo se ela puxar à mãe!

Hope franziu a testa ao escutar a última observação de Mabel. Não era a primeira a dizer aquilo. Quase todos tinham dito o mesmo. Ela queria saber o que significava.

Quando escureceu, Hope teve sua resposta. No fim da festa, todos os adultos estavam embriagados, inclusive sua mãe e seu pai. A comida acabara, era preciso virar o barril para conseguir os últimos goles de cerveja e Gareth Peregrine tinha parado de tocar a rabeca e estava dormindo no galinheiro. Até Joe e Henry ganharam um pouco de cerveja. Hope também provou, mas não gostou.

Ela reparou que a cerveja fazia as pessoas dizerem coisas que normalmente não diriam. Matt declarou que amava Amy na frente de todos, e ela riu como se achasse aquilo muito romântico.

Hope ouviu muitas piadas relacionadas a jardinagem durante toda a noite, algo sobre plantas e sementes, mas não entendeu nada. Mas quando o casal saiu de mãos dadas pelo rossio, alguém disse que talvez acontecesse um batismo em junho próximo.

– Silas apenas teve que espirrar e eu já estava grávida – disse Meg, às gargalhadas. – Só espero que Nell não puxe a mim, ou dê um nó no troço do Albert.

Houve conversas desse tipo mais tarde entre as mulheres, e Hope prestou muita atenção em tudo. Uma disse que achava que Albert era frio como um peixe, e várias concordaram com ela, inclusive sua mãe. Até Ruth disse que já tinha visto mais paixão em um arroz-doce do que nele, e apontou para Matt – que dançava de rosto colado com Amy com ar sonhador –, afirmando que aquilo era mais normal.

Juntando tudo com o que Hope aprendera sobre a reprodução dos animais da fazenda, ela percebeu que era por isso que os seres humanos se casavam, e o resultado eram os bebês.

Mais tarde, enquanto dançava com o pai, que já estava de pernas bambas por causa da bebida, ele disse que esperava não estar velho demais quando fosse dançar no casamento dela.

– Não vou me casar – retrucou Hope com firmeza. – Ninguém vai fazer isso comigo.

Três meses depois do casamento de Nell, Matt se casou com Amy. Foi na semana anterior ao Natal, na igreja de Publow, o vilarejo mais próximo. Fred Merchant, o pai de Amy, acolhera Matt em sua família de braços abertos porque sempre quisera um filho para quem passar a fazenda. Todos na aldeia concordavam que Matt estava com a vida ganha.

Mais uma vez, Hope viu sua mãe chorar no casamento e seus pais ficarem embriagados, mas teve a sensação de que estavam muito mais felizes com o casamento de Matt e Amy do que tinham ficado com o de Nell e Albert. Nem uma vez sequer ela ouviu seu pai perguntar a Matt se

ele tinha certeza de que queria se casar, como fizera com Nell. E viu a mãe abraçar Amy dezenas de vezes, exatamente como fazia com os próprios filhos.

Hope não gostava de Albert. Ele olhava para as pessoas como se elas tivessem mau cheiro, e quase não abria a boca. Nell alegara que ele era apenas tímido e que os dois conversavam muito. Talvez fosse verdade, mas Hope não conseguia entender por que isso faria Nell mudar tanto. Ela não ia mais à casa dos pais na tarde de folga; a família praticamente só a via na igreja aos domingos com Albert. Toda vez que Hope voltava de Briargate depois de brincar com Rufus, sua mãe a enchia de perguntas sobre Nell.

– Ela está bem? Disse alguma coisa sobre Albert? Quando virá nos visitar?

Hope só podia dizer a verdade: que sua irmã parecia exatamente a mesma de sempre; que, não, ela não dissera nada sobre o marido, e explicara que não poderia vir nas tardes de folga porque agora tinha a própria casa para cuidar.

Ruth e James sempre iam para casa nas tardes de folga. Diziam que achavam que Nell devia ter mais tempo livre agora que estava casada porque lady Harvey a deixava ir embora mais cedo, e quando saía sem Nell ela a mandava para casa.

Uma vez Hope ouvira Ruth dizer que Albert era um tirano, mas a mãe pôs um dedo em seus lábios e a mandou ficar quieta.

Hope perguntou ao reverendo Gosling o que era um tirano, e ele explicou que era um homem que impunha sua vontade aos outros.

Na primavera de 1841, Hope estava no quarto de brinquedos de Rufus jogando damas na frente da lareira quando lady Harvey entrou com outra senhora.

Rufus era bom em damas, então Hope não precisava deixá-lo ganhar de vez em quando para apaziguá-lo. Ele ganhara as duas últimas partidas e, no momento em que lady Harvey entrou, Hope concentrava-se no novo jogo para poder vencê-lo.

Ruth se levantou de imediato, como sempre fazia quando alguém entrava no quarto, e começou a arrumar um quebra-cabeça que as duas crianças estavam montando antes.

– Rufus! – chamou lady Harvey. – Quero que conheça a Srta. Bird, ela vai ser sua governanta e ensinar você a ler e escrever.

Rufus continuou ajoelhado no tapete e olhou para a senhora alta, de rosto severo, com um vestido e uma touca cinzentos.

– Hope está me ensinando a ler e a escrever – retrucou ele, categórico.

A brincadeira favorita de Hope era “escola”, e ela já conseguira ensinar a Rufus todas as letras do alfabeto e a ler algumas palavras simples de três letras.

– Não seja indelicado, Rufus. Quantas vezes já lhe disse que um cavalheiro sempre se levanta quando uma senhora entra no cômodo?

– Desculpe, mãe – disse ele, e se levantou, relutante.

Hope achou que seria melhor levantar-se também, e foi ajudar Ruth a recolher as peças do quebra-cabeça.

Lady Harvey explicou à visitante que Hope era a irmã mais nova de sua criada pessoal, e que vinha brincar com seu filho uma vez por semana. Em seguida comunicou a Rufus que a Srta. Bird lhe daria lições na sala de aula todos os dias.

– Prefiro aprender com o reverendo Gosling, como Hope – respondeu Rufus.

– O reverendo Gosling só dá aulas para as crianças do vilarejo – disse lady Harvey bruscamente, parecendo aborrecida por seu filho estar se mostrando tão pouco cordato. – E a

Srta. Bird vai lhe ensinar um pouco de história, geografia e música também. Ela toca piano.

Hope teve vontade de rir ao ver Rufus fazendo bico, petulante. Costumava considerá-lo um pouco mariquinhas, embora isso fosse em parte porque ele sempre estava vestido com uma roupa em estilo marinheiro e suas meias brancas nunca tinham um cisco de sujeira sequer. Ela entendia por que ele não gostava da aparência de sua nova professora. Ela dava a impressão de ser severa, com as costas retas e os lábios finos que não sorriam. Além disso, não tinha queixo; a parte inferior do rosto desaparecia no pescoço.

– Ela vai dar aulas para a Hope também? – perguntou Rufus.

– Não, não vai. – Lady Harvey se aproximou dele para mexer em seus cachos louros. – Seu pai acha que é hora de você conviver com alguns meninos, portanto Benjamin e Michael Chapel virão passar duas tardes por semana aqui.

Hope soubera por Nell que os Chapels moravam em uma casa grande em Chelwood. Ela nunca tinha visto os meninos, mas Nell os havia descrito como crianças mimadas.

– É melhor você ir para casa agora, Hope – pediu lady Harvey. – Eu gostaria que a Srta. Bird conversasse com Rufus sozinho.

Enquanto Rufus começava a queixar-se de que estavam no meio de uma partida, Ruth pegou o xale e a touca de Hope e indicou-lhe a porta com um gesto. Ficava claro que ela deveria ir embora sem dizer uma palavra, mas isto lhe parecia injusto.

– Não poderei mais ver Rufus? – perguntou a menina da porta.

Lady Harvey franziu a testa.

– Você ainda vai vê-lo na igreja.

Rufus deixou escapar um grito choroso de protesto, e Hope saiu depressa porque temia começar a chorar também. Ainda que muitas vezes ela se entediasse com Rufus, gostava dele e fazia muito tempo que os dois brincavam juntos. No entanto, o que mais a magoava era James tê-la avisado poucas semanas antes que ela seria deixada de lado como um brinquedo gasto quando sir William decidisse que não ficava bem seu filho continuar brincando com uma criança do vilarejo.

Hope não acreditou em James; na verdade, ela chutou a canela dele por ser tão desagradável. Mas, no fim, ele tinha razão.

A menina foi direto para a cozinha. A cozinheira tirou os olhos do rolo de massa com que estava trabalhando. Era uma mulher estranha, um pouco vesga e com uma pequena corcunda nas costas, mas Hope gostava dela.

– Olá, biscoitinho – disse a cozinheira com seu jeito afetuoso de sempre. – Veio cedo hoje. Ou trouxe algum recado para mim?

Hope desabafou, contou-lhe brevemente o que acontecera.

– Então, tenho que ir embora – concluiu. – Não me querem mais aqui.

Dizê-lo assim sem rodeios a fez chorar e a cozinheira a puxou para um abraço.

– Ora, ora... Eles precisam transformar o Sr. Rufus em um homenzinho para quando ele for embora para o colégio interno. Mas não se engane, ele vai sentir sua falta, e não duvido que implique com essa governanta nova por causa disso. Talvez lady Harvey chame você novamente.

– Não vou voltar mesmo que ela me chame – retrucou Hope, orgulhosa, fungando para reprimir as lágrimas. – Onde está Nell?

– Já foi para casa – disse a cozinheira, tirando um biscoito recém-assado da bandeja e entregando-o a Hope. – A tarde de folga dela agora é às segundas-feiras.

Hope teve vontade de chorar novamente ao ouvir aquela notícia, mas engoliu as lágrimas, despediu-se da cozinheira e foi embora.

O caminho para casa era pela passagem na cerca atrás das estrebarias, atravessando o padoque até o bosque, mas ela mudou de ideia quando chegou à cerca, retornou contornando a lateral da casa e seguiu pelo caminho da entrada. Parte disso era porque queria ver Nell, e a casa dela ficava no caminho, mas sobretudo era um gesto de desafio, pois sabia que podia ser vista claramente da casa. Não ia se esquivar pela floresta. Se nunca mais pusesse o pé em Briargate, pelo menos a última vez em que sáísse seria pela entrada principal.

O caminho era muito mais comprido do que esperava, pois nunca havia passado por lá. Semanas antes, ouvira os pais conversarem quando estava no mezanino. O pai dissera que já estava na hora de Nell e Albert convidá-los para visitar sua casa. Era natural que eles quisessem estar com tudo arrumado antes de convidar alguém, mas achava que seis meses já bastavam para isso.

A casa do portão ficava junto à entrada da propriedade e fora construída muito antes de Briargate. Era uma pequena construção de pedra de aparência bastante severa, com janelas de vidro em caixilhos de chumbo e uma cerca de estacas de madeira branca. No tempo de sir Roland Harvey, havia alguém lá o dia inteiro para abrir e fechar os portões quando os visitantes entravam e saíam, mas isso deixara de ser feito uns vinte anos antes e os portões foram retirados. Até Nell e Albert se mudarem, a casa ficara vazia por muitos anos.

Nell abriu a porta segundos depois que Hope bateu e ficou atônita ao ver a irmã caçula.

– Hope! O que a traz aqui?

– Milady não me quer mais em Briargate – desabafou Hope, e logo desatou a chorar.

– Ora, deixe disso – pediu Nell, abraçando-a e levando-a para dentro de casa. – Entre e me conte tudo.

Entre soluços, Hope explicou o que havia acontecido.

– Agora estou sendo posta para fora como se fosse lixo!

Ficou surpresa ao ver lágrimas nos olhos de Nell, e Hope se sentiu melhor ao ver que a irmã também sentia a injustiça.

– Eu temia que isso pudesse acontecer – disse ela.

E admitiu que ela e seus pais nunca acharam que fosse uma boa ideia desde o início, depois acrescentou que agora Hope tinha 9 anos e, de qualquer modo, era muito grande para brincar com Rufus.

Preparou uma xícara de chá, e foi só então que Hope começou a olhar ao redor.

Era a casinha mais limpa e organizada em que já tinha estado. A mesa estava quase branca de tão esfregada; o piso de pedra também. O fogão parecia novo, como se Nell tivesse acabado de poli-lo com grafite. Não se via nada fora de lugar ou torto. As duas cadeiras junto ao fogão tinham almofadas cuidadosamente acomodadas; o tapete de retalhos na frente da lareira nem tinha sido pisado. As prateleiras onde ficavam pratos, panelas e frigideiras eram afestoadas com tiras de papel azul e branco. Até o pano de prato estava dobrado com cuidado. Pairava no ar um cheiro de algo assando no forno, mas não se via qualquer sinal de preparação. Até as facas, os garfos e as colheres de estanho estavam dispostos em uma caixa como se fossem uma fileira de soldados. Todos brilhando.

– Você fez tudo ficar muito bonito – disse Hope, mas no fundo ela achava aquela ordem toda um pouco aflitiva. – Imaginamos que você ainda estava ocupada arrumando a casa, já que não nos convidou para uma visita.

– Não tenho tempo – respondeu Nell, um pouco depressa demais. – Além disso, a casa é muito pequena para virem todos.

Até onde Hope podia ver, a casa de Nell era maior que a dos pais e tinha um bom fogão e



uma pia de verdade. Mas ela estava ansiosa para ver tudo e subiu correndo pela escada estreita que ficava num canto.

O andar de cima não se resumia a um mezanino como na casa de Hope; o quarto de Nell possuía inclusive porta e janelas. Uma cama de ferro, um lavatório com uma jarra e uma bacia e um baú de madeira eram as únicas mobílias, e as paredes eram caiadas como no andar de baixo. Novamente, tudo estava muito arrumado. A colcha na cama não tinha um franzido sequer; as cortinas pendiam em dobras precisas; e as tábuas de madeira tinham um leve brilho, como se estivessem enceradas. O segundo quarto no andar de cima estava vazio.

– É para o bebê? – perguntou Hope. – Para quando você tiver um?

– Se eu conseguir ter um – disse Nell. – Então, o que achou da minha casa nova?

– É muito limpa – respondeu Hope, na falta de um elogio de verdade.

– Albert gosta das coisas assim – afirmou Nell, alisando a colcha já lisa como se estivesse nervosa. – Mas você tem que ir para casa, Hope. É uma longa caminhada daqui, e nossa mãe vai ficar preocupada se você chegar tarde.

Minutos depois, Hope seguia para o vilarejo, cortando caminho pelas terras de Hunstrete House em vez de voltar para Briargate. Mesmo tão jovem, Hope sabia que Nell não estava preocupada com a hora que ela chegaria em casa. Simplesmente não a queria lá quando Albert chegasse.

Poucos meses depois da última visita de Hope a Briargate, ela se viu lembrando da data como o dia em que tudo mudara. Não foi só o fato de não poder mais brincar com Rufus, ou de deixar de ver Nell, Ruth e James com tanta frequência, mas por ter que trabalhar.

Naturalmente, ela sempre tivera que ajudar o pai na fazenda na época da colheita, virar o feno ou semear a terra. Seus irmãos mais velhos faziam o mesmo; era o costume das famílias no campo. Mas, no passado, a ajuda de Hope só tinha sido necessária para as tarefas mais leves; ia às aulas todos os dias com o reverendo Gosling e depois tinha o resto do dia livre para fazer o que quisesse.

Mas suas aulas terminaram de repente e sem explicação. Ela passou a ter que trabalhar tão duramente quanto Joe e Henry, saindo com eles de manhã mesmo quando estava chovendo e fazendo frio. E, nos dias em que ficava em casa, tinha que lavar roupa, limpar a casa e ajudar na cozinha.

– Se não trabalhar, não terá o que comer – retrucou a mãe asperamente quando ela se queixou. – É assim que as coisas são, Hope, e quanto mais cedo você entender isso, melhor.

Hope sabia que o dinheiro estava mais curto desde que Nell e Matt tinham se casado e não ajudavam mais com as despesas da casa. James e Ruth ainda davam os salários deles à mãe, e Alice e Toby contribuía com o que podiam. Mas não ganhavam muito, e Alice e Toby vinham para casa tão raramente que Meg tinha que esperar semanas por meros 2 xelins.

Ela também já havia percebido que os pais estavam envelhecendo e ficando cansados. Nenhum dos dois tinha a força de antes. O reverendo Gosling chamara-lhe a atenção para o fato de que sua mãe já tinha 45 anos, seu pai era dois anos mais velho, e, além disso, pagavam o preço de uma vida de trabalho pesado e dificuldades. Explicou com bastante severidade que muitas meninas de 9 anos e até bem mais novas tinham que trabalhar tão duro quanto os adultos, e que ela deveria agradecer a Deus pela oportunidade de desfrutar da infância e frequentar sua pequena escola por quatro anos.

Então Hope aguentava tudo sem reclamar, mesmo quando parecia que suas costas iam se

quebrar de tanto se curvar o dia inteiro colhendo morangos, ou que seus braços estavam sendo arrancados dos ombros enquanto arrastava sacos cheios de batatas por todo um campo, apenas murmurando xingamentos. No entanto, não era só o novo trabalho árduo que a incomodava: era a perda da posição o que realmente lhe doía.

“Nossa bebê” era uma frase que ouvia a seu respeito desde que era capaz de lembrar. Todos na família a chamavam assim, exceto Joe e Henry, e era uma maneira amorosa de reconhecer que ela desfrutava de um lugar especial. Todos cuidavam para que estivesse sempre bem agasalhada, tivesse o suficiente para comer e não ficasse cansada demais. Sua mãe e Nell providenciavam roupas decentes e botas do tamanho certo, e seu pai e Matt haviam feito bonecas de madeira e pendurado um balanço para ela na macieira. Hope aprendera a ler e escrever mais rápido do que os irmãos – embora nenhum deles tenha estudado mais de dois anos com o reverendo Gosling, ela estudou durante quatro – e era a responsável por ler os avisos e os ocasionais jornais, pois lia muito melhor do que todos. Até ter sido escolhida para brincar com Rufus a fazia se sentir privilegiada, pois Henry era apenas um ano mais velho.

Durante os dois anos em que frequentou Briargate, Hope foi o foco das atenções. Precisava estar bem-vestida para ir lá e, nos primeiros dias, tinha que ser levada e buscada, e todos na família queriam saber o que tinha feito e o que lady Harvey lhe dissera.

Agora não era mais nada. Tinha que usar seu vestido velho para trabalhar, e não havia necessidade de perguntarem sobre seu dia porque já sabiam. Não gostava muito das aulas do reverendo Gosling, mas aprendia coisas sobre as quais poderia conversar com os pais quando chegasse em casa.

O pior, contudo, era saber que nada mudaria até entrar para o serviço doméstico, que seria ainda pior.

– Meg, sente-se aqui comigo – chamou Silas quando viu a esposa olhando pela porta, procurando por ele.

Era setembro e o sol já estava começando a se pôr. Silas fumava o cachimbo no banco debaixo da macieira, observando o céu ficar rosado. No campo, junto à margem do rio, os coelhos comiam enquanto uma coruja, empoleirada em um poste da cerca, observava, à espreita. Tudo era exatamente como deveria ser: as galinhas dentro do galinheiro para passar a noite; Hope, Joe e Henry já dormindo no mezanino; e eles haviam tido um bom jantar de frango e bolinhos de maçã. Mas Silas não conseguia apreciar a paz ou a vista porque estava preocupado.

Meg aproximou-se pela relva carregando uma jarra de sidra. Entregou-a ao marido e sentou-se ao seu lado.

– Amanhã faz um ano que Nell se casou. Acha que a perdemos para sempre?

Silas não respondeu de imediato, sobretudo porque não era isso que o preocupava. Tinha consciência de que Nell nunca mais fora visitá-los, mas uma esposa tinha que obedecer aos desejos do marido, e, se Albert queria Nell em casa em seu tempo livre, então Silas tinha que aceitar isso. Mas sabia que Meg não via a situação da mesma maneira.

– Sei que você sente falta dela – disse ele, por fim. – Mas ela escolheu Albert e agora os dois têm a própria vida para construir. Pelo menos a vemos na igreja todos os domingos.

– Talvez seja diferente quando ela tiver um bebê – supôs Meg, esperançosa.

– Talvez. – Silas suspirou porque realmente não acreditava nisso. – Mas é com Hope que estou preocupado. Ela está diferente.

– Ela vai ficar bem, vai se acostumar ao trabalho como todos nós tivemos que nos

acostumar. Nós devíamos ter feito a transição com mais suavidade, fazendo-a deixar de ir à casa dos Harveys um ano atrás, mas o que está feito está feito. Temos que ensinar a ela que, para gente como nós, não existe um caminho fácil.

Silas observou a esposa e se perguntou, como tantas vezes antes, como ela conseguia ser tão conformada. Quando se apaixonaram, os dois acreditavam que um dia teriam uma pequena fazenda, mas lá estavam eles 26 anos depois ainda suando a camisa para ganhar uma miséria. Quando estivesse velho demais para trabalhar e eles não tivessem dinheiro para pagar o aluguel, seriam jogados na paróquia.

Mas Silas sabia que haviam sido abençoados: tinham um ao outro, seus filhos eram saudáveis e fortes, os cinco mais velhos estavam todos bem empregados e dois deles já estavam casados. Ele esperava arranjar bons ofícios para Joe e Henry.

Hope era a única que o preocupava porque não era uma Renton nem pelo sangue nem pela natureza.

– Ela nunca vai ter jeito para o serviço doméstico nem para o trabalho no campo – desabafou Silas. – É esperta demais. Vejo-a às vezes questionando tudo; essa centelha dentro dela nunca a deixará obedecer cegamente como sempre fizemos. E é bonita demais.

– Talvez com a leitura, a escrita e as contas que sabe fazer ela encontre trabalho em Bristol ou Bath – disse Meg, confiante.

– Mas a cidade é perigosa.

– Há perigos em todos os lugares. – Meg segurou a mão dele e acariciou-a carinhosamente.

– Nós ensinamos a ela o que é certo e errado e a amamos como se fosse nossa. Não podemos fazer mais do que isso.

Silas bebeu o resto da sidra enquanto o sol descia atrás da colina.

– Nós podíamos procurar lady Harvey e dizer que Hope é filha dela... Fazê-la se comprometer a ajudar a menina quando for preciso.

Meg ficou escandalizada.

– Como pode pensar uma coisa dessas, Silas?! – exclamou. – Não podemos fazer isso! Ela vai pensar que estamos tentando chantageá-la. Nell, Albert, James e Ruth, todos perderiam seus empregos. Você provavelmente também perderia o seu.

– Não acredito que ela faria tal coisa! Não depois dos bons serviços que nossa família lhe prestou.

– Não conte com isso. – Meg fez uma careta. – Uma mulher com um segredo desses é um animal perigoso.

1843

– Meu pai já deveria estar de volta a esta hora!

Hope olhava pela janela para a chuva forte que caía. Seu pai tinha ido a Bristol três dias antes numa carroça para buscar algumas mercadorias de um navio nas docas e deveria voltar à noite.

A mãe suspirou, pois não era a primeira vez que Hope falava aquilo.

– Os navios às vezes atrasam quando o tempo está ruim – explicou. – Mas ele não deve ter gostado de ficar em Bristol; sempre diz que é um lugar barulhento e sujo.

– E o que Joe e Henry estão fazendo? – perguntou Hope em tom irritado. – Com certeza, não devem estar trabalhando com esta chuva toda...

Os irmãos de Hope já tinham 13 e 12 anos. O plano de Silas de colocá-los como aprendizes de um ofício não fora bem-sucedido, porque ele não conseguira dinheiro para os contratos. O reverendo Gosling fez o que pôde para encontrar lugares para eles como jardineiros, cavaleiros ou lacaios, mas não teve sorte. Portanto, até que algo melhor aparecesse, ocupavam-se com trabalhos esporádicos em fazendas; no momento para o Sr. Francis de Woolard, o fazendeiro que havia mandado Silas para Bristol.

– As vacas precisam ser ordenhadas faça chuva ou faça sol – respondeu Meg, brusca. – Mas talvez tenham perdido algumas e tiveram que sair procurando por elas.

O outono chegara cedo naquele ano, com ventos fortes e tempestades tão pesadas e prolongadas que o rio Chew transbordou. O moinho do vilarejo foi inundado, e perdera-se grande parte dos grãos armazenados ali. Em Woolard e Publow, a água invadiu várias casas. Disseram que uma criança caiu na enxurrada em Pensford e se afogou. Todos se uniram para levar o gado e as ovelhas para terrenos mais altos, mas muitos animais pereceram antes de chegar lá.

À noite, Hope ouvia o rio correndo no vale perto da casa e, embora soubesse que a água dificilmente chegaria ali, ainda assim era assustador. O mau tempo tornava muito mais difíceis todas as tarefas diárias: todos ficavam encharcados quando iam alimentar as galinhas, voltavam para dentro de casa sujos de lama grossa, o que significava mais trabalho, e, quando a madeira que traziam estava molhada, não queimava.

A horta havia sido destruída, as maçãs e as peras tinham caído antes da hora e apodreciam rapidamente. Apenas parte do feno havia sido cortado antes das chuvas, e o resto se estragou. Lá embaixo na taberna, os velhos fumavam seus cachimbos e profetizavam que um inverno rigoroso viria em seguida e todos teriam que apertar os cintos.

Hope sabia o que isso significava, pois os últimos dois anos tinham sido sombrios. Ela não se ressentia mais por ter que trabalhar tanto, principalmente ajudando o pai nas fazendas, porque agora entendia a necessidade disso. Era esperado que a esposa e os filhos dos trabalhadores rurais o ajudassem em períodos difíceis, e, embora não houvesse um salário extra, muitas vezes havia algum tipo de recompensa, como uma ou duas galinhas poedeiras, um saco de batatas ou

um saco de farinha de trigo. Mas a recompensa, por mais bem-vinda que fosse, não era tão importante quanto conservar a boa vontade do fazendeiro.

A vida era incerta para todos os trabalhadores: se não houvesse trabalho, não podiam pagar seus aluguéis, o que poderia significar despejo e, no final, o asilo de pobres. A única maneira de garantir que tivessem trabalho era fazendo-se mais valiosos do que os outros. A esposa e várias crianças dispostas a ajudar contribuía para isso.

Desde pequena, Hope sentia um calafrio sempre que alguém falava sobre o asilo de pobres ou o asilo paroquial mesmo sem saber de que se tratava, ou mesmo onde ficavam. Mas agora tinha visto o tristonho edifício de pedra cinza nos arredores de Keynsham e observado a miséria estampada no rosto dos indigentes, que precisavam bater àquela porta à procura de abrigo.

Essa era uma ameaça muito real para sua família. A colheita do ano anterior fora fraca, e aquele período de mau tempo era um desastre em potencial.

Não foi apenas a colheita dos Rentons que havia sido destruída; a maioria dos fazendeiros também havia perdido as deles. Sem ter o que vender no mercado e sem feno armazenado para os animais durante o inverno, eles seriam obrigados a vendê-los ou vê-los morrer de fome. E então não precisariam contratar trabalhadores.

No inverno anterior, quando a neve permanecera no chão durante semanas, a família vivera de nabos e batatas porque não tinha dinheiro para comprar carne. Os meninos colocaram armadilhas para coelhos sem sucesso e, noite após noite, todos iam dormir com fome. Se caísse muita neve no próximo inverno, nem sequer teriam os legumes para se garantir.

– Vamos à fazenda dos Merchants amanhã para ver se o bebê já nasceu? – perguntou Hope, querendo animar a mãe, que parecia bastante taciturna.

O primeiro filho de Matt e Amy, Reuben, nascera no ano anterior. Um segundo filho era esperado a qualquer momento, mas havia inundações em torno da fazenda.

– Acho que é melhor esperar a água escoar... – Meg suspirou, porque estava tão ansiosa por notícias quanto Hope. – Amy tem a mãe dela para ajudar, então vai ficar bem, e Matt viria a cavalo até aqui se precisasse de nós.

– Por que Nell ainda não teve um bebê? – perguntou Hope.

– Perguntas, perguntas, perguntas, é só o que você faz – reclamou Meg. – O bom Deus é que decide quem deve e quem não deve ter bebês.

Hope calou-se. Percebia havia algum tempo que seus pais não estavam satisfeitos com o casamento de Nell e Albert, pois sempre que Hope perguntava algo sobre eles a resposta era invariavelmente ríspida. A família só tinha sido convidada para a casa do portão uma vez, e isso acontecera dezesseis meses antes, em um domingo. Nell tivera muito trabalho, cozinhando cordeiro assado, vários legumes diferentes e torta de maçã de sobremesa, mas a refeição fora ofuscada pelas observações críticas de Albert sobre a habilidade dela na cozinha e pelo nervosismo de Nell.

No entanto, antes disso eles já suspeitavam que Albert maltratava a esposa. Nell raramente ia visitar a família, e quando ia, nunca ficava mais de meia hora. Na igreja aos domingos, ela muitas vezes parecia tensa e ansiosa ao lado do marido. Albert era bastante educado, mas altivo, como se considerasse a família dela inferior a ele. Ruth contou que Nell nunca mais se demorou no corredor dos criados depois do trabalho para conversar, e, mesmo quando as irmãs estavam sozinhas, Ruth revelou que Nell parecia incapaz de manter uma conversa de verdade, pois ela começava todas as frases com “Albert disse que...”, dando a impressão de ter perdido a capacidade de pensar por conta própria.

Poucos meses antes, Hope havia ido à casa de Nell e perguntado sem rodeios se ela era feliz

com Albert. “Ele é um bom marido”, respondera a irmã, o que não era exatamente uma resposta à pergunta feita.

A luz do dia já estava desaparecendo quando Silas finalmente chegou em casa. Hope acendia as velas quando o ruído do trinco da porta a fez virar a cabeça e ver seu pai na entrada, sob a chuva que caía aos borbotões.

Meg sobressaltou-se, pois a fisionomia contraída revelava que Silas estava exausto e gelado até os ossos.

– Graças aos céus, você está de volta – disse ela, apressando-se a retirar o saco encharcado dos ombros dele. – Precisa despir essa roupa molhada agora! Hope, atice o fogo e faça um pouco de chá!

Meg tirou a roupa do marido como se ele fosse uma criança pequena. Assim que o instalou junto ao fogo embrulhado num cobertor, uma bebida quente na mão e os pés dentro de uma bacia com mostarda e água quente, ela o interrogou sobre sua viagem a Bristol.

– O navio não havia sido descarregado, então tive que ficar em uma hospedaria. Foi horrível.

Meg levou-o para a cama porque ele estava tremendo muito, mas Silas agarrou sua mão e tentou lhe contar o que tinha acontecido. Não falava de modo inteiramente coerente nem conseguia completar as frases, mas as palavras que usava e a repulsa em sua voz pintavam uma imagem muito vívida para Meg e Hope sobre onde ele havia ficado.

– Doze ou mais homens em um quarto imundo. Palha suja. Sujeitos grosseiros e repugnantes, embrutecidos de tanta bebida. O jeito deles me embrulhou o estômago. Animais se comportam melhor.

Meg lavou o rosto e as mãos do marido com ternura, aconchegando-o nos cobertores e acalmando-o ao lembrar que estava seguro em casa, finalmente. Contudo, embora a voz dele se reduzisse a pouco mais do que um murmúrio rouco, ele parecia agoniado por fazê-la entender o que tinha passado.

Hope estivera em Bristol duas vezes, ambas durante o dia e com o tempo bom. Porém, por mais emocionante que tivesse achado o passeio, não se esqueceu das hordas de mendigos, do barulho, do fedor e do tumulto assustador daquele lugar. Não era difícil imaginar como ela se sentiria se estivesse sozinha, no frio e ensopada até a alma, obrigada a permanecer nas docas por três dias sem ter a quem pedir ajuda.

Seu pai falou dos ladrões que espreitavam camponeses crédulos, das crianças mendigas esfarrapadas e esfomeadas que o atormentaram depois de vê-lo dar alguns centavos para uma delas. Disse que em todos os cantos havia meretrizes com muita maquiagem que o menosprezaram em altos brados quando as ignorou. E o tempo todo havia o medo de que um dos muitos homens embriagados e violentos atacasse um trabalhador simples do campo como ele apenas pelos poucos xelins no seu bolso, talvez até por sua carroça e seu cavalo.

Alguém na hospedaria roubou seu dinheiro durante a noite. Na manhã seguinte, outro homem tentou fugir com suas botas, e ele teve que correr descalço atrás do ladrão e lutar para recuperá-las. Disse que teria voltado para casa naquele momento se não soubesse que o Sr. Francis deixaria de lhe dar trabalho e aos meninos se o fizesse. Então esperou para recolher as mercadorias do navio, frio, todo molhado, com fome e amedrontado. Afirmou que nunca mais voltaria lá.

No entanto, apesar de faminto, só conseguiu tomar metade da tigela de ensopado antes de

voltar a afundar no travesseiro. Ainda estava tremendo, e queixou-se de dor na cabeça e nas costas, então Meg pegou mais cobertores e colocou um tijolo quente nos pés dele.

Joe e Henry voltaram um pouco mais tarde, igualmente encharcados e desanimados porque o Sr. Francis não os pagou, nem ao menos lhes dera alguma coisa para comer.

– Fizemos o trabalho de um adulto, então devíamos receber o pagamento de um adulto – disse Joe, indignado. – O Sr. Francis ficou o dia inteiro reclamando que nosso pai ainda não tinha voltado. Acho que Henry e eu vamos ter que ir para Londres para procurar trabalho. Não há nada para nós aqui.

Os meninos se deitaram logo após a ceia, mas Hope ficou com a mãe, percebendo sua preocupação. Mesmo à luz de velas, Hope podia ver que o pai não estava nada bem. Parecia ter adormecido, mas ainda tremia bastante, e gotas de suor brilhavam em sua testa.

– Ele é um homem forte, vai ficar bem depois de uma boa noite de sono – disse Meg, mas havia certa descrença em sua voz.

Hope acordou no meio da noite ouvindo a mãe atizar o fogo e sentindo o cheiro de roupa secando. Estava escuro e ainda chovia.

– O pai está melhor? – sussurrou enquanto descia pela escada do mezanino.

Meg balançou a cabeça.

– Ele não vai poder trabalhar por um dia ou dois. Está muito mal.

Hope foi até a cama no canto e, embora a luz da vela não iluminasse muito bem, achou que o rosto do pai parecia muito magro.

– Você dormiu, mãe? – perguntou.

– Eu me deitei ao lado dele por um tempo, mas estava quente demais. – Meg suspirou. – Não pude tirar nenhuma coberta porque seu pai ainda estava tremendo, então sentei na cadeira.

– Suba e vá para a minha cama – sugeriu Hope. – Eu cuido dele.

– Me acorde assim que clarear, e continue virando as roupas dos meninos até ficarem secas. Não quero que eles peguem um resfriado também – disse Meg com a voz cansada. – Se seu pai acordar, dê a ele um pouco de água. A primeira coisa que vou fazer é descer para ver Lizzie Brierley e ver se ela pode me fazer uma daquelas misturas.

Para Hope, aquilo foi a confirmação de como sua mãe estava assustada, pois costumava desdenhar das misturas que Lizzie fazia.

Durante os quatro dias seguintes, Hope viu seu pai piorar. Febril, segurava a cabeça nas mãos dizendo que doía, e mal conseguia se levantar para fazer suas necessidades. Meg medicava-o com a mistura que tinha obtido de Lizzie e uma das próprias infusões de ervas, boas para as febres. Molhava-o com uma esponja quando estava muito quente e colocava um tijolo quente ao seu lado quando tremia. No entanto, no quarto dia, ele estava murmurando coisas sem sentido.

– Devo ir buscar Nell? – perguntou Hope.

– Não, claro que não – retrucou a mãe. – Não é correto pedir ajuda a ninguém quando alguém está doente em casa.

– Mas Nell precisa saber que o pai está doente...

– O que os olhos não veem o coração não sente. Ela viria correndo para cá e causaria mais problemas.

Poucas semanas antes, Ruth havia afirmado que achava que Albert batia em Nell, e o pai tinha dito que se aquilo fosse verdade ele ia esganá-lo.

– Bem, devo ir buscar o médico então?

Hope estava assustada, porque o pai parecia não reconhecer as duas.

– Não temos dinheiro para o médico – respondeu Meg, os olhos sombrios de ansiedade. – Vá à padaria e veja se eles têm algum trabalho para você, enquanto isso vou aumentar fogo e tentar fazê-lo suar essa febre.

Hope sabia que a mãe devia estar desesperada por dinheiro para mandá-la pedir trabalho na padaria, pois nem ela nem Hope gostavam da Sra. Scragg, a esposa do padeiro.

A Sra. Scragg questionou Hope com insistência sobre a doença de Silas, claramente com medo de que fosse algo contagioso, e então a pôs para trabalhar do lado de fora, lavando tabuleiros de pão. No fim da tarde, Hope estava mais exausta do que se tivesse trabalhado o dia inteiro no campo. Depois de arear os tabuleiros de pão, mandaram-na limpar dois depósitos, esfregando as paredes e o piso. Tirou um balde atrás do outro de água do poço, limpou o estrume do estábulo e lavou uma enorme pilha de aventais. Por tudo isso, recebeu 1 xelim e uma bisnaga de pão.

Sua mãe parou Hope na porta quando ela chegou em casa.

– Não entre – disse ela. – Seu pai está agora com uma vermelhidão na pele; você e os meninos têm que dormir na casinhola até que ele melhore.

– É escarlatina, como com Violet e Prudence? – perguntou Hope, as lágrimas brotando de seus olhos porque sentia que a mãe estava com medo de que ele fosse morrer.

– Quem dera fosse isso, homens adultos superam essas coisas – respondeu Meg, cansada. – Vá procurar o médico, Hope. Explique qual era a condição de seu pai quando voltou de Bristol e diga que está delirante agora e que a vermelhidão é do tipo “amora”. Ele vai saber o que isso significa. Não espero que venha ver seu pai, mas ele pode lhe dar algum remédio se você lhe der esse xelim.

O Dr. Langford morava em Chewton, um vilarejo no caminho para Keynsham, a pouco mais de três quilômetros dali. Hope era muito pequena quando Violet e Prudence morreram para se lembrar do médico que os visitou, mas muitas vezes viu o homem baixo e gorducho de cartola na igreja ou atravessando o vilarejo em seu cabriolé. Sua mãe dizia que, anos antes, ele havia cuidado de um braço quebrado do pai e, como eles não tinham dinheiro para pagar, deram-lhe uma galinha. Por causa disso, Hope imaginou que ele fosse um homem bondoso e, enquanto descia correndo para o vilarejo e subia a Fairy Hill, perguntava a si mesma se ele lhe daria algo para beber ou até para comer e se não se incomodaria de levá-la de volta para casa no cabriolé.

Esse devaneio se dissipou quando a senhora que atendeu à porta pediu que Hope esperasse do lado de fora depois que contou que o pai estava doente.

O médico saiu para vê-la imediatamente. Ele usava um colete vermelho extravagante e parecia muito mais baixo sem a habitual cartola. Assim que ela começou a descrever os sintomas, Hope notou que ele ia se afastando para dentro de casa.

– Quer dizer que ele já estava doente quando voltou de Bristol? E isso foi há quatro dias?

Hope assentiu.

– Ele passou por uma situação horrível porque teve que dormir em um quarto sujo nas docas com vários outros homens. Estava tremendo muito, mesmo depois que mamãe o fez deitar na cama. Agora ele parece que nem nos conhece!



O médico ficou preocupado.

– Diga a sua mãe para manter o quarto bem arejado e as janelas abertas. Ela deve tentar fazer seu pai beber água e caldo, e ferver toda a roupa suja. Vou preparar um remédio para ele, mas você e seus irmãos devem se manter afastados.

– Mamãe já nos mandou ficar na casinhola – disse Hope. – É muito sério?

O médico pareceu não saber como responder.

– Seu pai é um homem forte, então podemos ser otimistas. Mas espere um pouco, vou buscar um remédio para ele.

– Ela é a irmã mais nova das duas meninas que morreram de escarlatina, não é? – perguntou a esposa do Dr. Langford quando ele entrou em casa. – Você sabe o que o pai tem?

– Espero estar enganado, mas parece tifo – respondeu o médico, franzindo a testa e dirigindo-se ao seu armário, que guardava vários tipos de medicamentos, unguentos e pomadas.

– Houve um surto de tifo no abrigo dos pobres recentemente e, claro, a prisão de Bristol nunca deixa de ter casos.

A Sra. Langford estremeceu só de pensar.

– Mas os Rentons não vivem na miséria. Dizem que a casa deles é um modelo de limpeza!

O médico suspirou.

– Ele deve ter pego a doença na hospedaria imunda onde teve a infelicidade de procurar abrigo. Alguém que provavelmente a trouxe de um navio ou uma prisão. A esta altura a esposa dele deve estar infectada, talvez os filhos também.

– Ah, meu Deus! Você não tocou nela, não é?

O médico lançou-lhe um olhar fulminante, chocado pelo primeiro pensamento da esposa ter sido tão egoísta. Mas não se sentiu à vontade para repreendê-la por falta de compaixão, quando ele próprio não tinha a intenção de se arriscar indo à casa dos Rentons.

– Claro que não. Mas eu gostaria que você colocasse alguns mantimentos em uma cesta para a menina levar para casa. Conhaque, talvez, e alguns alimentos nutritivos que possam estimular o apetite deles. Vou mandar um pouco de beladona para desacelerar o pulso de Silas e melhorar a dor de cabeça, mas, infelizmente, é só o que posso fazer.

– Não vou embora – disse Hope com firmeza, entrando na casa. – Você também está doente, mãe, e vou cuidar de você.

Já fazia dez dias que seu pai voltara de Bristol e, até então, a menina tinha feito tudo o que a mãe pedira. Cuidava dos animais, cortava lenha, tirava água do poço e dormia na casinha do lado de fora sozinha todas as noites.

Joe tinha ido a Briargate e à fazenda dos Merchants para contar ao restante da família que o pai estava doente e que todos deveriam ficar longe. A mãe até insistiu para que Joe e Henry dormissem no celeiro da fazenda em Woolard em vez de voltar para casa.

Hope não conseguia entender por que Nell não viera, a despeito das instruções da mãe. Sabia que lady Harvey provavelmente insistira para que Nell obedecesse porque receava que a doença chegasse a Briargate e Rufus, mas aquilo não era do feitio dela. Hope esperara que Nell ao menos tivesse vindo até o portão com um pouco de comida e perguntado se havia alguma coisa que pudesse fazer.

Matt viera dar a notícia de que Amy tinha dado à luz uma menininha e trouxera leite e queijo. Ele gritou lá da rua para que abrissem a janela. A mãe ficou brava e mandou que ele fosse embora, fazendo-o prometer que não voltaria até que Silas estivesse bem novamente. Mas, na realidade, Meg ficou contente por Matt ter vindo, e Hope achou que ela gostaria que Nell fizesse o mesmo, intimamente responsabilizando Albert pela ausência da irmã.

Hope detestava dormir sozinha do lado de fora. Fazia frio e a palha que lhe servia de cama estava molhada. Fora isso, estava com medo, porque tinha ouvido os delírios incoerentes do pai e o choro da mãe.

Na noite da véspera, porém, quando foi até a porta para apanhar algo para jantar, viu que a mãe também estava doente. Ela andava cambaleando, com a testa molhada de suor e o olhar vazio. Hope fez o que ela pediu e foi buscar mais um balde de água e mais lenha antes de voltar para a casinhola, mas passou a maior parte da noite acordada de tanta ansiedade. De manhã, decidiu que ia desobedecer à mãe.

– Você só tem 11 anos, é muito criança para cuidar de nós e tenho medo que fique doente também – disse Meg, tentando fechar a porta e impedir a filha de entrar.

– Não sou tão criança para saber que você precisa ficar na cama – argumentou Hope, passando pela porta antes que Meg tivesse tempo de fechá-la. – Vou ficar longe, se quiser, mas não vou deixá-los sozinhos aqui sem ninguém para ajudar.

Meg estava fraca demais para contestar. Hope subiu ao mezanino e arrastou para baixo um dos sacos cheios de palha para fazer uma cama para a mãe junto ao fogo, e a maneira como Meg se jogou nela sem discutir comprovou que estava com a mesma doença do pai, qualquer que fosse.

Hope se aproximou da cama do pai com determinação, mas recuou horrorizada diante de sua aparência. A erupção cutânea que a mãe mencionara havia seis dias dera ao rosto e ao corpo dele um aspecto manchado, com pequenas feridas que pareciam sarampo. Os dentes e as gengivas estavam cobertos de uma substância marrom, ele respirava rápido demais, quase como um cachorro ofegando, e puxava as cobertas como se estivesse delirando.

Havia um cheiro fétido vindo da cama, e Hope deduziu que ele havia perdido o controle do intestino. Por um momento, quase saiu correndo porta afora, mas olhou de relance para a mãe no colchão junto ao fogo e percebeu que, se fugisse, a mãe se forçaria a se levantar e a tomar conta de Silas. Não podia deixá-la fazer isso.

Dar banho no pai e levá-lo de volta para a cama limpa foi a coisa mais difícil que Hope já havia feito. O cheiro dava-lhe ânsias de vômito, e ele era pesado demais. No entanto, de alguma forma ela conseguiu e, depois de deitá-lo e cobri-lo outra vez, inclinou seu corpo e o fez beber um pouco de água.

Voltou as atenções para a mãe, tirando suas roupas e lavando-a com cuidado. Ela estava ardendo em febre, tremendo como o marido nos estágios iniciais da doença. Hope a fez beber água, depois aconchegou-a com os cobertores.

– Estou cuidando do pai agora, vá dormir...

Não havia apenas um lençol sujo para lavar, mas vários empilhados num canto, junto com camisolas e roupas de baixo. Lembrando-se do que o médico dissera sobre roupa suja, ela foi até a casinhola para acender o fogo sob a caldeira de cobre.

Algumas de suas primeiras lembranças eram de sua mãe ajoelhada no chão soprando as chamas e enfiando gravetos até conseguir boas labaredas. Hope sempre a ajudava no dia de lavar roupa, enxaguando as peças com água fria e limpa antes de pendurá-las no varal. O que sempre quis fazer, mas nunca teve permissão, era mexer a roupa dentro da água fervente. Era a mãe

quem sempre fazia isso com o grande bastão de cobre, e, assim que achava que as roupas estavam limpas, pescava as peças fumegantes, uma de cada vez, e as jogava numa grande bacia.

Foram necessários oito baldes de água para encher a caldeira antes de poder acender o fogo, o que não era tão fácil quanto a mãe fazia parecer. Hope torceu um papel e o acendeu, depois adicionou pequenos gravetos secos, um por um, mas a chama apenas tremeluzia e morria. Tentou repetidas vezes, por mais de uma hora, cada vez com um pouco mais de papel, mas ainda assim o fogo se apagava, por mais que soprasse.

Hope sentiu vontade de chorar. Os lençóis tinham que ser fervidos e, se não conseguisse, não haveria outros limpos caso o pai os sujasse outra vez. O médico insistira para que fossem fervidos, o significava que lençóis sujos eram perigosos – talvez carregassem a doença.

Em meio à frustração, bateu na caldeira com o bastão, e foi só então que notou uma pequena alavanca ao lado da fogueira. Empurrou-a e, para sua surpresa, viu que um pequeno alçapão se abria na parte de trás, evidentemente para deixar o ar entrar, pois sentiu uma leve corrente.

Voltou a tentar acender o fogo e, para sua satisfação, os gravetos finalmente começaram a queimar. Acrescentou mais e mais, e só quando teve certeza de que o fogo estava grande o suficiente é que começou a raspar o sabão.

Isso também não foi nada fácil. Hope cortou os dedos duas vezes antes de conseguir, mas, no fim, o sabão estava na água e ela podia pôr a roupa para ferver.

No fim da tarde, Hope estava exausta. Além de correr de um lado para outro oferecendo água aos pais, lavando o rosto deles, dando comida para as galinhas, recolhendo os ovos e ordenhando a vaca, tinha alimentado constantemente o fogo da caldeira com mais lenha. Levou umas duas horas até a água começar a ferver, e era muito mais difícil mexer a roupa com o bastão de cobre do que pensava.

Tirar a roupa lavada da caldeira era ainda mais complicado, e Hope se respingou diversas vezes com a água quente. Além disso, era preciso fazer várias viagens ao poço e, quando terminou, as mãos dela estavam vermelhas e esfoladas.

Pelo menos o tempo estava bom naquele dia, com um vento bastante forte para secar tudo. Quando toda a roupa estava pendurada, recebeu instruções da mãe para fazer um pouco de caldo com um pequeno pedaço de carne que um vizinho deixara no portão. Estava dobrando os lençóis limpos e secos quando sentiu de novo o cheiro desagradável vindo da cama do pai, e mais uma vez teve que limpá-lo e trocar a roupa de cama antes de dar-lhe um pouco de caldo de carne com a colher.

– Você é uma boa menina – sussurrou a mãe, fraca, enquanto Hope a ajudava a sentar-se e tomar um pouco do caldo de carne. – Seu pai está melhor?

Apesar de ser jovem e não ter qualquer experiência em cuidar de enfermos, Hope pressentia que Silas estava morrendo. O pai não tivera um só momento de lucidez naquele dia, e ela só conseguira fazê-lo engolir algumas poucas colheradas do caldo. Era como se o homem forte e saudável que ela amava já tivesse partido.

– Ele está um pouco melhor – mentiu, sabendo que, se dissesse a verdade, a mãe tentaria se levantar para vê-lo. – Tomou um pouco do caldo de carne. E perguntou como você estava.

Já era quase noite quando Hope ouviu alguém bater no portão com uma vara. Imaginou que fosse algum vizinho, pois havia encontrado o pedaço de carne e outras pequenas ofertas de tortas, legumes e vidros de sopa deixados na porta nos últimos dias.

Correu para fora e, com grande alívio, viu Nell na rua com uma cesta.

– Não posso entrar! – gritou ela. – Lady Harvey nunca me deixaria voltar para Briargate, e Albert vai ficar uma fera. Mas eu tinha que ver você. Como está o pai?

Hope quis correr para os braços da irmã, mas sabia que não podia.

– Ele está mal, e nossa mãe pegou a mesma doença. Estou com medo, Nell, não sei o que fazer.

Mesmo com a pouca claridade, a menina viu a expressão angustiada da irmã e sabia que ela tinha vontade de entrar e assumir o controle da situação. No entanto, por mais que precisasse de Nell, não podia deixar isso acontecer.

– Apenas me diga o que preciso fazer – pediu Hope, explicando brevemente como seus pais estavam.

– Você está fazendo todo o possível – respondeu Nell, com um tremor na voz. – Mas não deveria ter que fazê-lo, você é só uma criança. Eu deveria ter desobedecido Albert desde o início e vindo para cá há dias.

Naquele momento, Hope se deu conta de que Nell tinha medo de Albert e, apesar de já estar muito escuro para enxergar direito, achou que a face da irmã parecia machucada.

– Não teríamos deixado você entrar. Mas a mãe vai ficar feliz por você ter vindo aqui esta noite. Basta deixar a cesta aí. Vou cuidar de tudo.

Hope viu Nell se afastar, olhando para trás a todo instante, como se estivesse dividida entre o amor pelos pais e o dever para com a patroa e o marido.

Hope começou a chorar quando Nell desapareceu de vista porque entendeu o dilema da irmã. No dia anterior, sua mãe tinha dito que, se cinco anos antes soubesse que havia um surto de escarlatina no vilarejo, teria mantido Violet e Prudence em casa. E acrescentou que, se soubesse que o marido havia trazido aquela doença de Bristol, teria mandado Hope para longe.

Meg chamava aquela doença de “febre de navio” e contou que já tinha visto os sintomas quando era menina. Seu tio, que era marinheiro, a pegara, e a mãe cuidou dele. Mas Meg não disse se ele se recuperou ou não.

Mais tarde, na mesma noite, Hope se pôs de joelhos e rezou.

– Não os deixe morrer, por favor! Farei qualquer coisa, nunca mais me queixarei de nada. Mas faça-os melhorar.

Assim que abriu os olhos pela manhã, Hope teve um pressentimento ruim. Ouvia os pássaros cantando lá fora e o som do vento nas árvores, mas havia uma estranha quietude dentro de casa.

Dormira no mezanino para ficar de olho nos pais, e saiu da cama e desceu a escada tão rápido quanto suas pernas permitiam.

Foi direto para a cama do pai e parou de repente, reprimindo um grito. Não precisou tocá-lo para saber que estava morto. Seus dedos não estavam mais puxando as cobertas como nos dias anteriores. Estavam imóveis, e o rosto ficara pálido e calmo.

Instintivamente, virou-se para a mãe em busca de consolo, as lágrimas escorrendo pelo rosto, mas logo viu que dali não viria consolo. A mãe também tinha as mesmas manchas na pele e, embora parecesse estar acordada, com os olhos abertos, havia neles um vazio idêntico ao dos olhos do pai dias antes.

Hope teve vontade de gritar e bater os pés, mas, em vez disso, só conseguiu chorar. Durante todos os seus 11 anos, vivera cercada de pessoas mais velhas que a instruíam, a repreendiam, cuidavam dela, mas agora estava sozinha, e ocorreu-lhe que sua infância chegara a um final abrupto.

Precisava se comportar como adulta agora. Não havia ninguém a quem pudesse recorrer, normalmente aos gritos, como sempre fizera no passado por causa das coisas mais triviais. Chamar qualquer pessoa para ajudar seria pedir que se arriscassem a pegar a doença e espalhá-la ainda mais. De qualquer maneira, não podia deixar sua mãe sozinha para ir buscar ajuda.

Obrigou-se a passar pelas tarefas costumeiras da manhã parecia ser a única coisa a fazer. Limpou as cinzas da lareira e levou-as para fora, depois juntou a lenha e acendeu o fogo. Pôs a chaleira para esquentar e apanhou uma bacia com água para lavar o rosto da mãe.

– Já é de manhã? – murmurou Meg. – Tenho que acordar os meninos!

– Os meninos não estão aqui, mãe – explicou Hope, as lágrimas voltando a cair quando percebeu que a mãe estava delirando como seu pai havia feito. – Estão trabalhando nas fazendas. Só eu estou aqui.

Conseguiu alimentar a mãe com um pouco de leite com ovo batido, depois arrancou uma folha de papel de um caderno e escreveu em letras garrafais:

*Por favor, preciso de ajuda! Meu pai morreu e minha mãe está muito doente. Não quero que ninguém entre e corra o risco de pegar a doença também, mas pode trazer o médico? Chame e falo com você da porta.*

Assinou o bilhete e o levou para fora, pregando-o na estaca do portão para que pudesse ser visto por qualquer pessoa que passasse.

O reverendo Gosling chamou Hope mais tarde naquela mesma manhã, quando ela estava mais uma vez banhando a mãe com água fria.

Ela pousou a bacia e correu para fora. O pastor alto e severo que lhe ensinara a ler e escrever sempre a intimidara um pouco, mas Hope estava contente por ele ter vindo, porque ele sabia tudo.

– Minha querida Hope – disse o reverendo, tirando o chapéu preto de aba larga e o segurando contra o peito. O topo da cabeça era calvo, mas os cabelos brancos mais abaixo eram compridos, lisos e bastante oleosos. – Sinto muito saber que seu pai faleceu. Está sozinha com sua mãe?

Os olhos azul-claros pareciam muito mais bondosos do que o habitual, e até mesmo os lábios finos, que sempre pareciam zombar em vez de sorrir, tinham uma expressão mais suave.

– Estou, reverendo.

Ela explicou as circunstâncias da melhor maneira que pôde.

– Minha mãe insistiu que os outros deveriam ficar longe até que o pai melhorasse. Disse que era febre de navio. Ela me fez ficar do lado de fora também, mas ontem vi que ela estava doente, então entrei. O pai morreu esta manhã, e a mãe está muito mal. Estive banhando-a e dando-lhe água e caldo, mas não sei o que fazer sobre meu pai nem como fazer minha mãe ficar bem de novo.

Hope estava determinada a não chorar, mas, quando viu o reverendo Gosling se aproximar dela, com os braços estendidos para abraçá-la, não se conteve.

– O senhor não deve me tocar...

Num instante ele a estava abraçando e ela se encostou em seu peito ossudo e soluçou.

– Pobre criança – disse ele, com a voz cheia de compaixão. – Se é corajosa o bastante para cuidar de sua mãe, então posso ser corajoso para abraçá-la. Você está bem?

Ele segurou os braços dela e a afastou um pouco para observar seu rosto.

– Estou, reverendo – respondeu Hope, chorando. – Não há nada de errado comigo. E lavei

minhas mãos depois de tocar no meu pai, como minha mãe instruiu. Mas a doença está no ar, não é? Nós a respiramos.

– Não creio, pois, se fosse o caso, ela se espalharia por todo o país e ninguém seria poupado. Esta doença se desenvolve apenas em lugares insalubres e com muita gente amontoadá, como navios e prisões. Sua mãe dormiu na mesma cama com seu pai quando ele chegou em casa de Bristol?

Hope assentiu.

– Deve ter sido como ela a pegou – observou o reverendo Gosling com tristeza. – Mas é claro que Meg não tinha ideia de que Silas estava tão doente. Agora, deixe-me entrar e vê-la.

Apesar de todas as orações do reverendo Gosling e de ele ter feito a Sra. Calway vir ajudar a cuidar de Meg, a mãe de Hope morreu dois dias depois de Silas. Ela chegou a melhorar um pouco, o suficiente para perceber que o marido se fora, então pareceu perder a vontade de lutar contra a doença e morreu durante a noite. Quando o reverendo Gosling chegou na manhã seguinte, disse que talvez fosse uma bênção ela ter morrido rapidamente sem a indignidade que Silas sofrera. Hope teve que concordar, pois sabia que a mãe teria odiado que alguém precisasse limpar sua sujeira. Mas isso não diminuiu a dor de perdê-la.

A Sra. Calway lavou Meg e Silas e os vestiu. Seu marido, Geoffrey, o carpinteiro do vilarejo, fez os caixões, e Matt e James os deitaram lá dentro.

Os caixões ficaram apoiados em cavaletes, e Hope esquadrinhou os campos e bosques ao redor da casa à cata de flores silvestres para enfeitá-los. Por mais que todos a elogiassem por ter cuidado dos pais até o fim, ela continuava achando que talvez houvesse algo que poderia ter feito para evitar suas mortes.

No dia do enterro, fez-se um lindo dia ensolarado. A manhã começara enevoadá, mas a névoa logo se dissipou. Hope ficou contemplando o rio por um longo tempo antes que seus irmãos chegassem, lembrando quanto o pai sempre gostara dessa época do ano.

“Quando a colheita está terminada, e os campos, arados, tenho a sensação de que o Senhor gosta de nos recompensar com uma exibição de Sua grandeza”, ele costumava dizer, indicando as árvores em suas cores de outono com os olhos marejados de emoção.

Muitas árvores tinham tombado nas tempestades recentes, e outras tinham perdido suas folhas prematuramente, mas o vale ainda era uma mistura de tons alaranjado, amarelo, castanho, vermelho, verde e marrom. O rio, pouco visível durante o verão, revelava-se em toda a sua glória reluzente; os esquilos subiam e desciam das árvores à procura de avelãs; e a macia barba-de-velho espalhava-se sobre as cercas vivas. Hope lembrou-se de todas as vezes que colhera amoras e bagas de sabugueiro com a mãe, da maneira que ela costumava rir e segurar Hope com os braços estendidos para a menina alcançar os galhos mais altos. Era insuportável pensar que nunca mais ouviria sua risada ou veria seus pais sentados no banco debaixo da macieira nas noites de verão, as mãos entrelaçadas.

Mais tarde, naquela manhã, enquanto Matt aparafusava as tampas dos caixões, Hope olhou para a família reunida e desejou estar em um terceiro caixão.

Nell soluçava contra o peito de Albert. Amy parecia pálida e ansiosa, como se tivesse medo de que a doença ainda espregueiasse a cabana e ela a levasse para casa, para o bebê e Reuben. Matt tinha o rosto sombrio, lutando para controlar as emoções, e Ruth e Alice estavam abraçadas, enquanto James e Toby arrastavam os pés, desajeitados, sem saber o que fazer ou dizer.

Joe e Henry pareciam tensos e pálidos. Embora aos 13 e 12 anos ainda não fossem adultos, eram muito grandes para chorar, e talvez estivessem lembrando que uma das últimas coisas que disseram aos pais era que iam para Londres, pois não havia nada para eles ali.

Hope sentia-se uma estranha no ninho. Os outros dez tinham um vínculo estreito com alguém na família; Matt tinha Amy e Nell tinha Albert. Era verdade que todos a tinham abraçado e prometido que cuidariam dela, mas Hope ainda se sentia muito sozinha.

O colchão dos pais tinha sido queimado, assim como todos os sacos de palha do mezanino. Ela e Jane Calway tinham lavado e esfregado toda a casa de cima abaixo com vinagre e água. A roupa de cama tinha sido fervida, os cobertores, lavados, e as cadeiras e a mesa, esfregadas. As duas tinham queimado ervas perfumadas na lareira para livrar a casa de qualquer pestilência restante, mas aquele lugar nunca mais seria um lar.

Até então, ninguém se atrevera a falar sobre o amanhã, a próxima semana ou o mês seguinte. Decerto sabiam que a casa seria alugada para outra família, e quando isto acontecesse não haveria mais nenhum lugar onde pudessem se reunir. Pela frieza de Albert, Hope duvidava muito de que ele fosse oferecer sua casa como ponto de encontro dos Rentons. Matt e Amy só tinham um quarto na fazenda dos pais, então também não havia chance de tal convite partir deles.

James e Ruth voltariam para Briargate; Toby e Alice, para Bath. Joe e Henry possivelmente ficariam na casa do Sr. Francis. Todos aos pares, exceto ela.

Quase todos do vilarejo, e muitos das áreas vizinhas também, compareceram ao enterro em respeito a Silas e Meg Renton. O Sr. Francis, o Sr. Warren, o Sr. Carpenter e o Sr. Miles, todos os fazendeiros para quem Silas trabalhara muitas, muitas vezes, estavam lá com suas esposas. Frank e Dorothy Nichols levaram as duas filhas, além de Gareth Peregrine, os Boxes, o Nigel grandalhão de cabelo ruivo da oficina dos ferreiros e Fred Humphreys. Ramalhetes de margaridas e crisântemos haviam sido trazidos por todos os que cultivavam flores em seus jardins, e Hope pensou que eles eram muito mais bonitos e significativos do que as rosas e os cravos caros enviados por sir William e lady Harvey.

Nell, Ruth e Alice choraram durante toda a cerimônia. Apesar de Hope não ouvir nada, ela notou os ombros trêmulos e os dedos apertados em torno dos lenços encharcados. Seus olhos ficaram marejados quando o reverendo Gosling falou sobre quão devotados Silas e Meg tinham sido um para o outro, e que seus filhos eram a prova viva de seu amor e cuidado. Mas ela só chorou de verdade quando o caixão de seu pai foi descido para a cova, ao lado da pequena sepultura de Violet e Prudence, e em seguida o da mãe foi colocado em cima.

Não era porque, como as pessoas disseram mais tarde, de repente ela se dera conta de que eles tinham partido de vez. Ela soube disso no momento em que a mãe morreu. O que a fez chorar foi saber que Meg desistira de viver ao saber que Silas estava morto. Ela não podia viver sem ele, nem mesmo pelos filhos. Preferia estar no cemitério com o marido a continuar em casa vendo os filhos crescerem, casarem-se e terem os próprios filhos. Isso soava muito egoísta a Hope depois do tanto que se esforçara para mantê-la viva. Meg não percebera que a filha mais nova ainda precisava dela?

– Você vai morar comigo e com Albert – murmurou Nell para Hope enquanto consolava a irmã mais nova.

Todos estavam no jardim da casa, a família e alguns vizinhos. Por sorte, o sol estava bem quente e ninguém parecia querer entrar. Toby e Alice logo partiriam para a longa caminhada de volta a Bath, e o Sr. Francis oferecera a Joe e Henry um quarto nos estábulos e um salário para cada um se eles assumissem o trabalho que seu pai sempre fizera.

– Albert não vai me querer lá – afirmou Hope, aos soluços.

Ela o vira várias vezes lançando-lhe um olhar sombrio durante o enterro. Ele não ia querer ninguém, nem mesmo um cachorro, bagunçando sua casa extraordinariamente em ordem.

– Não seja boba – disse Nell, acariciando seu cabelo. – Albert sabe muito bem que você não pode ficar aqui sozinha. Falei com lady Harvey ontem e ela disse que não havia problema, e ainda sugeriu que talvez você pudesse ajudar na cozinha.

Hope enxugou os olhos, não porque estivesse satisfeita por alguém realmente a querer, mas porque sabia que não havia alternativa. Ninguém mais se oferecera para ficar com ela, e pelo menos ela adorava Nell e gostava da ideia de ajudar a cozinheira em Briargate. Só precisaria aguentar a presença de Albert.

Nell lavou os últimos copos e pratos, limpou a mesa e sentou-se um momento para descansar. Albert estava conversando com o Sr. Merchant, o sogro de Matt, e parecia ter esquecido que estava ansioso para ir para casa apenas quinze minutos antes.

Albert não tinha a menor ideia de como ela se sentia. Parecia ser destituído da parte que permitia à maioria das pessoas entender o sofrimento dos outros. Ela recebera mais manifestações de simpatia de lady Harvey, Baines e da cozinheira do que de Albert. Naquela manhã, ele dissera: “Você vai se sentir melhor depois do enterro.” Como se Nell pudesse apenas esquecer os 27 anos de lembranças no momento em que a terra cobriu os caixões!

A perda dos pais foi um baque terrível e, por Deus, ela desejou ter desafiado Albert e lady Harvey e ido à casa deles antes que fosse tarde demais. Talvez não pudesse ter feito nada para salvá-los, mas pelo menos não sentiria culpa por não ter cuidado deles.

No entanto, estava ainda mais envergonhada por não ter tido coragem de enfrentar Albert desde o primeiro dia de casamento e insistido em passar as tardes de folga com a família. Que direito ele tinha de dizer que o lugar dela era em casa e que seus pais não eram importantes? Em três anos de casada, só havia passado um total de cinco ou seis horas com eles, e isso principalmente no caminho de casa depois do serviço religioso. Obtinha notícias da família por intermédio de Ruth, e nem uma única vez pudera sentar-se e realmente conversar com os pais para explicar as coisas.

Imaginava que, se tivesse tido essa oportunidade, poderia ter revelado à mãe que se arrependia de ter se casado com Albert e que apanhava com frequência.

Olhou de soslaio pela porta, quase como se acreditasse que ele poderia ler seus pensamentos. Entretanto, acostumara-se tanto com o marido determinando tudo em sua vida – desde o que cozinhar até como arrumar os móveis, varrer o chão ou lavar roupa – que nem sentia mais que sua mente lhe pertencia.

Ele ainda estava entretido na conversa com o Sr. Merchant. Isso era outro traço do comportamento de Albert; ele só falava com pessoas que considerava bem-sucedidas ou de família importante, e os Merchants se encaixavam nessa categoria porque possuíam a própria fazenda. Ele certa vez observara como Matt fora “esperto” em se casar com Amy! Como se



esperteza tivesse alguma coisa a ver com isso! Matt tinha agido com o coração, nada mais.

Nell percebera com tristeza que Albert tinha se casado com ela porque era muito próxima de lady Harvey. Ele não queria morar nas dependências em cima das estrebarias com os cavaleiros, queria uma casa própria e alguém a quem pudesse dominar. Além disso, sabia que a patroa não queria perder Nell e que a casa do portão estava vazia.

Como esse plano deu certo! Uma mulher que o obedecia sem questionar, uma casa mobiliada com sobras de Briargate, e ele podia bancar o macho dominante na cervejaria em Chelwood porque era protegido por sir William.

Nell muitas vezes se perguntou o que os outros homens pensariam do “macho dominante” se soubessem que ele tinha um casamento de fachada. Não havia amor: ele dividia a cama com ela, porém nada mais acontecera. Nell achava que ele desprezava as mulheres, pois quando procurou seduzi-lo, ainda no início do casamento, ele lhe deu uma bofetada e chamou-a de prostituta suja. Ela nunca mais tentou novamente.

Quase podia resignar-se a uma vida sem amor e a ser menos do que uma criada para o marido, mas não podia aceitar que nunca teria filhos. Isso era cruel demais.

Espiando pela porta, viu Hope sentada sozinha sob a macieira, olhando a vista como se estivesse tentando guardar todas as boas lembranças que evocava. As lágrimas de Nell começaram a escorrer novamente, pois ela amava muito a irmã e não suportava vê-la tão infeliz. Desejava e precisava levá-la para casa, mas estava com medo. Albert não a queria lá.

Ele não dissera isso com todas as letras; nem podia, porque todos em Briargate, incluindo lady Harvey, contavam com que Albert acolhesse Hope. Ninguém que conhecesse a menina acharia que ela era um fardo. Na melhor das hipóteses, Albert seria considerado pouco caridoso caso se recusasse a levá-la, e, na pior, seria visto como desumano. Naquele mesmo dia, falando com Matt e James, ele agira como se gostasse da ideia de ter a menina em casa.

Mas Nell sabia a verdade. Albert pensava apenas em si mesmo e era incapaz de sentir ternura ou compaixão. Queria que sua vida fosse igual a um dos seus infelizes canteiros de plantas. Determinava o que devia entrar neles. Afastaria tudo o que não fosse exatamente como planejava, eliminaria o que ameaçasse dominar.

Hope não se adaptaria de jeito nenhum.

1844

– Depressa, Hope – sussurrou Nell. – Ele está ficando zangado.

Hope nada disse, apenas continuou a amarrar os cadarços das botinas no mesmo ritmo. Albert gostava de imitar os ricos e insistia com Nell para que pusesse formalmente a mesa do desjejum todas as manhãs e o servisse. Ele também exigia que Hope estivesse pronta para ir trabalhar antes de se juntar a ele à mesa.

A menina achava ridículo arrumar a mesa quando não havia nada para se comer além de uma fatia de pão. Seu pai costumava engolir o chá enquanto se vestia, depois apanhava um pedaço de pão e o comia no caminho para o trabalho. Ele preferia passar mais dez minutos com a esposa na cama, e nem sonharia em dar a ela o trabalho extra de pôr a mesa às cinco da manhã.

Hope não podia expressar sua opinião porque Albert descontaria a raiva em Nell, então a única forma de protesto que lhe restava era demorar muito se preparando para não ter que se sentar à mesa com ele.

Albert se levantou, a cadeira raspando o chão de pedra.

– Certo! Então não vai comer nada – disparou ele. – Nell, tire a mesa. Ela tem que aprender da maneira mais difícil.

Hope reprimiu uma risadinha. Ela não queria mesmo o pão; quando chegasse à casa dos Harveys, a cozinheira lhe daria mingau com mel.

Nell colocara o casaco dele na frente do fogo para aquecê-lo, outra exigência de Albert. Ele o apanhou com um gesto brusco e virou-se para a esposa.

– Não se atreva a dar-lhe nada – disse ele, apontando um dedo para Hope. – Vou contar o pão mais tarde quando voltar.

Saiu sem se despedir e bateu a porta. Hope riu.

Nell deu um meio sorriso porque sabia sobre o mingau, ela sempre tomava um pouco também.

– É melhor não o provocar tanto, Hope. Não pode fazer o que ele quer, por mim, pelo menos?

– Eu faria se isso o tornasse mais agradável – respondeu Hope, tristonha, e foi até a irmã e a abraçou. – Nunca vou me casar se os homens forem assim.

– Não são todos assim... Lembre-se do nosso pai, e olhe o jeito do Matt. Mas é melhor ir, ou vai chegar atrasada.

– Eu, não. – Hope sorriu. – Vou chegar lá antes do Albert.

Uma vez fora de casa, Hope desatou a correr. Albert estava no meio do caminho, mas ela sabia que poderia alcançá-lo com facilidade. Gostava de correr, sobretudo em uma manhã gelada de fevereiro como aquela, mesmo que não fosse considerado apropriado para uma dama. Chegaria em Briargate com o rosto vermelho, quente por dentro e por fora, e até esqueceria quanto detestava o cunhado.

Passou por Albert a toda velocidade e, quando estava bem fora de seu alcance, virou-se e

acenou com ar petulante. Ele ia congelar de frio trabalhando o dia todo do lado de fora. Se fosse gentil com as pessoas, a cozinheira o deixaria entrar na cozinha para se aquecer e também lhe daria mingau.

Passaram-se apenas quatro meses desde que seus pais tinham morrido, mas pareciam anos. Em alguns dias, a dor da perda era tão aguda que Hope pensava que poderia morrer também. O rosto e a voz deles estavam gravados em sua mente, e, curiosamente, do que mais sentia falta eram as coisas que mal notava quando estavam vivos. A maneira como o pai a acariciava sob o queixo quando chegava do trabalho, ou como a mãe sempre beijava sua testa quando terminava de escovar seu cabelo. Era uma prova tangível de seu amor, pois nenhum dos dois era do tipo que expressava seus sentimentos em palavras.

No entanto, adoravam uma boa conversa. Queriam saber tudo o que os filhos faziam a cada dia; ninguém nunca escapava de ser interrogado sobre quem tinha visto ou com quem tinha falado.

Nell também era assim antes de se casar com Albert. Toda vez que ia à casa dos pais, queria saber de cada coisinha que acontecera desde a última visita. As primeiras lembranças de Hope eram de competir com Joe e Henry pelo colo dela e de Nell sentar-se no chão para que os três pudessem aproveitar sua presença. Era tão alegre e divertida, sempre pronta para brincar com eles, além de terna e atenciosa.

Hope achava que não sentiria tanta falta dos pais se Nell ainda fosse aquela pessoa, mas agora ela estava sempre tensa e alerta; raramente sorria na presença de Albert, sempre limpando e arrumando a casa. Não havia nenhum tipo de diálogo entre o casal. Às vezes ela perguntava sobre o dia dele, mas as respostas bruscas de Albert davam a entender que até ouvi-la falar o incomodava. Ele gostava menos ainda de vê-las conversando, pois as fulminava com o olhar, o que deixava Nell ainda mais nervosa.

Como Hope havia desconfiado, Albert era um tirano. Ele não demonstrava amor por Nell; na verdade, a tratava como se ela fosse sua criada. Nunca acendia o fogo ou ia buscar um balde de água. Limitava-se a ficar observando enquanto ela lutava para esvaziar a bacia do banho ou cortava lenha. Ele procurava coisas fora do lugar, lama no chão, um tapete torto, poeira no console da lareira, e então arrastava Nell até lá, apontando para o local como se ela fosse um cachorro que tivesse urinado dentro de casa.

Certa manhã, ela se esqueceu de arrumar a cama e, quando voltou de Briargate no fim da tarde, ele a segurou pela orelha e a arrastou até o quarto para apontar seu erro. Parecia esquecer que ela também tinha um emprego e que, às vezes, trabalhava muito mais horas do que ele.

– O que é isso? Por que você não fez a cama? Quantas vezes tenho que lhe dizer?

Parecia incapaz de fazer um elogio, mostrar gratidão ou mesmo simples bondade.

A única ocasião boa era quando ele ia para a taberna em Chelwood. Hope e Nell ficavam junto ao fogo e conversavam sobre o passado e as coisas que aconteciam em Briargate. Mesmo assim, Nell não conseguia relaxar, pois ficava o tempo todo de ouvido alerta para o retorno de Albert e, caso ele estivesse embriagado, podia ser ainda mais desagradável do que de costume.

Os domingos eram simplesmente intermináveis. Nell ia cedo para a mansão e Hope tinha que fazer a longa caminhada para a igreja sozinha com Albert. Ele nunca falava nada e, ao chegar ao vilarejo, embora ver todos os seus velhos amigos e vizinhos fizesse com que Hope sentisse ainda mais intensamente a perda dos pais, ele não lhe permitia mais do que uma breve saudação. Se lady Harvey tivesse convidados, Nell precisava voltar para Briargate depois da

igreja, e Hope tinha que cozinhar o jantar de Albert. Nada que ela fizesse era bom o suficiente, apesar de ter aprendido a cozinhar muito bem desde que passara a ajudar na cozinha de Briargate.

Mais tarde, ele se sentava perto do fogo, bloqueando todo o calor, e não permitia que Hope lesse nada além da Bíblia. Aquelas horas sozinha com o cunhado eram as que ela mais temia, pois ele era um homem violento quando se aborrecia. Agredira-a em diversas ocasiões, e ela sabia que ele batia em Nell com frequência, mesmo que a irmã se recusasse a admitir. Então, sozinha com ele, Hope tinha que ter muito cuidado para não lhe dar motivo para uma surra.

Trabalhar em Briargate era a única coisa que tornava sua vida tolerável. Podia esquecer Albert porque via Ruth e James todos os dias, e a cozinheira, o Sr. Baines e os outros criados a faziam sentir-se novamente parte de uma grande família. Como qualquer família, eles às vezes eram mal-humorados e ríspidos, mas no fundo sabia que gostavam dela, e isso de alguma maneira compensava o convívio com Albert.

Na época em que ia a Briargate brincar com Rufus, nunca imaginou que um dia estaria lavando caçarolas e panelas na copa, ou que passaria horas descascando e cortando legumes. Às vezes, ela se ressentia de ter que fazer essas coisas. Gostaria de ir muito além da cozinha, de subir aquela bela escadaria como antes e entrar no quarto de brinquedos para ver Rufus.

Mas isso não lhe era permitido. Como todos os outros criados, agora tinha que se referir a ele como Sr. Rufus. O mais perto que chegava dele era quando ajudava na lavanderia e tinha que lavar uma de suas camisas ou roupas de baixo. De vez em quando, ele ia até a cozinha para ver a cozinheira, e, da copa, ela ficava encantada com sua voz clara, bastante alta, imperiosa, porque se lembrava dele com sua fala de criança. Quando espiava pela porta, era difícil acreditar que o pequeno cavaleiro de colarinho engomado, casaco e calções escuros fosse o mesmo menino vestido com roupinha de marinheiro que costumava rolar no chão do quarto de brinquedos com ela.

Hope o via na igreja quase todos os domingos, claro. Mas como o banco dos Harveys ficava bem na frente e a família dela sentava-se na parte de trás, só conseguia vislumbrar seus cabelos louros. Antes da morte dos pais, Hope tentou falar com ele no pátio da igreja várias vezes. No entanto, embora o rostinho do menino se iluminasse quando a via, a Srta. Bird, a governanta, o impedia de falar com ela.

Sua mãe sempre lhe dizia que seria melhor aprender logo que a nobreza não gosta que seus filhos se misturem com pessoas comuns, mas Hope não se via assim. Afinal, crescera ouvindo a história de que era uma filha das fadas, e isso significava que ela estava destinada a coisas melhores. Por enquanto, ela sabia que tinha que se manter em seu lugar e fazer o que lhe mandassem, mas consolava-se com o pensamento de que um dia seria dona do seu nariz.

Baines gostava muito de repetir que havia poucas oportunidades para as moças além do serviço doméstico, mas o que alguém que trabalhava como criado desde os 12 anos saberia do mundo real? A cozinheira sorria sempre que Hope falava em querer fazer outro tipo de trabalho; pelo visto, ela pensava que o casamento era uma opção muito melhor. Porém, qualquer noção romântica que Hope pudesse ter sobre o casamento extinguiu-se observando Nell e Albert. Para ela, trabalhar como doméstica ou estar casada equivalia a quase a mesma coisa, uma vida de trabalho pesado. Queria algo melhor para si.

Hope estava limpando a prataria na copa no início da tarde quando ouviu Rose entrar na cozinha.

– O capitão Pettigrew está de visita outra vez – disse ela para a cozinheira, séria. –

Engraçado, ele sempre vem quando o patrão está ausente!

– Rose! – exclamou a cozinheira. – Você não deveria falar essas coisas. Se o Sr. Baines escutar...

Hope estava fora da vista das duas mulheres, mas bem ao alcance das vozes. Esperava que Baines não tivesse ouvido também, porque a cozinheira tinha razão. Não se passava uma semana sem que ele lhes lembrasse que não deveriam repetir nada do que ouvissem ou vissem o patrão ou a patroa fazendo.

Baines era alto e magro como um caniço e, com suas calças listradas cinzentas, casaca e colarinho alto engomado e os óculos empoleirados precariamente na ponta do nariz comprido, fazia Hope pensar em uma garça.

Também tinha o olhar penetrante, a graça e a paciência das garças. Nada lhe escapava, nem uma mancha em uma faca ou um guardanapo amassado, e esperava que todos os criados mantivessem os altos padrões que fazia questão de estabelecer. Todavia, era um homem gentil e justo e parecia ter resposta para todas as dúvidas e solução para qualquer problema. A cozinheira sempre dizia que era o primeiro mordomo com quem havia trabalhado que não era incompetente e presunçoso.

A cozinheira também contou que, logo que Rose chegou em Briargate, encantou-se por Baines e ficou muito decepcionada quando ele não correspondeu. Agora, com seus 30 e muitos anos, uma mulher sem encantos e angulosa que sabia estar destinada a permanecer solteira, ela gostava de meter o nariz nos assuntos das outras pessoas, fossem elas o patrão, a patroa ou os outros criados.

– O capitão é encantador, eu reconheço – continuou Rose, aparentemente sem fazer caso da advertência da cozinheira. – Danado de bonito também! Nell ficou toda vermelha quando o viu.

As antenas de Hope se aprumaram ao ouvir o nome da irmã, e, apesar de continuar a polir o castiçal, diminuiu o ritmo para não perder nada.

– Eu também ficaria vermelha por causa de um homem encantador se fosse casada com Albert – comentou a cozinheira, rindo.

Hope sorriu; sempre ficava feliz quando um dos criados admitia não gostar de Albert. Eram sempre discretos na presença de Nell, mas longe de seus ouvidos todos concordavam que ele era arrogante, convencido e sem o menor senso de humor. Hope poderia facilmente acrescentar aí mais meia dúzia de traços de mau-caratismo, mas, por causa de Nell, guardava sua opinião para si mesma. Nunca admitiu para ninguém, nem mesmo para James e Ruth, como era ruim morar com ele.

– Não, não acho que Nell tenha uma queda por ele – explicou Rose mais que depressa. – É mais como se ela tivesse visto o próprio diabo entrar pela porta. Será que teme pela patroa? Ou será que o capitão fez alguma coisa com ela?

– É melhor você guardar esses pensamentos para si mesma – observou a cozinheira, ríspida.

Hope ficou curiosa; tinha que dar uma olhada nesse homem que tanto perturbava Nell.

Infelizmente, não tinha justificativa para ir a qualquer lugar da casa; era uma ajudante de cozinha, e era na cozinha onde deveria ficar.

A cozinheira sempre tirava um pequeno intervalo entre as três e as quatro da tarde. Na maioria das vezes, limitava-se a sentar-se na cadeira ao lado do fogão e cochilar um pouco, mas naquela tarde suas pernas, que muitas vezes a perturbavam, estavam muito inchadas e ela disse que ia deitar um pouco.

– Se eu não estiver de volta às quatro, ponha a chaleira no fogo e venha me chamar – disse a Hope.

Baines estava em sua saleta ocupado com as contas, Rose, na sala de jantar preparando a mesa, e Ruby tinha ido até o vilarejo, pois era sua tarde de folga. Com todo mundo fora, Hope ocupou-se em lavar o chão da cozinha e da copa. Quando voltou do quintal, onde fora jogar fora a água suja, surpreendeu-se ao ver que eram quase quatro horas e a cozinheira ainda não voltara.

Isso nunca tinha acontecido antes. A cozinheira sempre pedia para ser chamada, mas nunca era necessário. Apesar de ser a desculpa perfeita para sair da cozinha, Hope ficou nervosa de repente. Pôs a chaleira no fogo, mudou o avental, endireitou a touca e, após alguns minutos de hesitação, saiu para o corredor.

A escada dos fundos da ala leste, que ia de um ponto além da sala dos criados até os quartos do sótão, era a que deveria usar, mas sabia que o capitão nunca passaria por ali. Entretanto, se ao atravessar o corredor aproveitasse a oportunidade e subisse a escadaria principal, desse uma corridinha pelo patamar e passasse pelos quartos do patrão e da patroa, e alguém a visse antes de chegar à escada dos fundos, ela estaria em apuros.

Ao ouvir a voz de lady Harvey vindo da sala de estar, o que significava que a porta estava aberta, ela voltou. Talvez fosse melhor tentar ver o capitão quando ele fosse às estrebarias buscar seu cavalo. Ninguém a repreenderia por estar no pátio.

Enquanto subia pela escada dos fundos, Hope refletiu sobre como aquela escada fora construída de maneira mesquinha: os degraus eram estreitos e íngremes, e as paredes caiadas de branco estavam marcadas e esburacadas pela passagem de tantos criados carregando coisas pesadas para cima e para baixo. Sempre lhe parecera absurdo que, embora os criados conhecessem intimamente os corpos de seus patrões, seus hábitos pessoais e todos os outros aspectos de suas vidas, eles precisassem usar uma escada diferente.

Hope bateu à porta da cozinheira e gritou que passava das quatro. Quando não obteve resposta, abriu uma fresta e espiou.

Entretanto, ao invés de encontrar a cozinheira adormecida como esperava, a viu caída no chão.

– Deus do céu! – exclamou, consternada, correndo para virá-la.

Para seu horror, o rosto da mulher estava branco como cera, com uma feia marca vermelha na testa, claramente por ter batido a cabeça na cama ao cair. A pele estava gelada ao toque e, como ela não reagiu de forma alguma quando Hope lhe esfregou as mãos, a menina achou que ela tivesse morrido.

Hope saiu correndo do quarto, subiu as escadas dos fundos, dois degraus de cada vez, e então, apavorada como estava, correu direto para lady Harvey na sala de estar.

– É a cozinheira, minha senhora! – disse ela enquanto irrompia pela sala. – Ela caiu no quarto e acho que está morta.

– Você não bateu antes de entrar! – repreendeu lady Harvey. – O que lhe deu, Hope? É Baines quem lida com os criados.

Hope não só tinha esquecido seus bons modos e Baines, mas, em sua pressa, tinha se esquecido do capitão. Este pulou de sua cadeira junto à lareira quando a menina entrou, e Hope imediatamente o reconheceu como sendo o mesmo homem alto e esguio que tinha visto no jardim da frente em sua primeira visita a Briargate, quase seis anos antes.

– É só uma criança – comentou ele, olhando de viés para lady Harvey. – E olhe como está assustada!

– Ela está fria e dura. – Hope dirigiu-se ao capitão, visto que ele evidentemente se mostrava mais receptivo do que a patroa. – Eu a virei, mas não consegui levá-la sozinha para a cama.

– Ela se queixou de se sentir mal? – perguntou lady Harvey, por fim se levantando. Sua

fisionomia era igualmente fria e dura, mas Hope percebeu que era por estar zangada com a interrupção.

– Não, minha senhora – respondeu Hope, lágrimas brotando-lhe dos olhos com o susto. – Ela disse que as pernas não estavam bem, só isso, e que precisava se deitar por uma hora. E pediu que a chamasse caso não tivesse descido às quatro.

– Precisamos chamar um médico, claro – disse o capitão. – Mas tenho um pouco de conhecimento médico, milady, então talvez possa subir para ver o que posso fazer até o médico chegar?

– Sim, claro, capitão Pettigrew. – Lady Harvey parecia nervosa. Virou-se para Hope. – Mande James selar o cavalo e chame Nell aqui.

O capitão e lady Harvey saíram da sala de estar. Hope correu para as estrebarias e contou a James o que acontecera, depois correu escada acima para procurar Nell.

Ela estava na saleta junto ao quarto de lady Harvey, onde sempre ia para costurar. Quando a porta se abriu, Nell arregalou os olhos, alarmada.

Hope se jogou nos braços dela aos prantos e contou o que acontecera.

– Acho que ela morreu, Nell. E lady Harvey nem se importou, disse que eu deveria ter chamado Baines!

– É só o jeito dela – explicou Nell. – Não quis realmente dizer o que disse, tenho certeza de que foi um choque para ela também. Volte lá para baixo, vou subir e ver o que posso fazer.

A casa ficara sossegada como uma igreja enquanto Hope lavava o chão da cozinha, mas quando Nell subiu correndo para o sótão e Hope desceu em disparada pela escada, de repente o tumulto começou. Baines apareceu no corredor querendo saber o que estava acontecendo, Rose saiu da sala de jantar e Rufus fugiu da sala de estudos, seguido de perto pela Srta. Bird que, agitada, afirmava que suas aulas ainda não tinham terminado. Ruth também surgiu atrás deles, parecendo assustada; mais tarde, admitiria para Hope que o primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi que a menina tivesse feito alguma coisa errada.

Ruth ainda era chamada de babá e cuidava de Rufus antes e depois de suas aulas, mas preenchia o tempo em que não estava com ele ajudando onde quer que fosse necessária. O que significava que fazia o trabalho de Rose, Ruby e Nell nas tardes de folga delas, e muitas vezes ajudava a cozinheira quando havia um jantar. Era mais próxima da cozinheira do que qualquer um dos criados, e mostrou-se abalada quando soube o que acontecera.

Todos se esqueceram de suas funções, até Baines, e estavam juntos no grande salão, falando ao mesmo tempo, quando o capitão desceu a escada.

– Voltem para a cozinha – disse ele, mas seu tom era gentil e compreensivo. – A cozinheira felizmente não morreu, mas está gravemente doente. Creio que seja o coração.

Ele os acompanhou de volta para a cozinha, dizendo que os enfermos precisam de silêncio. James aguardava instruções junto ao cavalo selado, e o capitão saiu e disse-lhe para ir buscar o médico. Quando retornou, sugeriu que Ruth subisse e ficasse com a cozinheira até o médico chegar, e que Nell deveria ir ao encontro de sua patroa, que passara por um susto.

– E você, pequenina – disse ele, voltando-se para Hope. – Pode fazer chá para todos?

Até então, Baines era o homem mais respeitável que Hope conhecia. No entanto, de repente, o capitão lhe pareceu muito mais impressionante, não só porque tomou seu partido contra lady Harvey como também assumiu o comando de toda a casa. Entendia perfeitamente por que ele fizera Nell enrubescer: era muito bonito, com grandes olhos negros e maçãs do rosto salientes.

Sentiu-se aquecer por dentro quando ele a chamou de “pequenina”, pois seu pai costumava chamá-la assim. Mas havia algo mais; ela achou maravilhosa a maneira como o capitão olhava nos olhos de todos com quem falava, pronunciando o seu nome, sua posição na casa e até seu caráter, como se considerasse cada um deles de vital importância. Jamais conhecera alguém como ele; sir William era bem diferente e passava por todos sem sequer cumprimentá-los. Hope achava que ele nem sabia quem trabalhava para ele, muito menos como se chamavam.

Antes de voltar para a sala de estar, o capitão disse que esperaria até o médico chegar para o caso de ser necessário. Baines pigarreou e deu as instruções.

Hope percebeu que, apesar de dizer que estava feliz por o capitão estar presente naquela emergência, Baines mostrava-se um tanto irritado pelo fato de um visitante ter assumido seu papel.

– Pode levar semanas até a cozinheira estar bem o suficiente para voltar ao trabalho – explicou ele, mas o tom triste de sua voz dava a entender que não esperava vê-la outra vez na cozinha. – Enquanto isso, todos devemos manter a casa funcionando colaborando uns com os outros e absorvendo tarefas extras.

Ele dividiu as tarefas de copeira de Rose entre as outras criadas e disse a Rose que ela teria que assumir o lugar da cozinheira.

– Não posso fazer isso, Sr. Baines. – Rose parecia aterrorizada. – Tanto Nell quanto Ruth são muito melhores na cozinha do que eu.

Baines deu de ombros.

– Então será uma boa experiência para você. Hope a ajudará. Ela pode ser jovem, mas a cozinheira treinou-a bem.

Hope exultou com as palavras de elogio, mas um segundo depois aborreceu-se porque Baines acrescentou que ela também teria que ajudar Ruby a acender as lareiras todas as manhãs. Na realidade, isso significaria que Hope teria que fazer quase tudo sozinha, pois Ruby era lenta e já custava para acender as lareiras do quarto de brinquedos e da sala de aula.

Baines disse que também ia perguntar a lady Harvey se ela consideraria cancelar o grande jantar que planejava para a semana seguinte, pois Rose não era uma cozinheira experiente.

O mordomo acabara de sair da cozinha quando Albert apareceu na porta dos fundos. Estava muito sujo e com o rosto fechado como um céu de tempestade.

– Por que ainda está aqui? – resmungou para Hope. – O fogo está apagado e não há comida pronta para mim.

Com todo o nervosismo da situação, Hope não percebeu que passava muito das seis. Sempre ia para casa depois de aprontar a bandeja para o chá do Sr. Rufus, e era seu trabalho atizar o fogo, aquecer a água na chaleira e o que mais Nell preparara para a ceia de Albert a tempo para a chegada dele por volta das seis.

– Sinto muito – disse ela, então começou a contar tudo o que acontecera com a cozinheira.

– Isso não é da minha conta – interrompeu Albert no meio da explicação. – Um homem que trabalhou fora o dia todo precisa de sua refeição. Vá para casa agora!

Rose entrou na cozinha quando Hope estava pegando o xale e a touca.

– Nell não vai para casa hoje! – gritou ela para Albert. – Baines acha que vão precisar dela aqui.

O coração de Hope se apertou quando viu o rosto de Albert se fechar ainda mais ao descobrir que ficaria sem seu lacaio durante a noite, mas Rose falando-lhe com tão pouco caso só piorava a situação.



Uma forte geada voltara a cair, e Hope estremeceu enquanto trotava atrás de Albert no escuro. Estava com medo. Nell não conseguira dar uma escapadela mais cedo a fim de preparar um pouco de comida para a ceia dele, como costumava fazer. Se o fogo tivesse apagado também, levaria séculos antes que Hope pudesse improvisar algo. Albert não ia gostar.

A casa estava gelada, e o fogão, apagado. O que provava que Nell não voltara ali durante o dia, pois sempre botava mais lenha quando chegava. Hope limpou as cinzas rapidamente, pôs alguns gravetos em cima de um pouco de papel e o acendeu. Estava muito nervosa porque Albert postara-se de pé atrás dela, vigiando-a, e a menina fez uma oração silenciosa para que o fogo não apagassem. A sorte estava do seu lado: os gravetos queimaram logo e, à medida que ela adicionava achas maiores de lenha, estas ardiam alegremente.

– Deixe-me guardar seu casaco, sente-se aqui onde está mais quente – disse ela, olhando para Albert. Normalmente, não teria falado com ele com tanta gentileza, mas temia que ele fosse explodir.

– Quero chá quente e algo para encher a barriga – grunhiu. – E depressa!

Hope pôs a chaleira no fogo e correu para olhar a despensa, que ficava situada na pequena copa anexa. Havia meia bisnaga de pão, um pouco de queijo e os restos do ensopado de cordeiro da noite anterior. Suspirou de alívio ao perceber que não teria que preparar algo do zero.

Quinze minutos depois, Hope tinha a chaleira fervendo, a mesa arrumada e as batatas cozinhando. Acrescentou uns pedaços de carvão no fogão para manter o fogo constante e, ao aquecer o bule de chá, derramou um pouco da água quente da chaleira em uma tigela para Albert.

– Aí está – disse ela, acrescentando um pouco de água fria. – O chá estará pronto assim que suas mãos estiverem limpas.

Virou-se enquanto o cunhado lavava as mãos e viu que ele tinha um corte profundo na palma.

– É um corte feio – disse ela, solidária.

– É o que ganho com meu tipo de trabalho – comentou ele com a voz sibilante, como se fosse culpa dela. – Mãos tão rígidas de frio que às vezes nem percebo que as cortei. Aí, entra terra na ferida, e um dia um corte como este vai inflamar, e então, onde vou parar?

Hope não conseguia entender por que ele estava tão zangado. Parecia ser por mais do que apenas encontrar a casa fria e ter que esperar pela ceia.

– Deixe-me colocar um remédio – disse ela. – Nell tem uma ótima pomada para cortes.

– Quero minha ceia – rosnou ele. – Não uma pomada de merda.

Hope ficou chocada por ele ter usado aquela palavra horrível em sua presença. No ano anterior, durante a ceifa do feno, um trabalhador temporário a usara na frente dela e de sua mãe, e seu pai tinha lhe acertado um soco no queixo por causa disso.

Cheia de aversão, ela preparou o chá e serviu-lhe uma xícara em silêncio. Queria que a mão dele infeccionasse, depois o braço e, por fim, o corpo inteiro. Ele era detestável.

Hope levantou-se quando ouviu o carrilhão do relógio bater cinco horas. Estava escuro lá fora e muito frio. Ela acendeu uma vela, jogou o xale por cima da camisola e foi na ponta dos pés até o quarto de Albert.

Ele fora dormir logo depois da ceia, para grande alívio de Hope, pois estava certa de que

começaria a encontrar mais defeitos no que ela fizesse. Hope foi se deitar assim que arrumou tudo, mas não conseguiu dormir pensando na cozinheira e em quem a substituiria caso morresse.

O fogão não tinha se apagado de todo, graças à poeira de carvão que Hope colocara nele antes de se recolher. Conseguiu atizar o fogo e usou a água morna da chaleira para se lavar. Decidiu que se aprontaria e depois chamaria Albert antes de sair. Dessa forma, não teria que enfrentá-lo novamente até a noite.

– Albert, está na hora de levantar – disse ela, cautelosamente. – O fogo está aceso e a chaleira está quase fervendo. Tenho que ir agora.

Ela não podia vê-lo no escuro, mas ele grunhiu ao seu chamado e virou-se, fazendo as molas da cama rangerem.

– Não volte a dormir, já são cinco e meia – disse ela, mais alto desta vez.

Ele murmurou alguma coisa, o suficiente para saber que o acordara, então ela voltou para baixo a fim de calçar as botas.

Já amarrara uma delas quando ele apareceu na cozinha em suas compridas roupas de baixo de lã.

– Você não pôs a mesa para mim.

Ele parecia indignado.

– Não tenho tempo para essa bobagem – disse ela, sem pensar. – Tenho que acender as lareiras...

Antes mesmo de ela terminar a frase, ele lhe deu um tabefe com tanta força que quase sentiu a cabeça se soltar do pescoço.

– Essa bobagem! – rugiu ele, enfurecido. – Tenho tentado ensinar a vocês, porcas Rentons, um pouco de comportamento educado.

Apesar de machucada, Hope se recusava a chorar.

– É um comportamento educado bater em mulheres?!

Ele se atirou sobre ela, as mãos apertando-lhe o pescoço como para estrangulá-la. Levantou-a, os pés da menina chutando o ar, depois bateu sua cabeça contra a parede. Soltou-a e, quando ela tombou no chão, a chutou no estômago.

– Você nunca mais me responderá! Eu poderia tê-la mandado para o asilo de pobres, mas por bondade a deixei vir morar aqui. Por isso espero gratidão e humildade.

Com os lábios retorcidos, os olhos injetados, os cabelos pretos emaranhados e exalando um cheiro azedo, ele parecia aterrorizante, fulminando-a com o olhar.

Ferida demais até mesmo para chorar, quando ele se virou por um momento, Hope viu que tinha que aproveitar a oportunidade. Levantou-se com cuidado e precipitou-se para a porta, abriu-a e saiu correndo.

Depois de alguns metros, a dor no estômago a fez se curvar. O vento estava congelante, cortante como uma faca, e ela deixara o xale na cadeira. Obrigou-se a levantar e continuar caminhando, mas cada passo era uma agonia e sua cabeça também começou a latejar.

Cambaleava como um bêbado quando chegou ao pátio das estrebarias; estava tão tonta que nem conseguia enxergar direito. Mas um feixe de luz da janela da cozinha que se espalhava pelo quintal a impediu de desistir e cair. Faltavam apenas mais uns passos para estar em segurança.

Baines estava se vestindo quando ouviu Rose gritar. Pensando que ela estava tendo problemas com o fogão, saiu em mangas de camisa de seu quarto, que ficava perto da sala dos criados, e deu com ela ajoelhada no chão da cozinha ao lado da jovem Hope, que parecia ter desmaiado.

Supôs que fosse apenas um desmaio; descobrira que as moças eram propensas a desmaiar se fizessem muito esforço antes do desjejum. Mas Rose estava levantando a cabeça da menina para colocar uma almofada debaixo e, quando tirou a mão, ele viu que estava coberta de sangue.

Baines já tinha coisas demais com que se preocupar. A cozinheira morrera durante a noite e, junto com a tristeza que sentia por perder uma amiga querida tão de repente, também tinha que resolver como se arranjariam até a senhora encontrar uma substituta adequada. Agora isso!

Correu para buscar os sais aromáticos e agitou o vidro aberto sob o nariz de Hope. Quando a menina começou a voltar a si, suas primeiras palavras foram desculpas hesitantes. Ele a virou de lado para examinar sua cabeça, imaginando que ela tivesse caído no caminho. Então, viu as marcas avermelhadas de dedos em seu pescoço e soube que não fora um acidente.

– Quem fez isso com você, Hope?

Ela não respondeu, apenas olhou para ele com os olhos cheios de medo.

– Vamos, fale – insistiu ele. – Foi um caçador clandestino?

Caçadores clandestinos eram um problema. Geralmente, estavam atrás de faisões ou veados na propriedade Hunstrete e, se o guarda-caça vinha em seu encalço, atravessavam os terrenos de Briargate. Mas Baines nunca soubera de um caçador ter atacado alguém que não o ameaçasse.

Hope parecia abalada demais para responder, então ele pediu a Rose que apanhasse uma tigela de água morna e um pano limpo para limpar a ferida. Ela estava na copa quando Nell entrou na cozinha.

– Hope! – exclamou ela, o rosto empalidecendo quando viu o sangue. – Albert fez isso com você?

Baines ficou impressionado com o fato de Nell imediatamente considerar seu marido como suspeito, e contente por Rose estar longe. Mas quando Nell caiu de joelhos junto à irmã mais nova, sua fisionomia transparecia tanta raiva e horror que estava claro que tinha motivo para culpar Albert.

O mordomo sempre tivera muito respeito por Nell. Se não fosse por sua posição na casa e pelo fato de ser muito mais velho do que ela, poderia admitir que também alimentava ideias românticas a respeito da moça. No entanto, ficou contente quando ela optou por Albert, pois se via que ela queria ter um lar e filhos. Albert parecia ser uma boa escolha de marido: era firme e trabalhador, ainda que fosse um pouco sisudo.

À luz da revelação de Nell, Baines agora via a razão pela qual ela não era mais a mulher vibrante e falante de antes do casamento. Até agora, ele achara que isso era o resultado de uma responsabilidade maior, ou talvez desapontamento por não ter conseguido engravidar. Nunca lhe passara pela cabeça que a causa pudesse ser o próprio Albert.

Quando Rose voltou, Nell pegou a tigela com água e começou a limpar a ferida da irmã, murmurando-lhe palavras carinhosas e insistindo que lhe contasse como aquilo acontecera. Baines observava a expressão no rosto de Hope e percebeu que ela lutava contra a vontade de admitir a verdade. O que praticamente comprovava que Albert fora o responsável, pois era evidente que a menina queria proteger a irmã da vergonha e do constrangimento.

Baines estava enojado, pois a lei não era benévola com as mulheres; pais e maridos poderiam infligir castigos severos a familiares do sexo feminino sem temer punição legal. Se

Albert era capaz de fazer uma coisa daquelas com uma menina, o que não faria com Nell caso ela o repreendesse ou culpasse?

Sir William era a pessoa que deveria tratar da situação. Uma severa advertência de que estaria atento a Hope e Nell no futuro provavelmente dobraria Albert. Mas sir William era fraco. “Fracote”, foi como a cozinheira o descreveu certa vez e, embora Baines a tivesse repreendido, ela estava certa.

Rodeado por mulheres que o idolatravam desde criança e muito mimado, sir William nunca tinha aprendido a ser um homem de verdade. Podia ser encantador e parecer galante e bonito quando galopava pelo campo em seu cavalo Merlin, mas na verdade era completamente irresponsável.

Baines sabia que os interesses comerciais em Londres e na América, que seu patrão usava como desculpa para ficar longe de casa com tanta frequência, na realidade não existiam. Ele tinha um círculo de amigos lá, mas eram as corridas de cavalos, a jogatina, os bailes e as festas o que compartilhava com eles, não negócios.

Lamentavelmente, ele não se importaria a mínima se seu jardineiro tratava mal a esposa e a irmã dela. Enquanto seus jardins continuassem sendo admirados pelos amigos, o homem que era responsável por eles poderia fazer o que bem entendesse.

Hope se desvencilhou de Nell e se levantou.

– Estou bem, Nell, só escorreguei no gelo e caí no caminho – insistiu. – Preciso acender as lareiras.

– Deixe-me acender as lareiras, Sr. Baines – pediu Rose. – Hope ainda não está bem, está com um machucado feio. Nell não poderia cuidar da cozinha hoje e ficar com ela?

Baines sabia bem qual era o verdadeiro interesse de Rose: ela estava com medo de ter que cozinhar naquele dia.

– Está certo, Rose – disse ele com ar grave, pois era evidente que Hope não estava em condições de realizar nenhum trabalho pesado. – Corra lá então e cuide das lareiras. E peça ajuda de Ruby.

Assim que ela se foi, Baines virou-se para Nell.

– É melhor Ruth vir para cá. A cozinheira, que Deus a tenha, não precisa mais de uma ajudante e Ruth é uma cozinheira muito competente. Você pode acordar o Sr. Rufus e preparar o banho dele antes de suas tarefas para com a patroa.

Nell assentiu, mas pousou a mão em seu braço e puxou-o até a copa para falar em particular.

– O que devo fazer, Sr. Baines? – perguntou em um sussurro. – Sei que foi Albert, mesmo que Hope não me diga. Muitas vezes, temo por mim mesma quando estou com ele, mas nunca pensei que ele fosse capaz de encostar um dedo nela.

– Vamos falar sobre isso mais tarde. – Baines deu um suspiro. – Além de todas as tarefas diárias habituais, tenho que providenciar o funeral da cozinheira e conversar com lady Harvey sobre uma substituta. Hope estará segura aqui com Ruth. Pôs a mão no ombro de Nell, querendo assegurar-lhe que não era porque não se importava que estava interrompendo a conversa. – Temos que agir com cuidado, Nell, e pesar as consequências.

Quando Baines se foi, Nell voltou-se para Hope, afastando ternamente os fios de sua testa.

– Diga-me a verdade, queridinha. Foi Albert, não foi?

– Não, já disse que caí no caminho – mentiu Hope.

Nell semicerrou os olhos, exasperada.

– É isso o que você pretende contar a Ruth e James?

Hope assentiu.

Nell colocou um pedaço de algodão sobre a ferida na cabeça da irmã e depois uma touca de trabalho por cima.

– Não consigo esconder as marcas em seu pescoço com a mesma facilidade – disse ela em tom determinado. – Mas tenho certeza de que você é capaz de pensar em alguma desculpa para isso também.

Às cinco horas, Nell seguiu para sua casa, levando uma cesta com uma bisnaga de pão e uma torta de carne com batata que Ruth havia preparado para ela naquela tarde. Seu coração estava apertado de medo, mas nunca estivera tão decidida em toda a sua vida.

Hope passaria a noite com Ruth em Briargate. Ela mantivera sua história – a de que apenas levara um tombo no caminho – até o fim, e Nell sabia que era sua forma de protegê-la. Mas, naquela tarde, Hope tinha vomitado, e Baines insistira para que ela fosse direto para a cama e lá ficasse. Nem Hope tinha coragem de discutir com ele.

Nell não voltara a conversar com Baines sobre Albert porque ele estava muito ocupado organizando o enterro da cozinheira, mas tinha pensado em todas as possíveis linhas de ação que poderia tomar e pesado as consequências de cada uma.

Todas eram suscetíveis a gerar problemas ainda maiores para ela e Hope. Legalmente, ela não tinha direitos; a esposa era propriedade do marido e devia lhe obedecer. Nell imaginava que a mesma lei determinaria que Albert podia fazer o que quisesse com a cunhada, já que lhe dera uma casa para morar.

Era muito tentador pedir ajuda a lady Harvey, mas tinha descartado essa hipótese, pois sabia que, caso a senhora se recusasse, ela poderia falar algo do qual se arrependeria depois.

O capitão Pettigrew a havia visitado várias vezes nos últimos três anos, sempre que o patrão estava ausente. Talvez não fizessem nada de errado, mas Nell sentia uma tensão entre os dois e a senhora ficava sempre perdida no mundo dos sonhos quando ele ia embora, às vezes até um pouco chorosa.

Nell podia entender, pelo menos até certo ponto. Ao longo dos anos, constatou que sir William não era o marido perfeito que havia imaginado no passado. Era descuidado com a esposa, preferindo a companhia de seus amigos em Londres à dela. Talvez tivesse sido sempre assim, e teria sido por isso que a senhora sucumbira aos encantos do capitão.

Sem a ajuda de lady Harvey, Nell não poderia fugir de Albert e, de qualquer forma, não queria deixar o emprego que amava, nem sua família. Se James e Matt descobrissem que Albert tinha espancado Hope, eles se vingariam. Mas Albert era um homem inteligente e determinado e conhecia a lei. James e Matt acabariam na prisão e ela e Hope estariam completamente à mercê dele.

Nell não tinha nenhuma expectativa de que ele estivesse arrependido pelo que fizera, pois sabia que não a amava. Ele só amava a si mesmo.

Embora não houvesse nenhuma maneira de se livrar de Albert ou de castigá-lo, ela não pretendia ficar parada e deixá-lo fazer o que quisesse. Como seu pai gostava muito de dizer: há

sempre um modo de se atingir seu objetivo. E Nell achava que havia encontrado um jeito de lidar com Albert.

O interior da casa estava tão frio quanto do lado de fora, e Nell bateu na escuridão à procura da vela e dos fósforos que sempre deixava na prateleira junto à porta. Com a vela acesa, levou-a para a mesa e acendeu o lampião a óleo.

O fogão estava apagado, como esperado, e a tábua de pão na mesa continha apenas algumas migalhas e a faca. Havia uma xícara quebrada no chão, certamente atirada por Albert, e o tapete da lareira fora arrastado, mas fora isso nada estava fora do lugar. Ela recolheu os cacos de louça e procurou novas pistas sobre o que teria acontecido naquela manhã. Seus olhos deram com uma mancha de sangue na parede junto à porta.

De uma estranha maneira, ficou contente em encontrar aquilo, pois era a confirmação que precisava para lhe dar a coragem de executar seu plano. Acendeu o fogão em cinco minutos. Pôs a torta para aquecer, preparou a mesa e, em seguida, correu ao andar de cima para fazer a cama e recolher o balde de despejos.

Pouco depois das seis, ouviu as botas de Albert nas pedras da entrada e suas entranhas se contraíram de medo. Estava preparando o chá quando ele entrou. Albert parou um segundo na entrada, os olhos se estreitando de surpresa ao encontrar Nell, pois ela geralmente voltava para casa muito mais tarde do que ele.

Mesmo depois de todo o sofrimento pelo qual a fizera passar, Nell ainda se admirava ao constatar como o marido era bonito. Quase um metro e noventa de músculos firmes e um rosto que faria muitas mulheres desmaiarem: grandes olhos azul-escuros emoldurados por longos cílios, um nariz reto perfeito e uma boca bem desenhada. Tinha raspado a barba logo depois do casamento e, apesar de agora haver uma sombra escura em seu rosto porque não tinha se barbeado naquela manhã, a covinha no queixo era atraente. Até seus dentes eram bons, e ele muitas vezes dizia que ela deveria se envergonhar por ter perdido muitos.

– Trouxe uma boa torta de carne com batata para sua ceia – disse Nell em tom agradável. – E este chá vai estar pronto em um momento.

– Onde está a menina? – perguntou ele enquanto pendurava o casaco junto à porta.

– Na casa dos Harveys – respondeu ela. – Meu pai sempre perguntava como minha mãe estava e a beijava ao entrar.

Ele a olhou de cara feia, claramente não entendendo o sarcasmo, mas não disse nada, apenas foi até a bacia de água que ela preparara e lavou as mãos.

Ela serviu o chá em silêncio, apanhou a torta no forno e a colocou na mesa, depois cortou uma fatia de pão.

Todos os sons pareciam ampliados, o arrastar da cadeira no chão de pedra quando ele a puxou para sentar-se, seu primeiro sorvo de chá e o crepitar da lenha no fogão. Albert era em geral silencioso, e ela costumava tagarelar apenas para quebrar o silêncio opressor. Mas dessa vez ela não disse nada, apenas lhe serviu uma grande fatia da torta.

Foi quando ele pegou uma faca para espalhar a manteiga no pão que ela notou o ferimento.

– O que houve com sua mão? – perguntou Nell.

– Um corte – respondeu, ríspido.

– Deixe-me ver – pediu ela, aproximando-se e estendendo a mão.

– Deixe-me em paz, mulher. Não sou criança.

Nell tinha a intenção de esperar até ele acabar de comer, mas a maneira como ele se dirigiu a ela irritou-a tanto que não conseguiu se conter.

– Não, você não é criança. É um homem grande e forte. No entanto, quase estrangulou uma menina e tentou arrebentar-lhe os miolos.

Ele corou e começou a se levantar da cadeira como se fosse agredi-la.

Ela pegou a faca na mesa.

– Sente-se – ordenou, apontando a faca para ele. – Desta vez você vai me ouvir.

– Olhe aqui, mulher, eu já esperava que a madame sem vergonha fosse até você choramingar, mas duvido que tenha contado a verdade. Ela me insultou, então eu a castiguei. Ela mereceu.

– Ela não foi choramingar para ninguém. Nem sequer admitiu para Baines ou para mim que tivesse sido agredida. Mas nós logo soubemos! Marcas de dedos no pescoço, o corte na cabeça. Não foi caíndo que ela arranhou aquilo.

Ele deu um muxoxo de desdém e fez menção de se levantar, mas Nell fez um movimento para a frente com a faca e ele voltou a sentar-se.

– Eu poderia fazer com que você fosse expulso daqui – disse ela, a voz sibilante. – Expulso e sem uma carta de recomendação. Para onde iria, então?

– Ninguém poderia fazer isso sem expulsar você também – observou ele com um sorriso malicioso. – Sou seu marido.

– Marido! – zombou ela. – Como pode ser meu marido se ainda sou virgem depois de três longos anos de casamento?

Ele se mostrou visivelmente surpreso por ela ousar expressar tal coisa. De repente, pareceu um pouco inseguro.

– Este é o meu trunfo – disse Nell com determinação. – Ainda não lancei mão dele, mas estou preparada para isso. – Baixou a faca apenas um milímetro e inclinou-se para empurrar o prato mais para perto dele. – Coma, querido, você precisa se manter forte. Ruth fez essa torta para você, porém, se soubesse a verdade sobre os ferimentos de Hope, poderia muito bem ter misturado um pouco de veneno na massa.

Ele olhou para o prato e voltou a olhar para Nell. Hesitava, querendo comer porque estava morrendo de fome, mas com medo.

– Vamos, Albert, coma. Os Rentons são numerosos. – Nell deu uma risadinha, como se estivesse brincando. – James nas estrebarias com um forcado! Matt à espreita em algum lugar com uma foice! E que tal Joe e Henry destruindo seus canteiros de rosas?

– Olhe bem, mulher! – disparou ele, o rosto franzido. – Você não pode me ameaçar!

– Ameaçá-lo? – Nell ofegou, como se fosse a última coisa que lhe passara pela mente. – Pensou que eu estivesse ameaçando você? Eu só estava enumerando as coisas *que poderiam acontecer*. Mas nenhuma delas é necessária, não com o meu trunfo.

Ela fez uma pausa, sentindo-se um pouco mais confiante.

– Seria muito fácil ir a lady Harvey e contar a ela que você não é um homem de verdade e que desconta em mim e em Hope porque tem vergonha de ser como é. Acha que ela gostaria de ter você como jardineiro sabendo disso? Acredito que um casamento pode ser anulado se não tiver sido consumado. – Ela sorriu com malícia, orgulhosa de ter lembrado a palavra certa. – Eu poderia conversar com o reverendo Gosling sobre o assunto!

– Eu não pretendia bater em Hope! – exclamou Albert, o rosto pálido de repente. – Droga,

mulher, sinto muito.

– Também sinto muito por você ter feito isso – disse Nell, furiosa. – Porque me fez enfrentar verdades sobre você nas quais não queria me aprofundar.

Ele olhou para ela, inexpressivo.

– Você não gosta de mulheres, não é? – indagou Nell. – Quando nos casamos, pensei que você me amava e que teríamos filhos. Mas você me enganou. Sabia que nunca poderia me dar isso.

– Eu cuido de você – protestou ele, indignado.

– Cuida!? Você me dá ordens o tempo todo, me arrastando para cima e para baixo porque a colcha está torta na cama ou porque tem um cisco de poeira no chão! Isso é cuidar de mim? – A voz de Nell elevou-se em um grito. – Você não conversa nem ri. Não há alegria em você. Ser casada com você é como cumprir uma sentença de prisão.

– Não sei o que deu em você. Já disse que sinto muito, agora vamos dar o caso por encerrado – concluiu ele, e começou a comer a torta.

– Encerrado! Mal comecei, Albert Scott. Você não é normal, é uma aberração que não gosta de mulheres, e juro por tudo o que é mais sagrado que vou contar para todo mundo como você é se não fizer exatamente o que eu disser.

À essa altura, ele começou a ficar assustado, e Nell sentiu que agora tinha algum poder verdadeiro sobre ele.

– Então, o que quer de mim? – perguntou ele quase num sussurro, baixando os olhos.

– Para começar, você nunca mais vai bater em Hope ou em mim.

Ele assentiu.

– E não vai mais reclamar sobre a maneira como tomo conta desta casa. Vai buscar o carvão, a lenha e a água como qualquer marido digno faria. Também vai receber minha família aqui e se comportar como se gostasse deles.

– É só isso? – perguntou ele.

– Está achando que saiu por cima, não é? – Ela deu uma gargalhada vazia. – Mas é mentira, porque sei que vai lhe custar ter que ser gentil comigo. Sempre terá medo de eu contar a verdade e você passar a ser motivo de chacota. Talvez fique tão esgotado que desista e me abandone. O que vai me deixar muito feliz. Nunca me considere mesmo uma verdadeira esposa.

Para surpresa dela, ele cobriu o rosto com as mãos.

– Não posso evitar ser do jeito que sou – murmurou, como se estivesse chorando. – Deus sabe que gostaria de ser como outros homens.

Nell quase amoleceu. Ficou tentada a abraçá-lo e dizer que talvez eles pudessem voltar a ser amigos como eram antes de se casarem. Mas sabia que, se a visse enfraquecer, ele tiraria vantagem da situação.

Sendo assim, tirou as mãos do rosto dele. Havia lágrimas em seus olhos.

– Talvez ainda haja esperança para você se é capaz de derramar uma lágrima, Albert Scott – disse ela secamente. – Termine sua ceia, depois me deixe cuidar de sua mão.



1845

Hope seguia para casa através de Lord's Wood depois de passar a tarde de folga em Woolard com Matt, Amy e seus filhos quando ouviu um estalido atrás de si, como o de um galho seco sendo pisado.

Virou-se, mas não conseguiu ver nem ouvir nada. Se fosse um animal, ela teria escutado o mato farfalhar, por isso o barulho só poderia ser o de alguma pessoa se escondendo.

Não estava assustada; eram só seis da tarde e em junho não escurecia antes das dez, pelo menos. Além disso, ela e os irmãos gostavam de seguir as pessoas quando eram mais novos. Na realidade, se não soubesse que Joe e Henry estavam pescando na ponte em Woolard, teria pensado que era um dos dois. Mas eles tinham sido proibidos pelo Sr. Box, o guarda-caça de Hunstrete, de entrar no bosque, porque ele suspeitava que praticavam caça e pesca em propriedade alheia. Felizmente, naquele dia Box não os pegara com nenhum peixe do lago, mas disse que, se os visse de novo na floresta, ele os entregaria à justiça.

Hope esperou um pouco e, não ouvindo mais nada, achou que tivesse se enganado e continuou caminhando. Quando, porém, ouviu outro estalido, virou-se a tempo de ver alguém se esconder atrás de uma árvore. Sabia que não era um adulto pois o passo era muito leve, e achou que fosse uma menina porque vislumbrou um lampejo de cabelo louro.

Os Nichols, que moravam no rossio perto de sua antiga casa, tinham duas filhas louras, e uma delas, Anna, gostava de pregar peças nas pessoas. Então Hope resolveu entrar no jogo e também se escondeu atrás de uma árvore.

Apertou a saia do vestido marrom contra as pernas para que não a denunciasses e esperou. Depois de mais ou menos um minuto, ouviu o som de passadas cautelosas. Vieram até a árvore onde ela estava escondida e pararam, tão perto que Hope ouvia a respiração da menina. Sentiu vontade de rir ao imaginar a fisionomia confusa de Anna se perguntando como Hope teria conseguido desaparecer.

Sorrateiramente, Hope contornou o tronco volumoso e então deu um salto.

– Peguei você!

Mas, para seu espanto, não era Anna Nichols, mas Rufus. E assustado como um coelho.

– Desculpe, Sr. Rufus – balbuciou Hope. – Achei que fosse outra pessoa.

– Ah, achou? Que bom, então. Quer dizer, essa é a graça da brincadeira, não é? – disse ele com um sorriso radiante. – Estava esperando alguém aparecer fazia um bom tempo. Fiquei feliz quando vi você! Imaginei que não gritaria como se eu fosse um assassino, como a Srta. Bird faria.

Hope não gostava nem um pouco da cara de poucos amigos da Srta. Bird, e isso a fez rir.

Rufus tinha 10 anos e era quase tão alto quanto Hope, mas ainda parecia doce e inocente como quando tinha 5 anos. O cabelo louro quase lhe chegava aos ombros, tinha grandes olhos azuis e a boca cheia e macia. Ele puxara o nariz ligeiramente arrebitado e a pele clara como leite de lady Harvey, porém, no geral, era uma réplica mais nova do pai, que também tinha a boca

muito feminina e o cabelo cacheado. Rufus parecia tão elegante em seu traje azul-marinho de marinheiro quanto seu pai nas roupas de montaria.

– O que está fazendo aqui, Sr. Rufus? – perguntou Hope, jocosa. – Pensei que não pudesse ir além dos terrenos de Briargate.

Ele sorriu.

– Pois é, acho que não posso mesmo... E não me chame de senhor. Rufus está bom. Quer brincar de esconde-esconde?

Hope completara 13 anos em abril, mas muitas vezes sentia falta das brincadeiras que costumava fazer com os irmãos antes de seus pais morrerem. Sua vida era só trabalho, de pé desde as cinco da manhã, pondo a cozinha em ordem dia após dia, muitas vezes até as oito da noite ou ainda mais tarde quando havia um jantar. A única pausa era sua tarde de folga, quando ia visitar Matt e Amy, mas Amy era tão séria quanto a Srta. Bird. Tudo o que fazia era fofocar sobre os vizinhos ou se gabar de como seus filhos eram inteligentes.

Albert não aprovaria que ela se atrasasse; ele lhe lançaria um de seus olhares severos e apontaria para o relógio. Mas ela duvidava que fosse além disso. De vez em quando, Hope se perguntava o que Nell teria dito ao marido naquela noite, depois que ele a jogou contra a parede, porque desde então ele mudara da água para o vinho.

Não passou a ser mais agradável, continuava tão silencioso e emburrado quanto antes, mas não a agrediu mais e parou de mandar nela e em Nell. Era muito esquisito, de fato, pois Hope sentia que ela ainda o irritava tanto quanto antes. Ele também não passara a ser mais gentil com Nell, mas tirava água do poço e trazia lenha para o fogão. Hope continuava cautelosa no trato com ele, e fazia o possível para ficar fora de seu caminho.

Por sorte, quase nunca precisava ficar sozinha com Albert. Logo após o enterro da cozinheira, chegou a substituta, Martha Miles, e Baines explicou a Hope que daí em diante ela seria uma ajudante de cozinha de verdade, ganhando 6 libras por ano, o que significava que trabalharia algumas horas a mais. Na tarde de folga às quartas-feiras, sempre ia visitar Matt e Amy, e Baines providenciou para que ela e Nell pudessem ter folga na mesma tarde de domingo uma vez por mês.

Hope brincou de esconde-esconde com Rufus por um bom tempo, e foi um pouco como nos velhos tempos quando eles brincavam no jardim, só que muito mais divertido, porque agora Rufus tinha mais idade e sabia se esconder direito. Por fim, Hope disse que teria que ir embora e que Rufus também deveria ir para não deixar sua mãe preocupada.

Ele simplesmente deu de ombros.

– Talvez seja bom, para variar do tanto que ela se preocupa com o meu pai – replicou ele.

Hope franziu a testa, presumindo que Rufus estivesse com ciúmes de o pai receber mais atenção de lady Harvey do que ele.

– Você deveria ficar contente por eles serem felizes juntos. Seria muito pior para você se não gostassem um do outro.

Ele a olhou com ar estranho.

– Felizes juntos? Eles quase nunca estão juntos. Até quando ele está aqui em Briargate, fica fora de casa a maior parte do tempo. Só volta para as refeições.

Hope não sabia disso, mas ela só via sir William quando ele ia à estrebria buscar Merlin. Também nunca tinha ouvido nada a respeito do assunto através dos outros criados, pois Baines era muito rigoroso quanto a comentários sobre o que o senhor e a senhora faziam. Nell era um exemplo de discrição; poderia contar a Hope o que lady Harvey vestira para o jantar, ou que ela se deitara porque estava com dor de cabeça, mas muito pouco além disso.

Ela e Ruth de fato conversavam muito sobre Rufus, mas apenas da maneira carinhosa como se fala sobre uma criança. Orgulhavam-se por ele ser inteligente, repetiam coisas engraçadas que o menino tinha dito, e por causa disso Hope sentia que o conhecia tão bem agora quanto na época em que brincavam juntos.

– Onde ele vai, então? – perguntou Hope.

– Sai a cavalo, vai visitar os amigos. Mamãe não gosta quando ele não volta para casa à noite.

Hope riu. Achou que ele queria dizer que o pai ficava tão bêbado que caía em algum lugar e dormia. O pai dela tinha feito isso algumas vezes e acordado em um campo todo molhado de orvalho.

– Ele não deve gostar muito da maneira como se sente na manhã seguinte – observou ela.

Rufus ficou intrigado e perguntou o que ela queria dizer. Hope explicou.

– Não acho que meu pai acabe caído em algum campo – disse Rufus, parecendo perplexo que Hope pudesse sequer imaginar tal coisa. – Acho que ele vai para Bath. Uma vez ouvi minha mãe perguntar se ele tinha estado em um prostíbulo! Você sabe o que é isso?

Hope sabia o que era uma prostituta, tinha ouvido Albert dizer a palavra algumas vezes e perguntou a Nell o que significava. Nell explicou que o verdadeiro significado era uma mulher que deixava um homem fazer o que quisesse com ela por dinheiro, mas logo acrescentou que Albert usava a palavra para designar qualquer mulher que, em sua opinião, fosse feliz demais ou namoradeira.

– É uma casa de mulheres felizes – respondeu Hope, pensando que seria melhor não lhe dar a definição de Nell.

– Bem, então não culpo meu pai, porque minha mãe está sempre infeliz.

– Como ela pode ser infeliz? – perguntou Hope.

Para Hope, lady Harvey tinha a melhor vida possível.

– Ela sempre está – retrucou ele, indignado. – Chora muito por causa do meu pai. Acha que ele não se importa com ela.

Hope achou aquilo difícil de acreditar porque todos sempre lhe diziam que lady Harvey e sir William tinham se casado por amor. Mas as pessoas pensavam o mesmo do casamento de Albert e Nell, e ela sabia de perto como aquilo era falso e como era ruim morar com os dois.

– Minha mãe dizia que todos os casais brigam às vezes – disse ela, tentando oferecer algum consolo, porque o fato visivelmente o perturbava. – Então não se preocupe com eles. Dentro de pouco tempo você vai mesmo embora para a escola.

– Não quero ir embora – retrucou ele com ar sombrio. – Sei que vou odiar. Você pode vir me encontrar aqui de novo? Gosto de brincar com você.

Hope imaginou que talvez o medo de ir para a escola fosse no fundo a razão de todas aquelas preocupações, e que talvez ele também se sentisse sozinho.

– Só posso encontrá-lo às quartas-feiras. – A menina abriu um sorriso. – Mas é melhor não contar a ninguém.

Albert foi para a taberna em Chelwood assim que Hope chegou em casa, e nem sequer parou para repreendê-la por ter chegado tarde porque já tinha comido na casa dos Harveys. Fazia isso com bastante frequência agora, pois Martha, a nova cozinheira, sempre o tratava com atenção exagerada.

Nell costumava brincar dizendo que Albert tinha uma quedinha por Martha, embora a

cozinheira tivesse bem mais de 40 anos e fosse gorda, com dentes estragados. Por mais ridículo que fosse, Albert parecia apreciar a infinita admiração de Martha por seu trabalho no jardim e a maneira como ela o bajulava tanto quanto as comidas que ela fazia.

Como Nell não voltaria por algum tempo, Hope sentou-se na porta dos fundos para comer pão e queijo. Era um belo anoitecer, ainda quente com apenas uma brisa suave, o ar perfumado com o cheiro do feno recém-cortado. Era seu lugar favorito, pois o bosque estava à direita, à esquerda havia campos extensos e à frente ficava a mansão no final do caminho arborizado.

O sol estava se pondo e a casa adquirira um tom de damascos maduros. Hope estava distante demais para enxergar as rosas, mas Nell tinha dito naquela manhã que as roseiras haviam chegado à janela do quarto de lady Harvey e as flores enchiam o ambiente com seu aroma.

O que Rufus dissera sobre os pais não lhe saía da cabeça e fazia com que se lembrasse do tempo em que brincava com ele. Na época, ela não tinha consciência da enorme distância que separava sua família da dele. Enquanto ela se encantava com os brinquedos de Rufus, os móveis elegantes e as lindas roupas de lady Harvey, era envolvida pelo mesmo tipo de atmosfera calorosa que sentia em casa. Por isso sempre acreditou que sir William e lady Harvey eram exatamente iguais a seus pais.

Agora sabia que isso estava longe de ser verdade. A nobreza era uma classe completamente diferente da dos trabalhadores, e a cordialidade que sentira em Briargate naqueles dias não vinha dos donos da casa, mas dos criados, três dos quais eram membros de sua própria família. Lady Harvey não criava Rufus, era Ruth quem o fazia. Ele só passava uma hora por dia com a mãe. Com Nell entrando e saindo do quarto dele o dia inteiro e James levando-o para passear de pônei, Rufus provavelmente se sentia mais próximo dos Rentons do que dos próprios pais.

Imaginava que era em parte por isso que Rufus queria encontrá-la de novo, mesmo que ele próprio não soubesse. Enquanto os Rentons contavam com Briargate para garantir sua subsistência, Rufus contava com os Rentons para receber carinho e afeto. Nunca vira Nell ou Ruth infelizes, nem elas tinham a cara fechada e circunspecta da Srta. Bird. James devia provocar Rufus e brincar com ele como se fosse um irmão mais velho. Quanto a Hope, o menino provavelmente imaginava que, por ela ter sido sua primeira companheira de brincadeiras, agora poderia ser sua amiga, confidente e aliada.

Ela suspirou, sabendo muito bem que Nell não aprovaria que mantivesse encontros secretos com Rufus. A irmã estava sempre lembrando a Hope sobre “o seu lugar”. Hope sabia que, se tentasse explicar que Rufus se sentia solitário e triste, Nell daria um muxoxo e diria que ela estava dizendo bobagens. A irmã achava que um menino que tinha tanto só podia ser maravilhosamente feliz.

Ao avistar Nell se aproximando da casa, Hope correu para encontrá-la. Mesmo a distância, podia ver que a irmã estava muito cansada e que andava mancando como se os pés doessem.

– Albert está em casa? – perguntou quando Hope a alcançou.

– Não, foi para a taberna.

Nell assentiu como se estivesse contente.

– Como vão Matt e a família dele?

Hope lhe contou tudo o que se lembrava do que Amy dissera durante a tarde.

– Acho que ela pode estar grávida de novo. Não afirmou que estava, mas parecia.

– Também achei quando a vi na igreja no domingo – concordou Nell, pensativa. – E Joe e Henry, você os viu?

Hope não ia preocupar Nell contando que tinha visto os meninos pescando na ponte quando

deveriam estar trabalhando na fundição de cobre em Woolard.

– Eu os vi de longe – respondeu, porque era verdade, e se Nell pensasse que os vira na fundição isto seria um motivo de ansiedade a menos para ela.

Hope fez uma xícara de chá para Nell e foi buscar uma bacia com água para que ela pudesse pôr os pés de molho. Então se sentou com ela e perguntou quem fora jantar naquela noite em Briargate.

– Os Warrens de Wick Farm e os Metcalfes de Bath – respondeu Nell. – Lady Harvey usou o vestido de cetim azul e estava muito bonita.

– Você diria que ela estava feliz? – arriscou Hope.

– Hoje ela parecia estar – disse Nell, flexionando os dedos dos pés na água morna e suspirando de prazer por estar finalmente sentada. – Mas ela sempre parece se recompor quando o patrão está em casa.

– Quer dizer que fica infeliz quando ele está ausente?

– Como você gosta de fazer perguntas! – Nell riu. – Fica, sim. Às vezes, quando sei que ela está chorando, tenho vontade de lhe dizer que eu ficaria feliz como um pinto no lixo se Albert fosse embora para sempre.

Por esse comentário, Hope deduzia que a irmã tivera um dia difícil, pois embora tivesse feito a observação com ar despreocupado, como se estivesse brincando, era uma frase bastante indiscreta para os padrões habituais dela.

Nell nunca admitiu abertamente que se arrependia de ter se casado com Albert, mas Hope via isso todos os dias no rosto dela. É verdade que a tratava melhor agora, mas nunca demonstrou o menor sinal de afeto, e Nell desistira de tentar envolvê-lo nas conversas. Apesar de ainda se incumbir de todas as tarefas domésticas de uma esposa como limpar, lavar e consertar as roupas, ela já não dava um pulo em casa durante o dia para preparar a ceia dele porque Albert tinha começado a fazer suas refeições na mansão. Era como se Nell fosse sua criada, pois Hope não os vira se beijar ou abraçar desde o dia do casamento.

Alguns meses antes, quando as regras de Hope começaram, Nell havia lhe explicado o que significavam, e que logo ela começaria a querer um namorado. Preveniu Hope que não permitisse que nenhum rapaz ou homem tomasse liberdades com ela, pois o resultado poderia ser um bebê.

– Você é bonita e muitos homens vão desejá-la – disse ela em tom severo. – Não se deixe enganar, Hope, o homem certo vai esperar pelo casamento. – Ficou em silêncio por um tempo e de repente agarrou a mão de Hope com firmeza. – Mas antes de você concordar em se casar, tenha certeza de que é você mesmo que ele quer, seu corpo, sua mente, você inteira. Porque alguns homens não sabem amar, são apenas cascas vazias, e desejam esconder sua doença tendo uma mulher a seu lado.

Hope percebeu que era assim que Nell via Albert: uma concha vazia incapaz de amar. Também tinha uma forte desconfiança de que eles não praticavam o ato que fazia bebês, ou a essa altura com certeza Nell já teria um.

A Srta. Bird, governanta de Rufus, deixou Briargate no fim de junho para trabalhar em Bristol. Ruth e Nell ficaram satisfeitas em vê-la ir embora, pois nunca tinham gostado muito dela, mas

não sabiam como Rufus passaria seus dias até que fosse para a escola em setembro.

Ele detestava sair com a mãe, porém estava entediado e sozinho em casa sem ter com quem brincar. Gostava de cavalgar com o pai, mas, mesmo quando sir William estava em Briargate, ele raramente levava o filho consigo. James tentou encontrar tempo para sair a cavalo algumas vezes com o menino, mas, como o segundo cavaliço tinha ido embora, tinha trabalho dobrado para fazer.

Hope tentou se convencer de que suas reuniões secretas semanais com Rufus eram para fazer companhia ao menino. Primeiro ia ver Matt e Amy, porém voltava mais cedo para passar mais tempo com Rufus. Seu rosto se iluminava quando a via, e ele sempre repetia que quarta-feira era seu dia favorito.

Às vezes ele levava presentes, caramelos, chocolate ou pêssegos maduros, coisas que Hope raramente tinha a oportunidade de comer. Entravam pelo bosque, muitas vezes até a grande lagoa rodeada de arbustos e juncos, e em dias muito quentes tiravam as meias e botas e chapinhavam na água.

Hope descobriu que se sentia tão à vontade com Rufus quanto com a própria família, mas ele era muito mais gentil e amável do que seus irmãos. Não se importava quando ela só queria sentar-se ao sol e conversar e não insistia em fazê-la participar de brincadeiras brutas.

Apesar de no início ter pensado que estava apenas sendo caridosa com um menino solitário, depois do segundo encontro ficou tão ansiosa quanto ele. Deu-se conta de que também se sentia só, mas, como estava cercada de pessoas o dia todo, nunca percebera tal coisa antes. Nell, Ruth e todos os outros criados de Briargate eram muito mais velhos do que ela; só falavam do trabalho ou de mexericos do vilarejo.

Rufus era muito inteligente. Sabia muitas coisas que ela desconhecia, sobre lugares como Índia, África e América, e lia livros sobre esses assuntos e falava sobre seus costumes e animais selvagens. Dizia que queria ser explorador e encontrar terras onde nenhuma pessoa branca tivesse pisado. Chegou a fazê-la ter vontade de ir com ele.

Em troca, Hope falava sobre as pessoas com quem crescera e contava histórias divertidas sobre elas.

– Eu queria conhecer pessoas engraçadas – disse Rufus, com bastante tristeza.

Hope tinha acabado de contar como Jack Carpenter, da fazenda Nutgrove, não conseguira pegar seu porco-do-mato premiado quando o animal escapou. Ele gritava, brandindo um bastão comprido para tentar tocá-lo de volta para a fazenda, e então o bicho se voltou contra ele e o derrubou na lagoa.

– Na verdade, eu só queria poder encontrar pessoas – continuou ele. – Sabia que este ano só conversei com três pessoas além do pessoal de Briargate? Duas delas foram a Srta. Lacey e a Srta. Franklin, as idosas que às vezes vêm visitar minha mãe. Elas eram muito chatas, só sabiam falar sobre quanto eu tinha crescido. A outra pessoa foi o ferreiro quando fui com James pôr ferraduras nos cavalos. E ele só resmungava.

– Essa é outra boa razão para ir para a escola, então – disse Hope. – Lá, você vai ter muitas pessoas com quem conversar, e quando chegar em casa vai poder me contar todas as histórias divertidas sobre elas.

À medida que as semanas passavam, as conversas iam se tornando mais pessoais. Hope falou sobre as duas irmãs que tinham morrido de escarlatina e depois sobre como perdera os pais vitimados pelo tifo. Ela nunca falara sobre isso com ninguém desde o enterro, nem mesmo com

Nell, mas contou tudo a Rufus: quão horrível fora a doença, o medo que sentira e como ficara brava com a mãe por ter desistido de lutar ao saber que o marido falecera.

Rufus ficou horrorizado por nunca ter sido informado de como seus pais tinham morrido.

– Como Ruth pôde cuidar de mim por todo esse tempo e não me contar? – queixou-se ele, indignado. – Ou Nell, ou mesmo minha mãe? Por que esconderam de mim? Eu poderia ao menos ter consolado e colhido algumas flores do jardim para colocar no túmulo deles.

– Você era muito pequeno. As pessoas não contam essas coisas para as crianças – explicou Hope, mas ficou comovida por Rufus desejar ter feito algum tipo de gesto.

– Meus pais fizeram alguma coisa?

– Bem, eles me deixaram vir ajudar na cozinha.

O olhar de Rufus endureceu.

– Só isso? Mas Ruth foi minha babá desde que nasci, e Nell já trabalha conosco há uns dezessete anos. Minha mãe com certeza poderia ter feito algo mais...

– O que ela poderia fazer, Rufus? – Hope deu de ombros. – Eles são nobres, somos apenas gente do povo. Não era caso de eu não ter um teto; fui morar com Nell e Albert.

– Mas ela sempre comentava sobre como você era bonita e inteligente – disse ele, perplexo.

Hope notou que, por mais que Rufus conhecesse muito sobre várias coisas, não tinha a menor ideia de como os pobres viviam, então passou a lhe explicar sobre as casas minúsculas com pisos nus e muito pouca mobília, sobre como ela nunca tivera uma cama de verdade, apenas um saco cheio de feno. Contou como a maioria das crianças era obrigada a fazer algum tipo de trabalho quase logo depois de aprender a andar, mesmo que fosse apenas espantar os pássaros das colheitas.

– Tive a sorte de ir às aulas do reverendo Gosling por quatro anos para aprender a ler e escrever – continuou ela. – Nenhum dos meus irmãos estudou por tanto tempo, e a maioria das pessoas no vilarejo não sabe ler nem escrever.

– Mas isso não é justo! Todos deveriam ter as mesmas oportunidades.

– É assim que são as coisas – disse Hope, repetindo o que Nell sempre dizia quando ela se queixava de alguma injustiça.

Então chegou a hora de irem para casa e, ao se despedirem na orla do bosque, ela viu Rufus atravessar o padoque parecendo muito triste e pensativo.

Em meados de agosto, lady Harvey recebeu uma carta de sua irmã mais nova dizendo que a mãe delas estava muito doente e pedindo que fosse imediatamente para lá. Lady Harvey quis que Nell a acompanhasse na viagem, mas achava que Rufus deveria ficar em Briargate, já que ia começar na escola de Wells em setembro.

Elas saíam de Bristol pela ferrovia Great Western, e Hope ficou com inveja porque tinha visto imagens do trem e pareceu-lhe uma forma muito rápida e excitante de viajar. Também ficou nervosa com a perspectiva de ficar sozinha com Albert, mas Nell disse que perguntaria a Baines se ela poderia dormir em Briargate, desde que fosse todos os dias arrumar a casa para Albert.

Fez muito calor durante várias semanas e, às cinco da manhã, quando Nell e Hope saíram de casa, o dia já estava bem quente.

– Por favor, comporte-se enquanto eu estiver fora – pediu Nell, ansiosa, enquanto percorriam o caminho até a mansão carregando a mala. – Acho que vamos demorar um bom tempo para voltar. Mesmo que a mãe de lady Harvey morra logo, vai levar dias até o enterro. E

não podemos sair de imediato, não seria bem-visto.

– Vou ficar bem – insistiu Hope, compreendo a preocupação de Nell. – Ruth e James estão em Briargate e Matt mora aqui perto. E com os patrões fora, não haverá muito trabalho para nós.

Sir William já estava em Londres havia algum tempo, mas Nell explicou que lady Harvey escrevera pedindo-lhe para ir a seu encontro na casa da família em Sussex.

– Vai ser horrível viajar para longe neste calor – resmungou Nell.

Hope riu.

– O trem é tão ligeiro que ficará fresco com as janelas abertas. Você vai gostar, sabe que vai. É melhor ficar sentada ali vendo o mundo passar do que correndo de um lado para outro em Briargate.

– Você não devia falar assim quando sabe que a mãe de lady Harvey está morrendo.

Hope queria retorquir que lady Harvey não tinha demonstrado muita simpatia quando sua própria mãe morrera, mas ficou em silêncio; Nell parecia fazer vista grossa ao descaso da patroa.

Hope despediu-se da irmã na cozinha com um beijo e se agarrou a ela um pouco mais do que costumava fazer.

– Quem é que está se comportando como se fosse um bebê? – sussurrou Nell com carinho. – Pensei que ficaria feliz em me ver indo embora.

– Vou sentir sua falta – admitiu Hope, reprimindo as lágrimas.

Nell não se ausentava com lady Harvey desde a morte de seus pais, e agora Hope estava com medo. Ela ajeitou uma mecha de cabelo que caíra na testa de Hope e enfiou-a por baixo da touca.

– Algum dia já lhe disse o que você significa para mim? – perguntou num sussurro, muito consciente de que Martha e Baines estavam próximos.

Hope balançou a cabeça.

– Tudo! – disse Nell. – Tem sido assim desde que a segurei no colo pela primeira vez. Então, pense apenas em se comportar. Não quero voltar e encontrá-la desacreditada.

Tendo lady Harvey partido para Sussex, Briargate pareceu cair em uma espécie de torpor.

Sem mais refeições a serem preparadas para servir na sala de jantar, sem lareiras para acender, com menos limpeza, menos trabalho na lavanderia e liberados de todas as inúmeras outras tarefas, já que nem o senhor nem a senhora estavam na mansão, os criados podiam relaxar. Martha comentou sobre fazer geleia de cassis com as últimas frutinhas do jardim, mas parecia que não estava com pressa de começar. Até Baines se instalou na sala dos criados para ler o jornal.

Martha mandou Hope até o pomar mais tarde naquela manhã para colher algumas ameixas. Hope demorou-se ali, parando em um pequeno terraço logo acima do pomar para olhar ao redor e saborear a beleza do terreno. Todas as árvores frutíferas estavam carregadas: ameixas roxas voluptuosas, peras verde-claras e maçãs vermelhas reluzentes, todas perfeitas e gostosas. Gordos zangões zumbiam com preguiça ao sol, um tordo cantava com toda a alma e o ar estava impregnado do perfume das frutas e da lavanda no terraço.

Além do pomar, no vale e na encosta do outro lado, grandes fileiras de milho dourado acenavam sedutoramente à brisa leve. A colheita havia começado; Hope avistava clarões prateados da luz do sol refletindo nas foices enquanto os homens se deslocavam metodicamente pelos campos. Matt estaria entre aqueles homens, que pareciam pequenos ciscos, talvez Joe e Henry também, e eles trabalhariam até que o sol descesse no horizonte, rezando para que o bom



tempo durasse até que tudo estivesse colhido.

Hope comeu algumas ameixas enquanto enchia a cesta. Estavam quentes e suculentas, tão doces que a deixaram quase delirante de prazer, e ela ficou contente por ter se lembrado de pôr o avental que usava para o trabalho pesado, pois o suco escorria em profusão pelo seu queixo, manchando-o de vermelho-escuro.

Voltou para casa sem pressa, parando com frequência para admirar as muitas árvores antigas e majestosas que haviam sido plantadas quando Briargate fora construída, e os novos canteiros de flores que Albert criara nos últimos anos.

Quando contornou uma grande castanheira-da-índia, ela viu o cunhado cortando a grama alta em torno de uns arbustos e parou, de repente impressionada ao constatar como ele era bonito, com o rosto e os antebraços bronzeados como uma castanha, o cabelo preto espesso, o nariz bem proporcionado e o corpo robusto, mas gracioso. Embora tivesse medo dele, ali Albert não parecia ameaçador porque estava totalmente concentrado no trabalho, empunhando a foice com precisão e leveza.

– O jardim está muito bom – disse ela, nervosa, esperando que ele a mandasse embora. – Aquele canteiro ali está tão bonito!

Ela apontou para um canteiro de margaridas brancas altas e de uma flor estrelada roxa cujo nome Hope não sabia, erguendo-se atrás de uma massa de cravos.

Albert interrompeu o trabalho e deu um de seus raros sorrisos, mostrando os dentes muito brancos.

– Sim, é meu maior orgulho – disse ele com uma cordialidade surpreendente. – Mas os outros já estão murchando.

Hope se aproximou e lhe ofereceu uma ameixa.

– Experimente, estão deliciosas.

Ele olhou para seu avental manchado, e a menina esperou que ele fizesse um de seus comentários sarcásticos habituais, mas apenas pegou a ameixa e a mordeu, e sorriu quando o suco jorrou.

– Hum... – murmurou, agradecido. – É melhor comer logo antes que as vespas as encontrem.

Contente por ele não estar sendo desagradável ao menos uma vez, Hope lhe deu outra.

– Você fez um bom trabalho no jardim.

Ele pareceu satisfeito com o elogio, mas não fez nenhum comentário.

– É preciso ter olho de um artista para escolher cores e formas que combinem tão bem – completou ela, timidamente.

Albert sorriu e se apoiou na foice para enxugar o suor da testa com um pedaço de pano.

– Você deve estar com muito calor – comentou ela. – Quer que lhe traga algo para beber?

– Vou até a casa daqui a pouco. Mas obrigado por oferecer.

Hope retomou seu caminho, mas uma pequena centelha de esperança se acendeu dentro de si porque sentiu que eles finalmente tinham estabelecido algum tipo de conexão. Pensou que, quando fosse até a casa do portão à tardinha, deixaria umas ameixas numa tigela e talvez colocasse algumas flores na mesa. Nell gostaria muito se, ao chegar em casa, descobrisse que estavam se dando bem.

Dez dias depois, Ruth entrou na cozinha vindo do pátio da estrebaria com a testa franzida de preocupação.

– Não consigo encontrar Rufus.

Martha e Hope estavam preparando a ceia.

– Ele estava com James na estrebaria – respondeu Martha. – Pelo menos até há pouco, porque eu os ouvi rir.

– Não está mais lá. James disse que achou que ele tinha voltado para cá, mas já revirei a casa inteira. Olhei por todo o jardim. Não sei mais onde procurar.

– Ele vai aparecer, Ruth, Rufus não é mais um bebê – disse Hope.

– Mas ele é minha responsabilidade enquanto a mãe está ausente – retrucou Ruth, a voz agitada de tanta ansiedade.

No dia anterior, Ruth havia afirmado que não se importaria se os patrões nunca mais voltassem, pois o tempo permanecera quente e ensolarado, e ela, como todos os criados, estava muito descontraindo, trabalhando apenas o mínimo necessário.

No entanto, para Ruth, tinha sido um feriado quase completo, pois, desde o primeiro dia da partida dos pais, Rufus insistiu que queria comer com os criados e, até então, uma semana depois, ele só voltara ao seu quarto para dormir.

De manhã cedo ele já estava auxiliando James com os cavalos e mais tarde aparecia na cozinha e se oferecia para ajudar. Sua natureza bem-humorada e o prazer óbvio que sentia em poder entrar no mundo dos criados contagiaram a todos. Toda a rígida estrutura do dia tinha desmoronado, o trabalho era realizado no início da manhã ou ao anoitecer, quando estava mais fresco, as refeições eram mais simples. Uma mesa e cadeiras foram levadas para o pátio da estrebaria, e até Albert, que normalmente só entrava para tomar uma bebida num gole só e sair, sentava-se agora à mesa e participava das conversas.

Hope não conseguia se lembrar de ter ouvido tantas risadas em Briargate. Uma tarde, Baines ensinou um novo jogo de cartas a ela, Rufus e Ruth; em outra, Rose ensinou todos eles a fazer enfeites e bonecos com palha de milho. No entanto, Hope gostava mesmo era de passar o dia com Rufus.

No começo, tiveram o cuidado de se comportar como se mal se conhecessem, mas, à medida que os dias passavam, ninguém pareceu notar ou se preocupar com qualquer familiaridade excessiva. Baines chegou a observar, quando estavam indo à igreja na manhã de domingo, que Hope devia andar com bons modos e não correr com Rufus como uma estouvada, mas foi apenas um lembrete muito brando da posição que ela ocupava, não uma repreensão de verdade.

– Ele deve estar escondido em algum lugar esperando que um de vocês apareça para lhe dar um susto – disse Hope. – Vou ajudar a procurar.

E saiu da cozinha depressa porque estava bem certa de onde Rufus poderia estar, embora não entendesse por que ele teria ido para lá tão próximo da hora do jantar.

Depois de passar pelo cercado do padoque, Hope ergueu a barra das saias e correu para a floresta. Na última quarta-feira, Baines a deixara sair às onze da manhã. Matt e Amy estavam ocupados com a colheita, então ela só ficou com eles durante umas duas horas e encontrou Rufus no bosque muito mais cedo do que de costume. Os dois acharam um barco velho largado entre os juncos que margeavam a lagoa e passaram a maior parte do dia tentando tirá-lo de lá. Rufus falou com entusiasmo em depois levar algumas ferramentas para que pudessem consertá-lo e fazê-lo flutuar na lagoa.

Hope presumiu que seria exatamente o que Rufus estaria fazendo naquele momento, e na

tentativa de surpreendê-la, não teria percebido como já era tarde.

Era muito mais fresco dentro da floresta, e as trilhas bem definidas no início do ano encontravam-se agora cobertas de mato e arbustos espinhosos. Hope conhecia a floresta como a palma da mão, mas era difícil passar em certos lugares e, na pressa, os galhos se agarravam em seus cabelos e arranhavam seu rosto e suas mãos.

Ela gritava o nome dele enquanto corria, exortando-o a sair do esconderijo antes que Ruth mandasse James ou Albert para lá. Mas Rufus não respondia e, quando ela parou um momento para escutar, não havia outro ruído além do canto dos pássaros.

Quando chegou à lagoa, estava sem fôlego e com muito calor. Mais uma vez, chamou por Rufus e tentou escutar a resposta, mas nada ouviu. Quase toda a superfície da lagoa estava coberta de algas, lótus e repleta de mosquitos que a atacaram quando ela se aproximou da água. Não conseguia ver o barco, que estava escondido pelos juncos no lado oposto da lagoa. Entretanto, se Rufus estivesse lá, ela certamente teria podido vê-lo ou ouvi-lo.

Permaneceu ali por alguns instantes, indecisa sobre o que fazer em seguida. A voz da razão lhe dizia que estava enganada, que ele não estava ali e que seria melhor voltar para Briargate, mas uma sensação ruim no estômago a fez rodear a lagoa para se certificar.

Tinham encontrado o barco quando se aproximaram da lagoa pelo outro lado, mas era muito difícil chegar lá do ponto onde ela se encontrava. No inverno, o riacho que alimentava a lagoa às vezes parecia uma torrente furiosa; agora, não passava de um filete de água. Mas os juncos, as algas e os espinheiros haviam coberto a lama ainda úmida, e ela precisava abrir caminho com cuidado. Dava para ouvir Albert e James gritando o nome de Rufus a distância e seguindo em direção ao bosque, então ela tinha que agir rápido, porque, se a encontrassem ali, teria muitas explicações a dar.

Por fim, alcançou o barco e viu que estava meio tombado para o lado, a quilha virada para Hope. Soube então que Rufus estivera ali, porque na quarta-feira o barco estava desvirado.

O medo apertou seu coração, pois pressentiu que Rufus teria entrado na água para tentar movê-lo ou escorregado no leito de juncos enquanto tentava soltá-lo. Rufus não sabia nadar, e contara isso a ela na primeira vez em que foram àquele lugar. E até um bom nadador teria dificuldade em se deslocar na água cheia de juncos.

Hope arrancou as botas, o vestido, a anágua e as meias e, apenas com a camisa de baixo, mergulhou na água e rodeou a proa.

Foi então que viu Rufus, completamente submerso a não ser pela cabeça, que parecia estar apoiada em alguns juncos. Havia um corte feio em sua testa.

O pânico a fez esquecer a profundidade da água e o fato de que ela também não sabia nadar. De repente, não havia nada sob seus pés e Hope afundou. Agitou os braços e as pernas e conseguiu levantar a cabeça acima da superfície do lago, apenas por tempo suficiente para alcançar a lateral do barco. Debatendo-se e cuspido água, ela conseguiu contornar o barco até chegar a Rufus.

A aparência dele lembrou-lhe muito a de seu pai morto.

– Rufus! – chamou-o, espirrando um pouco de água no rosto dele. – Você não pode estar morto! Fale comigo!

Mas não houve resposta e, escutando as vozes de James e Albert em algum lugar próximo, ela ergueu a cabeça e gritou para eles virem à lagoa.

Quando ouviu seus passos apressados, galhos se quebrando, pássaros voando assustados, ela enganchou o braço livre sob a cabeça de Rufus e o puxou para si.

Todas as advertências que ouvira de seus pais e irmãos mais velhos sobre brincar perto da

água voltaram-lhe naqueles longos minutos em que esperou James e Albert a alcançarem. Ela deveria ter transmitido aqueles conselhos para Rufus. O amigo era mais novo do que ela, e o que poderia saber sobre perigos quando passara toda a sua curta vida na segurança de seu quarto ou andando de carruagem com a mãe? Ela o trouxera ali. Era responsável por sua morte.

Soluçando, Hope o segurava, beijando seu rosto, implorando seu perdão por não tê-lo protegido. Mal sentia a água fria e os mosquitos que a mordiam, estava inteiramente concentrada no rostinho doce e em tudo o que haviam se tornado um para o outro.

– Hope! – ouviu James gritar do outro lado da lagoa. – Onde você está?

– Aqui! Rufus caiu de um barco velho no meio dos juncos. Eu o estou segurando.

Ouviu-se um barulho alto quando James mergulhou, e de repente ela o viu nadando através do emaranhado de lótus, os cabelos pretos colados no rosto e os olhos refletindo seu próprio terror.

– Acho que ele morreu – ela conseguiu balbuciar. – O rosto dele estava fora da água quando o encontrei, mas Rufus bateu com a cabeça.

James aprumou-se na água quando olhou para Rufus, então começou a nadar de costas levando o menino com ele, as mãos dando suporte à cabeça dele.

– Segure-se bem, Hope! – gritou ele. – Volto para buscar você.

E desapareceu de sua visão, mas ela ouviu a voz de Albert e mais barulho de água se agitando enquanto os dois homens puxavam Rufus para a margem.

Pareceu ter se passado muito tempo. As duas vozes masculinas calaram-se, teve a impressão de que os dois tinham ficado tão perturbados com a morte de Rufus que a tinham esquecido. O medo e a água fria faziam seus dentes baterem. Não seria apenas ela a culpada por aquilo, mas todos os criados. Por mais terrível que fosse, refletiu que o sofrimento de lady Harvey em perder seu único filho seria ainda pior.

Não tinha forças para gritar e lembrar a James que ficara lá e estava muito assustada para tentar chegar ao raso sozinha. Mas de repente lá estava o irmão de volta, estendendo o braço para ela como fizera com Rufus, pedindo que não se debatesse ou ambos afundariam.

As mãos grandes de Albert seguraram-na sob os braços, e Hope foi tirada da água e colocada na margem ao lado de Rufus.

Depois da água fria, a luz do sol parecia quente demais.

– Ele está...? – perguntou ela, mas se viu incapaz de terminar a pergunta porque James e Albert olhavam para ela com ar austero.

– Ele está bem, graças a você – explicou James. – A pancada na cabeça o fez desmaiar. Mas se ficasse lá por mais tempo, teria afundado e se afogado.

Hope mal se atrevia a virar a cabeça para olhar para o amigo; tinha certeza de que James estava tentando poupá-la. No entanto, quando seus olhos finalmente pousaram sobre as pernas e os pés descalços de Rufus e viram movimento, sentiu coragem suficiente para se virar.

Albert estava limpando a ferida da testa enquanto Rufus choramingava.

– Ah, graças a Deus! – exclamou ela. – Pensei que ele tivesse se afogado.

James rodeou a lagoa e encontrou as roupas e botas dela, mas precisou vesti-la, pois Hope tremia demais. Albert pegou Rufus no colo e o carregou; ela e James seguiram calados atrás.

O silêncio de James no caminho de volta confirmava que ela estava encrencada. Com certeza seria demitida, pois era culpada, mesmo Rufus tendo sobrevivido. Nunca precisou tanto de Nell e, embora Albert ainda não a tivesse punido, tinha certeza de que era só porque estava

ocupado cuidando de Rufus. Assim que chegassem a Briargate, ele decerto lhe daria uma surra.

De volta na cozinha, Martha, Ruth, Baines e Rose rodearam Rufus. Enrolaram-no em um cobertor e lhe deram uma bebida quente, e Baines estava lhe falando do susto que dera nos criados.

– Foi Hope quem o encontrou – declarou James quando Ruth começou a elogiá-lo. – Ela tirou a roupa e entrou na água para salvá-lo. Se não tivesse mantido a cabeça dele fora da água, ele teria se afogado. Foi muito corajosa, porque também não sabe nadar!

De repente, a atenção de todos voltou-se para Hope, mas, embora aquela parte da história fosse verdadeira, ela não podia saborear a admiração deles. Sabia que em questão de minutos Rufus revelaria tudo sobre suas reuniões secretas e como tinham encontrado o barco.

Martha colocou uma xícara de chá em suas mãos trêmulas e afastou o cabelo molhado de seu rosto.

– Como você sabia onde procurá-lo? – perguntou ela.

– Não sei – respondeu Hope, chorosa.

Ruth colocou panelas de água no fogo para preparar o banho para Rufus, e Hope notou o quanto ela estava abalada, pois seu rosto estava pálido, e seus movimentos, erráticos. Ela deixou Baines fazer um curativo na testa de Rufus, mas segurou-lhe a mão e perguntou com voz chorosa por que ele tinha ido para o bosque.

Então Hope sentiu-se realmente angustiada, pois percebeu que Ruth achava que seu emprego estava em perigo: ela era a babá e deixara o jovem patrão sair sozinho. De repente, Hope começou a chorar; podia suportar a própria punição, mas não a ideia de Ruth ou de qualquer outra pessoa ali ser culpada por algo que era sua culpa.

– Por que Hope está chorando? – perguntou Rufus, sua voz soando clara e alta.

– Porque ela achou que você estava morto, Sr. Rufus – respondeu Baines. – E poderia muito bem ter se afogado se não fosse por Hope.

– Posso falar com ela? – perguntou Rufus, e, afastando Ruth, se aproximou da menina, ainda enrolado no cobertor.

– Não chore, Hope – pediu ele, usando uma ponta do cobertor para enxugar o rosto dela. – Olhe só, estou bem. Você foi muito esperta em me encontrar, e desculpe se a assustei.

Ele olhava diretamente nos olhos dela enquanto falava, um leve sorriso brincando em seus lábios.

– Minha mãe vai ficar muito grata por você ter salvado minha vida, porque tenho certeza de que Ruth terá que contar a ela o que fiz. Mas fiquei tão animado por ter encontrado um barco velho... Queria tirá-lo da água e brincar dentro dele. Não parei para pensar que poderia ser perigoso.

Um nó se formou na garganta de Hope ao ver que ele estava tentando lhe dizer que suas reuniões secretas permaneceriam secretas.

– Está tudo bem, Sr. Rufus – disse ela, séria. – Mas sua mãe vai culpar Ruth por não tomar conta de você direito. Ela está com medo de ser demitida.

– Então talvez seja melhor não contar nada para minha mãe. – Rufus olhou para os outros criados. – Eu poderia ter arranjado esse machucado na cabeça ao tropeçar. E, de qualquer forma, talvez já tenha desaparecido quando ela voltar.

Rufus voltou-se para Ruth e a abraçou, encostando-se em seu peito.

– Desculpe tê-la assustado, Ruthie. Não vou fazer isso novamente. Você me perdoa?

Hope teve vontade de rir, pois ele era tão encantador quanto o pai.

– Você vai tomar banho, ir para a cama e ficar lá. – Ainda que Ruth evidentemente quisesse que a frase soasse como um castigo, a voz trêmula significava apenas alívio e preocupação. – E não vai mais sair da minha vista ou vou trancá-lo no quarto!

– Muito bem, Hope. Você evitou uma tragédia – disse Baines, enquanto Rose tirava a mesa da ceia.

Ruth tinha levado Rufus para o andar de cima e Albert tinha ido para casa, então estavam os dois sozinhos na sala dos criados.

– Também acho muito bom que o patrãozinho vá para a escola em breve, ele precisa da companhia de outros meninos e de um pouco de disciplina.

Hope baixou a cabeça. Tinha a forte impressão de que Baines adivinhara que ela estava mais envolvida com Rufus do que se pensava e a aconselhava a cortar o mal pela raiz.

– Parece que vem uma tempestade por aí – disse ele, levantando-se e indo até a janela. – Posso sentir os trovões se formando. Talvez seja bom, esse calor deixou todos nós um pouco irresponsáveis.

1847

Numa manhã de novembro, Hope batia claras de ovos à mesa da cozinha quando Martha voltou de seu habitual encontro semanal com lady Harvey para decidir as refeições da semana seguinte.

– A patroa irá a Sussex amanhã de novo – anunciou Martha com ar importante.

Hope desviou os olhos da tigela com a notícia inesperada.

– É o pai dela quem está doente agora?

– Ele não andava muito bem desde que a esposa morreu – disse Martha como se o conhecesse pessoalmente. – Coitado do homem, sozinho naquela mansão enorme!

Hope conteve um comentário sarcástico. Martha era uma boa pessoa, mas Hope achava que deveria dedicar sua simpatia a quem de fato a merecia. O Sr. Dorville tinha uma quantidade imensa de criados cuidando dele e de sua propriedade, enquanto a menos de um quilômetro dali havia famílias inteiras vivendo apenas com alguns xelins por semana. Lutavam para alimentar os filhos e nunca podiam se dar ao luxo de chamar um médico quando ficavam doentes.

– A patroa disse se Nell ia com ela? – perguntou Hope.

– Claro que sim, uma senhora não viaja sem sua criada pessoal. – Martha bufou. – Nem mesmo aqui, onde os padrões vêm caindo um pouco todos os dias.

Hope não fez mais perguntas porque achou muito irritante a atitude superior de Martha. No entanto, a cozinheira estava certa com relação à queda dos padrões em Briargate.

Ela não conhecera os velhos tempos, quando havia cerca de quinze criados na mansão. Nos últimos anos, quando alguém ia embora, os criados restantes dividiam o trabalho entre eles. Martha fora contratada porque alguém tinha que substituir a velha cozinheira que falecera.

Um ano atrás, porém, quando Rufus fora para a escola em Wells, essa situação se deteriorou ainda mais. Um mês depois da partida de Rufus, Ruth foi embora, zangada, porque lhe pediram que se tornasse uma criada para todo o serviço de casa. James fora demitido quando sir William vendeu todos os cavalos, exceto dois, e Ruby deixou o serviço para se casar.

Hope e Nell sentiam muita falta de Ruth e James, mas tinham que admitir que ir embora tinha sido melhor para seu irmão e irmã. Ruth foi para Bath trabalhar como governanta para um viúvo com duas filhas de 7 e 9 anos e, seis meses depois, estava casada com ele.

O viúvo era um pedreiro chamado John Pike e, embora o casamento parecesse ser muito repentino, Nell e Hope visitaram Ruth duas vezes desde então e acharam que ela parecia muito feliz. John Pike era um homem amável e trabalhador, com uma casa agradável, e suas duas filhas estavam entusiasmadas com o fato de terem uma nova mãe. Na semana anterior, Ruth havia escrito para contar que estava esperando um bebê, o que deixou Nell e Hope encantadas.

Sir William providenciou para James um novo emprego como cavaleiro principal em Littlecote Manor, em Berkshire, talvez se sentindo culpado por ser obrigado a fazer cortes no pessoal. Albert poderia cuidar de Merlin e Buttercup, a égua que puxava a carruagem menor, de duas rodas; e não havia necessidade de manter cavalos para a carruagem maior quando ele podia tomar o trem para Londres.

Qualquer que tenha sido o motivo apresentado para as demissões, todos os criados sabiam a verdade: sir William estava passando por graves dificuldades financeiras. A casa de Londres tinha sido vendida alguns anos antes e, desde então, as festas em Briargate tornaram-se gradualmente menos frequentes. Nell dizia que era difícil lembrar como eram os preparativos para um grande jantar ou até mesmo para receber convidados nos fins de semana.

Lady Harvey agora tomava conta dos gastos domésticos. Deu a entender a Baines que talvez eles não precisassem acender as lareiras nas salas que raramente usavam e deixou Martha chocada ao sugerir que ela devia preparar refeições mais simples. Em várias ocasiões, o comerciante de vinho e o açougueiro tinham ido a Briargate para exigir o pagamento da conta, embora Baines tenha feito crer que não passavam de meros lapsos de sua parte.

A melancolia de lady Harvey pairava pela casa, afetando a todos. Nell alegava que ela ainda estava de luto pela mãe, o que talvez fosse mesmo verdade, mas não saía mais para visitas nem compras e muitas vezes passava o dia todo na cama.

Sir William não parecia se importar com o que acontecia na casa; raramente estava presente, e quando estava bebia muito e brigava com a esposa.

Os criados estavam apreensivos demais com relação à sua estabilidade para se queixar de trabalhos extras. Albert não reclamou quando perdeu Willy, seu assistente, nem por ter que cuidar dos cavalos e servir de cocheiro. Nell não disse nada sobre ter que limpar os quartos do senhor e da senhora, e Hope mordeu a língua quando lhe mandaram esvaziar os baldes de água suja, transportar a água do banho e fazer a maior parte do trabalho da lavanderia.

Entretanto, era o leal e sofredor Baines quem aguentava o maior peso dos cortes. Ele sempre trabalhara como criado pessoal de sir William, além de ser responsável por manter as lareiras acesas e os sapatos limpos. Agora supria faltas em todos os lugares: desde trabalhos de manutenção da casa até varrer o pátio da estrebaria e polir as peças de bronze da porta da frente quando ninguém mais encontrava tempo para fazê-lo.

Como resultado de todas as tarefas extras, Hope já não morava na casa do portão com Nell e Albert. Ocupava o antigo quarto de Ruth no sótão e, embora tivesse que trabalhar muito mais, pelo menos, quando o dia terminava, não tinha que aguentar o silêncio sombrio de Albert nem seus olhares reprovadores.

Sentia falta de Ruth e James, mas sentia muito mais a falta de Rufus. Depois do acidente na lagoa, desenvolveram uma ligação especial. À medida que o dia de sua partida para a escola se aproximava, Baines e Ruth haviam permitido que ela passasse grande parte do tempo com ele. Montavam quebra-cabeças no quarto de brinquedos, jogavam cartas e inventavam dezenas de diferentes jogos de adivinhação. Hope notava que ele estava preocupado; franzia a testa para o grande baú novo e reluzente no canto do quarto que Ruth ia aos poucos enchendo de roupas e dizia que fugiria caso não gostasse da escola. Mas Hope tentava acalmá-lo lembrando que todos os meninos novos sentiriam o mesmo e que ele logo faria amigos, e depois o distraía com uma nova brincadeira.

Lady Harvey ainda não retornara quando ele teve que partir, mas o pai voltou para levá-lo na carruagem de duas rodas. Os criados foram para a frente da mansão despedir-se, e havia lágrimas nos olhos de todos enquanto Rufus corajosamente gritava adeus e fingia estar feliz por partir.

Hope imaginava que ele seria influenciado por seus novos amigos e que, quando voltasse nas férias, não ia querer mais ser amigo de uma ajudante de cozinha. Mas estava errada: sempre que ele voltava para Briargate, ia direto para a cozinha encontrá-la. Nell e Baines decidiram que era melhor para Rufus estar na cozinha ou na companhia de Hope do que vendo o pai bêbado, a



mãe aos prantos ou ouvindo os dois discutindo.

Nell muitas vezes suspirava e recordava os tempos felizes de quando Rufus ainda era bebê. Sir William talvez passasse muitos dias fora na época, mas, quando estava em casa, ele e lady Harvey brincavam com o filho e o patrão nunca se trancava em seu estúdio para beber.

Agora, quando estava muito embriagado, procurava lady Harvey e inventava um motivo para brigar com ela. Rose comentara que tinha que varrer copos e louça quebrados uma porção de vezes depois dos ataques de fúria dele nessas ocasiões.

– Essas claras vão se desmanchar se você continuar batendo! – exclamou Martha, tirando Hope de seu devaneio.

– Desculpe, não percebi – respondeu Hope, e entregou a tigela à cozinheira para a sobremesa que estava preparando. – Gostaria de saber por quanto tempo lady Harvey vai se ausentar desta vez.

Martha deu de ombros.

– Quem sabe? Espero que volte para o Natal, o Sr. Rufus não vai gostar se ela não estiver aqui. E tomara que Albert não encontre problemas para ir a Bath amanhã, as estradas vão estar traiçoeiras.

Chovera muito em setembro e outubro, e agora havia fortes geadas todas as noites. A colheita do ano fora pobre e, se o inverno fosse muito frio, todos sabiam que haveria grande sofrimento nos vilarejos vizinhos. Até Matt estava tendo dificuldades. Seu sogro morrera no ano anterior e, com a esposa, a irmã ainda solteira e a sogra para manter, mais os três filhos, ele tinha que se esforçar muito.

De vez em quando, Hope pensava em tentar encontrar um emprego em Bristol ou Bath, pois sua vida ali era só trabalho e mais trabalho, sem companhias da própria idade. James escrevia e contava sobre as ceias da colheita e as festas de Natal que os criados tinham em Littlecote, e então lhe parecia muito divertido trabalhar em uma casa grande.

Mas Baines aconselhou-a a não sair até ser uma cozinheira experiente para poder se candidatar a um cargo qualificado, pois a maioria das ajudantes de cozinha era tratada com muito mais rigor do que em Briargate. Então ela observava Martha com muito cuidado, fazia perguntas sobre qualquer coisa que não entendesse, oferecia-se para preparar alguns dos pratos e anotava as receitas mais complicadas.

Às vezes, desejava ser igual a Martha e Rose, pois a mente delas não ia muito além de Briargate e das fofocas locais. Não sabiam ler, e tudo o que conheciam vinha de pessoas igualmente limitadas. Resmungavam muito, sobretudo agora que havia certa incerteza no ar, porém nenhuma delas parecia ter qualquer ambição.

Hope estava ciente de que desconhecia o mundo além de Briargate, mas lia os periódicos, os jornais e um ou outro livro que chegava até a cozinha. Sabia que muitas pessoas trabalhadoras tinham coragem de desafiar a injustiça das leis do governo, e no país inteiro havia revoltas como as ocorridas em Bristol no ano anterior ao seu nascimento. Não achava justo apenas os proprietários poderem votar. Eles elegiam para o Parlamento homens que só cuidavam de seus interesses e os pobres tinham que se virar sozinhos.

– Você vai viajar com lady Harvey? – perguntou Hope mais tarde quando Nell entrou na

cozinha.

Felizmente, Martha conversava com Baines na sala dos criados, então as duas estavam sozinhas.

– Não fique desanimada. – Nell sorriu. – Será só por algumas semanas.

Hope suspirou.

– Detesto quando você não está aqui...

Sentia-se solitária desde a partida de Ruth e James, mas com Nell também ausente ela sabia que ia ficar muito sozinha e isolada.

Nell acariciou o rosto da irmã.

– Acho que precisamos encontrar um namorado para você. Não estaria pensando em sua velha irmã se um rapaz distraísse sua mente.

– Há tanta chance de eu conhecer um rapaz trabalhando aqui quanto a de me tornar rainha – retrucou Hope, emburrada.

Nell pareceu preocupada, e Hope sentiu vergonha do que tinha dito.

– Vou ficar bem, mas volte antes do Natal.

– Pode ir até a casa do portão de vez em quando arrumar as coisas para Albert? – perguntou Nell. – E se eu não conseguir voltar antes que o Sr. Rufus chegue para o Natal, você me promete que vai ficar de olho nele?

Hope assentiu e sorriu. Sabia o que Rufus acharia desse pedido. Ele dizia que Nell o tratava como se ainda tivesse 5 ou 6 anos, que agora era um rapaz robusto de quase 13 e que havia amadurecido consideravelmente na escola.

– E não se aproxime de sir William quando ele estiver bebendo – pediu Nell. – Se ele tocar o sino, deixe Rose ou Baines irem atendê-lo.

– Será que lady Harvey também vai perder o pai?

Hope pressentiu que Nell estava preocupada com alguma coisa e pensou que talvez fosse aquilo.

– Acho que sim. Ela não é tão próxima dele quanto era da mãe, mas a morte dele lhe trará mais problemas.

Hope ergueu a sobrancelha, intrigada.

– Realmente não deveria lhe contar isso, sobretudo porque o Sr. Dorville ainda não se foi. Mas sir William está achando que a propriedade será dividida entre as três irmãs.

– E não será? – perguntou Hope.

– Lady Harvey acha que não. O pai dela não aprova as atitudes esbanjadoras de sir William.

Hope sabia exatamente o que Nell queria dizer. O dinheiro de uma esposa passava a ser do marido, e sir William talvez estivesse contando com a herança de lady Harvey para tirá-los do vermelho. Se isso não acontecesse, ficaria furioso.

– Então, quer dizer que nem você nem lady Harvey vão ter muito motivo para voltar para casa? – perguntou Hope.

Não pretendia ser sarcástica, mas no ano anterior ocorrera-lhe que a patroa e sua criada pessoal tinham muito em comum no que dizia respeito aos maridos.

– Eu tenho você, e lady Harvey tem Rufus – retrucou Nell. – E é só disso que nós duas precisamos.

Hope ficou sem graça, pois sabia que Nell a considerava mais como filha do que como irmã. Abraçou-a com força.

– Amo você, Nell – sussurrou. – Você sempre cuidou de mim e não consigo imaginar o que faria sem você. Só queria que tivesse o tipo de vida que merece ter.

– Tenho mais sorte do que muita gente – disse Nell em tom firme, mas a voz trêmula significava que estava chorando. – Você pode me fazer um favor?

– Claro.

– Na verdade, é para lady Harvey – disse Nell, soltando-se dos braços da irmã, enxugando os olhos úmidos no avental e reprimindo as lágrimas. – O que eu vou lhe contar é um segredo; você precisa me jurar que nunca vai contar a ninguém.

– Eu juro – disse Hope, perguntando-se o que poderia ser esse segredo.

– Jure por tudo o que é mais sagrado!

Hope obedeceu e fez o sinal da cruz no peito.

– Certo – disse Nell. – Quero que examine a correspondência todas as manhãs e guarde qualquer carta parecida com esta.

Pôs a mão no bolso do avental e tirou um envelope dirigido a lady Harvey. A letra tinha um traço forte bem diferente de qualquer outra letra que Nell tivesse visto.

– Vai reconhecer esta letra?

Hope assentiu.

– O que quer que eu faça com elas? – perguntou a menina.

– Apenas guarde-as em segurança até voltarmos e não diga uma palavra a ninguém sobre este assunto – disse Nell, baixando a voz com ar conspiratório.

Hope ficou boquiaberta, perplexa, pois tal pedido só poderia significar uma coisa.

– Ela tem um amante?

Nell pousou um dedo na boca fechada como advertência e olhou por cima do ombro, nervosa.

– Eu não o chamaria assim – sussurrou. – Ele é apenas seu amigo, mas, se sir William encontrasse uma carta dele, haveria grandes problemas, e as coisas já estão ruins o suficiente no momento.

– Então por que ela simplesmente não escreve para ele agora e lhe diz que está viajando? – perguntou Hope.

– Ele é um soldado – respondeu Nell com impaciência. – As cartas demoram muito para chegar.

Hope sabia que não adiantava fazer mais perguntas. Via pela expressão tensa da irmã que aquilo era tudo o que ela se dispunha a revelar e que, ainda por cima, estava preocupada com o envolvimento de Hope em algo que ela própria não aprovava.

– Não se preocupe, sei ser tão discreta quanto você! – Hope sorriu. – Eu só queria que fosse você quem recebesse cartas secretas. Isso me deixaria muito feliz.

Nell deu um meio sorriso, seus olhos castanho-escuros mais serenos com o alívio.

– Você é uma boa menina. – Ela acariciou o rosto de Hope com o mesmo gesto afetuosos que a mãe das duas sempre usava. – Não se esqueça de ir arrumar a casa do portão – disse, lembrando-se do dever para com o marido. – Pode também lavar a roupa?

– Posso, se conseguir chegar lá antes de Martha. – Hope percebeu que tinha que tentar fazer a irmã rir. – Com você fora do caminho, ela vai mimá-lo mais ainda.

Nell deu uma risadinha e, por alguns segundos, pareceu uma mocinha de novo, em vez de uma mulher baixinha e gorducha, bastante cansada, de 31 anos.

– Ela pode mimá-lo quanto quiser. Mas é preciso lembrar que não se tira leite de pedra.

Hope pensou muito no amigo misterioso de lady Harvey nos dois dias seguintes. Pelo que sabia,

o capitão Pettigrew era o único militar que já estivera em Briargate e certamente o único homem que sempre aparecia quando sir William estava ausente. Além disso, havia aquela observação que Rose fizera anos antes sobre Nell ficar nervosa com a presença dele. Não fazia sentido na época, mas agora fazia. Quando Nell desaprovava qualquer atitude, ela sempre ficava com aquela expressão tensa.

Então só podia ser ele.

Obviamente, era chocante que sua patroa tivesse um namorado secreto, mas Hope continuava com todas as boas impressões que tivera sobre o capitão no dia em que encontrou a cozinheira inconsciente. Era encantador, bonito e atraente, e ela achava que qualquer mulher, casada ou não, gostaria de receber suas atenções. Por ele, Hope estava disposta a interceptar as cartas e mantê-las em segurança.

O tempo ficou mais úmido e ventoso depois que lady Harvey e Nell partiram para Sussex. Uma noite, o vento ficou tão forte que um velho carvalho no jardim caiu com um estrondo, por um triz não afetando as estrebarias. Na manhã seguinte, Hope e Rose saíram com Baines para examinar os estragos e foi terrível ver as vastas raízes expostas e o enorme buraco no chão onde a árvore estivera durante uns cem anos.

– Meu pai costumava dizer que um carvalho tombar é sinal de mau presságio – disse Rose, temerosa.

– Tenho certeza de que seu pai também acredita em bruxas – retrucou Baines, sarcástico. – Eu diria que é providencial, pois significa que teremos uma fartura de lenha neste inverno. Então, vá trabalhar e deixe de ser tola.

Hope sentia muita saudade da irmã. Não percebera até então que Nell se tornara o amálgama que mantinha todos eles juntos. Embora fosse uma pessoa tranquila, ela realmente se importava com os companheiros de trabalho e sabia estimular a conversa e o riso entre eles. Sem ela, tudo ficava muito melancólico. Martha só falava de comida. Rose resmungava sobre a quantidade de trabalho que ainda tinha por fazer e Baines mal abria a boca.

A imprevisibilidade de sir William não contribuía para melhorar o humor. Eles arrumavam a mesa da sala de jantar só para ele decidir comer a refeição em seu estúdio; ele dizia a Baines que não voltaria para o jantar e chegava caindo de bêbado no final da tarde exigindo uma refeição. Várias vezes disse a Martha que queria um cardápio especial numa noite porque ia trazer um amigo para jantar e não aparecia. Rose dizia que ele era um cretino egoísta, mas, como Baines frisava, a casa era de sir William e ele os pagava para que prestassem serviços a ele. Também lembrava a todos que, caso achassem que poderiam conseguir um trabalho mais fácil, eram livres para deixar Briargate.

Uma carta com o mesmo traço forte que Nell lhe mostrara chegou duas semanas depois da partida de lady Harvey, coincidindo com uma mensagem de Nell para Hope. Ela guardou as duas no bolso do avental e colocou o resto da correspondência na bandeja de prata no corredor para que sir William olhasse mais tarde, terminou de acender a lareira do salão e voltou para a cozinha antes de ler a própria carta.

Nell não escrevia muito bem, então fora breve e direta: o Sr. Dorville morreria. Calculava que levariam cerca de duas semanas até poderem voltar para casa, e ela esperava que tudo estivesse caminhando bem em Briargate.

Hope sabia que, assim como Nell escrevera para ela, lady Harvey teria escrito para o marido e, presumivelmente, ele ia imediatamente para Sussex. Perguntou a si mesma se, no caminho, ele apanharia Rufus na escola e o levaria também ou apenas lhe escreveria para relatar a notícia da morte do avô.

Só depois do café da manhã, quando Hope subiu com Rose para arrumar o quarto de sir William, foi que pensou novamente na carta do capitão. Tinha tirado a carta do bolso do avental e enfiado no corpete do vestido enquanto estava no banheiro, mas o papel estalou um pouco quando a tirou de lá e achou que precisava encontrar um lugar melhor para guardá-la.

Sabia que precisava ter cuidado. Rose era extremamente abelhuda e Ruth sempre alertara Hope para nunca deixar nada no quarto que não quisesse que fosse visto, porque Rose mexia nas coisas de todo mundo. Rose não sabia ler, portanto não reconheceria a letra, mas era ardilosa o suficiente para levá-la a Baines, fingindo tê-la encontrado na escada. Isso também significava que não seria uma boa ideia escondê-la no quarto de lady Harvey, pois, sem dúvida, Rose passava um pente fino por lá enquanto o limpava.

A casa do portão parecia o lugar mais seguro. Ela poderia escondê-la debaixo do colchão de sua antiga cama, pois Albert não teria motivo para entrar naquele quarto e muito menos revirar a cama. Além do mais, pretendia mesmo ir lá para limpar.

Mais tarde naquela manhã, Hope estava de volta na cozinha quando sir William entrou. Soube de imediato por que ele viera, mas Martha e Baines pareceram espantados ao vê-lo, já que o patrão raramente visitava a cozinha.

Como sempre, quando o via, Hope ficava impressionada com sua semelhança com Rufus. Ele estava com 40 e poucos anos, mas parecia muito mais jovem; nem o excesso de bebida tinha estragado a pele clara ou entorpecido os belos olhos azuis. Os lábios frouxos e a ausência de um maxilar forte denunciavam um caráter fraco, mas, como estava usando um colete azul-marinho com bordado de rosas pequeninas, feito por lady Harvey, e seus cabelos cacheados estavam despenteados, a imagem geral era de um rapaz dissoluto e bonito.

– Recebi uma carta de lady Harvey esta manhã – disse ele. – Infelizmente, o pai dela morreu enquanto dormia há três dias. Devo partir amanhã cedo para o funeral. Estou certo de que posso deixar Briargate em suas mãos.

Baines ofereceu suas condolências, depois perguntou como sir William ia viajar e o que ele gostaria de levar na bagagem.

– Albert me levará para Bath na carruagem pequena, e vou tomar o trem a partir de lá – respondeu sir William. – Não vou precisar levar muita coisa, só vou me ausentar por alguns dias.

Albert entrou na cozinha para almoçar por volta de meio-dia e, como sempre, Martha se alvoroçou em torno dele, dessa vez porque seu casaco estava molhado. Hope estava na copa limpando a prataria e achou graça dos esforços da cozinheira para fazê-lo conversar com ela. Àquela altura, a mulher já deveria ter percebido que Albert era uma causa perdida.

Ele informou a Martha que passara a manhã serrando o carvalho caído, observou que o rio

Chew estava subindo a níveis perigosos de novo e que previa que aquela chuva pesada duraria mais dois dias.

– Você não deve voltar lá para fora hoje à tarde! – exclamou Martha. – Mesmo sendo um homem grande e forte, isso não impedirá que apanhe um resfriado!

Albert disse que havia arrastado alguns troncos grandes para o depósito de lenha e que trabalharia lá, no seco, cortando-os em pedaços menores.

Hope achou que o cunhado parecia menos rude do que o habitual, quase como se estivesse sucumbindo às atenções de Martha. Ela irritava Hope e Baines com sua constante tagarelice, mas tinha um coração bondoso e adorava alimentar as pessoas.

Contara a Hope que, quando era moça e ajudante de cozinha, namorava um laçao e decidiram se casar. Sua patroa reagiu como a maioria dos nobres com relação a casamentos entre criados e foi contra.

Martha estava com mais de 40 anos e não possuía nada além de tornozelos inchados, mãos calejadas e um título de cozinheira para ostentar por toda uma vida de trabalho árduo. Hope estava firmemente determinada a não permitir que sua vida ficasse igual à dela.

Às três e meia da tarde, Martha cochilava numa cadeira na sala dos criados e Rose acabara de colocar os ferros no fogão para passar as camisas de sir William quando Hope saiu discretamente pela porta dos fundos. Caía uma chuva forte, mas ela achava melhor ir logo arrumar a casa da irmã porque, quando sir William partisse para Sussex, era provável que Albert voltasse para lá.

Não pediu permissão a Baines, pois ele provavelmente diria para ela esperar até o dia seguinte, e Hope não queria admitir, mas tinha muito medo de encontrar Albert. Ele era bastante amável na mansão, mas em casa voltara a se comportar como quando ela morava lá. Dava ordens como se Hope fosse sua escrava e criticava tudo o que fazia.

Baines estava no quarto de vestir de sir William preparando sua bagagem para a viagem e, como o cômodo ficava na parte de trás da casa, ele não a veria descendo o caminho. Com sorte, estaria de volta antes mesmo de ele saber que ela saía.

A chuva cerrada permitia que ela enxergasse apenas poucos metros à frente e, quando chegou ao portão, seu capote estava encharcado, e suas botas, ensopadas. Foi para a porta dos fundos, encontrou a chave escondida debaixo de uma pedra, tirou o capote e as botas e deixou-os sob o abrigo da varanda para escorrer, depois entrou de meias.

Para sua surpresa, o fogão estava aceso, e a cabana, muito quente. Havia a bagunça habitual, a mesa cheia de pratos, canecas e copos, uma bisnaga de pão deixada de fora se estragando e uma garrafa de uísque meio vazia. Albert era um hipócrita terrível: reclamava de desordem e imundície e no entanto ficava bastante à vontade em criá-las ao seu redor.

O chão também estava muito sujo. Albert evidentemente não estava tirando as botas sujas quando entrava, pois havia pedaços de lama seca por todo canto. A chaleira estava cheia e ainda bastante quente, então Hope a colocou de volta no fogão e subiu as escadas para esconder a carta do capitão e fazer a cama de Albert antes de começar a lavar os pratos e o chão.

Quando chegou ao alto da escada, ouviu um rangido. Parecia que a janela do quarto principal estava aberta e batendo ao vento.

Quando abriu a porta e entrou, deparou-se com uma visão que a fez ofegar, horrorizada, e tapar a boca com as mãos. Albert estava na cama e a pessoa loura de cabelos cacheados debaixo dele não era uma mulher, mas sim sir William. Os dois homens estavam nus, o peito e os braços musculosos de Albert cobrindo seu patrão, mais esbelto e de pele muito mais clara.

Tal visão estava além da compreensão de Hope. Ela congelou; até seu coração pareceu parar de bater com o susto.

– Saia! – rugiu Albert.

Hope fugiu escada abaixo, mas a enormidade do que testemunhara era tão terrível que não sabia o que fazer. Tinha consciência de que animais machos tentavam montar uns aos outros quando não havia fêmeas disponíveis, mas não sabia que homens podiam fazer o mesmo.

O choque a impediu de tomar uma decisão, e ela ficou parada na sala, chorando. Ouviu a voz profunda de Albert e o tom mais alto e queixoso de sir William misturando-se à dele. Parte dela acreditava que sir William desceria pela escada a qualquer momento e lhe daria uma explicação razoável para o que tinha visto, mas a outra parte lhe dizia que não havia possibilidade de uma explicação inocente.

Não devia ter ficado ali mais do que um minuto, sem saber se fugia ou mesmo para onde fugir. Porém, assim que ouviu os passos de Albert na escada, voltou a raciocinar e percebeu que deveria sair pela porta dos fundos. Os cadarços das botas estavam emaranhados e seus dedos se tornaram inúteis com o pânico; tentou forçar os pés para dentro das botas, sem sucesso.

Ouviu a porta da frente se fechar e deu um leve suspiro de alívio achando que os homens tinham ido embora. Mas quando pegou o capote no gancho, a porta de trás se abriu e Albert agarrou seu ombro.

– Entre agora! – rosnou ele.

Ela tentou se soltar, mas o cunhado era forte demais. Puxou-a de volta para a cozinha, trancou a porta e a esbofeteou.

Vestia apenas a camisa de baixo e a calça, e estava descalço.

– Você tem sido uma pedra no sapato há muito tempo! – vociferou ele. – Como se atreve a me espionar?

– Não vim espionar, vim limpar a casa! Não sabia que você tinha companhia.

Ele a esbofeteou novamente, quatro ou cinco vezes sucessivas, tapas rápidos e fortes no rosto, e a cada um ela recuava aos poucos na direção da porta.

– Por favor, pare! – gritou Hope, tentando proteger o rosto com as mãos. – Prometo que não vou contar a ninguém.

Então ele lhe deu um soco no estômago, acertando-a com tanta força que sua coluna estalou de encontro à porta.

– Você não vai ter a chance de espalhar suas mentiras! – bradou ele. – Vou me livrar de você para sempre.

Ela sabia que ele ia matá-la. Era a única maneira de garantir que aquilo nunca saísse dali. Sir William poderia até mesmo ter ordenado que o fizesse; afinal, tinha muito mais a perder do que Albert.

O cunhado a agarrou pela garganta do jeito que fizera da outra vez, apertando-lhe o pescoço até seus olhos quase saltarem das órbitas. Bateu a cabeça dela contra a porta várias vezes até Hope ver estrelas e então, quando a largou no chão, começou a chutá-la.

Apesar de estar descalço, foi como levar o coice de um cavalo. Hope se encolheu para evitar o pior dos golpes, mas ele atacava de modo frenético, como um animal selvagem. Estava dando vazão a todo o ódio que acumulara ao longo dos anos.

Quando achou que não aguentaria mais nenhum golpe, ele a agarrou pelo ombro do vestido para levantá-la do chão e o corpete se rasgou em sua mão, deixando a camisa e parte dos seios à mostra. Quando instintivamente se inclinou para esconder o corpo, a carta do capitão para lady Harvey caiu.

– O que é isso? – quis saber ele, ríspido. – Uma carta de seu namorado? Sua rameirinha suja!

Ele arrebatou a carta do chão, mas, quando viu a quem era dirigida, sorriu com ar feroz.

– Roubando as cartas de sua senhora, não é?

– Não. Lady Harvey me pediu para guardar para ela.

Apoiando um pé na barriga da cunhada para segurá-la contra a porta e se equilibrando na outra perna, ele rapidamente abriu o envelope e tirou a carta para lê-la.

– Então ela também é uma vagabunda traidora – disse, enquanto seus olhos percorriam a folha de papel.

Hope sentia o rosto inchar, cada parte de seu corpo pulsava de dor, então desejou que ele a matasse logo, pois não aguentava mais.

Enquanto ele lia a carta, Hope de repente percebeu que o ato que tinha testemunhado devia ser a principal causa da infelicidade de lady Harvey e de Nell. Embora estivesse convencida de que não sabiam o que Albert e sir William faziam escondidos, aquilo devia ter afetado seus casamentos. Estaria acontecendo havia semanas, meses ou anos? Teria Albert se casado com Nell apenas para ocultar sua anormalidade?

– Quando isso chegou? – perguntou ele.

– Hoje de manhã...

Ele pôs o pé no chão, pensativo. Hope queria tentar fugir, mas sabia que não chegaria à porta da frente antes de Albert alcançá-la. Então ficou ali, esperando, o corpo inteiro latejando de dor.

– Quer dizer que a patroa conquistou a lealdade de outra Renton – disse ele, irritado. – Até onde você iria para protegê-la?

Hope não tinha ideia do conteúdo da carta, portanto não sabia a que Albert estava se referindo.

– Não sei – sussurrou.

– Eu bem que poderia matá-la agora – disse ele, mostrando os dentes. – Enterrar seu corpo na floresta, quem sabe até nos jardins de Briargate, e ninguém jamais saberia. Mas posso deixá-la ir se prometer deixar este lugar e nunca mais voltar.

Hope achou que ele estava apenas brincando, querendo que implorasse por sua vida para ter ainda mais poder sobre ela. Não ia deixar isso acontecer.

– Você não teria paz se me deixasse ir – afirmou ela. – Eu poderia contar a alguém.

– É claro, mas eu não recomendaria – disse ele, os olhos escuros brilhando de malícia. – Veja bem, nós dois, sir William e eu, diríamos que você não passa de uma grande mentirosa. Nenhum juiz aceitaria a palavra de uma tola ajudante de cozinha contra a de um membro da aristocracia, principalmente quando a tal criada tentava esconder o adultério de sua senhora, e poderíamos mostrar esta carta para provar isso.

Hope talvez nunca tivesse gostado de Albert, mas até então sempre pensara nele como alguém leal ao seu senhor e sua senhora. Mal podia acreditar que estava disposto a arrastar o nome de lady Harvey na lama quando ela sempre fora tão boa para ele.

– E ainda há Nell, outra razão pela qual você não gostaria de fazer um escândalo. – Ele sorriu. – Sei que ela está metida nisso! Imagine a vida dela sem a patroa, só comigo!

O sangue de Hope gelou. Podia imaginar muito bem como ele transformaria a vida de Nell num inferno.

– Você não precisa me ameaçar ou me machucar. Há outra maneira. Não quero que ninguém passe vergonha, nem você nem Nell. Nem o senhor ou a senhora. Não vou dizer uma



palavra sequer a ninguém.

– Como se atreve a falar assim comigo, sua putinha presunçosa! – bradou Albert, estapeando-a no rosto novamente. – Eu amo Billy e ele me ama, não damos um tostão furado para o que as pessoas de mente acanhada pensam sobre isso.

O fato de chamar sir William de “Billy” dava a entender que “aquilo” já vinha acontecendo havia algum tempo. Hope também percebeu que Albert era desequilibrado e que uma única palavra errada poderia fazê-lo perder a cabeça.

– O que quer que eu faça? – perguntou ela, hesitante.

Hope sentia tanta dor que perdera as forças e concordaria com qualquer coisa para se afastar dele.

– Vá embora hoje à noite. Não pense que pode me tapear, quero dizer *imediatamente*, não vá se esconder no meio do caminho com aquele fazendeiro imbecil do seu irmão, ou com qualquer outra pessoa de sua família. Lembre-se que quem dá as cartas aqui sou eu: posso denunciar lady Harvey como adúltera, e isso iria arruinar não só a vida dela, mas a de seu precioso Rufus também. E posso tornar a vida daquela sua irmã insípida e maçante um verdadeiro inferno.

Ele a agarrou novamente pela garganta e apertou devagar, sorrindo de forma insana.

– Se você se atrever a pisar novamente em Briargate, se escrever uma carta ou até mesmo enviar uma mensagem, acredite, vou cumprir minha promessa.

Soltando-lhe o pescoço, ele a golpeou com força na barriga e, quando ela desabou no chão, uivando de dor, ele chutou sua cabeça.

– Mais uma coisa – disse Albert, estendendo a mão e arrastando-a para cima como um saco de batatas. – Você vai escrever uma carta para Nell.

Uma hora mais tarde, com o céu já escuro e ainda chovendo, Albert empurrou Hope para fora pela porta da frente. Para ter certeza de que ela não se depararia com ninguém que a reconhecesse, mandou que passasse pelo caminho mais longo através de Chelwood para chegar à estrada de Bristol.

O capote ainda estava encharcado quando ela o vestiu, mas ele permitiu que ela usasse um dos vestidos antigos de Nell, pois o seu estava rasgado. Ela viu seu reflexo em um espelho enquanto colocava o vestido; os olhos eram meras fendas de pele inchada, o lábio estava cortado em dois lugares. Quanto ao resto do corpo, sentia-se tão machucada e maltratada que só seus pés não doíam. Entretanto, imaginou que, depois de caminhar os dezesseis quilômetros ou mais para Bristol, também acabariam doendo tanto quanto o resto.

Soluçava enquanto caminhava, de cabeça baixa, sabendo que a reação de Nell àquela carta que ele a obrigara a escrever doeria mais do que suas feridas, por mais graves que fossem.

Albert era mais esperto do que ela imaginava. Ele lhe disse exatamente o que escrever. Que conheceria um rapaz, um soldado, e que estava fugindo com ele porque estava cansada de lavar panelas e acender lareiras. Ele a fez pedir desculpas por levar o vestido de Nell e dizer que a irmã poderia ficar com todas as suas coisas.

Calculava que Albert já estaria de volta em Briargate para a ceia, e que ouviria Baines, Rose e Martha perguntarem onde ela estava e diria não a ter visto porque passara toda a tarde no bosque. Talvez ele saísse e voltasse mais tarde com a carta dizendo tê-la encontrado em casa.

Hope podia até imaginar a cena na sala dos criados, Baines sentado à cabeceira da mesa, as mulheres uma de cada lado. Baines ia argumentar e insistir que teria visto sinais de alerta se ela

estivesse escapulindo para encontrar alguém. Martha e Rose, como patetas que eram, lembrariam os rapazes que haviam feito seu coração bater mais forte e afirmariam ter sempre sabido que Hope tinha um namorado secreto.

Quando Nell voltasse de Sussex, a história já teria se espalhado pelo vilarejo. E Nell acreditaria, e seu coração se partiria de tristeza.

Uma comichão fez Hope despertar com um sobressalto. Por um momento, não soube onde estava. Porém, quando se mexeu e sentiu uma pontada de dor, os acontecimentos da noite anterior voltaram com tudo, e ela lembrou por que estava deitada na palha de um celeiro.

Ironicamente, estava a menos de três quilômetros da fazenda de Matt. Se tivesse desobedecido a Albert e caminhado até Woolard e depois subido a colina para ter acesso à estrada de Bristol, poderia até já ter chegado à cidade na noite anterior.

Tinha sido o tipo de noite em que ninguém botaria sequer o nariz na janela, muito fria, com vento forte e tempestade. Quando chegou a Pensford, estava com tanta dor e tão desesperada que fez uma pausa na ponte e pensou em se jogar na correnteza forte do rio lá embaixo. Mas sabia que, quando seu corpo fosse encontrado coberto de hematomas, Nell acreditaria que haviam sido infligidos pelo soldado por que ela dissera estar apaixonada e seu sofrimento seria duas vezes pior.

Hope olhou nervosamente para as janelas iluminadas da cervejaria Rising Sun. Sabia que haveria amigos de Matt ali, e eles iam querer ajudá-la. Contudo, não se atrevia a pedir-lhes ajuda; Pensford era perto demais de Briargate, e pela manhã a história chegaria lá. E Hope sabia que Albert levaria a cabo sua ameaça.

Então subiu a colina íngreme e prosseguiu rumo a Gibbet Lane, fora do vilarejo de Whitchurch. Mal conseguia pôr um pé na frente do outro e o seu corpo todo gritava de dor. Não pretendia tentar encontrar abrigo naquele local, pois quando era pequena seu pai havia contado que ali costumavam enforcar as pessoas, e que os corpos ficavam pendurados até os pássaros os devorarem por completo. Era um lugar sinistro, mesmo à luz do dia, mas quando viu o celeiro soube que precisava superar o medo, pois não aguentaria continuar a viagem.

A palha no celeiro tinha um cheiro doce e era um alívio estar abrigada da chuva e do vento, mas estava tão molhada que não conseguia se aquecer. Ficou deitada pelo que lhe pareceram horas ouvindo o vento uivar, e os acontecimentos do dia se agitavam sem parar em sua mente.

A imagem mais nítida era a de Albert na cama com sir William. Só os viu por alguns segundos, mas era inesquecível o contraste entre as costas bronzeadas e os cabelos escuros de Albert e o louro e pálido sir William sob ele. As fisionomias chocadas ao serem pegos em flagrante ficariam gravadas em sua memória para sempre.

No entanto, o ato em que estavam envolvidos a intrigava tanto quanto a repugnava, pois por que um homem desejaria outro? Seriam eles os dois únicos homens assim na Inglaterra? Ou seria ela apenas uma camponesa ignorante que não sabia nada sobre coisa alguma?

Seja como for, certas coisas do passado agora faziam sentido: Rufus ter dito que sua mãe perguntara a sir William se ele estivera num prostíbulo; e Nell contar que Albert frequentemente ficava fora até as primeiras horas da manhã. Estariam juntos?

Além disso, a velha cozinheira costumava dizer que sir William parecia uma moça, e como Albert fizera tanta questão de ir a pé de Wells até Briargate para tentar ser contratado como jardineiro. Seria por saber que sir William era igual a ele?

Acima de tudo, porém, ela se perguntava se Albert já sabia que nunca poderia amar uma

mulher quando se casou com Nell.

Hope levantou-se com dificuldade quando ouviu um galo cantar ali perto. O capote e as botas estavam tão molhados quanto na noite da véspera, e a chuva continuava a cair. O penteado estava se desfazendo, e sem um pente ela nada podia fazer para arrumá-lo. A sensação de seu rosto dolorido e inchado lhe dizia que devia parecer tão desesperada quanto se sentia.

Saiu mancando do celeiro para a estrada, mas cada passo era uma nova agonia e ela estava tão fraca e tonta que se sentia tentada a voltar para o celeiro. Então, uma onda de náusea a fez vomitar nos arbustos.

Quando se recuperou, avistou o vale por entre os galhos. O dia estava muito cinzento e enevoadado e ela só distinguiu o campanário da igreja em Publow, mas foi suficiente para fazê-la chorar, pois não estava longe de Woolard e de Matt.

Imaginava-o em sua cozinha, o cabelo preto desgrelhado de quem acabou de acordar, a barba ainda por fazer, talvez com o bebê no colo enquanto Amy fazia chá. Ele ficaria furioso quando soubesse da carta. A doce Amy talvez achasse aquilo tudo muito romântico, e convenceria Matt e os rapazes a não ficarem zangados. Mas nenhum deles jamais consideraria que Hope poderia ter sido forçada a escrever a carta, e que nada daquilo era verdade.

A menina sabia que não podia esperar que sir William se sentisse culpado e admitisse o que acontecera na casa do portão. Na verdade, ele provavelmente tinha mandado Albert silenciá-la, sem se preocupar com o modo como ele faria isso.

Seu desaparecimento seria o tema das conversas do vilarejo por alguns dias, mas, assim que o assunto morresse, até sua própria família ia tirá-la da cabeça.

Pessoas desapareciam o tempo todo. Deixavam suas casas em busca de trabalho em Bath ou Bristol e nunca mais voltavam. Hope lembrava que seu pai falava de um homem cujo filho fora embora três anos antes e que então recebeu uma carta de um padre na América dizendo que o rapaz morrera de varíola. Nunca houve explicação sobre como ou por que o rapaz fora para lá.

Toby e Alice não vinham ao vilarejo havia oito meses; perderam o incentivo para a longa viagem desde a morte dos pais. James provavelmente também nunca voltaria e, assim que Ruth tivesse seu bebê, ela também perderia o interesse em seus irmãos. Era assim a vida, a família deles não era diferente de tantas outras. De qualquer forma, Hope sabia que Nell ia sofrer por sua causa, que não esqueceria a irmã mais nova, não em poucas semanas, nem mesmo em alguns anos. Ela nem ao menos tinha a seu lado um marido amoroso para consolá-la e tranquilizá-la.

O relógio na igreja de Saint Nicholas batia meio-dia quando Hope finalmente chegou à Bristol Bridge. Levou cerca de cinco horas ou mais para percorrer uma distância que poderia ser completada em duas. Era quase um milagre ter chegado, pois esteve tonta de dor por todo o caminho e tão fraca que precisou se apoiar no parapeito da ponte para se manter de pé.

No entanto, não sentiu nenhum prazer ou alívio por ter alcançado seu objetivo, porque o ruído de carroças e carruagens barulhentas e os gritos estridentes dos vendedores ambulantes eram ensurdecedores. Além disso, o rio fedia como uma latrina. As pessoas empurravam e esbarravam nela ao passar; mesmo se a notassem, não parariam para oferecer ajuda a uma moça encharcada, cambaleando de exaustão e visivelmente sofrendo. Seu pai sempre disse que o povo da cidade não tinha empatia, e Hope nunca se sentiu tão sozinha e abandonada em toda a sua

vida.

Pensou que, se apenas pudesse tomar um pouco de água, ela se sentiria muito melhor, mas todo mundo sabia que não se podia beber a água de Bristol. Como conseguiria uma bebida se não tinha dinheiro?

Não vinha a Bristol desde que o pai morrera, e a descrição que ele fizera de sua última viagem fatídica estava vívida nas lembranças dela. Enrolou-se mais no capote molhado, deixando o capuz cobrir-lhe o rosto para esconder os ferimentos, e seguiu arrastando os pés penosamente.

Quando quis atravessar a rua para chegar à igreja, ouviu o cocheiro de uma carruagem gritar um xingamento. Parecia dirigido a ela, mas Hope não sabia por quê. Sentia-se tão estranha, como se a mente e o corpo estivessem separados. Ouvia a algazarra ao redor, sentia o cheiro dos excrementos dos cavalos na rua e até via o rosto de alguém bem perto de si. Mas era como num sonho, como se estivesse dormindo.

– Você tem que se levantar – ouviu uma mulher dizer. – Se ficar aí vão mandá-la para a prisão de Bridewell ou para o hospital público.

– Olhe a cara dela! – exclamou um homem. – Levou uma baita surra.

– Quem fez isso com você, querida? – perguntou a mulher. – Você quase foi atropelada pela carruagem! Não é melhor chamar a polícia?

À palavra “polícia”, foi quase como se a fizessem inalar sais aromáticos. Hope voltou a si o bastante para perceber que estava deitada no chão; que as vozes que ouvira pertenciam a um rapaz e a uma moça, e que havia outras pessoas em volta, olhando para ela. Mas não conseguia abrir os olhos o suficiente para enxergá-los direito.

– Não chame a polícia – conseguiu balbuciar com voz rouca. – Basta me ajudar a levantar!

Sentiu que a levantavam, mas cambaleou e só não caiu de novo porque a moça conseguiu segurá-la.

– Cruzes! Você está encharcada! – exclamou ela. – Caiu no rio, foi?

Hope viu que a moça estava brincando com ela e, pelo menos, isso indicava que estava sendo amável.

– Só mergulho em água limpa – respondeu, esforçando-se muito para sorrir.

– Que Deus a proteja! – exclamou a mulher. – Bem, quem bateu em você não amoleceu seu espírito, pelo visto. Ajude aqui, Gussie, vamos levá-la lá para a igreja e para longe desta chuva.

A igreja era muito escura, mas bem menos fria do que a rua e cheirava a cera de velas em vez de excrementos e animais. Quando Hope se viu sentada em um banco perto da porta, tentou agradecer ao casal, mas ainda não conseguia abrir os olhos o suficiente para vê-los como deveria.

– Não consigo enxergar – murmurou.

– E nem poderia, do jeito que seus olhos estão inchados – comentou o rapaz. – Quem fez isso com você?

– Meu cunhado – respondeu Hope.

– E sua irmã deixou? – perguntou a moça, indignada.

– Ela não estava lá. Ele me expulsou de casa. Andei a metade da noite e cheguei aqui hoje de manhã.

– Você tem parentes em Bristol? – quis saber a moça.

– Não, e também não tenho dinheiro... Sabe de algum lugar onde eu poderia conseguir trabalho?

Ela sentiu, mais do que viu, os dois trocarem olhares significativos. Supondo que duvidassem que fosse contratada por causa de sua aparência, ela tirou o capuz.

– Se puder me emprestar um pente e me mostrar algum lugar onde eu possa lavar o rosto, vou ficar bem. Sou ajudante de cozinha há mais de três anos e sei cozinhar muito bem.

Quando ficaram em silêncio, ela tomou aquilo como descrença e finalmente rompeu em pranto.

– Posso fazer qualquer tipo de trabalho – explicou entre soluços. – Por favor, acreditem em mim!

– Bem, não vai conseguir trabalho nenhum com o rosto assim – disse a moça, e, para surpresa de Hope, abraçou a menina. – Não chore, querida. Você está cansada e machucada. Acho melhor ir para casa com a gente para cuidar desses ferimentos. Deus sabe que não podemos deixar você aqui desse jeito.

– Você não está pensando com clareza, Betsy – disse Gussie num sussurro, olhando por cima do ombro para Hope, adormecida em cima de uma pilha de sacos que serviam de cama. – Já é difícil só a gente. Não dá para manter outra pessoa.

Betsy tinha lavado o rosto da menina e dado a ela um pouco de cerveja antes de ajudá-la a tirar as roupas molhadas e cobri-la com um cobertor. Agora ela estava dormindo.

O quarto ficava em Lewins Mead, um emaranhado de becos fétidos e velhas casas de madeira dilapidadas perto das docas. O local abrigava o que alguém no Parlamento tinha recentemente apelidado de “Classes Perigosas e Degeneradas”, uma camada social bem abaixo das classes trabalhadoras: ladrões, prostitutas, meninos que varriam as ruas sujas para os transeuntes em troca de gorjetas, vendedores ambulantes, aleijados, desertores e miseráveis.

Cem anos antes, quando Bristol era a segunda maior cidade do país, e as docas, tão movimentadas quanto as de Londres e Liverpool, Lewins Mead tinha sido um bom endereço. Muitos ali fizeram fortuna com o tráfico de escravos, pois foram navios de Bristol que navegaram para a África para recolher escravos, seguindo depois para as Índias Ocidentais para vendê-los, finalmente retornando à Inglaterra carregados de melão e tabaco. Entretanto, à medida que o comércio marítimo crescia, os abastados comerciantes, capitães de navios e profissionais não quiseram mais morar perto do mau cheiro das docas e se mudaram para imponentes casas novas nas colinas de Clifton e Kingsdown.

Mas a atividade nas docas já não era tão intensa como cem anos antes. Taxas exorbitantes, a demora da Corporação para construir o novo porto flutuante e o fato de navios novos e maiores não conseguirem subir e descer o rio Avon fizeram Bristol perder espaço para as docas de Liverpool. E com as novas ferrovias a cidade perdeu seu lugar como o centro de distribuição de todo o oeste da Inglaterra, País de Gales e Midlands.

Outrora, Bristol fora uma cidade orgulhosa de suas diversas indústrias – refino de açúcar, fabricação de vidro, fundições de ferro e fabricação de sabão –, mas muitas delas tinham falido, com exceção das quatro empresas de fabricação de vidro. Isto e a economia em decadência no país nos últimos anos geraram ainda mais privações para a população da cidade.

Por isso, agora se alugavam quartos nas casas dos antigos comerciantes, e os inquilinos sublocavam os espaços para qualquer um que pudesse pagar. Às vezes, havia até vinte ou trinta pessoas dormindo no mesmo cômodo. As casas se empenavam e rangiam com o abandono; o vento soprava pelas rachaduras e as janelas com vista para os becos estreitos eram vedadas com tábuas à medida que as vidraças quebravam ou caíam.

Mas Betsy e Gussie se consideravam afortunados por ter aquele quarto no último andar em Lamb Lane. Compartilhavam-no com outras quatro pessoas, mas eram todos amigos, não

estranhos. O telhado não vazava muito, havia vidro na sua pequena janela e também uma lareira, e tinham rebocado os buracos nas paredes com trapos oleados. Para eles, era um lar.

– Ela vai nos trazer sorte – insistiu Betsy. – Há algo de especial nela.

– Sim, há algo de especial! Algo que fez um homem quebrar a cara dela – disse Gussie, sombrio. – E ela está doente. E se pegarmos isso também?

– Você não vai pegar o que ela tem – disse Betsy com firmeza.

Ela desconfiava de que a menina estivesse grávida e que o cunhado a expulsara com medo de que fosse envergonhar a família.

Betsy Archer tinha 19 anos. Com 1,67 metro de altura, corpo robusto e compridos cabelos negros, que trançava e enrolava em torno da cabeça como se fosse uma coroa, olhos escuros brilhantes e pele morena sugeriam que poderia ter sangue italiano ou espanhol. Embora não fosse nenhuma grande beleza, as pessoas a descreviam como “agradável aos olhos”, por seu ar exótico e orgulhoso, além de uma vitalidade que nem a dureza de sua vida conseguira apagar.

Nascida em Liverpool, Betsy tinha 8 anos quando seu pai, um tanoeiro de ofício, levou a família para Bristol. Três meses depois, seus pais e Sadie, a irmã mais nova, morreram quando o cortiço em que moravam pegou fogo. O pai passou Betsy pela janela do andar de cima e a deixou cair nos braços de um homem. Não teve tempo de fazer o mesmo com Sadie.

Às vezes, Betsy desejava ter morrido naquele incêndio também. Sobrevivera misturando-se com as centenas de outras crianças órfãs ou abandonadas que perambulavam pelas docas e ali aprendiam a mendigar, roubar e catar sobras e restos. Seu lar era onde quer que conseguisse abrigo para a noite, e sentia-se agradecida se lhe davam um cobertor, mesmo que infestado de piolhos.

Quando fez 10 anos, muitas das crianças que conhecera na época em que ficou órfã estavam na prisão. Algumas tinham morrido. Quase todas as meninas mais velhas se tornaram prostitutas. Betsy não queria acabar na prisão ou morta, e também não pretendia se tornar prostituta.

Mesmo bem nova, já havia aprendido que seu único trunfo era sua virgindade. Duas vezes, foi tola o suficiente para ser levada por mulheres aparentemente maternas que lhe ofereceram uma casa, roupas novas e toda a comida que quisesse comer. Mas teve sorte nas duas vezes, conseguindo escapar antes de ser apresentada a um “cavalheiro” com um gosto por crianças.

Nunca descartou a possibilidade de usar esse único recurso um dia, desde que em troca de muito dinheiro. Mas, até então, pretendia se manter viva e fora da prisão, e assim procurava não perder a cabeça nem correr riscos desnecessários.

Os becos úmidos, fedorentos, e as ruas estreitas nos arredores das docas eram sua casa. Conhecia quase todas as pessoas que moravam lá e não as roubava. Conhecia todas as lojas de artigos marítimos, onde ganhava alguns centavos em troca da madeira, pregos e metal que conseguia recolher. Isso pagava o aluguel. Quando não havia nada para comer, ela ia até as grandes casas de Clifton e procurava uma onde a cozinheira fosse tola o bastante para deixar a porta dos fundos aberta enquanto cozinhava. Levava apenas alguns segundos para entrar sem ser vista e roubar uma torta ou um bolo. Certa vez tirou uma perna de cordeiro inteira direto do forno.

As docas eram uma fonte de muitos presentes gratuitos para quem tivesse a paciência de esperar munido de uma cesta e uma panela ou um frasco de vidro. Betsy verificava todas as manhãs quais navios estavam sendo descarregados e ficava à espreita, na esperança de um caixote cair e se abrir. Atirava-se sobre a fruta, o açúcar ou o chá e ia embora, muitas vezes antes que os estivadores percebessem que tinham danificado o caixote.

Havia também os marinheiros estrangeiros a quem ela podia seduzir para que lhe dessem

algumas moedas, prometendo comprar um vestido novo para poder encontrá-los mais tarde.

Nunca comprava roupas, assim como jamais aparecia nesses encontros com marinheiros estrangeiros. No entanto, na High Street havia lojas de roupas de segunda mão onde podia surripiar uma anágua, um vestido ou um chapéu enquanto o comerciante estava distraído.

Betsy conheceu Gussie quando tinha 13 anos, e ele, 12, um garoto miúdo e sardento de cabelos ruivos que viera a pé de Devon a fim de tentar a sorte em Bristol. Ele se aproximou enquanto Betsy esperava o homem da barraca de tortas lhe dar as costas, para que ela pudesse afanar uma de suas mercadorias, e perguntou onde poderia dormir naquela noite.

Betsy estava com tanta fome que respondeu que se ele distraísse o vendedor, ela o ajudaria. Gussie fez uma cena fingindo ter um ataque na frente da barraca, e ela conseguiu não só uma torta, mas três.

Naturalmente, viu-se obrigada a oferecer a Gussie uma das tortas e a levar o garoto para o cortiço onde costumava ficar.

Uns dois dias depois, Betsy chegou à conclusão de que Gussie era o parceiro perfeito. Não era forte, mas era astuto e ousado. Além de saber fingir ataques, ele conseguia se esgueirar por um cano de escoamento e entrar pela janela de uma casa em plena luz do dia. Também conhecia um som que espantava cavalos. Quando eles disparavam, ele agarrava as rédeas e acalmava o animal, pelo que o dono, atordado, o recompensava. Contou que aprendera aquilo no circo, e que também sabia fazer acrobacias e brincadeiras de palhaços.

Foram as palhaçadas que conquistaram Betsy. Gussie fazia mímicas fantásticas e divertidas, torcendo o rosto para retratar emoções e imitar diferentes tipos de pessoas. Uma noite, ele encenou um pequeno ato diante de uma fila para entrar no teatro em King Street. Todos deram muitas gargalhadas, jogando-lhe quase 2 xelins em moedas pequenas. Até seu nome, Augustus Pomfrey, fazia Betsy rir; ela dizia que seria um nome excelente para um político gordo, mas era ridículo em um rapaz miúdo e magro com cabelos cor de cenoura. Deu-se conta, então, de que ria muito com Gussie e, apesar da pequena estatura do menino, sentia-se protegida e confortável perto dele. Talvez Gussie não fosse mesmo capaz de lutar contra os muitos homens que tentavam se aproximar dela, mas sua presença os dissuadia. Por sua vez, ela o protegia dos bandidos e rufiões com os quais crescera.

Seis anos depois, eram inseparáveis, uma unidade invencível, mas não namorados. Betsy acabou negociando sua virgindade com um capitão de navio pela soma principesca de 5 guinéus, mas a experiência afastou-a dos homens. Gussie, com seu afeto fraternal e lealdade inquebrável, era o único homem em quem confiava de verdade.

– Ela é mesmo uma mocinha educada – disse Betsy, pensativa. – Mesmo machucada como está, soube nos agradecer muito bem. Posso apostar que é bem bonita sem essas manchas roxas.

– Você decerto não está pensando em levá-la pra Dolly! – exclamou Gussie.

– Claro que não, quem pensa que eu sou? – respondeu Betsy, indignada.

Dolly era dona de um bordel em King Street.

– Então, o que vamos fazer com ela?

– Não precisamos fazer nada. Só estou com pena. Não vamos passar fome se cuidarmos dela por um ou dois dias até que esteja recuperada, não é?



Gussie deu de ombros. Sabia que, quando Betsy enfiava uma coisa na cabeça, nada a fazia mudar de ideia.

– Então é melhor acender a lareira para secar a roupa dela, depois vou sair e arranjar algo para comermos.

Depois que Gussie saiu, Betsy sentou-se no chão junto ao fogo. De vez em quando, virava-se para olhar a menina adormecida: seu rosto inteiro estava roxo e negro com hematomas, a pele inchada cobrindo completamente seus olhos. Mas, ao ajudá-la a tirar o vestido encharcado, a menina agarrara o próprio estômago, e Betsy adivinhou que ela tinha sido agredida e chutada ali também.

Homens espancarem mulheres era um acontecimento diário naquele lugar. Era igualmente comum ver pessoas fracas de tanta fome. Moças e rapazes muito jovens chegavam a Bristol todos os dias aos bandos na esperança de encontrar trabalho e, a menos que tivessem um atestado de conduta – ou seja, uma carta de recomendação do antigo empregador –, quase todos acabavam mortos, derrotados ou viravam criminosos.

Betsy normalmente não ajudava ninguém. A única coisa que tinha aprendido desde os 8 anos, quando viu a casa queimar com sua mãe, seu pai e Sadie dentro, era que o velho mundo era duro. Ela tinha que cuidar de si mesma, ser mais rápida, mais esperta, corajosa e inteligente do que todos os outros, pois se baixasse a guarda por um momento alguém a derrubaria.

Portanto, a mulher não conseguia entender o que a havia feito ajudar aquela moça.

Analisando as roupas dela secando junto ao fogo, podia constatar que eram bem-feitas. Tecido simples, mas costurado com pontos tão pequenos e caprichados como os vestidos que tinham pertencido a mulheres ricas que ela vira à venda no mercado. As roupas íntimas também impressionaram Betsy, pois, sem contar a lama respingada na bainha das anáguas, estavam muito limpas e eram de boa qualidade.

O rosto da menina estava deformado e inchado demais para se saber se era bonito, mas o cabelo era preto e brilhante e, onde não estava ferida, a pele era lisa e muito branca, não manchada e áspera como a de muitas mulheres das redondezas. As mãos provavam que ela passara anos em uma cozinha, pois eram avermelhadas e cheias de calos, mas no geral parecia ter sido bem tratada.

Estaria grávida?

Por ali, as pessoas não tinham dinheiro para se casar, então, se uma moça resolvia formar família, ninguém se importava. Mas Betsy tinha lembranças da vida anterior à morte de seus pais para saber que, em círculos mais distintos, bastardos eram malvistas.

Betsy estava se aproximando para ver se a barriga estava crescida quando a moça começou a se mexer. Tentou sentar-se, estremeceu de dor e caiu deitada outra vez.

– Como está se sentindo? Melhorzinha depois de dormir? – perguntou Betsy.

A menina a olhou com expressão confusa.

– Estou enxergando um pouco melhor agora. Mas meus olhos doem. Estão muito inchados?

– Digamos que você não vai arranjar nenhum admirador por uns tempos – disse Betsy com uma risada.

– Foi muita bondade sua e de seu marido me ajudar.

A doçura de sua voz tocou Betsy, mas também a fez lembrar que deveria ser cuidadosa. A garota poderia ser filha de algum magistrado!

– Gussie não é meu marido, é só um amigo. E vou dizer logo, normalmente não ajudamos

ninguém. Então, se quiser ficar aqui esta noite, é melhor abrir o bico e me contar tudo!

– Contar... contar o quê?

– Bem, seu nome, quantos anos tem e de onde vem, para começar. Não conseguimos entender nada do que disse enquanto estávamos socorrendo você.

– Meu nome é Hope Renton, tenho 15 anos e venho de um vilarejo perto de Bristol, ao sul. Você disse que seu nome é Betsy?

– Isso mesmo. Eu me chamo Betsy Archer, e ninguém me faz de boba. Vou fazer uma xícara de chá, e você vai me dizer como quase acabou sendo achatada debaixo de uma carruagem. E quando o seu bebê vai nascer.

– Não estou esperando um bebê – retrucou Hope, indignada. – O que fez você pensar que eu estava?

– Essa costuma ser a razão pela qual as moças fogem. – Betsy deu de ombros. – Mas se você diz que não está, então é menos um problema.

Hope viu Betsy encher um velho bule de folha de flandres com um pouco de água de um jarro e, em seguida, colocá-lo no fogo para ferver. Perguntou-se por que ela não teria uma chaleira.

A lembrança de ter chegado àquele lugar era nebulosa. Lembrava-se de estar com Betsy e Gussie na igreja, depois de sentir os dois segurando seus braços para sustentá-la, levando-a através de becos muito estreitos. Mas aquilo era tudo.

Estremeceu ao olhar o quarto pequeno e tristonho. Ficava no sótão da casa, pois o teto se inclinava bruscamente na direção da pequenina janela, e não tinha móveis, apenas alguns caixotes de madeira e pilhas de sacos que deviam servir de cama. Em cima de um dos caixotes havia várias canecas rachadas e uma lata grande. Um balde fora deixado num canto junto à porta, presumivelmente para servir de urinol, e em cima de outro caixote havia uma bacia de folha de flandres.

Hope conhecia pessoas muito mais pobres do que a própria família, mas até elas tinham algum tipo de mobília, bugigangas e peças de louça. Betsy devia ser bem pobre, mas não aparentava, pois usava argolas de ouro nas orelhas e seu vestido vermelho era elegante, mesmo estando sujo e gasto, com um decote pronunciado meio vulgar.

– É quieto aqui – disse Hope. – Vocês são os únicos que moram nesta casa?

Betsy pareceu engasgar.

– Seus olhos deviam estar muito ruins quando a trouxemos para cá. Isso aqui é pior que um formigueiro de tanta gente indo e vindo, nem dá para contar. Está quieto agora porque a maioria está fora, mas de noite é outra história. Então, me conte sobre você. Vamos, diga!

Hope pensou depressa. Estava muito grata, mas não tinha certeza de que seria sensato contar-lhe toda a verdade, pelo menos até saber que poderia mesmo confiar nela. Então, contou uma versão mais garantida e curta da história, dizendo que Albert se ressentia de ela estar morando com ele e sua irmã e, aproveitando-se da ausência de Nell, ele a agrediu e mandou-a embora.

– Por que você não foi até a mansão e contou o que ele fez? – perguntou Betsy.

– Porque ele teria descontado em Nell quando ela voltasse. Qualquer coisa que prejudicasse Albert o faria se voltar contra Nell.

Betsy pareceu satisfeita com a explicação. A água estava fervendo no bule, e ela o tirou do fogo e colocou-o em cima do caixote, depois abriu a lata, tirou um pacote de chá e jogou um pouco na água.

– Temos que manter a comida dentro desta lata por causa dos ratos e camundongos – explicou Betsy, tirando dali também um pacotinho de açúcar. – Há um pouco de pão, se quiser. Gussie foi buscar tortas para nós, mas isso vai encher seu estômago até ele voltar.

Com a caneca de chá preto adoçado em uma das mãos e um pedaço de pão na outra, Hope sentiu-se um pouco melhor, embora fosse difícil comer e beber com os lábios cortados.

– Vou lhe pagar pela comida e pela moradia assim que conseguir um emprego – afirmou ela.

– Você tem um atestado de conduta?

– Não, não deu tempo de pedir um, como poderia? Albert me expulsou rápido demais.

– Então vai ter sorte se conseguir alguma coisa – disse Betsy, sem rodeios. – Por que quer trabalhar como criada, aliás?

Hope respondeu que era só o que sabia fazer, mas não se importaria em trabalhar em uma loja.

– Para isso você tem que saber fazer contas, escrever e tudo o mais – replicou Betsy.

– Sei fazer tudo isso. E sei também tudo sobre cuidar de roupa de cama e toalhas de mesa e outros afazeres domésticos. E entendo de lavoura e de criação de animais.

– Então você é mesmo uma sabichona, não é? – disse Betsy com sarcasmo.

Hope ficou encabulada e baixou a cabeça.

– Não quis parecer sabichona, só estava dizendo o que sei fazer porque pensei que você assim me daria ideias sobre lugares onde eu poderia procurar trabalho.

Betsy não conhecia ninguém que soubesse ler e escrever, e ficou de fato impressionada. Tinha a impressão de que, se seus pais tivessem sobrevivido, ela poderia ter aprendido essas coisas. Mas havia algo mais com relação a essa moça, talvez fosse o nome dela, só Deus sabia, esperança era a única coisa que às vezes a fazia seguir em frente. Ou talvez fosse porque, se sua irmã não tivesse morrido, teria a mesma idade de Hope. No entanto, qualquer que fosse o motivo, sentia-se ligada àquela menina, como se fosse coisa do destino.

– Você não pode ir a lugar nenhum até seu rosto ficar bom – disse ela, com mais gentileza.

– Então, por enquanto, descanse. Conte o que fazia na mansão. Nunca entrei em uma, pelo menos para ficar, se é que me entende.

Uma semana depois, Hope examinou o rosto em um pequeno espelho que Gussie trouxe para ela.

– Você agora está bonita – disse ele, os olhos castanho-claros se estreitando quando sorriu.

– Não queríamos que você visse como estava horrível quando a encontramos.

Os olhos de Hope ficaram cheios de lágrimas de gratidão. Não por causa do espelho, preferia ter ficado na ignorância sobre sua aparência, pois imaginara que voltaria ao normal quando o inchaço desaparecesse. Mas os hematomas ainda estavam arroxeados, e nem com um grande esforço de imaginação ela pareceria bonita. Entretanto, era outro gesto de bondade, dos tantos com que Gussie e Betsy a tinham cumulado. Eles a deixaram ficar, a alimentaram e a confortaram, quando eles mesmos tinham tão pouco.

– Pode ser conversa mole do Gus dizer que você está bonita, mas não parece mais um monstro – disse Betsy com uma risada. – Vai demorar mais algumas semanas até os hematomas sumirem de vez, mas já dá para ir à Grapes hoje.

Gussie e Betsy saíam para beber todas as noites; parecia que a única coisa que tornava a vida suportável para todos em Lewins Mead era gim ou rum baratos. Até então, Hope havia se recusado a ir com eles, usando seus machucados como desculpa, mas era evidente que achavam

que chegara a hora de ela sair.

– Não posso – disse Hope, alarmada. – Não estou pronta. Vou ficar bem aqui sozinha.

– Bobagem – retrucou Betsy, com as mãos nos quadris e franzindo a testa para Hope. – Ninguém vai notar umas contusões, são tão comuns quanto as pulgas lá na Grapes.

Pela resposta, Hope percebeu que tinha que ir. Não só porque eles se ofenderiam se recusasse, mas porque precisava provar que tinha brio. Mas os dois não tinham como saber quanto aquele mundo era assustador para ela.

No dia em que a encontraram, sentiu-se como um cão maltratado que ficou agradecido por ser trazido para dentro de casa. Sua mente tinha parado de funcionar e ela não conseguia pensar sobre o dia seguinte nem o próximo depois daquele. Respondeu às perguntas de Betsy o melhor que pôde, mas não conseguiu reunir forças para perguntar a ela o que quer que fosse. Teria se contentado apenas em se deitar e morrer porque sentia dores demais para querer viver.

Deve ter adormecido novamente logo que Gussie voltou com tortas quentes para eles e não acordou até a manhã seguinte. Espantada e horrorizada, constatou que havia quatro outras pessoas além de Gussie e Betsy adormecidas ao seu redor, e um fedor vindo do balde no canto.

Ela também queria se aliviar, mas não conseguiu se convencer a acrescentar nada àquele balde já quase cheio e, enquanto se perguntava, deitada ali, se haveria um banheiro no andar de baixo, escutou um barulho estranho. Era uma espécie de som gutural, profundo e irregular, e levou algum tempo para perceber que eram pessoas roncando por toda a casa. Logo vieram outros sons: bebês chorando, crianças gritando e um homem berrando para que se calassem.

Seus companheiros de quarto não acordaram nem quando a barulheira do andar de baixo foi ficando mais alta. Ouviu o sino de igreja bater oito horas e parecia inconcebível que ela e todas aquelas outras pessoas ainda estivessem na cama tão tarde. Não que a pilha de sacos e a manta se qualificassem como uma cama de verdade, e ela sentia coceiras pelo corpo inteiro como se tivesse sido mordida a noite inteira por insetos.

Mais tarde, naquela manhã, descobriu que o balde de dejetos era esvaziado pela janela para o beco lá embaixo. A água tinha que ser extraída de uma bomba num dos andares inferiores e havia uma privada nos fundos da casa. No entanto, como servia a toda a casa – oito cômodos com uma média de dez pessoas dormindo em cada um –, não era um lugar que alguém visitaria de bom grado.

Os quatro inquilinos extras, apresentados a ela como Toupeira, Cambito, Josie e Lil Galesa, tinham mais ou menos a mesma idade que Betsy, mas eram muito mais maltrapilhos e quase tão sinistros quanto seus nomes. Eles desapareceram assim que se levantaram. Betsy disse que o quarto era como um albergue para eles, apenas um lugar onde vinham dormir, e ela e Gussie não se preocupavam com o que os outros faziam o dia todo. Essa explicação de certa forma dava a entender que eram criminosos.

As roupas e as botas de Hope estavam secas e, como finalmente tinha parado de chover, Gussie e Betsy insistiram em levarem-na para mostrar os arredores.

Talvez fosse porque ela sentia dores e estava muito consciente dos olhares das pessoas para seus ferimentos, mas a parte de Bristol que lhe mostraram naquele dia não se parecia nada com o lugar esplêndido e emocionante que se lembrava de ter visitado quando criança com o pai. Era cinzenta, imunda e barulhenta: becos feios e fedorentos com esgotos a céu aberto, casas que davam a impressão de estarem prestes a desmoronar. Viu pessoas que pareciam saídas de pesadelos; mulheres de aparência doentia, de olhar vazio, sentadas como estátuas junto às portas,

muitas vezes segurando um bebê choroso nos braços. Homens de aparência grosseira usando cartolas amassadas e casacos esfarrapados e bebendo direto em garrafas, centenas de crianças descalças e andrajosas brincando na lama. Aleijados vinham cambaleando apoiados em muletas, prontos para passar o dia mendigando nas melhores partes da cidade, e ela chegou a ver uma criança puxando um carrinho com uma mulher sem as pernas sentada dentro dele. Havia loucos vociferando e sacudindo os punhos, meretrizes encharcadas de gim e até homens negros como carvão.

Betsy e Gussie pareciam não reparar na reação chocada de Hope quando lhe apontaram a melhor barraca de arenques, sua loja favorita de cerveja e a loja marítima onde vendiam tudo o que conseguiam recolher. Mostraram-lhe um homem carregando uma enxada e uma rede e contaram que ele limpava os esgotos que corriam para o rio, e dizia-se que ele às vezes conseguia juntar 5 libras em um bom dia, pois o dinheiro que caía na rua sempre acabava chegando lá. Gussie disse que os que ganhavam dinheiro assim corriam o risco de se afogar nos esgotos caso não prestassem muita atenção nas marés.

Betsy mostrou-lhe uma casa com as janelas fechadas com tábuas e disse que um moedeiro morava e trabalhava ali. Hope não tinha ideia de que profissão era essa, mas aparentemente se tratava de alguém que fabricava dinheiro falso. Betsy disse que certa vez conseguira trocar algumas moedas para ele, e que tudo correu bem até um comerciante desconfiar, e então ela teve que correr como o vento para escapar.

Hope sentiu-se um pouco melhor depois que saíram de Lewins Mead e foram caminhar pelo cais. Era tudo igualmente sujo, barulhento e malcheiroso, mas os belos navios balançando na grande extensão do rio que cintilava como prata ao sol fraco do outono compensavam todo o resto. Os metais reluzentes, o brilho da madeira envernizada e as enormes cordas branqueadas pela água salgada eram bons de se ver depois da imundície de Lamb Lane. Hope observava os mastros altos e se perguntava como alguém teria coragem de subir por eles até lá em cima. Encantou-se com as figuras de proa esculpidas, com os marinheiros sentados nos conveses remendando as velas, até com os caixotes de galinhas, ovelhas e cabras vivas que viu sendo embarcados.

As docas eram como uma colmeia em plena atividade. Imensos barris de vinhos franceses e espanhóis eram rolados pelo calçamento de pedra, homens corpulentos embarcavam e desembarcavam grandes quantidades de mercadorias, carroças iam e vinham carregando mais produtos, e Hope viu carruagens grandiosas, próprias da realeza.

O martelar do pátio de um construtor de navios, o som de velas agitando-se ao vento para secar e de marinheiros esfregando conveses, bem como o grito estridente das gaivotas faziam Hope esquecer-se de seus problemas. Era emocionante imaginar os países estrangeiros para os quais os navios se dirigiam e, à sua maneira, as docas eram tão ordeiras quanto sua vida em Briargate.

Pensou que gostaria de trabalhar lá, em algum emprego, mas quando expressou essa ideia para Betsy, a mulher caiu na gargalhada.

– Ah, de fato há trabalho a ser feito aqui – disse ela, voltando os olhos para um grupo de marinheiros. – Como levar os bêbados a um beco e roubá-los; esperar até se distraírem e deixarem alguns produtos sem vigilância. Você também pode se oferecer para limpar o cocô das gaivotas dos sapatos de algumas senhoras.

Não era o que Hope tinha em mente – pensava em ficar sentada em um dos escritórios de expedição, escrevendo coisas em um grande livro –, mas não corrigiu Betsy porque não queria que ela achasse que a menina que havia resgatado era importante demais para Lewins Mead.

O dia seguinte àquele primeiro pareceu-lhe interminável, pois decidira ficar sozinha enquanto Gussie e Betsy cuidavam de seus negócios. Mas não havia nada para fazer no quarto, e ela se sentia acabrunhada sempre que sua mente se voltava para sua família em Briargate. Sentia um ódio profundo de Albert e, apesar de ocupar a mente planejando sua vingança, sabia que, na realidade, não havia nada que pudesse fazer contra ele, nem mesmo matá-lo, que não afetasse Nell negativamente.

Estava sem esperança. Não conseguiria um emprego decente sem um atestado de conduta. Não podia sair dali porque não tinha dinheiro. Nem podia passar o tempo limpando, cozinhando ou consertando roupas porque não havia material necessário.

Estava acostumada a trabalhar desde criança e, embora muitas vezes tivesse imaginado como seria bom ficar sentada sem fazer nada, isso não era verdade. Pelo menos não em um quarto sujo e miserável, consumida de ódio e dependente da bondade de estranhos até para se alimentar.

De vez em quando, conforme os dias passavam, quando o tédio ficava maior do que o medo, ela se arriscava a descer e explorar Lamb Lane e as ruelas vizinhas. Foi numa dessas ocasiões que observou que suas prendas domésticas eram desconhecidas ali.

Os moradores compravam comida pronta e comiam-na em movimento; não lavavam nem passavam roupas, usavam-nas até que se rasgassem, ou, no caso de Betsy, até que pudesse roubar outras. A vida familiar que Hope conhecera quando criança também não existia. As crianças ficavam pelas ruas desde o amanhecer até a noite, e o homem da casa que só entrava para dormir não era necessariamente seu pai.

Certa vez, numa das aulas do reverendo Gosling, ele dissera que a maioria dos bebês nascidos nas áreas mais pobres das cidades morria no primeiro ano de vida e, para os sobreviventes, a vida continuaria sendo uma corrida de obstáculos. Quando se curavam do sarampo ou da escarlatina, continuavam expostos a dezenas de outras doenças que podiam facilmente matá-los.

Gussie contou que, ao chegarem aos 7 ou 8 anos, quase todas as crianças iam viver nas ruas, procurando a própria comida. Algumas eram como ele, que fugira de um pai violento e de uma mãe mergulhada em uma neblina constante de gim, mas o resto tinha sido jogada na rua para se defender por conta própria, pois as casas estavam sempre muito lotadas, muitas vezes com três ou quatro famílias compartilhando um único cômodo. Todas as crianças andavam esfarrapadas e descalças, e algumas mal tinham uma camisa para vestir.

A higiene a que Hope estava acostumada era desconhecida. Nem os corpos nem as roupas eram lavados, e estas eram usadas até se desmancharem. Os cabelos das crianças eram emaranhados, nunca tinham visto um pente ou uma escova, e infestados de piolhos. Ela viu pobres pequeninos com feridas inflamadas, impetigo e furúnculos horríveis catando restos de comida jogados na rua. Hope sabia que, sem nenhum cuidado, escolaridade ou mesmo alguém para lhes dar bons exemplos, os que sobrevivessem e chegassem à idade adulta perpetuariam aquele terrível estado de coisas trazendo mais crianças abandonadas ao mundo.

No seu terceiro dia em Lamb Lane, Hope não suportou mais a imundície e pegou os sacos usados para dormir e sacudiu-os na janela. Em seguida, fez uma espécie de vassoura com uns trapos que encontrou em um canto. Juntou-os, amarrou-os com um pedaço de corda para transformá-los em um esfregão e varreu a sala. A sujeira e o pó encheram uma caixa, que ela levou para fora e jogou na rua, onde todos jogavam seu lixo.

Com outro trapo, lavou a janela e deu polimento com um jornal velho que encontrou sob os sacos. Com os sacos de volta em pilhas arrumadas, cada um com um cobertor em cima, o quarto parecia ligeiramente melhor, mas a fez pensar em seu antigo quarto em Briargate, com sua colcha macia, cobertores limpos e lençóis brancos de algodão, e por isso começou a chorar outra vez.

Gussie e Betsy observaram o quarto arrumado com certa admiração, mas sobretudo achando graça.

– Podemos dizer ao pessoal que estamos subindo de vida, já que agora temos uma criada – disse Betsy, rindo, zombeteira. Ela se deitou em uma das pilhas de sacos e acenou para Hope. – Faça-me um chá agora, garota, e ande rápido com isso. Use o bule de prata, é claro, e, quando terminar, vá passar a ferro o meu vestido de baile para esta noite.

Hope riu, pois era impossível não fazê-lo; Betsy era tão animada e irreverente, porém sua risada se transformou em consternação quando Gussie tirou duas velas do bolso da frente do casaco.

– São de alguma igreja? – perguntou, horrorizada, reconhecendo o mesmo tipo grosso e comprido que sempre via em St. Mary.

– Na verdade, são – respondeu ele com um sorriso. – E duram um tempão. Então, enquanto a madame toma seu chá, podemos ter claridade.

Hope conteve um protesto. Já havia observado que eles não tinham respeito pela lei, pela autoridade ou pela nobreza e provocavam-na porque ela mostrava ter. Mas roubar algo de uma igreja parecia tão ruim.

– Não faça essa cara – repreendeu Gussie. – Eles têm dezenas lá, duas não vão fazer falta. Além do mais, a igreja é rica, eles tiram dinheiro dos pobres para vestir aqueles bispos todos com roupas chiques, morarem em palácios e ficarem o dia inteiro sem fazer coisa alguma.

O comentário cáustico de Gussie sobre a igreja foi apenas um dos muitos que ele fazia sobre vários assuntos, desafiando crenças que Hope tinha desde a infância. Ela logo passou a ter muito menos certeza sobre o que era certo e errado.

O reverendo Gosling incutira nela o conceito: “Bem-aventurados são os mansos.” Gussie dizia que isso era disseminado por gente rica e poderosa para se certificar de que sempre existiriam milhões de pessoas mansas a serem exploradas. Enfatizou que ela acendera lareiras e esvaziara penicos para os ricos ociosos sem reclamar e que aprendera a agradecer pelos poucos xelins por ano que ganhava. E acrescentou que já era hora de se valorizar um pouco mais.

Betsy era ainda mais polêmica. Achava que as mulheres deveriam ter direitos iguais aos dos homens. Dizia que estava errado as propriedades e o dinheiro de uma mulher passarem a pertencer ao marido quando ela se casava, ele poder bater nela quando quisesse e tirar seus filhos caso ela tivesse coragem de deixá-lo. Também pensava que as mulheres deveriam poder realizar qualquer tipo de trabalho, fosse médico, juiz, sacerdote ou carpinteiro, se tivessem capacidade. Tinha uma vontade imensa de trabalhar com carpintaria e estava farta de ver os homens rindo dela por causa disso.

Hope foi cheia de apreensão para a Grapes naquela noite, mas, para sua surpresa, não era um buraco escuro e horrível como esperava, mas um verdadeiro palácio, com luzes brilhantes de gás,

colunas douradas, espelhos enormes e assentos de veludo. Ela se maravilhara com as lâmpadas de gás nas ruas, mas não esperava vê-las em uma cervejaria.

– Feche a boca, as moscas vão entrar – disse Betsy com um sorriso.

– Parece um palácio! – exclamou Hope.

Ela não estava espantada apenas com a elegância do lugar, mas é que os clientes não eram aquela gente infeliz de Lamb Lane; alguns deles, de fato, estavam até bem-vestidos.

– É um palácio de gim – explicou Gussie. – E você vai ter que provar gim.

Hope não apreciou muito o gosto de seu primeiro gim com água, mas teve que admitir que o efeito era agradável. No segundo, já tinha esquecido o rosto machucado, Lamb Lane e o fato de não ver nenhum futuro para si mesma.

Gussie apresentou-a aos amigos dele e de Betsy como sua prima do interior, e eles eram um grupo animado e bem-humorado. Hope deduziu que algumas das moças eram prostitutas pela maquiagem e os decotes, mas achou tão bom ver pessoas que não pareciam miseráveis que não se importou.

Um dos amigos de Gussie se chamava Basher Boulton. Tinha um nariz achatado e uma orelha de couve-flor, mas Gussie apresentou-o como um lutador premiado. Havia outro homem que falava sobre rinha de cães; aparentemente estava organizando uma a poucos quilômetros de Bristol. Os dois foram muito gentis com ela, compadecendo-se de suas contusões. Basher disse que tinha uma pomada especial que as curaria rapidamente, e que, quem sabe, se Hope fosse encontrá-lo em sua casa no dia seguinte à noite, poderia dá-la a ela.

– Eu sei bem o que você quer dar a ela! – exclamou Betsy, interrompendo a conversa. – Só por cima do meu cadáver!

Hope nunca se divertira tanto. Um homem começou a tocar acordeão, e ela dançou primeiro com Gussie, depois com todos os outros que lhe convidaram. Observando os homens saltando com exuberância, lembrou-se das comemorações do May Day e das ceias das colheitas do vilarejo. Nell, que tinha visto nobres dançando, muitas vezes dizia com ar superior que os camponeses dançavam feito cavalos. Mas Hope gostou, era divertido rodar até ficar tonta. Entendia por que Betsy e Gussie saíam todas as noites.

Passava da meia-noite quando Gussie pegou Hope pelo braço e a levou para a porta.

– É hora de levar você para casa.

– Mas não quero ir para casa ainda – disse ela, recuando. – Estou me divertindo.

– Você está bêbada, Hope.

– Não, não estou – retorquiu ela.

Ele a segurou com mais força e a puxou para fora. Depois do calor abafado e da fumaça de dentro do salão, a rua parecia gelada. Hope se sentia muito tonta, e a luz do lampião de gás acima deles parecia estar oscilando.

– Estou tonta. Acho que foi a dança. Deixe-me voltar para dentro e me sentar.

Gussie segurou o rosto dela entre as mãos e beijou seu nariz.

– Você não está tonta de tanto dançar, é o gim – explicou ele. – Se voltar lá vai acabar apagando.

Era agradável a sensação das mãos dele em seu rosto, e Gussie a olhava de uma maneira estranha.

Hope riu.

– Você não está querendo me levar de volta para casa para tentar fazer alguma coisa



perversa comigo, está?

Nunca tinha reparado como os olhos dele eram bonitos, cor de âmbar com manchas mais escuras, e seus cílios, longos e espessos.

– Não, nada disso! – Ele sorriu. – Mas, se eu não levar você para casa, algum outro sujeito vai tentar. E não sou tão forte assim para lutar contra eles por você.

Ela riu, mais por causa da maneira intensa como ele a olhava do que achando que dissera algo engraçado.

– Um perfeito cavalheiro – elogiou, e encostou-se no ombro dele, sentindo-se de repente muito esquisita e embriagada.

– E você é uma mocinha fina até demais para o gosto daquele pessoal lá dentro – disse ele enquanto se afastavam.

Nell voltou a Briargate com lady Harvey no dia 23 de dezembro, várias semanas depois do enterro do Sr. Dorville. Eram nove da noite quando o cabriolé entrou na propriedade. A casa do portão estava às escuras, portanto Nell assumiu que Albert tinha ido para a cama, mas na mansão havia lanternas brilhando de modo convidativo na varanda.

– A senhora deve estar contente por estar em casa, não é, milady? – disse ela à patroa.

– Com certeza, estou, sim, Nell. – Lady Harvey suspirou. – Essas últimas semanas foram uma provação. Estou exausta.

Houve muitas questões desagradáveis entre lady Harvey e as irmãs depois da leitura do testamento de seu pai. Sir William não contribuiu em nada para melhorar os ânimos ficando bêbado e agressivo, depois batendo em retirada e deixando a esposa incumbida de acalmar a todos.

– A senhora logo vai se recuperar – disse Nell em tom reconfortante. – Sr. Rufus e todos em Briargate vão ficar satisfeitos em tê-la de volta em casa.

Antes de o cabriolé chegar ao final do caminho, Baines saiu ao encontro delas com uma lanterna, rapidamente seguido por Rose. Nell supôs que ele devia estar sentado junto à janela esperando, porque não poderia ter ouvido a carruagem da cozinha.

Baines e Rose levaram a bagagem de lady Harvey e, quando todos entraram no salão, Rufus veio correndo pelas escadas, cheio de animação.

– Mãe, estou tão feliz que a senhora voltou! – exclamou ele, atirando-se nos braços dela. – Tive tanto medo que não chegasse a tempo para o Natal.

Nell sorriu contemplando o feliz reencontro. Rufus parecia ter crescido mais alguns centímetros desde que voltara para a escola em setembro e estava se tornando um rapaz muito bonito.

Passou-lhe fugazmente pela cabeça por que Hope não estaria ali para recebê-las também. Entretanto, quando Baines disse que ia servir uma ceia para lady Harvey na sala de estar, ela imaginou que Hope estaria ajudando Martha a preparar a comida.

Depois que Rose pegou o capote forrado de pele e o chapéu de lady Harvey, mãe e filho seguiram abraçados para a sala de estar. Nell correu para a cozinha; fazia tanto tempo que não bebia alguma coisa que era como se sua garganta estivesse toda cortada. Fora isso, estava morrendo de frio.

– Ah, é tão bom estar finalmente num cômodo aquecido – disse ela ao entrar na cozinha, seguindo direto para o fogão e apoiando-se nele de costas. – O que eu não teria dado por um capote forrado de peles no trem de volta para casa!

Martha estava apenas dando alguns toques finais à bandeja para a patroa, então sorriu para Nell.

– É bom ter você de volta – disse ela. – Albert ficou esperando, mas ficou tarde e ele teve

que ir para a cama. Pelo menos vai aquecê-la para você.

– Onde está Hope? – perguntou Nell quando Baines entrou na cozinha.

Ele ignorou a pergunta e pegou a bandeja.

– Só vou levar isso para a senhora.

– O que houve? – perguntou Nell depois que o mordomo saiu. – Hope está doente?

– Não cabe a mim dizer – respondeu Martha. – Baines vai lhe contar quando voltar.

Nell teve então certeza de que algo acontecera, e isso se confirmou quando viu Rose escapulir para a sala dos criados, presumivelmente porque também não queria ser questionada.

– Rose! Diga onde está Hope!

– Ora, acalme-se, Nell – pediu Martha. – Baines não vai demorar.

– Ela não está aqui, está? – perguntou Nell. – Para onde foi? Quando foi embora?

A fisionomia impenetrável de Martha e o nervosismo excessivo de Rose diziam-lhe que Hope tinha mesmo ido embora, mas nenhuma delas estava disposta a dizer quando nem por quê.

Nell andava de um lado para outro, frio e sede esquecidos em sua agitação. A cozinha cheirava a canela, cravo e outras especiarias, bons odores que lhe lembravam Natais passados, quando tinha a família em torno dela naquele lugar. Mesmo com todo o sofrimento que Albert lhe causava, ali em Briargate ela sempre conseguia deixar seus problemas de lado. Não queria que James ou Ruth fossem embora, mas nunca expressou seu desejo porque sabia que era errado se interpor no caminho deles. Mas, sem Hope, não sabia o que faria.

Baines entrou e, ansioso, fechou a porta atrás de si.

– Ela foi embora, não é?

Baines assentiu com tristeza.

– Por que tão de repente? Não poderia ter esperado que eu voltasse? – perguntou Nell. – É um bom emprego?

Baines deixou-se cair numa cadeira e pôs a cabeça entre as mãos.

– Ela fugiu com um namorado.

– Namorado? Ela não tinha namorado!

– Era o que todos pensávamos. – Baines levantou os olhos para ela, o rosto cheio de tristeza.

– Mas ela deixou um bilhete. Albert o trouxe aqui e me mostrou.

– Quando foi isso?

Nell sentiu como se todo o sangue tivesse se esvaído de seu corpo e suas pernas ficaram bambas.

– Sente-se. – Martha empurrou-a para uma cadeira. – Vou fazer um chá para você.

Baines explicou que acontecera em novembro, cerca de duas semanas depois de Nell partir com lady Harvey. Acrescentou que não houve avisos nem despedidas; num minuto, Hope estava na cozinha e no seguinte não estava mais.

– Ela devia estar planejando isso havia algum tempo – disse ele com voz cansada, afastando uma mecha de cabelo do rosto. – Mas nunca percebi nada, ela não agia de modo suspeito, nem ao menos disse nada que depois achássemos que seria uma forma de dizer adeus.

– E foi de mãos vazias – continuou Martha. – Todas as coisas dela ainda estão em seu antigo quarto. Deixamos tudo lá para você.

– Mas por que não escreveu e me contou? – perguntou Nell, começando a chorar.

– Albert disse que era melhor não escrever... – Baines deu de ombros. – Alegou que você ficaria angustiada e, como não poderia deixar lady Harvey, seria pior ainda.

– Ele foi procurá-la? – Nell elevou a voz, desesperada.

– Foi, e contou a seus irmãos, é o que sei – disse Baines. – O reverendo Gosling veio aqui

dizer que tinham ido falar com ele e com quase todos no vilarejo para tentar descobrir quem era o rapaz.

– E descobriram?

Baines balançou a cabeça.

– Todos repetem a mesma coisa: é um mistério. Não apareceu nenhum soldado por aqui.

– Um soldado! – exclamou Nell. – Ela fugiu com um soldado?

O sino tocou na sala de estar e Baines foi atender. Lady Harvey estava sentada junto ao fogo, Rufus no tapete a seus pés, e ela virou a cabeça quando Baines entrou.

– É verdade o que Rufus me contou? Que Hope foi embora sem dizer uma palavra?

– Sim, milady – respondeu Baines. – Acabei de contar a Nell, ela está muito abalada.

– Que sirigaita mal-agradecida! – disse lady Harvey, indignada. – Depois de tudo que Nell fez por ela! Você com certeza está dando às criadas muito tempo livre, Baines, se elas têm oportunidade de se encontrar com homens.

Baines irritou-se; já não era bom ela pensar que os criados não tinham direito a uma vida particular, mas, levando-se em conta que todos ali em Briargate estavam acumulando tarefas porque lady Harvey não conseguia contratar mais empregados, ele não sabia como ela tinha a desfaçatez de dizer tal coisa.

– Com o devido respeito, milady – disse ele, entre os dentes –, Hope não tinha tempo livre além da tarde que sempre passou com o irmão e a família dele. Nem ele nem eu podemos imaginar como e quando ela conheceu esse homem. O fato não combina com o caráter dela também: não era uma menina estouvada e sempre foi muito apegada a Nell.

– Nell pode ir para casa conversar com Albert – disse lady Harvey, encerrando o assunto. – Ela não vai me servir de nada se estiver nervosa; Rose pode me atender.

Baines sentiu uma onda de raiva pela insensibilidade da patroa. Nell trabalhava para ela desde que tinha a idade de Hope, ninguém poderia ter uma criada mais leal e dedicada, e ela merecia mais do que ser mandada para casa sem ao menos uma palavra de simpatia.

– Não acredito que Hope tenha ido embora de bom grado – opinou Rufus de repente.

Sua mãe e Baines olharam para ele, surpresos. Seus cachos louros compridos demais o faziam parecer muito jovem, mas sua expressão era adulta.

– Acho que Albert a forçou a ir.

– Ah, o que quer dizer com isso? – perguntou lady Harvey bruscamente. – Você disse que ela deixou uma carta para Nell.

– Deixou, sim, Albert me mostrou – disse Baines.

– Pode-se forçar alguém a escrever uma carta – disse Rufus, obstinado. – Já vi meninos fazerem isso na escola. Hope se preocupava demais com Nell para fugir na ausência dela.

– Você é só uma criança e estava na escola quando isso aconteceu – retrucou lady Harvey com desdém. – Agora, chega. Baines, dê meu recado a Nell e Rose. E eu gostaria de tomar um banho antes de dormir.

Quando Baines estava saindo da sala, escutou Rufus se dirigir à mãe.

– Mãe, você não deveria pedir a Rose para lhe preparar um banho tão tarde da noite. Ela já trabalhou demais hoje e deve estar muito cansada!

Baines não se demorou o suficiente para ouvir a resposta da patroa, mas ficou comovido com a compaixão do menino. Também imaginava que teria sido Hope quem o tinha feito ver a injustiça do sistema de patrões e criados.

Nell chorava alto enquanto seguia pelo caminho até sua casa. Baines, Rose e Martha tinham feito o possível para confortá-la, mas não houve nada que a fizesse se sentir melhor com relação à fuga de Hope.

Nell lembrou-se como ela própria era aos 16 anos, tão ingênua, tão ávida para experimentar tudo, especialmente os mistérios do namoro e dos beijos. Se Bridie não tivesse lhe contado de repente que lady Harvey ia ter um bebê, ela teria ido naquela mesma tarde encontrar Ned Travers em Lord's Wood.

Não sabia por que jamais tinha parado para pensar que Hope poderia ser como ela, pensando o tempo todo em rapazes e ansiosa para ter um namorado. Se ao menos tivesse contado a Hope sobre Ned, talvez a tivesse incentivado a revelar seus próprios sonhos de menina.

Teria ficado tão amarga e seca a ponto de, inconscientemente, não querer que Hope também encontrasse amor e felicidade?

Ao abrir a porta da entrada, ouviu Albert roncando no andar de cima e sentiu um cheiro acre que só poderia ser do urinol sujo. Tateando às cegas, chegou à mesa e encontrou o castiçal e os fósforos. Quando acendeu o fogo, viu o caos do aposento e seu coração pesou ainda mais.

Assim que acendeu três velas, sentiu vontade de desistir e voltar para Briargate, pois a desordem era terrível. Dezenas de garrafas vazias estavam espalhadas por todo lado. No chão, grandes torrões de lama das botas de Albert, pedaços de pão mofado em cima da mesa e pratos sujos em todos os lugares, muitos dos quais ela reconheceu como pertencentes à mansão.

Nem por um momento esperava que Albert a recebesse de braços abertos, mas com certeza qualquer homem, sabendo o que a esperava na volta, tentaria fazer algo para mitigar o sofrimento. Ele nem sequer tivera respeito por seus sentimentos deixando a casa um pouco arrumada.

Recordando todas as vezes em que o marido a repreendera por causa do tapete torto na frente do fogão, ou por ela não ter empurrado as cadeiras para debaixo da mesa, Nell de repente se enfureceu.

Enquanto estava parada olhando a sujeira, sua raiva cresceu mais do que seu medo. Apanhou a vela, subiu a escada e abriu a porta do quarto com um pontapé.

– Acorde, Albert! Quero falar com você! – gritou ela.

– O que é? – perguntou ele, sonolento, e Nell franziu o nariz para o fedor das roupas suadas e do urinol cheio.

– Você é um imundo! – gritou ela. – Como pôde deixar a casa neste estado?

Ele se sentou e esfregou os olhos.

– Limpeza é trabalho de mulher – afirmou ele, de cara fechada.

– Então você deveria ter arranjado uma mulher para limpá-la – rebateu Nell, ríspida. – Vi que Martha o alimentou nesses dias. Podia ter pedido a ela para fazer a limpeza daqui também.

– Fique quieta, mulher – ralhou ele, e deitou-se novamente como se pretendesse voltar a dormir.

– Seu porco! Já não bastava eu chegar em casa e não encontrar Hope? E onde está a carta que ela deixou?

A pergunta pareceu despertá-lo.

– Como se atreve a entrar aqui gritando comigo? – replicou ele, girando as pernas para fora da cama. – Um homem trabalhador precisa dormir.

Nell sempre recuava quando ele avançava para cima dela, mas não pretendia fazer o mesmo dessa vez.

– Uma mulher também precisa dormir, mas espera que eu durma neste ninho de ratos? –

retrucou ela, apontando para a cama.

A vela não iluminava muito, mas havia claridade suficiente para ver que os lençóis estavam sujos. A colcha branca que Albert sempre insistia que devia ser mantida lisa e sem amassados fora jogada no chão e pisoteada com botas sujas.

– Desça e me conte sobre Hope – insistiu ela.

– Não tenho nada para contar. Não a vi sair. Apenas encontrei o bilhete.

O ligeiro esganiçado na voz de Albert alertou Nell de que ele estava mentindo.

– Mentiroso! – gritou ela, a vela balançando no castiçal porque a mão tremia de raiva. – Não foi só isso, sei que não foi!

A mão dele ergueu-se antes mesmo que ela a visse e a esbofeteou com força.

– Não admito ser chamado de mentiroso, e estou contente por aquela vadia ter ido embora – disse ele com voz sibilante. – Então, saia daqui. A maldita carta está em cima da cômoda.

Quando fez menção de agredi-la novamente, Nell deu meia-volta e desceu correndo, de repente muito consciente de que estava pisando em ovos. Ouviu as molas do colchão rangerem quando ele voltou para a cama e então desatou a chorar como se nunca mais fosse parar.

Encontrou a carta e segurou-a próximo à vela para lê-la. Não tinha dúvida de que fora Hope quem a escrevera; a irmã tinha uma letra firme e clara, a única que Nell nunca tivera problemas para ler. Releu a carta quatro ou cinco vezes, mas a cada leitura ficava mais perplexa.

Sua própria leitura e escrita eram rudimentares e, quando precisava escrever uma carta, não conseguia produzir nada além de afirmações simples que nunca transmitiam seus sentimentos nem qualquer tipo de descrição. Hope, contudo, sempre conseguia escrever como se estivesse conversando. Quando escrevia para James ou Ruth, suas cartas sempre eram relatos vibrantes de todas as notícias da família e do vilarejo. Aquela carta em suas mãos poderia ter sido escrita pela própria Nell, exceto pela ausência de erros de ortografia.

“Estou indo embora com um soldado.” Hope não diria apenas isso; mesmo que estivesse com pressa, acrescentaria algum motivo, uma descrição dele ou o nome. “Por favor, não fique com raiva de mim.” Não seria com a raiva de Nell que ela se preocuparia, e sim com seu desgosto. Onde estava a tristeza em não se despedir, ou o reconhecimento de que estava deixando todo mundo na mão? “Você pode ficar com as minhas coisas e o salário que me devem.” Hope não se incomodaria em dizer tal coisa, ela daria aquilo como subentendido. Assim como pedir desculpas por levar um dos vestidos de Nell seria desnecessário.

Mais tarde, Nell foi dormir na antiga cama de Hope. Estava fria e úmida por falta de uso, mas era muito melhor do que compartilhar a cama com Albert.

Rememorou as palavras que trocara com Hope no dia anterior à partida com lady Harvey. Hope dissera que tinha tanta chance de encontrar um namorado estando em Briargate quanto de se tornar rainha. Não teria dito isso nem ficaria tão triste se já houvesse um rapaz em sua vida.

Nem teria deixado uma carta ali para Albert ler. Ela deixaria em seu quarto na mansão. De fato, se estivesse fugindo, não teria ido para aquela casa, pois poderia encontrar Albert.

Como um feixe de luz em um quarto escuro, de repente Nell adivinhou como tudo acontecera. Hope não fugira, ela viera ali para arrumar a casa, como Nell lhe pedira que fizesse. Albert talvez tivesse chegado enquanto ela estava lá e provavelmente Hope o repreendeu por causa da desordem. E ele a agrediu.

Nell quase podia ver a cena se desenrolando diante de seus olhos: Albert perdendo o controle, em seguida percebendo que Hope contaria a Baines, que então reclamaria com sir

William.

Por isso a carta de Hope era tão estranha. Fora ela mesma quem a escrevera, mas coagida por Albert. Talvez tivesse concordado em deixar Briargate apenas para que ele parasse de agredi-la, mas como ele poderia deixá-la ir embora? Ela teria corrido direto para Matt.

Durante toda a noite, Nell ficou acordada encarando a escuridão do quarto, consumida pelas visões aterradoras de Albert estrangulando Hope. Queria desesperadamente que existisse outra explicação, mas qual poderia ser?

Assim que o relógio no andar de baixo bateu quatro horas, ela ouviu Albert esgueirando-se do quarto ao lado. Preparou-se, achando que ele viria até ela. Mas ele desceu furtivamente a escada e, um minuto depois, ela o escutou sair pela porta da frente. Era uma confirmação adicional de sua culpa. Se não tivesse nada a ver com o desaparecimento de Hope, não agiria de modo sorrateiro nem sairia mais de uma hora mais cedo para evitar encontrá-la.

A bochecha de Nell latejou. Ela sentia que estava inchada, e sua raiva e tristeza voltaram redobradas.

Era a véspera de Natal, um dia de preparações frenéticas que, no passado, sempre fora alegre. Até dois anos antes, sempre havia muitos convidados em Briargate, com uma pródiga ceia de comemoração na véspera de Natal e, no dia seguinte, um jantar ainda mais extravagante. Nell vira alguns anos em que um quarteto de músicos fora contratado e eles enrolaram os tapetes da sala de estar para os convidados dançarem. Também havia festas à fantasia. Lembrava-se de lady Harvey vestida como Nell Gwynn e sir William como Carlos II, com risos e música ressoando por toda a casa.

Mas aquele Natal não seria feliz para ninguém.

Duas horas depois, quando amanheceu, Nell apanhou a fronha contendo seus pertences e dirigiu-se para a porta.

Antes arrumou a casa, não por qualquer noção de dever de esposa, mas apenas para preencher o tempo até sair para a mansão. Enquanto reunia seus pertences, descobriu que o vestido que Hope levava era o mais velho que possuía: um vestido cinzento de trabalho que provavelmente ficara grande demais nela. Foi mais uma confirmação daquilo que já suspeitava. Se Hope estivesse realmente fugindo com um namorado, teria se importado com sua aparência e levado um vestido mais bonito, o branco e rosa que Nell usara no dia do casamento. Este, porém, continuava dobrado na gaveta, outro símbolo de todos os sonhos que Albert destruíra.

– Nell! – exclamou Baines quando a mulher surgiu na sala dos criados, onde ele estava engraxando as botas de sir William, e deixou cair no chão a fronha com seus pertences. – O que é isso tudo?

– Minhas coisas – disse ela, seca. – Não posso mais viver com Albert.

Baines pareceu aturdido, mas aproximou-se dela e tocou levemente sua face inchada.

– Ele bateu em você? – perguntou em pouco mais que um sussurro, os olhos azul-claros cheios de preocupação.

– Sim, mas pela última vez – disse Nell com firmeza. – Vou levar agora o chá da senhora e

conversar com ela sobre ficar aqui. Sir William vai cavalgar esta manhã?

Baines franziu a testa.

– Ele já saiu, mas Merlin ainda está no estábulo. Ele discutiu com lady Harvey ontem à noite. Acho que você não vai encontrá-la muito receptiva.

– Que pena – respondeu Nell, ácida. – Certifique-se de que Rose não esteja ouvindo pelo buraco da fechadura enquanto eu estiver com ela.

Baines sentiu o coração pesar quando viu Nell voltando para a cozinha. Nunca a tinha visto tão sombria antes; o que quer que acontecesse, ela sempre continuava sorrindo. Suspeitava que Albert fosse de alguma forma responsável pela fuga de Hope.

Baines não gostava de Albert, da maneira como ele se achava superior aos outros criados nem de sua natureza severa e pouco comunicativa. Tivera ainda menos contato com ele desde a última ocasião em que agredira Hope, mas não entendia como Albert poderia ser responsável por sua fuga; desde que ela se mudara para a mansão, eles quase nunca se encontravam.

A saída de Hope fora um grande golpe para Baines porque ela era uma boa menina e trabalhava duro, mas se Nell levasse a cabo sua ameaça e abandonasse Albert, toda a estrutura de Briargate desmoronaria.

As rachaduras já estavam aparentes: uma equipe reduzida de criados que, mesmo com a melhor vontade do mundo, não poderia cuidar de uma casa tão grande. Com um patrão bêbado, uma patroa que parecia não notar ninguém além de si mesma e seu filho e herdeiro crescendo sem uma orientação de verdade, o desastre era iminente.

No entanto, os nobres esperavam que seus criados se comportassem com a máxima lisura, que obedecessem às leis da terra e da Igreja mesmo que eles próprios zombassem delas. Nell tinha um caráter impecável e mais de vinte anos de serviço na casa, mas Baines duvidava que isso significasse que o senhor e a patroa apoiariam seu desejo de deixar Albert.

As esposas que abandonavam o marido eram sempre condenadas, mesmo que seu cônjuge fosse cruel, mulherengo ou bêbado. Eram grandes as chances de fazerem Nell voltar para Albert e, caso ela se recusasse, de mandarem-na embora de Briargate.

Lady Harvey estava acordada quando Nell levou-lhe a bandeja com o chá.

– Quase não dormi – queixou-se ela enquanto se sentava na cama. – O frio parecia ter penetrado em meus ossos, então Rose me acordou quando entrou para acender a lareira.

Nell sentiu-se tentada a dar uma resposta ríspida e contar logo como tinha sido a *sua* noite. Mas, como sempre, murmurou palavras de simpatia enquanto colocava um xale de lã leve em volta dos ombros da senhora e afofava os travesseiros na cabeceira da cama.

– A água do banho também não estava quente o bastante ontem à noite – continuou lady Harvey. – Acho que Rose se aborreceu por eu pedir!

– Ela estava trabalhando desde as cinco da manhã – explicou Nell, enquanto pousava a bandeja de chá no colo da mulher. – Ela agora tem que limpar a casa toda, lavar a roupa e ajudar a cozinheira. Imagino que estivesse apenas muito cansada.

– Mas é o trabalho dela limpar, buscar e levar coisas!

Nell reprimiu um comentário mordaz e foi até a janela abrir as cortinas. Era um dia cinzento e frio, e as árvores ao longo do caminho surgiam esqueléticas e magras sem suas folhas, tornando a casa do portão bem visível. Recordou sua animação quando sir William disse que ela e Albert poderiam morar lá. Estava tão entusiasmada com a ideia de ter a própria casa que não conseguia dormir à noite. Mas isso foi antes do casamento. Todos aqueles devaneios de um bebê em seus



braços, um marido amoroso e atencioso e a visita de sua família tinham virado poeira.

Pegou no chão o vestido que a patroa tinha usado para viajar no dia anterior.

– Há uma mancha de sangue aí – disse lady Harvey, bruscamente. – Minhas regras devem ter começado enquanto estávamos voltando para casa. Cuide disso, Nell.

Nell olhou para a mulher que um dia tinha adorado e a quem servira lealmente por tantos anos, e de repente a viu como ela realmente era: mimada, vaidosa e egocêntrica ao extremo. Aos 42 anos, ainda era bonita, a camisola de seda azul da mesma cor de seus olhos, cabelos louros caindo nos ombros e pele branca feito porcelana. Mas os cantos da boca curvavam-se permanentemente para baixo, e havia rugas na testa, de tanto tempo que passava ressentida porque a vida não havia se mostrado a altura do que ela esperava.

– Vou cuidar do vestido – disse Nell. – Depois de falar com a senhora sobre Hope.

– Ah, não quero falar sobre essa menina tola – interrompeu lady Harvey, irritada. – Ela está colhendo o que plantou. Agora, você acha que o vestido de cetim preto que eu usei no baile em Bath enquanto ainda estava de luto pela minha mãe poderia ser reformado em um vestido para a tarde? O tecido é muito bom.

Nell cerrou os dentes.

– Preciso falar com a senhora sobre Hope. Acho que Albert a matou.

– Ah, não seja ridícula, Nell! – Lady Harvey deu uma risada fria. – Ela fugiu com um soldado. Até Baines viu a carta. Como pode lhe passar pela cabeça que Albert a matou? Ele é um homem tão doce e gentil.

– Olhe para o meu rosto – insistiu Nell.

Lady Harvey baixou a xícara de chá.

– Está bastante corado, o que você fez?

– Não fiz nada. Foi uma bofetada do doce e gentil Albert. Ele é um bruto, lady Harvey. Bateu em mim dezenas de vezes, e em Hope também. Agora acredito que ele a matou.

Lady Harvey jogou a cabeça para trás com total descrença e bateu com a xícara de chá no pires.

– Não quero mais ouvir essas baboseiras – disse ela em tom categórico. – Hope é uma putinha idiota que prefere transar a trabalhar.

Nell ficou boquiaberta, chocada e horrorizada com a sórdida difamação.

Já era muito ruim sua patroa não manifestar qualquer simpatia pela situação de Nell ou preocupação com uma menina que já havia brincado com seu filho. Mas chamar Hope de puta idiota, sugerir que ela escolheria uma vida fácil porque era preguiçosa demais para trabalhar na cozinha fez o sangue de Nell ferver. Aquela tinha sido a gota d'água.

– Ora, a senhora deve saber muito bem o que é ser uma puta idiota, não é? – retrucou, querendo arrebentar o rosto da mulher. – Mas teve Bridie e a mim para encobrir seu adultério.

Lady Harvey ficou espantada, depois estreitou os olhos.

– Basta, Nell! – Ela ergueu uma das mãos para silenciá-la. – Se quiser manter seu emprego, esta conversa termina aqui.

– A senhora acha que meu trabalho significa mais para mim do que a vida de Hope?! – rosnou Nell, muito brava para se segurar. – Então vou lhe contar uma coisa, sua desgraçada. *Hope* é aquele bebê que eu ajudei a nascer, aqui neste mesmo quarto, *nesta* cama, dezesseis anos atrás. Ela é sua filha!

Por um momento, lady Harvey não reagiu. Apenas olhou para Nell, incapaz de assimilar o que acabara de ouvir. Nell olhava fixo para ela, as mãos nos quadris, desafiando a mulher a dizer que ela estava mentindo. Mas então o lábio inferior da patroa começou a tremer.

– Meu bebê morreu. Bridie me contou...

A menção ao nome de Bridie foi um lembrete para Nell da promessa que fizera tantos anos antes. No entanto, ao mesmo tempo que sentia uma ponta de culpa ao quebrar a promessa, estava com raiva e queria punir ainda mais sua patroa pelas coisas perversas que dissera sobre Hope.

– Bridie achou que ela estava morta porque não chorava – replicou em tom desafiador. – Mas ao descer com ela descobri que estava viva. Sabíamos quanto ficaria complicado para a senhora se soubessem que dera à luz uma criança ilegítima, então a levei para a casa de minha mãe.

O rosto de lady Harvey se contraiu. Ela levou as mãos ao cabelo e começou a puxá-lo como louca.

– Não, não! Impossível! Não posso acreditar em você! Você está fazendo isso para me afligir!

– Estou angustiada porque acredito que Hope foi assassinada! – retorquiu Nell, a voz sibilando. – Também estou furiosa por ver como a senhora pode ser tão insensível. Acha realmente que eu inventaria uma história dessas?

– Não pode ser verdade. Bridie teria me dito. Um dos planos que fizemos antes do nascimento da criança foi que, se vivesse, iríamos patrocinar sua criação. Bridie disse que seria caro, então me pediria dinheiro e voltaria sempre a pedir mais.

– Não se atreva a insultar a memória de Bridie insinuando que ela recorreria à chantagem; ela seria capaz de morrer pela senhora – rebateu Nell com dureza. – E morreu mesmo. A senhora a levou à morte, tal como pretendia fazer comigo ou com Rose.

Nell fez uma pausa para fazer o argumento calar na mente da outra, pois agora que estava em vantagem queria desafogar algumas de suas antigas mágoas.

– Tudo que Bridie desejava era proteger sua reputação, porque a amava. Ela também pensou que seria mais fácil a senhora se conformar se acreditasse que o bebê havia morrido. E nem eu nem minha mãe teríamos exigido dinheiro porque amamos Hope como se ela fosse nossa. Para nós, ela era um tesouro. Mas agora ela sumiu e acho que pode ter sido assassinada, e se a senhora tiver um coração, me ajude a fazer justiça!

Lady Harvey começou a chorar, mas Nell só conseguia sentir desdém pela mulher, pois sabia que não estava chorando pela criança que havia perdido, nem mesmo por simpatia. Estava chorando apenas por si mesma.

– O que quer de mim? – perguntou lady Harvey, aos prantos. – Não aguento isso. Nem sei se acredito no que me disse.

– A senhora pode verificar os registros da paróquia e verá que o aniversário de Hope é dia 25 de abril de 1832. Também pode olhar para o capitão Pettigrew e ver as semelhanças.

Ao ouvir aquilo, lady Harvey pareceu realmente assustada. Seus olhos se arregalaram e ela cobriu a boca com as mãos.

– Bridie não me contou – Nell apressou-se em dizer. – Não contaria nem sob tortura. Vi o capitão pela primeira vez no dia em que a senhora pediu que eu trouxesse Hope aqui para brincar com Rufus. Soube que era o pai dela assim que pousei os olhos nele.

– Mais alguém comentou sobre isso? – perguntou lady Harvey, depressa.

– Por que o fariam? Todos nós, Rentons, somos morenos, e ninguém mais sabe que a senhora teve outra criança. Mas estou surpresa que *a senhora* não tenha notado. Nunca se perguntou por que Hope era tão bonita, quando James, Ruth e eu somos tão comuns?

Não houve resposta a essa pergunta.

– A senhora nunca olhou para ela, não é? – escarneceu Nell. – Ela trabalhou nesta casa

todos os dias durante quatro anos ou mais, e a senhora nunca notou a beleza dela. Mas, é claro, a senhora não vê mesmo nenhum de nós como gente, não é verdade?

Nell fez uma pausa para retomar o fôlego.

– Não imagina que tenhamos sentimentos, nem mesmo uma vida própria. Não se importa se estamos cansados, doentes ou angustiados, nem valoriza nossa lealdade. Eu a confortei quando sua mãe morreu, mas quem me consolou quando meus pais morreram? Não a senhora! Tudo que ofereceu foi uma tarde de folga para ir ao enterro. Nem se importa que Albert me surre, apesar de eu trabalhar para a senhora há vinte anos. O que é preciso para fazer a senhora se importar, milady?

Lady Harvey virou-se de lado na cama e chorou ainda mais alto, batendo com a mão no travesseiro. Nell deu um passo à frente e apanhou a bandeja de chá na cama, receando que fosse derrubada.

– Eu me importo, Nell – disse a senhora um pouco depois, suas palavras quase abafadas pelos travesseiros. – Eu me importo. Eu me importo.

Ela se virou e olhou para Nell com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

– Muitas vezes repeti que não sei o que faria sem você. Houve tantas vezes em que tive vontade de lhe fazer confidências sobre como me sentia quando estava esperando o filho de Angus e, de fato, sobre o desespero da minha situação, naquela época e agora. Mas tive medo de fazê-lo, não por não confiar em você, mas porque tinha a sensação de que, se falasse sobre essas coisas, me descontrolaria. Consegue entender isso?

Nell rememorou a ocasião em que lady Harvey admitira pela primeira vez que o capitão escrevia para ela. “Posso lhe pedir que verifique a correspondência todas as manhãs?”, perguntou ela com toda a doçura. “É claro que ele é só um amigo, mas William anda tão difícil ultimamente, pode não gostar que Angus me escreva.”

Como uma boba, Nell sentiu-se orgulhosa por sua patroa confiar nela de forma tão implícita. Ficou feliz por lady Harvey poder tirar algum consolo das cartas do capitão. Entretanto, teria sido melhor se lhe tivesse revelado a verdade, se lhe comunicasse que a filha da união dela com seu *amigo* estava na cozinha naquele exato momento areando panelas, e lhe perguntasse se não estava na hora de ela fazer alguma coisa por aquela criança!

– Com o devido respeito, milady – disse Nell com rispidez –, seus sentimentos não são tão importantes para mim agora. Só quero saber o que Albert fez com Hope.

Lady Harvey olhou para Nell com ar de espanto. Sentou-se e enxugou as lágrimas no lençol.

– É véspera de Natal, Nell. Rufus está aqui – balbuciou. – Além disso, não acho que meu marido vá acreditar nem por um instante que Albert matou Hope. Ele o tem em muito bom conceito.

– A senhora está tentando me dizer que sir William não vai permitir que eu chame a polícia? Lady Harvey começou a torcer as mãos, agitada.

– Não sei. É muito difícil para mim falar com ele hoje em dia sobre qualquer coisa. Não é mais o homem com quem me casei.

Nell supôs que ela se referia ao grande consumo de bebida do marido.

– Pois fale com ele quando voltar para o desjejum – disse. – Vai estar bem, então.

– Ele já saiu?

– Sim, Baines disse que saiu muito cedo.

Lady Harvey franziu a testa.

– Eu não o conheço mais. Por que ele continua saindo em horas estranhas e fica irritado

quando lhe pergunto onde esteve? Não costumava ser assim, Nell. Antes fazíamos tudo juntos, conversávamos e ríamos tanto.

Nell assentiu por cortesia.

– Imagino que você tenha se perguntado como eu fui me envolver com outra pessoa.

– Achei que a senhora se sentia muito solitária quando sir William estava ausente.

– Não era só isso! Você esteve comigo todos os dias durante dezesseis anos, Nell. Faz tudo para mim, você me conhece melhor do que ninguém. Com certeza percebeu por que me apaixonei por Angus.

Nell deu de ombros.

Lady Harvey suspirou.

– Você não vê, não é? Pensa como todos os outros, como eu também pensei no dia do casamento, que era uma sorte ter um marido jovem, bonito e rico. Ah, eu o adorava, mas era tão inocente na época, Nell, que nunca beijara um homem. Alguns anos depois, descobri a paixão, e só então percebi sua ausência entre mim e William, nenhum impulso, nenhuma faísca. Na verdade, éramos como irmãos.

– A senhora está dizendo que não se deitou com ele? – perguntou Nell.

Lady Harvey corou.

– No início, ele fez o que se esperava dele. Como eu não tinha uma ideia real de como era esse aspecto do casamento, pensei que deveria ser minha culpa ele parecer tão desinteressado. Então Angus veio me visitar e, de repente, conheci sentimentos que nunca tinha experimentado.

Fez uma pausa, olhando para longe.

– Ele apareceu aqui uma tarde quando William estava viajando e nós caminhamos juntos pelo jardim – contou. – Nos sentamos por um tempo no pavilhão de verão e, de repente, ele estava me beijando. Foi uma loucura, Nell, tão doce e excitante.

E continuou a contar como nos meses seguintes tentou lutar contra a paixão que sentia. Como pedia a Bridie que estivesse presente se Angus chegasse e William estivesse fora.

– Era o mesmo para Angus – disse ela com tristeza. – Eu via tudo o que sentia refletido em seus olhos. Ele não vinha com frequência porque ficava fora em suas atividades militares, certa vez um ano inteiro se passou sem que eu o visse, mas ele estava constantemente em meus pensamentos. Então William foi para a América, e às vezes eu saía sozinha a cavalo... E foi num desses dias que encontrei Angus.

– E a senhora cedeu?

Lady Harvey assentiu.

– Deus é testemunha que tentei muito resistir à tentação. Amei William de verdade; tivemos momentos felizes juntos. Mas o que sentia por Angus era muito diferente, tão forte, que aniquilava a moralidade, a lealdade e tudo o mais que eu prezava. Era tão bonito e poderoso, Nell, nada importava além de possuir e ser possuída. Se eu tivesse experimentado com William ao menos um pouquinho daquilo que vivi com Angus, tudo teria sido diferente. Dei-me conta então de que o que William e eu tínhamos na cama era só um dever; uma tentativa furtiva e desajeitada que não dava prazer a nenhum dos dois, apenas vergonha. E percebi que William não me desejava e nunca me desejaria.

Lágrimas surgiram nos olhos de Nell quando pensou na humilhação de sua própria noite de núpcias. Ela estava tão disposta, tão ansiosa para fazer amor, mas Albert a afastou, fazendo-a sentir-se suja e repugnante.

– Talvez nos tenham levado erroneamente a acreditar que todos os homens são criaturas mundanas – disse ela, hesitante, tentada por um segundo a revelar que seu próprio casamento era

ainda mais vazio. – Mas a senhora teve Rufus!

– A única coisa boa que resultou desse desastre – disse lady Harvey com um resmungo. – Quando William voltou da América eu estava muito deprimida. Cheia de culpa e convencida de que tudo que eu passara com meu primeiro bebê era um castigo de Deus pela minha perversidade. Felizmente, porém, William chegou em casa com entusiasmo renovado para produzir um filho e herdeiro e, talvez porque agora eu soubesse como agradar um homem, aconteceu.

– E foi o bastante para a senhora?

– O nascimento do nosso filho marcou o fim do dever físico de William para comigo.

– Pelo menos a senhora tem um filho – lembrou Nell.

A própria Nell se contentaria com isso.

– Não é o bastante quando se conheceu a felicidade de estar nos braços de um homem que nos deseja – admitiu lady Harvey com um tremor na voz. – Durante alguns anos, Rufus foi o bastante para mim. Angus estava no exterior, e tivemos festas e convidados em casa para me distrair. Mas agora ...

Ela parou de falar porque começara a chorar.

– William sai sozinho, bebe e joga demais. Fala comigo como se me odiasse – disse entre soluços. – Na noite passada, perguntei por que me deixou sozinha em Sussex logo depois do enterro, e ele respondeu que os três dias que passou lá comigo foram mais do que suficientes. Imaginei que se referisse às dificuldades com minhas irmãs, mas não era isso. Ele se referia a estar na minha companhia.

Nell teve que cerrar os dentes para não interromper lady Harvey enquanto a ajudava com a toalete. Uma torrente de palavras fluía de sua boca: como Angus era maravilhoso, ela achava seu marido desprezível. Quase de imediato, no entanto, contou que havia escrito a Angus enquanto estava na casa de sua família para dizer que a relação de ambos deveria acabar. Era o desabafo de uma mulher inteiramente voltada para si mesma. Evidentemente, esquecera que Nell viera a ela com um problema sério.

A certa altura, chegou mesmo a perguntar se Nell achava que era condenável ela desejar uma viuvez para libertá-la de seu casamento infeliz.

– Minha mãe costumava dizer “Cuidado com o que deseja” – retorquiu Nell, tentada a esbofetear aquele lindo rosto para trazê-la de volta à realidade. – Mas, minha senhora, precisamos falar sobre o que deve ser feito com relação a Hope e, na realidade, a situação em que me encontro. Não posso voltar para a casa do portão para morar com Albert de jeito nenhum. Então, ou me deixa morar aqui em Briargate ou tenho que ir morar com Matt e a família dele. Seja como for, porém, a senhora precisa pedir a sir William para chamar a polícia.

– Não posso fazer isso. – Lady Harvey balançou a cabeça, irritada. – Conheço meu marido, ele não vai acreditar que Albert tem culpa. Nem vai aprovar que você deixe o seu marido.

– Hope é sua filha! – exclamou Nell, enfurecida. – O corpo dela pode estar enterrado na floresta ou mesmo nas terras da sua propriedade, e espera que eu fique calada e continue a viver com o homem que a matou?

Um medo evidente surgiu nos olhos de lady Harvey.

– Uma investigação policial causaria tantos problemas para nós, Nell. Lembre-se do meu filho, por piedade!

Nell ficou desconcertada com o pedido.

– A senhora teme que eu possa trair suas confidências? Como pode pensar tal coisa?

Lady Harvey não respondeu, e Nell tomou isso como confirmação de seus medos.

– Mantive o segredo sobre o nascimento de Hope por dezesseis anos – disse ela em voz baixa. – Nada me faria revelar esse segredo agora, ou qualquer coisa do que a senhora me contou hoje, pois isso nada tem a ver com o que receio ter sido feito com Hope. Preciso saber o que aconteceu com ela, e se Albert a matou eu quero vê-lo enforcado. Meus irmãos pensarão o mesmo, e se a senhora e sir William não me ajudarem, então tenho que ir embora e ficar com minha família.

– Você não pode me deixar! – exclamou lady Harvey. – É Natal, eu preciso de você.

Uma hora mais tarde, Nell ergueu a fronha com seus pertences por cima da passagem na cerca e atravessou o padoque rumo a Lord's Wood. As lágrimas desciam sem controle, pois deixar Briargate lhe doía muito, mas sabia que tinha que fazê-lo.

Quando alcançou o bosque, virou-se para dar uma última olhada na casa e lembrou-se dolorosamente do dia em que fizera aquele mesmo caminho com Hope em seus braços.

Estava bem escuro naquela noite, Briargate era apenas uma silhueta iluminada pela lua. Agora lhe pareceu carrancuda e sombria na fria e cinzenta luz da manhã, e muito semelhante à expressão no rosto de lady Harvey quando afinal percebeu que Nell pretendia mesmo cumprir sua ameaça.

Tentou convencer Nell a mudar de ideia. Entretanto, quanto mais falava, mais seu egoísmo e sua superficialidade se tornavam óbvios. Chorou ao dizer que Angus nunca soubera que sua união resultara em uma criança porque fora chamado pelo Exército antes mesmo de ela saber que estava grávida. Estava apavorada com a possibilidade de qualquer tipo de investigação em Briargate resultar na descoberta de seus encontros e de sua correspondência com ele e depois acrescentou que seu pai tinha deixado para Rufus parte considerável de seu espólio, tirando-a do testamento porque temia que sir William simplesmente dilapidasse seu patrimônio. William já estava muito irritado por causa disso, convencido de que ela planejava tudo, e qualquer problema a mais o levaria de fato à loucura. Chegou a acusar Nell de traição.

Baines abraçou Nell quando ela lhe disse que estava indo embora de Briargate e, quando a soltou, seus olhos estavam úmidos. Nell pediu que se despedisse de Martha e Rose por ela, pois não aguentaria fazê-lo.

Agora teria que enfrentar seus irmãos e contar que suspeitava que Hope tivesse sido assassinada pelo marido dela e, com franqueza, não sabia se aguentaria isso também. Sempre fora a pessoa plácida e sensata da família, a quem todos se dirigiam para obter conselhos e conforto. Mas não era verdade; se fosse mesmo sensata, teria se certificado de que Hope não manteria nenhum contato com Albert depois que ele a agrediu naquela ocasião. Nunca deveria ter pedido a ela que fosse arrumar a casa; era como deixar um coelho de estimação com uma raposa.

## 1848

– É só esperar que ele saia e vá para o cômodo nos fundos, onde está o forno, então você corre e pega uma – explicou Betsy. – Não vai acontecer nada de mais, você já terá desaparecido quando ele voltar e der pela falta.

– Acho que não vou conseguir – reclamou Hope, enquanto olhava para a loja de tortas Slater's Pies do outro lado da Wine Street. – Minha mãe sempre disse que é pecado roubar.

Quando acordou naquela manhã, estava absolutamente determinada a fornecer uma refeição para os três, mas, naquele momento, na rua mais prestigiada de Bristol, a um passo da Slater's Pies, sua coragem tinha desaparecido.

Normalmente, às onze da manhã, a rua estava cheia de cabriolés, carroças e carruagens com centenas de pessoas ocupando as calçadas. Mas o frio rigoroso deixara a cidade silenciosa por mais de duas semanas e, como se esperava que nevasse até o fim do dia, poucas pessoas haviam se aventurado a sair. Betsy afirmou que era a oportunidade ideal para Hope aplicar um daqueles golpes de pegar e correr.

– Pecado é os ricos encherem a barriga enquanto gente como nós morre de fome – afirmou Gussie. – Quanto ao Slater, ele nem vai dar pela falta de uma torta no meio de tantas!

Havia três dias inteiros que não comiam e todos os caminhos habituais de Gussie e Betsy para obter comida ou dinheiro pareciam estar fechados. O frio inclemente tinha atrasado os navios, e as janelas e portas que em geral eram deixadas abertas estavam fechadas. Todos os donos de lojas e barracas de alimentos do cais estavam mais vigilantes.

Diariamente, quando acordavam, encontravam pingentes de gelo pendurados na janela do quarto, e não havia um pedaço de lenha sequer em lugar algum que pudessem queimar na lareira. Sem um tostão no bolso, nem podiam entrar em uma cervejaria para se aquecerem.

Hope sentiu-se obrigada a fazer algo para ajudar. Seus amigos lhe haviam proporcionado comida e um teto durante dois meses e, embora até certo ponto ela tivesse contribuído ajudando-os a catar restos, não lhe parecia certo aceitar parte da comida roubada por eles sem se arriscar.

Tanto Gussie quanto Betsy estavam andrajosos demais para tentar entrar no Slater, que atendia pessoas finas, mas Hope ainda tinha certa aparência refinada e podia passar por uma criada indo buscar a encomenda da patroa.

– Você não precisa fazer isso se não quiser – disse Betsy, parecendo preocupada, além de encolhida de frio. – Podemos pensar em outra coisa.

Se um deles tivesse insistido, ou a menosprezado por ser tão escrupulosa, Hope talvez tivesse recuado. Mas eles haviam se tornado sua nova família e eram as pessoas mais gentis e generosas que já conhecera. Os dentes de Betsy estavam batendo, o xale fino ao redor de seus ombros não a protegia contra o vento gelado vindo do norte, e Gussie tinha pulmões ruins. Na noite da véspera, Hope o ouvira tossir até quase pôr os bofes para fora. Ele não parecia nada bem, o rosto estava cor de cera e seu peito chiava. No entanto, esses dois, que tinham crescido sem nenhuma das vantagens de que Hope desfrutara, dispunham-se a compartilhar tudo que

tinham com ela.

– Tudo bem, eu faço – concordou, relutante. – Vão embora; esperem-me no alto dos degraus da igreja de St. Nicholas.

Por um instante, ambos a encararam em silêncio, suas fisionomias lembrando muito a maneira como Nell costumava olhar para ela quando não estava convencida de que pudesse realmente cuidar sozinha de alguma coisa. Então Betsy deu-lhe um tapa no ombro e sorriu.

– Seja corajosa e rápida. Não corra quando conseguir pegar alguma coisa, só vai chamar atenção. Mas se alguém a perseguir, saia em disparada, entrando e saindo das vielas.

Gussie limitou-se a dar um sorrisinho fraco, mas o jeito nervoso como remexia com o cachecol indicava que não estava de todo satisfeito em ver Hope se juntar às fileiras dos criminosos.

Assim que os amigos saíram da Wine Street na direção da Corn Street, Hope atravessou a rua e se dirigiu à loja de tortas.

O Slater's Pies era inigualável, não só por causa da fachada verde-escura e dourada e os esplêndidos balcões de mogno, mas porque tinha a reputação de fazer as melhores tortas do oeste da Inglaterra. Bastava olhar a vitrine para a boca salivar: tortas recheadas de carne de caça, de frango, carne de boi ou de porco, organizadas em cima de toalhas xadrez verde e branco, a massa acastanhada reluzindo sob as luzes de gás.

Hope sempre parava para olhá-las quando passava. Adorava a limpeza da loja e os cheiros deliciosos, e admirava o robusto Sr. Slater com seu impecável jaleco branco e chapéu alto engomado. O rosto dele brilhava tanto quanto sua pastelaria e suas mãos eram grandes como dois presuntos, porém ele embrulhava suas tortas em papel branco e as colocava nas cestas de suas clientes com a delicadeza de uma mulher.

As tortas que ela e seus amigos normalmente comiam eram pequenas e tinham apenas uma pequena porção de carne nelas, e a massa era insípida e encharcada, tão distantes das de Slater quanto Lamb Lane era de Briargate. As tortas de Slater, de dez a doze centímetros de altura, eram recheadas com carne de alta qualidade e pinceladas com ovos batidos, feitas para famílias grandes de dez ou doze pessoas.

Hope tinha visto a velha cozinheira em Briargate fazer tortas semelhantes para festas e ceias comemorativas da colheita, geralmente servidas frias com molho picante feito com pimenta, frutas e ervas.

Entretanto, o que Hope mais queria naquele momento era uma das tortas quentes de carne de porco. Ficara acordada na noite anterior imaginando comer uma, e até quase sentiu o gosto da massa amanteigada, seus dentes se afundando naquela carne suculenta e saborosa. De manhã, quando contou a seus amigos o que pretendia fazer, Gussie preveniu-a que poucas pessoas que conhecia se atreviam a roubar na Wine Street por ser uma rua muito elegante. O argumento de Hope, contudo, foi que isso lhe dava uma vantagem, pois o Sr. Slater provavelmente não estaria acostumado a ficar de olho em oportunistas. Mas e se estivesse errada?

Parecia um bom presságio que um tocador de realejo estivesse se apresentando diante da loja. O homem tinha um macaquinho, vestido com um casaco vermelho e um pequeno chapéu, que pulava para cima e para baixo seguindo a música. Todo mundo parava para vê-lo, então Hope não pareceu deslocada ao ficar diante da vitrine da loja acompanhando o Sr. Slater com o olhar.

O cheiro maravilhoso das tortas sendo preparadas fez sua boca salivar e as dores no estômago causadas pela fome voltaram com mais força. O Sr. Slater estava empacotando quatro



tortas muito grandes de carne de caça em uma caixa e amarrando-a com barbante. Enquanto Hope observava, ele passou a caixa a um rapazola que evidentemente ia entregá-la a um cliente. Parecia estar zangado com o garoto, pois balançava um dedo para ele, talvez lhe dizendo para não fazer cera pelo caminho.

O rapaz saiu carregando a caixa e desceu correndo a Wine Street, sem sequer se deter para ver o macaco do homem do realejo. O Sr. Slater ficou sozinho na loja olhando um caderno, como se tivesse pedidos de encomendas a atender.

Havia cinco grandes tortas de carne de porco na extremidade do balcão, ainda fumegando do forno. O Sr. Slater chegou à porta e olhou para fora, franzindo a testa; Hope pensou que ele parecia irritado, achando que o tocador de realejo estivesse atrapalhando o seu negócio.

Ele ficou à porta por um minuto ou dois, verificou seu relógio de bolso, depois virou-se, seguiu direto para a porta nos fundos da loja e por ali desapareceu.

O coração de Hope disparou porque sabia que chegara o momento e que teria que aproveitá-lo antes que algum cliente resolvesse entrar. Tirou um pedaço de pano que amarrara ao redor da cintura, respirou fundo e entrou. Colocou o pano com habilidade sobre a torta mais próxima e apanhou-a. No entanto, assim que estava se virando para deixar a loja, ouviu o som de passos voltando e saiu correndo porta afora.

Não foi rápida o bastante, pois assim que atravessou o limiar ouviu o Sr. Slater gritar:

– Pega ladrão!

Suas entranhas se contraíram de medo. Já tinha visto gente correndo atrás de ladrões e geralmente os pegavam. Mas, embora o grito do Sr. Slater soasse alto, o realejo lá fora estava ainda mais alto, e ela atravessou a multidão agarrando a torta junto do corpo. Estava muito quente, e teve que usar o capote para segurá-la. Sentia o cheiro, e estava certa de que todos os que passassem por ela também sentiriam.

– Pega ladrão! – ela o ouviu gritar novamente, mais alto desta vez. – Aquela garota de casaco cinza, segurem!

Hope agarrou a torta quente em seus braços e subiu correndo a Wine Street, sem nem ao menos virar a cabeça para ver se estava sendo seguida. Dobrou na Pithay, uma alameda muito estreita que ia até o rio Frome. Era a área onde ficava a maioria das lojas de roupas e móveis de segunda mão, e os clientes que as frequentavam eram de um tipo não muito inclinado a querer ajudar a apanhar um ladrão.

Atrás dela, contudo, ouviu o som de botas ferradas contra os paralelepípedos. Correu como o vento, o coração batendo tão forte e acelerado com o terror que pensou que ia estourar. Sabia que estava perigosamente perto da Bridewell, onde poderia muito bem haver vários policiais fazendo rondas, mas, lembrando-se do que Betsy dissera, entrou pelas vielas e continuou correndo.

Nos dois meses em que estava com Gussie e Betsy, tinham ido três vezes à galeria pública do Tribunal de Justiça para ver alguém que eles conheciam ser julgado. Um amigo fora condenado a cinco anos de trabalho forçado apenas por roubar algumas velas.

Quase todas as vezes que iam à Grapes, ouviam falar de alguém que fora publicamente açoitado por furto. Até crianças de 8 ou 9 anos podiam ser mandadas para a prisão. Hope não imaginava que fosse se acostumar com a imundície, a miséria e a dureza da vida em Lamb Lane, mas de alguma forma acabara se acostumando. No entanto, muitas pessoas diziam que a prisão fazia Lamb Lane parecer um paraíso, e ela preferiria se afogar no rio a ir para lá e comprovar tal coisa.

Sentia uma pontada na lateral do corpo de tanto correr de uma viela para outra, mas o

homem a perseguia implacavelmente. Não achava que fosse o Sr. Slater, ele provavelmente teria oferecido a alguém uma recompensa para pegá-la, e qualquer um que o fizesse por dinheiro estaria muito determinado.

Mas Hope também estava determinada. A torta era pesada, mas ela não tinha intenção de deixá-la cair, muito menos de ser apanhada. Continuou a correr, esforçando-se para ir mais rápido e tentar se livrar do homem, mas a torta pesada estava diminuindo sua velocidade, a fome a deixava fraca e o homem começava a se aproximar.

Quando desceu a Tower Lane, que ficava perto de onde ela saía da Pithay, olhou para trás e viu que seu perseguidor era um homem alto, atarracado e calvo que parecia um pugilista. Estava a menos de quinze metros de distância dela, e Hope sabia que precisava encontrar uma maneira de despistá-lo.

Quando dobrou a esquina seguinte, olhou freneticamente à volta procurando um lugar onde se esconder e, como um presente dos céus, havia uma porta entreaberta. Ela entrou e fechou a porta atrás de si, depois ficou ali parada tremendo e ouvindo os pés do homem ecoarem pela rua. A respiração saía-lhe arquejante e ela se sentia fraca e trêmula, esperando que, a qualquer momento, o homem adivinhasse o que fizera e batesse à porta.

– É você, Tilda? – a voz fraca de uma velha soou no corredor escuro, sobressaltando-a ainda mais.

Hope não enxergava nada com a porta fechada, mas o cheiro de limpeza do lugar lhe dizia que aquela casa era a de uma pessoa da pequena burguesia, e o nome que a velha chamava provavelmente era o da criada. Porém, uma criada só deixaria a porta aberta se estivesse por perto.

Sentiu náuseas de medo, com o coração batendo como uma máquina a vapor, ela não sabia o que fazer. Até onde sabia, o homem que a perseguia podia estar parado ali na rua e até conseguir a ajuda da criada. Ela estava encurralada.

Quando seus olhos se acostumaram com a escuridão do vestibulo, viu uma escada diante dela e várias outras portas. Uma delas tinha apenas uma fresta aberta, e Hope presumiu que a velha poderia estar naquele quarto. Parecia lógico que a porta diretamente à sua frente pudesse levar a um quintal, então ela se dirigiu para lá na ponta dos pés.

Estava aferrolhada, e o ferrolho rangeu quando ela o girou. Esperou um segundo, certa de que a velha ia chamar novamente. Quando não ouviu nenhum grito ou movimento frenético, abriu a porta e, para sua alegria, ali havia um pequeno quintal com um portão num muro de dois metros e meio de altura. Esgueirou-se para fora, fechando a porta silenciosamente atrás de si, e atravessou o quintal. Mas o portão estava trancado e não havia nenhuma chave à vista.

Por um momento, pensou que o jogo terminara. Não estava apenas encurralada, mas também tinha perdido o rumo e não fazia ideia do que poderia estar além daquele muro. Como a maior parte de Bristol, aquela área era um emaranhado de ruas estreitas e becos, a parte superior das casas projetando-se por cima das ruas, quase tocando as casas vizinhas. Porém, ela nunca estivera dentro dessas casas antes, e não havia nada familiar à vista para indicar exatamente onde ela se encontrava.

Após alguns instantes de indecisão, concluiu que escalar o muro era a única opção viável. Amarrou a torta no pano e prendeu-o nas tiras do capuz do capote. Então, segurando um tijolo saliente, deu impulso e içou o corpo para cima.

Se não estivesse desesperada, um olhar para o que estava lá embaixo poderia tê-la

dissuadido. Era um beco estreito de menos de um metro de largura, não mais do que isso, que parecia funcionar como esgoto, mas naquele momento ela nem se importaria em pular em cima de dejetos humanos.

Quando por fim chegou à escadaria da igreja de St. Nicholas, dava para notar, pela rigidez da postura de Gussie e Betsy, que estavam certos de que ela tinha sido apanhada.

– Procurando alguém? – gritou, imitando a mulher desbocada que morava no quarto abaixo do deles.

Foi uma festa ver os rostos deles se iluminarem, e outra ainda maior agitar o embrulho sob o nariz dos dois para que sentissem o cheiro da torta.

– Achamos que você estava enrascada de vez! – disse Betsy sem fôlego. – Ficamos tão preocupados! Acabei de falar para o Gus que não devíamos ter deixado você ir fazer isso.

Entraram sem dar na vista na igreja de St. Nicholas, e lá, no mesmo banco para onde haviam levado Hope quando a socorreram no seu primeiro dia em Bristol, Gussie cortou a torta com um canivete.

Nada jamais tivera um gosto tão bom, e eles se empanturraram, nem sequer tentando falar. A torta ainda estava quente, o molho escorria pelo queixo e a massa succulenta grudava nos dentes e nas gengivas.

– Vou comer uma dessas todo dia quando ficar rico. – Gussie soltou um suspiro quando finalmente se deu por satisfeito. – Foi a melhor coisa que já comi na vida.

Hope embrulhou o que restou para comerem no dia seguinte.

– Já tem ideia de como vai fazer para ficar rico? – perguntou ela, provocando-o. Sentia-se meio enjoada, tinha comido demais, mas não ia admitir em voz alta.

– Ainda não, mas vou ficar! – Ele riu. – Agora, conte o que aconteceu.

Era uma sensação tão agradável ter sido ela a alimentá-los que, enquanto contava sua história, Hope ria alegremente.

– Foi muita sorte o chão estar congelado naquele beco – disse ela ao terminar. – Não quero nem pensar no que estava debaixo do gelo.

Durante a tarde, seguindo uma sugestão de Hope, os três partiram para o vilarejo de Stapleton para catar um pouco de lenha para a lareira. A torta tinha saciado sua fome, mas tinham consciência de que não poderiam passar outra noite gelada sem um fogo aceso.

Os três estavam muito animados quando saíram carregando sacos para trazer lenha para casa, mas, quando as ruas estreitas de Bristol deram lugar ao campo aberto, de repente Gussie e Betsy ficaram estranhamente nervosos.

– O vento é muito forte e frio – reclamou Betsy, abraçando corpo. – E esse lugar tem um cheiro engraçado!

– É o cheiro de ar limpo – caçoou Hope, consciente de que seus amigos nunca tinham saído da cidade e desconfiando de que estavam intimidados pelos campos áridos de inverno e as árvores esqueléticas. – Ande mais rápido, e logo vai se aquecer.

– Me fizeram trabalhar numa fazenda quando eu tinha 8 anos – Gussie deixou escapar

quando atravessavam um pasto. – Já era ruim trabalhar no asilo em Plymouth, mas na fazenda foi muito pior. Eu tinha tanta fome que costumava comer a lavagem do porco.

– Não vamos ficar aqui – lembrou Hope. – Pense apenas que bom será encher esses sacos e ir para casa e acender o fogo na lareira. Quem sabe encontramos algumas batatas também, e podemos assá-las no fogo.

Betsy continuava resmungando como se estivesse sendo arrastada para a forca e gritava de medo toda vez que uma vaca vinha em sua direção. Gussie ficou calado, e Hope imaginou que ele devia estar recordando lembranças dolorosas da infância.

Tentando animar os amigos, Hope contou-lhes como costumava catar lenha com Joe e Henry. Descreveu a pequena carroça que o pai havia feito para eles, e como os meninos costumavam deixá-la subir nela quando o chão estava duro com as geadas como naquele dia.

– Gostaria muito de saber o que eles estão fazendo agora – refletiu ela, explicando que os irmãos trabalhavam na fundição quando os viu pela última vez, mas que muitas vezes se gabavam de que iam para Londres.

Hope raramente falava sobre sua família; de modo geral, evitava até pensar neles para não ficar triste. No entanto, ainda estava radiante de orgulho por ter conseguido roubar a torta e animada com a recém-descoberta confiança que achou que ficaria abalada com as lembranças.

– Toupeira e Cambito foram pra Londres, mas mal chegaram lá e foram espancados e roubados, levaram os casacos e as botas deles – retrucou Gussie, referindo-se aos dois rapazes que dividiam o quarto em Lamb Lane. – E eles são duros na queda, então acho que seus irmãos não iam ter chance nenhuma lá!

A insinuação de Gussie de que meninos do interior não saberiam se virar em Londres não incomodou Hope, mas desencadeou a lembrança de seu pai entrando cambaleante em casa, encharcado e doente, tentando explicar o horror por que passara em Bristol. De repente, percebeu que o cortiço onde ele pegara a doença que o matara e à sua mãe provavelmente ficava em Lewins Mead.

Ela teve medo. Não tanto da doença, embora soubesse que havia muitas à volta deles, especialmente entre os irlandeses, que chegavam com o olhar vazio e morrendo de fome em todos os navios vindos da Irlanda assolada pela escassez. Mas ela havia sido infectada pelo outro mal que deixaria seu pai escandalizado: o roubo.

Seus pais sempre tinham sido escrupulosamente honestos. O pai não levava sequer um repolho ou algumas batatas enquanto trabalhava numa fazenda. Ela sabia que os pais iriam se revirar no túmulo se soubessem onde ela estava morando e o que tinha feito naquele dia.

Passou as duas primeiras semanas em Lewins Mead tão horrorizada com o lugar quanto seu pai. Costumava chorar até dormir à noite, odiando Albert pelo que fizera com ela. Diante de Gussie e Betsy, porém, precisava parecer corajosa; afinal, se não fosse por eles, não teria um teto sobre a cabeça.

Nell costumava dizer: “A gente se acostuma com qualquer coisa”, e estava certa. As condições em que vivia, usando a mesma roupa todo dia, nunca sabendo de onde viria a próxima refeição, ela se acostumara a tudo isso.

Em pouco tempo, Betsy e Gussie se tornaram sua nova família, e ela abraçou seus pontos de vista e padrões, deixando de lado aqueles com os quais fora educada.

Naquele momento, entretanto, à medida que as imagens de seus pais e de seus irmãos e irmãs lhe vinham à mente em rápida sucessão, sentiu vergonha de perder seus valores antigos. Embora fosse correto e bom demonstrar carinho e lealdade às pessoas que a tinham ajudado quando mais precisava, nunca deveria ter perdido de vista quem *ela* era de fato ou deixado de

ouvir sua consciência.

Lágrimas vieram-lhe aos olhos quando se lembrou de como havia sido amada na infância. Sendo a mais nova da família, fora mais bem alimentada, vestida e educada do que os irmãos. Todos se mostravam orgulhosos por ela ler e escrever tão bem, e Nell sempre dizia que seus pais a tinham deixado continuar tendo aulas com a esperança de que isso lhe proporcionasse oportunidades que eles nunca haviam tido.

No entanto, agora ela se tornara uma ladra vulgar!

Os campos congelados que estavam percorrendo, os bosques à distância, até mesmo o vento frio e penetrante só a faziam se lembrar mais de casa. Sentia cheiro de fumaça de lenha e de esterco de vacas queimando e ouvia corvos gralhando nas árvores nuas. No alto da colina, diante dela, avistava um pináculo de igreja, e isso evocava a imagem do reverendo Gosling e seus sermões ardentes sobre o pecado.

Betsy parou de se queixar do frio quando chegaram ao bosque. Gussie ficou entusiasmado com a abundância de lenha espalhada no chão. Mas Hope estava tão sufocada com sentimentos de vergonha que nem se regozijou por ter sido sua a ideia de vir ali. Começou a encher o saco rapidamente e em silêncio, todo o tempo se recriminando.

Não fora culpa dela ter que deixar Briargate nem ter acabado em Lewins Mead, mas no fundo sabia que não se esforçara muito para sair de lá.

No início de janeiro, quando suas contusões começaram a desaparecer, ela tentara encontrar um trabalho respeitável. Perguntou nas lojas, nas tabernas, até em uma ou duas lavanderias. Mas as recusas a desanimaram, e era muito menos intimidante ir catar sobras com Gussie e Betsy. Era uma diversão fazer as rondas de armazéns, fábricas e oficinas para procurar nas lixeiras coisas que poderiam vender às lojas marítimas.

Gostava de recolher o dinheiro que as pessoas jogavam para Gussie quando ele fazia suas mímicas do lado de fora do teatro. Gostava até de distrair comerciantes enquanto os dois amigos roubavam. Alguns dias antes, Gussie falava sobre a profusão de coisas preciosas que se podia encontrar no meio da lama na maré baixa ao longo do rio Avon. Os catadores que trabalhavam lá eram chamados de “traquinas da lama”, e Hope mal podia esperar pelo clima mais quente para se tornar um deles. Um ano antes, se alguém lhe dissesse que pretendia seriamente ganhar a vida chafurdando na lama imunda, ela ficaria horrorizada.

A verdade desagradável, contudo, era que ela se deixara ficar tão apática quanto os outros moradores de Lewins Mead. Dormia até o final da manhã, percorria as ruas em vez de procurar um trabalho de fato e, pior, começara a contar com uns copos de gim todos os dias para bloquear a sórdida realidade da nova vida.

A ignorância e a apatia eram os verdadeiros males de Lewins Mead. Embora se pudesse alegar que os moradores viviam em condições que tornavam quase impossível manterem-se limpos e saudáveis, poucos deles o tentavam, ou até mesmo achavam que isso fosse desejável. O roubo e a prostituição eram as principais ocupações, e todo o dinheiro recebido ia para a bebida. As crianças eram empurradas para as ruas para roubar ou mendigar quase a partir do momento em que aprendiam a andar, e ninguém via nada de errado nisso.

Mas Hope não podia reivindicar a ignorância como desculpa para o que quer que fosse. Sabia a diferença entre certo e errado, tinha ido para a escola e possuía habilidades que nenhum de seus amigos tinha. É certo que caíra naquele poço sem ter culpa, mas precisava encontrar uma saída. Se não o fizesse, acabaria na prisão, ou vendendo o corpo até ficar tão doente que ninguém mais o desejaria.

A luz do dia estava se esvaindo, e o vento, cada vez mais intenso, quando os três amigos voltaram para casa com sacos pesados de lenha nos ombros. Hope tinha encontrado algumas batatas esquecidas por um fazendeiro no campo que, milagrosamente, a geada não enegrecera.

– Podemos vender um dos sacos de lenha e obter o suficiente para comprar duas doses de gim para cada um – sugeriu Betsy ao chegarem à cidade.

– Vai nevar, então vamos precisar da lenha – retorquiu Hope com aspereza. – O gim não vai nos aquecer.

– Olhem só para ela! – zombou a mulher. – Acha que está no comando agora que aprendeu a roubar?

Hope hesitou antes de responder. Sabia que se verbalizasse todos os pensamentos que tivera durante a tarde, seus amigos interpretariam aquilo como uma condenação de seu modo de vida.

– Eu não aprendi – disse com cuidado. – E sei que não me atrevo a tentar novamente. Vou procurar um trabalho de verdade.

– Não há trabalho para gente como nós – retrucou Betsy. – Você já devia ter percebido.

Hope esperava aquela reação.

– Então eu vou recolher lenha para vender.

– Você nunca vai conseguir recolher o suficiente para vender sem uma carroça – disse Gussie, embora ele a olhasse com simpatia e não com desdém. – Mas nunca achei mesmo que você tivesse jeito para ladra.

Algumas horas depois, de volta ao quarto com o fogo ardendo e as batatas cozinhando numa panela com água fervente, Hope tentou com muito jeito explicar de forma mais completa como se sentia. Como esperado, Betsy opôs-se, mas Gussie ficou do seu lado.

– Eu odiaria ver você virar uma mulher-dama – afirmou ele, usando a expressão dos moradores para prostituta. – Igual à Betsy, ela não faria isso nem que estivesse morrendo de fome.

– Poderia fazer, sim – disse Betsy com malícia. – Se o cara fosse jovem, rico e bonzinho.

Hope riu, pois Betsy gostava de ter a última palavra e, na maioria das vezes, ela discutia apenas por gosto.

– Se um homem assim aparecesse, eu gostaria de me casar com ele, não só me deitar com ele – replicou Hope. – Mas isso não vai acontecer, não com minha aparência!

Gussie olhou para ela, avaliando-a.

– Você é linda, Hope – declarou, evidentemente sem enxergar os cabelos emaranhados e o vestido cinzento surrado e sujo. – Como Betsy, pode ter quem quiser, é só decidir.

– Seu sedutor! – Hope sorriu. – Mas não adianta eu só querer que um homem me leve para uma boa casa com boa comida na mesa. Tenho que me empenhar para conseguir algo melhor.

Novou naquela noite e durante todo o dia seguinte. Toupeira e Cambito e suas mulheres, Josie e Lil, ficaram no quarto, todos amontoados ao redor da lareira. Jogaram cartas, beberam uma garrafa de rum barato que Toupeira trouxera, discutiram e contaram histórias.

Hope estava contente por estar abrigada do frio, mas nada satisfeita por ser forçada a passar tanto tempo com os quatro inquilinos da noite. Toupeira e Cambito eram bandidos rudes e de boca suja incapazes de manter uma conversa, fazendo apenas monólogos sobre canalhice. Ela

percebera havia semanas que Josie e Lil eram meretrizes e que entregavam seus ganhos aos homens. Os quatro eram tudo que a deixava nervosa em Lewins Mead.

Toupeira, um sujeito baixo e gordo, com olhos escuros bem juntos sob as espessas sobranceiras negras, ganhou esse apelido porque tinha sido mineiro. Cambito era alto e magro, com uma cicatriz feia na bochecha direita. Viera de Dublin, e a única coisa atraente nele era seu sotaque irlandês. Josie e Lil faziam Hope pensar em tripas: brancas, flácidas e sem nada que lhes chamasse a atenção. Tinham o olhar baço e o raciocínio lento, os rostos magros e pálidos não demonstrando qualquer emoção. Todos usavam roupas bastante aceitáveis para os padrões de Lamb Lane, mas a sujeira incrustada na pele, o olhar vazio e o fluxo constante de obscenidades e linguajar de baixo calão eram repugnantes.

Às cinco da tarde, Hope achou que aquilo tudo era uma amostra do que significava estar em uma cela de prisão lotada com outras seis pessoas, respirando um ar fétido, perturbada por cheiros nocivos de corpos imundos e obrigada a suportar as fanfarrônicas de homens que eram verdadeiros parasitas. Passara a maior parte do dia olhando pela pequena janela, pelo menos a neve tinha tornado a vista dos telhados bonita e limpa. Mas então ficou escuro, ela foi obrigada a voltar para a pilha de sacos e, à luz de apenas duas velas e do fogo da lareira, os quatro inquilinos não pareciam apenas desagradáveis, mas também ameaçadores.

Percebeu que Gussie e Betsy também não estavam felizes em lhes ter sido imposta a companhia dos outros quatro. Betsy chamava os inquilinos de amigos, mas isso significava que ela e Gussie os conheciam bem, não que gostavam deles. Precisavam do dinheiro pontual da sublocação para pagar os 3 xelins por semana do aluguel do quarto, e até então os inquilinos sempre tinham desaparecido às dez horas da manhã, só voltando tarde da noite.

O cárcere forçado pelo menos teve o efeito de reforçar a convicção de Hope de que deveria encontrar uma maneira de sair de vez de Lewins Mead. No entanto, ao olhar para o rosto de Betsy e de Gussie à luz de velas, sentiu uma pontada de tristeza, pois isso quase certamente significaria deixá-los para trás.

– Em que está pensando? – perguntou Gussie em voz baixa, quase como se pudesse ler seus pensamentos.

– Em procurar trabalho – sussurrou ela de volta, sabendo que, caso um dos inquilinos a ouvisse, teria muito a dizer sobre o assunto e nada que ela gostasse de ouvir.

– Você poderia ir à escola gratuita – sugeriu ele. – Tem um cara lá chamado Sr. Phelps que dá aulas. Ele pode ajudar você. Dizem que é um homem decente.

Hope também tinha ouvido dizer que a filha de um vigário chamada Srta. Carpenter ocupara um antigo salão em St. James's Back para ensinar as crianças abandonadas e desgarradas de Lewins Mead a ler e a escrever. Tinha a reputação de pessoa empenhada em dar às crianças dos cortiços uma oportunidade na vida. Porém, até aquele dia, Hope não se interessara muito em saber mais sobre ela.

– Parece que você andou enfiando o nariz onde não era chamado – disse ela, em tom provocador.

Gussie era um verdadeiro enigma. Externamente, parecia astuto, convencido e teimoso como Toupeira e Cambito, mas por trás dessa fachada havia uma alma muito sensível e gentil. Hope pressentia que algo terrível acontecera com ele na infância, provavelmente na fazenda para a qual fora mandado para trabalhar, pois ele sempre se fechava quando ela lhe fazia perguntas a respeito. Ele tinha em si um traço de ternura que a vida nas ruas não tinha eliminado, e também o seu próprio código moral, que o impedia de roubar daqueles que considerava “os seus”.

– É, estive lá algumas vezes. – Ele suspirou. – Queria aprender um pouco nos livros, mas

não é coisa para mim. As crianças que vão para lá são novinhas. E também não posso ir todo dia.

– Eles dão aulas à noite, não dão? – perguntou Hope. – Você poderia ir.

Gussie deu de ombros.

– Eu pensei sobre isso tudo, mas aí teria que deixar Betsy por conta própria. Ela não está segura sem mim, nem você.

A explicação fez um nó se formar na garganta de Hope, porque ela sabia de que Gussie tinha medo: daqueles que as pessoas chamavam de “Traficantes de Escravas Brancas”, que forçavam as mocinhas a se prostituírem.

Havia inúmeros homens em Lewins Mead, entre eles Toupeira e Cambito, que viviam dos ganhos das mulheres como prostitutas. Muitas dessas mulheres, sem dúvida, eram empurradas ou até mesmo forçadas por seus homens àquela vida. Porém, não era preciso temê-los, pois Betsy conhecia todos e não seria levada a tomar este caminho por nenhum deles.

Os Traficantes de Escravas Brancas eram muito diferentes. Tinham aparência respeitável, eram bem-vestidos e, presumia-se, encantadores, a julgar pelo número de jovens que acabavam desaparecendo depois de serem vistas conversando com estranhos. Havia uma mulher trabalhando na Drawbridge, uma cervejaria no cais frequentada por marinheiros, que tinha sido capturada e levada para um bordel em Londres. Sua história, verificada pela polícia que fez uma incursão no bordel depois que ela foi mandada embora porque estava grávida, era que um homem de boa aparência lhe havia oferecido uma bebida e que ela achava que tinha sido drogada. Quando voltou a si, estava amordaçada e amarrada numa carruagem.

O bordel tinha uma clientela exclusiva que exigia perversões indescritíveis, e não sexo rápido em um beco. As relutantes eram espancadas ou ficavam sem comer; algumas eram drogadas com láudano. Mas, dispostas ou não, as moças não recebiam nenhum dinheiro, e era impossível fugir porque eram proibidas de sair e as portas ficavam trancadas.

As pessoas que dirigiam o bordel foram apanhadas e mandadas para a prisão, mas achava-se que havia outras centenas de lugares como aquele em Londres, e em outras grandes cidades também. De vez em quando, apareciam artigos sobre o assunto nos jornais, com listas de nomes de meninas que haviam desaparecido, mas a opinião geral era que a polícia não investigava a fundo porque os homens que usavam esses bordéis eram ricos e poderosos.

Betsy já tinha sido enganada uma vez. Contou a Hope sobre a provação que passara com o capitão de um navio que lhe oferecera 5 guinéus por sua virgindade. Ela dissera com sua franqueza habitual que ele era “fornido como um jumento e não ficou satisfeito em me tirar o cabaço, ainda me comeu o fiofó”. Ela disse que saiu sangrando da estalagem para onde ele a levou, que mal podia andar e jurou que, mesmo que alguém lhe oferecesse uma centena de guinéus, não passaria por aquela agonia outra vez.

No entanto, Hope achava que Gussie tinha razão em se preocupar com a possibilidade de Betsy ser roubada, porque ela atraía muita atenção. Tinha uma personalidade envolvente e vivaz que animava um bar no momento em que entrava, movia-se de forma sensual e conversava com todo mundo. Se Gussie não estivesse com ela, seria fácil alguém drogá-la e levá-la embora.

– Você poderia pedir a Betsy que não saísse enquanto você estivesse nas aulas – sugeriu Hope.

Gussie riu.

– Sei bem o que ela vai responder.

Hope também. Betsy não gostava de receber ordens e ria dos temores de Gussie.

– Bem, leve-a com você então! – disse Hope. – Tenho certeza de que ela também gostaria de aprender a ler.



Gussie balançou a cabeça com ar pesaroso.  
– Ela não gosta de gente como a Srta. Carpenter.

Hope quase não dormiu naquela noite. Não estava cansada porque tinha ficado dentro de casa o dia todo, e sua mente girava sem parar pensando onde poderia conseguir trabalho. Sem um atestado de conduta e nenhuma roupa limpa, não tinha chance de voltar para o serviço doméstico ou fazer qualquer outro tipo de trabalho respeitável. Recolher lenha era a única alternativa que lhe restava. Entretanto, como Gussie havia salientado, sem uma carroça ela não conseguiria recolher uma boa quantidade para vender.

Ainda estava escuro quando se levantou. O quarto fedia, e Toupeira roncava tão alto que ela não aguentaria ficar ali nem mais um minuto. Sempre dormia vestida porque fazia muito frio à noite e, apanhando as botas, o capote, que usava como cobertor, e um dos sacos em que estava deitada, ela se afastou, tentando não pisar nas pessoas adormecidas.

Lamb Lane era traiçoeira com a neve cobrindo as pedras do calçamento, e silenciosa como um túmulo àquela hora da manhã, mas por sorte parecia fazer menos frio do que no dia anterior. Hope calculou que precisaria vender cinco ou seis cargas de madeira por dia para ganhar a vida daquela maneira. Significava caminhar muito, e um saco cheio de lenha era muito pesado. Mas ela conseguiria se fosse determinada.

Matt desceu a escada sonolento. Eram cinco da manhã, ainda estava escuro e chovia forte. Em dias assim, ele desejava ser qualquer coisa menos um fazendeiro para poder ficar na cama com Amy por pelo menos mais uma hora.

Ouviu a chaleira fervendo antes mesmo de abrir a porta da cozinha. Nell estava sentada em um banquinho junto ao fogão e pelo jeito já estava ali havia algum tempo.

Seu coração se apertou quando a irmã se virou e ele viu seus olhos inchados de tanto chorar. Não conseguia lidar com a tristeza dela logo de manhã.

– Você precisa parar com isso, Nell – disse ele antes que pudesse se conter. – Não há necessidade de você estar de pé tão cedo.

– Sempre me levantei cedo – retrucou ela, chorosa. – Amy fica ocupada com as crianças o dia todo. O mínimo que posso fazer é acender o fogão para ela.

Matt suspirou e sentou-se à mesa. Quando Amy se queixava dizendo que Nell estava usurpando seu lugar, ele sempre argumentava que cumprir tarefas era a maneira de Nell se mostrar agradecida por eles a terem acolhido. Amy respondia que estava farta de tanto agradecimento, que queria era sua cozinha de volta.

– Não estou me referindo a você acender o fogão ou preparar meu desjejum – replicou ele com voz cansada. – Você precisa parar de sofrer por causa de Hope.

– Como posso fazer isso quando sei que ela foi assassinada e o culpado está tão livre quanto um pássaro? – retorquiu Nell, ríspida. – E parece que sou a única pessoa que se importa.

– Não seja tola, você sabe que isso não é verdade. – Matt passou os dedos distraidamente pelos cabelos desgrehados. – Nós todos aceitamos que ela fugiu com um namorado e você também tem que aceitar.

– Nunca vou aceitar isso – disparou Nell, indignada. – Isso é o que Albert quer que acreditemos. Você concordou comigo que a carta dela parecia esquisita.

Matt deu um gemido; era cedo demais para aquela conversa. Já dera sua opinião sobre essa carta dezenas de vezes, porém, mais uma vez, ele repetiu que Hope estava com pressa. E que, por mais que ela se explicasse, Nell não ia sofrer menos.

– Mas ela teria escrito novamente mais tarde para não nos deixar preocupados. – Os olhos de Nell se encheram de lágrimas outra vez. – Você sabe que ela faria isso, Matt.

Como sempre, quando Matt viu o sofrimento nos olhos da irmã, arrependeu-se de sua impaciência e irritação. Levantou-se da mesa e abraçou-a, acariciando suas costas para consolá-la.

– Talvez ela esteja envergonhada. Eu sei que, se fosse eu a sair do rumo e causar todo essa confusão, ia querer mesmo ficar longe.

Matt gostaria que seus sentimentos fossem tão claros quanto essa explicação. Ele oscilava da preocupação extrema por Hope para quase ódio pelo que ela fizera com Nell e o constrangimento

que causara à família.

Era compreensível que as pessoas ficassem chocadas com o fato de Hope ter fugido com um soldado; afinal, os Rentons sempre tinham sido pessoas estáveis, sérias e respeitadas que nunca provocavam escândalos. Mas não teria passado de um fogo de palha se Nell não tivesse reagido de modo tão dramático. Abandonar o marido e Briargate gerou todo o tipo de desconfianças, e a maneira como Nell se comportou desde então só acrescentou mais lenha à fogueira. Muitas pessoas achavam que ela tinha ficado louca, outras que Albert ou mesmo sir William provavelmente atacara Hope. Não se passava um dia sem que Matt ou Amy fossem pressionados por alguém determinado a decifrar o que era considerado um mistério sinistro.

Quando Nell, tão angustiada, correria para sua casa na véspera de Natal, Matt levou a sério as acusações de assassinato. Exaltado, fora imediatamente a Briargate e teria matado Albert se ele estivesse por lá. Mas sir William o levou ao seu estúdio e o acalmou. Afirmou que Albert tinha passado a tarde em que Hope desapareceu cortando madeira no galpão; disse que ele próprio o tinha visto quando voltou de uma cavalgada com Merlin. Também lembrou a Matt que Albert tinha ido direto a Baines quando encontrou a carta de Hope na casa do portão, e que foi Baines quem o dissuadiu a informar Nell por carta porque isso a deixaria extremamente abalada.

Sir William não poderia ter sido mais compreensivo. Até concordou em chamar a polícia para convencer Nell de que nenhum crime havia sido cometido, na esperança de persuadi-la a retornar para Briargate e para Albert.

No dia seguinte ao Natal, Matt ajudou a polícia a vasculhar os terrenos de Briargate, os bosques circundantes e até a casa do portão, mas não acharam nada suspeito. Ainda assim, Nell continuou a insistir na acusação e chorar, recusando-se a falar com Albert quando ele foi à fazenda tentar convencê-la a voltar para casa com ele.

Matt tentou conversar com ela, explicando que uma mulher que abandonava o marido tornava-se uma pária e lembrando-a dos votos que fizera no dia do casamento. Mas não adiantou, ela retrucou que não se importava com o que as pessoas pensavam dela, que sabia o que Albert tinha feito.

Matt conversara com Albert duas semanas após a busca policial, e ele tinha sido bastante sensato. Admitiu que poderia ter sido mais amável com Nell quando ela chegou em casa sem encontrar a irmã, mas explicou que ela o acordou para culpá-lo e mal lhe deu chance para se defender. Disse sem rodeios que fazia tempo que seu casamento não era feliz e que achava que era porque não tiveram filhos. Acrescentou que estava disposto a tentar novamente, mas que Nell devia odiá-lo para acreditar que ele tivesse matado Hope.

Matt nunca gostara de Albert, achava-o frio, crítico e arrogante, mas o homem fora sincero o bastante para admitir que tinha sido duro com Hope no passado, e que talvez devesse ter sido mais compreensivo com Nell. Considerando o estado da irmã nas últimas semanas, Matt até sentiu um pouco de simpatia pelo homem, pois devia ser exasperante ser acusado de assassino pela própria esposa.

Algumas semanas depois, lady Harvey escrevera para Nell. A irmã não lhe mostrara o que estava escrito na carta, mas Matt viu o vibrante atestado de conduta que veio junto. No entanto, Nell nem mesmo se mostrou grata por essa gentileza. Afirmou, de forma bastante misteriosa, que sabia muitos segredos de lady Harvey e que a mulher só havia enviado o atestado porque estava com medo que Nell começasse a revelá-los.

Matt achou que era muito generoso da parte de lady Harvey ignorar que Nell abandonara intempestivamente o emprego na véspera de Natal e que levara a polícia até Briargate, provocando mexericos por todo o condado. Se ela esperava que o atestado de conduta fizesse

Nell arranjar um emprego bem longe de Briargate, Matt entenderia perfeitamente, pois sua paciência com Nell também estava quase no fim. Ela enchera a fazenda com seu sofrimento; perturbava Amy e muitas vezes assustava as crianças.

Ele amaldiçoava Hope por tudo isso e, apesar da raiva, também não conseguia parar de se preocupar com ela. Era tão jovem e inexperiente, e um homem capaz de convencê-la a dar as costas para a família seria capaz de convencê-la de qualquer coisa. Todos sabiam que as grandes cidades eram antros de iniquidade, e uma mocinha bonita como ela logo estaria perdida.

Observou Nell enchendo o bule com água quente. Ela se tornara magra e abatida, as bochechas antes rosadas e cheias estavam cavadas e pálidas, e o vestido azul-escuro que usava pendia folgado em seu corpo. Tinha 32 anos, mas de repente se transformara em uma velha: a voz se tornara estridente e chorosa, ela passara a falar sozinha, o cabelo escuro perdera o brilho e ela passara a usá-lo tão puxado para trás que seu rosto parecia quase esquelético. Nada a distraía de sua angústia, nem os filhos dele, nem os sinais de chegada da primavera, nem mesmo uma carta de James ou Ruth. Ela não se preocupava com Joe e Henry, que tinham ido tentar a sorte em Londres. Também não parecia interessada no bebê de Ruth. Estava obcecada demais com Hope para se preocupar com outra pessoa.

O que ele podia fazer?

Amy queria que ela fosse embora. Alegava que já aguentara demais. No entanto, como mostrar a porta à própria irmã sabendo que ela não tinha para onde ir?

Nell colocou o bule de chá na mesa e apanhou as canecas no armário da cozinha.

– Vou levar os ovos para Keynsham hoje e aproveitar que vou estar por lá para procurar trabalho – disse ela, de repente.

Matt assentiu; não confiava em si mesmo para falar o que quer que fosse. Duvidava que ela encontraria trabalho, mas isso o poupava da viagem para vender os ovos e, enquanto Nell estivesse longe, Amy poderia respirar um pouco.

– Se não conseguir nada lá, vou para Bath amanhã visitar Ruth.

– Ela vai ficar feliz em vê-la – Matt conseguiu dizer.

Matt fora a Bath logo depois do desaparecimento de Hope para contar o acontecido a Ruth e John. Embora Ruth se mostrasse surpresa e preocupada, comentou que qualquer moça desejaria ter uma vida mais animada do que a que levava em Briargate. No ano-novo, quando Matt voltou para falar sobre a reação de Nell e sua convicção de que Albert havia matado Hope, Ruth ficou irritada com o que via como melodrama. “O que ele ganharia matando-a?”, perguntara, balançando a cabeça. “Nell vai acabar no hospício se continuar desse jeito.”

James, Toby e Alice também reagiram mais ou menos da mesma forma. Ainda que nenhum deles aprovasse a atitude de Hope e estarem muito preocupados com sua segurança, todos achavam que ela estava procurando ter uma vida mais animada e que Nell tinha que aceitar isso.

Matt estava convencido de que Ruth não teria muita paciência com a irmã mais velha, sobretudo agora que tinha um bebê para cuidar. Só esperava que ela não fosse muito severa com Nell e a deixasse ainda mais perturbada.

Quando a irmã saiu da fazenda por volta das seis e meia da manhã com o cesto de ovos no braço, tinha parado de chover e os primeiros raios da luz do dia surgiam aos poucos no céu. Tomou a

trilha que atravessava os campos para Compton Dando e saiu perto da casa de sua infância.

Gerald Box, o irmão do guarda-caça, se mudara para lá com a esposa e três filhos. Nell manteve os olhos obstinadamente afastados da casa, pois não queria ter lembranças dos pais ou de Hope naquele dia.

Estava bem consciente de que Matt e Amy estavam perdendo a paciência com ela. Também sabia que estava um tanto descontrolada e que todos tinham ficado horrorizados por ela ter deixado Albert. Às vezes, era muito tentador dizer-lhes que o seu casamento havia sido uma farsa, o que, no mínimo, faria de Albert um alvo de risadas. Ela gostaria igualmente de envergonhar lady Harvey contando a história do nascimento de Hope. Talvez, então, as pessoas vissem como ela havia sido leal à patroa durante tantos anos e, além disso, ficassem impressionadas que uma mãe encarasse o desaparecimento da filha de modo tão indiferente.

Entretanto, contar essas coisas agora, quando as pessoas já estavam convencidas de que ela tinha enlouquecido, só reforçaria essa crença. Ninguém acreditaria nela e poderiam colocá-la em um hospício para silenciá-la.

Relutantemente, concluíra que a única solução para tudo era encontrar trabalho bem longe dali. Era atormentada por lembranças de Hope em todos os lugares, criava atritos na casa de Matt mesmo quando tentava ser útil. Lady Harvey disfarçou com elegância seus verdadeiros sentimentos sobre sua ex-criada na carta. Esforçou-se muito para evitar dizer algo sobre Hope, até mesmo simpatizou com as dificuldades de Nell a respeito de Albert e salientou que usara o nome de solteira de Nell no atestado de conduta para ajudá-la a obter outro emprego. Mas Nell sentiu a camada de gelo sob as frases melosas a respeito de como seria difícil substituir sua lealdade e natureza carinhosa. Claramente, os reais sentimentos de lady Harvey eram querer que Nell fosse para o mais longe possível, e fechar a porta com firmeza para a criada que outrora ela declarava ser sua única amiga.

Quando Nell chegou ao vilarejo de Chewton, o sol já brilhava no céu e, embora o vento estivesse frio, ela notou pela primeira vez que havia brotos verdes nas sebes e algumas primulas precoces espiando por baixo deles. Na noite anterior, Matt dissera que as ovelhas começariam a parir dentro de uma semana, e ela se lembrou de como ficava animada quando criança ao ver o primeiro cordeiro recém-nascido da temporada.

Patos grasnando no rio junto ao moinho fizeram-na parar e pousar o cesto no chão para olhar da ponte. Nunca vira tantos em um só lugar, pelo menos vinte ou mais, todos perseguindo uns aos outros na água. Os salgueiros ganhavam folhas, e havia muitos narcisos balançando ao vento na margem. Com um nó na garganta diante de tamanha beleza, Nell percebeu que era a primeira vez desde o Natal que tinha consciência de algo além de sua própria infelicidade.

Ao ouvir cascos de cavalo vindo em sua direção, ela parou junto à grade da ponte e virou a cabeça para ver quem era.

Para seu espanto, não era outro senão o capitão Pettigrew em seu cavalo malhado e, por estar no meio da ponte, ela não tinha onde se esconder.

– Ora, Nell! – exclamou ele, surpreso, freando o cavalo e olhando para ela. – Como vai? Disseram-me que você foi embora de Briargate e presumi que teria deixado o vilarejo a essa altura.

Apesar dos sentimentos iniciais de Nell sobre esse homem, ele a conquistara quando a cozinheira ficou doente. Ao mesmo tempo que sua veia puritana lhe dizia que deveria desconfiar de um homem que se interpusera entre marido e mulher, à essa altura, que sabia muito mais

sobre a relação entre ele e a sua senhora, seu instinto lhe dizia que ele realmente a amara e provavelmente ainda amava. Além do mais, era difícil não olhar para aquele rosto forte e bonito, sabendo que ele era o pai de Hope, e não se dispôs a confiar nele.

– Eu deveria ter ido – disse ela, corando, porque ele a estava olhando com intensidade. – Tenho só lembranças tristes aqui, agora que minha irmã se foi.

– Fui informado sobre isso também – comentou ele, desmontando e aproximando-se dela, ainda segurando o cavalo pelas rédeas. – Uma situação bastante esquisita! Soube que você não acredita que ela fugiu com um soldado?

– Não, senhor, não acredito. – Nell o encarou. – Para começar, ninguém viu nenhum soldado por aqui e, antes de eu viajar com lady Harvey, quando o pai dela ficou doente, Hope me contou com muita tristeza que não havia a menor chance de ela arrumar um namorado porque nunca tivera a oportunidade de conhecer alguém.

– Ela pode ter conhecido alguém nos meses em que você estava fora – disse o capitão com um sorriso irônico.

– Ela só tinha meio dia de folga por semana, que passava sempre com nosso irmão na fazenda.

– Perdoe-me por ser tão direto, Nell, mas soube que você achou que seu marido, o jardineiro, a matou. É isso mesmo, ou essa história não passa de falatório ridículo?

– Achei e ainda acho – disse Nell em tom de desafio. – Agora estou sendo menosprezada porque o abandonei, mas como poderia viver com um homem tão mau?

– Palavras fortes, Nell. – Ele balançou a cabeça, pensativo. – Mas acho que você é muito corajosa em lutar por aquilo que acredita. Lady Harvey deve estar sentindo um bocado a sua falta; sei quanto ela gostava de você.

– Lady Harvey não se importa com ninguém a não ser com ela própria – disse Nell antes de conseguir se conter.

O capitão ergueu uma sobrancelha escura.

– Além do senhor – acrescentou Nell, e corou fortemente porque não deveria ter dito isso também.

– Ah, Nell... – O capitão suspirou. – Sei que lady Harvey não guardou segredos de você e, portanto, sinto que posso falar com franqueza. Ambos somos vítimas de uma sociedade muito rígida; lady Harvey e eu não poderíamos ter um futuro juntos sem desonra. Ela provavelmente contou que um ano atrás lhe pedi para enfrentarmos essa desonra e ela ir viver comigo?

Nell ficou surpresa e chocada ao ouvir aquilo.

– Não, ela não me contou, senhor. Só me disse que lhe escreveu enquanto estávamos em Sussex dizendo que tudo terminara.

– Isso é bem característico de Anne. – Ele deu uma risada sem humor. – Ela é ótima em contar apenas metade da história! Mas talvez por isso tenha sido tão dura com você, que teve a coragem de deixar Albert!

– A situação de lady Harvey e a minha são muito diferentes – ponderou Nell. Mesmo depois de tudo o que se passara, não conseguia sentir rancor por sua antiga patroa. – Albert não me deixou alternativa senão abandoná-lo.

O capitão colocou um dedo sob o queixo dela e levantou seu rosto.

– Você me parece muito magra e extremamente abalada, Nell. Disseram-me que lady Harvey também está assim. Creio que vocês duas se afastaram por muito mais motivos do que apenas por causa de Albert?

Nell sentiu um aperto no peito.

– Se ela também está magra e abalada, deve ser porque está achando difícil lidar com todas as coisas que eu costumava fazer para ela.

Ele abriu um meio sorriso.

– Outro homem poderia acreditar que fosse esse o motivo, não eu. No entanto, admiro sua lealdade – disse ele. – Então, onde vai com esses ovos?

– Vou vendê-los para um comerciante em Keynsham, depois vou procurar trabalho.

– Suponho que não haja muita procura para uma criada pessoal por lá.

Nell deu de ombros.

– Vou aceitar qualquer coisa, sei cozinhar e limpar. Não estou em condições de escolher. Posso até ir trabalhar em uma cervejaria se me derem casa e comida.

Ele fixou os olhos nela com atenção por tanto tempo que Nell ficou nervosa.

– Você consideraria ser minha governanta? – perguntou ele, por fim.

Os olhos de Nell se arregalaram de surpresa.

– Mas o senhor não tem casa! – exclamou ela.

– Tenho – afirmou ele. – Adquiri uma faz um ano ou dois. Nada muito grande, sabe, apenas um lugar onde passar minhas licenças e para onde me recolher quando ficar velho demais para ser soldado. Estava pensando em contratar alguém por um tempo limitado, mas há muito que precisa ser feito lá antes que eu possa pedir a um estranho para lidar com o desconforto. No entanto, talvez seja conveniente para você neste momento, e certamente seria conveniente para mim.

O primeiro pensamento de Nell foi que ele a via como um caminho de volta para lady Harvey. Porém, qualquer que fosse o motivo, era uma proposta que ela não estava em condições de recusar.

– Bem, obrigada, senhor – disse ela. – Estou muito grata por sua bondade.

Depois de lhe dar informações sobre como chegar ao vilarejo de Saltford na estrada de Bath e sugerir que ela fosse até lá depois de vender os ovos, o capitão partiu. Nell pegou sua cesta e seguiu caminho com o coração muito mais leve. Não se importava realmente com o estado da casa, ou com o fato de que ela seria a única criada. Ele era um cavalheiro que se preocupava com sua situação e queria ajudá-la, e a sensação era a de que lhe fora oferecida uma lamparina em uma noite escura.

Nell ficou do lado de fora de Willow End, a casa do capitão, por algum tempo antes de abrir o portão e caminhar até a porta da frente, um pouco intrigada quanto ao motivo pelo qual ele a havia escolhido para morar. Imaginava que um militar como ele teria procurado uma residência em Bristol ou Bath, não a meio caminho entre as duas cidades. Embora fosse maior do que um chalé, com uma estrebaria e outras dependências, era o tipo de casa onde um comerciante ou um professor moraria.

Era uma das poucas casas esparsas ao longo da estrada para Bath, fora do vilarejo de Saltford, cerca de oitocentos metros antes do cruzamento das estradas que levavam a Corston e Lewton St. Loe. Um local bastante agradável, com vista para os campos que desciam até o rio Avon e para a estrada de ferro Great Western para Londres que os atravessava.

O capitão Pettigrew tinha razão em dizer que havia muito a ser feito. O telhado e as janelas estavam empenados e o jardim não fora cuidado por anos a fio. Ela imaginou que o interior não estaria em melhor estado. Mas seria um bom lugar para ela trabalhar, bem longe de Albert e próxima o suficiente de Matt e Ruth para se sentir segura. Agradou-lhe a quantidade de trabalho

árduo que teria; não queria ter muito tempo para pensar.

– Então, o que acha, Nell? – perguntou o capitão quando voltaram para o salão depois que ele a levou para conhecer a casa. – Acha que poderia vir morar aqui e cuidar de mim?

Nell sorriu; difícil não fazê-lo, pois ele lhe mostrara a casa com o entusiasmo de um menino, descrevendo vividamente o que pretendia fazer em cada um dos quartos. Para um solteiro, ele possuía muitos objetos: centenas de livros, muitos ainda embalados em caixas, alguns móveis finos, relógios, tapetes e porcelana fina. A maior parte, contudo, ainda estava empilhada nos quartos do andar de baixo, pois o telhado tinha goteiras.

A sala de estar era o único aposento com uma aparência de ordem. Estava fria com a lareira apagada, mas tinha poltronas, um tapete e uma mesa e cadeiras dispostas, até algumas fotos nas paredes. O quarto de dormir oferecia menos conforto do que uma cela de prisão, sem tapetes no chão e com apenas uma cama, cortinas e suas roupas penduradas em ganchos atrás da porta.

– Eu ficaria feliz em vir morar aqui e cuidar do senhor – disse Nell com sinceridade. – Mas o senhor precisa consertar o telhado depressa antes que a água da chuva se infiltre neste piso também.

– Já cuidei disso – afirmou ele com um sorriso largo. – As obras começam amanhã. Mas você vai conseguir cozinhar naquela cozinha péssima?

Nell riu, e ocorreu-lhe que era a primeira vez que ria em meses. Para ela, não era uma cozinha péssima; estava imunda, mas era de bom tamanho e havia um bocado de claridade. Depois de uma boa limpeza, ficaria ótima.

– Aprendi a cozinhar em uma lareira – lembrou ela. – O fogão vai funcionar bem depois que eu limpar a chaminé, e tem uma boa área de despensa.

– Eu trouxe alguns amigos aqui para ver a propriedade e eles ficaram assustados – admitiu ele com ar pesaroso. – Veja bem, eu procurei enxergar o potencial. Tem um bom terreno, além de estrebarias e dependências, e tive simpatia pelo lugar. Mas meus amigos disseram que eu perdi o juízo, o que me fez pensar que talvez estivessem certos.

– Então vamos mostrar a eles que estavam errados, senhor!

O capitão serviu xerez em dois copos e ofereceu um a ela.

– Ao futuro, Nell – disse ele, levantando o copo, os olhos escuros cintilando. – E a você, por aparecer na hora certa para mim.

Nell sorveu a xerez cautelosamente, pois tinha uma longa caminhada de volta para a casa de Matt e não tinha comido nada além de uma fatia de pão.

– Posso começar amanhã cedo. Quer dizer, se o senhor quiser?

– Quanto antes, melhor! Mas vou buscá-la no cabriolé, e no caminho poderemos comprar mantimentos e outras coisas que você possa precisar. Não quero que saia da fazenda do seu irmão na surdina como um ladrão na calada da noite.

– O senhor é muito bondoso – elogiou ela, baixando os olhos, constrangida.

– Posso imaginar o que passou nas últimas semanas. As pessoas podem ser muito cruéis, mesmo aqueles que afirmam nos amar. Mas, diga-me, Nell, e agora quero a verdade: Hope era sua filha?

– Não, senhor – respondeu Nell, levantando o queixo com ar de desafio. Entendia por que ele fizera essa suposição: muitas criadas que tinham um filho fora do casamento poderiam, com uma mãe disposta, fazer a criança se passar por um irmão. – Às vezes era como se fosse, eu tinha 16 anos quando ela nasceu, e nossos pais morreram tão repentinamente. Mas ela não é minha.



Foi muito tentador contar-lhe quem eram os pais verdadeiros de Hope, mas uma vizinha dentro de sua cabeça lhe dizia que era muito cedo para revelar esse segredo.

Ele a olhou longa e intensamente, e ela sustentou seu olhar sem fraquejar.

– Se serve de consolo, não creio que Albert a tenha matado – disse o capitão. – Mas desconfio de que ele encontrou algum meio de mandá-la para longe.

– Então o que impediria que ela escrevesse para mim, ou para um irmão ou irmã, nos contando? – perguntou Nell, a voz trêmula porque pressentia que ele sabia de alguma coisa.

– Talvez ele tenha ameaçado machucar você – respondeu ele, pousando a mão no ombro dela – ou machucar lady Harvey, ou até mesmo Rufus. Eu chefo homens, Nell; estou acostumado a avaliar seu caráter. Sempre vi alguma coisa em Albert que me preocupava. Quem sabe, quando nos conhecermos melhor, você vai se sentir à vontade para me contar mais a respeito de sua vida com ele.

As lágrimas brotaram nos olhos de Nell, pois nenhuma outra pessoa, nem mesmo Matt, que jamais gostara de Albert, manifestara tal compreensão.

– Talvez – disse ela, baixinho. – Mas é difícil contar a um homem assuntos pessoais.

– Eu sei – concordou ele, tocando o rosto dela com a palma da mão. – É um triste estado de coisas homens e mulheres acharem que o sexo oposto é tão diferente. Somos doutrinados desde que nascemos para acreditar nisso, somos encorajados a esconder nossos verdadeiros sentimentos uns dos outros, e muitas vezes empurrados para casamentos sem amor. Não é de admirar que não saibamos nos comunicar livremente.

– O senhor é um homem muito bom – desabafou ela. – Será um prazer cuidar da sua residência.

– Espero que possamos nos tornar amigos também. Nós temos mais em comum do que você imagina, Nell, ambos no limbo, vítimas das circunstâncias. Mas vejo nosso encontro de hoje como sendo auspicioso, e espero que você compartilhe essa opinião.

Quando Nell atravessou os campos para casa sentiu vontade de cantar. Não só porque conseguira arranjar trabalho e uma nova casa, mas sobretudo porque sentia que a sua dor tinha sido reconhecida. Ainda não sabia se isso seria suficiente para ela se recompor. No entanto, sentia-se otimista, pois se o capitão acreditava que Hope estava viva, talvez ela pudesse começar a acreditar também.

– Estou feliz por você – disse Matt quando se inclinou para beijar a irmã mais velha ao se despedir na manhã seguinte. – Não é o que eu escolheria para você, veja bem! Ele sendo solteiro e tudo o mais.

Nell conseguiu dar um sorriso irônico. Sabia que a primeira coisa que viria à cabeça de Matt seria ela não estar segura sozinha com qualquer homem. Porém, ele não sabia que, durante os seis anos em que ela dormira na mesma cama com Albert, ele nunca encostara um dedo nela. Um cavalheiro seria ainda menos provável que o fizesse.

– Metade das pessoas aqui pensa que fiquei maluca, a outra metade pensa que já estou a meio caminho do inferno. – Ela riu. – Outro escândalo não vai me incomodar. Mas o capitão ficará fora de casa um bom tempo. Você pode vir me visitar para confirmar isso quando quiser. Gosto dele, é um bom homem. Não precisa se preocupar comigo.

– Correm boatos sobre ele – disse Matt, brusco. – Ele leva jeito com as mulheres.

– Você também leva jeito com as mulheres – retrucou Nell em tom indignado. – Vi aquelas moças Nichols lançando olhares para você na igreja. Alguns homens simplesmente nascem

assim; o que não significa que não possam ser confiáveis. Agora, preciso ir, não podemos deixar o capitão mais tempo esperando.

Quando Nell instalou-se ao lado do capitão no cabriolé, Amy saiu da leiteria. Estava toda sorridente, gritando a altos brados quanto sentiria falta dela. Mas Nell não se deixou enganar, como na noite anterior, quando Amy tomara seu partido contra Matt, que desaprovava sua decisão de trabalhar para o capitão. Ela queria apenas Nell fora da sua casa; não se importaria se a cunhada fosse trabalhar em um bordel.

Era quase meia-noite quando Nell finalmente se despiu e foi para a cama. O único quarto no andar de cima que estava seco era o do capitão, e, sendo assim, até o telhado estar consertado, ela teria uma cama baixa de rodinhas no quatinho adjacente à cozinha. Porém, os homens tinham começado a trabalhar no telhado naquela manhã e, quando terminassem, iam consertar as infiltrações no teto, e aí ela teria o próprio quarto.

Nell estava exausta. Limpara cada centímetro da cozinha e da despensa, as paredes e o chão, forrara com papel as prateleiras e os armários e desempacotara pelo menos uma dúzia de caixas de porcelanas, vidros, panelas e frigideiras. Estava um pouco espantada com o fato de um militar solteiro ter todas essas coisas domésticas, mas não quis fazer perguntas sobre o assunto.

Apesar de estar cansada e dolorida, sentia-se mais ela mesma, até seu apetite voltara, e comera um pouco do guisado de carneiro que tinha preparado para o capitão. Ele declarou que aquela era a melhor refeição que comera em semanas, e riu quando ela sugeriu limpar parte do jardim para cultivar legumes. Achou que ele não acreditava muito que ela entendesse daquilo também.

Sentia-se satisfeita, concluiu quando começou a mergulhar no sono. Havia longos períodos de tédio absoluto na sua vida de criada pessoal de uma senhora, e transformar uma choupana em um lar era muito mais gratificante.

No dia seguinte, pretendia enfrentar a sala de jantar. O capitão possuía uma mesa e cadeiras muito bonitas, e ela vira boas cortinas de veludo em uma caixa. O capitão disse que se ausentaria por dois dias; quando voltasse, a sala estaria pronta para receber convidados para jantar.

Mas seu último pensamento da noite foi para Hope. Nell visualizou-a correndo através do prado de Lord's Wood como sempre a via fazer na sua tarde de folga. A touca deslizava para o pescoço e seus brilhantes cabelos escuros se soltavam dos grampos. Nell dava um pequeno muxoxo de desaprovação enquanto espiava de uma janela no andar de cima e dizia a si mesma que precisava lembrar à sua irmãzinha que só as moças estouvadas corriam, não as mocinhas finas. No entanto, sempre lhe dava prazer em ver o deleite da menina em sua liberdade; era graciosa como uma corça e tão bonita quanto a natureza que a rodeava.

– Se você estiver viva, minha doçura, escreva para mim – murmurou.

1849

Hope avistou Betsy vindo em sua direção pelo cais apinhado de gente, mas, mesmo a uns trezentos metros de distância, era evidente que havia algo muito errado com ela. Estava tremendo, vinha curvada como se sentisse dor, sem parar nem uma vez aqui e ali, como costumava fazer, para flertar um pouco com os marinheiros e os estivadores.

Era um fim de tarde de verão, e tão quente que poderia fritar um ovo no chão do cais. Durante o inverno terrivelmente gelado, Hope ansiara pelo calor do verão, mas, nas últimas semanas, à medida que a temperatura subia, e sem chuva para lavar os efluentes humanos e animais, os cheiros tinham-se tornado tão nocivos que ficava difícil respirar.

De dia, Hope podia fugir colina acima para Clifton, onde o ar era limpo e perfumado e sempre havia uma brisa. As pessoas de lá tinham escoadouros que levavam embora seus dejetos, tinham água encanada na cozinha e muitos dos seus jardins eram bonitos. Nos últimos tempos, ela costumava ficar muito tentada a dormir em Downs em vez de enfrentar outra noite sufocante em Lamb Lane. Mas Betsy e Gussie teriam encarado isso como uma espécie de deserção.

Foi quando vendia gravetos durante seu primeiro inverno em Bristol que Hope conseguiu algum trabalho em Clifton. A governanta do número 5 no Royal York Crescent pagou-a para lavar os degraus da frente e polir as peças de bronze. Só no inverno seguinte a mulher acabou confiando nela para deixá-la entrar de vez em quando para esfregar o chão e ajudar com a roupa para lavar, e afinal, dezoito meses depois, Hope passou a trabalhar lá duas vezes por semana regularmente, pelo que recebia 3 xelins.

Hope tinha que controlar a língua, sendo sempre vigiada de perto, pois temiam que fosse roubar alguma coisa. Os outros criados a olhavam com ar de superioridade e, se lhe davam algo para comer enquanto estava lá, eram apenas sobras. No entanto, ela se manteve firme, porque precisava dos 3 xelins para comprar flores no mercado e compor pequenos buquês, que vendia nas ruas durante o resto da semana.

As dificuldades terríveis que enfrentou durante seu primeiro inverno em Bristol eram agora apenas uma lembrança distante. Nada poderia ser tão ruim assim outra vez. Como conseguia sair ao amanhecer a cada manhã gelada, caminhar quilômetros com os pés cheios de bolhas e o estômago vazio, os dedos rachados com frieiras, ela não sabia. Houve dias em que cada osso de seu corpo suplicava em desespero por descanso; a humilhação quando as pessoas lhe batiam a porta na cara, a tortura da fome e do frio, tudo por apenas algumas moedas por dia, a faziam desejar a morte.

Depois disso, fazer limpeza e lavar roupa duas vezes por semana parecia o paraíso, mesmo que os outros criados a tratassem como lixo porque seu vestido estava andrajoso, e suas botas, furadas.

Naquele mesmo dia, entretanto, no número 5, a Sra. Toms, a governanta, propusera-lhe um emprego de criada para todo o serviço, residente, pelo que lhe pagaria 5 xelins por semana, com um uniforme e botas novas.

Hope sabia que deveria estar radiante de alegria; afinal, era o tipo de trabalho respeitável que por tanto tempo ansiara ter. Seria uma felicidade dormir entre lençóis limpos, nunca mais acordar com um rato passando por cima dela ou ter o estômago doendo de fome outra vez.

Mas Hope não estava alegre, estava dividida. Pois, ao aceitar as vantagens de ir para o serviço doméstico, sabia que teria que aceitar também as restrições que o acompanhavam, assim como suas ressalvas sobre a casa dos Edwards.

O Sr. Edwards era um conselheiro baixinho, gordo e pomposo, e dizia-se que ele havia feito fortuna recebendo subornos para obter contratos da Corporação para certas pessoas. Sua esposa era uma mulher nervosa que gostava de imitar a verdadeira nobreza. Além disso, aos olhos de Hope, formavam um casal bastante desagradável que não tinha ideia de como uma casa deveria ser administrada. Dependiam inteiramente da Sra. Toms, e ela era uma senhora brigona e maldosa que encobria a própria ignorância culpando os outros criados quando alguma coisa dava errado.

Até então, Hope achava certa graça no que observava e escutava no número 5, lembrando-se do digno Baines, que dirigia Briargate com a precisão de um relógio e merecia o respeito e o afeto de todos os criados. Sabia que ele levaria as mãos à cabeça, horrorizado, por ela sequer cogitar assumir um cargo em uma casa administrada de maneira tão inepta.

No entanto, não eram apenas as dificuldades que poderia encontrar no número 5 que a intimidavam; achava que seria desleal abandonar Gussie e Betsy. Se não fosse pela generosidade e proteção deles, pelos truques ensinados por eles, ela não teria sobrevivido nem um mês em Lewins Mead. Seu quarto em Lamb Lane podia ser miserável e infestado de ratos, mas lá dentro ela se sentia segura. A acanhada Hope Renton que saíra furtivamente da casa do portão curvando-se às ordens de Albert tornara-se forte e engenhosa. Nem tinha mais certeza de que fosse capaz de trabalhar como criada novamente.

Perdera o respeito pela nobreza ao encontrar sir William na cama com Albert e, desde que viera morar em Bristol, vira e ouvira falar sobre muitos outros “cavalheiros” que gostavam de rapazes ou de meninas muito jovens para achar que Sir William fosse um caso excepcional. Quanto às suas senhoras, desprezava-as ainda mais por sua hipocrisia. Cobertas de sedas e cetins, reuniam-se em suas igrejas e oravam pelos pobres e doentes, mas nunca levantavam um dedo para ajudar os menos afortunados. Centenas de homens, mulheres e crianças necessitados vindos da Irlanda assolada pela fome desembarcavam em Bristol toda semana, mas não se via com bons olhos a situação deles. Esses pobres coitados mal conseguiam ficar de pé de tão emaciados que estavam pela desnutrição, mas a alta sociedade clamava que fossem expulsos da cidade. Sendo assim, a maioria deles era forçada a viver como animais em terrenos abandonados e dilapidados junto ao rio Frome e, sem comida nem cuidados médicos, morriam aos montes.

Hope tinha ouvido o Sr. Edwards comentar que, por ele, ordenaria que os militares pusessem fogo nesses lugares insalubres, e que esperava que as pessoas lá dentro perecessem também. Ela poderia mesmo trabalhar para um homem desses?

Era sexta-feira, e na manhã de segunda ela teria que voltar ao Crescent com sua decisão tomada. Infelizmente, estava quase certa de que, se recusasse a oferta da Sra. Toms, a mulher era rancorosa o bastante para se recusar a dar-lhe mais trabalho daí em diante.

No entanto, ao ver Betsy tão obviamente indisposta, Hope deixou de lado os próprios problemas e correu para ajudar a amiga.

– O que há com você? – perguntou, segurando-lhe o braço.

– Estou me sentindo muito mal – respondeu Betsy, gemendo. – Minha barriga está doendo, tenho andado enjoada, nunca me senti assim antes, acho que vou morrer.

Betsy era a pessoa mais rígida que Hope conhecera na vida, nunca se queixava quando estava machucada ou doente, então aquilo já foi suficiente para deixar Hope preocupada. Na noite anterior, Betsy mostrara-se esquisita; estava pálida e apática e não quis comer nada. Insistiu que era apenas por causa do calor. Mas só o calor não faria alguém sentir dor nem enjojo, portanto devia ser algo mais grave.

Nos últimos dias, falava-se que havia casos de febre entre os irlandeses e que, se eles não fossem embora, a febre se espalharia por toda a cidade. Hope havia encarado a notícia como alarmismo, mas e se fosse verdade?

Ela não pretendia assustar Betsy com essa hipótese, então passou o braço em volta do corpo dela para ajudá-la a caminhar.

– Vou levar você para casa. Deve ter comido algo estragado. Vou cuidar de você.

– Preciso de um gole de água – gemeu Betsy enquanto subiam as escadas.

Hope estava realmente preocupada agora, pois os movimentos da amiga eram lentos e difíceis, e ela tremia, embora estivesse muito quente.

– Vou fazer um pouco de chá de canela para você – disse Hope.

Nunca lhe agradou o sabor da água de Bristol, então só a bebia no chá. Colocar um pedaço de canela em água fervente era o remédio de sua mãe para náuseas ou dor de barriga, pois afirmava que dar água fria a uma pessoa enjoada a fazia piorar ainda mais.

Quando entraram no quarto, viram que Gussie já estava lá. Mas estava deitado, e bastou um olhar de relance em seu rosto pálido e olhos fundos para Hope saber que ele sofria do mesmo mal de Betsy.

– Fiquei enjoado – queixou-se ele, a voz pouco mais do que um sussurro.

Tentou sentar-se, mas claramente não tinha forças para isso. Um arrepio desceu pela espinha de Hope, pois, embora fosse possível que seus amigos tivessem compartilhado alguma comida estragada, seus sintomas lembravam os de seus pais com tifo. O reverendo Gosling lhe dissera que era uma doença que se manifestava em ambientes sujos e com muitas pessoas aglomeradas, e ela sempre ficara atenta achando que poderia facilmente atacar em Lewins Mead.

Veio-lhe à cabeça que deveria fugir imediatamente, mas, quando se virou e viu Betsy cair no chão, a expressão agoniada enquanto apertava o estômago, sentiu-se envergonhada por pensar tal coisa.

Fez os dois se deitarem e os cobriu com os cobertores, depois acendeu o fogo e pôs a chaleira com água para ferver. Havia água suficiente no jarro para lavar o rosto e as mãos deles, mas ela teria que buscar mais.

O quarto estava insuportavelmente quente, e ficaria ainda mais com o fogo aceso. Ela permaneceu junto à janela aberta por um momento, tentando organizar os pensamentos e lembrar todos os remédios que sua mãe e Nell sempre usavam quando alguém adoecia.

– Tenho que ir buscar água e algumas coisas na loja – disse ela aos amigos. – Não saiam daqui, não vou demorar.

Dez minutos depois, estava de volta subindo a escada com dificuldade, carregando dois pesados jarros de água e um vidro de vinagre, com que sua mãe sempre costumava lavar as coisas quando alguém ficava doente em casa. Trouxera a canela, mais velas e um pouco de mostarda para fazer cataplasmas.

Desde o inverno, quando os inquilinos tinham partido de vez, Hope havia inserido no quarto muitos utensílios que ela considerava essenciais para o serviço doméstico. Alguns tinham sido

comprados de segunda mão, outros Gussie adquirira para ela, mas agora tinham uma vassoura, uma panela grande, uma frigideira, tigelas para os guisados que ela fazia no fogo, alguns talheres e outra tigela grande para lavar os pratos. Recentemente, Hope também havia recheado os sacos com feno para fazer colchões, e providenciava para que sempre tivessem sabão e muitos panos para usar na limpeza.

Mas quando voltou para o quarto e se deparou com Betsy vomitando no balde de dejetos, percebeu que tentar cuidar de duas pessoas doentes com recursos tão escassos seria muito difícil.

A luz do dia desapareceu logo depois de Hope ter aplicado o cataplasma de mostarda no abdômen dos amigos. Ficou satisfeita ao ver que aquilo parecia aliviar as cólicas, assim como o chá de canela acalmara a náusea. Ainda estavam tremendo, mas ela os cobrira com tudo o que encontrou para fazê-los suar e agora estavam dormindo.

Ela mesma, porém, não conseguia dormir. O quarto parecia um forno, e muito barulho entrava pela janela aberta. O lugar nunca fora tranquilo, mas, desde o início da temporada de calor, o ruído aumentara, com mais bebês chorando, mais bêbados, mais brigas e crianças correndo para cima e para baixo pelos becos até bem depois da meia-noite.

Desde que se instalara ali, Hope fazia um esforço consciente para nunca pensar no passado. Parada diante da janela aberta, contudo, usando apenas a roupa de baixo, pingando de suor e ansiando por ar fresco, o fedor de excrementos humanos agredindo suas narinas, não podia deixar de lembrar as noites quentes de verão de quando era criança. Toda a família se sentava do lado de fora e contemplava o pôr do sol, e a brisa era fresca e pura, perfumada de madressilva.

Mesmo quando morava na casa do portão, ela e Nell muitas vezes se sentavam no degrau da porta dos fundos para olhar as estrelas. Ela lembrou que muitas vezes desejara morar na cidade grande, ansiando pela agitação das multidões, lojas e mercados. Esse desejo lhe parecia tão insensato, agora que sabia como a vida urbana podia ser dura e desagradável... Daria qualquer coisa para sentir o braço gorducho de Nell rodeando-a novamente, e ouvir somente o pio das corujas e o farfalhar das folhas.

A essa altura, Nell devia seguramente tê-la esquecido. As crianças de Matt receberiam todo o amor e a devoção que antes era dedicada à irmã mais nova.

Hope mergulhou num lindo sonho ao se imaginar voltando para lá, apenas para olhar para Nell. Via a si mesma escondida atrás de uma árvore em Lord's Wood em uma manhã de domingo, esperando que Nell passasse a caminho da igreja. Estaria usando aquela touca azul bonita com margaridas brancas artificiais que lady Harvey lhe dera. Apenas vê-la de relance seria suficiente.

Quem sabe também avistasse Rufus, que estaria em casa para as férias escolares. Talvez ele fosse até a lagoa porque se lembrava dos bons tempos que outrora tinham compartilhado? Ela daria um salto e o surpreenderia. E teria que fazê-lo prometer manter o encontro em segredo, é claro. E será que, com a ajuda dele, poderiam pensar em uma maneira de fazer Nell saber que ela estava em segurança?

Um xingamento que um bêbado gritou no beco abaixo funcionou como um lembrete oportuno da realidade de sua situação. Mesmo que fosse possível voltar lá sem que Albert soubesse, a ideia de alguém vê-la naquele estado era insuportável. Estava igual a todos os moradores do cortiço: suja, magra e esfarrapada. Até Rufus a afastaria com repugnância. E, de qualquer forma, não poderia explicar a ele como tudo aquilo viera a acontecer, não sem revelar a participação de seus pais na história.

– Odeio você, Albert Scott – murmurou para si mesma. – Um dia vamos acertar as contas.

Quando a primeira luz do amanhecer se infiltrou no quarto, Betsy ficou enjoada novamente e seus intestinos se soltaram de modo incontrollável. Chorava aflitivamente com a dor na barriga, as câibras, o constrangimento de sujar a cama e, apesar de Hope tentar tranquilizá-la, dizendo-lhe que começaria a sentir-se melhor quando todos os venenos em seu corpo fossem expelidos, a situação lembrava demais a da morte de seus pais para ela realmente acreditar no que dizia.

Pouco tempo depois, Gussie estava no mesmo estado, e Hope correu como louca, atizando o fogo para ferver água para mais chá de canela e disparando pela escada para buscar mais água da bomba e esvaziar o balde de água suja. As moscas zumbiam frenéticas pelo quarto à medida que o ambiente ficava mais quente e fétido, e o suor escorria em abundância enquanto tentava limpar o balde e as tigelas, lavar o chão e manter seus amigos limpos.

No início da tarde, Hope já estava realmente alarmada com o estado de seus pacientes. Os olhos deles estavam fundos, a respiração, muito curta, e eles não estavam mais conscientes de seus cuidados. Ela sabia que precisava conseguir ajuda, mas nunca tinha ouvido falar de nenhum médico vir a Lewins Mead. A Srta. Carpenter, professora da escola, era a única pessoa que lhe ocorria com influência suficiente para persuadir alguém a vir.

Hope só encontrara a Srta. Carpenter duas vezes. A primeira, quando foi com Gussie à escola em St. James's Back para incentivá-lo a frequentar as aulas. Na segunda, foi perguntar à professora se precisava de ajuda para ensinar as crianças mais novas a ler.

Ela admirava muito a Srta. Carpenter, como quase todos no cortiço. Uma pessoa tão dedicada a ensinar as crianças mais pobres e desfavorecidas da cidade merecia admiração. Esbanjava cuidados e atenções com seus pequenos pupilos, preocupava-se com cada um deles, mas mesmo assim não era uma pessoa fácil de se lidar. Era fria, raramente sorria e havia nela uma intensidade assustadora.

A professora também parecera muito desconfiada de Hope em seu último encontro. Betsy afirmava que era porque Hope era tão inteligente quanto ela e muito mais bonita. Hope não acreditava que essa fosse a verdadeira razão. Era muito mais provável que a professora não conseguisse entender por que alguém capaz de ler e escrever teria ido parar naquele bairro. No entanto, quaisquer que fossem as razões da mulher para ser fria com ela, Hope sabia que precisava tentar angariar sua ajuda, ou Betsy e Gussie iam morrer.

Hope parou no poço para lavar o rosto e as mãos antes de correr para a escola. Três mulheres acabavam de encher seus baldes e tagarelavam antes de voltar para casa. Enquanto Hope se lavava, ouviu uma das mulheres falar sobre uma família inteira que de repente tinha ficado doente.

– Dois dias atrás, eles estavam bem – disse a mulher, a voz levemente alarmada. – A velha Ada entrou lá para ver o que poderia fazer, mas saiu logo. Disse que achava que não havia esperança.

A velha Ada era o que havia de mais parecido com assistência médica de que Lewins Mead dispunha. Era responsável por trazer ao mundo a maioria dos bebês do bairro e preparava os mortos para o enterro. Era suja, desbocada e geralmente estava bêbada, mas as pessoas ali confiavam nela.

– E eles não são os únicos doentes – disse outra das mulheres. – Ouvi dizer que também tem gente assim em Cask Lane.

Hope sentiu um calafrio percorrer seu corpo, pois Cask Lane ficava ao lado de Lamb Lane.

Ela correu para a escola sentindo-se ainda mais amedrontada.

– Srta. Carpenter! Posso falar com a senhora? – gritou Hope quando viu a professora prestes a deixar o edifício da velha capela.

Apesar do calor, a Srta. Carpenter ainda usava os habituais vestido e touca cinzentos, com um xale em torno dos ombros. Virou-se para olhar para Hope com a testa franzida.

– Hope, não é? Sinto muito, mas não tenho trabalho nenhum para você.

– Não é isso – retrucou Hope sem fôlego. – Meus amigos Gussie e Betsy estão doentes e precisam de um médico. Eu pensei que a senhora talvez conheça alguém que possa tratar deles.

Betsy sempre implicara com a Srta. Carpenter; dizia que ela se envolvera com a caridade porque era uma solteirona rabugenta com nada melhor para fazer do seu tempo. Caçoava da roupa sem graça e antiquada da professora e de suas fortes crenças religiosas. Insinuava até que a mulher gostasse de sentir frêmitos de emoção ao meter o nariz na vida dos moradores do cortiço.

Hope costumava rir das opiniões maldosas de Betsy, sem conseguir decidir se concordava ou discordava. Mas quando viu uma preocupação verdadeira cintilar nos olhos escuros e penetrantes da professora, ficou constrangida por ter permitido que Betsy caçoasse dela.

– Quais são os sintomas? – perguntou ela. – Estão febris?

Hope explicou como estavam e tudo o que já havia feito para ajudá-los.

– Tenho medo de que seja tifo – disse, por fim. – Meus pais morreram disso.

A Srta. Carpenter pareceu muito surpresa e segurou a mão de Hope, apertando-a com simpatia.

– Não sabia que você era órfã. Receio ter presumido, por você ter instrução, que fugira de casa querendo viver alguma aventura, e por isso é que fui ríspida com você. Mas isso não é importante agora. Vou pedir a um médico que conheço que vá ver seus amigos, embora não possa prometer que ele irá hoje, pois pode estar atendendo outras pessoas. Vá para casa agora, mantenha os dois agasalhados e faça-os beber bastante água. Pelo jeito, você já vem fazendo tudo certo.

– Não tenho dinheiro para pagar o médico – Hope deixou escapar, sem ter ideia do custo da visita de um médico.

A Srta. Carpenter fez um pequeno gesto com as mãos, indicando que Hope não deveria se preocupar com isso.

– O Bom Senhor providenciará. Nem todos neste mundo esperam pagamento por seus serviços.

Depois de verificar exatamente onde Hope morava em Lamb Lane, a professora saiu apressada. Hope ficou por um segundo ou dois observando a maneira cuidadosa como ela seguia pela viela estreita, segurando a saia para evitar arrastá-la na sujeira. Calculou que deveria ter uns 40 anos, mas era tão frágil e esguia como uma mocinha. Hope se perguntou por que ela não se casara, pois embora sua aparência fosse bastante comum, com um longo nariz pontudo e lábios finos, havia muitas mulheres casadas muito mais insípidas. Betsy afirmava que os homens não gostavam de mulheres inteligentes, de carolas muito menos, e talvez ela estivesse certa.

Naquela noite, Hope desistiu de esperar a vinda do médico ao ouvir o sino da igreja bater dez horas. Tinha sido um dia terrível, interminável, pois assim que ela acabava de limpar Betsy,



Gussie também precisava ser banhado, e ambos gritavam de dor com as cólicas que os acometiam. Hope estava trôpega de exaustão, pingando de suor e desatinada de ansiedade. Os fluidos que eles produziam agora eram como água de arroz, e os dois não conseguiam controlar as funções corporais. Era como cuidar de dois grandes bebês desamparados, só que ela não tinha fraldas, lençóis ou toalhas para deixá-los mais confortáveis.

Pior ainda era a aparência deles. Quando Hope segurou uma vela perto de ambos, seus olhos pareciam ter afundado no rosto, e a pele estava manchada e escura. Ela falava com eles constantemente enquanto lhes esfregava as pernas para aliviar as câibras, e mesmo que parecessem incapazes de responder, ela tinha certeza de que sabiam o que estava falando.

De repente, vozes altas vindas de baixo a alertaram que um estranho tinha entrado na casa. Nos dezoito meses em que morava aqui, ela se acostumara com esse sistema de alerta inicial. Qualquer pessoa que entrasse em Lewins Mead e não fosse conhecida pelos moradores era tratada com desconfiança e, interpelando o visitante, geralmente de modo bastante grosseiro, eles faziam toda a rua tomar conhecimento de sua presença.

Hope abriu a porta e espiou pela escada escura e desconjuntada. Havia a habitual cacofonia de ruídos e mais claridade do que de costume, pois muitas portas estavam abertas, mas não havia luz suficiente para ver quem chegava.

– No alto da escada, moço! – gritou alguém.

Uma onda de alívio tomou conta dela, porque o médico devia ter chegado. Entrou depressa no quarto, apanhou uma vela e voltou ao patamar da escada para iluminar o caminho.

O único médico que Hope encontrara na vida havia sido o de Chewton, que fora procurar quando seus pais estavam doentes, portanto esperava que este fosse de idade e tamanho semelhantes. Sendo assim, ficou um pouco desconcertada quando um homem jovem e alto com cabelos claros surgiu na escada.

– O senhor é o médico? – perguntou ela.

– Sim, sou o Dr. Meadows. Você é a Hope? Desculpe, a Srta. Carpenter não me disse seu nome completo.

– Obrigada por ter vindo, e pode me chamar só de Hope – disse ela quando ele entrou no quarto. – Estou com muito medo, porque meus amigos pioraram ainda mais desde que falei com a Srta. Carpenter.

O Dr. Bennett Meadows se considerou um homem de sorte quando, ao obter seu registro profissional, seu tio, o Dr. Abel Cunningham, o convidou para se juntar a ele na sua clínica de Clifton. Não tinha dinheiro para iniciar a própria clínica e sabia que, muito provavelmente, qualquer outro médico que o convidasse para ser seu assistente esperaria que ele trabalhasse muitas horas por uma miséria.

Quando criança, passara as férias com o tio e sabia que a maioria de seus pacientes era da nobreza, portanto imaginou que levaria apenas uns dois anos para estar em condições de estabelecer a própria clínica.

Entretanto, para sua decepção, o tio não era diferente dos outros médicos de sucesso; reservou os melhores pacientes para si e só permitiu que Bennett tratasse os mais pobres.

– Cobre 1 xelim assim que chegar à casa do paciente – aconselhou o tio Abel. – Se esperar até acabar o tratamento, vão achar que você é um molenga e procurar uma desculpa para não lhe pagar.

Talvez Bennett fosse *mesmo* molenga, pois achou impossível cobrar a taxa antes de

examinar uma criança com coqueluche ou um homem sofrendo a dor excruciante de uma perna esmagada. E seu tio estava certo: ele muitas vezes não recebia pagamento algum. No começo, isso o deixava frustrado, mas, com o passar do tempo, acabou aprendendo que os pobres nunca chamavam um médico a menos que fosse por algo muito sério. Descobriu que não era insensível a ponto de levar o último xelim deles e toda a família passar fome por causa disso. Caso pudesse salvar o paciente, a satisfação seria sua recompensa.

Foi por essa atitude altruísta que o tio Abel caçou o sobrinho e de Mary Carpenter chamando-os de “almas gêmeas”. Abel tinha sido amigo de Lant Carpenter, o falecido pai de Mary, mas balançou a cabeça, perplexo, quando a filha instruída do vigário escolheu dedicar sua vida a uma escola gratuita. Quando Abel apresentou Mary a Bennett, sorriu e disse que os dois iam se dar bem porque eram paladinos de causas perdidas.

Bennett não achava que uma escola fosse uma causa perdida, tampouco o reformatório que Mary tinha estabelecido no vilarejo de Kingswood. Achava maravilhoso que ela convencesse os tribunais a entregarem os filhos de criminosos a seus cuidados, para que ela lhes ensinasse a ler e escrever, aprender um ofício e mantê-los fora das prisões, onde só seriam corrompidos. Ela queria que seu sistema fosse empregado em toda a Inglaterra, e até então parecia uma ideia tão bem-sucedida que talvez um dia seu desejo se tornasse realidade.

Bennett admirava Mary por sua compaixão, inteligência e empenho, mas não lhe agradava tanto sua personalidade difícil nem a maneira como, com ar severo, muitas vezes intimidava amigos e conhecidos para que fizessem sua vontade. Ele conseguira escapar disso até aquela noite; ela o convidara muitas vezes a eventos para angariar fundos e pedia sua opinião sobre tratamento de doenças menos graves, mas essa foi a primeira vez que o pressionou para fazer um atendimento em domicílio.

Disse que algo a intrigava na moça que havia pedido sua ajuda.

– Hope não é como as moças típicas de Lewins Mead – explicou, balançando a cabeça, como se estivesse confusa. – É inteligente, educada e muito asseada. Me arrepio só de pensar nas condições em que está vivendo, mas ela se preocupa seriamente com seus amigos doentes e me senti impelida a fazer algo para ajudá-la.

Bennett quis recusar. Todos sabiam que as pessoas mais grosseiras e depravadas de Bristol moravam nos cortiços. Nem a polícia entrava lá, com medo de ser atacada. Mary garantiu que a mala de médico seria proteção suficiente e, caso ele fosse interpelado, que dissesse que ela o enviara. Contudo, pelo que ouvira de outras fontes, os moradores daquele bairro roubariam até a própria avó por um gole de rum.

Teve que concordar, apesar de tudo. Se uma mulher frágil, de meia-idade, era corajosa o bastante para entrar lá diariamente e dar aulas, não ficaria bem um médico jovem e capaz deixar de fazer o mesmo para visitar doentes.

Mas seu coração batia acelerado de medo enquanto ele percorria o labirinto de becos estreitos e fedorentos. Ficou enojado pela sujeira, consternado pelo número de homens e mulheres bêbados caídos junto às soleiras das portas e horrorizado ao ver que, mesmo depois do anoitecer, muitas crianças quase nuas, desnutridas e sujas perambulavam pelas ruas.

Seu nervosismo aumentou ao subir as escadas para o quarto do sótão, pois, embora estivesse escuro demais para se ver a sujeira, podia senti-la, e cobriu o nariz para evitar o mau cheiro. Vozes exaltadas e irritadas se erguiam ao redor, e ele sentiu um rato passar por seus tornozelos. Isto, pensou ele, era o mais próximo do inferno a que alguém poderia chegar e, se não fosse a voz doce que perguntara se ele era o médico, Bennett poderia muito bem ter dado meia-volta e fugido.

A descrição que Mary Carpenter fizera de Hope formara em sua mente a imagem de uma moça de beleza comum e bondosa. Porém, quando alcançou o patamar e a viu iluminada pela vela, ficou admirado ao constatar que era linda.

O vestido cinza estava esfarrapado e manchado, ela cheirava a doença e suor, e seus cabelos negros estavam grudados na cabeça. Mas o rosto! Olhos escuros enormes e límpidos, lábios cheios e um nariz perfeitamente esculpido. Era como descobrir uma rosa crescendo num monte de esterco. Ele ficou tão atordoado que por um momento só ficou olhando para ela.

– Vai vê-los agora? – perguntou Hope, trazendo-o bruscamente de volta ao propósito de sua visita. – Tentei fazê-los beber um pouco de líquido, mas eles não estão tomando mais nada. Estou muito preocupada.

Bennett tinha entrado na casa de centenas de pessoas pobres desde que chegara a Bristol, mas nunca encontrou um lugar tão soturno quanto o quarto daquela moça. À luz de três ou quatro velas, notou que não havia móveis, apenas um par de caixotes de madeira que serviam de mesa, e sacos cheios de palha em lugar de camas. Os amigos de Hope estavam deitados em dois desses sacos, e o ar fedia a doença e excremento, mas, pelos trapos pendurados para secar na janela, viu que a jovem tinha feito o possível para manter os pacientes limpos.

Dirigiu-se primeiro à mulher doente, ajoelhando-se no chão para examiná-la. Seu pulso estava muito fraco, ela parecia não ter noção do que acontecia à sua volta e, pior ainda, seu rosto tinha uma coloração púrpura-azulada.

Bennett reprimiu o medo, pois a cor revelava exatamente que mal a acometera. Ele nunca havia tratado ninguém com aquela doença antes, mas lembrou-se dos efeitos de uma epidemia que ocorrera antes de começar a estudar medicina. No entanto, estudara a doença em teoria e sabia como era grave, e seu estômago agitou-se, alarmado, quando lembrou quão rápido poderia se espalhar.

Os sintomas do rapaz eram idênticos aos da mulher, mas seu pulso estava ainda mais fraco. Bennett olhou para Hope, viu o cansaço e o medo em seus olhos e receou ter que lhe dizer a verdade.

– Quanto tempo faz que eles ficaram doentes?

– Somente ontem – respondeu ela. – Betsy disse que se sentiu mal na noite anterior, e Gussie também não estava bem, mas todos pensamos que era por causa do calor. É tifo, doutor?

– Não, não é tifo – respondeu ele, desejando que fosse, pois a probabilidade de recuperação dessa doença era muito maior.

– Então, o que é?! – exclamou ela. – Diga-me, por piedade.

Ele sabia que tinha que dizer a verdade. Devia dar a ela a oportunidade de decidir se fugiria para salvar a própria vida ou ficaria, arriscando pegar a doença também. Talvez até já tivesse infectada, pois aquela era uma doença inconstante. Em algumas pessoas, levava dias para se manifestar; em outras, como no caso daqueles dois, atacava rapidamente e sem piedade, com a morte em menos de um dia.

– É cólera – disse ele em voz baixa, com um nó na garganta ao ter que nomear a doença que o assustava mais que todas as outras.

Ela ofegou e cobriu a boca com as mãos, horrorizada.

– Centenas morreram disso no ano em que nasci – disse ela, com lágrimas brotando nos olhos. – Lembro-me de minha mãe contando isso para minha irmã. O senhor pode curá-los? Podemos levá-los para um hospital?

– Seus amigos estão doentes demais para serem removidos – disse ele com delicadeza.

Sua mente girava, ponderando a rapidez com que a doença se espalharia para outros naquela

casa. Lembrou-se de ter ouvido alguns gemidos ao passar pela viela, que poderiam ter vindo de outra vítima. Naquela manhã mesmo, tio Abel mencionara que várias mortes haviam sido notificadas entre os imigrantes irlandeses indigentes, e agora, diante do que via ali, achava muito provável que também fosse cólera.

Ele receava um surto de pânico caso se espalhasse a notícia de que a temida doença estava de volta à cidade e, se as pessoas comessem a fugir em massa para o campo, uma enorme epidemia poderia se alastrar pelo país inteiro.

Mas esses dois pacientes eram sua principal preocupação por ora. Ele sairia direto dali para informar as autoridades e deixá-las decidir o que deveria ser feito.

– Vou dar-lhe um pouco de ópio para colocar na água, o que acalmará as cólicas.

Sabia que deveria dizer à moça que a coloração azulada de seus amigos significava que eles já estavam nos estágios finais da doença, mas não conseguiu. O ópio ao menos tornaria suas mortes mais suaves.

Ela sabia da epidemia de cólera em 1832, mas Bennett a presenciara, pois na época tinha 12 anos. Às vezes achava que fora essa epidemia que o levava a se tornar médico. A casa de sua infância ficava a pouco mais de três quilômetros de Exeter, mas na cidade as pessoas morriam aos montes naquele verão, muitas vezes nas ruas. Sua mãe ficara apavorada com a doença, recusando-se a deixá-lo sair com medo do contágio, mas ele dera um jeito de escapular e vira os corpos sendo jogados em uma carroça, ouvira o sino da igreja tocar quando os colocavam nas valas comuns. Nunca esqueceria as fogueiras nas quais as roupas de cama e as roupas das vítimas eram queimadas, nem o medo no olhar das pessoas enquanto saíam em massa da cidade tentando escapar da doença.

O mesmo medo estava no olhar de Hope naquele momento; ela olhava para ele como se soubesse que ele estava omitindo alguma coisa, mas temendo questioná-lo ainda mais.

– Tenho dado chá de canela a eles – disse ela, abruptamente. – Isto é, dei até pararem de aceitar qualquer coisa. Também estou aplicando cataplasmas de mostarda em suas barrigas. Está certo? Devo continuar fazendo isso?

– Tudo isso é excelente – disse ele, espantado que uma moça tão jovem pudesse ser tão altruísta e prática. – Você daria uma boa enfermeira, Hope. Mas agora deixe de lado os cataplasmas, apenas dê água com ópio. Você também deve descansar ou ficará doente.

Ela o encarou com intensidade.

– Por que não peguei a doença? – perguntou, por fim, com voz trêmula. – Não tive tifo quando meus pais morreram, apesar de cuidar deles. Foi sorte?

– Não sei dizer, desculpe – respondeu Bennett, sentindo-se impotente. – Há tantas ideias diferentes sobre o que causa essas doenças. Alguns médicos acreditam que circulam pelo ar, outros, que são transmitidas por contato, mas ninguém sabe com certeza. Eu pessoalmente não acredito que estejam no ar, mas, se são transmitidas por contato, é estranho que alguns membros de uma família não as peguem.

Ele teve vontade de dizer que, se ela não tinha sido contaminada, então estava segura, mas não podia mentir desse jeito. Sabia que poderia cair doente a qualquer momento, assim como ele também poderia acordar doente no dia seguinte.

– Minha mãe acreditava que era preciso lavar tudo com vinagre quando alguém ficava doente – disse ela, baixinho. – O senhor acredita nisso?

– Acredito. Lave as mãos com sabão toda vez que tocar neles e também não beba do mesmo copo.

Ele se levantou e pegou uma pequena garrafa de ópio na maleta.

– Três ou quatro gotas, é só – explicou o médico. – Vou voltar para vê-los pela manhã.

Bennett sentiu-se estranhamente relutante em deixá-la. Sabia que devia ir embora, não podia fazer mais nada e seria loucura ficar mais um minuto ali. Mas parecia errado deixar alguém tão jovem com tamanha responsabilidade. E queria saber por que uma pessoa tão linda viera acabar naquele lugar terrível; na verdade, ele queria saber tudo a respeito dela.

Mary Carpenter estava certa; Hope o intrigava também.

– Hope!

Ela teve um sobressalto com o chamado fraco de Gussie e ficou surpresa ao descobrir que amanhecia e que ela devia ter pegado no sono.

Seu coração se animou, pois, se ele a chamava pelo nome, o pior talvez tivesse passado.

– O que é? – sussurrou, rapidamente se aproximando dele. – Mais um gole de água?

Ele assentiu fracamente, e Hope segurou o copo junto de seus lábios ressequidos, mas viu com bastante clareza que ele não tinha melhorado nada, já que a cor azulada parecia ainda pior à luz do dia do que à luz de velas.

– Estou morrendo – disse ele, a voz rouca.

Não era uma pergunta, apenas uma constatação. Ela o negou com vigor.

– Não minta – pediu ele, os olhos fundos fazendo-o parecer um homem muito velho. – Eu sei, é verdade. Você precisa sair daqui agora, não é seguro.

Vê-lo pensar apenas em sua segurança quando estava tão inexoravelmente doente deixou os olhos dela marejados. Hope apanhou um pano úmido e enxugou a testa do amigo com ternura.

– Amo você, Gussie – sussurrou. – Você e Betsy têm sido tão bons para mim e não posso abandonar você. Não me mande embora, por favor.

Ele ficou olhando para ela com aqueles olhos fundos.

– Eu queria que você fosse minha namorada – confessou, por fim. – Muitas vezes quis dizer o que sentia por você, mas não me atrevi.

Hope corou, surpreendida com a declaração. E então lembrou-se de todas aquelas vezes em que ele tinha segurado sua mão, os abraços que duravam uma fração a mais do que o necessário, a maneira como ele às vezes a olhava. Talvez ficasse assustada se tivesse percebido o que significava, pois não sentia o mesmo. Só o amava como um irmão.

– Gostaria que você tivesse me contado – sussurrou, incapaz de deixá-lo morrer pensando que seus sentimentos não eram recíprocos. – Eu ficaria feliz de ser sua namorada.

Ele sorriu. Não foi nem um pouco como o sorriso alegre e expansivo a que ela estava acostumada, quando os olhos dele dançavam e cintilavam, apenas uma sombra. Ainda assim, reanimou-a ver que uma mentira inofensiva lhe trazia um pouco de felicidade.

– Eu costumava sonhar que nossa sorte ia mudar, que a gente ia se casar e morar num lugar bonito – disse ele, lutando para pronunciar as palavras. – Saia daqui, Hope, vá em busca da vida boa que você merece. Vai ser mais fácil partir se você me prometer.

Ele se lembrou dos bons momentos do passado. As muitas vezes em que ficaram sentados diante da lareira no inverno, com ele massageando seus pés gelados para aquecê-los. Rememorou a surpresa e o prazer no rosto dele quando comeu um ensopado que ela cozinhou no fogo da lareira, ou como ele deu risada em Brandon Hill no início da primavera, quando os dois desceram rolando as encostas cobertas de relva.

Gussie podia não ser o homem com o qual ela gostaria de se comprometer para toda a vida, mas ele lhe ensinou lições valiosas que ela nunca esqueceria. Era caloroso e engraçado, leal,

generoso e bondoso, e ela guardaria esses valores importantes em seu coração para ter certeza de que o homem com quem finalmente se casasse também os tivesse.

– Eu prometo – sussurrou ela, beijando sua testa. – Nunca vou esquecê-lo, Gussie, e vou sentir muito a sua falta.

– Como está Betsy? – perguntou ele, tentando se levantar um pouco para vê-la.

Ficou tentada a dizer que ela estava melhorando, mas, depois de refletir um instante, pensou que, como Gussie e Betsy haviam sido amigos tão próximos por tanto tempo, talvez se sentissem menos assustados em morrer juntos.

– Acho que ela quer ir com você.

Ele se deixou cair no colchão e fechou os olhos. Manteve-os fechados por um tempo, fazendo Hope pensar que adormecera, mas suas cólicas recomeçaram, as pernas e os braços se contorcendo furiosamente, e ela esfregou-os com força.

– Vá agora – disse ele com voz rascante no meio do terrível espasmo. – Não há mais nada que você possa fazer por nós. Salve-se!

Essa foi a última coisa coerente que ele lhe disse. Pronunciou outras palavras, mas nada que tivesse sentido, e Hope conseguiu fazê-lo beber um pouco mais de chá de canela com o ópio até se acalmar novamente.

Betsy teve cólicas violentas logo depois, e Hope esfregou os braços e as pernas dela até não ter mais forças.

– Deixe-me morrer! – gritou ela. – Não aguento mais.

Ela também ficou quieta depois de mais ópio, e olhou para Hope com olhos suplicantes.

– Vê se não sai da linha sem mim – disse com voz roufenha. – Arranje um sujeito bom com um pouco de grana.

Betsy sempre gostou de dar conselhos e opiniões, e Hope não teve dúvida de que sua amiga se sentiu frustrada por ser incapaz de expressar tudo que sentia. No entanto, o que ela conseguiu dizer foi, de fato, uma versão condensada de sua filosofia, e até mesmo o reconhecimento de que estava contente por Hope não ter descambiado para o roubo ou a prostituição.

Hope tinha tanta coisa que queria dizer à amiga; mas não havia palavras apropriadas para expressar o tamanho de sua gratidão, seu carinho e sua admiração. Sentia lágrimas escaldantes escorrendo pelas bochechas, seu coração parecia a ponto de explodir e sua cabeça estava cheia de lembranças vívidas. Via Betsy na loja de roupas de segunda mão conversando animadamente com o dono, enquanto enfiava uma anágua ou um xale debaixo do vestido; seu sorriso zombeteiro e atrevido quando fugia com uma torta ou uma fruta roubada, e a maneira como sabia cativar um marinheiro estrangeiro com aqueles grandes olhos escuros até ele lhe dar 1 xelim. Era impetuosa, engraçada, ousada, um raio de sol nos dias mais sombrios. Podia ser uma ladra, mas tinha um código moral próprio que era, em muitos aspectos, bem mais honrado do que o das senhoras piedosas que enchiam a igreja aos domingos. Levava comida e roupas para os irlandeses pobres, e rara era a família em Lamb Lane que ela não tivesse ajudado em algum momento. Hope sentia-se orgulhosa por Betsy tê-la escolhido como amiga, pois o tempo passado com ela tinha sido uma educação, uma alegria e um presente de amor.

– Você é linda – murmurou através das lágrimas enquanto banhava o rosto da amiga. – Uma verdadeira irmã e, um dia, quando tiver filhos, vou contar a eles tudo sobre você.

Gussie morreu primeiro, no momento em que os sinos da igreja estavam tocando para o primeiro culto da manhã. Betsy o seguiu poucos minutos depois.

Hope não podia mais chorar, tinha gasto todas as lágrimas nas últimas horas e sentia apenas alívio pelo suplício de seus amigos ter acabado. Era difícil reconhecer naqueles cadáveres as pessoas que ela amara, pois a cólera tinha deformado o rosto deles, transformando-os em espectros esqueléticos e horripilantes. Apenas os cabelos, o negro e o ruivo, indicavam quem eram. Hope precisava ir para algum lugar onde tivesse boas lembranças da personalidade vibrante dos amigos, onde pudesse escutar suas risadas, lembrar suas histórias e vê-los de novo em sua mente como quando eram saudáveis. Então ela poderia pranteá-los.

Puxou o colchão de Betsy para perto de Gussie e cobriu-os com um cobertor. Depois, reunindo seus poucos pertences, amarrou-os em uma trouxa e saiu, deixando um bilhete para o médico preso à porta.

Bennett não achou Lewins Mead tão assustador durante o dia ou tão barulhento quanto à noite, mas depois deduziu que, às dez da manhã de um domingo, a maioria dos moradores ainda dormia sob os efeitos da bebida da noite anterior.

No entanto, embora parecesse mais seguro, a luz do dia revelava a total miséria do lugar. As casas de madeira estavam apodrecendo. Poucas tinham as janelas intactas, crescia mato nos telhados e muitas paredes possuíam rachaduras alarmante. Um esgoto à céu aberto no centro da viela fora bloqueado por um cão morto em decomposição, e os dejetos humanos jogados das janelas estavam se espalhando em direção às soleiras das portas. Bennett sentiu náuseas com o mau cheiro e, ao ouvir um grito de advertência de cima, saltou apressadamente para o lado quando o conteúdo de um balde cheio caiu em cascata, quase o acertando.

Mais adiante no interior do cortiço, junto à bomba d'água, um grupo de mulheres tagarelava. Eles se viraram para observá-lo com olhares penetrantes e desconfiados, e a mais jovem, uma garota bonita mas muito suja e com parte dos seios à mostra, cochichou alguma coisa que fez todas darem risadas estridentes. Bennett ficou com o rosto corado, mas levantou o chapéu e desejou um bom-dia às mulheres. Seus filhos seminus estavam brincando com ar apático na terra ali perto e, quando notou as barrigas distendidas e os membros esqueléticos, ele se sentiu culpado pelo fato de ter tido dois excelentes arenques defumados para seu desjejum naquela manhã.

Quantos sobreviveriam à cólera? Duvidava que algum deles conseguisse naquele estado de desnutrição.

Quase não dormira pensando na doença e no que poderia fazer para evitar que se alastrasse. Lembrou que, durante a última epidemia, alguns conselhos paroquiais determinaram quarentenas para tentar contê-la. Isso forçaria as pessoas saudáveis a permanecerem em uma área atingida pela doença junto com os doentes. Na sua opinião, era um ato bárbaro, pois famílias inteiras morriam desnecessariamente nas piores condições.

Mas ele suspeitava que o tio Abel provavelmente aprovaria tal plano, desde que não se aplicasse a sua família. Por isso Bennett ainda não havia lhe contado o que encontrara ali na noite anterior. Seu tio certamente não teria permitido que ele voltasse, e aquela pobre moça seria deixada sozinha com seus amigos doentes acreditando que ele não se importava com sua situação.

Depois de vê-la, pretendia notificar as autoridades que a cólera havia voltado à cidade. Se Hope ainda estivesse saudável, ele recomendaria que ela deixasse a área o mais rápido possível antes de ficar detida ali.

Fez uma pausa quando chegou ao cortiço, impressionado com o estado deplorável em que se encontrava. Na noite da véspera, o manto da escuridão havia escondido seu verdadeiro horror. Claro que percebera que o cortiço estava seriamente dilapidado pela instabilidade dos degraus da escada; também imaginava que devia ser horroroso, mas não fazia ideia que fosse tão ruim.

Não havia porta da frente, e os painéis de madeira no salão tinham sido arrancados, presumivelmente para servir de lenha; da mesma forma, as peças dos balaústres e muitas portas



internas tinham desaparecido. Havia enormes buracos abertos no gesso, mostrando os sarrafos por baixo e, quando olhou pelo vão da escada, avistou o céu através de um buraco no telhado.

Não era adequado para a habitação, mas só Deus sabe quantos infelizes eram obrigados a viver ali, e o cheiro era tão atroz que ele tinha que cobrir o nariz e a boca com a mão ou acabaria vomitando.

Viu o bilhete afixado na porta antes mesmo de chegar ao último patamar, e seu primeiro pensamento foi que Hope fugira e pedira para ele encontrar alguém para cuidar de seus amigos.

Sentiu-se estranhamente decepcionado, mesmo tendo sido ele próprio a sugerir que fosse embora. Tirou o bilhete do prego e leu.

*Caro doutor,  
Infelizmente, Gussie e Betsy morreram esta manhã. Eu não sabia o que deveria fazer com eles. Não tenho dinheiro para um enterro e não consegui ficar no quarto, então achei melhor ir embora. Vou para o campo até ter certeza de que também não peguei a doença. Obrigada por ter vindo vê-los, foi muito amável de sua parte, e espero não lhe ter colocado em risco também.*

*Atenciosamente,  
Hope Renton*

Um nó se formou em sua garganta. Era surpreendente ela escrever tão bem, sem erro de ortografia, e com uma caligrafia tão boa. Mas foi a franqueza e a gentileza de sua mensagem que mais o afetou. Supunha que a maioria das pessoas na situação dela simplesmente partiria sem qualquer explicação ou agradecimento.

Abriu a porta, mas ao ver que o quarto estava cheio de moscas fechou-a de novo depressa. Vislumbrou o monte sob o cobertor no chão, e não era preciso olhar embaixo para verificar que Hope não se enganara.

Duas horas depois, Bennett voltou para Clifton andando devagar. Como os escritórios do conselho estavam fechados aos domingos, ele notificou as mortes para a polícia, deixando-a entrar em contato com os serviços apropriados. Infelizmente, o homem com quem falara parecia bronco, incapaz de entender quão grave era a cólera e a rapidez com que poderia se espalhar. Disse que tinham sido notificadas algumas mortes entre os irlandeses acampados junto ao rio Frome, mas riu como se isso o agradasse. Bennett ficou tentado a apagar aquela expressão presunçosa do rosto dele informando que a cólera não distinguia classes sociais, e que os próximos poderiam muito bem ser ele ou alguém de sua família.

Mas é claro que não disse nada; apontar a gravidade da situação só faria disseminar o pânico. Entretanto, uma coisa era certa: esse pequeno número de mortes não seria o fim do caso. E Bennett sabia que, como médico, tinha o dever de ajudar. Não queria, seria muito mais seguro ficar em Clifton e rezar para que a doença não chegasse até lá. Pelo menos metade dos infectados morreria, e com ou sem um médico essa proporção permaneceria a mesma. Porém, ele havia jurado ajudar os doentes e era o que deveria fazer.

A jovem Hope também o preocupava. Podia estar infectada e, sem dinheiro, sem um teto ou alguma pessoa a quem pedir ajuda, a situação dela devia ser desesperadora.

Tentou pensar para onde ela poderia ter ido. Só se referia ao “campo”, o que poderia significar qualquer lugar em torno de Bristol. Seria como procurar uma agulha em um palheiro!

No domingo à noite, quando o sol começava a se pôr, Hope olhou para o Avon Gorge de um ponto no alto em Leigh Woods com lágrimas escorrendo pelo rosto.

A beleza da cena à sua frente era incomparável: a majestade do desfiladeiro rochoso, o sol alaranjado afundando no horizonte e refletindo na água, o verde profundo dos bosques de ambos os lados. A maré estava alta e um grande veleiro de três mastros era lentamente rebocado para o mar por cavalos nas margens do rio. Ela ouvia os marinheiros chamando uns aos outros, e alguém tocava um acordeão. No convés do navio, uma senhora com um vestido branco e um chapéu emplumado estava de mãos dadas com dois meninos.

Hope tinha ido a esse lugar muitas vezes quando estava colhendo gravetos e, qualquer que fosse o tempo, nunca se cansava de contemplar os navios e imaginar de onde teriam vindo, para onde estariam indo ou que tipo de carga levariam.

Naquele dia, porém, não lhe importava se aquela senhora e seus meninos estavam navegando para a América ou alguma outra terra distante. Não lhe importava que o navio ficasse à deriva sem vento durante semanas na foz do rio nem que enfrentasse uma tempestade. Gussie e Betsy, seus amigos queridos, estavam mortos, e ela nem ao menos poderia estar presente para rezar por eles quando fossem enterrados.

Betsy certa vez rira dela por se entristecer com o fato de um vizinho morto ser enterrado como indigente. Disse que se a pessoa fosse levada para o cemitério em uma carruagem dourada com seis cavalos emplumados ou aos solavancos na carroça da paróquia, encontraria o mesmo fim sob sete palmos de terra. Talvez fosse verdade, mas era muito injusto que seus amigos, que tinham sido tão vibrantes e bonitos em vida, depois de enfrentarem uma morte tão horrível, ainda fossem jogados em uma cova sem qualquer cerimônia. Era demais para ela suportar.

Hope também estava amedrontada. A não ser por aquela noite em que Albert a jogara na chuva, sempre tivera alguém a quem recorrer. Gussie e Betsy a haviam resgatado no seu primeiro dia em Bristol, portanto nunca fora testada para saber como poderia se virar sozinha. Aprendera a ganhar a vida, a cozinhar as refeições em uma única panela, até a se manter limpa em condições adversas. Mas tinha seus amigos para louvar seus esforços, animá-la quando sentia vontade de desistir, e eles tinham estado ao lado dela todas as noites, seus corpos mantendo-a aquecida e suas risadas alegrando-a.

Estava tudo muito quieto ali no bosque, o único som era o farfalhar ocasional da vegetação e, de vez em quando, o arrulhar de um pombo. Por isso ela sempre gostara tanto dali, já que na cidade o barulho era incessante. Mas não era bom saber que não havia absolutamente ninguém por perto, quando, a qualquer momento, ela poderia começar a tremer e sentir cólicas no estômago. Poderia até morrer naquela floresta. Não haveria ninguém para levar um copo de líquido a seus lábios, nem esfregar suas pernas ou oferecer qualquer palavra de consolo. Seu cadáver seria devorado até os ossos pelos corvos e ninguém jamais saberia o que acontecera com ela.

Apenas dois dias antes, estava dividida entre permanecer com seus amigos e aceitar o emprego no Royal York Crescent. Agora, essas opções não existiam mais. Mesmo que se sentisse bem no dia seguinte, não poderia se apresentar no número 5 e arriscar levar a doença consigo.

Ironicamente, naquele momento tinha mais dinheiro do que tivera em toda a sua vida.

Encontrou 1 libra e 8 xelins no bolso de Gussie, outros 4 xelins no de Betsy e ela própria tinha 5 xelins e 6 pence. Sentira-se incomodada em levar o dinheiro dos amigos, mas quem viesse buscar os corpos o levaria, e Gussie e Betsy iriam querer que ficasse com ela.

Se não fosse pela cólera, aquele dinheiro lhe teria comprado um bom vestido e um par de botas de segunda mão. Havia o suficiente para se instalar em um quarto barato e comprar flores do mercado para ganhar a vida vendendo buquês.

Contudo, não podia voltar para a cidade até que soubesse que estava bem. E se a cólera já tivesse se espalhado, seria loucura voltar.

Nas últimas semanas de calor, muitas vezes tentara persuadir Gussie e Betsy a vir para o campo com ela e dormir sob as estrelas. Mas eles se horrorizavam com a ideia. Diziam que os bosques eram assustadores e que gostavam de estar perto das pessoas. Betsy chegou a comentar rindo que muito ar fresco fazia mal para um corpo acostumado com Lewins Mead. Hope tinha feito o possível para convencê-los, dizendo que seria divertido, descrevendo como fariam um abrigo, acenderiam uma fogueira e recolheriam água de um riacho, mas eles estremeciam só de pensar.

Ela tivera a presença de espírito de trazer de Lamb Lane o velho bule e alguns outros utensílios essenciais, mas agora nada lhe soava divertido; sem Betsy e Gussie, parecia-lhe um castigo terrível não ter morrido com eles.

– Você está só cansada, vai ficar bem depois de uma boa noite de sono – disse a si mesma, lutando para controlar as emoções. Resolutamente, virou-se e voltou para onde tinha deixado suas coisas. Talvez no dia seguinte recuperasse a vontade de construir um abrigo e encontrar a lagoa que havia descoberto meses antes para poder banhar-se. Naquela noite, porém, estava tomada pela tristeza e a exaustão para fazer qualquer coisa além de se enrolar em seu velho capote e dormir.

Uma semana depois, Hope acordou com o som da chuva caindo. Sentou-se e esfregou os olhos, depois afastou os galhos com os quais escondera seu abrigo. Estava quase amanhecendo, e a terra úmida exalava um cheiro bom.

Deitou-se de novo, sorrindo satisfeita consigo mesma porque seu abrigo ainda estava seco, comprovando que ela havia escolhido o lugar certo sob a copa de um grande carvalho. Quando pequenos, ela, Joe e Henry muitas vezes construíam esse tipo de abrigo na floresta, mas nunca imaginara que, um dia, algo que fora tão divertido seria tão útil. Pensar em seus irmãos e sua casa fora o que a consolara na semana anterior; foi o que afastou sua mente do horror da morte dos amigos, ajudou-a a lidar com o sofrimento e a impediu de se render ao desespero.

Cada dor ou desconforto físico a aterrorizava com a possibilidade de ser o início da cólera. Era muito tentador ceder ao esgotamento que sentia e apenas esperar o que o destino reservasse para ela, fosse a doença ou a fome. Mas ela se obrigou a explorar o bosque em busca do tipo certo de galhos flexíveis que poderia trançar para construir um abrigo, de ramos de samambaia-de-metro secos para montar uma cama e lenha para fazer uma fogueira. As escassas provisões que trouxera consigo acabaram no primeiro dia. No terceiro, entretanto, a fome a levou a voltar para Hotwells, nos arredores da cidade, e comprar algumas coisas em uma das barracas.

Nada jamais fora tão saboroso quanto as batatas que assou no fogo com um pedaço de queijo dentro. Tinha também maçãs e um maço de agrião fresco, e de certa forma percebeu, enquanto mastigava as folhas de gosto picante, que deveria estar bem ou não poderia apreciá-las tanto.

No entanto, banhar-se na lagoa foi o que a reanimou ainda mais do que a comida. Encontrara a lagoa na primavera e, em muitos dias quentes dos últimos meses, lembrou-se dela com saudade. Demorou algum tempo para reencontrá-la, pois arbustos cerrados a escondiam da vista. Foi penas um leve gorgolejar da fonte que a alimentava que a alertou para a localização.

Hope abriu caminho através da espessa vegetação rasteira, achando que teria secado e encontraria apenas um leito de lama úmida. Quase deu um berro de alegria quando viu que era ainda mais bonita do que lembrava: água limpa e fresca, brilhando ao sol quente e rodeada por arbustos frondosos. Entrou na água ainda vestida, segurando-se num ramo grosso com medo de afundar, e ficou entusiasmada ao comprovar que a água ia apenas até sua cintura.

Esfregou as roupas com sabão enquanto ainda as vestia, depois tirou-as, torceu-as e pendurou-as num arbusto para secar. Então começou a lavar cada pedaço de seu corpo, ensaboando os cabelos e sabendo que finalmente ficaria livre do fedor e dos piolhos de Lewins Mead.

Usando um pequeno tronco como boia improvisada, descobriu que conseguia nadar, e nunca na vida se sentira tão bem quanto ao flutuar naquela lagoa, os membros acariciados e estimulados pela água fria e clara. Permaneceu ali por tanto tempo que, quando finalmente saiu, com os dedos das mãos e dos pés enrugados, suas roupas estavam quase secas. Sentiu-se renascida, com o cabelo sedoso e a pele corada, e prometeu a si mesma que no futuro viveria junto da água para que pudesse se banhar com frequência.

Mais tarde, de volta ao abrigo, mirou-se no pequeno espelho que Gussie lhe dera ao chegar em Lewins Mead. Seus cabelos estavam brilhantes e ondulados como em Briargate. O rosto voltara a ficar rosado e seus olhos cintilavam. Por umas duas horas, até conseguiu pensar unicamente em seu próprio futuro, em vez de ficar presa ao passado, e ocorreu-lhe, então, que Gussie e Betsy não veriam isso como uma traição, mas ficariam contentes por ela.

Daquele dia em diante sua vida passou a ter um novo objetivo. Muitas vezes, pegava-se chorando por seus amigos e sabia que levaria muito tempo para que as lembranças deles deixassem de ser dolorosas. Mas parou de desejar ter morrido com eles e resolveu se recuperar de tudo o que tinha passado com descanso, ar puro e comida. Tinha a sensação de que receberia um sinal quando chegasse o momento de recomeçar.

Deitada ali, ouvindo a chuva gotejando nas folhas, sentiu que esse era o sinal. Não tinha falado com ninguém além do homem de quem comprara comida e, mesmo assim, só perguntara o preço da mercadoria. Avistara outras pessoas atravessando o bosque, por isso mantinha-se afastada. No entanto, não podia se esconder naquele lugar para sempre; eram os últimos dias de agosto e a chuva daquele dia poderia ser o início do fim do verão.

Algo continuava lhe dizendo para ir até Royal York Crescent explicar por que não aparecera na última segunda-feira. Não tinha muita esperança de que a Sra. Toms ainda tivesse guardado para ela o emprego de criada, mas quem sabe daria essa sorte? Caso contrário, percorreria algumas fazendas para ver se alguém estava precisando de ajudantes para a colheita.

A chuva parou à tarde, e o ar estava muito mais fresco quando Hope reuniu seus pertences. Antes de se dirigir para a estrada que levava a Bristol, foi até a beira do desfiladeiro contemplar a vista. A chuva não tinha sido forte, mas deixara tudo reluzente. Um navio estava subindo o Avon com bom vento pela popa e deslizando ligeiro. Era a primeira vez que avistava dali um navio com as velas enfunadas, e isso era uma imagem bonita e auspiciosa.

Precisava saber o que estava acontecendo em Bristol, se a cólera havia reivindicado outras

vidas, e agradecer à Srta. Carpenter pelo médico. Lembrou que sua mãe sempre fazia muita questão de agradecer às pessoas que a ajudavam em momentos difíceis. Dizia que era uma forma de provar a elas que seus esforços tinham sido realmente apreciados. Hope também pretendia entrar em uma igreja e fazer uma oração de agradecimento por ter sido poupada da doença.

Quando Hope cruzou a ponte e chegou a Hotwells, o sol voltou a brilhar e a água da chuva já estava secando rapidamente no chão. Ela subiu a estrada íngreme da colina rumo a Clifton, admirando as muitas casas novas e bonitas no caminho.

Passara a conhecer bem aquela região enquanto vendia seus gravetos e, muitas vezes, quando estava com frio, cansada e com fome, costumava distrair a cabeça fingindo que era uma senhora rica que estava escolhendo uma casa para morar. Sua favorita era bem pequena em comparação com as vizinhas mais imponentes, pouco mais do que um chalé. Tinha uma porta vermelho-escura reluzente com uma aldraba de bronze em forma de cabeça de leão e cortinas de renda nas pequenas janelas.

Certa vez, bateu à porta e uma menina da idade dela veio atender. Não era uma criada; usava um lindo vestido azul com babados de renda no pescoço e nas mangas e tinha fitas prendendo os cabelos claros. Deu a Hope 6 pence por um feixe de gravetos e disse-lhe para ficar com o troco. Essa pequena gentileza aquecera Hope mais do que um jantar quente, e recordá-la era um lembrete de que a sorte podia mudar a qualquer momento. Talvez naquele dia lhe acontecesse algo de bom.

Quando Hope saiu da Regent Street e chegou ao Royal York Crescent, lembrou-se de seu espanto na primeira visita a Bristol ao ver que as pessoas moravam em casas coladas umas às outras. Seu pai explicou que eram construídas dessa maneira porque os terrenos eram muito caros nas cidades. Explicou-lhe que eram chamadas de terraços.

O Royal York Crescent, residência de algumas das pessoas mais ricas de Bristol, era um terraço mais do que especial devido à sua forma: uma longa extensão em curva de lindas casas de quatro ou cinco andares no alto da colina com vista para a cidade. Hope ficou encantada quando afinal foi levar o carvão no salão no número 5 e viu a vista das grandes janelas. Avistava os navios no porto, o pináculo de St. Mary Redcliffe e todo o trecho de Bedminster até as colinas de Dundry no horizonte. Pensou que, se fosse a dona daquela casa, ficaria o dia inteiro sentada à janela contemplando a vista.

Uma carruagem estava naquele exato momento parando na primeira casa, e Hope se deteve para olhar, simplesmente porque a carruagem tinha um brasão na porta semelhante ao de uma que ia de vez em quando a Briargate. Parada ali, viu um laçao de libré vermelha e dourada saltar e abrir a porta da carruagem.

Duas jovens senhoras saltaram. Uma estava toda vestida de cor-de-rosa, e a outra, de amarelo-claro; até os sapatos requintados combinavam com os lindos vestidos. Hope não quis passar por elas porque estavam rindo animadamente e receou que rissem dela, de repente percebendo quão miserável devia parecer a moças como aquelas. Seu vestido cinzento era quase um farrapo, suas botas estavam furadas e ela não tinha meias nem chapéu.

De repente, a porta da frente do número 1 se abriu e surgiu uma mulher muito mais velha vestida de seda de cor de lavanda, que desceu quase correndo os degraus para cumprimentar as moças. Pela expressão alegre em seu rosto e a maneira como estendeu os braços para abraçá-las, era óbvio que se tratava da mãe delas.

Lágrimas encheram os olhos de Hope ao se lembrar da mãe cumprimentando Nell daquele

mesmo jeito quando a irmã a visitava nas tardes de folga. Porém, era raro ver gente rica demonstrar tanto afeto em público.

As senhoras desapareceram na casa, e Hope seguiu seu caminho, mas a breve cena feliz desencadeou lembranças do dia do casamento de Nell. Rememorou sua mãe, seu pai e cada um dos irmãos e irmãs vestidos com suas melhores roupas, os rostos enfeitados com sorrisos. Lembrou-se de ter ouvido seu pai fazer um brinde. Ele disse acreditar que o casamento da filha mais velha seria o início de uma era dourada para a família.

Hope era muito nova, então, para entender o que ele queria dizer. Mas percebia agora que ele esperava que, um por um, seus filhos e filhas se casassem bem e, em pouco tempo, viessem netos para ele e Meg amarem. Contudo, seus pais já tinham ido embora e a família toda estava dividida e dispersa. E ela, a mais nova e em quem depositavam as maiores esperanças, era uma mendiga, reduzida a esfregar assoalhos em troca de comida.

– Você era esperada na última segunda-feira – disse a Sra. Toms, olhando por cima de seu nariz fino para Hope, que aguardava, nervosa, na entrada para os criados no porão.

Mary, a copeira, fora buscar a governanta a pedido de Hope. No entanto, assim que ela viu a Sra. Toms vir toda alvoroçada pelo corredor com a expressão contrariada de que lembrava muito bem, Hope deu-se conta de que fora um equívoco ir até lá.

– Os amigos com os quais eu morava estavam doentes e tive que cuidar deles – explicou Hope. – Achei melhor não vir aqui até ter certeza de que não estava doente também.

A Sra. Toms recuou, os olhos arregalados, as mãos se agitando no ar.

– Eles tiveram cólera?

Um pesado desânimo tomou conta de Hope. Teve vontade de mentir, mas descobriu que não conseguia. Então assentiu.

– Saia daqui! – A Sra. Toms balançava os braços como um ganso assustado. – Como ousa trazer essa doença imunda a esta porta? Saia, saia e não volte mais!

Hope achava que não podia estar infectada pela doença sentindo-se tão bem, mas não adiantava explicar, sabia que a Sra. Toms não lhe daria ouvidos. Não havia nada mais a fazer senão dar meia-volta e ir embora.

– Sua atrevida suja, você e sua corja estão espalhando essa praga por toda parte! – gritou a Sra. Toms às suas costas com a voz histericamente esganiçada. – Você deveria estar presa!

Com esse insulto, Hope não conseguiu conter as lágrimas e, quase cega por elas, correu pela Regent Street com a trouxa de seus pertences batendo-lhe nas pernas. Correu sem parar até chegar ao Downs, a vasta área ao ar livre para onde ia muitas vezes quando precisava de calma e solidão. Sob a sombra de uma grande árvore, deixou-se cair no chão, cobriu o rosto com as mãos e chorou sua dor.

Foi como se todas as injustiças que tinham sido amontoadas em cima dela desde o dia em que Albert a agrediu na casa do portão até aquele momento finalmente a derrubassem. Imagens de cada uma delas sucederam-se em sua mente: trôpega, saindo de Briargate sob chuva forte; chegando a Bristol tão fraca que mal sabia onde estava; acordando na manhã seguinte em meio à miséria e a sujeira de Lamb Lane. Reviu também as muitas vezes que lhe recusaram trabalho, a fome terrível que a forçou a roubar a torta de carne de porco. Depois, o trabalho de colher e vender gravetos, os pés cobertos de bolhas, a pele tão rachada e queimada pelo frio que chorava de dor. Tanta humilhação, as recusas sumárias e as portas batidas na sua cara.

Mesmo quando conseguiu trabalho em Clifton, era sempre tratada com desconfiança e

desprezo: ninguém estava realmente disposto a lhe dar uma oportunidade. Então, por fim, a única coisa boa em sua vida lhe foi arrebatada: seus dois amigos queridos.

Por quê? O que fizera para merecer tanto sofrimento?

Outras moças poderiam ter saído direto daquele quarto em Lamb Lane para trabalhar no número 5, sem se preocupar em estar ou não levando a cólera consigo. Mas ela não, ficou sozinha e assustada na floresta até ter certeza de que estava bem. Não se importava que a Sra. Toms não a deixasse voltar a trabalhar naquela casa, ela era mesmo uma mulher detestável, mas suas ofensas roubaram-lhe o último resquício de dignidade, e agora ela não tinha mais nada.

Bennett Meadows estava quase chegando em sua casa de Harley Place, no Downs, quando viu uma moça sentada debaixo de uma árvore. Voltava do Hospital St. Peter e sua cabeça ainda estava nas vítimas de cólera que acabara de atender e em quantas mortes mais poderiam ocorrer antes que a epidemia terminasse.

Mais de cinquenta pessoas tinham morrido na semana anterior, não apenas em Lewins Mead, mas no Butts e em Bedminster, e dois casos tinham sido registrados até nas casas imponentes da Queen's Square. Ainda não havia registro de casos de cólera em Clifton, pensava-se que por causa de sua localização elevada, bem acima de todo o miasma da área das docas.

O pânico mantinha as pessoas dentro de casa. Bennett percebeu que as ruas estavam silenciosas; as únicas lojas que tinham movimento constante de clientes eram as que vendiam produtos que as pessoas acreditavam que as protegeriam. Ele pessoalmente não achava que beber grandes quantidades de conhaque, queimar ervas ou encharcar lençóis em vinagre e pendurá-los em portas e janelas poderia atuar como defesa. Porém, presumia que as pessoas tinham que acreditar em alguma coisa.

A pose em que a jovem estava sentada, com a cabeça apoiada nos joelhos, alarmou-o. Se estivesse doente, precisava levá-la para o hospital antes que espalhasse o contágio por aquela região também.

– Está doente, senhorita? – perguntou quando se aproximou. Ficara muito mais cauteloso desde aqueles primeiros dois casos em Lamb Lane. Ainda que fosse impossível não tocar nos pacientes, ele evitava ao máximo e lavava as mãos vigorosamente depois. – Sou médico e posso conseguir ajuda se estiver doente.

A cabeça dela ergueu-se bruscamente à sua voz e, com enorme surpresa, viu que era Hope, a moça que vinha procurando avistar toda vez que descia à cidade.

– Hope? – perguntou ele, incrédulo. – É você?

Ela claramente estava chorando havia algum tempo. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, e ela o encarou como se nunca o tivesse visto antes.

– Sou o Dr. Meadows – explicou ele. – Fui visitar seus amigos quando estavam doentes.

Houve uma centelha de reconhecimento em seu olhar. Ela enxugou apressadamente os olhos na bainha do vestido e tentou sorrir.

– Não o reconheci – disse, a voz embargada pelas lágrimas. – Não o vi muito bem naquela noite.

– Não, imagino que não – respondeu ele, lembrando como estava escuro, e que ela colocara a vela junto dos pacientes, não perto dele. – Lamento muito que seus amigos tenham morrido. Cheguei lá por volta das dez horas naquela manhã, depois de você ter ido embora. Obrigado pelo bilhete. Mas, diga-me, o que houve agora? Você está doente?

– Não! – Ela balançou a cabeça, então se pôs de pé num pulo, tentando ajeitar os cabelos

com uma das mãos e limpar as lágrimas restantes com a outra. – Só estava aborrecida por causa de uma coisa que me disseram. Estou muito saudável. Pareço doente?

Bennett olhou de perto. Sua cor era boa, os olhos estavam brilhantes apesar das lágrimas e ela estava notavelmente limpa, os cabelos escuros lustrosos. Ficou de novo impressionado com a beleza dela, como em seu primeiro encontro; na verdade, parecia ainda mais bonita do que se lembrava.

– Não, não me parece doente, apenas infeliz – respondeu ele. – Gostaria de me contar o que aconteceu?

Hope olhou para o médico jovem e alto que a encarava fixamente e se perguntou por que se lembrava tão pouco da aparência dele naquela noite em Lamb Lane. Ela o reconheceu pela voz suave, profunda e bondosa, mas achou que deveria ter notado a cor de seus olhos, que eram de um castanho intenso feito veludo, e que sua tez era tão clara e corada como a de uma criança.

Ele era magro, com o rosto anguloso e bastante sério, e o bigode escuro parecia estranho em seu rosto, contrastando com o cabelo claro. Não era exatamente bonito, mas tinha um rosto agradável e, como ter retornado a Lamb Lane naquele domingo mostrava que se preocupara de fato, achou que deveria conversar com ele.

– Deus do céu, você não vai querer ouvir meus problemas! – exclamou, para esconder seu desconforto ao ser apanhada chorando em um lugar público. – Tenho certeza de que tem um bocado de doentes com que se preocupar sem que eu tome seu tempo.

– Posso dispor de tempo para uma enfermeira tão boa quanto você.

A severidade de seu rosto desapareceu com o sorriso. A boca era larga e de lábios cheios, ela reparou, e ele tinha bons dentes.

– Eles eram meus amigos, eu tinha que cuidar deles. – Ela corou e desviou o olhar. – Mas, diga-me, a doença se espalhou? Fui para o bosque e só voltei hoje, então não sei o que está acontecendo.

– Infelizmente, agora é uma epidemia em grande escala – disse Bennett com gravidade. – Houve muitas mortes e a cada dia o número cresce. Mas não quer ir até ali e sentar-se comigo? – Ele apontou para uma grande árvore derrubada a uns vinte metros de onde estavam. – Fiquei muito tempo em pé e quero descansar um pouco.

Hope nunca precisara tanto de uma palavra gentil e de um rosto amigável, assim fez o que ele pediu. Ele contou sobre as terríveis condições do Hospital St. Peter e sua preocupação de que a doença pudesse se espalhar para além daquela região.

– Mas chega deste assunto. Desejo realmente saber o que a trouxe hoje a Clifton, e o que aconteceu que a fez chorar.

Hope explicou o que acontecera quando ela fora ao Royal York Crescent, e como a Sra. Toms a ofendera.

– Foi demais para mim ela ser tão grosseira. Eu não merecia isso, entende?

– Não, não mesmo, depois de tudo o que passou – disse o médico pensativo. – Mas as pessoas estão com medo, Hope; isso as impede de pensar em alguém além de si. A cólera é uma doença muito misteriosa: vem, mata ao acaso e depois desaparece tão repentinamente quanto chegou. Até já ouvi a chamarem de Praga do Diabo, porque dizem que leva os bons e os puros e deixa os canalhas em paz.

– Espero que você seja um canalha, então – disse Hope, e deu uma risadinha.

– Meu tio acha que sou – respondeu Bennett, sorrindo para ela. – Ele está consternado



porque o sobrinho para quem pagou o curso de medicina está deliberadamente cortejando a doença indo ao St. Peter todos os dias. Ele acha que eu deveria me ocupar com pessoas que podem me pagar.

– Eu também não paguei você.

Hope corou de vergonha.

– Não pedi dinheiro. Deu para perceber qual era a situação. Mas, diga-me, Hope, como você foi parar em Lewins Mead? Posso afirmar por seu modo de falar e suas boas maneiras que não é daquele lugar.

Hope contou-lhe a mesma história cuidadosamente editada que contara a Gussie e Betsy ao chegar a Bristol; que ela tinha se desentendido com o cunhado. Muitas vezes desejou ter coragem de contar a eles toda a verdade, mas nunca o fez; tinha muito medo que a ardorosa Betsy insistisse em ir a Briargate para vingá-la.

– Quantos anos você tem, Hope? – perguntou Bennett, estranhamente, sem comentar a história.

– Dezesete, senhor. – Porém, temendo que ele a interrogasse ainda mais, mudou de assunto. – Sabe para onde os corpos dos meus amigos foram levados?

Bennett sabia que eles tinham ido para uma sepultura coletiva perto do rio e nos limites da cidade, juntamente com as outras vítimas que tinham morrido naquele dia. Sabia também que os corpos foram cobertos com uma camada de cal virgem e enterrados sem a dignidade de uma oração. Mas não podia dizer isso a ela.

– Acredito que foram para o cemitério de St. James – mentiu. – Mas tantos mais adoeceram naquele dia que não posso afirmar com certeza.

Ela assentiu como se estivesse satisfeita com a resposta.

– Não tem medo de pegar essa doença? – perguntou ela, surpresa que ele se sujeitasse a ir até St. Peter, porque era um hospital só no nome, um lugar terrível que recebia os insanos, os muito velhos e os órfãos.

– Sim, tenho medo – admitiu ele. – Mas não poderia dizer que sou médico e me recusar a tratar qualquer paciente que sofra de um mal contagioso, não acha?

– O médico não foi ver meus pais quando eles tiveram tifo. Mas o reverendo Gosling foi, e isso significou muito para mim.

De repente, viu-se contando a ele sobre como cuidara dos pais.

– Isso explica por que você é uma ótima enfermeira – disse ele. – Se tivéssemos enfermeiras como você tanto no St. Peter quanto no Hospital Geral, talvez não perdêssemos tantos pacientes. Há algumas Irmãs de Caridade que são ótimas enfermeiras, mas o resto!...

Ele deu de ombros e fez um gesto desanimado com as mãos.

Hope sabia o tipo de mulheres a que ele se referia. Velhas sórdidas, de modo geral, que não conseguiam nenhum outro trabalho e viam naquilo uma alternativa ao asilo de pobres. A maioria era alcoólatra, e muitas roubavam dos doentes. Com enfermeiras assim, não era surpreendente que poucas pessoas fossem voluntariamente para o hospital.

– Preciso ir – disse ela, levantando-se. – Vou tentar conseguir algum trabalho ajudando com a colheita.

– Você pode fazer mais do que trabalhar na lavoura. Vou ver se consigo algo melhor para você?

– Por que faria isso? – perguntou Hope, surpresa. – Decerto não lhe agradaria apresentar alguém como eu aos seus amigos refinados.

Ele se levantou e olhou para ela, segurou-lhe o queixo e inclinou-o para que pudesse ver

melhor o seu rosto.

– Se isso significa amigos ricos ou influentes, não tenho nenhum – disse ele com um leve sorriso. – Mas meu tio, que também é médico, tem muitos pacientes bem-sucedidos que podem precisar de uma boa enfermeira. Foi em pessoas como essas que pensei.

– Eu, enfermeira? – ela inclinou a cabeça para o lado, olhando-o com atenção. – Eu não saberia o que fazer.

– Você se saiu muito bem com seus amigos – disse ele. – A maior parte do trabalho de enfermagem é manter o paciente limpo e confortável, e providenciar para que receba o alimento certo e tome seus remédios. Sei que você seria capaz de fazer isso e, se houvesse algo que necessitasse de mais habilidades médicas, eu poderia orientá-la a respeito.

– Mas olhe para mim! – exclamou ela, apontando para o vestido andrajoso. – Ninguém vai querer uma pessoa com essa aparência como enfermeira.

– Acho que ficariam encantados pelo seu rosto bonito e sua voz suave – disse Bennett com um sorriso. – Mas um vestido novo e um avental limpo podem fazer você se sentir mais confiante. Tenho certeza de que a governanta do meu tio poderia resolver isso. Venha, vamos falar com ele.

– Por que faria isso por mim, senhor?

Hope achava que podia confiar nele, mas Betsy havia lhe prevenido sobre homens que só queriam usar as moças.

– Porque sei que você daria uma boa enfermeira. E porque acho que você e eu temos mais coisas em comum do que imagina.

Ela o olhou com curiosidade, incapaz de acreditar que um cavalheiro como ele tivesse algo em comum com ela.

Ele sorriu.

– Minha mãe ficou viúva quando eu ainda era criança. Não tinha dinheiro e precisava trabalhar como costureira para alimentar meu irmão mais novo e eu. Meu tio Abel era seu cunhado, e foi ele quem pagou meus estudos. Sem isso, eu não seria médico hoje. Porém, não foi fácil para mim. Posso não ter passado fome como você, nem sido obrigado a viver num lugar como Lamb Lane, mas tive que aguentar ser o parente pobre, demonstrar gratidão o tempo todo e acatar as vontades do meu tio à custa de meus próprios desejos e necessidades.

– Quer dizer então que não queria ser médico?

– Não, isso eu adoro – respondeu ele. – Mas sou um peixe fora d'água no meio social dele. Não gosto nem aprovo muitas das pessoas com as quais meu tio espera que eu conviva. Há hipocrisia demais, muita mesquinha e ignorância. E pouca compaixão pelos menos afortunados.

Hope assentiu, gostando mais daquele médico estranho a cada minuto.

– Você parece uma versão elegante de Betsy – disse ela com um sorriso. – Acho que teria gostado dela.

– Será que ela ia querer que você se tornasse enfermeira? – perguntou ele.

– Céus, não! – Hope riu. – Ela era muito independente para aprovar qualquer trabalho que envolvesse receber ordens. Mas pensaria que um médico com coragem suficiente para entrar em Lewins Mead deveria ter algo especial. Eu também acho.

– Então, você me acompanhará à casa do meu tio? – Ele se virou e apontou para as residências elegantes voltadas para os Downs. – É perto, ali em Harley Place.

Hope olhou para a casa, a esperança de que aquilo levasse a algum trabalho de que pudesse se orgulhar falou mais alto do que sua cautela.

– Vou com você– respondeu. – Mas, se ele for rude comigo, vou embora. Nunca mais vou deixar que falem comigo como a Sra. Toms fez hoje.

– Ela é bonitinha, reconheço – disse Abel de má vontade. – Mas é orgulhosa, e isso não vai combinar muito com meus pacientes.

Bennett estava com seu tio na sala de estar do primeiro andar, um aposento de belas proporções com janelas compridas e elegantes, um candelabro reluzente e excelentes tapetes persas, mas o efeito era prejudicado pelo excesso de móveis. Poltronas e sofás grandes, volumosos, disputavam o espaço com lustrosos *chiffoniers* pesadamente entalhados, mesas laterais, estantes e uma ampla escrivaninha.

A sala refletia a aparência de Abel, um homem de 60 anos, ele também cheio demais, baixo e barrigudo, com uma inclinação para coletes florais que muitas vezes rivalizavam com o colorido intenso de sua pele e de suas calças axadrezadas. Alice, a sofredora mas adorável governanta de longa data, frequentemente tentava convencê-lo de que ele parecia mais um artista de circo do que um médico eminente, mas a explicação dele para seu gosto exuberante era que, na natureza, o macho da espécie tinha a plumagem mais colorida e viva. Bennett, por sua vez, achava, em seu íntimo, que se tratava de um estratagema para ostentar riqueza e posição.

Harley Place fora construída durante o período georgiano, quando o comércio de escravos florescia e os comerciantes ricos desejavam escapar do barulho e da sujeira de Bristol. Abel herdou dinheiro suficiente do pai, proprietário de navios, para se instalar ali com um consultório no térreo quando ainda era jovem. Mary, sua esposa, era muito bem relacionada, e então, logo depois que a placa de bronze foi pregada na porta, os amigos dela acorreram à clínica em grande número. Infelizmente, Mary morreu no parto cinco anos depois, seu filho nasceu morto e Abel nunca mais se casou.

Alice morava no porão com duas criadas e, embora Abel nunca admitisse que eram mais do que criadas, as três se tornaram parte da família. Bennett às vezes tinha a impressão de que Abel era mais próximo delas do que de seu sobrinho e assistente.

– Ela dará uma enfermeira de primeira, pode apostar – disse Bennett com firmeza.

Achara graça em Hope ter se recusado a bajular Abel; ele era um homem que normalmente intimidava a maioria das pessoas num primeiro encontro.

Mas Hope saíra-se muito bem. Olhou-o direto nos olhos do tio e explicou que sabia ler e escrever, que tinha sido treinada para o serviço doméstico e sabia cozinhar e costurar. Também relatou em detalhes a morte dos pais acometidos pelo tifo e deixou bem claro que compreendia a necessidade de uma higiene rigorosa no quarto dos enfermos.

– Se você é um exemplo de virtude, por que estava morando num cortiço? – perguntou Abel abruptamente.

Bennett percebeu que seu tio suspeitava que ela fosse uma prostituta, e achou que Hope se atrapalharia com a pergunta capciosa.

– Porque, quando não se tem dinheiro, é preciso buscar abrigo onde é possível – disse ela secamente. – O que não significa que eu tenha caído nos maus caminhos do bairro.

Àquela altura, Abel tocou a campainha para chamar Alice e pediu-lhe que levasse Hope para o porão enquanto ele conversava com Bennett. A seu favor, ele não submeteu Hope a mais constrangimentos dando ordens a Alice para que se lavasse e recebesse roupas limpas, mas Alice era uma mulher de bom coração, e Bennett sabia que ela faria isso de qualquer maneira, mesmo que mais tarde dissessem à moça para ir embora.

– Você vive lamentando a falta de boas enfermeiras em St. Peter’s – disse Abel enquanto se afastava para se servir uma dose de conhaque. – Então a leve para lá.

– Não posso pedir que se arrisque a esse ponto – retrucou Bennett, horrorizado.

– Ela sobreviveu cuidando dos amigos – alegou Abel, dando de ombros. – Você parece ter evitado o contágio também.

– Não sei se isso é apenas sorte ou o cuidado rigoroso que tomei para evitar um contato próximo com as vítimas. Se é sorte, pode acabar.

Ele havia tomado todas as precauções imagináveis para evitar trazer a doença para casa. Manteve um jaleco no hospital que só usava lá, fazia questão de se manter distante de Abel e das criadas quando voltava e lavava as mãos até ficarem quase em carne viva.

– Teste a coragem dela pedindo que vá! – instou Abel com dureza. – Se estiver disposta a ir, depois procuro algo mais suave para ela.

Bennett sabia como funcionava a cabeça de seu tio. Ele não era de fazer caridades, e era desconfiado e intolerante. Achava que Bennett devia estar interessado na moça e que a exigência talvez a fizesse debandar, quase certamente o que ele esperava que acontecesse. No entanto, Bennett não acreditava que ela fugiria; sua bondade inata a faria querer ajudar aquelas pobres almas.

Ele semicerrou os olhos, visualizando as enfermarias imundas e superlotadas de St. Peter, que exalavam o sofrimento mais pavoroso. Já tivera mais do que sua parcela de sofrimento, era justo dar-lhe mais? Pedir-lhe que arriscasse sua vida pela honra duvidosa de talvez mais tarde ser promovida a enfermeira de uma velha e rica senhora idosa que não lhe daria valor? Não seria melhor deixá-la ir procurar trabalho em uma fazenda? Poderia encontrar amor e felicidade por lá.

Mas rememorou a maneira orgulhosa como enfrentara Abel, o rosto lindo como uma manhã de primavera, e sabia que desejava mantê-la em sua vida de alguma maneira.

Hope parou na curva da escada, paralisada por sua imagem refletida no espelho comprido à frente.

Não tinha lembrança de conseguir se ver em um espelho de corpo inteiro desde criança, quando ia brincar com Rufus em Briargate. Naturalmente, olhava seu rosto num espelho de mão todos os dias, e se via refletida nas vitrines das lojas, mas essas imagens nunca eram nítidas, e ela sempre desviava o olhar, pois não queria se lembrar de como estava andrajosa e malcuidada.

No entanto, ali diante dela estava a moça que ansiava ser havia tanto tempo. O cabelo estava trançado e enrolado em torno da cabeça. O vestido que Alice, a governanta, lhe dera era um vestido de criada, azul-marinho com gola e punhos brancos, e estava calçando botas engraxadas. Se levantasse o vestido um ou dois dedos acima dos tornozelos, notava-se a renda na bainha de uma anágua de algodão e meias pretas.

Não tinha como agradecer a Alice por essa transformação, que se dera de forma tão gentil e diplomática que Hope nem se sentiu envergonhada. Alice explicou que as roupas e as botas pertenciam a uma criada que saíra para se casar alguns anos antes e eram muito pequenas para qualquer outra pessoa.

Foi esse tamanho pequeno que surpreendeu Hope mais do que tudo. Nunca tinha percebido que era tão magra. O seu vestido antigo tinha sido de Nell, e era tão largo que suas formas verdadeiras ficavam escondidas. Alice comentou sobre sua cintura minúscula e, rindo, acrescentou que todas as senhoras de Clifton ficariam com inveja. Também disse que Hope tinha cabelos e olhos lindos, e que entendia por que o Dr. Meadows ficara tão preocupado com ela quando descobriu que tinha saído de Lewins Mead.

Era maravilhoso sentir-se respeitável novamente, mas aqueceu-a por dentro saber que causara tanta impressão no médico a ponto de ele se preocupar com ela. Nem tinha mais medo de voltar à sala de estar para saber se o Dr. Cunningham decidira ou não aceitá-la como enfermeira. Ter-se lavado com água quente, estar com as unhas limpas e cortadas e de roupas novas a fazia sentir-se capaz de lidar com qualquer coisa.

Alice comentou que ele era como um cão que ladra e não morde, mas isso porque havia perdido a esposa e o filho bebê. Acrescentou que a melhor maneira de lidar com a aspereza dele era respondendo à altura.

– Ele gosta de um pouco de força de caráter – foi como Alice o definiu.

Bem, Hope sentia-se animada. Não estava inteiramente certa se queria mesmo ser enfermeira, mas lavar e alimentar idosas era certamente melhor do que trabalhar em uma fazenda, ou vender flores ou lenha. Além do mais, ela estava em dívida com o Dr. Meadows por lhe dar uma oportunidade. Portanto, não pretendia decepcioná-lo.

Subiu as escadas, mas, quando se aproximou da porta do salão, ouviu vozes exaltadas e se perguntou se os dois estariam discutindo por causa dela. Bateu assim mesmo, e pouco depois o Dr. Meadows abriu.

– Entre, Hope. Alice cuidou bem de você – disse ele, sorrindo e apreciando sua aparência. Contudo, teve a sensação de que o rubor no rosto dele era de irritação por algo que seu tio

dissera.

O Dr. Cunningham estava de costas para a lareira. Olhou para ela com uma expressão azeda e não fez qualquer comentário sobre sua aparência.

– Então acha que tem jeito para ser enfermeira, não é?

Isso parecia sarcasmo, e ela não teve muita certeza de como deveria responder.

– Não tenho certeza, senhor – respondeu ela, juntando as mãos na frente do corpo. – Mas vou me esforçar.

– Para provar que é capaz, você quer dizer? – retrucou ele num grunhido.

– Sim, senhor.

Ela olhou para o médico mais jovem, observando que ele parecia visivelmente nervoso.

– Então vou colocá-la num lugar onde seu caráter e sua habilidade serão testados – disse ele. – Esta noite, meu sobrinho vai retornar ao Hospital St. Peter, você o acompanhará e ele a apresentará à enfermeira-chefe. Como tenho certeza de que o Dr. Meadows já lhe contou, eles precisam urgentemente de enfermeiras.

O ânimo de Hope despencou. Se o Dr. Cunningham dissesse que a mandaria para o Hospital Geral junto à Bedminster Bridge, teria ficado assustada, mas não horrorizada porque era um hospital novo e considerado bom. Mas o St. Peter era visto com o mesmo pavor que a força. Era fato bem conhecido que a maioria dos que entravam por suas portas saíam em um caixão, e havia uma abundância de boatos sobre as barbaridades e a sordidez de lá.

Hope estava prestes a retorquir que preferia voltar a viver no bosque quando notou um brilho astuto nos olhos do velho médico. Naquele instante, percebeu de que maneira ele decidira testá-la. Esperava que ela recusasse; dessa forma, teria justificativa para mandá-la embora de sua casa e da vida de seu sobrinho.

– Não posso dizer que esteja grata por essa oportunidade – disse ela com toda a dignidade que conseguiu demonstrar. – Mas como sei que deseja me testar, então vou e provarei que tenho alguma habilidade.

– Não é necessário – retrucou o Dr. Meadows e, quando ela se virou para olhá-lo, viu a consternação estampada em seu rosto. – St. Peter é o próprio inferno; não há outra palavra para defini-lo. E com a cólera se espalhando, você vai estar em perigo.

– Bennett! – exclamou o Dr. Cunningham em tom reprovador. – Não admito que faça essas observações sobre nosso hospital; o conselho de saúde gastou muito dinheiro para melhorar as condições dele nos últimos anos.

– O senhor não põe os pés lá dentro desde as revoltas de dezoito anos atrás – retrucou o rapaz. – Se o tivesse feito, saberia que o dinheiro destinado ao hospital foi desviado por conselheiros municipais espertos para seus projetos pessoais. Tudo que eu queria era que o povo de Bristol se revoltasse novamente e destruísse St. Peter da mesma maneira como destruiu a prisão da última vez.

– Você era criança durante as revoltas. O que ouviu foi muito distorcido – protestou o Dr. Cunningham.

– Eu estava aqui – recordou Bennett, com frieza. – Lembro que o senhor voltava coberto de sangue de tanto tratar os ferimentos dos que eram retalhados pelos sabres da cavalaria. O senhor chorou por causa da carnificina e das terríveis condições no hospital. Se o que ouvi foi distorcido, ouvi do senhor!

– Basta! – O velho ergueu a mão para calar o sobrinho. – Nada disso é relevante. Você trouxe essa moça hoje aqui porque acreditou que ela poderia ser enfermeira. Aqueles pobres coitados no hospital precisam muito mais de uma boa enfermeira do que uma viúva rica com

gota. Digo que ela deve ir para onde é necessária.

Naquele momento, Hope percebeu que tipo de relação havia entre os dois homens. Cunningham provavelmente já havia sido tão compassivo e dedicado quanto o sobrinho, mas a idade e talvez a prosperidade o tinham mudado. No entanto, o que ele dizia fazia sentido, mesmo que fosse uma hipocrisia mandá-la para um lugar onde ele próprio não poria o pé.

Hope sabia que esvaziar os urinóis de uma velha rica e possivelmente rabugenta nunca lhe daria qualquer satisfação ou ensinaria algo novo. Entretanto, ela tinha afinidade com os pobres, e se pudesse lhes oferecer um pouco de conforto em suas últimas horas, já valeria a pena.

– Vou trabalhar como enfermeira em St. Peter, sim – disse Hope, levantando o queixo com ar de desafio, olhando diretamente para o Dr. Cunningham. – E vou me tornar a melhor enfermeira de lá, o senhor vai ver. Mas não pense que vou para lá porque o senhor ordenou. Vou porque quero!

– Você é uma mocinha espreitada – respondeu ele, mas seu tom era mais suave agora, quase divertido. – Agora, desça porque meu sobrinho precisa descansar antes de voltar ao hospital esta noite e você deve estar precisando de uma boa refeição quente.

Naquela noite, em segurança na carruagem do Dr. Cunningham, Hope contemplou o Hospital de St. Peter com certo nervosismo, enquanto o Dr. Meadows entrava para falar com a enfermeira-chefe.

Na escuridão, avistava pouco mais do que a porta da frente, iluminada por duas lâmpadas, mas já vira o lugar muitas vezes à luz do dia e sabia que sua aparência atraente não correspondia à situação miserável de seus ocupantes.

Era um belo prédio antigo, com uma das fachadas mais ornamentadas de toda Bristol, e no passado Hope tivera curiosidade de descobrir um pouco de sua história.

A família Norton mandara construir em 1600 a mansão em estilo enxaimel para substituir sua casa anterior, e a guarneceu de detalhes decorativos elaborados, com suportes, tábuas de empenas e trabalhos de gesso esculpidos. Naquela época, sua localização diante da igreja de St. Peter e com o porto flutuante junto à Bristol Bridge ao fundo teria sido muito agradável, mas Hope desconfiava que os Nortons haviam se mudado quando o rio passou a ser um esgoto a céu aberto.

No fim do século XVII, foi a Casa da Moeda por um tempo, depois foi comprada pelo Conselho de Assistência aos Pobres de Bristol para ser um asilo.

Betsy sempre ficava muito ressabiada ao se aproximar daquele lugar por causa dos lunáticos trancados lá dentro. E também dizia que a construção era assombrada. Hope achava que talvez ela tivesse razão, pois o hospital ficara superlotado na epidemia de cólera de 1832 e centenas de pessoas tinham morrido lá. Pelo que Bennett contava, não se podia esperar que as condições tivessem melhorado.

Em Bristol, quase todo mundo concordava que St. Peter era mesmo o fim da linha para quem tivesse a infelicidade de ser levado para lá.

Era tentador fugir enquanto ainda era possível, mas sua teimosia não lhe permitiria dar ao Dr. Cunningham a satisfação de saber que ela tinha escapulado como um ladrão no meio da noite.

No entanto, cerca de meia hora depois, sozinha com a irmã Martha, a enfermeira-chefe, Hope

ofegou involuntariamente, horrorizada, quando entrou na enfermaria da cólera, onde começaria a trabalhar às seis da manhã no dia seguinte. Seu primeiro pensamento foi que aquilo era o inferno na terra.

Cerca de trinta homens, mulheres e crianças estavam em uma sala escura, úmida e malcheirosa, de tamanho apropriado para metade desse número. Não havia camas; estavam deitados na palha contaminada com vômitos e excrementos ou sentavam-se amontoados contra as paredes. À luz fraca de dois lampiões, ver os olhos cheios de dor que se voltavam para ela era como vislumbrar as almas perdidas de que o reverendo Gosling costumava falar em seus sermões de fogo e condenação. O som do choro, dos gemidos e das súplicas por ajuda apertaram o coração de Hope.

– Pouco podemos fazer para ajudar os pobres coitados – disse a irmã Martha, agarrando o grande crucifixo de madeira que pendia da cintura de seu hábito, como se pudesse protegê-la. – Desde que essa epidemia começou, nenhum dos que foram trazidos para cá se recuperou. Muitos desses aí estarão mortos pela manhã.

Ela fez Hope sair rapidamente, fechando e trancando a porta da ala atrás de si. Explicou que isso era necessário, pois alguns dos doentes ficavam tão desorientados que tentavam fugir. E também salientou que o novo Hospital Geral na Guinea Street se recusara a receber casos de cólera.

Hope viu duas mulheres idosas oferecendo água aos pacientes, arrastando os pés. Mas teve a sensação de que, no momento em que a porta se fechasse, elas se retirariam para a saleta adjacente, que, segundo a irmã Martha, abrigava o fogão e a pia, e apanhariam suas garrafas de gim.

A irmã Martha era uma mulher irlandesa robusta, de meia-idade, com um sinal de nascença vermelho-vivo num lado do rosto. Essa marca talvez tivesse sido o que a levava a se juntar às Irmãs de Caridade e o motivo de sua compaixão pelos outros, mas Hope achou que ela deveria ser mais firme com os que cuidavam dos doentes, pois era evidente que estavam fazendo muito pouco.

– Eu me desespero com as condições daqui – admitiu a irmã Martha em seu suave sotaque irlandês. – As enfermeiras bebem demais e roubam o láudano dos doentes. Os serventes hospitalares devem, é claro, manter a enfermaria limpa, mas são débeis-mentais ou ex-prisioneiros, e têm muito medo de serem infectados.

– Que comida se dá aos doentes? – perguntou Hope.

A irmã Martha suspirou com ar cansado.

– Mandam mingau da cozinha, mas, quando estão muito fracos para comer sozinhos, ficam sem comer.

O imponente saguão revestido de painéis de carvalho e a escadaria de acesso ao andar seguinte revelavam como aquele lugar devia ser grandioso quando era uma residência familiar. Aquela parte, pelo menos, era razoavelmente limpa, ainda que cheirasse mal, e os pisos estavam maltratados pelo desgaste causado por milhares de botas pesadas que tinham passado por ali ao longo dos anos.

Irmã Martha apontou para grandes portas fechadas no lado oposto do saguão e disse que os velhos, indigentes e órfãos ficavam naquela parte do prédio, juntamente com a cozinha.

Era muito sombrio, a única luz vinha de uma lâmpada a óleo pendurada no teto por uma longa corrente, mas a irmã Martha apanhou uma das várias lâmpadas menores que estavam em



uma prateleira, acendeu-a e disse a Hope que a seguisse escada acima para lhe mostrar onde ela iria dormir.

E continuou falando sem tomar fôlego, mas muito do que disse sobre as salas de cirurgia e enfermarias Hope não absorveu. No primeiro patamar, apontou para uma porta fechada e disse que os lunáticos ficavam lá dentro. Porém, acrescentou, talvez pressentindo o medo de Hope, que não precisava se assustar com a sua presença porque ficavam trancados e os serventes cuidavam deles.

Considerando-se que deveria haver dezenas, senão centenas, de pessoas no prédio, Hope achou-o surpreendentemente silencioso. Havia sons de sapatos pesados nos pisos de madeira, uma ou outra voz alta, um bebê chorando e alguns fracos soluços, mas não o tumulto que esperava. Ela conjecturou se seria porque dispensavam láudano a todos os importunos. E também se perguntou por que não tinha visto nenhum outro membro da enfermagem além da irmã Martha e das duas mulheres idosas na enfermaria da cólera. Eram mais ou menos oito e meia, certamente muito cedo para todos terem se retirado para dormir?

Quando se aproximaram do último andar, a irmã falou sobre o Dr. Meadows.

– Esse homem é um santo, com certeza – disse ela efusivamente. – Preocupa-se com todos, hoje de manhã mesmo ele me disse: “Irmã Martha, a senhora precisa descansar ou vai acabar se tornando uma das minhas pacientes.” Mas então, sendo seu primo, você já deve saber disso, não é, querida?

Hope ia dizer que ela estava enganada, mas a irmã Martha não lhe deu tempo.

– Ele disse que você já tem experiência com a cólera. Nota-se que tem muito orgulho de suas habilidades como enfermeira. E você deve ter a coragem de um leão para querer nos ajudar aqui.

Hope entendeu por que o médico conversara em particular com a irmã Martha. Ele devia ter imaginado que, dizendo que Hope era sua parente, ela teria uma vida mais fácil ali.

– Eu tenho a coragem de um rato – replicou, e sentiu que era verdade porque não se atrevia a contradizer o que o médico tinha dito, quando a intenção dele fora tão bondosa. – Espero me sentir mais destemida amanhã de manhã.

Talvez fosse também por causa do Dr. Meadows que Hope teve um quarto só para si. Era um aposento pequenino parecido com uma cela, sob o beiral do telhado, pouco maior do que o catre estreito. No entanto, como esperava condições semelhantes aos dos pacientes, seu ânimo melhorou consideravelmente. Havia lençóis limpos na cama e uma porta que ela podia trancar por dentro. O quarto estava abafado; mesmo à luz fraca da vela, viu que as paredes estavam sujas e talvez houvesse insetos no colchão, mas, depois de Lamb Lane e de seu acampamento improvisado na floresta, parecia um palácio.

Antes de se despedir, irmã Martha deu-lhe um uniforme – um vestido marrom áspero e sem forma –, dois aventais de linho e duas toucas de enfermeira.

Enquanto o som das botas de Martha recuava pela escada, Hope sentou-se em sua nova cama, sentindo-se de repente muito sozinha e insegura.

O hospital inteiro era muito assustador; o silêncio sepulcral, as muitas portas trancadas, a ausência de funcionários e até a antiguidade do prédio. Ela estava muito consciente de que seria forçada a presenciar e lidar com sofrimentos hediondos, muito piores do que tudo o que já experimentara. Duvidava que houvesse mais alguém ali que pudesse se tornar seu amigo e sabia que o trabalho seria extenuante. Porém, com o ferrolho na porta e o arco dourado da luz da vela fazendo seu pequeno quarto parecer quase aconchegante, lembrou a si mesma que tivera uma sorte extraordinária em se encontrar com o Dr. Meadows. Ao deixá-la no hospital, ele lhe

entregou uma sacola de algodão, explicando que Alice pedira que lhe desse aquilo quando estivessem lá.

– Para um pouco de conforto – disse ele com um sorriso. – Ela me pediu para lhe dizer que guardou seus outros pertences em lugar seguro, pois não vai precisar deles aqui, que deseja que tudo corra bem e que espera vê-la novamente em breve.

Hope teve vontade de olhar o que a sacola continha de imediato, mas a irmã Martha a levou consigo antes que ela sequer pudesse despedir-se direito do médico, que dirá examinar o conteúdo da sacola. Mas estava contente em poder desfrutar desse prazer naquele momento, pois a ajudaria a não pensar no que iria acontecer na manhã seguinte.

A primeira coisa que encontrou foi um xale axadrezado azul, e seus olhos se marejaram com a consideração de Alice, porque ela não tinha nada para usar quando o inverno chegasse. Além disso, havia uma camisola de flanela, outra anágua e um par de meias. Havia uma escova para cabelo, um pente novo, uma toalha e também uma caixa de grampos de cabelo. No fundo, havia uma lata cheia de biscoitos caseiros feitos pela governanta, algumas velas e um castiçal de esmalte.

Hope não conseguiu conter as lágrimas. Tinha gostado da mulher gorducha e maternal e sentira-se muito à vontade com ela na cozinha, mas esses adoráveis e práticos presentes davam a entender que ela ganhara o afeto de Alice.

O dia fora longo e cansativo, mas agora ela estava certa de que sua sorte mudara para melhor. Conseguira um ofício, um lugar para morar e pessoas que se preocupavam com ela.

Embora fosse verdade que estaria fazendo um trabalho que ninguém mais queria fazer, e que poderia morrer, pelo menos era uma forma de recuperar a autoestima. Amanhã seria um novo começo para ela, e talvez com o tempo pudesse pensar em entrar em contato com Nell e o resto da família.

No dia seguinte ao meio-dia, Hope já não pensava que o trabalho era um novo começo, mas sim um retrocesso. Quando se apresentou às seis da manhã, quatro pessoas tinham morrido durante a noite, entre elas um menino de 6 anos. Observou com horror abjeto dois serventes despirem os cadáveres de todas as peças de roupa e, então, manipulando seus corpos nus como se fossem postas de carne, levarem-nos pelo corredor até o quintal e os jogarem numa carroça aberta. Foi-lhe dito que estavam sendo levados para o Poço.

Ninguém veio lhe dar instruções. As duas velhas que tinha visto na noite anterior foram embora quando ela chegou, substituídas por outras duas mulheres igualmente velhas e sujas, que se apresentaram como Sal e Moll. Sal era muito miúda e banguela, o que fazia parecer que o rosto dela estivesse desmoronando por dentro. Moll era uma mulher bem maior com um nariz vermelho e bulboso, e os cabelos grisalhos que apareciam por baixo de sua touca estavam tão emaranhados que pareciam meadas de lã remendada.

Eram amigáveis, mas pareciam completamente alheias às necessidades dos doentes na enfermaria. Quando Hope perguntou se deveriam limpar a área onde os mortos tinham estado, caíram na gargalhada.

– Não nos incomodamos com nada disso – respondeu Moll. – A carroça vai voltar com mais daqui a uma hora. Não vale a pena limpar um lugar que outro doente vai sujar de novo. Agora vamos ali para o fundo tomar uma xícara de chá.

Hope queria muito uma xícara de chá, e a saleta que elas chamavam de “o fundo” era muito mais convidativa do que a enfermaria, com um fogão, uma pia, mesa e cadeiras e uma janela que

se abria. Mas ela não podia simplesmente se sentar e tomar chá sabendo que mais gente doente chegaria em breve.

Em um rápido reconhecimento do quintal no final do corredor onde o carroceiro entrou, ela descobriu que havia palha limpa debaixo de um telheiro. Havia também um braseiro com as roupas daqueles que haviam sido trazidos antes, que obviamente seriam queimadas. Levando de volta consigo uma grande caixa vazia, ela recolheu toda a palha suja, carregou-a para fora e despejou-a, em seguida limpou vigorosamente o espaço.

Depois que colocou a palha limpa no lugar, entrou na saleta dos fundos. Apesar do tempo quente, Sal e Moll estavam aconchegadas perto do fogão, e o cheiro vindo delas era quase tão ruim quanto o fedor na enfermaria.

Em sua temporada em Lewins Mead, Hope conhecera muitas mulheres como elas, preguiçosas, sujas, sem escrúpulos e sem qualquer moral. Essas mulheres roubariam as moedas dos olhos de um defunto.

Mas Hope sabia que, se as desafiasse de alguma forma, elas iam lhe causar problemas, então procurou apelar para seus bons sentimentos.

– Limpei tudo e coloquei palha limpa – disse enquanto lavava as mãos. – Agora vamos dar chá aos pacientes?

– Chá! – exclamou Sal. – É só água que eles tomam, e podem esperar até a gente acabar aqui.

Hope tinha visto o balde de madeira com água na enfermaria, e ficou horrorizada ao perceber que a caneca de lata pendurada ao lado era aparentemente a mesma utilizada por todos.

– Vem, doçura, vem tomar um chazinho com a gente – disse Doll. – Sei que você quer se esforçar no primeiro dia, mas eles não vão a lugar nenhum, a não ser para o Poço. Não faz sentido se cansar à toa.

Hope reprimiu um comentário ácido, lavou uma xícara com cuidado e se serviu de um pouco de chá do bule preparado por elas.

– Eu pensei que talvez pudéssemos transferir alguns pacientes para a palha limpa e depois lavar o chão – disse ela cautelosamente.

– Você pensou o quê?! – retrucou Doll. – Nós nem tocamos neles, quer dizer, só para dar de beber e tentar fazer com que tomem um pouco de mingau, quando tem.

Isso, Hope descobriu, era no que consistia o trabalho de enfermagem do setor da cólera. Até mesmo a Irmã Marta, quando apareceu, não passou da porta de entrada, ficou segurando seu crucifixo e não tinha nenhum conselho ou instrução prática a oferecer. Tudo indicava que nenhum paciente jamais era lavado, não havia cataplasmas quentes reconfortantes nem cobertores extras para os que tremiam de febre, e absolutamente ninguém massageava as pernas dos doentes quando eles tinham câibras.

Ainda que Hope visse, pela cor azulada dos pacientes e o torpor que os prostrava, que a doença provavelmente chegara a um estágio avançado demais para que se salvassem, ela achava que ao menos precisava tentar deixá-los mais confortáveis, e a enfermaria, menos fétida. Então, um por um, ela rolou ou puxou os pacientes para a palha limpa, lavou seus rostos e suas mãos, depois limpou o lugar em que tinham estado antes.

– Você só pode estar maluca! – disse Doll, recostada indolentemente no batente da porta e vendo com total descrença que Hope esfregava o chão. – Vai pegar tudo quanto é doença, mexendo neles assim.

Como esperado, os homens voltaram com a carroça contendo três novas pacientes. Todas já estavam nos estágios finais, com o rosto azulado e lutando para respirar. Hope tentou dar-lhes de

beber, mas elas pareciam não conseguir engolir e a água acabava escorrendo de seus lábios. Hope viu um rato olhando-a sinistramente enquanto as cobria com cobertores, pensando que era bom as mulheres estarem inconscientes.

Hope estava ajoelhada junto a um paciente, esfregando vigorosamente suas pernas porque ele sentia fortes câibras, quando o Dr. Meadows chegou. Ela não ouviu a porta da enfermaria se abrir porque o homem grandalhão de cabelos vermelhos agitava a cabeça de um lado para outro de forma alarmante enquanto rugia de dor.

O médico veio direto para ela e se incumbiu da massagem.

– Pegue o láudano na minha maleta e pingue algumas gotas em água quente – determinou ele.

Hope fez o que ele pediu, correndo de volta para medicar o homem. Ele cerrou os dentes contra o copo no início, mas Hope implorou para que bebesse.

– Isso vai acabar com a dor – disse ela. – Beba, por mim.

O homem pareceu ouvi-la e fez o que ela pediu, então em poucos minutos se acalmou.

– Obrigado – agradeceu ele com voz rouca. – Pode ir dizer à minha esposa para beijar meus pequenos e se despedir deles por mim?

– Você mesmo vai beijá-los em breve – mentiu Hope. – Procure dormir agora.

O Dr. Meadows pediu que ela o acompanhasse até o quintal quando acabou de atender os pacientes.

Após a escuridão da enfermaria, a luz do sol quase a cegou. Mas era bom respirar o ar fresco novamente.

– Esperava que você já tivesse dado meia-volta e fugido – admitiu o médico com ar irônico.

– Fiquei tentada – disse ela, e se lançou numa desanimada descrição de como tinha sido sua primeira manhã. – Não posso acreditar que ninguém faça nada pelos doentes.

O Dr. Meadows suspirou, solidário.

– Sei exatamente como você se sente, Hope. Faço o que posso quando venho, mas isso nem chega perto do que é preciso. A verdade é que os doentes são trazidos aqui para morrer; não estamos tratando a doença. Porém, não há remédio que salve suas vidas. Não posso sequer alegar que lhes dar camas limpas, banhos ou embrulhá-los em mais cobertores fará qualquer diferença no final. Em epidemias passadas, ficou evidente que está nas mãos de Deus se eles vão se recuperar ou não, não depende do trabalho da enfermagem.

– Ainda assim, é desumano não tornar suas últimas horas mais confortáveis e dar-lhes alguma dignidade! – Hope estava encalorada, suada e também com fome, agora que a tigela de mingau que comera no jejum, antes das seis da manhã, tornara-se apenas uma lembrança distante. – Além do mais, essas mulheres são pagas para fazer um trabalho e, se não o fazem, deveriam ser dispensadas.

O Dr. Meadows passou os dedos pelos cabelos com um gesto cansado.

– Aquelas duas moram no hospital, no asilo de pobres, assim como as duas da noite de ontem – disse ele em tom de censura. – Elas não optaram por cuidar dos enfermos, são obrigadas a fazê-lo, e sua única recompensa é uma quota de cerveja ou gim. Acha que pode culpá-las pela falta de entusiasmo?

Hope sentiu-se envergonhada, pois tinham lhe prometido 4 xelins por semana além de casa e comida.

– Não, creio que não.

– Precisamos é de uma forma de recrutar o tipo certo de mulheres para a enfermagem e, em seguida, treiná-las – disse ele, num tom de desalento. – Atualmente, temos as religiosas ou as indigentes, e só. Porém, com baixos salários, péssimas condições de trabalho e risco de contágio, o que há para atrair boas mulheres? Veja o seu caso! Se não tivesse sido pressionada, estaria aqui?

– O senhor não me pressionou. Foi muito bondoso comigo, principalmente fingindo que sou sua prima! Acho que foi por isso que me deram um quarto. E Alice também foi muito bondosa. Pode, por favor, agradecer a ela pelas coisas que me enviou? O gesto significou muito para mim.

– Alice gostou muito de você, seus pequenos presentes foram o jeito dela de lhe dizer isso – disse ele com sinceridade. – E vou transmitir seu recado. Mas meu nome é Bennett. Primos não precisam de tanta formalidade.

Hope corou, pois ele a olhava de um jeito que a fazia se sentir muito esquisita.

– Você já almoçou?

Ela balançou a cabeça, negando.

– Achei que a irmã Martha viria me avisar a respeito.

– Ela estava ajudando na amputação de uma perna – explicou Bennett.

– Você estava cortando a perna de alguém?

Hope estremeceu.

– Não eu, o cirurgião, mas administrei o clorofórmio. O pobre coitado vai se recuperar, mas não sei como vai alimentar a família. Não vai poder trabalhar só com uma perna.

Bennett a levou até a sala ao lado da cozinha onde ela tomara o desjejum no início do dia. Havia seis pessoas comendo, dois homens de aspecto rude que pareciam ser serventes, uma freira muito idosa, que Bennett lhe apresentou como sendo a Irmã Clara, e três enfermeiras que pareciam apenas ligeiramente mais limpas e mais jovens do que Sal e Doll e que a fitaram com olhares duros.

Deram-lhe uma tigela grande de uma sopa gordurosa verde-acinzentada e um pedaço de pão. Bennett recusou, mas sentou-se com ela enquanto ela comia.

– Que tal está? – perguntou ele.

– Não tão ruim quanto parece. – Ela deu um sorriso forçado.

Bennett sorriu.

– Você sempre é tão estoica?

Ela deu de ombros.

– Sou, quando se trata de comida. Sei o que é passar fome.

– Você viu o pior de St. Peter hoje – disse Bennett com fervor. – Mas a enfermagem da cólera não representa o hospital. O Dr. Peebles, o cirurgião, é excelente; e eles também têm um bom registro do trabalho das parteiras daqui. Mas o prédio é velho e não é adequado para um hospital.

– Por que ainda o estão usando, então? – perguntou ela. – Não faz sentido trazer pessoas com doenças contagiosas para um asilo de pobres onde há órfãos, idosos e insanos, não é?

– Quando o novo Hospital Geral foi construído, a intenção era que todos os doentes fossem para lá, mas o hospital não é grande o bastante, muito menos quando ocorre uma epidemia como essa. E St. Peter não é exatamente um asilo de pobres; é mais o que se pode chamar de um abrigo.

– E um abrigo não significa um lugar seguro? – disse Hope com um toque de sarcasmo.

Bennett deu um meio sorriso.

– É melhor você não começar com esse assunto – retrucou ele. – É algo sobre o qual costumei discorrer.

– Faça-o.

– Bem, nos velhos tempos, até pouco antes de você nascer, a maioria dos necessitados, os pobres e os velhos, os simples de espírito e os doentes, ganhavam um auxílio financeiro. Ficavam em casa e recebiam dinheiro da paróquia para sustentá-los. St. Peter e lugares semelhantes eram para os sem-teto ou para os muito doentes ou muito velhos para cuidar de si próprios. Em geral, eram lugares decentes, e St. Peter era um dos melhores. Mas o governo achou que economizando dinheiro garantiria o apoio dos contribuintes, então criou uma nova Lei dos Pobres. O auxílio foi interrompido com a justificativa de que incentivava as pessoas a ficarem ociosas e irresponsáveis. Então, construíram centenas de asilos de pobres em todo o país, lugares desagradáveis semelhantes a prisões, sem o menor conforto, para desencorajar todos exceto os mais desesperados.

Hope assentiu.

– Meus pais sempre tiveram medo de terminar em um.

– São pessoas como seus pais as que mais sofrem com a nova Lei dos Pobres – disse Bennett, dando um profundo suspiro. – Imagine que seu pai fosse afastado do trabalho por algumas semanas, ou ficasse doente. Sob a antiga lei, ele poderia receber o auxílio paroquial para alimentar sua família até se recuperar ou voltar ao trabalho. Os idosos podiam ficar em seus vilarejos, ajudados em sua enfermidade por vizinhos e familiares. Mas, de repente, tudo isso foi aniquilado; ninguém mais recebeu um centavo sequer. Quando esses pobres coitados consomem suas economias, vendem seus pertences e estão famintos, são forçados a deixar suas casas e ir para o asilo de pobres.

Ele calou de repente seu arroubo apaixonado e sorriu timidamente.

– Ah, céus, não pretendia apontar todas as iniquidades! O que realmente quis dizer é que os curadores de St. Peter tentaram mantê-lo como sempre foi; uma casa para aqueles que não têm mais nenhum lugar para ir. Continua a abrigar os idosos, débeis mentais, os órfãos, as mães que não podem ter seus bebês em casa e os doentes. Não tem o regime bárbaro dos asilos das paróquias unidas; ninguém aqui trabalha abrindo estopa ou quebrando pedras para construções. Entretanto, como a maioria das instituições de caridade, tem falhas. Em situações de emergência, as portas são abertas demais, e neste momento temos muitos doentes. Sem instalações nem equipes para cuidar deles.

Hope notou que ele estava corando, visivelmente constrangido por tentar defender o St. Peter.

– Você é uma espécie rara – afirmou Hope, espantada. – Não achava que gente rica se importasse com qualquer coisa ou alguém além de si mesmos.

Ele pareceu surpreso.

– Você me vê como “gente rica”?

– Ora, você é.

– Não, não sou. Como lhe contei ontem, se não fosse o apoio do meu tio quando meu pai morreu, provavelmente também trabalharia com serviço doméstico. De qualquer forma, voltando para o St. Peter e para a crise em que nos encontramos, se não fosse pelas Irmãs de Caridade, que por sorte pensam que Deus lhes mandou trabalhar aqui, não sei como faríamos.

Hope sorriu.

– Parece que você não acredita em Deus...

– Eu acreditarei n’Ele se Deus resolver acabar com esta epidemia. – Bennett riu. – Ou sussurrar no meu ouvido como começar a fazê-lo. Tive muitas discussões com Mary Carpenter sobre fé. Ela diz que eu deveria ter vergonha de não ter nenhuma. Mas, e você, Hope? Você

acredita ou é cética como eu?

– Depende. Quando vendia gravetos, fazia uma pequena oração toda vez que me aproximava de uma casa. Acreditaria se me comprassem um pouco de lenha, duvidaria se não o fizessem. Betsy costumava dizer que o gim funcionava melhor do que a religião. Um copo e todos os seus problemas desapareciam.

Ela observou o rosto dele, na expectativa de um olhar alarmado que seria rapidamente seguido por um pequeno sermão sobre os males da bebida. Mas ele apenas riu.

– Preciso voltar para a enfermaria agora – disse ela. – E você tem pacientes para ver.

– Sim, tenho. Muitos deles. Cuide-se, Hope. Não desanime, sim?

Hope pensou muitas vezes nesse pedido de Bennett nas duas semanas seguintes, pois era difícil não desanimar, rodeada de tanto sofrimento. Morriam pacientes todos os dias e, com a mesma rapidez com que eram levados para serem enterrados, outros eram trazidos. Muitas vezes, os nomes dessas novas vítimas eram desconhecidos e, para Hope, o golpe mais cruel de todos parecia ser morrer sem ser identificado.

Sal e Moll tinham um prazer quase diabólico em relatar o pânico que tomava conta da cidade, em como as pessoas estavam fugindo em massa, os ricos em suas carruagens e os pobres a pé, para dormir nos campos e não correr o risco de pegar a doença. Elas diziam que, à noite, as ruas ficavam desertas, e muitos navios se recusavam a aportar nas docas de Bristol por causa da epidemia.

Era certo que, quando o tempo ficasse frio e úmido, centenas de pessoas pobres e desesperadas viriam para os asilos em busca de abrigo e comida. Ficariam com medo de voltar aos cortiços infectados de onde tinham fugido e não teriam dinheiro para ir a nenhum outro lugar.

No entanto, o clima permaneceu quente e implacável e o fedor do rio atrás do hospital era avassalador. Hope viu-se devaneando cada vez mais, imaginando que caminhava no frescor de Lord's Wood. Lembrava-se do cheiro limpo da terra úmida, da maneira como a luz do sol se filtrava através da copa das árvores e da paz absoluta; a vontade de estar lá era tanta que doía.

À noite, quando se recolhia ao seu quarto, enfiava o nariz em um raminho de lavanda ou alecrim comprado de uma moça que ficava na entrada do hospital para lembrar do jardim de sua casa da infância. Desejava poder rever seus irmãos e irmãs, ser criança novamente e sentir o calor do amor deles por ela. Não era justo que, com apenas 17 anos, estivesse trancada naquela casa da morte.

Bennett foi o que a impediu de fugir. Por mais difícil e repugnante que fosse seu trabalho, o médico contava com ela e Hope não podia decepcioná-lo. Graças a ele, agora havia mais recursos à sua disposição. Quando os novos pacientes ainda estavam nos estágios iniciais da doença, dava a eles colheradas de xarope de ruibarbo várias vezes por dia, aplicava cataplasmas de mostarda no abdômen, oferecia chá de gengibre ou canela e agasalhava-os com mais cobertores para mantê-los aquecidos. Seis desses pacientes não evoluíram para o segundo estágio, o que a deixou radiante, mas não teve como saber se era o resultado da ajuda da enfermagem ou simplesmente a vontade de Deus. Contudo, decidida a vê-los se recuperar e a desafiar o mito de que ninguém saía vivo do hospital, ela os alimentou com araruta misturada com leite fervido até conseguirem tolerar a sopa.

Entretanto, seis recuperações de setenta ou mais que já tinham morrido ou morreriam em breve não bastavam, e ela teve que lutar contra a apatia dos que trabalhavam na enfermaria da

cólera.

Irmã Marta era tão fraca que todos se aproveitavam dela. Moll e Sal faziam o mínimo possível, apenas se mexendo quando alguém morria para roubar seus pertences. Até o homem do almoxarifado do hospital muitas vezes se recusou a fornecer mais provisões de sabão, barrilha e vinagre a Hope. Certa vez, ele disse que era um desperdício usar material de limpeza em uma enfermaria onde ninguém tinha esperança de melhora.

Mas o que mais afligia Hope era que ninguém além dela dava ouvidos às instruções de Bennett sobre higiene. Fazia todo o sentido para ela que as mãos devessem ser lavadas depois de tocar um paciente, que os aventais e as toucas tivessem de ser lavados diariamente e que toda a água para beber precisasse ser fervida. Sal e Moll eram muito preguiçosas para lavar as mãos, toucas ou os aventais, e bufavam, escarnecendo, sobre a fervura da água potável, dizendo que o médico estava tão louco quanto os pacientes.

Hope sempre teve a convicção de que a água em Bristol estava cheia de veneno. Em seus quase dois anos na cidade jamais havia bebido água diretamente saída da bomba d'água; mesmo que estivesse morrendo de sede, ela a fervia e bebia como chá. Gussie e Betsy a bebiam sem ferver, e eles tinham morrido, enquanto ela continuava saudável, de modo que via isso como prova de que Bennett tinha razão.

Tentou convencer os outros também, lembrando que Doll e Sal só bebiam chá ou algum tipo de bebida alcoólica e por isso se mantinham fortes e com saúde.

Bennett apreciava aquela pregação de seu evangelho, mas ressaltou que não podia ter certeza de que a doença viesse da água, pois toda a água da cidade vinha da mesma fonte. E, como quase todos os infectados estavam nas partes mais sujas e mais populosas da cidade, isso dava força à opinião médica em geral de que a doença se propagava pelo ar.

No entanto, ninguém era capaz de explicar a natureza inteiramente indiscriminada da doença. A maioria dos sacerdotes, médicos, enfermeiras e condutores das carroças que haviam manipulado os doentes permanecia saudável. Às vezes, apenas uma pessoa em uma família grande a pegava, enquanto o resto permanecia intocado. Em algumas casas de cômodos, apenas um pequeno número de pessoas morria; às vezes apenas as crianças eram infectadas. Não havia qualquer padrão.

Existiam muitas teorias insólitas também. Algumas pessoas culpavam os judeus da cidade pela epidemia, o que não fazia sentido. Outras chamavam os médicos de “Burkers”, por causa dos famigerados Burke e Hare, que roubavam corpos nos cemitérios para serem dissecados. Alguns pastores mais exaltados insistiam que a cólera era o julgamento de Deus para a depravação generalizada de Bristol, e que era espalhado por prostitutas que circulavam pelas cervejarias movimentadas.

Hope conversava muito com Bennett sobre todas essas suposições, e ele afirmava veementemente que o clero e seus seguidores devotos e hipócritas deveriam considerar, antes de mais nada, por que as mulheres eram forçadas a recorrer à prostituição e fazer algo a respeito.

Hope percebia que Bennett a cativava cada vez mais. Não apenas por ele ser seu único amigo, ou porque a tratasse como igual, mas por causa de sua compreensão dos verdadeiros males da pobreza e suas ideias sobre como poderia ser combatida.

Havia muitos aristocratas que praticavam atos de beneficência, e Hope tinha certeza de que essas pessoas tinham bom coração. Infelizmente, porém, suas vidas eram diferentes demais da vida dos que se amontoavam em cortiços malcheirosos para entender que novas peças de roupa, uma refeição quente diária ou alguns xelins nunca resolveriam o problema. Que tudo isso só oferecia um conforto temporário.



Bennett comparava a pobreza com uma espécie de pântano onde as pessoas nasciam ou onde iam cair. Entendia que, estando ali, era difícil, muitas vezes impossível, sair sem ajuda e que, para muitos, a criminalidade, ou vender o próprio corpo, era o único meio de se manter à tona.

Como sua amiga Mary Carpenter, ele via na educação a única saída verdadeira e garantida para escapar do pântano. Ele insistia com alguma paixão que, dando às crianças de cortiço as ferramentas da leitura e da escrita, elas poderiam construir uma vida melhor para si.

De certa forma, Hope era prova viva disso. A educação que recebera permitia-lhe compreender conceitos e ideias além dos limites estreitos de sua criação. Ela se sentia estimulada pelas visões um tanto radicais de Bennett. Ele era cáustico quanto aos ricos ociosos e desconfiava profundamente de muitos dos que ocupavam posições proeminentes na cidade, alegando que recheavam os próprios bolsos à custa dos pobres.

A melhor parte do dia era quando Bennett chegava à enfermaria. Bastava Hope ver aquele rosto magro e severo abrir um sorriso que ela se esquecia de quanto estava cansada. Quando ele elogiava seus esforços, ela exultava, e quando o observava examinando seus pacientes e via a ternura em suas mãos, a preocupação em seus olhos, ela se comovia até as lágrimas.

Quase sempre, tiravam um momento para tomarem uma xícara de chá juntos. Levavam suas xícaras para o quintal e conversavam.

Durante as duas primeiras semanas, suas conversas foram principalmente sobre os pacientes, o que estava acontecendo na cidade e como a epidemia era relatada nos jornais. Mas, à medida que os dias passavam, seus bate-papos se tornaram mais pessoais e, numa tarde quente, quando a enfermaria excepcionalmente estava muito tranquila, Bennett contou-lhe um pouco sobre seu tempo na Escola de Medicina de Edimburgo.

Descreveu-se como um rapaz acanhado, bastante desajeitado, que se sentia intimidado pelos estudantes mais ricos, mais inteligentes e muito mais sofisticados que ele.

– Eles pensavam que eu era um sabichão enfadonho porque não saía para beber todas as noites – disse ele um pouco encabulado. – Eu não conseguia dizer que não tinha dinheiro para beber, ou que não podia deixar de tirar boas notas nas provas por causa do meu tio.

– Duvido que tenham se tornado bons médicos – afirmou Hope, resoluta.

Bennett deu uma risada sem humor.

– A maioria deles foi muito mais longe do que eu. Dois ou três têm consultórios na Harley Street de Londres. Oswald Henston, um verdadeiro salafrário, está no Hospital St. Thomas. Alguns se tornaram médicos do Exército e da Marinha. Às vezes penso que teria me saído melhor no Exército.

Hope imaginou que ele considerava um erro ter vindo trabalhar com seu tio em Bristol.

– Mas cuidar dos pobres deve ter lhe dado uma experiência muito mais diversificada do que jamais teria tratando soldados.

– Talvez. – Ele suspirou. – Dizem que disenteria é a única afecção em que o médico do Exército se torna especialista. Mas eu gostaria de ir para a Índia ou algum outro lugar exótico. Meu tio está sempre dizendo que nunca vou encontrar uma esposa enquanto não tiver algo interessante sobre o que conversar.

– Este lugar não é interessante?

Hope bebia todas as palavras que ele pronunciava e não conseguia imaginar mulher alguma achando sua companhia entediante.

Bennett ergueu a sobrancelha.

– Um cavalheiro não conversa sobre assuntos tão grosseiros com uma senhora! – disse ele,

fingindo horror.

Hope deu risada.

– Isso faria a maioria das senhoras lançar mão de seus sais aromáticos.

– Essa delicadeza fingida das damas da sociedade é o que eu acho mais irritante – disse Bennett, pensativo. – Alguns meses atrás, atrasei-me para uma das festas de amigos de meu tio certa noite porque estava fazendo um parto. Desculpei-me com a anfitriã e suas duas filhas e expliquei o porquê, mas recebi de volta um olhar de censura. Aparentemente, mencionar coisas como parto na frente de moças solteiras é algo que “não se faz”!

– Por quê? – perguntou Hope.

Bennett deu de ombros.

– Tais coisas devem supostamente permanecer um mistério até elas serem casadas, presumo. Mas acho essas convenções muito medíocres.

– Minha irmã Nell era muito mais nova do que eu quando ajudou nossa mãe a ter seus últimos bebês. Ela via isso como uma espécie de treinamento para quando tivesse os próprios filhos.

– E é como deveria ser – concordou Bennett. – Mas fale-me sobre sua irmã, Hope. Ela teve filhos?

Hope hesitou, pois temia que uma pergunta levasse a outra que ela não ousasse responder. No entanto, sentia uma vontade irresistível de falar sobre sua família, que estava muito presente em seus pensamentos desde a morte de Betsy e Gussie.

– Infelizmente, Nell não foi abençoada com nenhum filho – disse ela. – De certa forma, era como se eu fosse sua filha de fato, já que ela é bem mais velha que eu.

Tendo começado, ela contou sobre os irmãos e irmãs, sobre a casa em que moravam, e como primeiro Nell se casou, depois Matt, sobre a morte dos pais e como ela foi morar com Nell e Albert.

– Você quase cuspiu o nome de Albert – disse Bennett em voz baixa. – Você mencionou antes, naquele dia no Downs, que se desentendeu com ele e por isso foi parar em Lewins Mead.

Um grito agudo vindo da enfermaria os interrompeu. Eles voltaram e encontraram Sal presa contra a parede com uma faca na garganta.

Hope logo reconheceu o homem corpulento usando apenas uma camisa esfarrapada: era um dos pacientes que tinham chegado naquela manhã.

Para seu espanto, Bennett não hesitou. Ele saltou sobre as fileiras de pessoas doentes até chegar ao homem, agarrou-o pelos ombros e o afastou de Sal.

– O que deu em você? – exclamou. – Você está em um hospital!

O homem se afastou de Bennett e virou-se para encará-lo brandindo a faca, o rosto rubro de raiva.

– Um hospital! É um maldito depósito de cadáveres. Seu Barker desgraçado!

Hope sabia que o homem tinha sido trazido com três outras pessoas que moravam no mesmo cortiço. Agora estava claro que ele não era uma vítima da cólera, mas, provavelmente, quando a carroça da Corporação chegou para buscar seus companheiros, ele estava tão inconsciente por causa de bebida ou ópio que acharam que também estava doente.

– Calma! – ordenou Bennett. – Se você estiver bem, pode ir embora.

– Calma? Que calma o quê? – berrou o homem, revirando os olhos de forma alarmante enquanto ameaçava Bennett com a faca. – Acordei e encontrei aquela velha roubando minha calça e depois vi que estou trancado num lazareto.

Hope mal podia crer na calma de Bennett. O homem era muito maior do que ele, e sua faca

estava perigosamente perto do peito de Bennett, mas ele não recuava, sem medo.

– Abaixei a faca – pediu Bennett no tom gentil que usava com os pacientes mais enfermos. – Não é culpa de ninguém mais você ter sido recolhido pela carroça. A enfermeira só estava tirando sua calça para deixá-lo mais confortável; ela não podia saber que você só estava dormindo porque bebeu demais.

– Vocês me trouxeram para cá para cortar meu corpo! – o homem gritou de volta.

Bennett balançou a cabeça, desesperançado.

– Não tenho tempo nem gosto para cortar corpos – disse ele. – Se olhar ao redor, verá que todas essas outras pessoas estão seriamente doentes, e minha tarefa é tentar salvá-las. Sal, devolva a calça dele e deixe-o ir embora.

Sal se dirigiu depressa para a saleta adjacente. Hope deduziu que ela estava *mesmo* roubando a calça dele, talvez porque achasse que havia dinheiro nos bolsos. No entanto, quando parecia que o homenzarrão ia recuar, ele de repente avançou para Bennett com a faca.

Hope gritou, mas, para sua surpresa, Bennett desviou-se do golpe e segurou o antebraço do homem, desarmando-o em um movimento rápido e desequilibrando-o, o que o fez cair no chão.

Bennett pegou a faca e, olhando para o homem no chão, deu um meio sorriso.

– Eu poderia mandar prendê-lo agora mesmo – disse ele. – Mas desta vez vou deixá-lo ir porque você sem dúvida ficou assustado quando acordou e viu que estava aqui. Considere-se com sorte por não estar com cólera. E no futuro não fique tão bêbado.

Sal voltou com a calça, de olhos baixos como se esperasse uma bronca.

– Presumo que o dinheiro que havia nesses bolsos ainda esteja intacto? – perguntou Bennett, seu tom e fisionomia muito severos.

– Sim, senhor – murmurou ela, entregando a roupa.

O homem vestiu a calça e, descalço, caminhou até a porta. Bennett destrancou-a, devolveu-lhe a faca e deixou-o sair.

Depois que ele saiu, Bennett virou-se para Sal.

– Se eu tiver a mais leve desconfiança de que você surripiou os pertences de alguém novamente, Sal, terei que colocá-la no Bridewell – disse ele, fulminando-a com os olhos. – Se não fosse pela graça de Deus, todos nós poderíamos cair com essa doença terrível, mas, enquanto estamos saudáveis, é nosso dever tratar os doentes com bondade. Roubá-los é um pecado gravíssimo.

– Sinto muito, doutor – disse ela, de olhos baixos e, surpreendentemente, nem tentou negar que roubar era mesmo o que pretendia.

Bennett aproximou-se da velha, segurou seu queixo e levantou seu rosto.

– Vá tomar uma xícara de chá agora – disse ele, gentilmente. – Tenho certeza de que ele a assustou muito. E, no futuro, todos devemos estar vigilantes quando trouxerem novos pacientes, especialmente quando cheirarem a bebida.

Alguns dos outros pacientes ficaram agitados após o episódio assustador, e demorou algum tempo para acalmá-los. Bennett lavou as mãos e, antes de partir, se aproximou de Hope com um sorriso.

– Acho que você está precisando sair deste lugar por algumas horas – disse ele. – Alice continua insistindo para que eu a leve para jantar em Harley Place. Por que você não vai amanhã? Meu tio foi a Bath por alguns dias, então podemos ficar à vontade com Alice na cozinha.

– Não posso sair daqui. Amanhã é domingo – explicou Hope.  
Ele deu de ombros.

– Sábado, domingo ou qualquer dia, dá no mesmo. E vai estar igual quando você voltar. Até a irmã Martha disse que você deveria tirar um dia de folga, ela acha que você está pálida e cansada.

– Mas...

Bennett colocou um dedo em seus lábios para calar seu protesto.

– Passar um dia com seu primo é perfeitamente aceitável.

Hope chegou a Harley Place ao meio-dia do dia seguinte. A porta da frente foi aberta por uma animada Alice.

– É tão bom vê-la novamente – disse ela –, fiquei tão preocupada com você!

Ela levou Hope até a cozinha no porão, explicando que Bennett tinha saído para ver um paciente, mas voltaria em breve. Entre perguntar se Hope gostaria de uma bebida fresca e resmungar sobre o calor contínuo e a falta de chuva, ela também opinou que não achava que St. Peter fosse lugar para uma moça.

Hope sorriu e disse à governanta que gostava de trabalhar no hospital e que o trabalho não era tão difícil, agora que estava acostumada. Embora isso não fosse rigorosamente verdade, saber da preocupação de Alice dera-lhe a mesma sensação calorosa de quando Nell se agitava, preocupada com ela.

Alice era parecida com Nell de muitas maneiras. Era mais velha, talvez tivesse 45 anos ou mais, mais alta, e seus cabelos estavam grisalhos, mas tinha uma aparência semelhante, de pessoa caprichosa e limpa, e um temperamento maternal. Bennett lhe contou que seu tio conhecera Alice quando o marido dela ficou doente. Era uma moça na época e, quando o marido morreu, o Dr. Cunningham lhe ofereceu o cargo de governanta. Bennett disse que achava que seria bom se os dois acabassem se casando, pois se davam bem e gostavam um do outro, mas que ambos eram teimosos demais para sequer considerar a possibilidade.

Ali na cozinha clara e reluzente de Alice, onde pairava um aroma celestial de carne assada, de repente, o hospital, a cólera, a sujeira e a miséria pareceram somente um sonho desagradável, apenas uma vaga lembrança. Hope usava o vestido azul que Alice lhe dera, as botas bem engraxadas, os cabelos recém-lavados brilhavam e ela mal podia esperar para ver Bennett.

Apesar de todas as coisas ruins de St. Peter, havia dois banheiros no primeiro andar do hospital, que Hope descobriu poucos dias depois de chegar. Eram os primeiros que via com água encanada. A irmã Martha explicou que tinham sido instalados no ano anterior porque os banhos frios acalmavam os dementes. Havia água quente apenas no inverno quando a caldeira estava acesa, mas a irmã disse que o funcionamento era tão irregular que ela preferia usar a pequena banheira vitoriana na cozinha. Se Hope não se importasse com a água fria, podia ficar à vontade para usar um dos banheiros.

Hope correria ansiosa para lá na véspera assim que saiu da enfermaria. Estava com tanto calor e pegajosa de suor que, no início, a água fria quase lhe tirou o fôlego, mas, em poucos minutos, sentiu-se transportada de volta para a lagoa de Leigh Woods, deleitando-se com o prazer de remover do corpo e do cabelo a sujeira e o mau cheiro do hospital.

Deitada na água, os cabelos flutuando ao redor, seu coração parecia bater mais ligeiro com o entusiasmo de ir a Harley Place no dia seguinte. Ou talvez fosse a expectativa de passar um dia inteiro com Bennett.

O incidente do homem com a faca a fez sentir ainda mais respeito por ele; não esperava que fosse capaz de enfrentar um bandido. A maneira como desarmou o homem foi maravilhosa, quase como se também tivesse passado algum tempo nas ruas. No entanto, sua firmeza teve um

misto de compaixão, tanto para o homem quanto para Sal. A mãe de Hope costumava dizer que esta era a característica de um homem de verdade.

Se Betsy estivesse viva, poderia perguntar-lhe se esse sentimento que tinha pelo médico era algo mais do que mera admiração. Em seu vilarejo, as pessoas sempre usavam a expressão de que a pessoa “se encantava” por alguém. Seria isso?

Parecia que sim. Ver Bennett era como ver o sol atravessar as nuvens, ou sentir o perfume de uma rosa ao passar por um jardim. Seria isso o que Matt sentia por Amy? Seria amor?

– Você gosta de carne assada, Hope?

Com a pergunta de Alice, Hope despertou de seu devaneio.

– Adoro – apressou-se em responder, sem saber se teria perdido algo importante ao se deixar levar por seus pensamentos. – Mas faz muito tempo que não como.

– Imagino que você não tenha tido muito o que comer faz tempo. É de admirar que esteja tão bem.

– Esse foi o melhor jantar que já comi! – Hope suspirou ao raspar do prato o último pedaço de assado com vegetais. Sorriu feliz para Alice. – Mas vai me fazer recusar a comida de St. Peter.

– Espero que ainda tenha espaço para o pudim. – Alice sorriu. – Fiz um com leite batido e vinho.

– Vou arranjar espaço – respondeu Hope.

– É bom vê-la comendo com tanto apetite – disse Bennett.

Ele não precisou acrescentar que isso provava que ela ainda estava saudável, e Hope já percebera que ele a observava quando voltava das visitas aos pacientes.

– Parece que finalmente vai chover – comentou Hope, pois o pedaço de céu que via pela janela da cozinha estava escurecendo. – Será que a cólera vai desaparecer quando esfriar?

– É o padrão habitual – respondeu Bennett. – Espero que sim. Nenhum de nós vai conseguir lidar com esta situação por muito mais tempo.

– O que vou fazer quando terminar? – perguntou Hope. – Vou ser transferida para outra enfermaria?

– Com toda certeza. – Ele sorriu com ar malicioso. – Na verdade, acho que você vai poder escolher qual delas prefere, porque a irmã Marta só lhe faz elogios. Embora eu ache que você deveria ter uns dois dias de descanso antes.

– Talvez você possa ir visitar sua família? – sugeriu Alice.

Hope corou.

– Não posso – respondeu ela em voz baixa.

– Albert mandou que você ficasse longe deles? – perguntou Bennett delicadamente.

Hope assentiu com tristeza.

Alice começou a perguntar que direito ele tinha de impedir que a menina encontrasse a família, mas Bennett a interrompeu, pedindo o pudim.

Quando a refeição terminou, Alice não quis saber de Hope ajudar a lavar a louça e propôs que ela fosse para o jardim com Bennett.

– Por algum tempo, pode ser a última oportunidade que você terá para se sentar ao ar livre – disse ela, olhando para o céu escuro.

O jardim era bem pequeno, mas murado e muito bonito, com muitas margaridas em flor. Bennett levou-a até um banco numa das extremidades e, durante algum tempo, conversou sobre as flores, o jantar e a possibilidade de chuva.

– Agora, me diga o que realmente aconteceu com Albert – pediu ele de repente. – Enquanto você não desabafar, isso sempre vai doer.

– Já lhe disse, me desentendi com ele, é um valentão, só isso.

Bennett balançou a cabeça.

– Pensei que fôssemos amigos, Hope. Então, por que não pode me contar o que houve?

Hope manteve os olhos fixos nas mãos entrelaçadas no colo.

– Imagino que seja porque tenho medo de como você vai reagir.

– Quer dizer que eu poderia pensar mal de você?

– Não. – Ela levantou bruscamente a cabeça. – Não fiz nada de errado.

– Mas Albert fez?

Ela assentiu.

– Com você?

Hope suspirou, adivinhando que Bennett desconfiava que Albert a violentara, pois Betsy pensara a mesma coisa.

– Não, não comigo, mas eu o peguei fazendo algo ruim e ele me espancou, e me mandou sair de sua casa e nunca mais voltar. Não me atrevo a voltar, Bennett. Nell e outras pessoas com as quais eu me importo vão sofrer.

– Um mero jardineiro não pode ter tanto poder assim. Se ele foi o único que fez algo errado, quem mais pode sofrer a não ser ele?

– Ele encontrou uma carta – disse ela, relutante. – Ele sabe algo que ameaçou contar.

– Então ele é um chantageiro?

Betsy e Gussie a interrogavam sem parar sobre Albert quando ela os encontrou, mas decidiu não lhes contar toda a história por causa de Rufus. Histórias obscenas sobre a nobreza se espalhavam como rastilho de pólvora e, mesmo que ela não se importasse tanto com os sentimentos de sir William e lady Harvey, ainda se importava muito com os do filho deles.

No entanto, sempre ansiava por desabafar com alguém, e gostava tanto de Bennett que desejava que ele entendesse porque tivera que deixar Briargate e sua família. Também sabia que ele insistiria em interrogá-la de qualquer maneira, e que podia confiar nele para manter o assunto em segredo.

– Se eu lhe contar, promete que não vai interferir nem tentar resolver a situação por mim sem meu conhecimento? – perguntou ela. – E, claro, não contar nada a ninguém?

– Prometo – disse ele. – Só quero entender. Apenas isso.

Então ela contou tudo.

Começou muito bem, explicando que Nell e lady Harvey estavam ausentes e por que tinha que esconder a carta do amante da patroa. Entretanto, quando chegou ao ponto em que achou que a janela do andar de cima estava aberta e entrou no quarto, ela vacilou.

– Albert estava lá? Com quem? – adiantou-se Bennett. – Com uma de suas irmãs?

Hope ficou envergonhada. Uma vez mais, lembrou-se dos dois homens na cama juntos e a visão a horrorizou novamente tanto quanto naquele dia fatídico.

– Não, com sir William – ela deixou finalmente escapar.

– Ah, céus! – exclamou, e colocou a cabeça entre as mãos. – Eu não esperava por isso.

Tendo lhe dito a pior parte, o resto foi mais fácil. As palavras saíram aos borbotões, pois queria acabar com aquilo.

– Desmaiei na Bristol Bridge e Gussie e Betsy me socorreram e me levaram para casa com eles.

Bennett assobiou baixinho.

– Entendo agora por que você tem tanto medo de Albert. Quanto à minha promessa, eu não interferiria, nem poderia. Não saberia como começar a lidar com isso. Mas você acha que Nell sabia sobre o Albert?

– Estou certa de que não sabia – disse Hope. – Albert era sempre muito frio; mas como ela poderia imaginar tal coisa? Duvido que ela sequer soubesse que existia algo assim. Ela pode ter dezesseis anos a mais do que eu, mas acho que agora sou bem mais experiente do que ela jamais será.

– Sinto muito – disse Bennett, a voz cheia de emoção. – Nenhuma moça deve ter que aprender essas coisas desse jeito. Albert merece ser chicoteado, não por suas tendências, tenho certeza de que ele não pode evitar ser como é, mas pela agressão, por enganar sua irmã e pela chantagem abominável.

– Então, entende por que não posso voltar lá?

– Entendo muito bem. Ele pôs você num beco sem saída. Só a verdade convenceria seus irmãos e suas irmãs de que você não saiu de bom grado. No entanto, se você lhes contar o que realmente aconteceu, eles vão querer atacar Albert, e ele vai revidar e ferir quem puder.

Embora fosse bom saber que Bennett entendera toda a situação, Hope sentiu-se um pouco desapontada. No fundo, ela acalentava uma sombra de esperança de que um homem inteligente como ele pudesse encontrar algum tipo de solução em que Albert receberia o que merecia e todos ficariam a salvo. Porém, se existisse tal solução, a essa altura já teria lhe ocorrido.

– Então, o que devo fazer? – perguntou.

Bennett segurou sua mão.

– Eu acho que você tem que fazer o que seu coração mandar. Pesar se a necessidade de ver sua família é maior que o medo do que Albert pode fazer com Nell e os outros com os quais você se preocupa.

Hope refletiu por alguns instantes.

– Sir William alegaria que inventei tudo, lady Harvey o apoiaria para se poupar de alguma desgraça e Rufus me odiaria por ter inventado essas coisas sobre seus pais. Quanto a Nell, ela ainda estaria presa a Albert, e sua vida seria ainda pior.

– Você pode convencê-la a deixá-lo!

– Não é do feitio dela fazer tal coisa; ela sempre acreditou que o casamento era para sempre. E perderia seu emprego em Briargate.

– Você poderia trazê-la para Bristol. Eu poderia encontrar trabalho para ela em algum lugar. Hope balançou a cabeça com tristeza.

– Ela seria um peixe fora d'água numa cidade como esta.

– Então, me parece que a única solução é você deixar tudo isso para trás e construir uma nova vida.

Essa foi a conclusão a que Hope tinha chegado meses antes, mas, tendo contado tudo a Bennett e percebendo que ele não via nenhuma alternativa viável, de repente sentiu-se desolada e começou a chorar.

Ele a abraçou e puxou-a para seu ombro, tentando consolá-la.

– Compreendo – disse Bennett. – É como o julgamento de Salomão, não é? Sinto por você,



minha querida, porque Albert é um homem muito, muito perverso e, por tudo isso, merece um castigo. Mas acho que ele vai recebê-lo um dia. E também acredito que você vai ter sua família de volta em algum momento. Talvez deva ter isso como seu objetivo e se preparar para, quando finalmente se reencontrarem, eles ficarem orgulhosos de suas conquistas.

Ele a beijou na testa e enxugou seus olhos com um lenço.

– Eu já estou muito orgulhoso de você – disse, baixinho. – Sem você lá no hospital, bondosa, disposta e tão prática, acho que não poderia suportar a tensão desta epidemia horrorosa. Você tornou cada dia mais luminoso para mim. Deram-lhe um nome bem apropriado: *esperança* foi o que você me deu, e a todo paciente que tem a sorte de ser cuidado por você.

Naquela noite, Hope ficou deitada em sua caminha estreita escutando a chuva bater no telhado do hospital, e sentia-se tão feliz que era impossível pegar no sono.

Por fim, a brisa veio fresca e limpa através da janela, levando embora o ranço e o ar viciado que tinham ficado presos no pequeno quarto. As palavras de Bennett também tiveram o mesmo efeito sobre ela, pois agora tinha um objetivo.

Ela se tornaria uma enfermeira de primeira classe, não porque fosse o seu único trabalho disponível, mas porque realmente queria ajudar os doentes. Sendo assim, talvez não gostasse da maneira como eram as coisas em St. Peter, mas quem sabe pudesse melhorá-las se realmente se empenhasse nisso.

Mas fora Bennett quem fez seu coração cantar. Não era apenas admiração o que sentia por ele, era amor. Quando ele a abraçou para confortá-la, quis ficar lá para sempre. Os lábios dele em sua testa a fizeram estremecer de prazer, e ficou com vontade de beijá-lo. Até o toque de sua mão na dela tinha-lhe provocado pequenos arrepios na espinha.

Mais tarde, eles passearam um pouco pelos Downs, e Bennett a levou até a borda do desfiladeiro para mostrar-lhe as obras abandonadas de uma ponte projetada para atravessá-lo.

– Isambard Kingdom Brunei ganhou a concorrência pelo projeto da ponte – explicou, tocando a enorme torre atarracada destinada a segurar os cabos metálicos da ponte. – Vi esboços do trabalho, um prodígio, belo e delicado, mas só chegaram até a construção desta torre e a do lado oposto, depois abandonaram a obra em 1843. Talvez seja terminada um dia.

Hope não conseguia realmente imaginar alguém que tivesse vontade de atravessar uma ponte tão alta. Só de olhar da borda do desfiladeiro para o Avon, lá embaixo, ficava tonta. Ela apontou o local na outra extremidade onde ficara no bosque, e contou sobre a lagoa que encontrara para tomar banho e a comida que cozinhava numa fogueira.

– Eu gostaria de acampar. – Bennett sorriu. – Conheci meninos em Exeter que costumavam fazer isso, mas minha mãe nunca me deixava ir com eles.

– Podemos ir juntos um dia – disse Hope sem pensar, e corou de vergonha ao perceber de repente que damas não deveriam fazer sugestões assim aos cavalheiros.

Bennett apenas riu.

– Vou lembrá-la disso – enfatizou ele. – Não consigo pensar em nada melhor do que sentar junto a uma fogueira com você.

Hope fechou os olhos e imaginou Bennett deitado abraçando-a no pequeno abrigo que ela fizera na floresta. Só de pensar nisso, sentiu pontadas esquisitas que a fizeram ficar com calor. Amy contou-lhe certa vez que era assim que se sentia sobre Matt quando os dois começaram a sair juntos. Ela disse que costumava contar as horas para a próxima vez que o veria, e que sabia que ele era o homem com quem queria se casar.

Mas um médico não se casaria com uma moça como ela, não é? Mesmo que Bennett o quisesse, seu tio não aprovaria. Devia querer que o sobrinho se casasse com uma moça de boa família, como uma daquelas que Hope tinha visto no Royal York Crescent. A cozinheira de Briargate sempre dizia que os cavalheiros gostavam de dormir com as criadas da cozinha, mas se casavam com moças da mesma estirpe.

Ela nunca conseguira entender por que algumas moças iam para a cama com os homens sem se casar. Mas essa sensação dentro dela por Bennett agora explicava tudo. E ele ainda nem a tinha beijado!

Choveu quase constantemente durante quinze dias. Estradas de terra que haviam ficado estorricadas sob o sol forte viraram atoleiros, ervas daninhas carentes de água durante todo o verão surgiram nas paredes, nas rachaduras nos pavimentos, em qualquer lugar que pudessem. O nível do rio aumentou de modo alarmante. Dizia-se que muitas regiões baixas de Somerset estavam debaixo d'água e, da mesma maneira como as pessoas haviam resmungado com a falta de chuva, agora reclamavam porque a chuva não parava nunca.

Em St. Peter, a água da chuva encontrou meios de penetrar pelos buracos no telhado. A enfermaria da maternidade era a pior; o teto parecia uma peneira e muitas das novas mães tinham ido para casa porque, por pior que fosse a própria casa, lá não corriam o risco de se afogar. Havia um vazamento no teto do quarto de Hope, mas, felizmente, não em cima da cama, e ela aparava a água em um balde. Porém, os miasmas em toda a cidade diminuíram quando a chuva lavou a imundície e, gradualmente, a ocorrência de casos de cólera diminuiu.

– Acho que Doll e eu vamos ter que voltar lá para o outro lado – observou Sal com ar melancólico no primeiro dia em que nenhum novo paciente foi trazido.

Hope não sabia o que dizer sobre esse comentário. Sal e Doll não mereciam nenhuma simpatia porque sem dúvida não a tinham demonstrado aos doentes. Mesmo assim, Hope sentia um pouco de pena, pois tinha visto os velhos na outra parte do hospital. Passavam o tempo todo num dormitório lotado sem conforto; elas não podiam fazer chá como ali e também não receberiam a quota de bebida.

– Mas você vai ficar bem – continuou Sal, com certo veneno na voz. – Você bajula a irmã Martha e o doutor. Cuidado com eles, podem fazer você ir cuidar dos malucos! Você não vai gostar. Eles comem as próprias fezes, mijam em todo lugar e a última moça que botaram lá foi estrangulada.

Hope decidiu ignorar Sal. Embora fosse verdade que alguns dos loucos faziam coisas verdadeiramente nojentas e que uma enfermeira havia sido estrangulada no ano anterior, a irmã Martha prometera que não faria Hope trabalhar lá. De qualquer forma, ainda tinham quinze pacientes para cuidar na enfermaria de isolamento, e pelo menos metade deles ia se recuperar, pois não tinham entrado na fase final da doença.

Agora, quando Hope olhava em volta para a enfermaria, sentia-se muito orgulhosa de que estivesse tão limpa quanto um prédio muito antigo poderia estar. Suas mãos ásperas e avermelhadas testemunhavam quanta faxina havia feito, até lavara as janelas para que a luz natural entrasse durante o dia. Pretendia importunar bastante a irmã Martha para que as paredes e o chão fossem caiados quando a epidemia acabasse, e insistir para que recebesse camas de verdade.

Suas vitórias até então eram pequenas. Nenhum paciente novo era colocado na palha suja; eram alimentados com chá, sopa e alimentos mais substanciosos se conseguissem ingeri-los.

Eram lavados regularmente, recebiam os medicamentos disponíveis e ninguém jamais morria sozinho quando Hope estava de plantão.

Mas estava muito consciente de que isso apenas não bastava. Um hospital deve ser um lugar onde as pessoas entram doentes e saem curadas.

Em meados de novembro, Hope despediu-se do último paciente da enfermaria da cólera.

– Lembre-se apenas de cuidar bem de si mesma, Sra. Hubert – aconselhou ela, adiantando-se para envolver melhor no xale a mulher miúda de rosto branco, pois estava muito frio lá fora. – Não queremos que volte para cá, não é?

A Sra. Hubert era uma paciente que Hope nunca esperou que sobrevivesse à doença. Tinha sete filhos, três dos quais também tinham contraído a doença e morrido. Estava claramente desnutrida e esgotada antes de ficar doente e, com um marido desempregado, que nem sequer se incomodara em vir buscá-la no hospital, era evidente que ela não tinha muitos motivos para querer estar viva. Mas tinha sobrevivido, o que a irmã Martha atribuiu aos cuidados que Hope lhe dispensara.

– Eu voltaria apenas para vê-la – disse a Sra. Hubert, os olhos brilhando com lágrimas emocionadas. – Foi você quem me fez ficar boa.

– Bobagem, você é uma guerreira – insistiu Hope. – Agora, lembre-se do que eu disse, não tente fazer muita coisa logo no início. Sua saúde ainda está frágil.

Às vezes, Hope gostaria de não saber o que pacientes como a Sra. Hubert iriam encontrar em casa. A pobre mulher ainda tinha que lidar com o sofrimento de ter perdido três filhos e, com um marido que só aparecia em casa quando não tinha dinheiro para comprar bebida, não podia esperar muito que ele a reconfortasse.

– Espero que você se case com o médico – disse a Sra. Hubert.

Hope ficou tão aturdida que sua boca se abriu.

– Não há nada entre nós – apressou-se a dizer.

A Sra. Hubert sorriu, seu rosto fino e pálido mais suave agora.

– Há, sim, minha querida. Dá para notar – afirmou ela. – Até Sal, antes de ir embora, disse que eu tinha sorte por ele estar de olho em você, ou nunca se importaria em vir cuidar de gente como eu.

– Isso não é verdade – retrucou Hope, indignada. – O Dr. Meadows é provavelmente o médico mais atencioso de toda Bristol. Ele não ignoraria nenhuma pessoa doente.

– Bem, agora você me provou que sente o mesmo por ele. – A Sra. Hubert deu uma risadinha. – Não deve haver nada que impeça vocês de se casarem, então? Mas vou seguir meu caminho agora. Se você algum dia passar perto da minha casa, faça o favor de ir me visitar!

Hope permaneceu sozinha na enfermaria fria e vazia por alguns minutos depois que a Sra. Hubert saiu, seu coração cantando por causa do que ela dissera. Se uma mulher doente conseguia perceber que Bennett se interessava por ela, então devia ser verdade.

Ela estava no hospital já havia três meses e o via quase todos os dias, mas, embora os dois conversassem e rissem, ele não a convidara para voltar a Harley Place e praticamente não lhe dava nenhuma razão para pensar que também a amasse.

Não que ela estivesse angustiada por isso; amava-o, mas em sua cabeça já quase se

resignara ao fato de que seu interesse por ela não era mais do que o de protetor e amigo. Estava satisfeita apenas com isso, embora suspeitasse que sentiria muito ciúme se ele lhe dissesse que amava alguém.

Passos no corredor a alertaram que alguém estava vindo, e ela pegou a vassoura num canto para varrer uns restos de palha do chão.

A porta se abriu e surgiu Bennett acompanhado de Sanders, o homem corpulento e de rosto vermelho que fazia trabalhos ocasionais em St. Peter.

– Trouxe Sanders para mostrar o que é preciso fazer aqui – disse Bennett. Parecia enrubescido, e havia manchas de sangue em seu jaleco, como se tivesse acabado de operar. – Já falei com ele sobre a caiação de toda a sala. Existe alguma outra coisa, enfermeira Renton? – perguntou, piscando para ela ao usar o termo formal, e Hope conteve o riso.

– Os buracos dos ratos e camundongos nos lambris precisam ser fechados. E é necessário limpar a chaminé – disse ela. – Precisaremos acender a lareira quando tivermos pacientes aqui novamente. Ah, e a pia na parte de trás precisa ser desentupida, pois leva muito tempo para que a água escorra.

Sanders olhou ao redor, sugando as bochechas como se o trabalho fosse extremamente difícil. Hope nunca tinha gostado daquele homem inconveniente e manhoso. Ela percebeu que ele ia pedir muito mais dinheiro do que o trabalho valia.

– Mas tomei a liberdade de perguntar a alguém que conheço para vir nos dar um orçamento para o trabalho – mentiu Hope. – Ele disse que faria tudo por 2 libras e 10 xelins.

Bennett olhou-a com surpresa.

– Eu sabia que tinha que ser feito rapidamente – disse ela, dando de ombros. – E sei que o Sr. Sanders está sempre muito ocupado.

– Faço por 2 guinéus – grunhiu Sanders. – Por causa da bondade do meu coração.

– Mas pode começar amanhã e terminar em dois dias? – perguntou Hope.

Sanders olhou para ela e para o médico. Parecia desapontado; pelo jeito, esperava não apenas ter grande lucro com o trabalho, como fazê-lo em seu próprio prazo.

– Dois dias só não bastam! – exclamou ele.

– O outro homem disse que sim – respondeu Hope. – E, de qualquer maneira, é o tempo que temos, as camas novas estão chegando e, se não estiver tudo pronto, não haverá lugar para colocá-las.

– Então tem que ser em dois dias – concordou ele, em tom sombrio. – Claro, tem gente que não quer trabalhar aqui depois da epidemia. Mas alguém tem que tornar esse lugar habitável de novo.

– Que homem bom e corajoso você é – falou Hope docemente. – Tenho certeza de que fará um trabalho maravilhoso.

Sanders foi embora e, assim que a porta se fechou atrás dele, Hope riu.

– Aposto que ele estava planejando pedir 5 ou 6 libras.

– Que sorte então que você tivesse perguntado a alguém antes – disse Bennett. – Mas você conhece gente que faz esse trabalho?

– Eu, não – disse ela. – Inventei essa história.

Bennett caiu na gargalhada.

– Sua danadinha! Quem lhe ensinou esses truques?

– Gussie e Betsy, acho. – Hope sorriu. – Eles eram excelentes negociadores; diziam que

nunca devemos nos mostrar interessados demais em comprar alguma coisa, pois o preço sempre desce.

– Vou me lembrar disso – comentou ele, ainda rindo.

Ele correu os olhos pela sala desnuda, para os respingos de sangue antigos, os insetos esmagados e outras manchas nas paredes.

– Como isso aqui parece estranho agora. É difícil acreditar que nos últimos três meses foi cenário de tanta dor e sofrimento; está tudo tão quieto e silencioso.

– Temos que rezar para nunca mais vermos outra epidemia como essa – disse ela, de repente séria. Era horrível pensar que mais de duzentas pessoas tinham morrido ali e um número equivalente na própria casa. – Mas não esperava vê-lo hoje. Eu só ia terminar de varrer e depois perguntar à irmã Martha onde ela me quer em seguida.

– Você terá dois dias de folga antes de fazer qualquer coisa – disse ele. – E eu preferia que pudesse gastá-los comigo.

– Com você? – exclamou ela, surpresa.

– É uma perspectiva tão assustadora assim?

– Não, claro que não. – Hope riu. – Mas aonde você planeja ir?

– Você promete vir onde quer que seja?

– Acho que sim! – A animação borbulhava dentro dela e, embora quisesse fingir displicência, estava entregando o jogo ao sorrir de orelha a orelha. – A menos que você pretenda passear de balsa no Avon ou acampar na floresta. Novembro não é um bom mês para essas coisas.

Bennett sorriu.

– Posso jurar que será algo com menos frio do que isso. A irmã de Alice mora na aldeia de Pill. Vou de vez em quando para lá com ela porque é um lugar tranquilo e bonito na foz do Avon. Costumo fazer longas caminhadas e deixar ela e a irmã conversando. Alice sugeriu que você deveria nos acompanhar desta vez.

O coração de Hope deu um salto.

– Eu adoraria – disse ela.

– Então, vamos sair na carruagem amanhã de manhã às oito e trinta. O chalé é muito pequeno, mas Alice vai dormir com Violet e você vai ficar no quartinho. Eu vou dormir no sofá. Mas leve agasalhos, às vezes vem um vento gelado do canal de Bristol.

A aparência da Sra. Violet Charlsworth, a irmã de Alice, fez Hope se lembrar de um bolinho de maçã, baixinho e gordo, mas muito doce. Seu marido tinha sido piloto de rebocador e ajudava grandes navios a subir o rio até as docas, mas morrera de pneumonia três anos antes. A minúscula mas aconchegante casa de Violet refletia a paixão do marido por navios. Aquarelas representando-os, navios em garrafas, alguns de latão e outros esculpidos em osso, uma coleção de antigos instrumentos de navegação e um sino de navio adornavam as paredes. Havia outros objetos exóticos também, trazidos por marinheiros de além-mar: estátuas africanas de aparência assustadora, leques, caixas de rapé e punhais. Cada uma dessas peças estava cuidadosamente arrumada e limpa.

O fogo crepitante foi muito bem-vindo, pois estava muito frio lá fora, e a recepção de Violet foi igualmente calorosa. Ela disse que não havia nada de que gostasse tanto quanto uma casa cheia de hóspedes.

Diante do chá e dos pãezinhos torrados, que ela estendia ao fogo em um garfo comprido, fez

uma série de perguntas a Alice e Bennett, seus vivos olhos azuis brilhando de prazer por ter companhia.

– Então Hope é sua jovem senhorita – disse ela abertamente para Bennett. – Não é de admirar que você não tenha vindo me visitar nos últimos seis meses!

Hope corou fortemente e tentou explicar que era apenas uma amiga.

Violet limitou-se a rir.

– Ele não iria trazê-la para cá a menos que tivesse planos a seu respeito, minha querida – disse ela, rindo tanto que sua papada balançava.

– Sra. Charlsworth! – exclamou Bennett em tom reprovador, mas não negou o que ela disse e Hope se afundou na cadeira confortável sentindo-se extraordinariamente feliz.

A cadeira e o calor da sala deixaram-na sonolenta e, apesar de tentar lutar contra o sono enquanto os outros três tagarelavam, perdeu a batalha e deve ter cochilado um pouco. Talvez tenha sido o som de seu nome sendo mencionado o que a trouxe de volta, pois de repente percebeu que estavam falando dela.

– Ela foi muito bem-criada, tive certeza disso assim que a vi – comentou Alice. – Podia estar usando trapos, mas os usava como uma duquesa. E olhe só para esse rosto! Onde já viu tamanha beleza?

Hope sabia que deveria demonstrar que estava acordada, mas a conversa sobre ela parecia ser tão elogiosa que não resistiu e quis ouvir mais.

– Ela está exausta – disse Bennett, e sua voz era macia e terna como uma carícia. – Se vissem o jeito como trabalha, não recua diante de nenhuma tarefa, por mais dura ou repugnante que seja. Ela nasceu para ser enfermeira, e só posso pensar que caiu do céu na hora de nossa maior necessidade.

– Mas o que o Dr. Cunningham pensa sobre sua amizade? – perguntou Violet.

– Ele não aprova – respondeu Bennett com tristeza.

Num instante, Hope não quis ouvir mais nada. Mexeu-se e fingiu bocejar.

– Sinto muito, Sra. Charlsworth. Que indelicadeza a minha, adormecer assim, foi o calor do fogo e a cadeira confortável.

– Ficamos contentes vendo você dormir – disse Alice. – Bennett acabou de contar que você trabalhou arduamente no hospital. Acho que está cansada.

– Estou bem – afirmou Hope, um pouco envergonhada e desejando não ter acordado antes que terminassem de falar a seu respeito. – Talvez precise de uma caminhada para desferrujar.

– Há um caminho na beira do rio que é sempre agradável, mesmo em um dia frio – comentou Bennett. – Gostaria que eu lhe mostrasse?

– Isso mesmo, vão vocês dois dar uma volta para abrir o apetite – incentivou Violet. – Tenho um ensopado de carne cozinhando no fogão, mas só vai estar pronto daqui a umas duas horas.

Estava muito frio lá fora quando saíram do calor da casa, e Hope aconchegou mais o capote em torno do corpo. Deixara o hospital cheia de autoconfiança naquela manhã, pois usava um vestido novo de lã xadrez vermelha, que comprara em uma das lojas de roupas de segunda mão no Pithay, e um vistoso chapéu vermelho enfeitado com plumas. Mas seu velho capote cinzento era o mesmo com o qual saíra de Briargate, agora tão desgastado pelo uso que não a protegia do vento. Enquanto cruzavam a pequena aldeia com seus esparsos chalés de pedra, o capote feito por Nell era um lembrete oportuno de que, embora a situação de Hope tivesse melhorado de

modo significativo desde que conhecera Bennett em Lamb Lane, algumas coisas nunca mudariam.

Ninguém, exceto Bennett, tinha as enfermeiras em muito alta conta. Como os soldados e os policiais, eram consideradas a ralé da sociedade, apenas valorizadas em tempos difíceis.

Bennett conversava animado enquanto caminhavam. Ouvira dizer que a Corporação estava convocando uma reunião de emergência para discutir saúde e saneamento na cidade, e esperava que isso significasse a demolição de lugares como Lewins Mead e a construção de novas casas com água encanada e esgotos.

– E eu imagino que isso significará que vão jogar todos os meus antigos vizinhos na rua – retrucou Hope. – Será que vão convocar para essa reunião alguém que realmente conheça e se importe com aqueles que ficarão sem teto? Acho que não. Vai ser uma reunião apenas com aqueles que lucrarão com as novas casas.

Bennett pareceu surpreso com o azedume em sua voz.

– Tenho certeza de que não será assim – respondeu ele. – O que deu em você, Hope? Achei que ficaria satisfeita em saber que um lugar que abriga tanta doença seria varrido do mapa.

– Não, se isso significar que as pessoas também terão que ser varridas do mapa – retrucou ela. – Deviam primeiro construir casas novas, com aluguéis que as pessoas pudessem pagar. Se não for assim, o problema simplesmente se mudará para Bedminster, St. Philips, Montpelier ou, que o céu olhe por seu tio, até para Clifton! Aposto que ele não vai ficar muito contente se dezenas de milhares de moleques de rua como eu acabarem sendo seus vizinhos!

– Por que você menciona meu tio? – perguntou Bennett, de frente para ela e segurando-lhe os dois braços. Ele tinha aquele olhar severo que sempre usava quando estava preocupado. – E por que se refere a si mesma como moleca de rua?

– É assim que ele me vê, não é? – retrucou ela. – Ele não gostaria se soubesse que você me trouxe aqui, não é?

– Não, ele não gostaria – admitiu Bennett. – Mas ele não é meu guardião. Sou dono de mim mesmo, não permito que me controle.

– Mas você mora na casa dele, portanto lhe deve obediência.

– Até certo ponto, sim. Mas apenas na medida em que acato a sua maior experiência na clínica que ele criou e respeito a casa dele. Não lhe permito escolher meus amigos.

– Mas você tem que esconder gente como eu. Não poderia me convidar para Harley Place se ele estivesse lá, poderia?

Bennett nem negou nem reconheceu que isso era verdade. Continuou caminhando, sem dizer nada. Hope trotou atrás dele, ciente de que havia falado demais, e não de uma maneira que o fizesse apreciá-la.

Quando chegaram às margens do rio, Bennett parou, olhando para a água, que era apenas uma faixa lenta entre grandes extensões de lama de aparência gordurosa. Com o céu de chumbo acima e as poucas árvores despidas de folhas se erguendo ao longo do rio, esqueléticas e sombrias, a cena não tinha a beleza que teria na maré alta e à luz do sol.

– Eu não escondi você! – ele de repente explodiu. – A epidemia era tão grave que não havia oportunidades para fazer nada mais além de tentar lutar contra ela. Meu primeiro pensamento quando os últimos pacientes morreram ou foram para casa foi para você, em especial sobre seu futuro e sobre meus sentimentos por você. Foi exatamente por isso que pedi que viesse para cá comigo.

Hope não sabia como responder a isso, então não disse nada.

– E então? – perguntou ele, incisivo. – Nenhum comentário sarcástico?

– Desculpe – murmurou ela. – Não devia ter dito o que disse.

O queixo dele projetava-se para a frente como se estivesse zangado, e fitava-a com olhar penetrante.

– Estou num dilema, Hope – confessou ele. – As circunstâncias de como nos encontramos é que tornam tudo muito difícil. Se eu tivesse conhecido você em uma festa ou um jantar, saberia exatamente como me comportar. Iria visitá-la, poderia dar-lhe um livro de poesia, poderia até pedir ao meu tio que organizasse alguma festa ou evento para que pudéssemos conversar e ser vistos apreciando a companhia um do outro. Então eu a convidaria para o teatro ou um concerto, e desde que você tivesse uma acompanhante adequada, e você e sua família não antipatizassem logo comigo, então poderíamos iniciar um namoro. Mas não posso fazer nada disso com você, Hope. Você não mora com sua família, não tem uma pessoa adequada como acompanhante.

– E também não tenho as roupas nem as maneiras corretas – concordou Hope, melancólica. Ele fez uma espécie de grunhido exasperado.

– Não é isso, Hope! Não são as suas maneiras, antecedentes ou coisa parecida. Será que não vê? Amo você.

Hope piscou, espantada.

– Eu me apaixonei por você quase no primeiro minuto em que vi seu lindo rosto – prosseguiu ele. – Cada momento desde então confirmou que você é a única moça do mundo inteiro para mim. Todas essas sutilezas sociais não significam absolutamente nada. Mas estou preso numa situação em que elas são importantes para todas as outras pessoas e, se eu as desprezasse, você seria a única a sofrer.

Hope acreditou, enquanto ele falava de acompanhantes, concertos e famílias, que ele estava apenas tentando mostrar por que ela nunca poderia entrar em seu mundo. Mas então ele disse que a amava, e nada mais importava.

– Você me ama? – sussurrou, arrepios de prazer percorrendo-lhe a espinha. – De verdade?

Ele olhou para ela com os olhos tristes de um cachorrinho.

– Sim, Hope. De verdade! Loucamente, profundamente. Passo o dia inteiro pensando em você, invento desculpas para ver você, não consigo dormir à noite imaginando beijar você.

– Ah, Bennett... – Ela se lançou em seus braços impulsivamente. – Também amo você, também é assim para mim.

Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo e, quando seus lábios tocaram os dele, seus braços a rodearam com tanta força que ela quase perdeu a respiração.

Hope nunca tinha beijado um homem. Ao longo dos últimos anos, sempre se perguntava que tipo de sensação as pessoas teriam comprimindo os lábios nos de alguém, pois aquilo lhe parecia uma improvável fonte de prazer.

No entanto, quando os lábios mornos e macios dele se encontraram com os seus, todas aquelas sensações estranhas e deliciosas que experimentava quando se deitava na cama pensando nele repetiram-se duas, três vezes mais fortes e doces.

Ela não se incomodou por estarem na margem do rio, que pudessem ser vistos por qualquer pessoa que passasse. Não lhe importava que ele fosse um médico e um cavalheiro, enquanto ela era apenas uma criada de cozinha que se tornara enfermeira. Só pensava que ele a amava, e ela o amava também. Nada mais era importante.

– Hope, minha querida, doce e linda menina... – murmurou ele quando se separaram para tomar ar. – Faz tanto tempo que eu queria beijar você...



Houve muitos outros beijos. Eles caminharam alguns metros de mãos dadas e então, de repente, estavam se beijando de novo, e de novo, sem perceber o vento frio e a lama debaixo de seus pés. Os braços dele passaram por debaixo de seu capote, aproximando-a ainda mais, acariciando-a de uma maneira que a fez sentir como se derretesse. Só quando perceberam que tinham saído de casa havia mais de duas horas, e que seus pés e mãos estavam congelados, que voltaram para a casa de Violet.

– Não sei como vou esconder isso de Alice e Violet. – Bennett riu quando se aproximaram da casa. – Tenho certeza de que está escrito no meu rosto.

– E não sei como vou conseguir conversar educadamente durante o resto do dia, quando só quero é beijar você mais – respondeu Hope.

Nos meses que se seguiram à visita ao chalé da Sra. Charlsworth, Hope pensou várias vezes nessa última observação feita a Bennett. Tudo parecera tão simples então; eles sabiam que compartilhavam os mesmos sentimentos e, portanto, presumiam que, em pouco tempo, encontrariam um modo de torná-los públicos. Mas não era assim tão simples.

Como Bennett dissera naquele dia, não podiam ter um namoro tradicional. Hope não tinha residência familiar para ele visitar; Bennett não podia convidá-la para Harley Place. Sem amigos mútuos que lhes servissem de acompanhantes para estarem juntos, restavam-lhes pouco mais do que caminhadas, sentarem-se em cafeterias e conversarem às pressas no hospital quando Bennett chegava para ver pacientes.

Durante o Natal, Hope não o viu, pois seu tio tinha hóspedes e contava com a presença dele para ajudar a entretê-los. Quando os sinos da igreja tocaram para o ano-novo de 1850, ela estava ajudando a irmã Martha num parto de gêmeos, e passaram-se dois dias até Bennett ir ao hospital para desejar-lhe um feliz ano-novo.

Ele não precisava lembrá-la que nessa fase não era aconselhável que se descobrisse o que sentiam um pelo outro. Ela já sabia. O Dr. Cunningham quase certamente providenciaria para que ela fosse demitida do hospital e também poderia encerrar sua parceria com o sobrinho. No entanto, se esperassem o momento propício e deixassem o Dr. Cunningham descobrir por si mesmo que Hope se tornara uma enfermeira muito boa, com referências irrepreensíveis, ele provavelmente se tornaria bem mais receptivo a ela.

Hope agora estava trabalhando na enfermaria da maternidade, de que passou a gostar muito. Exceto pelas ocasiões em que ocorria um parto muito difícil, ou uma mãe ou seu bebê morriam, era em geral uma enfermaria muito gratificante e alegre para trabalhar. Como todas as enfermarias de St. Peter, estava superlotada, e as outras enfermeiras ou eram mulheres desmazeladas e preguiçosas com gosto pela bebida ou freiras severas com pouca compaixão. No entanto, independentemente das falhas desses dois grupos de enfermeiras, Hope logo percebeu que tinham uma riqueza de experiência de que ela carecia. Sendo a mais nova em sua família, nunca presenciara um nascimento antes; seus únicos conhecimentos sobre bebês tinham sido adquiridos com as crianças de Matt e Amy. O único atributo que levou para a enfermaria em seu primeiro dia foi saber que sujeira causava doença e a convicção de que, se providenciasse para manter a enfermaria limpa, mais bebês novos sobreviveriam.

Cada vez que lavava um bebê recém-nascido, enchia-se de respeito pelo milagre do nascimento, e era o puro instinto que a guiava. Entretanto, também se assustava de lhe terem dado a responsabilidade pelo seu bem-estar, quando ela sabia pouco ou nada sobre bebês, parto ou até mesmo anatomia e biologia. Pedia livros emprestados a Bennett e, embora geralmente

trabalhasse catorze horas por dia, passava mais duas ou três estudando esses livros, ansiosa para entender os mistérios de como funcionava o corpo humano.

Talvez, se ela estivesse em qualquer outra enfermaria, teria achado mais fácil tirar Bennett da cabeça durante pelo menos parte do dia. Mas a própria natureza da enfermaria da maternidade era um constante lembrete da união física. A maioria das mães eram mulheres impudicas que falavam abertamente sobre suas experiências sexuais. Às vezes, Hope ficava chocada, outras vezes achava suas histórias divertidas, mas dificilmente se passava um dia sem que aprendesse algo de novo.

Era em momentos como esses que sentia uma onda de tristeza pela falta de Betsy, pois ouvia muitas coisas sobre as quais daria tudo para conversar com uma amiga. Havia pessoas no hospital de que ela gostava – estranhamente, sobretudo as freiras –, mas não podia dizer-lhes que não conseguia dormir imaginando Bennett acariciando-a intimamente, nem fazer perguntas sobre o tamanho do pênis de um homem e se a mulher sentia dor quando penetrava nela. Nem ao menos podia perguntar se era normal pensar nessas coisas.

Em momentos tranquilos, durante o dia, seus pensamentos sempre se voltavam para Bennett, revivendo seus beijos e a sensação boa quando ele a segurou com firmeza e disse que um dia se casariam e teriam filhos. Ela se deixava levar por um sonho de Bennett sendo o médico de uma aldeia como Compton Dando. Teriam um cavalo e uma charrete para ele visitar seus pacientes e uma casa bonita, com rosas crescendo no pórtico da entrada. Ela esperava ter pelo menos quatro filhos, e que eles crescessem como gente fina, nunca tendo que trabalhar como criados.

Seus irmãos e irmãs também estavam no sonho, trazendo seus filhos para visitar. Nem sequer pensava como ela e Bennett iriam superar o problema de Albert, pois era um milagre que Bennett a amasse e, portanto, qualquer outra coisa também seria possível.

Mas preocupava-se com a opinião do Dr. Cunningham sobre ela. Ele só ia de vez em quando a St. Peter, e Hope tinha certeza de que ele perguntava a seu respeito, porque alguém sempre lhe contava que ele estivera no hospital. Porém, como ele nunca ia procurá-la, ficou claro que seu interesse por ela devia-se apenas a ter sido o responsável por mandá-la para lá.

Em abril, no aniversário de 18 anos de Hope, Bennett a levou de trem a Bath para passar o dia.

Ela achou maravilhoso ele lhe dar de presente de Natal um capote novo de lã azul-escuro com um capuz bem quente. Já teria ficado entusiasmada se o presente tivesse sido alguma coisa pequena, como um lenço, um livro ou um sabonete perfumado, mas ele ter saído e escolhido algo tão pessoal e bonito trouxe lágrimas a seus olhos. Todas as noites, sentava-se no quarto abraçada ao capote e ficava pensando nele. Ele não poderia imaginar quanto ficara emocionada e encantada.

No entanto, de maneira diferente, a viagem a Bath significou ainda mais, porque ele notou que ela estava morrendo de vontade de andar de trem. Enquanto esperavam para embarcar na estação Temple Meads, ela ficou tão ansiosa que achou que poderia explodir.

O prédio da estação em si era uma visão espantosa, com sua enorme cúpula de vidro, mas Hope estava tão impressionada com seus companheiros de viagem que mal olhou para o teto. Todos pareciam tão elegantes: senhoras com capotes guarnecidos de peles e chapéus de bom gosto, cavalheiros de casaca e cartola. Havia crianças pequenas igualmente bem-vestidas, aos cuidados de suas amas. Mesmo as pessoas que não eram nobres e que Bennett disse que viajariam na terceira classe, pareciam ter caprichado na aparência para a viagem.

Mas havia também muito mais coisa acontecendo em outros lugares da estação. Hope nunca tinha visto um trem de perto, e a locomotiva era tão grande e barulhenta que, quando Bennett a levou mais perto para lhe mostrar a caldeira, ela recuou com medo.

Sacos do Royal Mail muito cheios, caixas de galinhas vivas, baús e pacotes, todos esperavam em carretas para serem embarcados no trem de Londres. Hope espiou a sala de espera da primeira classe e viu que tinha uma lareira acesa ali; havia uma casa de chá também, e carregadores em uniformes esmerados esperando para transportar a bagagem dos passageiros.

No entanto, tudo o que viu na estação não foi nada comparado com a emoção de entrar no trem, instalar-se em um assento confortável e em seguida ouvir o guarda apitar e acenar a bandeira para que ele partisse.

Se vivesse até os 98 anos, Hope nunca esqueceria o som desses pistões rodando, o *chugue, chugue, chugue* do trem aos poucos acelerando, e de repente estavam indo a uma velocidade aterradora, o campo passando em lampejos pelas janelas.

Ela sabia que levaria duas horas ou mais para chegar a Bath numa carruagem de quatro cavalos, e quase o dia inteiro de carroça. Mas completaram a viagem de trem em meia hora.

Quando saíram da estação, Hope teve vontade de ficar parada e apenas assistir, pois Bath era surpreendentemente diferente de Bristol. Ainda que as ruas estivessem igualmente cheias de pessoas, cavalos e carruagens, e houvesse tantos mendigos, varredores de ruas e moleques esfarrapados quanto na outra cidade, o movimento das ruas tinha um ritmo muito mais tranquilo e cortês. Pessoas finas trajadas com requinte passeavam de braços dados ao sol da primavera, e até mesmo as matronas vestidas com mais sobriedade pareciam muito mais prósperas do que suas semelhantes de Bristol. Mas foi a própria cidade o que mais impressionou Hope. As ruas principais eram mais largas e os edifícios de pedra amarelada eram muito elegantes, não velhos e caindo aos pedaços quanto os de casa. Até o rio Avon parecia mais limpo ali, e Hope adorou a ponte com pequenas lojas ao longo de toda a sua extensão.

– Isso é porque a maior parte só foi construída nos últimos 150 anos – explicou Bennett. – Vê como algumas das casas são semelhantes às de Clifton? Muitas foram projetadas pelos mesmos arquitetos. Mas Bath não tem a indústria de Bristol para sujá-la de fuligem; os Banhos Romanos são a principal atração. Os ricos vêm em bandos para cá a fim de tratar da saúde, imaginando tolaamente que uns goles da água de gosto desagradável curam qualquer coisa, de gota a sífilis.

Hope sorriu para si mesma. Era evidente que Bennett não acreditava que houvesse qualquer propriedade mágica na água e condenava os que ganhavam dinheiro com os crédulos.

Parecia saber exatamente para onde estavam indo, pois apontou para as Pump Rooms, onde disse que os ricos ociosos se congregavam, depois a levou por uma série de ruas estreitas, parando enfim à porta de uma pequena loja com uma vitrine em arco.

– Aqui é onde eu compro o seu presente – disse ele, beijando-lhe o rosto.

– Mas vir a Bath era o meu presente! – exclamou ela, olhando para a vitrine da loja e de repente percebendo que era uma joalheria. – Você não pode comprar nada aí!

– Posso, sim – disse ele, rindo. – Mas primeiro tenho que lhe perguntar uma coisa.

Hope olhou para ele, na expectativa.

– Diga.

– Quer se casar comigo?

Hope esperava que ele fosse perguntar se ela gostaria de um broche para o capote, ou talvez até de um medalhão. Nem mesmo no mais fantasioso de seus devaneios imaginou que lhe pedisse para se casar com ele, pelo menos até resolverem como dizer ao tio o que sentiam um

pelo outro.

– Mas não podemos! Seu tio!

– Não quis dizer imediatamente. – Ele riu da sua expressão espantada. – Só queria que você soubesse das minhas intenções e recebesse um anel como prova de compromisso.

Ela levou uns instantes para assimilar o que acabara de ouvir. Então lançou os braços ao redor dele, rindo de alegria.

– Eu adoraria casar com você, este ano, no próximo, a qualquer hora. Sua palavra teria sido suficiente para mim. Não preciso de um anel.

– Mas quero mostrar tudo o que você significa para mim – disse ele, abraçando-a também. – Mesmo que isso signifique que você não pode exibi-lo para o mundo desde já.

– Então por enquanto vou usá-lo em uma corrente ao redor do pescoço. Amo tanto você, Bennett...

Mais tarde, sentada em um banco no parque junto ao rio, Hope estendeu a mão para Bennett.

– Veja como brilha.

Ele tinha comprado uma corrente de ouro para pendurar o anel, mas, só naquele dia, ela o usaria no dedo. Bennett pediu desculpas por ser um diamante tão pequeno, mas para Hope era algo digno de uma rainha.

– Ele não brilha tanto quanto você. – Ele beijou as pontas de seus dedos. – Você é meu amor e minha vida, e espero que se lembre disso quando eu lhe disser o que decidi.

– Que nós fugimos esta noite? – sugeriu ela.

– Não, isso não seria prudente, não enquanto eu não tiver dinheiro para mantê-la. Mas tenho um plano para resolver essa questão. Decidi me alistar no Exército como médico.

O coração de Hope se apertou.

– Ah, não, Bennett! – exclamou. – Você não pode fazer isso. Você pode ser morto e nunca mais nos veríamos.

– Os médicos militares não lutam – disse ele sorrindo com carinho. – Tudo vai estar contra nós enquanto eu estiver sob a tutela do meu tio. Não tenho meios para iniciar minha própria clínica e, se fosse me juntar à de outra pessoa como médico júnior, minha situação financeira ficaria pior do que a atual. Mas no Exército eu não ficaria em dívida com ninguém.

– Mas você teria que ir embora – disse ela, lágrimas ardentes nos olhos.

– Você poderia vir comigo. Não acha isso uma aventura? Podemos ir à Índia!

– E eu teria permissão para ir com você? – perguntou ela.

– Tenho certeza de que sim. Mas a realidade agora, enquanto não há guerra, é que estaríamos presos em algum lugar como Winchester por anos e anos, eu tratando furúnculos e coisas assim. Que patrimônio você seria para mim! Não há muitos médicos com uma esposa que seja enfermeira.

– Você já fez alguma pesquisa sobre isso? – Ela o fitou, inquisitiva, perguntando a si mesma se ele realmente teria pensado em tudo.

– Não, eu queria saber primeiro o que você acha da ideia.

– Não tenho certeza – disse ela, hesitante.

– Depois que estivéssemos casados – continuou ele, apertando a mão dela – você poderia escrever para casa. Quer dizer, você estaria *de fato* casada com um soldado e, por isso, além de se desculpar por estar fora de contato há tanto tempo, não precisaria contar sobre os verdadeiros motivos de sua partida.

Hope sorriu porque o entusiasmo dele era contagiante. Na realidade, ela sabia que isso realmente nunca funcionaria, pois todos ficariam furiosos com ela por ter deixado a família tão preocupada. Mas ela não estragaria o momento de entusiasmo dele dizendo isso.

– Não nos preocupemos com eles por enquanto – esquivou-se ela. – Vamos aproveitar o dia de hoje.

– Certo. Vamos primeiro procurar um lugar para jantar – disse ele, levantando e puxando-a para também ficar de pé. – Depois, podemos apreciar as vistas de Bath!

Algumas horas depois, no Pump Rooms, Hope controlava-se para não rir. Assim que entraram e Bennett viu as pessoas bem-vestidas reunidas lá, fingiu ter uma séria doença. Levantou um dos ombros, curvou as costas, fez uma careta e começou a mancar, circulando várias vezes pelo salão para que todos o notassem. Alguns pareciam incomodados por sua aparência, outros cochichavam entre si, talvez por comiseração. Então, quando obteve a atenção de todos, foi coxeando até a fonte tomar seu copo da água medicinal.

Hope permaneceu perto da porta, adivinhando qual seria o plano dele. Se o tivesse acompanhado, ia rir alto e estragar tudo. Mas ele desempenhou o papel muito melhor do que ela esperava e, quando tomava cautelosamente um gole da água, viu que todos o observavam com atenção.

Enquanto bebia, emitia pequenos grunhidos para manter todos com os olhos nele. O braço esquerdo ergueu-se abruptamente acima de sua cabeça como se tivesse vida própria, então ele agitou a perna esquerda.

– Está fazendo efeito! – gritou, com um carregado sotaque de Somerset. – Sim, está fazendo efeito. Sinto profundamente seus poderes em minhas entranhas!

Hope teve que cobrir a boca com a mão para conter o riso. Ele tinha espasmos, contorcia-se e engolia a água tão rápido que ela lhe escorria pelo queixo. Todos ficaram paralisados: alguns pareciam assustados, talvez achando que ele estava tendo um ataque, mas o restante estava de olhos arregalados, estupefatos, e o único som que se ouvia além dos gemidos e suspiros que Bennett produzia eram murmúrios chocados.

Lentamente, ele endireitou o corpo. Olhou para si mesmo como se estivesse incrédulo. Segurou o rosto nas mãos e caminhou em direção a um grande espelho para verificar se não estava enganado.

– Aleluia! – exclamou. – Estou curado! Estou curado!

Só restava a Hope correr e abraçá-lo.

– Ele é deformado e curvado desde o dia em que nasceu – anunciou ela com um sotaque igualmente rústico. – Agora preciso levá-lo para casa, para que nossa mãe também possa ver este milagre.

Lágrimas rolavam por suas bochechas, mas apenas por reprimir o riso. Ao sair às pressas com Bennett pela porta, teve que morder os lábios com força quando escutou “Você viu que coisa impressionante?” e “Ele era aleijado, agora ficou curado”, e outros comentários semelhantes que soaram por trás deles.

Como conseguiram chegar à esquina sem se dobrar de rir, Hope não saberia explicar. Mas, uma vez fora da vista, quase explodiram em gargalhadas, agarrando-se um ao outro e rindo até não aguentar mais.

– Você é uma desgraça para a profissão – disse Hope aos atropelos. – Todos agora vão beber litros daquela água e depois ficarão enjoados.

Bennett enxugou as lágrimas.

– A cara deles! – exclamou ele. – “É um milagre. Estou curado!”

– Você deveria ter vergonha de si mesmo! – Hope riu. – Consegue imaginar o que vai acontecer daqui a algumas horas? A história vai correr por toda Bath, todos vão falar sobre o milagre.

– Hoje houve um verdadeiro milagre – disse ele, aproximando-se e beijando-a. – Você concordou em se casar comigo.

– Isso foi antes de descobrir quanto você pode ser bobo – disse ela. – E o engraçado é que isso me fez amar você ainda mais.

1853

Lady Harvey estava parada junto à janela do quarto, olhando para o caminho que levava até a casa do portão. A geada espessa tinha embelezado os campos e as árvores, criando o tipo de cenário invernal que outrora gostava de reproduzir em aquarelas. Mas não era a vista que apreciava naquele momento, e sim a pequena casa de pedra cinzenta a distância que, antes de Nell deixá-la, nunca lhe chamara a atenção.

Filetes de fumaça saíam da chaminé, e ela se perguntou como estaria a casa, agora que Albert morava sozinho. Vergonhosamente, nunca tinha visitado Nell enquanto ela morava lá; nem sequer perguntara se estava bem instalada, ou se havia algo de que precisasse para tornar a moradia mais aconchegante.

Sabia que chegara o dia de tomar uma providência a respeito de Albert. Não podia adiar mais, pois talvez não tivesse uma oportunidade tão boa por meses a fio. William estava em Londres e Rufus voltara para a escola na manhã anterior, após o feriado de Natal, de modo que, se Albert fizesse uma cena, não haveria ninguém para ouvir.

Seis longos anos haviam se passado desde a partida de Nell, e o arrependimento de Anne sobre esse dia crescia a cada ano que passava. No começo, foi apenas a ruptura da rotina, um mero desconforto. Entretanto, nunca esperara ter que se vestir ou fazer seu penteado, muito menos lavar, arrumar quartos ou remendar roupas, mas logo se tornou evidente que a partida de Nell criou um caos muito maior do que parecia a princípio.

Ficou evidente que Nell e Baines é que efetivamente dirigiam a casa; estabeleciam os padrões para os outros criados e se certificavam de que os patrões nunca tivessem que se preocupar com a forma como todas as tarefas eram realizadas nem por quem.

Baines era o capitão, Nell era mais um soldado raso, mas tinha sua energia, seu orgulho por Briargate e o calor de sua personalidade era o que criava um ambiente que mantinha todos os funcionários felizes e dispostos a trabalhar duro. Sem Nell, Baines logo perdeu o controle da situação, suas instruções passaram a ser ignoradas e os demais criados começaram a brigar entre si, todos pondo a culpa em outra pessoa por tarefas negligenciadas.

Nos últimos tempos, as refeições se atrasavam, os quartos nem sempre eram limpos e uma atmosfera tensa e desagradável substituíra a antiga, alegre e alvoroçada. Quanto a Albert, ele marchava por todo lado como se fosse o dono do lugar, e todos, até mesmo lady Harvey e sir William, tinham medo dele.

Já nos primeiros dias após a partida de Nell, Anne viu que deveria assumir o controle, mas não o fez. Só tarde demais, entendeu que Nell tinha sido muito mais do que uma simples criada, pois, além de ser amiga, irmã e mãe, ela criava uma barreira entre a patroa e a dura realidade da vida. Sem a criada, sentia-se vulnerável, medrosa e muito solitária. Também carregava muita culpa por não a ter defendido ou apoiado quando mais precisou.

Seis anos depois, Anne ainda corava com a lembrança de como devia ter parecido insensível quando Nell lhe contou que Hope era sua filha. Sua única defesa era não ter acreditado

que poderia ser verdade. Quem acreditaria que uma criada jovem levaria um bebê e a criaria como sua própria irmã sem qualquer recompensa, apenas para proteger a patroa? E o fato de Nell insistir que Albert havia matado Hope lhe parecera um melodrama histérico.

Nas semanas que se seguiram, Anne permaneceu em uma espécie de estado de negação de que Hope fosse sua filha. Oscilava entre a raiva de sua criada tê-la deixado, o pavor de que pudesse espalhar aquela história ridícula por todo o vilarejo e um repugnante descontentamento consigo mesma, por não ter previsto que um criado que sabia demais podia ser perigoso.

Contudo, à medida que as semanas se passavam sem qualquer escândalo lhe chegando aos ouvidos, e com tempo para refletir sobre tudo o que a antiga criada contara, Anne viu que tinha sido injusta. Chegaram-lhe rumores de que Nell tinha ficado louca de tristeza com o desaparecimento da irmã mais nova, mas ficou claro que ela ainda não tinha comentado nada sobre Anne. Mesmo imersa em profunda angústia, Nell permaneceu leal.

O reverendo Gosling foi até Briargate, fervendo de raiva por Nell ter trazido vergonha à família ao quebrar os votos matrimoniais. Pediu a Anne para conversar com ela, para fazê-la ter bom senso e voltar para o marido ou deixar o vilarejo para sempre.

Mas Anne sabia que Nell nunca voltaria para Albert e não teve coragem de sugerir a outra alternativa, ou mesmo, se tivesse sido franca, de enfrentar Nell. Então fez o que sempre fazia diante de um problema, fosse este o vício de William com a bebida ou a perda paulatina da riqueza: fingir que não existia.

Foi um alívio quando soube que Nell deixara a fazenda do irmão e conseguira um novo emprego perto de Bath. Se alguém sabia o nome do novo patrão, a notícia não alcançou os ouvidos de Anne, e ela fez o possível para esquecer Nell.

Mas Rufus não a deixava esquecer Hope. Toda vez que voltava para casa nas férias, sua primeira pergunta era sempre sobre ela. Argumentava que Hope tinha sido sua única amiga de verdade, e revelou como se encontravam na floresta e brincavam juntos. Tinha um prazer quase diabólico em contar a história de como, se não fosse por Hope, teria se afogado na lagoa, e repreendeu a mãe por sua indiferença quando Meg e Silas Renton morreram, deixando a menina órfã. Anne muitas vezes se perguntou como ele reagiria se descobrisse que a menina era sua meia-irmã. Só de pensar, tremia de medo.

Pior ainda era que Rufus parecia ter um apego muito maior pelos Rentons do que pela própria mãe. Quando voltava para casa nos feriados, quase de imediato ia correndo para a fazenda de Matt. Às vezes, ficava lá do nascer ao pôr do sol, voltando sujo de terra e cheio de histórias sobre ter ordenhado vacas, recolhido ovos, arado e semeado a terra.

Anne sentia a trágica ironia de os Rentons terem acolhido sua primogênita e agora Rufus também querer se juntar à família deles.

Talvez devesse ter proibido que o filho fosse para lá, ou pelo menos insistido que fosse com menos frequência, mas até muito recentemente o comportamento do pai tinha sido tão abominável que Anne achava melhor Rufus estar fora do caminho.

Pouco depois de Nell ir embora, William passou a consumir muito mais álcool, a ponto de raramente ficar sóbrio em casa. Fechava-se em seu estúdio com uma garrafa e saía cambaleante mais tarde, destratando a esposa e qualquer outra pessoa que tentasse fazê-lo ver a razão.

Então, sem qualquer aviso, desaparecia sem dizer a ninguém aonde estava indo e ficava ausente por dias a fio. Para sua vergonha, Anne frequentemente se via desejando que ele sofresse um acidente fatal e ela ficasse livre para voltar para a casa de sua família e ficar com as irmãs. Sabia que era um pensamento horrível, mas estava no fim de suas forças e não tinha ninguém a quem recorrer. Até Angus a abandonara. É verdade que fora ela a responsável por terminar o



relacionamento, mas achava que ele ainda poderia ter conservado algum afeto por ela a ponto de aparecer de vez em quando para ver como estava.

E então, quando pensava que nunca mais o veria, ela o encontrou.

Fazia menos de um mês, três dias antes do Natal.

Ela fora ao centro de Bath para comprar alguns presentes. A Milsom Street estava cheia de compradores, um realejo tocava alegremente, todas as vitrines estavam iluminadas e decoradas e os vendedores de castanhas assadas apregoavam em voz alta sua mercadoria à multidão. O clima de festa a deixou animada, e Anne lembrou que Rufus deveria estar em casa no dia seguinte e que, além disso, na noite anterior, William admitira que estava se comportando de forma detestável e prometeu que mudaria.

Ela não estava muito otimista – não era a primeira vez que o marido fazia tais promessas e as quebrava poucos dias depois –, mas dessa vez ele deitou a cabeça em seu colo e chorou abertamente. Disse que beber era sua maneira de lidar com a ansiedade por ter perdido sua fortuna. Acrescentou que havia decepcionado ela e Rufus, que a casa estava caindo aos pedaços e que tudo aquilo era muito difícil para ele.

Anne sentiu que precisava lhe dar outra chance. Sugeriu que, depois do ano-novo, ele procurasse seus conselheiros e verificasse quanto dinheiro exatamente ainda possuíam; então poderiam fazer planos para lidar com a situação, por pior que fosse.

Por enquanto, só queria que tivessem um Natal feliz e se reaproximassem.

Acabara de comprar uma gravata de seda azul para William e subia a rua para conseguir tintas novas para Rufus quando viu Angus vindo em sua direção. Anne tomou um susto tão grande que quase tropeçou.

Ele estava de uniforme, casaco azul com alamares dourados e calça vermelho-cereja, fazendo-o parecer mais alto e ainda mais bonito do que lembrava. Não pareceu abalar-se ao vê-la, pois sua expressão não mudou.

– Bom dia, lady Harvey – disse, fazendo uma pequena mesura. – Como tem passado?

Ela se recompôs, sentindo-se muito contente por estar usando seu capote azul guarnecido de pelo de marta e toucado da mesma cor, pois, apesar de fora de moda, sabia que lhe caía bem. Mas ficou perturbada quando percebeu que, apesar de terem se passado seis anos desde que lhe escrevera depois do funeral de seu pai, tinham transcorrido oito anos desde a última vez que se encontraram frente a frente, e ela sabia que esses anos se mostravam em seu rosto.

– Estou muito bem, obrigada – conseguiu balbuciar, observando que ele tinha fios grisalhos nas têmporas e que raspava o bigode. – Está de licença?

Lembrou que certa vez ele fizera uma observação irônica sobre não haver boas guerras no momento, e que os soldados estavam ficando gordos e preguiçosos. Ela perguntou se estava na casa de seus parentes em Chelwood.

– Não, adquirei uma casa há alguns anos – disse ele, bastante lacônico.

– Lamento que minha última carta tenha sido tão fria e decisiva. Eu estava passando por um período muito difícil com William e, com a morte de minha mãe e de meu pai logo em seguida e Rufus indo para a escola, estava bem fora de mim.

– Suponho que essa também seja sua desculpa para ter tratado Nell de maneira tão mesquinha?

– Nell? – repetiu ela, estupefata não apenas pela acusação, mas por ele ter chegado a saber que sua criada saíra de Briargate. – Não sei de onde tirou isso, Nell foi embora por vontade própria!

– Céus, Anne, você não lhe deixou opção. – Ele levantou a voz, zangado, deixando de lado

a formalidade anterior. – Como ela poderia ficar com aquele canalha? E soube que ele ainda está trabalhando em Briargate!

Anne olhou ao redor nervosamente, temendo que alguém que conhecesse pudesse vê-los. Queria perguntar se não poderiam conversar em algum lugar mais reservado, mas não sabia como fazê-lo.

– Eu queria demitir Albert, mas William não me deu ouvidos... E era Natal – concluiu ela, sem jeito.

Angus ergueu uma sobrancelha.

– E, como boa cristã, você achou melhor que a mulher que lhe dedicou a maior parte da vida fosse banida para manter a paz?

– Não foi bem assim. – Anne estava rapidamente perdendo a compostura diante do sarcasmo de Angus. – Você deve ter ouvido uma versão distorcida de como tudo aconteceu.

– Não. Ouvi apenas a pura verdade, sem enfeites – retrucou ele, inflexível. – Que Nell acreditava que Albert tinha matado a irmã mais nova e que você e William se recusaram a levá-la a sério. Quando a conheci e a contratei para ser minha governanta, ela era uma mera sombra da jovem eficiente que conheci em Briargate.

– Sua governanta?!

Anne ofegou, espantada que Rufus a tivesse deixado no escuro. Matt decerto teria mencionado isso a ele, não é? Sua mente girava. Nell teria contado a Angus sobre a paternidade de Hope?

– Sim, e é a melhor criada que um homem poderia encontrar – disse ele com um leve sorriso. – Somente um tolo abriria mão de um tesouro como ela.

Anne sentia-se humilhada.

– Estamos de acordo nisso – admitiu. – Senti muito a falta dela. Mas, Angus, conseguimos que a polícia procurasse Hope, e eles não acharam nada suspeito. Pareceu a todos que ela tivesse realmente fugido.

– Nell não acredita nisso. Ela acha que, se Hope estivesse viva, já teria entrado em contato com um de seus irmãos a essa altura. Estou inclinado a crer que ela fugiu, mas absolutamente convencido de que Albert a obrigou. Por mim, eu daria uma surra de chicote nele e o forçaria a dizer a verdade, assim Nell poderia ter alguma paz de espírito. Mas não me cabe fazê-lo; é tarefa para a família dela ou para William.

Com essa afirmação, ficou evidente que Angus não sabia que Hope era sua filha. Estava indignado porque achava que ela e William não tinham manifestado a devida solicitude por duas funcionárias leais e trabalhadoras. Se soubesse sua relação com Hope, porém, teria ido imediatamente a Briargate para surrar Albert, e era quase certo que também sentisse ímpetos assassinos com relação à própria Anne.

Ela teve medo de olhá-lo nos olhos, e embora lhe promettesse que ela própria ia cuidar de Albert, e lhe pedisse para transmitir seus votos mais calorosos a Nell, a dureza nas feições dele deixou claro que só sentia desprezo por ela. Desculpando-se, ela saiu apressada, corando até a raiz dos cabelos.

Sempre soube que Angus odiava a injustiça e a crueldade, e muitas vezes havia criticado a péssima situação dos homens alistados no Exército. Portanto, não era surpresa nenhuma ele ter oferecido refúgio a Nell em sua própria casa.

Enquanto se afastava dela naquela manhã na Milsom Street, Anne viu as próprias falhas com bastante nitidez. Era uma mulher fraca, vaidosa e egoísta, que desfrutara do afeto e da lealdade de outras pessoas durante toda a vida sem jamais oferecer nada em troca. Não é de

admirar que não enxergasse mais nenhum vestígio de amor nos olhos dele.

Durante todo o período do Natal, não conseguiu pensar em nada além de Angus. Não era a primeira vez que o antigo amante tomava conta de seus pensamentos. Ao longo dos anos, passou incontáveis horas percorrendo toda a gama de emoções – amando-o, odiando-o, culpando-o por arruinar sua vida e, contudo, ainda ardendo de excitação quando se lembrava de ambos fazendo amor e sempre ansiando por mais. Mas agora era diferente, não sentia tremores de desejo, não sentia ódio nem culpa, tudo o que via era como tinha sido egocêntrica.

Angus era um homem honrado. Apaixonara-se por Anne, mas tentou lutar contra isso por ela ser uma mulher casada. Foi ela quem fez tudo acontecer: flertando, tentando-o e pressionando-o. Ele tentou acabar o relacionamento inúmeras vezes, mas ela se agarrou a ele, ameaçando até se matar.

Só enxergava o próprio umbigo: a falta de futuro, a desonra se fossem pegos, a espera incessante enquanto ele estava fora em campanha. Nunca considerou os sentimentos dele nem se deu conta de que o estava impedindo de se casar com alguém que poderia lhe dar um lar e filhos.

Anne sabia que não podia ressarcir Angus por todos os anos desperdiçados nem pela dor que lhe causara. A única coisa que poderia fazer, e que sabia que ele e Nell apreciariam, era interrogar Albert a respeito de Hope. Se conseguisse fazê-lo admitir o que realmente acontecera naquele dia e por quê, isso talvez compensasse até certo ponto o sofrimento por que Nell passara.

Infelizmente, ela tinha medo de Albert; ele olhava para ela com aqueles olhos escuros e penetrantes de um jeito que a fazia estremecer. Em geral, evitava qualquer contato com ele porque tinha a impressão de que Albert achava que Anne fizera Nell deixá-lo. Mas precisava ter coragem de enfrentá-lo ou ia sentir vergonha pelo resto da vida. Além disso, Hope era sua filha. E que mãe não ia querer saber o que aconteceu com o filho?

Hope faria 22 anos em abril. Podia já estar casada, com filhos. Como era penoso lembrar que durante tantos anos ela nunca sequer pensara em sua primogênita. Nunca perguntou a Bridie onde o bebê estava enterrado, nem sequer calculou quantos anos teria se tivesse vivido ou se perguntou como teria sido sua aparência. No entanto, nos últimos dois anos, pensara nela o tempo todo, mas agora era tarde demais.

Depois de vestir um capote e calçar sapatos mais resistentes, Anne saiu pela porta da frente. Albert estava arrancando alguns arbustos espinhosos que tinham brotado sobre a cerca numa extremidade do jardim. Enquanto se aproximava dele, ficou ainda mais nervosa. Albert era um homem de complexão robusta e, se tivesse matado Hope, poderia atacá-la também caso o pressionasse demais. E era obstinado. Qualquer um em sua situação teria se mudado dali, pois todos sabiam que Matt, Joe e Henry Renton o odiavam.

– Bom dia, Albert. Gostaria de conversar com você.

Ele não se virou, continuou arrancando os galhos.

– Pare o que está fazendo! – pediu ela com firmeza. – E olhe para mim quando estou falando com você.

Ele se virou então, a expressão impassível.

– Sim, milady? – respondeu, com indisfarçada insolência.

– Quero que conte a verdade sobre o dia em que Hope nos deixou – ordenou ela. – Não estou satisfeita com a explicação que você deu na ocasião.

– Ah, agora não está! – disparou ele, olhando-a de cima a baixo como se ela fosse uma das criadas. – Deve ter sido difícil ficar sem uma criada pessoal. Ninguém para arrumar seu cabelo

ou preparar seu banho.

Anne ficou envergonhada por se ver como uma criatura patética, que se ressentia apenas por ter que cuidar de si mesma após sua criada ter ido embora.

– Nell não me deixou, ela deixou você – retrucou, tentando manter a voz controlada. – Infelizmente não consegui mantê-la, já que você ainda estava aqui. Sei que a agrediu, e Hope também. Homens que batem em mulheres são covardes.

– É mesmo? – disse ele, dando alguns passos para a frente, a mandíbula projetando-se de forma ameaçadora. – Você já teve muitas experiências com homens, não é?

O estômago de Anne contraiu-se de medo, não apenas pelo modo como ele a olhava, mas pela pergunta mordaz.

– Tenho a intenção de voltar à polícia e pedir uma nova investigação sobre o desaparecimento de Hope – disse ela com mais bravura do que sentia. – Estou lhe dando a oportunidade de me dizer a verdade antes de tomar uma providência.

– Você não vai falar sobre mim para a polícia – afirmou ele, sorrindo. – Também tem muito que esconder.

– Veja como fala!

– Eu sei com quem você estava se encontrando. Se me causar problemas, vou retribuir o favor. Mas vou avisando que tenho provas, e você não tem nada contra mim.

Anne hesitou. Fazia muito tempo que Angus não a visitava, e não havia mais ninguém ali além de Baines que soubesse dessas visitas, então talvez não devesse se deixar intimidar pelo blefe de Albert.

– Não tenho ideia do que está falando – disse ela com altivez. – Você está enganado. É melhor me mostrar essa suposta prova.

– Não está comigo agora – replicou ele. – Mas a tenho guardada em um local seguro. Uma carta de ninguém menos do que o capitão Angus Pettigrew, Royal Hussars. Ele tem rondado você há anos.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha, pois de repente ela se deu conta de como e quando Albert tinha se apoderado da carta. Devia ter flagrado Hope com ela em sua ausência, na ocasião da morte de seu pai.

– Onde foi parar toda aquela coragem? – perguntou ele secamente, os olhos brilhando com malícia. – Ainda pretende ir à polícia?

Anne virou-se e voltou correndo para casa.

Durante os três ou quatro dias seguintes, Anne se arrependeu de ter fugido, o que serviu apenas para reforçar sua culpa. O que deveria fazer? Agora que o ameaçara com a polícia, Albert poderia contar tudo a William apenas por despeito.

Não conseguia comer, dormir nem ficar parada, seu coração parecia estar batendo rápido demais e, quando William voltou para casa, precisou fingir uma dor de cabeça para que pudesse se trancar no quarto.

Na manhã seguinte, viu William conversando com Albert no jardim e esperou, achando que, a qualquer momento, o marido viria correndo, cheio de raiva porque ficara sabendo a verdade.

Mas isso não aconteceu. William parecia feliz quando voltou para casa, e só quis conversar com ela mais tarde naquele dia sobre a possibilidade de vender alguns de seus móveis mais valiosos para levantar um pouco de dinheiro. Nas semanas que se seguiram, contudo, cada vez que Albert passava perto das janelas, ele a olhava, sorria e acenava com um pedaço de papel que

só poderia ser a carta de Angus.

A tensão causada por tudo isso, acrescida ao fato de não comer nem dormir, a deixou trêmula e desajeitada. Derrubou um enfeite da lareira, duas vezes deixou cair uma xícara de chá e, por fim, pisou na bainha do vestido enquanto descia as escadas e rolou até o último degrau.

Bateu com a cabeça e o braço, e William chamou o médico, presumindo que ela sentia muita dor porque não parava de chorar.

O médico lhe disse que ficaria bem, que só estava abalada. Mas Anne percebeu que ele havia confidenciado algo para William, pois, assim que o médico se retirou, William voltou para o quarto dela e sentou-se na cama.

– Diga-me o que realmente a perturba – pediu ele. – Você está nervosa desde que voltei de Londres. Baines me contou que não está comendo bem.

Era irônico que o marido voltasse a ser o homem gentil e bondoso com quem ela se casara por estar preocupado, e isso só a fez chorar ainda mais. Ele acariciou o cabelo de Anne, afastando-o do rosto, e disse que sabia ser o responsável por aquela aflição.

– Costumávamos ser tão bons amigos – recordou William. – Lembra-se de como costumávamos rir juntos? Contávamos tudo um para o outro. Não podemos tentar ser assim novamente?

Ela desejava o mesmo, mas não podia dizer a verdade a ele por mais que quisesse, pois o magoaria muito.

Os dias se passaram, e Anne continuou deitada na cama mergulhada em sofrimento. Mas William não voltou a beber. Trazia-lhe as refeições ao quarto e até a alimentava com ternura. Repetidamente, pedia-lhe desculpas por beber e perder o dinheiro, até admitiu que tinha sido desagradável com ela e suas irmãs quando seu pai morreu.

De fato, o marido lhe devia desculpas por todas essas coisas, mas seu próprio erro a queimava por dentro e, como ainda não conseguia admitir tal coisa, ela o atacou.

– Você nunca foi um marido de verdade! – exclamou, em prantos. – Nós nos casamos há 27 anos, mas você se deitou comigo menos de seis vezes. Sabe como me sinto por causa disso? Feia e indesejável.

O rosto de William crispou-se e ele começou a chorar. Anne ficou com pena e o abraçou para confortá-lo, impressionada por ele se mostrar tão abalado.

Como o marido continuava a chorar, sentiu-se obrigada a amenizar a acusação. E disse que certamente aquilo devia ser culpa dela, que ele talvez achasse que ela não apreciava suas investidas amorosas. Nem pensava no que estava falando; só queria que ele parasse de chorar.

– Não invente justificativas para mim – disse ele por fim. – A culpa é toda minha e eu daria tudo no mundo para não ser do jeito que sou. Você não entende, não é, Anne? Não sinto desejo por mulher nenhuma. Apenas por outros homens.

Por um breve instante, Anne pensou não ter compreendido o que ele falava. No entanto, quando a olhou parecendo uma criança apanhada no flagra fazendo uma arte, de repente se deu conta de que era verdade.

– Não! – exclamou. – Não pode ser. Você, não!

Ela estava mais do que chocada, mais do que horrorizada. Era algo ultrajante demais para assimilar. Era impossível estar casada com um homem por tantos anos e não descobrir tal coisa!

Tudo o que sabia sobre os homens com esse problema fora o que aprendeu com Bridie. Pouco antes de Anne se casar com William, Bridie lhe contou uma história da casa onde trabalhava anteriormente, sobre um mordomo e um cavaleiro. Eles foram demitidos ao serem flagrados na cama juntos. Bridie os chamava de “maricas”, mas explicou que homens assim em

geral eram conhecidos como sodomitas. Anne muitas vezes se perguntou o que levara a velha criada a contar-lhe aquilo, mas agora tinha a impressão de que Bridie pressentira a condição de William e queria alertá-la.

– Fui injusto com você! – exclamou William. – Juro por Deus que não sabia quando nos casamos, mas logo percebi que algo estava errado. Porém, não podia falar sobre isso nem com você nem com ninguém. Eu realmente amei você; ainda amo, então lhe imploro que não duvide de minha palavra. Mas depois que consegui lhe dar Rufus, achei que poderia seguir minhas próprias inclinações.

Estranhamente, Anne sentiu alívio. Fosse porque o que William lhe dissera justificava o seu próprio comportamento, ou porque finalmente encontrara uma resposta para todas as dúvidas sobre seu casamento, ela não saberia dizer. Mas, de uma hora para outra, já não se sentia tão culpada.

Ouviu com fascinação estarecida ele desabafar que havia sido seduzido por outro homem um ano depois do casamento em uma reunião de carteados em Londres.

– Eu me detestei por ceder – disse, aos prantos. – Mas não consegui evitar.

Talvez, se Anne não tivesse experimentado ela própria o arrebatamento ilícito, não teria entendido. Mas a explicação de William era exatamente como ela teria descrito a própria infidelidade.

Anne muitas vezes se enfureceu com a injustiça de uma sociedade que não só aceitava que o homem tivesse uma amante como quase o aplaudia, enquanto a mulher adúltera era vista como prostituta e condenada por todos. O mundo pertencia aos homens. Os homens podiam estuprar criadas, deitar-se com meretrizes e trazer doenças para casa e para a esposa; podiam até estuprar crianças e não serem punidos. Contudo, um homem não podia ter preferência por outro homem sem ser considerado um animal pervertido e, se fosse exposto, seria um pária na sociedade.

Ela não queria que William se tornasse um pária. Não gostou do que ouviu, mas parecia-lhe que não era sua culpa ser assim. Se tivesse desejos normais, talvez ela também não lhe tivesse sido infiel.

De certa forma, era como acender uma luz em um quarto escuro, pois logo começou a recordar como ele era quando se conheceram e se casaram, e percebeu que já naquela época havia muitos indícios que o mostravam diferente dos outros rapazes.

Ele era quase afeminado com seus cachos louros e rosto macio, imberbe. Sempre se mostrava mais à vontade com mulheres do que com homens. Na noite de núpcias, ele admirou sua bela camisola, mas não mostrou nenhum entusiasmo real pelo corpo que havia embaixo dela. Na verdade, eles se comportavam mais como amigas do que como marido e mulher, deitados na cama juntos, rindo ou perseguindo-se para cima e para baixo pelas escadas. Se ela não conhecesse Angus e descobrisse o que homens de verdade faziam com a esposa, e se William não tivesse encontrado alguém como ele na América, eles poderiam ter mantido apenas aquela amizade sem paixão e sem problemas para sempre.

– Pobre William – disse ela, abraçando-o junto ao peito.

Podia agora se dar ao luxo de ser magnânima, pois conhecera a beleza e o êxtase da paixão.

Encorajado por sua compreensão, William desnudou sua alma, dizendo-lhe como descobriu que havia muitos homens como ele, forçados a procurar uns aos outros em segredo, sempre com medo de serem descobertos e denunciados.

– Você me acusou uma vez de ir a um bordel. Queria que fosse onde eu tinha estado, há um perigo enorme em se relacionar com homens como eu. A maioria está tão triste e fragilizada quanto eu; gostaríamos mais do que tudo não ter sido amaldiçoados com tais desejos. Mas há

alguns que se deleitam com sua depravação e se aproveitam dos fracos, dobrando-nos à sua vontade. Não podemos escapar de suas garras porque eles nos controlam firmemente por chantagem e intimidação.

Anne pressentiu que era o que tinha acontecido com ele, pois muitas vezes, quando bebia e a destratava verbalmente, percebeu que as palavras que lhe saíam da boca não eram dele.

Foi o que lhe deu forças para falar sobre Angus. Não era justo deixá-lo expor toda a sua mágoa e vergonha, acreditando que sozinho havia destruído a felicidade que outrora tinham juntos. E, egocêntrica como sempre, pensou que, uma vez que William tomasse conhecimento de tudo, Albert não teria mais com que chantageá-la.

Confessou seu adultério em uma torrente de palavras, contando como se sentiu atraída por Angus desde o primeiro encontro, mas que reprimiu seus sentimentos até William partir para a América.

– Não teria acontecido se você estivesse aqui – afirmou ela, com voz entrecortada. – Mas você foi embora sem mim e não pude me controlar.

Depois, contou que tivera um filho de Angus, e que Bridie lhe comunicou que a criança nascera morta.

William permaneceu surpreendentemente calmo ao longo de toda a revelação. Estava atordoado, desconcertado, mas não zangado. Não a interrompeu nem uma vez com recriminações, nem mesmo com perguntas.

– Mas a criança não morreu. Nell a levou para a casa de seus pais. O bebê era Hope! – exclamou, chorando. – Eu nunca soube. Ela vinha aqui e brincava com Rufus, mas nunca adivinhei que era minha filha. Nell só me contou naquele triste dia em que alegou que Albert a tinha matado.

A calma de William desapareceu. Ele aprumou as costas e fitou-a com um olhar duro, frio.

– Hope era sua filha? – perguntou, a voz de repente mais alta e ríspida. – Você devia saber que a criança estava viva. Como a deixou ficar tão perto daqui? Foi para que ainda pudesse vê-la?

– Não – insistiu Anne, um pouco espantada por ele ter ficado mais perturbado com o fruto de sua união com Angus do que com o caso de amor. – Acreditei em Bridie quando ela disse que estava morta. Fiquei exausta após o parto, e não entendia nada sobre bebês. Bridie mostrou-a para mim e ela não estava se mexendo nem chorando. Além disso, você ia voltar da América em breve e eu estava muito assustada. Pareceu-me ser uma bênção de Deus.

William segurou a cabeça nas mãos e soltou uma espécie de gemido.

– Sinto muito, William – disse ela, entre lágrimas. – Não tenho ideia do que teria feito se soubesse que ela estava viva. Creio que teria pedido a Bridie para encontrar um lar para ela, não poderia ter feito outra coisa, poderia? Imagine a desonra!

William permaneceu na mesma posição.

– Como eu poderia contar isso a você? – continuou ela em tom de súplica. – Foi um momento tão difícil, sozinha aqui com Bridie, pois todos os outros criados já haviam ido para Londres. Eu só pensava em me fortalecer para aguentar a viagem quando fosse ao seu encontro. Fiz o possível para esquecer o que acontecera, e você tornou tudo mais fácil, sendo tão gentil e atencioso.

Ele a olhou então, o rosto pálido e abatido.

– Porque eu também me sentia cheio de culpa – confessou ele, baixinho. – Você parecia distante, preocupada, mas achei que estivesse aborrecida porque não a levava comigo para a América. Ah, Anne! Se tivesse me contado tudo isso antes.

– Como poderia? E de que adiantaria contar tudo a você se eu pensava que a criança estava morta?

William assentiu.

– Você contou a Angus?

Anne balançou a cabeça.

– O regimento dele partiu antes mesmo de eu saber que estava grávida – confessou ela. – Não o vi de novo até algum tempo depois que Rufus nasceu. Você estava aqui quando ele veio nos visitar. Não lembra que ele subiu conosco para o quarto de Rufus? E trouxe um cavalo de madeira de presente. Você nos fez rir fazendo-o galopar pela borda do berço.

William deu um meio sorriso melancólico.

– Lembro, sim. Eu disse a Rufus que ele ganharia um de verdade assim que pudesse se sentar em uma sela.

– Éramos tão felizes naquela época – disse Anne, tristonha. – Eu poderia ter tirado Angus da cabeça se você continuasse o mesmo. Mas você mudou, bebia o tempo todo, dizia coisas desagradáveis para mim. Por que mudou tanto? Foi por ter se apaixonado por outra pessoa?

– Não naquela época – respondeu ele, balançando a cabeça. – Mas dava para sentir em você a necessidade de algo que eu não podia dar. Eu acordava todos os dias sabendo que era uma fraude – disse ele, segurando a mão dela. – No início, sair a cavalo todo dia me distraía, mas logo tive que ir procurar o que realmente queria. E passei a sentir tanto desprezo por mim mesmo que precisava me embriagar sempre que estava em casa.

Anne lembrou-se de situações estranhas daquela época, ela de camisola insistindo que ele viesse para a cama com ela e William dando-lhe as costas, alegando estar cansado.

– Se tivesse me contado o que estava acontecendo – disse ela, enxugando uma lágrima –, acho que teria deixado você fazer o que quisesse, contanto que em casa você fosse o homem com quem me eu casei.

– Os verdadeiros problemas começaram em casa, quando Albert começou a trabalhar aqui – explicou ele.

Os olhos de Anne se arregalaram.

– Albert! Ele descobriu? Estava chantageando você?

William pressionou os lábios.

– Não, não foi isso. Ele é como eu.

– Você quer dizer...?

William assentiu.

– Deus do céu!

Não pensava que ia tomar mais sustos naquele dia.

– Sim, ele é um sodomita, ou seja lá como as pessoas nos chamam – disse William, ríspido.

– E eu, pobre idiota que sou, não resisti. Se não fosse por mim, ele não teria se casado com Nell; a ideia foi minha.

– Ah, não, William! – Anne ofegou. – Por que fez isso?

William deu de ombros.

– Sem esposa, as pessoas poderiam descobrir o que ele era. Nell me pareceu uma moça simples e sensata que daria uma esposa tranquila. Eu não sabia a que ponto chegava a crueldade de Albert, nem que ele odiava mulheres. Pensei que ele daria um filho a ela, cuidaria dela, e você manteria a criada da qual dependia tanto. Além disso, Albert ainda estaria em um lugar onde poderíamos ficar juntos.

– A casa do portão – murmurou Anne. – Você costumava ir lá?



William assentiu com ar sombrio.

– Foi errado, vejo isso agora, mas ele me enfeitiçou, Anne. Não conseguia pensar em mais nada, nada importava para mim senão ele. Consegue entender?

Ela não conseguia entender, não com um homem tão detestável quanto Albert. Pensar neles fazendo algo tão depravado e bestial bem debaixo do seu nariz, tão perto de seu filho, fez com que ela quisesse gritar com ele, esmurrá-lo com os punhos, dizer que ele era repugnante.

No entanto, ao mesmo tempo, lembrava-se muito bem como tinha ficado enfeitiçada por Angus, como o deixara possuí-la em um campo ou nos bosques, sem pensar no marido ou no filho.

Ela respirou fundo.

– Você ainda está apaixonado por ele? – perguntou ela.

– Não, eu o temo – admitiu William, pesaroso. – Tudo terminou entre nós há muito tempo, mas ele se recusa a ir embora e ameaça contar a você, a Rufus e a todo mundo o que sou se eu obrigá-lo a sair. Pensei que era amor o que ele sentia por mim, mas agora sei que ele é incapaz de tal sentimento.

– Ah, William... – Ela suspirou, estendendo a mão para ele, pois agora tinham um inimigo em comum. – Albert sabe sobre minha indiscrição também. Nell pediu a Hope para guardar todas as cartas de Angus que chegassem para mim enquanto eu estava ausente para o enterro do meu pai, e Albert deve ter encontrado uma das cartas com ela. Ele a matou?

– Não, pelo menos não que eu saiba!

William ficou em silêncio, mordendo o lábio.

Anne esperou. Sabia que o marido só fazia isso quando estava inseguro e com muito medo. Mas tinha certeza de que ele acabaria revelando o que sabia; tinha dificuldade de mentir.

– Ela foi à casa do portão e nos pegou no flagra – ele finalmente deixou escapar, o rosto se contorcendo de vergonha. – Albert me mandou sair pela porta da frente e disse que ia cuidar de tudo. Voltei lá mais tarde naquela noite, e Hope já tinha ido embora. Albert me mostrou o bilhete que a obrigou a escrever; disse que avisara a ela para nunca mais voltar ou machucaria Nell.

Anne explodiu de raiva, chamando-o de todos os piores nomes que lhe ocorreram.

– Seu covarde! Você ficou parado, deixando Nell pensar que ela estava morta, e todo o tempo você sabia a verdade! Como pôde fazer isso? Foi desumano!

– O que mais eu podia fazer? – William gemeu. – Estava apavorado com a possibilidade de Albert e eu sermos descobertos. Albert até me convenceu que Hope queria ir embora de Briargate. Na época, eu não sabia como ele era cruel, e hoje ainda não consigo ver o que mais eu poderia ter feito exceto ser conivente.

Anne ficou nauseada. Afundou nos travesseiros, atordoada com a maldade de Albert. Rufus havia contado a ela que o homem costumava bater tanto em Hope quanto em Nell, que tornava a vida delas um inferno. Na realidade, Anne lembrava que Nell muitas vezes estremecia de dor, atribuindo-a sempre a uma queda ou algo assim. O brutamontes evidentemente vinha aterrorizando as duas havia tempos, mas ela estava muito envolvida consigo mesma para perceber.

Talvez Hope tivesse partido como ele mandou para manter Nell em segurança, mas de alguma forma Anne sabia que a menina se fora também para impedir que ela e Rufus passassem vergonha. Hope tinha apenas 15 anos na ocasião, e presenciou algo com que nem uma mulher adulta saberia lidar, foi afastada de casa, da família e de seus meios de subsistência com ordens de nunca mais voltar.

Teria Albert espancado a menina antes de partir? Ela teria levado algum dinheiro? Para

onde teria ido?

William passou aquela noite na cama dela, abraçando-a e dizendo que ainda a amava, mesmo não sendo digno de seu amor. Anne estava agradecida pelo conforto de seus braços, mas as imagens da filha sendo expulsa, aterrorizada e sem ninguém a quem recorrer não a deixaram dormir. Ela entendeu por que Nell tinha ficado enlouquecida de tristeza.

1854

Um súbito chiar do fogo fez lady Harvey ter um sobressalto.

– O carvão está úmido – explicou William, rompendo o silêncio em que estavam mergulhados havia algum tempo. – Creio que Albert urinou nele novamente.

Anne notou a tristeza na voz do marido e, quando o encarou, viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas.

– O que vamos fazer? – perguntou ela, temerosa. – Isso só vai piorar, não vai?

Estavam no estúdio de William. Já não usavam a sala de estar no inverno porque era muito dispendioso aquecê-la. Além do mais, o estúdio era o único aposento em Briargate que ainda não exibia sinais de abandono tão aparentes quanto os outros. Talvez porque as paredes revestidas de livros e as poltronas de couro sugeriam que a sala fora decorada para parecer usada e sem idade.

Lá fora, a tarde de fevereiro mostrava-se inóspita e cinzenta, com um vento cortante curvando os galhos desfolhados das árvores ao longo do caminho. A luz se esvaía rapidamente, mas Anne relutava em se afastar do fogo para acender a lâmpada a óleo, pois suas articulações estavam rígidas com reumatismo.

A penumbra escondia os estragos que o tempo e as preocupações tinham causado no outrora belo casal. O cabelo de Anne ficara fino e branco, o rosto marcado por rugas finas e seu corpo mais cheio. Aos 48 anos, ela talvez ainda parecesse mais nova do que muitas mulheres no vilarejo, mas isso tinha mais a ver com a elegância dos trajes e a postura do que com sua saúde ou a benevolência da natureza.

William tinha menos rugas do que a esposa, apesar de ser três anos mais velho, mas ganhara peso e estava ficando calvo. Os anos de muita bebida deram ao seu rosto uma aparência intumescida, e havia uma rigidez em seus movimentos.

Contudo, apesar da constante irritação pela presença de Albert em Briargate, os dois tinham encontrado uma nova felicidade depois das revelações de um ano antes. William dizia que ficara velho e desiludido demais para sentir desejo; Anne estava feliz com sua amizade e companhia. Na realidade, poderiam afirmar que o último ano havia sido o período em que se sentiram mais próximos um do outro desde a época de recém-casados.

Costumavam discutir sobre como deveriam ter demitido Albert muitos anos antes. No entanto, além das razões que cada um tinha para evitar um confronto, também se preocupavam com os jardins de Briargate. Quaisquer que fossem os defeitos de Albert, ninguém podia negar que ele era um excelente jardineiro. Tinha a energia de três homens, orgulhava-se de seu trabalho e seria impossível substituí-lo.

Briargate podia estar desmoronando por dentro, mas, enquanto os jardins continuassem impecáveis e lindos, podiam convencer a si próprios e aos outros que tudo ia bem. Não que muita gente ainda frequentasse Briargate. Os Warrens de Wick Farm vinham de vez em quando para um chá no jardim no verão, assim como os Metcalfes, de Bath, mas não ofereciam um jantar ali havia anos. No entanto, um ano antes, os Harveys tinham achado, ou melhor, esperado, que,

estando unidos, poderiam controlar Albert e qualquer outro desgosto que a vida lhes reservasse. Estavam até convictos de que poderiam recomençar a receber visitas como antes.

Mas estavam errados. Primeiro Martha, a cozinheira, saiu sem dar qualquer explicação a não ser a de que desejava uma mudança. Logo depois, Rose também se foi, dizendo que havia conseguido emprego numa casa mais animada. Sir William e lady Harvey não tinham dúvidas de que Albert persuadira a cozinheira a sair, decerto sabendo que em breve Rose faria o mesmo, porque ficaria solitária sem outra mulher para lhe fazer companhia.

Leal e confiável, Baines havia permanecido; nada que Albert pudesse ter dito ou oferecido o teria feito ir embora. E seria difícil para ele conseguir outro emprego, pois estava com 70 anos e tornara-se muito frágil.

Lady Harvey contratou a Sra. Crabbe, uma viúva do vilarejo, e Polly, sua filha de 15 anos, mas ambas eram desleixadas e insolentes. Infelizmente, lady Harvey tinha que aceitar que nobres em dificuldades não podiam esperar encontrar bons criados e, como não havia mais ninguém disponível, ela teria que baixar seu padrão de vida.

Mas Albert assombrava a mansão como um espírito malévolos, envenenando tudo o que era bom. Apesar de cuidar bem dos jardins, ele o fazia de tal modo que implicava em posse. E tinha muitas maneiras de mostrar aos Harveys que se considerava o novo proprietário de Briargate.

Urinar no carvão da lareira do estúdio era apenas um de seus muitos truques desagradáveis para intimidá-los. Em ocasiões anteriores, tinham sido brindados com uma cobra-de-capim e um rato morto também no balde de carvão.

Às vezes, ele desaparecia por dias a fio, sobretudo no inverno, e o casal sempre esperava que ele tivesse ido embora para nunca mais voltar. Mas ele sempre voltava, derrubando uma árvore ou fazendo um novo canteiro de flores sem ao menos consultá-los. E havia exigido um salário maior, testando os limites dos patrões.

– Pensei em convidá-lo para caçar comigo – disse William, interrompendo o devaneio tristonho de Anne. – Posso atirar nele e dizer que foi um acidente.

Anne duvidava muito que ele realmente atirasse em Albert, por mais que tivesse passado a odiá-lo e temê-lo. Mas era comovente que estivesse procurando uma forma qualquer de acabar com aquela situação horrível.

– Ele é inteligente demais para ser pego assim, com certeza adivinharia o que você estava planejando – disse ela com mais veemência do que gostaria. – A única saída é o enfrentarmos juntos e desmascará-lo.

– Não acho que eu seja forte o bastante para isso – afirmou William, baixando a cabeça. – Ele é perverso, Anne, você sabe disso.

– Mas ele não pode dizer nada sobre você sem se incriminar – retorquiu Anne. – Podemos negar o meu caso com Angus. Ninguém gosta de Albert, não acreditariam na palavra dele. Nell nunca ficaria do lado de Albert contra mim, tampouco Angus.

– A esta altura, Nell pode ter contado a ele a verdade sobre Hope – lembrou William. – Isso pode mudar a opinião dele.

– Se Angus soubesse que Hope é sua filha, seria ainda mais provável que nos apoiasse contra Albert – disse Anne, esperançosa. – Eu só queria ter contado isso a ele eu mesma naquele dia em que o encontrei em Bath. Ele teria vindo aqui e dado um jeito nesse demônio.

– A vida nos prega cada peça... – disse William, pensativo. – Conheci Angus quando ele era apenas um menino durante uma visita à casa de seus pais em Chelwood. Ele costumava me

olhar com admiração e, quase sempre, eu não era gentil porque era alguns anos mais velho. Ele sempre insistia para que eu o deixasse ir cavalgar comigo. Talvez, se eu não tivesse concordado e lhe cedido uma montaria, ele nunca teria se dado ao trabalho de vir me visitar depois que conseguiu a patente de oficial do Exército. E nunca teria conhecido você.

– Se pedisse a ajuda dele para se livrar de Albert, tenho certeza de que ele ainda conserva bastante afeto por você para fazê-lo de bom grado.

– De todos os homens, eu não suportaria que Angus descobrisse o que eu sou – disse William em voz baixa. – E você sabe que Albert se deleitaria em contar a ele.

Anne percebeu que o marido provavelmente tinha razão.

– O que não consigo entender é *por que* Albert quer ficar aqui – disparou ela, sentindo que só faria mais mal a William se continuasse falando sobre Angus. – Ele sabe que você não se importa mais com ele. Será que não tem amigos ou família? O que o prende aqui?

– É bem pago, gosta de morar na casa do portão e não teria a liberdade que tem aqui em nenhum outro lugar – lamentou-se William. – Ele é livre para fazer o que quiser nos jardins, e você tem que admitir que é ele muito mais que um jardineiro, é um verdadeiro artista! Você se lembra de como os canteiros de flores estavam deslumbrantes no verão passado, as combinações de cores tão maravilhosas, a habilidade dele em ter sempre algo novo para esconder as plantas que murcham? Nunca vi coisa semelhante.

Anne lembrava-se mesmo; na verdade, a única vez que via o homem parecer de fato feliz era quando estava admirando as plantas. Porém, ao mesmo tempo, ele se certificava de que ela e William não pudessem apreciá-las.

Caso se sentassem no jardim para tomar chá, Albert começava a cortar a grama perto deles. Se eles simplesmente passeassem, ele os seguia empurrando um carrinho de mão; fulminava-os com o olhar se colhessem algumas flores, e os fazia se sentirem como intrusos.

Era como se desejasse aprisioná-los na casa e, até em um dia de inverno, ele se assegurava de que estavam cientes de sua presença de uma ou outra maneira sutil, como no caso do carvão úmido. Passar o ancinho no cascalho do caminho junto à janela do estúdio também era uma de suas atividades favoritas e, no verão, muitas vezes cutucava um ninho de vespas para que os insetos entrassem pelas janelas.

Às vezes, quando via Anne olhando pela janela, ele urinava na frente dela. Tarde da noite, caminhava em torno da casa, o cascalho rangendo sob seus pés, apenas como um lembrete de que ainda estava lá, observando e esperando um momento propício.

Várias vezes, William tentara repreendê-lo, mas sempre terminava da mesma maneira. Albert ameaçava expô-los.

– Droga! – exclamou William, levantando-se num salto enquanto um evidente cheiro de urina exalava do fogo ou do balde de carvão. – Já chega!

– O que foi, querido? – perguntou Anne.

– Albert! Ele tem que ir embora. Amanhã, é a primeira coisa que vou fazer, vou insistir que ele se vá. Vou dar-lhe um prazo até o final da semana e, se ele não tiver partido até então, vou levar alguns homens para tirar os pertences dele da casa e mudar as fechaduras das portas.

– E se ele atacar você? – perguntou Anne, nervosa.

William foi até a janela e olhou para fora.

– Quase espero que o faça. Então vou poder chamar a polícia para prendê-lo.

Anne já ouvira William falar aquilo antes, porém sempre recuava, e muitas vezes tinha que

dar mais dinheiro a Albert para apaziguá-lo. Mas ficou satisfeita ao ver que desta vez William parecia realmente determinado, e ela supunha que era por causa de Rufus.

Já era o segundo ano dele da Universidade de Oxford, mas o filho não quisera vir para casa no Natal. Albert escarnecera alegando que era porque ele se tornara muito importante para a casa maltratada e a falta de festas e danças, mas Anne e William sabiam que não era esse o motivo. Rufus tornara-se um rapaz alto, forte e bonito, mas não se dava ares de superioridade. Ainda gostava de ir à fazenda de Matt quando estava em casa; no verão do ano anterior, fora para lá todos os dias ajudar na colheita.

Ambos sabiam que ele não viera para casa naquele Natal por causa de Albert. Conservava a convicção que tinha quando mais jovem sobre o homem, e foi ficando cada vez mais indignado ao ver Albert se pavoneando como se fosse o dono da casa, e seus pais, submissos a ele. Ficar longe era sua maneira de mostrar desaprovação, e a mensagem era simples: Albert deveria ser demitido ou Rufus não passaria mais as futuras férias em casa com os pais.

Havia sido o Natal mais triste de todos, e Anne sabia que isso fizera William se sentir ainda mais ultrajado.

– Você está preparado para os comentários e mexericos se ele cumprir as ameaças?

Ela se achava preparada, mas não queria que William de repente desmoronasse ao primeiro sopro de escândalo.

– Estou como nunca estive na vida. Vamos, minha cara, não me desaponte agora! Temos que fazer isso logo ou ficar sob o jugo dele pelo resto da vida.

Pela expressão de Anne ao café da manhã, William viu que ela achava que o marido ia dar para trás no último momento.

E não estava inteiramente errada; ele havia passado metade da noite acordado pensando em desculpas para não ter que lidar com Albert. Mas ocorreu-lhe que toda a sua vida tinha sido uma sucessão de desculpas. Fizera um bom casamento, mas fracassara com Anne por causa de sua sexualidade. Nascera com uma fortuna e a esbanjara no jogo. Tinha apenas um motivo de orgulho, que era Rufus, pois, apesar das fraquezas de seus pais, ele se tornara um excelente rapaz, inteligente, forte, amoroso e trabalhador.

Seu pai construía Briargate pretendendo que fosse passada para o filho e depois para o neto, mas, devido à estupidez de William, a propriedade era agora mais um passivo do que um ativo. No entanto, ele sabia que Rufus preferiria herdar uma propriedade arruinada e sem valor rodeada por uma região inculta a ter um pai covarde demais para enfrentar um chantagista.

Felizmente, a segurança de Rufus não estava sob ameaça graças ao legado de seu avô materno, mas, mesmo que estivesse, Rufus tinha inteligência, entusiasmo e conhecimento suficientes para transformar Briargate em uma fazenda lucrativa. Ele costumava dizer que achava imoral ter tantos canteiros de flores decadentes quando essa terra poderia ser aproveitada com galinhas, porcos ou legumes.

Então, mesmo que William estivesse tremendo de medo com a perspectiva do que poderia acontecer com a demissão de Albert, ele sabia que tinha que fazer a coisa certa por Rufus.

– Aonde vai? – perguntou Anne quando ele se levantou da mesa do café da manhã.

Mal tinham falado enquanto comiam. Ele leu seu jornal; ela, uma carta da irmã. Os dois

eram geralmente silenciosos no café da manhã, mas era um silêncio confortável; nesse dia, estava tenso por causa das questões não resolvidas.

– Vou calçar as botas para ir até o jardim – disse ele. – Fique aqui observando, caso precise de você.

– Vai falar com Albert?

Anne parecia muito surpresa.

– Não vou falar muito – disse William com um sorriso fraco, juvenil. – Vou dar-lhe a ordem para bater em retirada.

– Não quer que eu vá também?

William tinha refletido muito se seria melhor ou pior ter Anne ao seu lado. Mas chegou à conclusão de que devia fazer aquilo sozinho. Ele não podia sujeitar Anne à boca suja de Albert; ele certamente ia despejar uma saraivada de seus impropérios favoritos.

Vestindo o casaco, William saiu pela porta dos fundos pelo pequeno vestíbulo onde ficavam as botas enlameadas e os casacos molhados. Estava muito frio e, enquanto corria os olhos pelo jardim para ver onde Albert estava, reparou que havia um nevoeiro no vale, junto ao rio.

O som da serra alertou-o que Albert estava no telheiro da lenha nos fundos das estrebarias. Era o lugar onde ele menos queria ficar sozinho com o homem. Lá foi onde tinha beijado Albert pela primeira vez e dito que o amava.

William detestava lembrar como tinha sido um completo idiota. Dera àquele homem seu coração e seu dinheiro e arriscara tudo por ele. Mas seu maior erro foi tê-lo idealizado.

William pensava nele como um belo, gentil e criativo arcanjo camuflado por um grosseiro uniforme de trabalho que, por gratidão, transformou o jardim de sua casa no Éden que William merecia ter. Acreditava até que Albert era inocente; que ele sucumbira a William porque este fora a única pessoa que alguma vez lhe tinha demonstrado algum carinho e lhe dado valor.

Muito mais tarde, quando William começou a perceber que a dedicação era inteiramente unilateral, encontrava desculpas para seu amante: ele tivera uma mãe malvada; tinha sido influenciado por homens bestiais desde tenra idade. Ainda assim, William acreditava que, se lhe demonstrasse bastante amor, compreensão e bondade, Albert acabaria retribuindo.

Agora estava bem consciente de que Albert não possuía a capacidade de sentir amor. Podia ter um coração no peito bombeando sangue como qualquer um, mas o que quer que existisse na maioria das pessoas que lhes despertava sentimentos e emoções pelos outros, faltava em Albert.

Sabia representar emoções de forma primorosa; no passado, mostrava tanta ternura, adoração e simpatia que William parou de ouvir sua consciência e teria fugido para viver na floresta com o homem se ele lhe pedisse. Mas, no final, William viu que tudo não passava de uma farsa. A única emoção de que Albert era capaz era o ódio, ódio por suas origens humildes e por quem considerasse mais afortunado do que ele.

Quando William chegou ao telheiro da lenha, Albert parou de serrar os troncos. Apesar do frio, sua pele brilhava com a transpiração, tinha despido os agasalhos e estava só de calça e com a camisa de baixo. Parecia sujo e desmazelado, os cabelos emaranhados quase lhe chegavam aos ombros, a barba estava salpicada de vestígios de refeições passadas e o cheiro azedo de suor era insuportável.

– Veio me ajudar, Billie? – perguntou, com um sorriso malicioso. – A companhia da velhota começou a lhe aborrecer?

William sentiu-se nauseado por ter se deitado com esse homem, pois agora via com toda a clareza que ele não passava de um prostituto com sangue frio.

– Lady Harvey é uma ótima companhia – retorquiu William. – E eu vim aqui dizer que você

está demitido. Deve desocupar a casa e deixar Briargate até sexta-feira.

Albert sentou-se em um tronco, apanhando no bolso seu cachimbo e tabaco como se não tivesse ouvido.

– Você não pode me dispensar. – Ele sorria enquanto enchia o cachimbo com tabaco. – Estamos juntos para sempre, querido Billy!

William estava tão intimidado quanto Albert pretendia que ele estivesse. Tentou não olhar para os músculos salientes do homem que esticavam as mangas de sua camisa, nem para suas mãos poderosas. Obrigou-se a visualizar o rosto de Rufus, e o sorriso que sabia que veria quando lhe dissesse que Albert tinha ido embora para sempre.

– Não temos vínculo algum. Deve sair até sexta-feira ou terei que expulsá-lo.

– Ora, deixe disso. – Albert deixou o cachimbo de lado e se levantou do tronco, seus lábios se repuxando num esgar, a voz áspera. – Quer que eu vá contar umas histórias para lady Harvey?

– Pode fazê-lo, se desejar, mas ela já sabe de tudo.

Albert deu um resmungo de desdém, não acreditando.

– Não tente blefar comigo – disse, virando-se e saindo na direção da casa.

William o deixou afastar-se um pouco; então caminhou pelo gramado até onde Anne pudesse vê-lo da janela da sala de jantar e acenou para que ela saísse.

Albert estava quase na porta dos fundos quando Anne apareceu.

– Venha, Anne – chamou William. – Estou tendo problemas para convencer Albert de que não temos mais segredos entre nós.

Desde que conhecia Albert, pela primeira vez em todos aqueles anos, William o viu parecer inseguro. Os olhos semicerrados iam de William para Anne, como um rato encurralado.

William sentiu-se orgulhoso de Anne. Ela tinha jogado um xale roxo ao redor dos ombros, e aquela cor suntuosa, com seus olhos faiscantes e seu porte ereto, deram-lhe a aparência e a compostura de uma rainha.

– Imagino que sir William tenha lhe mandando embora – disse ela, a voz fria e seca como a manhã. – Estamos dispostos a dar-lhe um atestado de conduta; afinal, é um ótimo jardineiro.

– O capitão Pettigrew também cuidou do seu jardim – respondeu Albert.

William respirou fundo com aquela réplica maliciosa, sabendo que a intenção era fazer sua esposa alvoroçar-se por dentro de medo. Mas ela apenas sorriu, caminhou até William e segurou seu braço.

– Meu marido está ciente do meu relacionamento com o capitão Pettigrew. Você não pode nos atingir, Albert.

O rosto do jardineiro ficou sombrio de raiva e ele começou a proferir impropérios, ameaçando ir ao vilarejo contar a todo mundo tudo o que sabia sobre ambos.

– Como vai fazer isso sem se incriminar? – retorquiu Anne. – Gente do campo não gosta de “maricas”. Só precisamos contar aos Rentons que você está tentando nos caluniar e eles vão estraçalhar você de bom grado. Você não tem amigos no vilarejo, nós temos muitos.

– O Sr. Rufus não vai gostar do que eu tenho a dizer – disparou ele, e William notou que o homem estava desesperado, completamente desorientado pela notícia de que eles haviam revelado um para o outro seus antigos pecados.

Anne riu.

– Francamente, Albert! Que tolo você é! Acha realmente que ele acreditaria em uma palavra sequer que você dissesse? Ele odeia você e sempre o culpou pelo desaparecimento de Hope. Não ficaria surpresa se ele exigisse uma nova investigação policial sobre esse assunto também. Faça as malas e vá embora, seu tempo aqui chegou ao fim. Não lhe resta mais nada com que nos



chantagear.

– Está esquecendo que tenho uma carta do capitão Pettigrew – disse ele entre os dentes. – Isso é uma prova.

William se aproximou de Albert.

– Em momentos como este, os cavalheiros se unem – disse ele, com aspereza na voz. – O capitão é meu amigo de infância, e ele vai dizer que a carta é falsa. Além disso, provavelmente virá aqui e lhe dará uma boa surra pelo “favor” que você fez a ele.

– Recorro à lei – disse Albert, desesperado.

William riu com desprezo.

– Você acha que um jardineiro pode desafiar um membro da aristocracia e ganhar? Despachariam você direto para Botany Bay. Agora, fora daqui! Saia da casa do portão antes da manhã de sexta-feira e terá um atestado de conduta. Se ainda estiver por lá, vou expulsá-lo de mãos vazias.

A mão de Anne se entrelaçou com a de William enquanto observavam Albert se esgueirar pela lateral da casa.

– Será que ele vai embora? – sussurrou ela.

– Acho que sim – respondeu William. Sentia-se bem consigo mesmo, pois protegera Anne, Rufus e Briargate. – Ele não tem escolha. Mesmo que siga para a cervejaria e conte algumas histórias, ninguém vai acreditar. Agora, temos que entrar antes que você se resfrie. Acho que vamos tomar uma taça de xerez para comemorar.

Naquela noite, à luz bruxuleante de uma vela, Albert sentou-se à mesa na casa do portão com uma grande quantidade de dinheiro diante de si. Enquanto o separava em pilhas, dava longos tragos numa garrafa de rum. Normalmente, contar seu dinheiro lhe dava um prazer imenso, pois ele gostara muito de sangrar William durante todos aqueles anos. Mas naquela noite estava com muita raiva para se concentrar.

Pensara que moraria ali pelo resto da vida, que tinha William e Anne na palma da mão. A longo prazo, seu plano era esperar até que fossem obrigados a vender Briargate, e ele estaria pronto para comprar a propriedade. Não tinha previsto que aqueles dois pusessem as garras de fora.

Tinha dinheiro mais que suficiente para ir a qualquer lugar; tinha saúde, força e uma cabeça boa para fazer qualquer coisa que escolhesse, mas era o jardim de Briargate que ele queria. Ele o criara: cada árvore, arbusto e flor. Trabalhou duro ali durante dezesseis anos, cuidou, sonhou e planejou, e agora o estavam tirando dele.

Sempre se achou firme como um carvalho, que nada podia impressioná-lo ou desanimá-lo. Quando o fraco, patético, William apareceu de manhã no telheiro da lenha, seu primeiro pensamento tinha sido que o homem o desejava novamente, mesmo estando de cara fechada.

Quando lhe disse para arrumar as malas e ir embora, Albert teve vontade de rir. William já dissera isso antes, mas sempre recuava depois de um breve lembrete da situação.

Teria apostado todo o seu dinheiro que William nunca contaria à esposa o que ele era. No entanto, ele contara, e ela revelou seu caso com o capitão. Os dois ficaram ali juntos, presunçosos que só eles, e o golpe final foi aquela observação de William: “Você acha que um

jardineiro pode desafiar um membro da aristocracia e ganhar?”

Isso o deixou louco de raiva. Não gostava que lhe lembrassem que era um simples trabalhador.

Quando era pequeno, odiava suas roupas ásperas, odiava ter que andar descalço e tudo o que tinha a ver com ter nascido em uma família pobre. Sua mãe costumava desdenhar dele dizendo que o filho deveria morar num palácio.

Com 10 anos, mandaram-no para Hever Castle para trabalhar nos jardins. Daí a alguns meses, chamou a atenção do cavaleiro-chefe e, noite após noite, teve que se submeter ao homem que o usava como mulher.

Tinha 14 anos quando o cavaleiro morreu de repente de ataque cardíaco, e Albert não poderia ter ficado mais feliz. Não se interessava pelas meninas, mas pensou que, com o tempo, conheceria a moça certa e esqueceria aqueles atos que o envergonharam tanto.

Aos 16 anos, tinha um 1,82 metro de altura, a pele morena e corada, cabelos pretos cacheados e ardentes olhos escuros, e não eram apenas as criadas que o olhavam com desejo, mas muitas das senhoras importantes que visitavam Hever também. Albert descobriu, porém, que não podia corresponder de nenhuma forma ao interesse delas. Não era timidez, simplesmente não lhe agradavam. No entanto, certos homens faziam seu coração acelerar, e seu pênis se intumescer.

Era como se o cavaleiro tivesse lançado uma maldição e, com raiva, jurou que nunca mais deixaria que outro homem o usasse de novo. No futuro, ele os usaria e os faria pagarem por isso. Felizmente, muitos homens distintos visitavam Hever e alguns preferiam rapazes a moças, e Albert descobriu que conseguia reconhecê-los imediatamente.

Permaneceu em Hever até os 21 anos. Nos intervalos dos encontros com a sucessão de amantes que lhe davam dinheiro e presentes caros, ficava feliz trabalhando nos jardins. Nunca pensou naquilo como um trabalho subalterno, para ele um belo jardim era um templo. Em seu tempo livre, aprendeu tudo o que podia com os velhos jardineiros experientes e lendo livros sobre plantas. Sua visão para o futuro era projetar e construir um jardim a partir do zero. Imaginava um lago, bosques, canteiros de flores, gramados imensos, fontes de pedra e caramanchões.

Entretanto, o homem rico que forneceria a terra para tal projeto o iludiu e, quando os rumores sobre suas façanhas sexuais começaram a circular pela propriedade, Albert se viu banido para os jardins do Palácio do Bispo em Wells.

Não gostava de recordar as humilhações por que passou lá, vendo homens devotos que sabia terem as mesmas tendências rezarem por ele, trabalhando até a exaustão pressionado por sádicos e sendo ignorado pelo resto. Então, numa noite na cervejaria, conheceu William.

A cervejaria era muito frequentada por lavradores; os ricos preferiam a taberna da estalagem na rua principal. William se destacava como um garanhão de puro sangue em um campo cheio de jumentos, pois usava uma casaca de equitação xadrez azul que se ajustava ao seu corpo esbelto como uma luva, e seus cachos cor de milho eram desgrehados e brilhantes. Estava bebendo com um homem mais velho que parecia ser um fazendeiro, mas seus olhos fixaram-se nos de Albert do outro lado do bar lotado e, de repente, era como se fossem as únicas pessoas ali.

Não foi difícil descobrir quem ele era, onde morava, nem estar do lado de fora da taberna quando William finalmente saiu, muito bêbado. Albert estava lá para segurar seu cavalo e ajudá-lo a montar. Perguntou se ele precisava de um jardineiro, e William o convidou para ir a Briargate no dia seguinte.

Albert sabia que estava correndo um grande risco ao deixar o Palácio do Bispo assim que

acordou. Sir William talvez não se lembrasse de ter pedido que ele fosse; podia nem precisar de um jardineiro, ainda por cima um sem atestado de conduta. Mas Albert pensou apenas na boca larga e sensual do homem, nos olhos azuis como miosótis e nas nádegas firmes e pequenas enquanto percorria os quase 27 quilômetros até a casa dele.

Quando passou a primeira curva do caminho de entrada depois da casa do portão e viu Briargate, Albert teve a impressão de ter entrado em seu sonho. A disposição da casa era perfeita; alguém já havia plantado muitas árvores lindas, mas ele poderia tornar tudo muito mais bonito. Aquele era o lugar que vinha procurando.

A sorte, ou o destino, sorriu para ele naquele dia. William estava em casa, e não só se lembrou de Albert como ficou encantado em vê-lo de novo, pois precisava mesmo de um jardineiro. Ao anoitecer, Albert estava deitado em uma cama confortável acima das estrebarias; era o jardineiro principal de Briargate com apenas 25 anos, e Willy, seu ajudante, que era um tolo, faria exatamente o que ele mandasse.

Não foi difícil fazer com que William se apaixonasse por ele. Era um homem tão cheio de culpa que só precisava ser gentil e compreensivo. Gostava de trabalhar com Albert no jardim, e o árduo trabalho físico de cavar e limpar o terreno deu-lhe uma nova motivação. Albert deixou William tomar a iniciativa, representando o papel de rapaz inocente que aos poucos se apaixona por seu patrão.

Mas o que Albert amava de verdade eram as terras de Briargate; para ele, William tinha a mesma importância de um cão cuja companhia ele gostava. Ficava feliz de brincar com ele, demonstrava-lhe todo o afeto de que era capaz, mas Albert via a si mesmo como o dono.

A única vez que William inverteu as posições foi quando insistiu que Albert se casasse com Nell. Entendia por que William achava isso necessário, mas ele nunca compreendeu quanto Albert detestava as mulheres. William não compartilhava essa aversão, gostava da companhia delas, e o jovem Rufus era evidência de que, se necessário, podia dormir com elas. O plano de William era que Albert deveria imitá-lo, engravidar Nell uma ou duas vezes, e então ninguém poderia apontar um dedo acusador para o patrão.

Desde a primeira vez que Albert viu a família Renton toda reunida, percebeu que nunca poderia levar aquele plano adiante. Eles eram camponeses típicos: homens fortes e viris e mulheres simples e práticas, feitas para a maternidade. Junto desses homens, sentia-se desajustado e, mesmo conhecendo pouco sobre mulheres, imaginou que uma Renton seria igual a uma cadela no cio.

A cerimônia e a festa de casamento que se seguiu foram torturantes. Sua própria família mostrou-se fria e melancólica, sua mãe sendo uma mulher maldosa e cheia de rancor que sempre desdenhou manifestações de ternura ou afeto. Em compensação, os Rentons se abraçavam e se beijavam, dançavam e cantavam, e Albert sentiu-se como um peixe fora d'água. Estremecia ao ouvir as muitas insinuações sobre o bebê que esperavam que chegasse em breve. Faltou pouco para ele fugir, então, para não enfrentar o que sabia que deveria vir em seguida.

Tinha consciência de ter feito tudo errado na noite de núpcias; talvez devesse ter perguntado a William como ele conseguira. Poderia apostar que William não chamou Anne de prostituta por querê-lo e a afastou, como fez com Nell.

Mas o casamento era para sempre e, sendo meros criados, não tinham o luxo de quartos separados. Compartilhar uma cama com Nell revirava-lhe o estômago, o corpo macio dela pressionado contra o dele, o cheiro feminino repugnante e aquela necessidade desesperada

emanando em ondas.

A censura em seus olhos e suas lágrimas silenciosas eram insuportáveis e o deixavam louco de ódio. Sabia que Nell era uma boa pessoa, mas isso apenas piorava a situação, e ele tinha que azucriná-la constantemente para justificar toda a raiva que sentia.

Então Hope veio morar com eles e, toda vez que encarava seu rosto bonito e inocente, sentia-se ameaçado. Ela não era como Nell, era inteligente, impetuosa e corajosa, e capaz de descobrir por conta própria que ele não era um homem de verdade.

Seu primeiro pensamento foi matá-la no dia em que ela o flagrou com sir William. Poderia ter torcido seu pescoço como o de uma galinha e depois a enterrado no bosque, sem escrúpulo algum. Mas viu a carta e encontrou uma maneira melhor de se livrar dela. Queria que ela passasse pela humilhação e pelo isolamento que ele sentira na mesma idade e, sem dinheiro nem atestado de conduta, havia apenas um caminho aberto para ela. Como bônus, ele guardaria a carta do capitão, uma pequena garantia para o futuro.

Funcionou ainda melhor do que ele esperava. Ele se livrou da menina e de Nell. Por fim, tinha a casa do portão só para si. Não se preocupou nem um pouco quando William quis terminar o caso entre eles, já estava mesmo farto das bebedeiras e da dependência do outro. Já estava se tornando um peso.

Durante seis anos, viveu a vida que sempre sonhou. Acompanhou com grande prazer a decadência dos padrões de vida da mansão e Anne e William se agarrando um ao outro como náufragos enquanto seus amigos, vizinhos e criados os abandonavam. A boa aparência deles estava desaparecendo, e era apenas uma questão de tempo para o dinheiro acabar. Enquanto isso, Albert mantivera o jardim no auge da perfeição, sabendo que toda a propriedade seria dele um dia.

Agora seus planos tinham ido por água abaixo.

Apanhou a garrafa de rum na mesa e deu um longo trago.

– Não vou embora – murmurou. – É tudo meu. Trabalhei por isso.

Levantando-se, cambaleou embriagado pela cozinha, abriu a porta e ergueu os olhos para a casa dos Harveys. Só avistava sua forma escura, pois a lua estava escondida atrás de uma nuvem e não havia luzes em nenhuma janela.

Houve um tempo em que todas as luzes ficavam acesas. Bem como havia cavalos nas cocheiras, vinho nas adegas e dezenas de criados circulando. Agora, somente William e Anne moravam lá, com o velho Baines mancando pela casa e tentando fingir que a dirigia. A Sra. Crabbe e a filha, que ajudavam durante o dia, estariam de volta à sua choça no vilarejo.

Tinha passado tantas noites, no verão e no inverno, olhando para a casa e sonhando com o dia em que seria dele. Nunca havia cogitado que os dois poderiam deixar de ser as pessoas fracas, amedrontadas e cheias de culpa que ele conhecia tão bem, não antes que seu dinheiro tivesse se esgotado e eles fossem forçados a vender a propriedade.

Mas não os reconheceria hoje. Estavam orgulhosos, confiantes e determinados, e tinham resposta para tudo. Não imaginava o que lhes teria dado essa súbita força, porém tinha certeza de que estavam falando sério.

– Prefiro queimar este lugar inteiro a ver vocês dois me derrotarem – murmurou, tomando outro gole de rum.

A nuvem que obscurecia a lua se foi, e de repente Briargate ficou toda iluminada. Dava para ver até o branco fantasmagórico das estátuas de mármore em seus canteiros de rosas, e isso o

provocou ainda mais. Apesar da mente confusa por causa da bebida, a ideia de um incêndio lhe parecia cada vez mais tentadora.

A propriedade perderia o valor sem a casa. O desgraçado do Sr. Rufus estaria ocupado demais bancando o lorde com seus amigos ricos de Oxford para querer reconstruí-la. Mas teria valor para ele, Albert, já que o terreno ficaria ainda mais barato. Ninguém desconfiaria dele: pensariam que o incêndio fora causado apenas por um carvão aceso que caíra de uma lareira. E ele ia garantir sua presença na casa fazendo de tudo para apagar o fogo quando as pessoas nas fazendas vizinhas vissem as chamas e viessem correndo para ajudar.

O estúdio! Alguns livros e jornais deixados em cima do tapete da lareira logo fariam o fogo se alastrar. Com a porta do estúdio aberta, as labaredas alcançariam o corredor e subiriam as escadas num instante. Eles ficariam encurralados.

Claro que o velho Baines também estaria lá, mas agora estava tão frágil que não seria mais útil para ninguém.

Poucos minutos depois, Albert atravessava o campo por fora das grades do caminho, pois não queria que William ou Anne fossem despertados por ruídos no cascalho. Já planejava tudo. Havia uma chave extra para a porta da cozinha mantida sob uma caixa no quintal. No passado, Baines ou um dos outros criados sempre trancava a porta por dentro durante a noite, mas no último ano Albert vira a Sra. Crabbe tirar uma chave dali de manhã para destrancá-la. Ele iria por ali, atearia o fogo, depois trancaria de novo a porta dos fundos e voltaria para a casa do portão. Poderia assistir ao incêndio de lá, e só correr para tentar apagá-lo quando realmente tivesse se alastrado bastante.

– O vento está bem forte esta noite – disse em voz alta, alegre, levantando a gola do casaco.  
– Vai ajudar a espalhar o fogo.

Matt Renton hesitou junto ao portão de Briargate. Naquela noite, estivera com um amigo fazendeiro em Chelwood e, como já passava bastante da meia-noite, fazia muito frio e ventava. Ele estava ansioso para chegar logo em casa, e seguir por Briargate e contornar a parte de trás da mansão era um atalho, enquanto a outra opção, através de Lord's Wood, era um caminho muito mais longo e traiçoeiro no escuro; tinha vindo por ali mais cedo e ficou todo respingado de lama.

Sua indecisão era por causa de Albert. Se ele visse Matt, era provável que o atacasse, usando a desculpa de achar que se tratava de um intruso. Mas, como a casa estava às escuras, Matt deduziu que Albert estaria dormindo profundamente e, portanto, ele estaria seguro.

Matt estava com 37 anos. Seu cabelo estava ficando fino e grisalho, tinha o rosto muito curtido pelo tempo, mas ainda era forte e ágil como quando se casou com Amy, quatorze anos antes. Tivera bastante sorte na vida. Conseguira sobreviver a várias colheitas ruins e, nos últimos três anos, tinha se saído tão bem que pudera guardar um pouco de dinheiro. Considerava-se abençoado por ter quatro filhos saudáveis e a melhor esposa que um homem poderia desejar.

Seus irmãos mais novos, Joe e Henry, tinham voltado para a fazenda três anos antes com o rabo entre as pernas. Londres não lhes fora gentil. Estavam magros, famintos e sujos, sem um centavo no bolso. Matt foi rigoroso com eles, repreendendo-os e ditando suas regras de conduta antes de concordar em deixá-los ficar, mas no fundo estava feliz por tê-los em casa. E os meninos haviam cumprido a promessa, trabalhando duro e andando na linha. Ambos tinham namoradas agora, moças sérias que dariam boas esposas.

Entretanto, Joe e Henry sempre faziam Matt se lembrar de Hope, por terem sido inseparáveis quando os três eram pequenos. Achava incrível ela não ter revelado onde estava durante aqueles seis anos. Às vezes, achava que Albert realmente a matara, ou que estivesse grávida quando fugiu e talvez tivesse morrido no parto. Mais do que tudo, porém, preocupava-o imaginar que ela podia ter se metido em algum problema tão sério que estivesse com medo de voltar.

Nell ainda acreditava que Albert a matara, mas isso não a impedia de esperar um milagre. Toda vez que ela voltava à fazenda, a primeira coisa que perguntava era se havia alguma notícia. Rufus também. Ter ido para aquela escola para jovens cavalheiros e depois para a universidade não o impediu de se preocupar com Hope. Assim que voltava para Briargate, corria para a fazenda. Matt desejava mais do que tudo um dia ter algo de bom para contar a ambos.

Matt estava a cerca de dez metros do pátio da estrebaria, já ia passar por trás da parede da casa para chegar à passagem na cerca e tomar o caminho para o vilarejo, quando ouviu um ruído.

Não era alto, apenas um clique que poderia ter sido o vento, mas poderia ser também uma chave girando numa fechadura, então ele recuou para junto da parede da estrebaria, fora de vista.

Apurando os ouvidos, esperou. O vento soprava com força e ele não conseguia ouvir nada, mas um sexto sentido lhe dizia que alguém estava ali. E estava certo; ouviu uma tosse abafada e,

então, de repente, lá estava Albert.

Matt sabia pouco sobre a rotina de Briargate, mas não podia imaginar qualquer motivo para um jardineiro entrar na casa tão tarde da noite, a menos que, claro, ele estivesse dividindo a cama com lady Harvey.

O que era improvável. Rufus afirmara que a mãe odiava o homem e, de qualquer forma, sir William estava sempre em casa agora, dizia-se até que raramente saía. Porém, mais estranha ainda era a maneira como Albert estava se comportando. Em vez de seguir pelo caminho, ele estava pisando no gramado.

Matt comprimiu-se contra a parede e observou, perguntando-se aonde o homem estaria indo. Ainda de modo estranho, Albert continuou andando pela grama enquanto seguia na direção da casa do portão. Além disso, virava-se constantemente para olhar a mansão por cima do ombro.

– Está indo pela grama para não ser ouvido... – murmurou Matt para si mesmo. – Aposto que aprontou alguma.

Consciente de que, se fosse visto à espreita perto da casa, poderia ser culpado pelo que Albert tinha feito, Matt deslocou-se também furtivamente, por cima da passagem da cerca e pelo padoque que flanqueava o jardim da casa rodeado por cerca viva, para alcançar a trilha que atravessava os campos para Woolard.

Quando chegou ao final do padoque e preparou-se para atravessar na passagem da cerca, virou-se ligeiramente para trás. Para sua surpresa, havia um leve brilho alaranjado em uma das janelas do andar térreo de Briargate.

Seu primeiro pensamento foi que alguém poderia ter acordado e acendido uma lâmpada para descer e investigar. Mas a luz da lâmpada era amarela, e certamente uma lâmpada não produziria uma claridade tão forte.

De repente, percebeu o que era.

– Fogo! – exclamou, ofegante. – Então era isso que ele estava fazendo lá!

Por um segundo, ficou indeciso sobre como agir. A primeira regra no caso de um incêndio era dar o alarme, mas lady Harvey, sir William e o Sr. Baines estavam lá dentro, e até ele convocar homens em Woolard e voltarem para a mansão, todos os três poderiam ter morrido queimados.

Tirando o casaco pesado, Matt correu de volta para o padoque. Já sentia o cheiro da fumaça, então não perdeu tempo em subir pela passagem da cerca junto às estrebarias, abrindo caminho através da cerca direto para o jardim.

Só estivera em Briargate uma vez, no dia em que conversou com sir William depois que Nell foi embora, mas lembrou que o salão para onde o encaminharam estendia-se da frente aos fundos da casa, com portas de vidro que davam para o jardim.

Um grito estridente no andar de cima o fez correr mais depressa. Chegando às portas de vidro, enxergou o interior da sala como se fosse dia, pois estava iluminado pelo brilho das chamas na frente da casa. Apanhou um vaso pesado no terraço e espatifou as portas, atravessou a sala e abriu com cuidado a porta que dava para o vestíbulo.

Foi como abrir a porta de um forno aceso. Sentiu o impacto do calor e a fumaça fez seus olhos arderem. O fogo aparentemente começara na sala ao lado da porta da frente, e ali o incêndio ardia descontrolado; as chamas já lambiam o tapete do vestíbulo e seguiam para as escadas.

Estalidos, fagulhas e sons sibilantes acompanhavam o rugido do fogo enquanto devorava tudo em seu caminho. Fechando a porta do salão atrás de si, Matt respirou fundo e, esquivando-

se das chamas no chão, correu para a escada.

Lady Harvey ainda gritava quando ele alcançou o patamar. Ela vestia uma longa camisola branca e torcia as mãos, evidentemente aterrorizada demais para tentar descer.

– Sou eu, Matt Renton, minha senhora – disse ele com firmeza, consciente de que ela estava tão abalada que não o reconheceria. – Vou levá-la para fora. Mas preciso saber onde sir William e o Sr. Baines estão.

– Não consigo acordar William – disse ela, chorando. – Tentei agora mesmo. Ele toma gotas à noite para dormir e é muito pesado para ser arrastado.

– Há água aqui em cima em algum lugar? – perguntou Matt, desejando que soubesse por onde ir.

– Apenas os jarros nos lavatórios! Vamos todos morrer, não vamos?

– Não se eu puder evitar. Agora, acalme-se e mostre-me onde está sir William.

O quarto para onde ela o conduziu ficava bem acima do centro do fogaréu abaixo e estava cheio de fumaça. Tossindo e resfolegando, Matt andou com dificuldade até a cama, agarrou sir William como um saco de batatas, jogou a água fria do jarro no rosto dele e o puxou até o patamar da escada.

– Acorde, senhor! – gritou, dando-lhe um tapa no rosto. – Há um incêndio, tem que acordar e sair daqui!

Não houve resposta imediata, mas o rugido do incêndio lá embaixo aumentava mais a cada segundo.

– Desperte-o! – ordenou a lady Harvey, que estava curvada sobre o marido, tossindo com dificuldade. – Vou buscar Baines. Onde ele está?

– Lá em cima.

Matt correu de volta para a escada, mas descobriu que não levava a mais nenhum andar. As chamas já estavam no patamar inferior; eles não conseguiriam descer por ali.

Quando voltou para junto de lady Harvey e ela lhe explicou onde ficava a outra escada, a mulher estava tão perturbada por não conseguir acordar o marido que Matt teve que carregá-la pela porta que dava para a escada dos fundos e deixá-la ali enquanto corria para procurar Baines.

O velho já estava tentando vestir a calça, tossindo muito com a fumaça. Matt colocou-o sobre o ombro e desceu as escadas até onde tinha deixado lady Harvey. Ela havia desaparecido e, presumindo que tivesse descido, ele também não hesitou. Foi dar em um aposento ao lado da cozinha, no que parecia ser a sala dos criados de que Nell costumava falar, mas não havia sinal de lady Harvey. Abriu com um chute a porta que dava para o pátio da estrebaria e deixou Baines lá fora, dizendo-lhe para se afastar imediatamente da casa.

Quando voltou pela escada dos fundos para os dormitórios, a outra extremidade do patamar ardia em chamas, e lady Harvey estava lá, caída em cima do corpo prostrado do marido. Matt não sabia se ela tinha sufocado na fumaça ou se estava tão assustada que havia desmaiado.

Matt pegou-a no colo e a levou para o andar de baixo, depositando-a no lado mais afastado do pátio da estrebaria, onde Baines estava caído, tossindo de arrebentar os pulmões.

A fumaça tinha se espalhado por toda a casa, até sob a porta pela qual Matt acabara de passar. Ele ouvia o ruído de coisas desmoronando e se quebrando lá dentro e o rugido das chamas. Tirando o lenço do pescoço, ele o mergulhou em uma barrica de água na estrebaria e, amarrando-o por cima do nariz e a boca, voltou para resgatar sir William.

Sentia o calor das chamas mesmo através da porta do patamar da escada, e abriu-a com cuidado, apenas uns poucos centímetros, para olhar. Só a manteve aberta por um segundo, mas foi o bastante para ver que era tarde demais para salvar sir William. Ele já estava envolto pelas



chamas.

O cheiro de carne e cabelo queimados fez Matt vomitar. Sabia que sir William já deveria estar morto e ele também estaria se não saísse de imediato. Então fechou a porta e saiu da casa.

– Joe, vá até Keynsham e chame o policial! – gritou Matt quando chegou cambaleando na fazenda, amparando lady Harvey com um braço e Baines com o outro. – Henry, corra para o médico!

Os dois irmãos saíram às pressas do quarto ao lado da cozinha, de olhos lacrimejantes de sono, vestindo suas roupas.

– O que aconteceu? – perguntou Henry, olhando para lady Harvey em sua camisola salpicada de lama como se ela fosse um fantasma.

– Albert incendiou Briargate – respondeu Matt, sucinto. – Sir William morreu e esses dois têm sorte de estar vivos. Preciso reunir alguns homens para tentar salvar a casa.

Amy apareceu de camisola na escada.

– Tenha cuidado, Matt! – recomendou, depois foi direto para o quarto dos meninos, voltando com dois cobertores. – Vocês estão a salvo agora – disse ela, envolvendo Baines e lady Harvey com os cobertores e acomodando-os em cadeiras.

Eles ficaram silenciosos e imóveis como estátuas, e pareciam profundamente atordoados, sem saberem onde estavam.

– Deem-me só um minuto para atizar a lenha do fogão e vou cuidar de vocês.

Anne jazia na cama dura e estreita olhando para o teto baixo e manchado, pensando que aquilo era um dos medonhos pesadelos que costumava ter quando criança. Lembrou-se de como fazia força para acordar, às vezes até andava pelo quarto, mas, no momento em que voltava para a cama e fechava os olhos novamente, o pesadelo recomeçava.

Este pesadelo, porém, ainda não cedera nem por um momento. Ela ainda ouvia o crepitar das chamas, sentia o calor, o cheiro de queimado, e via William deitado no patamar em sua roupa de dormir.

Foi culpa dela William ter morrido. Se ao menos tivesse se controlado quando Matt chegou para salvá-los! Poderia ter mostrado logo a ele onde ficava a escada dos fundos, e os dois facilmente teriam arrastado William para um lugar seguro.

Além do mais, se ela não tivesse instigado William a agir com rigor, Albert não precisaria incendiar Briargate. Que tola era ela, como nunca lhe ocorreu que ele encontraria alguma forma de se vingar?

Havia três dias que ela estava ali, deitada naquela cama dura com lençóis ásperos, tão cheia de remorso e tristeza que mal sabia se era noite ou dia. Do outro lado da porta, Amy e os quatro filhos continuavam seguindo suas vidas. De vez em quando, ela ouvia sons comuns de família, risos, conversas e discussões. Sentia o cheiro de comida sendo preparada, ouvia pratos sendo lavados, o fogão sendo raspado, cadeiras sendo arrastadas no chão de pedra. Eram sons e aromas bastante conhecidos, mas pareciam estranhos, como se ela tivesse sido transportada para uma terra estrangeira onde tudo – linguagem, costumes e comportamentos – fosse estranho e assustador.

Ela não conhecia Amy, a esposa de Matt, antes da noite em que Matt a trouxe para aquele

lugar, e a bondade que a mulher lhe tinha demonstrado fora irrepreensível. Lavou-a como se fosse um de seus filhos, enfaixou seus pés, porque tinha se cortado andando pelo bosque para chegar até lá, até lhe emprestara uma de suas camisolas, e no entanto Anne não conseguira agradecê-la, muito menos explicar como se sentia, ou sequer perguntar por que ainda estava sentindo cheiro de fumaça.

Era tão esquisito. Amy usara nela um sabonete forte, capaz de eliminar qualquer cheiro persistente em sua pele, e sua camisola estava limpa. Se ela não sentia dor nos seus pés cortados, por que ainda sentia cheiro de fumaça?

No entanto, ainda que num estado de quase transe, estava muito consciente do como Matt tinha sido extraordinário. Resgatou Baines e ela de Briargate e fez ambos chegarem até ali em segurança, o que não foi pouco, considerando-se que mal podiam andar. Então convocou homens do vilarejo e voltou para Briargate para tentar salvar a casa.

Infelizmente, era uma causa perdida. Amy explicou que, apenas com baldes de água e lutando contra o vento forte que atiçava as chamas, os esforços deles tinham sido em vão. Ela disse que a casa ficou destruída, que pela manhã até as paredes tinham caído.

Os policiais estavam procurando por Albert. Achavam que ele devia ter visto Matt sair da casa em chamas com Baines e lady Harvey e fugira em pânico. Matt disse que todo o condado já recebera o alerta e que achava que não demorariam a capturar Albert.

Anne não tinha certeza de que queria que o pegassem. Não traria William de volta nem reconstruiria Briargate, mas daria a Albert uma oportunidade para expor tanto ela quanto William durante o julgamento. Já era bem difícil lidar com a viuvez, a perda de sua casa e de todos os seus bens. Não merecia um escândalo.

Sofria de vergonha quando lembrava como tantas vezes no passado desejara a morte do marido para que pudesse estar com Angus! Como poderia ter sido tão perversa?

Mas tivera seu castigo. Sinceramente, preferia ter morrido no fogo com William a ter que encarar Rufus. Amy e Matt podiam acreditar que não havia outra explicação para tudo a não ser Albert ter se vingado porque fora despedido. Mas Rufus era perspicaz e inteligente, saberia que havia alguma coisa por trás, e ia investigar, esquadrinhar e fazer perguntas até obter as respostas certas.

Uma batida na porta fez Anne virar a cabeça.

– Entre – disse ela, cansada, pensando que fosse Amy novamente com mais comida que ela não conseguia comer.

A porta se abriu e, por cortesia, Anne tentou forçar um sorriso agradecido. Mas não era Amy junto da porta, era Nell.

Anne arquejou involuntariamente, não só porque não esperava que Nell aparecesse depois de seis anos de afastamento, mas porque ela parecia uma dona de casa bem-sucedida, não uma criada. Estava mais magra do que Anne se lembrava e muito mais atraente; seu vestido azul-escuro com toucado da mesma cor davam brilho a seu rosto um tanto pálido, e os cabelos visíveis sob o toucado ainda eram negros como a noite.

– Desculpe se a assustei, senhora, mas tinha que vir. – A voz de Nell tremia de nervosismo.  
– Eu sempre disse que Albert era perverso, mas nunca imaginei que um dia fosse fazer mal à senhora e a sir William. Sinto muito, milady.

Anne começou a chorar, não tanto por causa das palavras da antiga criada, mas por todas as lembranças que seu rosto trazia de volta.

– Não precisa pedir desculpas – disse, aos prantos. – Se tivéssemos levado em conta o que falou sobre ele anos atrás isso não teria acontecido.

– Calma, vai ficar tudo bem. – Em um instante, Nell estava a seu lado, acariciando a testa de Anne e consolando-a, como sempre fizera. – Não se culpe, temos que fazê-la ficar bem novamente.

– Não estou doente, Nell – disse Anne, apertando a mão dela nas suas e pressionando-a contra seus lábios. – Pelo menos, não do corpo, só do coração. Estou muito feliz por você ter vindo.

Anne sabia que Nell era dez anos mais nova que ela, portanto estaria com 38 anos, mas foi um tanto impressionante vê-la parecer muito mais jovem do que quando trabalhava em Briargate. Em sua mente surgiu o pensamento pouco caridoso de que talvez fosse porque ela se tornara amante de Angus.

– A senhora teve um choque terrível – disse Nell, sentada ao lado dela na cama estreita. – Sei o que isso faz com o corpo. Mas precisamos levá-la para um lugar mais adequado para uma senhora de sua posição. Vai se recuperar mais depressa quando se sentir em casa.

Anne envergonhou-se por ter se deixado levar a uma conclusão equivocada. A doce, leal Nell, viera de fato para levá-la para a casa de Angus!

– Querida Nell... Você sempre teve a capacidade de instintivamente saber o que eu queria ou precisava. Realmente não mereço sua compreensão.

– Dormi neste mesmo quarto por um tempo e sei quanto pode ser barulhento – disse Nell com um sorriso afetuoso. – Terá um pouco de paz na Wick Farm. A Sra. Warren está preparando um quarto para a senhora. Também enviou algumas roupas; disse para lhe avisar que é mais do que bem-vinda.

Anne teve a impressão de que um tapete tinha sido puxado de debaixo de seus pés.

– Quanta gentileza – conseguiu dizer, abafando a decepção que sentia.

Os Warrens tinham sido bons vizinhos durante toda a sua vida de casada, mas não eram amigos íntimos, e Anne tinha sido bastante fria com a Sra. Warren meses antes, quando esta a visitou pela última vez.

– Não sei como ela ainda pode se importar comigo, não a vejo faz tanto tempo...

– Os amigos de verdade sempre se unem em situações de emergência. Além disso, como já deve saber, a Sra. Warren também vem cuidando do Sr. Baines e o cerca de muito conforto. Mas, infelizmente, não acho que ele vá continuar conosco por muito mais tempo, ele tem piorado muito.

Naquele instante, Anne percebeu que Nell tinha ido a Wick Farm para visitar Baines. Sem dúvida, achou que não era apropriado a senhora de Briargate ser tratada de modo espartano na fazenda de seu irmão enquanto seu próprio mordomo estava imerso em luxo. Anne percebeu que ela devia ter trazido o assunto à tona e não deu alternativa à Sra. Warren a não ser a de estender o convite a ela também.

Anne não queria ir para lugar nenhum nessas condições, e a suspeita de que Nell poderia ser mais do que uma governanta para Angus voltou a ocupar sua mente.

– Pobre Baines – disse, consciente de que tinha uma posição para manter a todo custo e, de qualquer maneira, ela gostava genuinamente do mordomo. – Um horror terminar seus dias dessa maneira.

– Ele vai ficar contente se puder vê-la antes – disse Nell em tom decidido, indo até a porta apanhar uma sacola que tinha deixado lá e tirando de dentro um vestido preto e anáguas brancas engomadas. – A Sra. Warren mandou-lhe isso. Agora, vamos, levante-se e a ajudarei a se vestir.

Anne sentiu certa aversão em vestir roupas que não eram suas, mas ao mesmo tempo havia algo muito tranquilizador em ter Nell vestindo-a novamente. Ela pensara em tudo: uma camisa de baixo, espartilho, anáguas e até um par de chinelos acolchoados, largos o bastante para conter as ataduras nos seus pés. Quando estava vestida, Nell deu atenção aos cabelos, escovando-os com cuidado e prendendo-os em um coque simples na base da nuca.

– Está bem melhor – disse, ajustando o babado ao redor do decote do vestido. – Agora já se parece com minha senhora de novo.

Anne sentiu um carinho verdadeiro nessa observação e, embora não aquietasse de todo suas suspeitas, achou que seria oportuno pedir perdão a Nell.

– Sinto muito, Nell. Você não merecia a maneira como a tratei. Diga-me, o capitão é um bom patrão?

Nell sorriu.

– O melhor! Mas receio que ele volte a se ausentar em breve em função de suas atividades militares. Parece que haverá problemas na Rússia.

– Mas sem dúvida nossas tropas não vão se envolver nisso, não é?

William mencionara algo sobre um desentendimento entre turcos e russos alguns dias antes, mas não parecia nada sério.

– Creio que qualquer problema em qualquer lugar do mundo precisa do nosso exército – afirmou Nell. – Mas agora venha, o cocheiro dos Warrens está esperando. Amy e Matt vão visitá-la em um dia ou dois.

– Como ela estava? – perguntou Angus assim que Nell entrou pela porta naquela tarde. Ela teve a impressão de que ele estava andando de um lado para outro pelo corredor esperando seu retorno.

Os anos tinham sido bondosos com Angus. Aos 47 anos, ainda era tão magro, apumado e bonito como quando Nell o conhecera. Até mesmo os fios grisalhos nas têmporas só serviram para fazê-lo parecer mais distinto.

– Ela parece frágil e profundamente abalada – respondeu Nell enquanto tirava o toucado. – Mas não se feriu, exceto pelos pés machucados, já que andou até a casa de Matt descalça.

– Venha para perto da lareira e tome um copo de vinho comigo – disse Angus, pegando seu manto curto e pendurando-o junto com o toucado. – Você convenceu a Sra. Warren a recebê-la?

Nell assentiu.

– Ela também doou algumas roupas. Foi muito bondosa, é de fato uma boa mulher.

– E Baines? Como está?

Nell deu de ombros.

– Mal, mas ficou muito feliz em me ver. Talvez melhore com bastante repouso e boa alimentação. Acho que não teve nem uma coisa nem outra nos últimos anos. Mas só posso esperar que ele se vá sossegadamente dormindo. A única coisa que os velhos criados têm pela frente é o asilo dos pobres.

Angus puxou Nell pelo braço para uma cadeira junto ao fogo e serviu-lhe um copo de vinho.

– Você não vai terminar seus dias no asilo – disse ele em tom de reprovação.

Nell comprimiu os lábios.

– Espero que não, mas acho que Baines também imaginou que veria o fim dos seus dias em Briargate. É inacreditável que a casa tenha desaparecido. Olhei de Woolard para lá através dos campos, pois se costumava avistá-la dali, e pareceu sinistro não ver nada.

– E como lady Harvey a tratou?  
– Arrogante como sempre – disse Nell, com ar desanimado. – Ela se desculpou comigo pelo passado, mas não acho que tenha gostado muito de me ver tão...

Ela hesitou, sem saber explicar o que queria dizer.

– Bem? – completou Angus.

Nell assentiu.

– Ela me olhou com grande desconfiança. Mas talvez eu devesse ter usado algum traje mais antigo e mais de acordo com minha posição.

Angus riu.

– Você é minha governanta, Nell, suas roupas refletem sua posição. Espero que tenha dito a ela que agora eu também tenho uma criada, e que, graças a você, possuo uma casa onde posso me orgulhar de receber as pessoas.

Nell corou. O capitão sempre apreciava tudo o que ela fazia por ele, e isso tornava uma alegria trabalhar na sua casa. Nos primeiros dois anos ali, ela tinha providenciado tudo o que precisava ser feito para transformar um lugar maltratado em uma casa apropriada para um cavalheiro. Tinha caiado paredes, limpado pisos, costurado cortinas, refeito o jardim e encontrou profissionais para fazer as tarefas que estavam além de sua capacidade. Não esperava elogios, já via como recompensa ter voltado a ter um emprego, e o trabalho pesado a impedia de ruminar demasiado sobre Hope.

Mas quando o capitão chegava em casa de suas atividades militares, não lhe faltava nada. Ele sorria e lhe agradecia quando via na despensa as fileiras de conservas e compotas preparadas por ela; ria quando deitava na cama em uma noite fria e encontrava um tijolo quente já aquecendo as cobertas. Ele declarava que as refeições que ela preparava eram tão boas quanto os banquetes dos quais havia participado no refeitório dos oficiais, e que ninguém jamais tinha lavado, passado e consertado sua roupa tão bem. Dizia que todos os seus amigos o invejavam por ter uma governanta tão prezada e que se pudessem iam tomá-la dele.

Nell fingia acreditar que aquilo não passava de lisonja sem fundamento, mas sabia que ele era sincero, e essa convicção contribuíra muito para a sua autoconfiança. Ela nunca tivera a oportunidade de mostrar o que era capaz de fazer, tendo passado toda a vida a receber ordens, e era estimulante ser incumbida de tomar decisões, planejar cardápios, comprar qualquer utensílio ou ingrediente de que precisasse. Nem em sua própria casa Albert permitiria que ela mudasse os móveis de lugar sem sua permissão. Acabou se convencendo de que era estúpida, e que suas opiniões não tinham valor para quem quer que fosse.

– Agora, conte-me tudo o que ficou sabendo sobre o incêndio – perguntou o capitão com veemência, visivelmente ansioso por informações. – Foi tudo como nos disseram?

Eles tinham recebido a notícia da tragédia por acaso. Nell estava numa loja em Keynsham quando escutou duas mulheres comentando sobre um incêndio. Só quando uma delas mencionou um fazendeiro de Woolard é que Nell realmente passou a prestar atenção e interrompeu-as para perguntar qual fazenda tinha pegado fogo.

Aconteceu que a mais velha das duas mulheres era a cozinheira do médico, e ela explicou que um dos Rentons havia ido buscá-lo naquela manhã. Contou que o incêndio fora em Briargate e que sir William Harvey morrera, mas que era só o que sabia a respeito.

Nell ficou tão sobressaltada que correu direto para casa sem comprar os mantimentos que fora buscar. Em prantos, contou a história para o capitão e ele foi imediatamente até Compton

Dando em busca de mais informações. Foi uma tremenda surpresa ouvir que Albert havia incendiado a casa e que a polícia estava à procura dele, mas Nell ficou orgulhosa ao saber que Matt havia resgatado bravamente Baines e lady Harvey.

Ela estava determinada a ir direto à fazenda, mas Angus não deixou. Aconselhou-lhe que esperasse lady Harvey se recuperar um pouco. Salientou que algumas pessoas poderiam interpretar seu aparecimento muito rápido como evidência de que ela estava satisfeita por ter ficado provado que tinha razão quanto a Albert.

– Se Matt não tivesse visto Albert sair de Briargate pouco antes do início do incêndio, teria parecido um acidente – explicou Nell, pois Amy lhe tinha relatado tudo o que sabia. – No estúdio, onde o fogo começou, encontraram no chão os restos de uma lâmpada a óleo. Lady Harvey poderia ter se esquecido de apagá-la quando foi dormir, ou a lâmpada poderia ter sido derrubada por uma lufada de vento. Mas o policial responsável acha que Albert colocou uma brasa acesa no tapete e depois pôs a lâmpada no chão, de modo que o óleo escorresse e pegasse fogo. Talvez até tenha espalhado o óleo para que o fogo se alastrasse pelos livros e papéis.

Angus fez um muxoxo.

– Mas para que fazer tal coisa? Os homens do vilarejo disseram que não fazia sentido queimar a casa, pois ele perderia o emprego.

– Parece que naquela manhã sir William e lady Harvey o mandaram embora – disse Nell. – Ele teria ficado zangado; amava aquele jardim, via-o como se fosse dele.

Mesmo depois de tudo o que Albert lhe fizera e por mais que o odiasse, ainda assim conseguia colocar-se no lugar dele. O homem tinha trabalhado muito naquele jardim, transformara-o em uma obra de arte, e sem dúvida esperava terminar seus dias cuidando dele.

– Que razão ela deu para demiti-lo? – Angus franziu a testa. – Afinal, ele cuidava de tudo.

– Ela disse que não aguentavam mais – disse Nell, dando de ombros. – Disse que Albert vinha intimidando os dois havia anos e eles deram-lhe um basta.

Nell não tivera coragem de questionar lady Harvey, pois ela tinha começado a chorar convulsivamente e a dizer todo tipo de tolices, como afirmar que aquilo era a vingança de Deus por seu adultério. Também continuou a pedir desculpas a Nell, dizendo que não tinha admitido o fato de que Hope era sua filha até ser tarde demais.

– Talvez eles não pudessem mais se dar ao luxo de mantê-lo – disse Angus, pensativo. – Não é segredo que estavam em uma situação difícil. Mas e Rufus? Ele foi chamado?

– Amy disse que o reverendo Gosling escreveu para ele a fim de dar a notícia – disse Nell. – Também enviou uma mensagem às irmãs de lady Harvey. Espero que cheguem dentro de um dia ou dois.

– Quantos anos Rufus tem agora?

– Apenas 19. – Os olhos de Nell se encheram de lágrimas. – Coitado do menino! O que será dele?

– Pelo que entendi, ele tem dinheiro em um fundo que lhe foi legado por seu avô materno – disse Angus com a voz calma. – E, pelo que se sabe, é um rapaz equilibrado e inteligente, então ficará bem, embora seja um golpe duro perder o pai. O seu irmão disse quando será o funeral?

Nell balançou a cabeça.

– Presumo que será decidido quando Rufus chegar – comentou Angus. – Por enquanto, tomara que capturem Albert. Ele será enforcado por isso, Nell, o que, pelo menos, deixará você livre para se casar novamente.

– Senhor! – Nell ofegou, escandalizada.

Angus abriu um meio sorriso.

– É uma ideia tão absurda assim? Você é uma mulher bonita, Nell, com as habilidades que qualquer homem desejaria em uma esposa. E ainda tem idade suficiente para ter um filho.

– Não quero me casar – respondeu ela, indignada. – Não quero estar sob o jugo de ninguém.

– Ah, Nell... – Ele suspirou. – Você e eu fomos machucados pelo amor, mas quem sabe fosse bom deixar tudo isso para trás e tentar novamente?

– O senhor deveria – disse ela com firmeza. – Lembre-se de que lady Harvey agora está livre!

Assim que fez essa observação, ela se arrependeu, pois falar de tal assunto antes mesmo de sir William estar em seu túmulo era muito desrespeitoso.

Entretanto, para sua surpresa, Angus não a censurou, tudo o que fez foi olhar para ela com uma fisionomia triste.

– Não sinto mais o que sentia – confessou ele. – Meu amor desapareceu quando ela tratou você tão mal. Só o que sinto por ela agora é solidariedade, como por qualquer amigo antigo.

Muitas vezes, ao longo dos anos, Nell ficara tentada a revelar-lhe que Hope era sua filha. Teria acalmado sua dor se pudesse compartilhar aquele segredo; ele talvez se convencesse a exigir uma investigação sobre o que acontecera com ela. Mas conteve a tentação unicamente por causa da promessa que fizera a lady Harvey.

Já se sentia tentada novamente porque não podia acreditar que Angus deixara de amar lady Harvey. Ele era um solteiro muito cobiçado; nobres com parentes solteiras em Bath e Bristol sempre o convidavam para festas e jantares. Costumava contar a ela, achando graça, sobre as damas que lhe davam a entender que queriam ser sua namorada, mas, embora ele fosse galante, flertasse bastante e muitas vezes gostasse sinceramente dessas senhoras, não criava laços românticos com nenhuma delas.

Uma vez, quando tinha bebido demais, admitiu que amara Anne profundamente. Revelou que era um tormento saber que ela era esposa de outro homem. Antes que Rufus nascesse, pedira-lhe que fugisse para a América com ele. Ela recusou e ele achava que fora por ela prezar demais seu título e não querer enfrentar uma vida sem criados, dinheiro e roupas finas.

Nell não concordava inteiramente com isso. Seria preciso uma coragem excepcional para uma mulher de alta classe enfrentar a condenação pública ao abandonar seu marido por outro homem. E sir William não era um homem cruel como Albert; Anne também o amava. Nell tivera a comprovação da intensidade daquele amor naquele mesmo dia, ouvindo Anne em prantos contar como tentara acordar o marido enquanto Matt resgatava Baines.

“A culpa foi toda minha! Se eu tivesse contado logo a Matt sobre a escada dos fundos, ou feito William levá-lo para fora enquanto eu ia buscar Baines! Fui patética, Nell; entrei em pânico e agi como uma criança assustada. Agora perdi meu amigo mais querido.”

– Você já parou para pensar que, quando Albert for pego, Hope pode voltar? – disse Angus, interrompendo o devaneio de Nell.

Nell levantou a cabeça depressa; de repente, estava alerta de novo.

– Por que ela voltaria?

Angus deu de ombros.

– Como sempre afirmei, é muito mais provável ele ter obrigado Hope a deixar Briargate do que tê-la matado. Quando estiver preso, não poderá fazer mal a ela nem a você.

Os olhos de Nell começaram a brilhar, esperançosos.

– Eu não tinha pensado nisso. Mas ela pode estar tão distante que nem vai saber!

– O assassinato de um aristocrata é uma notícia que desperta interesse – disse Angus. – A história saiu hoje no *The Times*, inclusive tirando da primeira página as notícias da guerra iminente contra a Rússia. É provável que Hope fique sabendo, onde quer que esteja.



– Vamos congelar se continuarmos no convés por muito mais tempo – alertou Bennett.

– Mas, doutor, é mais saudável aqui em cima do que lá embaixo – disse Hope com um sorriso. – Ou você quer fazer travessuras comigo novamente?

Ela não queria voltar para a pequena cabine, ainda não. O vento e os borrifos de água do mar eram estimulantes, e a vastidão do oceano a fascinava. Também era agradável estar longe das pessoas por um tempo.

Claro que Bennett não contava; ela achava que poderia passar todas as horas de todos os dias com ele sem se sentir irritada ou entediada. E ele tinha um talento maravilhoso para perceber se ela queria ficar quieta ou se estava com vontade de conversar. Hope achava que talvez ele fosse o marido mais perfeito do mundo.

Muitas vezes, perdera a esperança de que fossem se casar um dia, pois já tinham se passado quatro anos de seu décimo oitavo aniversário, quando ele lhe comprara o anel de noivado. Naquele dia, ele lhe dissera que estava pensando em se tornar médico militar, mas Hope não o levava muito a sério. Porém, Bennett estava mesmo falando sério: seis meses depois, alistou-se na ilustre Brigada de Fuzileiros como médico-assistente, e ela então achou que poderia perdê-lo, pois seu regimento estava sempre em movimento: Winchester, Canadá e, por fim, África do Sul, para as guerras dos Kaffir, o que tornava impossível vê-lo.

Hope mudou-se para o novo Hospital Geral de Bristol na Guinea Street para trabalhar como enfermeira. Bennett escrevia constantemente para ela, cartas engraçadas, calorosas, o que fazia seu amor por ele crescer ainda mais. Mas os serviços de correio eram lentos e pouco confiáveis, sobretudo na África do Sul, onde às vezes se passavam meses sem uma carta, e depois seis ou sete cartas chegavam ao mesmo tempo.

Ela teve períodos muito desalentadores naqueles quatro anos. Às vezes, a solidão era quase paralisante, principalmente quando Bennett foi para o Canadá e ela se mudou para o Hospital Geral, onde não conhecia ninguém.

Em St. Peter, ela tinha a companhia das jovens mães de sua enfermaria, e algumas delas se tornaram boas amigas, que ela visitava em suas casas durante o dia de folga. No Hospital Geral, porém, foi para a enfermaria masculina, e a religiosa encarregada era uma megera que menosprezava Hope o tempo todo, a fiscalizava sem cessar, desconfiava de qualquer tipo de familiaridade com os pacientes e fazia todos os dias parecerem intermináveis.

Era bom estar em um hospital melhor, mas Hope se sentia uma estranha naquele lugar. Possuía habilidades de enfermagem e conhecimentos médicos bem superiores aos das senhoras que trabalhavam ali caridosamente como enfermeiras voluntárias, mas não pertencia à classe delas. E as enfermeiras com antecedentes iguais aos seus pareciam rejeitá-la, porque também não era uma delas. Sentindo falta de Bennett, com medo de que nunca chegasse o dia em que seria sua esposa e frustrada, pois a grande maioria das pessoas considerava ser enfermeira uma profissão inferior, não estava muito esperançosa. Muitas vezes, tinha a impressão de estar presa a uma espécie de roda de moinho, girando sem ir a lugar nenhum.

No entanto, em janeiro de 1854, Bennett voltou para a Inglaterra, insistindo para se casarem

assim que pudessem organizar a cerimônia.

Ele havia mudado muito durante sua temporada na África do Sul. Além do rosto bronzeado, cabelo clareado pelo sol e corpo mais musculoso por causa do exercício regular da equitação, ele também estava muito mais resoluto, confiante e sociável. Aprendera muito com os médicos mais antigos do regimento, habituou-se a realizar cirurgias bastante complicadas sob condições precárias e a dirigir o próprio hospital de campo. Viver e trabalhar em um ambiente totalmente masculino o fortaleceu, e ele não se preocupava mais com a opinião do tio sobre como deveria viver sua vida.

Hope tinha encontrado o Dr. Cunningham muitas vezes enquanto Bennett estava ausente, tanto em St. Peter quanto no Hospital Geral. Ele se comportou com muita frieza no começo, pois com certeza a culpava por seu sobrinho ter deixado sua clínica, mas talvez Alice o tivesse influenciado, pois aos poucos começou a tratá-la com mais simpatia e, um ano depois, passou a conversar com ela quando a encontrava.

Fora apenas no ano anterior, entretanto, que ele finalmente admitiu que a considerava uma boa enfermeira, e que Bennett talvez não tivesse cometido um erro em querer se casar com ela. Hope poderia ter ficado ofendida com essa observação, mas ia muitas vezes visitar Alice no seu dia de folga, que lhe dizia que o velho médico falava dela em termos altamente elogiosos. Hope imaginava que ele teria preferido que o sobrinho se casasse com alguém que contribuiria para melhorar sua carreira, mas, se ele pensava tal coisa, não a expressava. E foi ele próprio quem sugeriu que ela deveria sair logo do Hospital Geral e ir morar na Harley Place até o casamento, pois havia muitos preparativos a fazer.

Casaram-se próximo a Harley Place, em Christchurch, no início de fevereiro, num dia gelado com ameaça de neve. Alice fez um traje de casamento para Hope, um vestido de lã num tom de rosa-escuro com as anquinhas da moda e uma capa da mesma cor com capuz orlado de pele.

Não convidaram muitas pessoas: Alice e sua irmã, Violet, o Dr. Cunningham e alguns velhos amigos de Bennett, incluindo Mary Carpenter. Hope daria tudo para ter seus irmãos e irmãs presentes em um dia tão importante, mas, como simplesmente não era possível, tentou não pensar neles.

Ao partirem para a lua de mel em Lyme Regis, Bennett sugeriu visitarem Ruth e o marido em Bath o mais rápido possível. Acreditava que, se Hope lhes explicasse tudo, eles decidiriam como deixar o resto da família saber para que Albert não prejudicasse Nell.

O Dr. Cunningham havia emprestado sua carruagem para levá-los a Lyme Regis e, com um tijolo aquecido sob os pés, aconchegada em uma manta de viagem e com o marido ao lado, Hope sentia-se tão feliz que não queria pensar em nenhum assunto sério. Não falava com ninguém da família havia sete anos, e algumas semanas mais não fariam qualquer diferença.

Hope sabia que, ainda que vivesse até uma idade muito avançada, jamais esqueceria sua noite de núpcias. O quarto em uma pensão com vista para o mar era muito caloroso e convidativo. Havia uma lareira, cortinas grossas de brocado que protegiam do ar frio da noite, uma cama com dossel, uma vela acesa e uma mesa redonda preparada para a ceia do casal.

Tinham bebido conhaque no caminho para se aquecer e, depois de dividirem uma garrafa de vinho, Hope ficou bastante alta. Lembrava-se de como Bennett a despira, tentando desajeitadamente desfazer os laços de seu espartilho, e como ela estava tão ansiosa quanto ele para fazer amor.

Ele beijou as marcas vermelhas que as barbatanas apertadas tinham deixado em seu corpo e

murmurou que o espartilho não deveria ser usado de novo durante toda a lua de mel. Também lhe revelou que, enquanto estava na África do Sul, costumava sonhar com ela nua, mas que ela era cem vezes mais bonita do que ele havia imaginado.

Ela pensou que ficaria assustada e envergonhada, e estava convencida de que sentiria dor, mas, no momento em que ele a pegou no colo e a deitou na cama, acomodando-se depressa ao seu lado, todos esses pensamentos desapareceram. Bennett era muito terno e gentil para machucá-la, e a explorou com um prazer tão óbvio que ela achou isso emocionante, e não embaraçoso. Ficou bastante surpresa consigo mesma por ser tão desinibida, arqueando-se contra ele, implorando por mais. Porém, como isso parecia aumentar a paixão dele, não tentou se conter e abandonou-se completamente.

Lembrava-se de como acordou antes de Bennett de manhã e, por um momento, não soube onde estava. Mais tarde, contou a Bennett que foi como morrer e acordar no céu: a cama macia e quente, a paz da casa e o som de ondas batendo na praia lá fora.

O que não disse a ele, porém, foi que ficou deitada observando-o dormir. Nunca o tinha visto adormecido antes, e seus traços, que muitas vezes pareciam severos, tornavam-se muito mais suaves e juvenis.

O sol quente na África do Sul fizera pequenas rugas aparecerem em torno de seus olhos, o que dava a impressão de que estava sorrindo. Ele tinha raspado o bigode para o casamento, e seus lábios, parcialmente ocultos antes, mostravam-se cheios, lindamente desenhados e muito desejáveis.

Até aquele momento, tinha sentido apenas ódio por Albert, mas de repente ocorreu-lhe que, se não fosse por sua crueldade, ela nunca teria conhecido Bennett.

O tempo não tinha apagado o horror daquele período de sua vida. A fome, a miséria e o desespero que sentiu nunca a deixariam. Ainda se lembrava de Gussie e Betsy em meio à agonia daquela doença medonha, e o alívio que sentiu quando Bennett chegou para ajudá-la.

Era tão ingênua na época que não tinha percebido como era extraordinário um médico ter aparecido. Claro que fora por intervenção de Mary Carpenter, mas, mesmo assim, quando estava em St. Peter, ela logo descobriu que nem mesmo essa especial benfeitora dos pobres poderia ter induzido algum outro médico a entrar em Lewins Mead. Mais tarde, contaram-lhe que apenas um pequeno grupo de médicos em Bristol usara seu conhecimento para ajudar as vítimas da epidemia de cólera. Muitos ficaram com tanto medo de pegar a doença que deixaram vergonhosamente a cidade com suas esposas e filhos, e não voltaram até que tudo estivesse resolvido.

Bennett não parecia um herói; na verdade, sua brandura e constituição delgada davam-lhe o aspecto de um funcionário de escritório ou de livraria. Mas ele tinha grandes talentos ocultos, como sua coragem silenciosa, que o fazia fazer o que é certo, usando suas habilidades médicas não para avançar na carreira, mas para o bem da humanidade. Era também amoroso, amável e divertido como companhia e, agora ela descobrira, um ótimo amante. E Hope pensou que, se alguma vez voltasse a ver Albert, lhe diria que estava agradecida por ele tê-la mandado embora, pois permitira que ela conhecesse um homem maravilhoso.

Naquela manhã, enquanto admirava seu novo marido na cama, também estava entusiasmada e curiosa sobre a vida que teriam juntos. Depois da lua de mel de uma semana, iam morar no quartel em Winchester e ela seria a esposa de um militar.

Alice tinha supervisionado seu guarda-roupa, e Hope achara tudo ridiculamente excessivo.

Quatro novos vestidos para o dia, dois vestidos de noite, sapatos, montes de anáguas e outras roupas íntimas, toucados e um casaco grosso de inverno, tudo embalado em um novo e reluzente baú. Alice, todavia, ajudada e encorajada por Bennett, insistiu ser muito importante que ela transmitisse a imagem correta. Claro que não tão suntuosa quanto as esposas dos outros oficiais, pois, embora Bennett fosse tecnicamente um oficial, sendo um não combatente ele pertencia a uma categoria inferior, mas ela precisava se distinguir das esposas de militares dos outros postos. E, como teria uma criada em Winchester, teria que aprender a se comportar como se fosse algo a que estava acostumada.

Hope achou graça de tudo isso. Não conseguia imaginar ter que mandar alguém lavar suas roupas, preparar uma refeição ou fazer a limpeza. Contudo, Alice a repreendeu e lembrou-lhe que a criada seria a esposa de um soldado e, se ela não aprendesse a ser firme, era provável que a mulher se aproveitasse dela, e Hope se tornaria motivo de riso em seu meio.

A menina acreditava que a maioria das esposas dos soldados era como Betsy, exuberantes, barulhentas e um pouco rebeldes, mas Betsy sempre se orgulhara de Hope ser instruída e mais elegante que ela. Será que ela e Gussie ficariam horrorizados por ela ter se tornado enfermeira? Quase podia ver Betsy balançando a cabeça com perplexidade e alegando que sua amiga não estava boa da cabeça!

Mas eles certamente ficariam felizes por ela ter se casado com Bennett. Betsy lhe lançaria aquele seu olhar de praxe e diria que Hope agora não era mais uma menina, mas uma mulher de verdade.

Nos dias que se seguiram, Hope teve a sensação de que realmente se tornara adulta. Sentia-se confiante em suas roupas novas e bonitas, e a maneira distinta e decorosa de ser que considerava apropriada à esposa de um doutor parecia-lhe fácil. No entanto, foi uma surpresa descobrir que podia ser tão sensual. Mesmo enquanto saboreavam uma refeição em um restaurante ou enfrentavam os ventos fortes da orla marítima, ela não pensava em outra coisa a não ser fazer amor. Assim que estava fora da vista dos transeuntes, fazia Bennett beijá-la, comprimindo-se contra o corpo dele voluptuosamente. Um dia, em um passeio ao longo do penhasco, pegou a mão dele e a colocou sob a saia. Se Bennett a tivesse tomado ali mesmo na grama, ficaria encantada. Sendo assim, mal podiam esperar para voltar para o quarto e se devorarem.

– Você acha que todos os casais são assim? – perguntou a Bennett na última noite da lua de mel.

Na manhã seguinte, voltariam para Winchester e estavam relutantes em pegar no sono, como se pensassem que nunca mais teriam oportunidade de fazer amor de novo.

– Suponho que alguns devem ser, sim – disse ele com um sorriso largo. – Mas acho que muitos oficiais que conheço não têm tanta sorte. Suas esposas parecem evitá-los a todo custo.

– Bem, talvez os oficiais não sejam muito bons nisso – disse Hope, montada em Bennett e colocando a mão dele em seus seios. – Talvez todos façam como aquele capitão de navio com o qual Betsy esteve. Ela passou a evitar todos os homens!

Bennett riu. Durante toda a semana, Hope teve grande prazer em relatar muitas historinhas obscenas contadas a ela por pacientes, por mulheres que conhecera em Lewins Mead e por Betsy. Dava-lhe certa excitação poder compartilhar essas coisas com um homem. Bennett também as apreciava e, por sua vez, contou-lhe algumas de homens que ele conhecia.

– Mas não quero ver você dando instruções sobre essas coisas em Winchester – disse ele com severidade fingida. – As esposas dos militares costumam ser muito sérias e formais, e não quero que façam mexericos a seu respeito.

– Então é melhor que não nos deem uma cama muito barulhenta – retrucou ela, inclinándose para a frente e cobrindo o rosto dele de beijos. – Porque, querido marido, pretendo fazer travessuras com você todas as noites!

Hope lembrou a Bennett aquela observação quando estavam debruçados na amurada do navio olhando para o mar. Ela ficara horrorizada ao ver como os beliches eram pequenos, embora não tivesse intenção de dormir sozinha em um deles.

– Acha que vamos conseguir ter uma cama no lugar para onde vamos? Ouvi alguém dizer que vamos dormir em barracas!

– Pode ser verdade – respondeu ele. – Vi embarcarem um grande número delas, e tomei a precaução de trazer duas camas de armar. Mas toda essa campanha é mesmo muito esquisita, ninguém, nem mesmo os comandantes, parece saber exatamente para onde vamos. Ouvi falar de Malta, de Constantinopla, mas o que faremos quando chegarmos lá ninguém sabe.

Durante meses, os jornais haviam se ocupado intensamente do problema entre os turcos e os russos. Até onde Hope entendia, tudo começara em Belém, por causa de uma igreja que havia sido construída no local onde Jesus nasceu. Os católicos e os clérigos ortodoxos russos a reclamaram e, então, os turcos, que disputavam com a Rússia havia anos, entraram na contenda.

Antes de Bennett voltar para casa em janeiro, já se falava de Inglaterra e França apoiarem a Turquia caso houvesse uma guerra. A Inglaterra não queria que a Rússia ganhasse o controle sobre o mar Negro, pois era uma rota comercial importante. Mas, acima de tudo, a opinião geral era que fazia tempo que a Rússia estava merecendo levar uma boa surra, e ninguém parecia saber ou se importar com que finalidade.

Durante a lua de mel, Bennett dissera que a Brigada de Fuzileiros da qual fazia parte poderia ser enviada para o Leste Europeu, mas certamente não esperava que isso acontecesse tão depressa. Logo depois de voltarem para Winchester, ele foi informado que seu regimento sairia de Portsmouth dentro de alguns dias.

– Você acha que haverá mesmo uma guerra? – perguntou Hope.

Ela estava animada demais para se importar. Antes da lua de mel, só o que conhecia era Bristol, e o único mar que vira era o do canal de Bristol. Parecia-lhe incrível estar no vapor *Vulcan*, junto com cerca de oitocentos homens sob o comando do tenente-coronel Lawrence, descendo pela costa da França e da Espanha, para depois entrar no Mediterrâneo.

– Espero sinceramente que possa ser evitada. – Bennett franziu a testa, ansioso. – Faz quarenta anos desde Waterloo e, com o duque de Wellington morto, acho que os oficiais que ainda não passaram pelo batismo de sangue e que vão dirigir este espetáculo não terão nenhuma noção de estratégia, nem mesmo do que é preciso para se lutar em uma guerra. Os homens da Brigada de Fuzileiros são mais do que competentes, bons de tiro, e tiveram a guerra dos Kaffirs para afiá-los. Entretanto, com aristocratas fanfarrões como lorde Cardigan e lorde Lucan...

Ele se calou abruptamente, talvez sentindo que não ficava bem acusar oficiais de cavalaria.

Hope sabia exatamente a que ele se referia. Lorde Cardigan nunca saía das páginas dos

jornais. Era considerado o oficial mais arrogante da Inglaterra, e o mais estúpido. Foi criticado por fomentar brigas e duelos, chicotear seus homens e vitimar outros oficiais, mas, por ser quem era, conseguiu escapar do castigo. Lorde Lucan era seu cunhado, um homem com tão pouca noção de humanidade que havia fechado o asilo de pobres em Castlebar, na Irlanda, durante o grande período de fome do país para deixar de alimentar miseráveis que não tinham mais a quem recorrer. Como os dois também se odiavam, as perspectivas não eram boas para os homens que serviriam sob suas ordens.

– Mas os homens em Winchester estavam doidos por uma luta – comentou Hope, lembrando a excitação que pairava no quartel.

Hope era uma novata completa quanto à vida militar, mas ficou emocionada assistindo a um desfile dos Fuzileiros. Seus uniformes verde-escuros com alamares negros eram tão elegantes, as botas e os canos dos fuzis bem polidos reluzindo à fraca luz do sol. Tudo num passo perfeito, marchando orgulhosamente ao ritmo da banda. Eles pareciam formidáveis.

– Talvez... – retorquiu Bennett.

– Qual é o problema? – perguntou ela, consciente de que quando ele apertava os lábios daquele jeito era porque tinha algo em mente.

– Suas esposas e filhos – disse ele, lacônico. – Você sabia, Hope, que as famílias não recebem nada enquanto os soldados estão ausentes em campanha? Esse grupo de mulheres desmazeladas que correu atrás do batalhão em Portsmouth, tentando acompanhá-lo para uma última palavra ou beijo de seus maridos antes do embarque estará sem recursos em poucos dias.

– Que absurdo!

Bennett assentiu.

– Elas terão que recorrer à paróquia para se sustentar, mas, como muitas dessas mulheres são canadenses, o pequeno conforto que obteriam lá lhes será negado, pois, como sabe, só se pode receber auxílio da paróquia em que se nasceu.

– Você quer dizer que vão morrer de fome?! – exclamou Hope, estarrecida.

– Sim, a menos que tenham parentes a quem recorrer, ou decidam vender seus corpos. O que mais lhes resta quando se tem filhos pequenos para alimentar?

Bennett calou-se, evitando contar a Hope a verdade sobre o que vira quando fora convocado na noite anterior.

Ele sabia, claro, que o costume era as esposas que desejassem partir com o marido serem escolhidas por sorteio na noite anterior à entrada do regimento em serviço ativo. Apenas seis esposas por companhia podiam ir, e todas as mães eram excluídas.

Ele e Hope estavam dormindo quando o cabo Mears bateu em sua porta e disse a Bennett que seus serviços eram necessários. Esperando que não fosse nada mais grave do que dar alguns pontos em alguém depois de uma briga de bêbados, ele disse a Hope que voltasse a dormir e saiu com o cabo.

Mas o cabo o levou até a parte de trás de um galpão e, à luz de uma lanterna, viu o primeiro-sargento John Wagner caído no chão em meio a uma poça de sangue, com a garganta cortada e uma navalha ainda em sua mão. Quando Bennett o tocou, viu que estava gelado e que devia estar morto havia algum tempo.

– Ele saiu durante o sorteio – explicou Mears. – Sabíamos que estava aborrecido por sua esposa e filho não poderem vir, mas não esperávamos por isso.

– Mas ele era um bom soldado com quinze anos de serviço! – exclamou Bennett, exasperado.

– Deixar a esposa e o filho sem sustento foi demais para ele. – Mears deu de ombros. –

Embora só Deus saiba como achou que isso fosse ajudar.

– O que foi, querido? – perguntou Hope, interrompendo seu devaneio.

– Nada. Só estou pensando que este país não trata seus soldados muito bem – respondeu Bennett, sem coragem de esfriar a animação de Hope para o que ela achava que seria uma aventura maravilhosa contando-lhe o que tinha presenciado na noite anterior. – Mas você precisa dar uma olhada nas mulheres a bordo e escolher uma delas para ser sua criada. Todas ficarão satisfeitas com o dinheiro extra, mas procure uma que seja limpa e honesta.

O navio balançou bastante no mar agitado durante todo o percurso da costa da França e através do golfo de Biscaia, e muitos passageiros sofreram com enjoos. Mas Bennett e Hope ficaram notavelmente bem, e isto deu a Hope uma oportunidade de ouro para se misturar aos soldados e suas esposas doentes, dando-lhes primeiro araruta e em seguida caldo de carne, para reconstituir as forças depois de passado o mal-estar.

Queenie Watson foi a mulher que Hope escolheu como criada, mas não por sua limpeza ou honestidade, e sim por seu brio. Queenie e seu marido fuzileiro, Robbie, haviam forjado um plano para o caso de Queenie não ser escolhida no sorteio. Robbie a treinou na rotina de exercícios militares e ela passou a última noite no quartel, com o cabelo cortado e uniforme completo, fingindo ser um soldado. Saiu-se muito bem na revista das tropas na manhã seguinte e marchou até o navio sem ser desmascarada. Só no navio é que foi descoberta, mas, para sua sorte, lady Errol, a esposa do conde de Errol, um comandante da Companhia dos Fuzileiros, estava a bordo. Suas duas amigas, a marquesa de Stafford e a duquesa de Sutherland, despediam-se dela. As três senhoras simpatizaram com a situação de Queenie e persuadiram o conde a deixá-la viajar com eles.

Assim que Hope ouviu falar sobre o incidente, teve certeza de que gostaria da mulher, e não se decepcionou. Queenie tinha cabelos ruivos, traços duros e personalidade contestadora. Além de coragem, Hope achou que ela tinha muito senso de humor. Já que seria obrigada a ficar na companhia de outra mulher por longos períodos, queria alguém que fosse ao menos divertida.

Seis semanas depois de deixar a Inglaterra, chegaram a Scutari, na Turquia, no dia 7 de abril. Tinham passado algum tempo em Malta, depois se mudaram para Gallipoli, onde receberam a notícia de que a Inglaterra e a França tinham declarado guerra à Rússia.

Ainda não sabiam qual era o destino final. Novos boatos circulavam quase todos os dias, o que poderia situar a atividade militar em qualquer ponto entre Odessa e o Danúbio. Mas Hope já havia experimentado algumas das dificuldades que poderiam acontecer com uma esposa de militar em uma campanha.

Em Malta, ela e Bennett tiveram um quarto no quartel, que era apenas um pouco melhor do que o quarto em Lamb Lane. Em Gallipoli, tiveram uma barraca e dormiram no chão duro, já que as camas de campanha que Bennett trouxera sumiram. A água era escassa, e a lenha para cozinhar tinha que ser recolhida e transportada por longas distâncias até o acampamento. Também fazia muito calor, e muitos homens passaram mal.

Na marcha para Scutari, só tiveram permissão para levar uma mula para carregar toda a sua

bagagem, no entanto alguns dos oficiais tinham duas mulas e também um cavalo. Mas Hope não se importou com a marcha, apesar do calor. E, de qualquer maneira, não teria reclamado, pois Bennett agora temia ser obrigado a mandá-la de volta a Malta junto com as esposas de outros oficiais durante o período da guerra.

Hope achava que já havia provado ser útil ao cuidar de alguns dos homens que caíram doentes em Gallipoli e ao tratar de um corte feio na mão de lady Errol. Esperava que abrissem uma exceção para ela, mas não podia contar com isso.

A primeira visão do quartel turco que se tornaria o quartel-general da Divisão da Guarda e da Divisão Ligeira foi favorável. Era um edifício magnífico, de três andares, situado em um pátio com uma torre em cada quina. Sua posição em terreno alto acima de um patamar, os abetos que o rodeavam e o mar cor de turquesa tão perto eram muito atraentes.

Um grupo de fuzileiros entrou para uma rápida inspeção, mas saiu segundos depois, os soldados tão esverdeados quanto seus uniformes.

Alegaram que era a pior coisa que já tinham visto e, como Bennett estava ciente de que muitos desses homens vinham de lugares tão ruins quanto Lewins Mead, percebeu que devia ser algo verdadeiramente pavoroso.

Como médico do regimento, ele deveria participar da inspeção completa e, na volta, disse a Hope que os homens não tinham exagerado. Era absolutamente estarrecedor, o pátio inundado pelo esgoto dos canos entupidos sob o prédio, uma carcaça de cavalo apodrecendo no abastecimento de água e o edifício inteiro cheio de todo tipo de lixo podre, pragas e insetos. Estava fora de questão que a Brigada de Fuzileiros se instalasse no prédio, de modo que foi montado um acampamento bem distante do quartel para que não sentissem o cheiro que emanava do lugar.

Bennett não foi ele mesmo naquela noite. Recusou todo alimento, não sorriu quando Hope mostrou que a barraca de lorde e lady Errol ficava completamente transparente com uma lâmpada acesa no interior, e que os homens estavam passeando por perto com fingida indiferença enquanto lady Errol tirava seu espartilho. Nem sequer a olhou quando ela se lembrou o tempo do início do relacionamento de ambos, quando ele dissera que gostaria de ter oportunidade de acampar.

– Diga-me o que há – pediu ela. – É preocupação com a possibilidade de eu ser enviada de volta?

– Sim, estou preocupado com isso. Mas teria preferido que você estivesse na Inglaterra com meu tio e Alice a ter que ficar presa em Malta.

– Mas não é só isso?

– Não. – Ele suspirou. – Esse chiqueiro imundo vai ser o principal hospital de campanha. Os homens podem limpá-lo, mas não temos camas, cobertores nem remédios, e temo que os doentes e feridos estejam ocupando o lugar muito antes que os líderes na Inglaterra considerem oportuno nos enviar os recursos e as provisões de que necessitamos.

– Acha que vai haver uma batalha em breve? – perguntou Hope.

Ela não podia deixar de se entusiasmar, muitos dos soldados lhe haviam confiado que mal podiam esperar que os combates comessem, e a contagiaram com seu entusiasmo.

Ele deu de ombros.

– Ouvi hoje que esperam tomar Sebastopol, na Crimeia. – Ele esboçou um mapa tosco do mar Negro na terra para mostrar onde estava Sebastopol. – Mas é preocupante. Sou apenas um cirurgião, mas, se estivesse no comando, a primeira coisa que faria seria reconhecer este lugar em que estamos. Poucos entre nós nem sequer sabem onde estão, e ninguém sabe se é ou não



bem defendido. Nossos uniformes não são adequados a este clima quente, não acho que tenhamos provisões suficientes, temos apenas uma fração do equipamento médico necessário, e até agora não vi nada que chegue perto de servir para se usar como ambulância.

– Você se preocupa demais – disse Hope, aproximando-se para abraçá-lo. – Lady Errol me disse que estaremos indo em breve para um lugar chamado Varna, e que lá mais tropas se juntarão a nós. Tenho certeza de que todo o resto do equipamento chegará a tempo.

Em 25 de maio, dia do aniversário da rainha, lorde Raglan, o comandante-chefe, chegou a Scutari para passar as tropas em revista. Hope achou-o muito velho, por mais nobre que parecesse em seu chapéu emplumado e alamares dourados, e além disso tinha apenas um braço. Ouviu dizer que ele tinha sido ajudante de ordens do duque de Wellington em Waterloo, então ela presumia que ele devia ser o homem certo para estar no comando.

Apenas alguns dias depois, no dia 29, Hope e Bennett estavam de mudança novamente, desta vez a bordo do *Golden Fleece* rumo a Varna, na Bulgária. Mais tropas se juntariam a eles lá, junto com o exército francês.

Ninguém tinha dito a Bennett que enviasse sua esposa para casa, e lady Errol, com quem Hope havia desenvolvido certa amizade, disse que, se houvesse alguma dificuldade, ela falaria com o próprio lorde Raglan sobre o assunto.

– Que bonito! – exclamou Hope quando entraram no porto búlgaro.

Ainda que as casas ao longo do cais fossem de madeira e caindo aos pedaços, ela achava tudo muito pitoresco. Mas quando o navio se aproximou da costa, uma lufada de mau cheiro chegou até eles, e Bennett deixou escapar um suspiro.

– Nunca mais me queixarei de coisa alguma na Inglaterra – disse ele, curvando-se para sussurrar no ouvido dela. – Da imundície nas ruas, dos asilos, dos mendigos, nem mesmo dos hospitais. E, quando voltarmos para lá, vou encontrar uma casa de frente para o mar para nós e só vou atender pacientes ricos.

A cidade era fétida e tinha uma população desleixada de cerca de quinze mil gregos, turcos e búlgaros que pareciam não se importar com os esgotos entupidos e as fossas abertas. Mas a Brigada de Fuzileiros desembarcou e, com a banda tocando “Cheer, Boys, Cheer”, seguiram marchando para fora da cidade e armaram acampamento perto de um lago próximo.

Nos dias que se seguiram, Hope costumava sentar-se em uma colina atrás do acampamento para observar o fluxo constante de navios carregados de tropas entrando no porto, maravilhada com os diferentes regimentos. Ficava particularmente encantada com os Highlanders com seus kilts de tartã, o tecido escocês axadrezado, marchando ao som pungente de suas gaitas de foles, que não se parecia com nenhum som que ela tivesse ouvido antes. A infantaria inglesa, com seus casacos vermelhos e calções brancos, era deslumbrante, assim como os franceses com seus casacos azuis. Mais cedo, naquele mesmo dia, ouvira um fuzileiro fazer um comentário grosseiro sobre os uniformes russos: que eram cinzentos e os faziam parecer um bando de ratos. E que quando vissem todas as cores vivas dos nossos homens iam sair correndo de medo.

Então, quando Hope achou que soldados não poderiam ficar mais lindos, chegaram os hussardos. Era difícil decidir quais eram os mais espetaculares, se os belos e lustrosos cavalos de batalha ou seus cavaleiros, com calças justas vermelho-cereja e casacos azuis enfeitados com alamares dourados.

Muitas bandas diferentes tocavam ao mesmo tempo. Ouvia muita gritaria, ruído de cascos galopando e equipamentos sendo transportados. Havia carroças de armas, carros de boi

carregados de munições, barracas e material para acampamento, mulas vergando sob cargas pesadas e mais cavalos ainda, e todos juntos levantavam tempestades de poeira.

Hope reparou que os franceses davam a impressão de estarem muito mais bem organizados e equipados do que os ingleses. Só eles pareciam ter um planejamento verdadeiro, e suas barracas eram levantadas com rapidez e eficiência.

Bennett mostrou-lhe ao longe lorde Cardigan e lorde Lucan, dizendo a Hope que já havia uma grande rixa se formando entre eles porque Cardigan achava que deveria estar no comando, mas lorde Raglan decidira que era Lucan quem estaria. Aparentemente, teriam por fim decidido que lorde Lucan comandaria a Brigada Pesada, e lorde Cardigan, a Brigada Ligeira, mas, como Lucan detinha o comando geral, previa-se problemas futuros.

Hope não tinha uma opinião muito lisonjeira sobre nenhum desses dois homens a respeito de quem tanto ouvira falar. Ambos eram velhos, com mais de 50 anos. Cardigan parecia mesmo arrogante como diziam, mas não o achou bonito, pois tinha dentes feios e suíças espessas cobrindo-lhe as faces. Quanto a lorde Lucan, parecia ter acabado de chupar um limão, e ela soubera que era tão ranzinza que andava com uma régua medindo o espaço entre as barracas dos homens e, caso não estivessem exatamente como ele queria, ele fazia com que desmontassem tudo.

Mas, por dias a fio, Hope ficou muito impressionada com o grande número de soldados – dizia-se que havia mais de setenta mil – e o caos e a intensa atividade acontecendo ao seu redor, para ter qualquer noção de como estavam sendo organizados, se é que estavam. Numa hora, os homens estavam em uniforme completo desfilando, as barracas e mochilas sob inspeção. Na seguinte, estavam sentados no chão, fumando ou bebendo, e daí a pouco mobilizados por alguma força invisível mudando barracas de lugar, descarregando equipamento ou recolhendo lenha.

Ouvia o riso das esposas dos soldados lavando a roupa no rio e, quando as via espadanando água como crianças, ficava tentada a se juntar a elas, pois fazia um calor intenso, mas sabia que tal comportamento seria reprovado.

Sem Queenie, teria se sentido imensamente solitária, já que Bennett se juntara a uma equipe de médicos franceses e ingleses que supervisionavam a vistoria do hospital em Varna. Ele dizia que era um caso muito mais drástico do que Scutari, um lugar cheio de pulgas, ratos e sem esgotos, mais adequado para gado do que para os doentes. Mas Queenie tinha muitas das características de Betsy e era igualmente irreverente, obstinada e cheia de vida. Suas habilidades culinárias eram inexistentes e não tinha qualquer noção de higiene, mas era uma boa moça, capaz de conseguir praticamente qualquer coisa que Hope desejasse ou precisasse. E também era muito divertida.

– A água está ficando muito lamacenta – disse Hope quando ela e Queenie se aproximaram do rio para lavar roupa.

Estavam em Varna havia um mês e, apesar de no início ter parecido um lugar muito agradável para acampar, àquela altura, com milhares de homens vivendo no local, estava rapidamente se tornando precário.

– Não tinha outro jeito, não é? Com todos aqueles cavalos enormes patinando nela – respondeu Queenie. – O que você esperava? Que fizessem uma fila e bebessem um de cada vez?!

Hope riu. A vozinha estridente de Queenie a divertia, mesmo quando ela não estava tentando ser engraçada.

– Não, nem tanto, mas eles poderiam ir beber água em outro lugar e deixar esta parte limpa

para nós. E o que é aquilo boiando ali?

Ela apontou para o que pareciam entranhas de animais flutuando.

– Parece que alguém matou uma ovelha ou algo parecido – respondeu Queenie. – Gente porca!

Bennett já havia salientado que a posição do acampamento junto aos lagos rodeados de pântanos era insalubre por causa das hordas de mosquitos, que os deixavam loucos à noite. Agora, o rio, de água claríssima quando chegaram, estava tão sujo que tanto ele quanto Hope temiam que as tropas ficassem doentes, porque com o forte calor todos estavam bebendo água em abundância.

– De hoje em diante, vamos pegar nossa água lá. – Hope apontou mais para cima, onde ninguém se banhava e os cavalos raramente iam saciar a sede. – E vamos ferver a água.

Queenie revirou os olhos, impaciente.

– Ora, Sra. Meadows, não posso andar até lá em cima com este sol quente! A água é a mesma, não importa onde conseguimos.

– Não é! – disse Hope com firmeza. – Já há homens demais reclamando de diarreia, não queremos nada pior aparecendo por aqui.

Contudo, um mês depois, algo bem pior apareceu.

Cólera.

Até então, só no acampamento francês. As tropas inglesas já haviam se distanciado dos pântanos por precaução, mas havia inquietação em todos os lugares.

Hope, que provavelmente conhecia a doença melhor do que qualquer outra pessoa em seu círculo imediato, ficou assustada. Sabia que a cólera podia dizimar todo um regimento, e morrer em batalha era um fim bem mais nobre.

Ela já conhecia muitos dos homens então; tinha feito curativos nas costas dos que haviam sido chicoteados por embriaguez, repreendera alguns por comerem frutas muito verdes que lhes deram dor de estômago. Escrevera cartas para casa para dois ou três que não sabiam ler nem escrever, rogando e persuadindo outros a ajudar a limpar o hospital para Bennett e os outros médicos. Não eram rostos desconhecidos como as vítimas que tinham morrido em St. Peter; esses eram amigos e camaradas, e a maioria era muito jovem.

No entanto, em julho, quando o calor piorou, a taxa de mortalidade aumentou e a doença atingiu o acampamento britânico e turco. Um grupo de homens anunciado como Unidade de Transporte Hospitalar chegou a Varna. Destinavam-se a trabalhar como maqueiros e assistentes hospitalares, mas verificou-se que eram muito velhos, muito fracos e, principalmente, muito bêbados para serem de qualquer utilidade. Logo pegaram cólera e morreram.

Os homens ficaram deprimidos antes mesmo de a doença chegar ao acampamento. O calor, as tempestades de poeira, os exercícios militares sem fim, a comida de má qualidade e a interminável espera pela ação estavam baixando o moral. Então, cada pontada no estômago, uma febre leve ou uma dor de cabeça podia ser o início da cólera, e assim a ansiedade se mostrava em cada rosto.

Hope trabalhou incansavelmente ao lado de Bennett e dos outros médicos. O hospital de Varna ainda estava infestado de pulgas, então usaram uma grande tenda ao ar livre para atender os doentes. Mas o calor excessivo, a escassez de láudano e de outros medicamentos tornavam difícil dar algum conforto aos pacientes, muito menos ajudá-los a se recuperar. Quase quatrocentos homens morreram durante o mês de julho, e em agosto o número dobrou. O 2º

Batalhão da Brigada de Fuzileiros perdeu trinta homens. Hope tinha chegado a conhecer bem a maioria deles no navio, e perdê-los foi quase tão ruim quanto perder Betsy e Gussie.

– Você tem que descansar hoje – disse Bennett numa manhã nos últimos dias de agosto. Ele se ajoelhou ao lado da cama dela, pousando a mão em sua testa. – Eu não aguentaria se você adoecesse também. Quando Queenie chegar, saia e procure algum lugar para passarem o dia.

– Mas precisam de mim aqui – protestou Hope, tentando levantar-se para preparar o café da manhã dele.

– Você sabe tão bem quanto eu que se morre com ou sem os nossos cuidados – disse ele mais bruscamente, empurrando-a de volta. – Mas não posso viver sem você, e está tão abatida que vou insistir que descanse.

Hope sabia que aquela fisionomia severa significava que ele estava lhe dando uma ordem e era melhor não desobedecer. Além disso, a perspectiva de um dia sem fazer nada era agradável. Talvez ela e Queenie pudessem fazer um piquenique no bosque.

– Então, me conte, como foi que você conheceu esse médico? – perguntou Queenie mais tarde naquela manhã.

As duas tinham deixado o acampamento pouco depois das oito, antes que o sol ficasse muito quente e, com uma pequena cesta de piquenique, um cobertor para se sentar e um grande frasco de água, seguiram para o bosque a poucos quilômetros acima do acampamento.

Ainda ouviam um pouco do ruído dos alojamentos – com todos aqueles milhares de homens lá, precisariam ir muito mais longe para ter silêncio completo –, mas pelo menos era um barulho abafado e distante, e estava mais fresco sob as árvores.

Deitada ali ao lado de Queenie no cobertor, Hope quase podia fingir que tinha Betsy de volta, pois embora a voz de Queenie fosse muito diferente e ela fosse menor e muito mais agitada do que sua amiga, tinha uma desenvoltura semelhante, a inteligência aguçada pelas dificuldades e uma fala muito pitoresca. Hope pediu a Queenie que lhe falasse sobre sua família.

– Minha mãe era puta – revelou ela sem qualquer constrangimento. – Não sei quem meu pai é, deve ser um marinheiro qualquer. Ela teve tantos amantes que acho que nem lembra mais. Ela fez tudo certinho para nós mesmo assim, dava comida e tudo o mais. Eu sou a segunda mais nova, e minha mãe mora com meu irmão mais velho, Michael, porque ela já está muito idosa. Ele é ferreiro, dá conta da vida dele direito. Todos os outros entraram para o serviço doméstico. Eu estava trabalhando numa cervejaria quando conheci Robbie.

Robbie, ao que parece, era de Portsmouth como Queenie. Conheciam-se de vista desde a infância, mas foi só quando ele voltou do Canadá de licença que a reencontrou, e eles se apaixonaram e se casaram.

– Tentei ir com ele quando foi para a guerra dos Kaffirs – explicou Queenie. – Mas não fui sorteada. Dessa vez, eu me recusei a ficar em casa, custasse o que custasse. Fiz ele me treinar com as armas leves uma porção de dias. Você tinha que me ver na revista das tropas; enganei todos eles! Só não gostei de ter que cortar o cabelo, me sinto esquisita sem ele.

Hope riu. Achava Queenie muito bonita com o cabelo curto.

– Há certas horas em que cortaria o meu também com muito prazer. Dá muito trabalho neste calor.

– Seu cabelo é bonito – disse Queenie com admiração. Ela costumava escovar e examinar os cabelos de Hope para ver se tinham piolhos. – Mas, também, tudo em você é bonito, a maneira como você fala, seu rosto e seu jeito. Todo mundo fala muito sobre a Sra. Duberly que

veio em campanha, mas você é muito mais bonita do que ela.

Hope sorriu. A Sra. Duberly era a esposa de um intendente da cavalaria, uma mulher loura e delicada que cavalgava tão bem quanto um homem. Era admirada por todos, exceto por Bennett, que a considerava uma mulher de cabeça vazia e desconfiava que fosse, de fato, a amante de lorde Cardigan, pois sempre pareciam estar juntos. Então era bom saber que Queenie gostava mais dela.

Queenie perguntou novamente como ela conhecera Bennett, e Hope lhe contou uma versão abreviada da verdade; que ela o conhecera quando trabalhava como enfermeira.

– Não sei como você aguenta ficar com gente doente. – Queenie estremeceu. – Eu é que não ia querer ficar limpando os outros e aquelas coisas todas mais.

As duas adormeceram depois de terminarem o piquenique, e Hope acordou de repente com o som de uma voz masculina.

Ficou desorientada por um momento, pensando ser a voz de Bennett, e não se incomodou em se levantar. Mas, ao ouvir uma segunda voz e um galho estalando perto, abriu os olhos e viu dois homens olhando para elas.

Eram visivelmente turcos, a julgar pela pele morena, bigodes caídos e calções vermelhos largos, embora não estivessem usando o barrete cônico típico na cabeça. Ela não entendia o que eles diziam, mas o tom de voz excitado e a luxúria em seus olhos escuros bastavam.

– Acorde, Queenie! – disse ela, cutucando a companheira e sentando-se. – Inglês – explicou aos homens, apontando na direção do acampamento. – Meu marido, oficial no Exército.

Queenie acordou, percebeu imediatamente o que estava se passando e se pôs de pé num salto.

– Caiam fora! – gritou ela. – Anda logo, vão embora!

Um dos homens disse alguma coisa e olhou com ar malicioso para Hope. Ela se colocou de joelhos como se fosse arrumar a cesta de piquenique e deslizou habilmente a faca afiada que usara para descascar as frutas para dentro da manga antes de se levantar.

Queenie, enquanto isso, gritava xingamentos para os homens. Eles recuaram ligeiramente, mas talvez tivessem entendido alguns dos insultos mais pesados, porque de súbito fecharam a cara e se lançaram para a frente, um segurando Queenie, imobilizando seus braços, enquanto o outro, um homem mais lento, agarrou o braço esquerdo de Hope com a força de um torniquete, empurrando-a de costas contra uma árvore.

Num instante, Queenie estava caída no chão e seu captor por cima dela. Não havia dúvida do que ele pretendia fazer, e pareceu a Hope que o homem que a segurava tinha a intenção de assistir e só depois fazer o mesmo com ela.

Queenie gritava a plenos pulmões, lutando como uma fera para sair de debaixo do homem. Porém, embora não fosse muito alto, ele era robusto, e os esforços dela não serviam para nada, a não ser para deixá-lo mais excitado.

Hope gritou também, mas não atacou porque estava tentando tirar a faca da manga. Porém, quando o homem começou a levantar sua saia, ao mesmo tempo empurrando-lhe as costas contra a árvore, ela tinha a faca firme na mão livre. Esperou apenas tempo suficiente para ele se endireitar, então a enfiou nas costas dele.

A expressão de espanto foi quase risível. Ele se afastou, girando os olhos, tentando arrancar a faca com a mão.

Por um instante, foi como se tudo acontecesse em câmera lenta. O homem com Queenie estava tentando afastar os joelhos dela, seu atacante tentava pegar a faca e, a qualquer momento, ele poderia conseguir e usá-la contra ela, enquanto Queenie seria estuprada.

Até aquele momento, Hope tinha sentido muito medo, mas então seu medo se transformou em fúria. Ela não tinha vindo da Inglaterra para ser morta ou estuprada por um dos turcos que as deveriam estar defendendo. Soltando um berro enraivecido, correu para o homem, arrancou-lhe a faca do corpo e derrubou-o no chão com um chute.

– É isso, senhora! – gritou Queenie, sua voz um pouco abafada pelo homem em cima dela. – Agora espete este imbecil!

Hope correu, agarrou o homem pelos cabelos e colocou-lhe a faca na garganta.

De repente, ouviu sons de passos vindo pelo bosque. Ainda segurando o homem, ergueu os olhos e viu três homens da cavalaria com suas calças cor de cereja correndo na direção delas.

Logo perceberam qual era a situação, então um deles golpeou o soldado que atacava Queenie, jogando-o no chão, enquanto o outro se aproximava do homem ainda caído, que gemia pressionando a ferida. O terceiro cavaleiro, alto e de cabelos escuros, ajudou Queenie a se levantar.

– Vamos levá-las de volta ao acampamento – disse ele a Hope. – Mas a senhora se importaria de baixar a faca? Está me deixando um pouco nervoso.

O homem alto, que se apresentou como o soldado Haynes, fez-lhes algumas perguntas enquanto voltavam para o campo da cavalaria. Os outros dois homens vinham empurrando os turcos, logo atrás.

Queenie deu todas as explicações. Hope estava chocada demais para falar. Custava a acreditar que realmente cravara a faca num homem e poderia ter cortado a garganta do outro se não tivesse sido interrompida.

– É melhor eu levá-las ao capitão – disse Haynes enquanto se aproximavam da primeira fileira de barracas. – Eles vão cuidar dos turcos – disse, indicando os outros dois homens com a cabeça.

Hope lutava para conter as lágrimas. Queria conversar com Queenie sozinha, e a última coisa de que precisava era ter que explicar a um completo estranho como tudo acontecera. Mas já conhecia bem a vida no exército para entender que um incidente como aquele devia ser relatado da maneira correta.

Haynes conduziu-as através de uma fileira de tendas para um oficial que escrevia em uma mesa baixa. O homem estava de costas, mas, quando Haynes falou, ele se virou e, quando Hope viu seu rosto, suas pernas fraquejaram.

Ela deve ter perdido a consciência por apenas um instante, pois ainda estava no chão quando voltou a si. Escutava Haynes começando a explicar o que acontecera no bosque, e *ele* estava ajoelhado a seu lado, colocando algo macio sob sua cabeça.

– Fique deitada – disse, os olhos escuros olhando diretamente para os dela. – Você passou por um susto muito forte e desmaiou. Soube que seu marido é médico; vou mandar alguém ir buscá-lo.

– Se o senhor me dá licença, acho que ela precisa é de um gole de aguardente ou rum – disse Queenie fora da linha de visão de Hope. – Eu, por mim, também gostaria de um pouquinho.

Era exatamente o que Hope achava que estava precisando naquele momento. A última coisa que esperava encontrar ali em Varna, tão longe de casa, era uma lembrança de Briargate. Estar frente a frente com o capitão Angus Pettigrew foi um choque ainda maior do que achar que era capaz de cravar uma faca nas costas de um homem.

Pensava com frequência em Nell e no seu vilarejo, mas as lembranças de Briargate havia muito tinham se tornado indistintas. No entanto, quando viu o rosto do capitão, tudo lhe voltou à memória.

Ele se mantinha tão bonito e garboso como antes, ainda que seus cabelos escuros estivessem ficando grisalhos. Como mulher, agora podia entender por que lady Anne se arriscara tanto por ele.

Como não lhe ocorrera que ele também poderia estar ali? Afinal, tinham-lhe dito que era um oficial de cavalaria.

– Estou bem agora – disse ela, e sentou-se.

Queria ir embora, com medo de que ele pudesse reconhecê-la. Entretanto, ao mesmo tempo que pensava nisso, quase ria de si mesma. Homens como ele não prestavam atenção em criados, e certamente não em uma copeira de 12 anos.

Ele se abaixou e pegou sua mão para ajudá-la a se levantar, depois insistiu em que se sentasse em sua cadeira. Seu criado veio com um copo de algo para ela e Queenie que queimou a garganta de Hope ao primeiro gole. Ela achou que devia ser conhaque porque, quando se virou e olhou para Queenie, ela estalava os lábios, deliciada.

Queenie explicou tudo ao capitão porque Hope estava muito aturdida para dizer qualquer coisa.

– Ela foi muito esperta por tirar a faca da cesta! – deleitou-se Queenie, entusiasmada. – Eu a vi escondendo a faca na manga pelo canto do olho, mas nunca imaginei que fosse cravar a faca no homem!

– Foi um raciocínio rápido, mesmo – disse o capitão, sorrindo para Hope. – Mas eu já tinha ouvido falar que o médico da Brigada de Fuzileiros tinha uma esposa muito capaz. Creio que você cuidou de um dos meus homens, soldado Jacks, na convalescença. Ele gosta muito de contar a todos sobre sua escaramuça com a cólera.

– Ele foi um dos sortudos – disse Hope mansamente, mantendo os olhos baixos. – Não são muitos os que se salvam.

– Ela trabalha *demais* da conta – interrompeu Queenie. – Todos os dias ela está lá, de manhã cedo até tarde da noite. É por isso que o Dr. Meadows falou para ela descansar hoje. Mas, quer saber, quanto mais cedo a gente sair deste lugar, melhor vai ser. Não é um lugar bom.

Olhando para o rosto animado de Queenie, Hope percebia que ela já havia superado o choque de ter escapado por pouco no bosque. Mas, assim como Betsy sempre conseguia tirar vantagem de qualquer incidente, Queenie fazia o mesmo. Ainda que isso significasse apenas ganhar um segundo copo de conhaque, para ela aquilo era uma oportunidade.

O capitão riu com o arrebatamento de Queenie, e Hope lembrou então por que ela gostara dele tantos anos antes. Ele não se mostrara emproado, falara com todos os criados de Briargate como se fossem seus iguais. Refletiu que a maioria dos oficiais, sobretudo os da cavalaria, seria rápido em calar alguém como Queenie.

– Acho que deveríamos ir agora. – Hope ficou de pé. – Poderia agradecer por mim aos homens que nos ajudaram? Estremeço só de pensar no que poderia ter acontecido se eles não tivessem aparecido naquela hora.

– Não, você deve esperar seu marido – disse ele, levantando-se e fazendo-a sentar-se de novo na cadeira. – Haynes deve estar voltando com ele agora. Sei que ele não vai querer que sua esposa volte andando por todo esse caminho depois de tamanha provação.

Hope pensou que levaria uma eternidade até que Bennett chegasse. Pediu água para lavar o sangue do turco de suas mãos e arrumou os cabelos, e acabara de se sentar novamente com uma xícara de café quando Bennett surgiu com o soldado Haynes em uma carruagem leve de duas

rodas.

O capitão tinha se afastado, deixando as mulheres com seu criado, mas, quando Bennett saltou da carruagem, a fisionomia revelando intensa preocupação, o capitão Pettigrew voltou.

– A Sra. Meadows foi muito corajosa – disse ele, apresentando-se e apertando a mão de Bennett. – Acho que os turcos subestimaram as inglesas. Mas vou providenciar para que sejam punidos. Não acho que sejam soldados, é mais provável que fossem homens da cidade desejando praticar algum delito.

– Estou ótima – afirmou Hope, enquanto Bennett auscultava seu pulso e agitava-se em torno dela. – Foi Queenie quem passou o pior. Mas eu gostaria de voltar agora.

Queenie afirmou estar melhor do que nunca, e o rosto dela se iluminou ainda mais quando o capitão perguntou a Bennett se ele aceitava algo para beber.

– Eu normalmente aceitaria – respondeu Bennett, olhando para Hope. – Mas tive um dia cheio no hospital, e preciso levar Hope de volta ao acampamento antes de escurecer.

– Hope! – exclamou o capitão, olhando-a com curiosidade. – Ora, que ótimo nome para uma enfermeira! Não me contou de onde era, Sra. Meadows. Detectei um sotaque de Somerset?

– Acertou, senhor – respondeu Bennett por ela. – Obrigado por cuidar das senhoras, precisamos ir agora.

Na manhã seguinte, Bennett estava no dilapidado hospital da cidade, verificando quais melhorias podiam ser feitas, quando o capitão Pettigrew apareceu em seu cavalo castanho.

– Como estão a Sra. Meadows e sua criada? – perguntou ele quando desmontou.

– Ambas me parecem bem – respondeu Bennett, lisonjeado que um altivo hussardo tivesse as boas maneiras de vir saber notícias. – Minha esposa ficou um pouco prostrada na noite passada, mas seria o esperado depois de um susto daqueles. O homem que esfaqueou recebeu algum cuidado médico?

– Tanto quanto ele merece! Infelizmente, não foi um ferimento mortal – disse o capitão com um amplo sorriso. – Estou indo encontrar alguém com autoridade na cidade. A opinião geral é que ele deveria ser açoitado, mas, como é civil, é quase certo termos que entregá-lo.

– É lamentável as mulheres não poderem deixar o acampamento sem serem molestadas – disse Bennett com indignação. – Felizmente, não se feriram. Mas agradeço muito sua preocupação.

– Esta pergunta pode soar estranha e impertinente – começou Pettigrew. – Mas, diga-me, a Sra. Meadows já esteve a serviço em uma fazenda chamada Briargate Hall, em Somerset?

Bennett encarou o capitão, as engrenagens de seu cérebro ponderando a pergunta inesperada.

– Por que quer saber?

– Porque minha governanta se chama Nell Renton e perdeu o contato com a irmã mais nova. O nome dela é Hope.

Bennett vacilou, atordoado, e sentiu que precisava se sentar e refletir antes de responder.

– Eu o perturbei – observou o capitão Pettigrew, olhando-o com curiosidade quando o médico ficou em silêncio. – Não tenho intenção de bisbilhotar ou fazer maldades. Mas afeiçoei-me à minha governanta; ela está comigo há sete anos, desde que saiu de Briargate Hall. Sua maior tristeza foi perder a irmã, o que, sem dúvida, foi obra do homem com quem Nell estava casada.

– Nell não está mais com ele?!



O coração de Bennett deu um salto, mas ele percebeu tarde demais que admitira quem era Hope.

– Então sua esposa é a irmã de Nell! – O sorriso do capitão foi de grande prazer. – Nell deixou Albert Scott no momento em que descobriu que Hope havia desaparecido de Briargate. Ela estava convencida de que ele a tinha matado. Pessoalmente, nunca tive a mesma opinião; achava muito mais provável que ele tivesse obrigado a jovem Hope a ir para longe. Porém, quando ele pôs fogo em Briargate e matou sir William...

– Ele incendiou Briargate?! – Bennett interrompeu-o.

– Não leu sobre isso nos jornais? – perguntou o capitão Pettigrew, perplexo. – Foi no início deste ano. Há uma busca por ele desde então.

Bennett fez mais algumas perguntas e descobriu que o incêndio acontecera enquanto ele e Hope estavam em lua de mel, durante o período em que nem pôs os olhos num jornal. Depois, logo tendo partido da Inglaterra, não tomou conhecimento de nada mais além das notícias da guerra.

– Estou em um dilema agora – disse Bennett, por fim, sua cabeça girando com tantas notícias dramáticas que ele sabia que abalariam Hope. – Sei de tudo o que ocorreu entre minha esposa e o cunhado, e havia razões imperiosas que faziam Hope ter medo de entrar em contato com a irmã. Mas não posso lhe revelar nada sem saber se ela concorda que o faça.

O capitão Pettigrew fez um gesto de aquiescência.

– Este não é o lugar nem o momento certo para nenhum de nós – explicou ele enquanto se preparava para montar seu cavalo. – Você tem muitos homens doentes para tratar; estou aguardando ordens para seguir adiante com minha companhia. Fale com sua esposa, e, se ela concordar, envie-me uma mensagem e poderemos organizar um encontro.

Bennett ficou algum tempo acompanhando com o olhar o capitão se afastando. Via com reservas todos os oficiais de cavalaria, pois era bem sabido que eram todos arrogantes, aristocratas que só se relacionavam com outros de sua estirpe, e os que ele conhecera só tinham confirmado a verdade do fato.

No entanto, Pettigrew não parecia ser assim, e ele não conheceria ou se preocuparia com os problemas familiares de sua governanta a menos que fosse um homem bondoso.

Porém, havia algo mais no coração de Bennett, um medo de que, uma vez que Hope soubesse que sua irmã não estava mais com Albert, ela quisesse voltar para casa. Sentiu-se envergonhado de tal egoísmo, mas na verdade era o ânimo de Hope que o fazia seguir adiante.

Tivera maus pressentimentos sobre aquela campanha desde o início, mas esperava ser destacado para um hospital de base onde permaneceria. Em vez disso, haviam sido instalados em um lugar de onde teriam de se mudar novamente, e até o momento ele não tinha ideia de onde iam parar. Previra que seria penoso, era parte do trabalho, mas não imaginou que haveria tão poucos equipamentos e remédios. Como um médico pode ajudar doentes e feridos sem recursos básicos?

Até as camas de campanha que ele trouxera da Inglaterra para ele e Hope só tinham chegado no mês anterior. Aparentemente, como outros equipamentos, víveres, materiais e munições, elas tinham voltado para a Inglaterra e sido despachadas de novo. Centenas de cavalos haviam morrido nos navios durante o percurso até lá, mas agora parecia que não havia bastante forragem para os restantes.

As tropas não gozavam de boa saúde; havia cólera, disenteria e malária. A menos que

fossem transferidos quanto antes para um lugar menos insalubre, logo não teriam homens em condições de lutar uma guerra. Era uma desordem completa!

Hope não parecia se importar com a falta de conforto, a poeira, a sujeira, o sol quente ou a comida ruim. Dizia com alegria que já passara por coisas piores. Enquanto ela estivesse ali com ele, achava que poderia suportar tudo isso também, mas, se a esposa fosse embora, a situação seria muito diferente.

– Por favor, diga alguma coisa! – suplicou Bennett. – Eu só podia contar a você do jeito que o capitão Pettigrew me contou, mas talvez tenha sido muito brusco.

Durante aquele dia, as notícias sobre Nell vinham borbulhando dentro dele. Imaginava que Hope daria gritos de prazer e faria uma centena de perguntas que ele não saberia responder. Mas forçou-se a guardá-las para si até que ambos voltassem para a barraca à noite, porque não queria que ninguém os interrompesse. Não aconteceu como ele esperava: sua esposa simplesmente se sentou na cama, os olhos escuros fixos em seu rosto, sem dizer uma só palavra.

Teria sido por causa do choque de saber que seu cunhado era um assassino?

Hope segurou a mão dele e, por fim, abriu um leve sorriso.

– Sou eu quem deve se desculpar, não você – disse ela. – Não consegui falar com o choque; são coisas demais para assimilar. Nunca pensei que Nell fosse deixar Albert, isso jamais me passou pela cabeça.

Bennett estava incrédulo.

– Você acha mais extraordinário Nell ter deixado Albert do que ele ter incendiado Briargate e matado sir William?

Hope então riu, o rosto voltando a ficar corado.

– Bem, isso é mesmo um horror, mas eu sempre soube que Albert era um homem mau. Mas Nell! Ela sempre foi tão comportada; sempre acreditou que os votos matrimoniais eram eternos. Simplesmente não consigo imaginá-la fazendo algo tão extremo.

– Pettigrew disse que ela achava que Albert tinha matado você!

O rosto de Hope se fechou.

– Pobre Nell, nunca suspeitei que pensaria tal coisa, ou que saísse de Briargate. Você não pode imaginar o que aquele lugar significava para ela! Nell adorava lady Harvey, ter-se afastado dela e abandonado Albert deve ter causado um bocado de falatório no vilarejo!

Bennett franziu a testa, ainda perplexo quanto ao motivo pelo qual os votos nupciais quebrados e o falatório sobre o casamento pareciam ter muito mais impacto do que o assassinato e a mansão incendiada.

Hope segurou a mão do marido e beijou-lhe as pontas dos dedos, olhando-o com um brilho malicioso nos olhos.

– Acho que ninguém no vilarejo deve estar dormindo com todo esse escândalo acontecendo. Imagine como seria então se eles soubessem o que Albert e sir William eram um para o outro? Agora, conte-me o que mais o capitão Pettigrew disse sobre Nell. Como é que acabou se tornando governanta dele? Ela está bem? Há alguma notícia sobre o resto da minha família?

Bennett sorriu; isso era mais como ele esperava que Hope reagisse, perguntas e mais perguntas.

– Não, ele não me contou mais nada, mas falou de Nell com tanto carinho que estou certo de que ficará muito feliz em conversar com você sobre ela. Eu também gostaria de ouvir mais sobre os meus cunhados!

Com isso, Hope percebeu que Bennett não só entendia o que aquela notícia sobre Nell

significava para ela, como também estava encantado em fazer parte de sua família, e isso a comoveu profundamente.

Mas esse reconhecimento também trazia certa culpa. Por que na véspera ela não se sentira segura de contar a Bennett que conhecia o capitão Pettigrew e que era ele o autor da carta para lady Harvey?

– Há outra razão pela qual estou tão atordoada com tudo isso – explicou Hope. – Eu conheci o capitão Pettigrew em Briargate.

– Verdade? – Bennett ergueu a sobrancelha interrogativamente. – E por que não me contou isso ontem?

– Não sei. Talvez seja porque Nell sempre martelou na minha mente a ideia de que eu nunca deveria revelar nada que ouvisse ou visse lá. Sabe, o amante de lady Harvey era o capitão Pettigrew. Foi o que me fez desfalecer quando o reconheci.

– Meu Deus! – exclamou Bennett. – E eu achando que fosse o susto por causa do ataque que você e Queenie sofreram que a deixou tão ansiosa para sair do acampamento da cavalaria!

– Ele me fez recordar coisas que eu preferia esquecer...

Bennett a olhou, pensativo.

– Então, como se sente sobre o capitão, agora que sua irmã é sua governanta e Briargate acabou?

Hope suspirou.

– Eu realmente não sei, Bennett.

– Mas o capitão Pettigrew falou sobre Nell com tanto carinho, ela deve ter uma vida melhor com ele do que tinha com Albert.

– Isto é verdade. Entretanto, se não fosse pela carta que ele enviou, eu não teria ido à casa do portão naquele dia e visto sir William com Albert.

Bennett permaneceu em silêncio por um tempo.

– Se ao menos tivéssemos sabido sobre o incêndio antes de sairmos da Inglaterra... – disse ele, por fim.

– Posso escrever para Matt – sugeriu Hope, ansiosa. – E também incluir uma carta para Nell.

Quando Hope se precipitava para apanhar o papel, Bennett estendeu a mão para detê-la.

– Você precisa pensar bem sobre isso primeiro, querida – disse ele brandamente. – Ainda existe a questão do que você viu na casa de Albert. Sir William pode estar morto e Albert é um homem procurado, mas Rufus e a mãe dele ainda estão bem vivos. Antes de começar uma carta, deve refletir sobre o que é certo revelar.

Repreendida, Hope deixou-se cair de novo na cama.

– Droga! – exclamou ela. – Se não posso contar a Matt sobre a carta do capitão, ou sobre Albert e sir William, que razão vou dar para ter ido embora?

Bennett abraçou-a com força.

– Acho que deve esperar até conversar com o capitão Pettigrew. Você vai precisar pensar com cuidado na maneira como vai agir e tentar descobrir como estão as coisas por lá. O capitão me deu a impressão de ser um bom homem. Ele não teria vindo me ver a menos que se importasse com Nell e, portanto, com você também. Mas não se pode esquecer que não foi muito honrado dormir com a esposa de outro homem.

– Talvez ele sempre soubesse o que sir William era? – sugeriu Hope. – Afinal, ele é um homem do mundo. Pode até pretender se casar com lady Harvey, agora que ela está livre.

Bennett assentiu.

– Verdade. Mas não podemos presumir nada, e você deve sempre ter em mente que a informação que tem sobre sir William seria, nas mãos erradas, potencialmente tão perigosa quanto um barril de pólvora. Portanto, precisa ter cuidado para não acender o pavio sem querer.

Hope foi para a cama naquela noite com a cabeça tão cheia que dormir era impossível. Por mais absurdo e triste que fosse sir William estar morto e Briargate não existir mais, ela estava encantada com o fato de Nell não estar mais com Albert. Ficaria ainda mais feliz se soubesse exatamente onde estava sua irmã, como Rufus havia enfrentado a morte do pai e o que estaria fazendo agora. Pelo menos, ela poderia fazer essas perguntas ao capitão sem ter que revelar mais nada.

Infelizmente, como Nell sempre acreditou que Albert a matara, Pettigrew provavelmente ia questioná-la sobre o que acontecera no dia em que desaparecera de Briargate. Deveria admitir que sabia que ele era amante de lady Harvey? E será que ele acreditaria que a carta interceptada fora o único motivo pelo qual Albert conseguiu obrigá-la a partir?

No dia seguinte, Hope acordou mais calma e cheia de coragem. Não se preocuparia com as perguntas que o capitão Pettigrew pudesse lhe fazer. O mais importante era descobrir onde estava Nell e lhe mandar uma carta. Não havia necessidade de uma explicação completa de imediato; Nell ficaria feliz apenas em saber que ela estava viva e bem.

Mais tarde naquele mesmo dia chegou a ordem de partida de todas as tropas de Varna para a Crimeia até o fim da semana, e isso temporariamente tirou o capitão Pettigrew e Nell da mente de Hope.

A notícia foi recebida com deleite, uma injeção de ânimo muito necessária. Os soldados tinham ido até aquele lugar a fim de lutar numa guerra, portanto queriam fazer isso de uma vez, vencer os russos e voltar para casa antes do Natal. Bennett e os outros médicos acreditavam que a saúde das tropas melhoraria bastante com uma viagem marítima.

As mortes por cólera aumentaram de modo significativo em agosto. Os enterros formais já tinham sido abandonados muito antes, pois eram numerosos e deprimentes para os vivos. Agora, os cadáveres eram levados para uma vala comum sem qualquer cerimônia.

Mas havia milhares de pessoas sofrendo de febres, diarreia e outros problemas atribuídos às áreas pantanosas pouco saudáveis de Varna e a uma dieta pobre. Na verdade, tanto nos acampamentos franceses quanto nos ingleses, não havia muitos homens que se pudesse afirmar estarem prontos para o combate.

Assim, com os preparativos para a saída e a organização do fechamento do hospital, Hope não teve oportunidade para fazer o percurso até o acampamento da cavalaria. Presumia-se que o capitão Pettigrew estivesse em situação semelhante, porque ele não retornou ao hospital.

De uma hora para outra, o porto se encheu de navios e o embarque começou. Porém, assim que Hope conseguiu que todos os seus pertences estivessem prontos para serem levados a bordo, soube que lorde Raglan havia ordenado que as esposas dos oficiais ficassem em terra.

Hope ficou estarecida, pois também não parecia haver alternativa de sustento para elas.

Na verdade, foram poucas as esposas de oficiais que embarcaram para Varna, e a maioria estava tão desanimada que ficaria contente em poder tomar um navio de volta a Constantinopla ou Malta. Lady Errol e a Sra. Duberly, a esposa do intendente, queriam acompanhar seus

maridos, mas tinham amigos em posições importantes e era quase certo que encontrariam uma maneira de contornar a ordem. Mas Hope não tinha amigos influentes.

Bennett voltou-se para seu comandante, o tenente-coronel Lawrence, em busca de conselho, e a sugestão dele foi que Hope deveria ser contrabandeada imediatamente para a cabine de Bennett no *Orgulho do Oceano*, o navio que em sua companhia deveria embarcar, e lá permanecer até o navio zarpar. Lawrence achava que, enquanto lorde Raglan não a visse, eles estariam a salvo.

Então Hope teve que aguentar vários dias trancada sozinha em uma cabine abafada, sem mesmo Queenie como companhia, pois ela e as outras esposas de militares de outros cargos só iriam para o navio na data prevista para a partida. Hope passou o tempo escrevendo tudo o que acontecera com ela desde que saíra de Briargate, com a esperança de que, em pouco tempo, pudesse contar tudo para Nell.

Na madrugada do dia 7 de setembro, o *Orgulho do Oceano* finalmente deixou Varna, e Hope enfim pôde subir para o convés e respirar um pouco de ar fresco. Foi bom ver Queenie novamente e ouvir suas histórias engraçadas sobre o caos dos últimos dias em Varna e, melhor ainda, constatar que os homens de aparência doentia que avistara esperando no cais já pareciam recuperar a vitalidade com as brisas do mar.

Bennett, no entanto, estava preocupado com as ambulâncias. Tudo indicava que tinham sido deixadas para trás, em Varna.

Após um dia inteiro de viagem, viram-se fazendo parte de uma vasta armada. Centenas de vapores e veleiros formavam uma cena imponente, muito bela. As âncoras foram baixadas, os oficiais iam e vinham visitando outros navios em barcos a remo e, embora ninguém parecesse saber o que todos estavam esperando ali, de modo geral presumia-se que os comandantes ainda planejavam suas táticas.

Por fim, no dia 14 de setembro, as âncoras foram levantadas e todos voltaram a navegar. A primeira vista da Crimeia não foi encorajadora; parecia um lugar inóspito, sombrio e estéril, sem sinais de pessoas ou até de animais.

Em Eupatoria, dois oficiais foram em terra para receber a rendição do porto, mas, aparentemente, o local não era adequado como base. Decidiu-se que, no dia seguinte, todas as tropas desembarcariam mais adiante ao longo da baía de Calamita. De lá, marchariam para Sebastopol e tomariam a cidade.

Bennett se reuniu com o tenente-coronel Lawrence por algum tempo naquela noite e, quando voltou a encontrar Hope, mostrava-se preocupado.

– Você vai ter que ficar no navio enquanto eu sigo com o regimento. – Ele suspirou. – Parece que temos uma longa marcha a fazer e o coronel acha que podemos encontrar cossacos.

Hope percebeu que, embora estivesse inquieto por causa dela, estava ainda mais preocupado com a saúde e o bem-estar dos homens de seu regimento.

Bennett gostava de ordem, e estava claro para ele que seus superiores não haviam pensado muito no que aconteceria com qualquer baixa se o Exército fosse atacado durante a marcha. Ele e os outros médicos, naturalmente, estariam lá para tratar os ferimentos, mas, sem ambulâncias e nenhum hospital preparado para receber os feridos, eles provavelmente morreriam.

– Não se preocupe comigo – disse Hope de imediato. – Acho que serei levada para onde quer que seja o acampamento-base, e tenho certeza de que terão instalado um hospital quando você chegar lá.

Na manhã seguinte, Bennett ficou junto à amurada do navio vendo os franceses desembarcarem de seus navios com a eficiência habitual. Um grupo deles já estava fincando sua bandeira na areia. Quando os navios deles se deslocassem, os ingleses desembarcariam também.

A baía de Calamita era uma longa extensão de costa com uma estreita praia de areia e um grande lago adiante. Caía uma chuva fina, portanto havia pouca visibilidade, mas Bennett calculava que Sebastopol ficava a cerca de quarenta a cinquenta quilômetros adiante na costa. Parecia um lugar abandonado, apenas capim por quilômetros a fio. Ele se perguntava quanto tempo levariam para encontrar o primeiro russo. Imaginava que, com seus uniformes cinzentos, seria bastante difícil distingui-los.

Seus pensamentos se voltaram para Hope. Ela ficara na cabine consertando uma camisa rasgada. Não tivera coragem de dizer-lhe que ele não poderia levar uma muda de roupa, isto só a preocuparia.

Tinha sido uma bênção encontrá-la. Não conseguia se lembrar de nenhum outro homem que tivesse uma esposa igual a ela. Era corajosa, adaptável e paciente, todas as virtudes de que a esposa de um militar precisava. Mas era muito mais do que isso; era engraçada, apaixonada, bondosa, belicosa quando pressionada, e também tão bonita! Aqueles olhos escuros, ardentes, os lábios cheios e a pele macia e impecável o tinham cativado desde o início; achava que nunca se cansaria de olhar para ela.

Era uma experiência nova ser invejado por outros homens. Quase podia ouvi-los pensar: “Como ele conseguiu uma mulher como essa?” Na escola e na universidade, quase sempre havia sido ridicularizado por seus pares. Não era bonito, não era bom em jogos nem em equitação, estudava demais e nunca conseguiu adquirir sofisticação ou aprendeu a ter jeito com mulheres. De certo modo e por sorte, não se esperava que um médico do Exército tivesse esses talentos em especial, mas era muito bom ver outros homens supondo que ele os tinha por causa de Hope.

Ela era excepcional: sua postura, seu encanto e suas habilidades naturais de enfermagem tinham conquistado o respeito até mesmo dos oficiais mais esnobes. No entanto, sua verdadeira beleza estava em desconhecer seu próprio valor. Ela não tinha ideia de que metade do regimento entrava no hospital em Varna com queixas triviais, querendo apenas se deleitar com um instante de sua atenção.

Bennett sorriu para si mesmo lembrando-se de como ela tinha subido até seu beliche antes do amanhecer daquele dia completamente nua. Pelo menos essa lembrança o manteria animado por alguns dias!

Já era fim de tarde quando Bennett desembarcou, um dos últimos a sair do navio. Ficou na praia, acenando e lançando beijos para Hope enquanto o navio se afastava.

Durante todo o dia, forçou-se a fingir entusiasmo pela marcha, fazendo piadas sobre como estava entediado no navio e que precisava fazer exercício. Mas, na realidade, seu coração estava apertado. E, agora que a esposa se fora, seria muito difícil fingir confiança e otimismo.

Chovia bastante, muitos dos homens continuavam sofrendo de diarreia, e Bennett achava

que nenhum deles estava apto para uma longa marcha.

Uma hora depois, quando todos os navios eram apenas pontinhos no horizonte, descobriu-se que as barracas não tinham sido desembarcadas.

Constatou-se também que o lago era de água salgada, e não havia água doce em lugar algum.

Então a chuva fina transformou-se numa tempestade terrível e, como foi ordenado que deixassem as mochilas a bordo, só tinham os sobretudos e um cobertor para se protegerem do frio.

Não havia abrigo. Os homens se encolhiam miseravelmente debaixo da chuva torrencial, incapazes de dormir por estarem encharcados.

Bennett ficou aliviado quando o sol surgiu no horizonte, pois fora a noite mais desgraçada de sua vida. Era inacreditável que algo tão básico como abrigo tivesse sido esquecido. Sua opinião era que os oficiais responsáveis deveriam ir à corte marcial por causa daquilo.

O sol esquentou quando recomeçaram a marcha, secando rapidamente a roupa dos homens, mas ainda não tinham encontrado água e eles foram forçados a beber das poças de água da chuva.

Para piorar, Bennett verificava que a cólera tinha vindo com eles. Viu homens curvados de dor, mas ainda tentando continuar a marcha. Não podia fazer nada, pois não havia transporte para levá-los de volta a um dos navios nem um hospital de campanha onde pudessem ser deixados. Ele e seus assistentes eram a única alternativa de atendimento médico para todo o regimento. Seu equipamento consistia em duas cestas de palha com curativos, ataduras e um conjunto de instrumentos cirúrgicos em uma das sacolas penduradas no cavalo de carga.

Bennett esperava que os russos não estivessem à espreita. Não duvidava da coragem dos homens, nem da capacidade deles de combater em uma luta encarniçada, mesmo estando doentes e cansados. Mas duvidava de sua própria capacidade para tratar ferimentos graves com recursos tão limitados.

Hope foi despertada na manhã do dia 22 de setembro por Queenie batendo na porta da cabine, exigindo que a deixasse entrar.

Depois que os homens desembarcaram na baía de Calamita, o navio voltou a Eupatoria com o resto da frota e ancorou fora do porto. Se Hope não estivesse tão preocupada com Bennett e frustrada por não poder falar com o capitão Pettigrew sobre Nell, teria sido idílico, pois o tempo estava perfeito: quente e com o mar calmo. E havia tranquilidade, também, pois restara apenas um pequeno grupo de pessoas a bordo, a maior parte funcionários do setor administrativo do Exército e alguns civis responsáveis pelos suprimentos. Hope passava a maior parte do tempo cochilando no convés ou jogando cartas com Queenie.

Queenie deveria ter ido com as esposas dos outros soldados para a marcha, pois eram necessárias para cozinhar e lavar a roupa dos homens, mas Robbie perguntou a Bennett se sua esposa poderia ficar no navio com Hope porque receava que não conseguisse acompanhá-los. Bennett ficou mais do que satisfeito em concordar, pois não lhe agradava a ideia de Hope ficar sozinha sem uma companhia do sexo feminino.

– O que houve, Queenie? – resmungou Hope quando saiu do beliche para abrir a porta.



Queenie irrompeu na cabine, o rosto encharcado de lágrimas.

– Houve uma batalha terrível e milhares de mortos – desabafou ela. – Será que Robbie está a salvo?

Por um momento, Hope ficou mais impressionada com as lágrimas da amiga do que com a notícia que ela trouxera, pois a moça estava sempre animada e saltitante, independentemente do que acontecesse ao seu redor.

– Tenho certeza de que ele está a salvo – afirmou Hope, abraçando Queenie. – Agora, diga, onde conseguiu essa informação?

Tinham escutado tiros dois dias antes, mas o capitão Kyle afirmou que eram os russos em Sebastopol, provavelmente atirando em algum navio turco que tivesse se aproximado demais.

Queenie chorava muito para se fazer entender, então Hope se vestiu e foi ver o capitão.

– Houve uma batalha – disse ele. – Ainda não sei sobre baixas. Mas não acho que sejam tantas quanto lhe disseram.

Após vários dias de grande tensão, finalmente o *Orgulho do Oceano* entrou no porto de Balaclava, que havia sido designado como acampamento-base britânico. Em Eupatoria, corriam boatos em profusão. À certa altura, disseram que toda a cavalaria havia sido aniquilada, e que lorde Errol, dos Fuzileiros, tinha morrido. Queenie continuava chorosa, andando no convés de um lado para outro e torcendo as mãos, e Hope só pensava em como os médicos teriam enfrentado a situação se de fato houvesse tantas baixas.

No fim, a cavalaria não havia sido exterminada e lorde Errol só havia ferido a mão, tendo sido necessário amputar um dedo. Mas de fato acontecera uma batalha. Junto ao rio Alma, a cerca de quarenta quilômetros da baía de Calamita, e a 1ª e 2ª divisões e a Brigada Ligeira tinham estado envolvidas. Embora fosse considerada uma vitória, uma vez que os britânicos atacaram e tomaram os baluartes e as bases dos russos, houve graves perdas, com mais de dois mil britânicos mortos ou feridos. E as baixas francesas foram ainda maiores.

O porto de Balaclava não passava de uma única rua aninhada entre duas enormes colinas íngremes. Mas era um bom porto, seguro, embora pequeno, o acesso quase escondido das embarcações de passagem por altos penhascos. Aparentemente, alguns tiros a esmo foram disparados contra a linha de frente que havia chegado para tomá-lo, mas não houve mais resistência, e o padeiro da cidade tinha saído com uma oferta de peru assado e pão para os soldados.

Enquanto o *Orgulho do Oceano* adentrava o pequeno porto, abrindo caminho entre dezenas de outros navios, Hope estava na proa, esquadrinhando freneticamente os soldados no cais à procura de Bennett.

Avistava dezenas de uniformes verdes da Brigada de Fuzileiros entre os casacos escarlates, mas não viu o marido entre eles, e ficou desolada ao notar tantos feridos. Alguns tinham ataduras em torno da cabeça, outros mancavam com as calças cortadas e ferimentos de aspecto assustador que nem sequer tinham sido tratados.

Quando o navio atracou num espaço exíguo do cais, Hope reparou que algumas macas eram transportadas para um prédio atrás da rua principal. Tinha a aparência de uma escola e, portanto, daria um bom hospital.

Hope estava inquieta, esperando que os marinheiros instalassem logo a prancha de desembarque para que ela pudesse descer correndo e procurar Bennett.

– Sra. Meadows! – gritou o capitão Kyle quando ela estava prestes a sair do navio. – Está

um caos aí fora. Duvido que seu marido consiga encontrar acomodação para vocês dois de imediato.

Hope percebeu que o capitão estava preocupado com ela e, mesmo ansiosa para encontrar Bennett, sentiu-se obrigada a parar, já na prancha de desembarque, para responder.

– Vou encontrar algum lugar!

– Não vai, não hoje. A senhora e seu marido vão precisar descansar direito depois de cuidar de tantos feridos, então volte para o navio à noite até que possam tomar outras providências.

– É muita bondade sua – disse ela com gratidão. – Sei que meu marido também vai apreciar seu oferecimento. – Ela viu Queenie saindo velozmente para encontrar Robbie, não podia se demorar nem mais um instante. – Preciso ir agora, mas voltarei.

Do navio, o cais e a pequena cidade pareciam pitorescos. A água cintilava, e as construções baixas de pedra, a igreja e as íngremes colinas rochosas haviam dado a impressão de um lugar sonolento, mas seguro e saudável para um acampamento-base.

No entanto, assim que Hope e Queenie se juntaram à multidão de soldados, carroças e mercadorias que estavam sendo descarregadas dos navios, o lugar tornou-se um cenário de pesadelo. Até os homens que pareciam não estar feridos tinham um aspecto atordoado, assombrado. Estavam imundos, seus uniformes sujos de lama e manchados, a barba por fazer.

Entretanto, se a rua parecia assustadora, a cena que se apresentou aos olhos de Hope quando ela se esgueirou entre as macas para entrar no hospital era apavorante.

Apesar de o sol estar brilhando do lado de fora, dentro do prédio estava escuro, e a primeira coisa que a afetou foi ouvir vozes de homens em terrível sofrimento, pedindo socorro, gemendo e delirando, alguns aos gritos.

Não havia camas, e os homens estavam deitados ou sentados tão perto uns dos outros que não havia espaço para passar. Muitos tinham sofrido uma amputação recente, e os curativos tinham a cor viva do sangue fresco. Outros tinham feridas expostas no peito, nas pernas e na barriga, uma cena tão medonha que o primeiro pensamento de Hope foi fugir, pois não sabia por onde começar.

Queenie fugiu de fato, a mão cobrindo a boca, mas Hope distinguiu Bennett no canto mais distante daquele lugar sombrio e terrível. Ele estava ajoelhado fazendo um curativo numa perna amputada, o jaleco de linho que sempre usava por cima do uniforme encharcado de sangue. Mesmo sob a luz fraca, dava para notar o rosto pálido e exausto.

Naquele momento, sentiu muita vergonha ao lembrar-se de que ficara deitada no beliche no início daquela manhã ponderando se usaria o vestido cor-de-rosa com babados no decote ou o azul enfeitado de renda para encontrar o marido. Sua única preocupação era com o vestido que lhe ficaria bem, e decidiu-se pelo cor-de-rosa.

Estava vestida como se fosse encontrar o namorado para um piquenique. Até colocara fitas no cabelo! Mas Bennett não precisava de uma namorada agora, nem de uma mulher tola, vaidosa, cujos pensamentos não fossem além de uma noite de amor. Precisava de alguém para ajudá-lo a tratar daqueles heróis que haviam sido dilacerados por tiros para que talvez pudessem viver mais um dia e retornar para a esposa ou a namorada.

Dando meia-volta, Hope desceu a ladeira, desviando-se das macas e abrindo caminho aos empurrões em meio ao mundo de gente no cais. Na cabine, apanhou o velho vestido cinzento e o avental branco.

Cinco minutos depois, já estava correndo de volta ladeira acima. O cabelo vinha preso na nuca, suas anáguas tinham desaparecido, o vestido sóbrio e o avental substituíam o frívolo traje cor-de-rosa. E, enquanto corria, fez uma oração silenciosa para que algum instinto a inspirasse e

mostrasse como tratar ferimentos à bala, pois sabia que nada do que fizera anteriormente serviria de treinamento apropriado para toda aquela abominação.

Quando ela chegou ao hospital, Bennett estava tratando outro soldado de costas para a porta, então não a viu entrar.

– Enfermeira Meadows apresentando-se para o serviço, senhor – disse ela, baixinho, ao se aproximar.

Ele se virou à voz dela e sorriu.

– É bom ver você, mas não acho que possa lidar com isso.

– Posso, sim – disse ela com firmeza. – Apenas me diga o que fazer.

Estava escuro quando Bennett finalmente insistiu que tinham feito tudo o que podiam naquele dia. Suas roupas estavam endurecidas com sangue seco, as costas doendo de tanto se curvar, até seus olhos estavam doloridos por trabalhar com pouca luz.

Todos os médicos haviam trabalhado sem parar; não houve pausas para refeições nem para beber água. Os músicos das bandas que haviam sido destacados para o serviço de ordenanças traziam um dos homens da fila para uma área onde havia alguma claridade e lá, em uma mesa tosca, as balas eram removidas, as feridas eram suturadas e tratadas. Muitas vezes precisavam amputar.

Hope achava que nunca esqueceria o horror da primeira amputação de que participou. O soldado de infantaria não tinha mais do que 18 anos, com olhos azuis imensos cheios de medo. Não havia clorofórmio para anestesiá-lo, mas ele encontrou coragem para sorrir para Hope e manteve o olhar fixo nela, inabalável, enquanto seu corpo era cortado, sem dar um grito sequer.

O som do osso sendo serrado era arrepiante, com tanto sangue, e todo o tempo o pobre corpo jovem se contorcia incontrolavelmente, nos paroxismos da dor. Só o que ela podia fazer era secar seu rosto, dizer quanto ele era corajoso e rezar em silêncio.

Sabia que o jovem e a maioria de seus camaradas vinham de lugares como Lewins Mead. Para gente como ele, alistar-se no Exército era uma saída para a pobreza – um uniforme bonito era melhor do que vestir farrapos. Contudo, tristemente, estavam defendendo um país insensível aos pobres e necessitados. Se sobrevivesse à amputação, seria enviado para casa sem ter onde cair morto. Talvez ganhasse uma medalha, mas para que serviria uma medalha quando não podia mais trabalhar? Não compraria pão nem carne.

Ela soube que alguns dos feridos haviam ficado a noite toda no campo de batalha entre os mortos sem receber nem uma gota de água. Disseram que viam os médicos encharcados de sangue cortando braços e pernas e descartando-os de qualquer jeito.

As baixas da Brigada de Fuzileiros foram leves em comparação com as de outros regimentos. Dois sargentos, um cabo e sete fuzileiros estavam mortos. Vinte e cinco foram feridos. Mas Bennett tinha visto Robbie naquela manhã em Balaclava, e Queenie decerto o havia encontrado, já que não voltara para o navio.

– Conte-me como foi no rio Alma – perguntou Hope depois que ela e o marido jantaram e se recolheram à cabine.

– Os homens foram incrivelmente corajosos – disse ele com voz fraca, o rosto marcado pelo cansaço. – É só o que você precisa saber.

– Quero saber como foi para você.

Bennett recostou-se no beliche e fechou os olhos.

– Como você viu hoje, exceto que não tínhamos mesa para operar, nem sequer um hospital de campanha. Precisei examinar os homens no chão com apenas uma vela para iluminar. Não havia macas suficientes, e durante a noite eu ouvia homens pedindo socorro, mas estava escuro demais para encontrá-los. Tivemos que usar carroças de camponeses como ambulâncias. Foi um caos.

Ela percebeu a culpa que o marido sentia por não ter conseguido salvar mais homens e a ansiedade de saber que aquela era a primeira de muitas batalhas sangrentas.

– Não será assim novamente – tranquilizou-o. – Eles vão acertar as coisas até a próxima batalha.

Ele abriu os olhos e fitou-a com tristeza.

– Duvido, Hope. Há obstáculos demais. Agora vamos sitiar Sebastopol. Mas até o momento não há barracas, além de poucas provisões e remédios. Você passou por Sebastopol de navio esta manhã. Não é um lugar pequenino como Balaclava, é grande e está fortificada, infestada de canhões e cheia de russos que vão lutar com unhas e dentes para defendê-la. Além disso, todos os suprimentos para o Exército virão para cá, e o único acesso para levá-los aos nossos rapazes no cerco é por uma trilha íngreme em meio aos Heights. Fácil agora enquanto o chão está seco, e desde que tenhamos cavalos e mulas. E quando chegarem as chuvas de outono? Ou o inverno, quando estiver congelando? Como vão trazer os feridos de volta para cá?

– A guerra já terá acabado então – afirmou ela, esperançosa.

– Duvido muito – disse Bennett, melancólico. – Se os generais nem conseguem concordar como e quando atacar...

Na manhã do dia 27 de outubro, Hope acordou e viu que Bennett já tinha se levantado. O *Orgulho do Oceano*, que tinha sido sua casa, partira para Scutari duas semanas antes, levando muitos feridos para o hospital. Agora, até que pudessem encontrar melhores acomodações, eles tinham uma barraca.

Estava armada a algumas centenas de metros do hospital, atrás da rua principal, e em um ponto do alto da colina bem distante da imundície e da agitação do cais.

O pequeno porto agora tinha mais em comum com Lewins Mead do que a pitoresca enseada cintilando ao sol que Hope vira ao chegar. As centenas de homens feridos tinham partido, despachados de navio para Scutari, onde, segundo os boatos, morreriam mais rápido do que se fossem deixados ali no cais. Mas um problema diferente, menos compreensível, tomou seu lugar. Pilhas de mercadorias descarregadas amontoavam-se no cais porque ninguém sabia para onde levá-las. Os alimentos, depois de alguns dias sob o sol forte, ou encharcados pela chuva, acabavam apodrecendo. Os animais trazidos nos navios eram abatidos, e suas entranhas, jogadas na água. Os cadáveres muitas vezes flutuavam de volta para o porto, balouçando na superfície porque os pesos amarrados a eles não eram pesados o suficiente para mantê-los no fundo. Junto com os galões de água suja produzida pelo número crescente de habitantes, e os excrementos de cavalos, mulas e bois, o mau cheiro era avassalador e a água ficara turva.

Parecia estranho a Hope, que sabia tão pouco sobre campanhas do exército, que todas aquelas dezenas de milhares de tropas que ela tinha visto em Varna estivessem agora na Crimeia,

em algum lugar, mas ela não sabia onde nem a que proximidade do porto. Dizia-se que a cavalaria estava acampada na planície acima de Balaclava. Ela tinha encontrado alguns dos homens na cidade, mas não tinha visto o capitão Pettigrew. Estava imensamente frustrada por não poder falar com ele sobre Nell. O trabalho de enfermagem preenchia cada minuto do seu dia, mas seus pensamentos voltavam-se constantemente para a irmã, e daria tudo para ter uma imagem positiva de Nell para ajudá-la a superar o horror sem fim a que estava sujeita no hospital todos os dias.

Sabia que milhares de homens haviam marchado para Sebastopol a fim de sitiá-la cidade. Vira picaretas e pás em carroças sendo levadas trilha acima para cavar as trincheiras, assim como a incrível quantidade de munição e canhões sendo transportados dessa maneira. O exército francês estava baseado em um lugar chamado baía de Kamiesch, que ficava ao longo da costa mais próxima de Sebastopol. Não fazia ideia de onde os turcos haviam acampado.

No entanto, embora houvesse muito menos feridos, o hospital estava quase tão cheio quanto no primeiro dia dela no porto, exceto que agora a maioria dos pacientes era casos de cólera.

Se o porto de Balaclava tivesse um lema, Hope achava que deveria ser “Não o suficiente”. Pois finalmente tinham camas no hospital, e urinóis, tigelas e também alguns remédios, mas não o bastante. Já tinham ampliado o hospital, usando construções anexas, telheiros e grandes tendas, mas ainda não havia espaço. Todos os dias, chegavam navios carregados de mercadorias, mas com muita frequência não eram coisas de que precisavam. Não havia madeira suficiente para lenha ou trabalhos de construção. Não havia remédios nem médicos suficientes, tampouco alimentos.

Uma grande quantidade de botas chegou, mas eram muito pequenas para a maioria dos homens que precisava delas. Ainda havia pouquíssimas barracas, e as provisões de que se necessitava urgentemente nas trincheiras dos Heights não tinham como chegar até lá.

O outono chegara, trazendo um clima muito instável. Chovia torrencialmente e fazia muito frio por vários dias consecutivos, então, de repente, o sol voltava a brilhar e ficava quente como no verão. Como Bennett havia previsto, a trilha íngreme até os Heights, que era a única maneira de se alcançar as tropas, tornou-se um atoleiro.

O iate de lord Cardigan, o *Dryad*, estava ancorado no porto, e ele dormia no luxo enquanto seus homens se encolhiam em seus casacos ao relento. O Dr. Mackay, um colega que Bennett admirava muito, morrera de exaustão depois de seus esforços heroicos para salvar vidas na batalha de Alma.

As informações que Bennett e Hope recebiam sobre o progresso da guerra eram de segunda ou terceira mão, pois raramente tinham oportunidade de se aventurar fora de Balaclava. Quando as tropas ainda cavavam suas trincheiras diante de Sebastopol, os russos já estavam atirando nelas. Mas foi somente no dia 17 de outubro que o exército aliado se viu, enfim, preparado para contra-atacar. Das seis da manhã até o anoitecer, eles mantiveram a barragem de artilharia nas baterias e fortificações. No dia seguinte, houve um fluxo constante de feridos até o hospital, mas muitos sangraram até a morte na trilha acidentada.

Ouviram uma grande explosão, e todos em Balaclava se alegraram imaginando que as muralhas da cidade estavam sendo penetradas. Infelizmente, porém, fora causada por um paiol francês que tinha sido atingido, matando quarenta homens, e perdeu-se quinze artilheiros.

Hope levantou-se e vestiu-se apressadamente, sabendo por que Bennett saía para o hospital tão cedo. Na noite anterior, falava-se que 25 mil russos sob o comando do temível general Liprandi

estavam reunidos a poucos quilômetros de Balaclava com a intenção de retomar o porto.

Balaclava era a única linha de comunicações do Exército britânico; a comida, a munição e todo o equipamento chegavam por ali. No entanto, como lorde Raglan não podia destacar tropas para protegê-la, era guarnecida apenas pelo 93º, os Argyll e os Sutherland Highlanders, cem homens do Batalhão de Inválidos, composto por veteranos da reserva, e 1.200 turcos. O acampamento da cavalaria estava instalado a poucos quilômetros da cidade. Mas não havia homens perto o suficiente para defender Balaclava.

Era uma manhã fria e cheia de névoa quando Hope seguiu para o hospital. Como esperava, ao chegar lá encontrou Bennett fazendo a ronda dos pacientes, verificando quais poderiam ser enviados para Scutari.

Percebeu logo sua ansiedade, ainda que tenha sorrido ao vê-la. Na semana anterior, em um momento de desabafo, comparou essa tarefa com o Julgamento de Salomão. Ele sabia que a viagem por mar e, em seguida, as terríveis circunstâncias em Scutari provavelmente matariam seus pacientes. Mas não tinha escolha, pois, a menos que liberasse leitos, não haveria espaço para as novas baixas. Se houvesse uma batalha naquele dia, haveria um grande fluxo de feridos. Se os russos apreendessem o porto, todos eles provavelmente seriam mortos ou deixados para morrer.

– Quero que você parta com esse grupo – disse ele, indicando a lista na mão.

– Não, Bennett! Vou ficar aqui.

– Faça o que eu digo – disse ele, ríspido. – É uma ordem.

– Você não é meu comandante – retrucou Hope com um gesto desafiador da cabeça. – Você é somente meu marido, e vou ficar aqui com você.

– Por favor, Hope – implorou Bennett. – Duvido que os cossacos tenham algum respeito pelas mulheres. E não aguento imaginar o que fariam com uma mulher bonita como você.

– Então não imagine! Agora, qual navio levará os pacientes para Scutari?

Na planície acima da cidade, os britânicos construíram seis baluartes em semicírculo para abrigar os canhões navais de 12 libras. Estes deveriam defender a estrada de Woronzoff, que ia do porto até os Heights, a única linha de comunicação com as tropas lá em cima. Os baluartes estavam ocupados por soldados turcos e, pouco depois de as primeiras rajadas de tiroteio serem ouvidas no porto naquela manhã, alguns desses homens, desesperados e aterrorizados, voltaram fugindo para a cidade aos gritos:

– Navio, navio!

Bennett tinha acabado de examinar o último dos pacientes que seguiria no navio para Scutari quando os turcos apareceram e, adivinhando que as baixas seriam enormes, pois havia apenas 550 homens do 93º e 100 Inválidos entre Balaclava e o Exército russo, ele decidiu que iria tomar emprestado um cavalo e cavalgar até o alto da planície para ter uma ideia melhor da situação.

A névoa matinal havia desaparecido e o sol tinha saído quente e forte, proporcionando uma visão clara por quilômetros. Quando Bennett deteve seu cavalo emprestado em um ponto elevado num lado da estrada para Balaclava, ficou impactado com a cena que se descortinava diante de seus olhos.

A cavalaria em formação, a artilharia, os escoceses em seus kilts e casacos vermelhos, formavam um espetáculo glorioso e um pouco irreal. O ar estava tão estagnado que ele podia ouvir o tilintar de sabres, o mascar dos freios dos cavalos e as ordens gritadas, tudo tão

nitidamente como se estivesse lá embaixo.

Dali, a planície cercada de colinas, que tinha cerca de cinco quilômetros de comprimento e três de largura, parecia plana, mas na verdade havia o que se chamava na Inglaterra de “hog’s back”, ou lombada de porco, estendendo-se pelo centro. Isso criava dois vales, e Bennett constatou que as tropas em um vale não podiam ver nem ouvir as que estavam no outro.

No vale ao norte, um enorme grupo de cavalaria russa avançava lentamente, enquanto a cavalaria britânica estava imóvel em suas selas no vale sul, e os dois lados ignoravam a presença um do outro.

Do alto, lorde Raglan e sua comitiva de oficiais de comando tinham uma visão perfeita de toda a planície, mas Bennett rapidamente percebeu que eles não estavam cientes de que as tropas não podiam se ver umas às outras e que, na verdade, eles tinham escolhido um posto de comando perigoso.

Bennett olhou para o pequeno grupo de escoceses que ocupava uma posição defensiva a fim de evitar que os russos tomassem Balaclava e um arrepio percorreu-lhe a espinha. Quinhentos e cinquenta homens não eram suficientes, mesmo sendo comandados por sir Colin Campbell, que, segundo se dizia, era um dos melhores oficiais de todo o Exército britânico. Ele ordenara que seus homens deitassem em duas fileiras, uma posição difícil de manter, especialmente quando estivessem sob tiroteio.

Enquanto Bennett os observava, de repente, um corpo de quatro esquadrões da força russa separou-se do grupo principal e começou a galopar sobre o outeiro central em direção aos Highlanders.

Bennett observou, incrédulo, sir Colin Campbell percorrer tranquilamente aquela estreita fileira de homens e sua ordem fez o sangue de Bennett esfriar.

– Homens, lembrem-se de que não há retirada – disse ele. – Vocês vão morrer onde estão.

O coração de Bennett parecia sair pela boca, não só porque aqueles homens estavam sendo intimados a dar a vida por seu país, mas também porque eram o único obstáculo entre a enorme tropa russa e Balaclava. Se o acampamento-base fosse tomado, a guerra estaria perdida e dezenas de milhares de pessoas seriam mortas: civis, enfermos e também sua preciosa Hope.

Sabia que, se estivesse na pele dos escoceses, correria tão rápido quanto os turcos, pois parecia impossível conseguirem manter o sangue-frio para proteger o terreno, muito menos para vencer o inimigo.

Bennett observava os russos avançarem quando, num instante, percebeu que eles não tinham consciência de que o outeiro do qual se aproximavam estava ocupado por soldados britânicos. De súbito, os Highlanders surgiram como se irrompessem de uma caixinha de surpresas. Convencidos de que iam morrer, via-se que estavam decididos a não dar suas vidas em vão, porque enfrentavam o inimigo com firmeza e apontavam suas armas para matar.

Bennett mantinha as rédeas prontas para fugir, pois um massacre parecia inevitável. Era difícil assistir, mas estava fascinado e atônito com a visão dos vigorosos Highlanders disparando com calma e precisão sem aparentar qualquer temor por sua segurança.

Talvez tenha sido essa fria coragem, juntamente com a aparência ameaçadora de seus kilts e casacos vermelhos, que fez os russos vacilarem na segunda rajada de tiros; o fato é que vacilaram, e os Highlanders perceberam e avançaram, visivelmente ávidos para engajarem numa luta corpo a corpo.

A voz de sir Colin Campbell ergueu-se, alta e imperiosa:

– Noventa e três, noventa e três! Ao diabo com essa pressa toda!

Os escoceses se estabilizaram, outra saraivada de tiros foi disparada, e então, para espanto e

admiração de Bennett, os russos deram meia-volta e bateram em retirada na direção do corpo principal da cavalaria.

Os escoceses deram vivas e fizeram grande algazarra, e o som da vitória fez Bennett engolir em seco. Seu corpo inteiro arrepiou-se e ele teve que enxugar lágrimas de emoção, pois não podia imaginar nada mais corajoso do que o que acabara de testemunhar. Era um grande ato de heroísmo, algo que ele esperava poder contar para seus filhos e netos.

Bennett não podia ficar para assistir mais cenas de heroísmo, pois via as ambulâncias sendo carregadas e sabia que precisariam de sua ajuda para cuidar das vítimas. Mas, por enquanto, Balaclava estava a salvo.

Era para ser um dia de incrível valor. O general Scarlett, da Brigada Pesada, com quinhentos soldados, estava a caminho para dar apoio aos homens de sir Colin Campbell, mas sua rota levou-o direto para a linha de frente da cavalaria russa, que avançava descendo a colina em sua direção.

Os russos estavam em três mil ou mais e, no entanto, apesar das probabilidades, Scarlett ordenou o ataque e lançou-se como um demônio sobre o exército inimigo, com os Irish Inniskillings, o regimento de infantaria irlandês, berrando como *banshees*.

Aqueles que estavam assistindo com segurança dos Heights relataram mais tarde que os britânicos desapareceram na grande massa de russos e esperava-se que todos fossem aniquilados. No entanto, entre as hordas fervilhantes de uniformes cinzentos, percebia-se os vívidos casacos vermelhos e os golpes, cortes, cuteladas das espadas à luz do sol.

Então um segundo batalhão de britânicos chegou, enlouquecido pela batalha, gritando com ferocidade, e também se lançou na luta.

Por fim, receando perder todos os homens, lorde Lucan ordenou que o 4º Dragões de Guarda atacasse. Eles adentraram o confronto pelo flanco e, num instante, os russos se dispersaram, hesitaram e de repente debandaram.

Bennett já estava com Hope no hospital quando ouviram os vivas, o que os fez presumir que a batalha do dia terminara e que, a qualquer momento, as carroças de feridos chegariam.

Começaram a chegar dentro de uma hora. Mais uma vez foi igual ao primeiro dia de Hope em Balaclava, com macas chegando uma atrás da outra, logo seguindo para as barracas e construções anexas vizinhas e para o cais. Bennett e os outros cirurgiões movimentavam-se metodicamente entre elas, amputando quando necessário, removendo pedaços de bala e costurando cortes feitos pelos sabres.

Hope, que trabalhava onde mais precisassem dela, dando água, limpando feridas, cortando roupas para expor feridas, ficou impressionada como até os homens muito feridos, muitas vezes até mortalmente, podiam estar tão alegres e otimistas. Quando disseram que os britânicos tinham posto os russos para correr, ela acreditou.

Naquela mesma tarde, porém, os triunfos da manhã logo se transformaram em choque e horror quando chegaram as notícias do desastroso ataque da Brigada Ligeira.

Mais turcos fugindo covardemente para a segurança do porto foram a primeira indicação de que algo estava muito errado. Aparentemente, lorde Raglan tinha visto os russos tentando recolher armas inglesas dos baluartes abandonados e ordenou que a Brigada Ligeira entrasse em



ação.

Por que motivo lorde Cardigan levou setecentos homens direto para uma emboscada, ninguém entendeu. Bennett, que antes notara a existência dos dois vales na planície e como obscureciam a visão dos soldados no campo, achou que fora essa a causa. Nas semanas que se seguiram, discutiu-se todo o tipo de teorias, e a culpa foi atribuída sobretudo a lorde Lucan. No entanto, a explicação mais lógica era que Cardigan, da posição onde se encontrava, não podia avistar os russos à espera no vale ao norte da planície ou havia interpretado mal a ordem recebida. Qualquer que fosse o verdadeiro motivo, entretanto, o resultado foi uma carnificina, pois a Brigada Ligeira caiu em uma armadilha e se viu cercada por todos os lados. Os tiros russos choveram sobre eles.

Apenas 195 homens voltaram, incluindo lorde Cardigan, e cerca de quinhentos cavalos foram mortos.

No hospital, todos estavam muito ocupados lidando com as baixas da manhã para tomar conhecimento do tiroteio. Só algum tempo depois do ataque, que durou apenas vinte minutos, chegou um mensageiro com a notícia devastadora. Quando os feridos foram trazidos para a cidade, já anoitecia, ia ficando escuro e frio.

Um punhado de homens, oscilando nas selas, chegou em seus cavalos, apesar dos pedaços de munição cravados em seus corpos. Alguns vinham a pé, cambaleando, apoiados em outros soldados, e os gravemente feridos vinham em carroças. Seus rostos estavam enegrecidos pela fuligem e manchados de sangue, os casacos vermelhos ou azuis de cores tão vívidas agora estavam opacos de sujeira e mais sangue, esfarrapados e chamuscados pelos tiros.

Pela segunda vez desde que chegara à Crimeia, Hope sentiu vontade de fugir. O pequeno hospital estava a ponto de explodir, o ar impregnado pelo cheiro de sangue e os gemidos dos agonizantes eram difíceis de suportar. Ela viu mais de trinta homens morrerem de seus ferimentos naquele dia. A maioria muito jovem, meninos de 18 ou 19 anos, e era muito errado terem morrido por uma causa que nem compreendiam inteiramente.

Parada à porta do hospital, observando as luzes do cais refletidas na água da baía, Hope sabia que teria que encontrar forças em algum lugar enquanto Bennett continuasse trabalhando.

– Deixe-me aqui para aguardar a minha vez. Há muitos piores do que eu.

Hope sobressaltou-se ao ouvir uma voz conhecida e percebeu que vinha de uma das carroças que ocupavam o cais. A escuridão acrescentara um novo problema. Mais cedo, à luz do dia, podiam verificar o estado dos feridos e selecionar os casos mais urgentes para atender primeiro. Agora isso ficara impossível, e era horrível pensar que alguém poderia morrer de perda de sangue por falta de um simples torniquete. Apanhando uma lanterna na parede, ela pediu a dois ordenanças que a acompanhassem. Então, indo de carroça em carroça, foi rapidamente avaliando os homens e dizendo aos ajudantes quais precisavam ser levados direto para o hospital.

Foi na quarta carroça que ela encontrou o dono da voz que havia reconhecido.

Capitão Pettigrew.

Para sua frustração, pois queria saber tudo sobre Nell, não o vira desde que chegara à cidade e não tivera tempo nem oportunidade de ir procurá-lo.

– Onde está ferido, capitão? – perguntou, segurando a lanterna no alto para que pudesse enxergá-lo melhor.

– Ora, se não é a Sra. Meadows! – exclamou ele com certa surpresa. – Pensei que tinha ficado em Varna!

– Eu, não. – Ela sorriu. – Sempre fui desobediente. Onde está ferido?

– Apenas um corte de sabre – disse ele, apontando para a coxa. – Mas pode esperar.

Mesmo no escuro, ela distinguiu um vívido lampejo de pele branca onde os calções cor de cereja haviam sido cortados. A manga da jaqueta azul também estava cortada, e o tecido ao redor estava escuro com o sangue.

– Levem esse homem – disse ela aos dois ordenanças.

– Não, deixem-me, há outros mais urgentes...

– Permita-me tomar esta decisão – interrompeu ela. – Uma ferida limpa, quando suturada rapidamente, cura-se num instante. Se ficar aqui, vai sangrar até a morte. Não discuta.

Ele sorriu para ela e fez uma saudação brincalhona. Mas, apesar da atitude jovial, Hope viu que o rosto dele estava assustadoramente pálido e havia gotas de suor em sua testa.

Enquanto verificava as outras carroças e voltava para o hospital, o capitão Pettigrew era colocado em um catre, e Hope percebeu que ele já estava fraco devido à perda de sangue.

Tirando a tesoura do bolso do avental, cortou a manga do casaco e a perna da calça e lavou as feridas. Uma vez limpas, verificou que eram profundas, mas tinha certeza de que uma sutura seria suficiente.

Chamou Bennett para dar sua opinião. Ele acabara de amputar uma perna e estava prestes a começar o mesmo procedimento no braço de outro homem.

– Você pode fazer isso, enfermeira – disse ele, olhando de esguelha para ela, talvez adivinhando que estava nervosa por ter que costurar um oficial. – São cortes mais longos do que os que você suturou antes, mas limpos. Imagino que o capitão vá querer um gole de rum antes de você começar.

Pettigrew tentou sorrir, mas foi mais uma careta.

– Será que essa costura vai ser tão bem-feita quanto as da irmã dela?

– Melhor – afirmou Hope. – E eu também ofereço goles maiores de rum. Agora, fique quieto.

Levou mais de uma hora para costurar as duas feridas e, apesar de fazer muitas caretas, o capitão não gritou. Os joelhos de Hope doíam por ela estar ajoelhada no chão de pedra, seus olhos ardiam com o esforço de enxergar à luz fraca e ela estava tão cansada que houve momentos em que pensou que não conseguiria terminar o trabalho. Mas deu o último ponto e pôde fazer os curativos.

– Pode pedir a alguém que me leve de volta ao acampamento? – perguntou Pettigrew, com voz débil e instável.

– Claro que não – retorquiu ela, indignada. – Ir sacudindo por essa estrada acidentada só vai reabrir as feridas. Vai ficar aqui e bem quietinho. Ainda não está fora de perigo.

Lavou o rosto e as mãos dele, depois apanhou outro cobertor.

Os olhos do capitão estavam fixos em seu rosto e o olhar era tão intenso que a fez corar.

– O que foi?

– Seus cabelos são da mesma cor que a do resto da sua família – disse ele. – Mas seus traços são diferentes.

– Você conhece todos eles? – perguntou ela, surpresa.

– É claro! Não vi James recentemente, mas me lembro dele de Briargate.

Uma sensação calorosa de prazer invadiu-a.

– Há tantas coisas que quero lhe perguntar – disse ela com veemência. – Mas agora você precisa descansar e tenho outros pacientes para cuidar.

– Nell vai ficar orgulhosa de você – disse ele, colocando uma das mãos em seu braço para enfatizar sua sinceridade. – Escrevi para contar a ela que a encontrei. Espero que não se importe?

– Não, estou feliz, mas amanhã você precisa me dar o endereço para que eu também possa

escrever. Temos um bocado de assunto para botar em dia.

– Albert obrigou você a escrever aquela carta?

Hope assentiu.

– E o que ele fez para se assegurar de que você nunca mais voltaria para lá?

– Chantagem – disse ela, simplesmente. – Mas já basta por uma noite. Tente dormir.

Três horas depois, Hope finalmente saía do hospital. Embora estivesse perto da exaustão, parou para checar como o capitão Pettigrew estava. Uma lanterna próxima fornecia luz suficiente para vê-lo com clareza, e no sono seu rosto parecia jovem e bonito.

Podia entender por que lady Harvey tinha se apaixonado por ele, não só por seus belos traços fortes ou aquele ar de pura masculinidade que sir William não tinha, mas por algo mais. Ela não conseguia definir o quê, mas sentia isso dentro de si. Um sentimento estranho e caloroso, não muito diferente do que sentira por Bennett quando o conheceu.

– Aonde pensa que vai? – perguntou Hope, zangada, quando chegou ao hospital no início da manhã e encontrou o capitão Pettigrew se vestindo.

Dois dias se passaram desde que ele fora levado para o hospital, e os ferimentos já estavam em processo de cicatrização, mas ele ainda não tinha condições de andar.

– Não posso ficar aqui, enfermeira – disse ele, dando seu sorriso radiante. – Preciso ver meus homens e os cavalos. Além disso, você tem muitos doentes de verdade com que se preocupar.

Um grande número de feridos daquele dia desastroso tinha morrido, mas o hospital ainda estava superlotado, e mais homens precisariam de amputações caso seus ferimentos gangrenassem. Olhando ao redor, Hope pensou que o lugar tinha mais em comum com um abrigo de mendigos do que com um hospital. Havia homens em todos os lugares, amontoados como sardinhas em cima e embaixo das camas, ocupando cada centímetro de espaço.

– Vá se deitar e me deixe refazer os curativos desses ferimentos – disse ela, em tom decidido, puxando das mãos dele a calça e o casaco. – Só de se esticar para vestir essa roupa você pode reabri-los. Ou quer ter uma infecção, depois uma amputação, para sair por aí pulando com uma perna e um braço apenas?

– Eis aí uma perspectiva animadora – respondeu ele, provocativo. – Você é mesmo mais mandona do que Nell.

Mas ele obedeceu e nem estremeceu quando Hope removeu os curativos e lavou as feridas.

– Não há sinal de infecção – disse ela depois de examiná-lo e ao começar a refazer os curativos. – Mas isso não significa que possa andar ou montar ainda. Acho que deveria ser transferido para algum lugar para descansar, é preciso ter estômago forte para ficar aqui.

– Não se atreva a sugerir que eu vá para Scutari – disse ele com certa indignação. – Prefiro ficar aqui deitado olhando para você a enfrentar aquele buraco do inferno.

Hope soubera que um exemplar do *The Times* tinha circulado no dia anterior relatando a abominação que era o hospital de Scutari. Como resultado, a maioria dos feridos temia ser enviada para lá.

– Pergunte a lorde Cardigan se pode ficar no iate dele, então – retrucou ela.

Era quase um milagre Cardigan ter sobrevivido ao ataque. A não ser por um corte bobo, ele não se feriu. Recolheu-se ao seu iate e mandou que o médico de sua companhia fosse tratá-lo lá. Dizia-se que estava bebendo muito, como seria esperado, porque muita gente ali o responsabilizava pela carnificina.

– Ele não gosta de “oficiais indianos” – disse Pettigrew, fazendo troça. – Deve estar torcendo para que eu tenha batido as botas.

Hope sorriu. Era difícil não se divertir com Pettigrew; ele era corajoso, franco, encantador e às vezes parecia um menino travesso. Aparentemente, lorde Cardigan menosprezava oficiais que haviam servido na Índia, o que era ridículo, pois eram os únicos oficiais que tinham experiência recente de batalha.

– Podemos colocá-lo numa barraca nos fundos – sugeriu Hope. – E, se o seu criado não

puder descer para atendê-lo, eu poderia levar-lhe uma tigela de mingau de aveia para fazê-lo recuperar as forças.

Ele riu com gosto, mas depois fez uma careta, com dor no braço.

– Não rir, não andar, não coisa nenhuma – disse ela com severidade fingida. – Você já gastou toda a sua quota de sorte, então, se tem um pouco de bom senso, não pode abusar.

– Você pode reservar algum tempo para vir falar comigo hoje? Há tantas perguntas que quero lhe fazer.

– Também tenho muito que lhe perguntar – disse ela com certo azedume. – Mas por enquanto tenho coisas mais importantes para fazer.

Era meio-dia quando Hope acabou de trocar os curativos. A maioria dos feridos seria liberada do hospital em breve, mas logo seriam substituídos por outros trazidos dos Heights. O bombardeio estava acontecendo naquele momento, embora ela mal o percebesse por causa dos gemidos. Só esperava que Robbie estivesse a salvo. Ele havia sido destacado para lá com sua companhia no dia seguinte em que ela e Queenie chegaram. Queenie tinha seguido com ele, e Hope realmente sentia falta da amiga, pois havia poucas mulheres ali, e nenhuma com quem se sentisse tão à vontade quanto Queenie.

Hope inquietava-se com a possibilidade de Bennett ser mandado para os Heights. O certo seria ele estar lá com seu regimento, mas talvez seus superiores soubessem que dispunham de poucos médicos como ele, com experiência em cirurgia, e achavam que seria mais útil onde estava.

O Exército não dava mesmo o devido valor aos seus soldados rasos. Os homens não tinham abrigo, quase nenhum alimento e, quando chovia, as trincheiras ficavam cheias de lama até os joelhos. Todos estavam preocupados com o que aconteceria quando o inverno chegasse.

Hope encontrou tempo para ver o capitão Pettigrew naquela noite. O mesmo médico que tratara o ferimento de lorde Cardigan transferiu o capitão para uma casinha perto do cais utilizada pelos oficiais do 93º Regimento.

Ela foi conduzida a um quarto nos fundos da casa pelo mesmo criado que encontrara no acampamento da cavalaria em Varna. Era um homem magro e rijo com cerca de 30 anos, dentes em péssimo estado e a cabeça completamente calva.

– A senhora cuidou muito bem do capitão – disse ele, alegre. – Não achei que fosse vê-lo novamente!

Hope sorriu àquela observação tão contundente.

– Trate bem dele e não o deixe fazer muito esforço – recomendou ela.

Pettigrew estava notavelmente bem instalado em suas novas acomodações. A cama não era comprida o suficiente para ele, mas tinha um travesseiro e uma colcha colorida agasalhando-o. O casaco danificado tinha desaparecido e sido substituído por uma camisa solta de linho branco.

– O senhor teve ajuda para trocar de roupa? – perguntou ela, rigorosa.

– Mead me despiu com carinho, como se eu fosse um bebê – respondeu, rindo.

Então, voltando-se para Mead, que ainda estava na entrada, pediu-lhe que trouxesse café.

– Você já comeu? – perguntou Pettigrew. – Mead pode preparar algo se ainda não tiver comido. Ele é um bom cozinheiro. De encabular a maioria das mulheres.

– Já comi com meu marido. Só vim ver como você está. Não posso ficar muito tempo.

– O Dr. Lewis disse que esta é a melhor sutura que ele viu em tempos – disse Pettigrew. – Desconfio que ele gostaria de que você tivesse costurado também o ferimento do “nobre iatista”.

Hope riu.

– Acho que teria deixado minhas tesouras escorregarem.

– As tesouras são a arma de sua escolha? – perguntou ele.

Hope sentou-se em uma cadeira ao lado da cama. A lareira estava acesa, a luz da lâmpada a óleo conferia um brilho dourado às paredes nuas e toscas e, depois do hospital e da barraca, o ambiente lhe parecia muito agradável e quase doméstico.

– Poderiam passar a ser – disse ela displicentemente. – Mas, sem mais delongas, quero saber sobre Nell e como ela veio a ser sua governanta.

Hope bebeu cada uma das palavras do capitão enquanto ele contava como encontrara Nell durante um passeio a cavalo no início da primavera de 1848 e lhe oferecera o cargo de governanta. Quando disse que a encontrou na ponte em Chewton, ela visualizou o poço do moinho d'água, os salgueiros começando a ganhar folhas e o som da correnteza.

Ele não narrava de modo sentimental nem brusco e, ao mesmo tempo que fornecia apenas um mínimo de detalhes, ainda assim conseguia dar a Hope uma imagem muito clara de como tudo acontecera. Não se deteve muito no estado de espírito de Nell, abalado após descobrir que Hope havia desaparecido, mas diminuiu qualquer ansiedade que ela poderia ter descrevendo com entusiasmo como Nell se incumbira dele e de sua casa e explicando que ela estava se sentido segura e satisfeita.

Foi o relato de um homem que compreendia inteiramente o que significava ter um coração partido; um homem compassivo e consciente de quanto era difícil e injusta a vida das mulheres na situação de Nell. A esse respeito, ele era muito parecido com Bennett, e Hope percebeu que simpatizava mais com ele a cada minuto.

Pettigrew passou a explicar como ele e Nell tinham tomado conhecimento do incêndio, como Nell levava lady Harvey da casa de Matt para a casa dos Warrens, e também falou sobre o enterro de sir William, ao qual assistira.

– Foi o enterro mais perturbador em que já estive. – O capitão suspirou. – Normalmente, há apenas aquela tristeza profunda, sobretudo quando a morte foi inesperada. Mas ali havia perplexidade; as pessoas do vilarejo não conseguiam aceitar que um homem que conheciam, que rezava com eles na igreja, pudesse ser tão perverso a ponto de atear fogo a uma casa sabendo que havia pessoas lá dentro. Nell, coitada, estava transtornada, apesar de terem se passado anos desde que deixara Albert e na ocasião ela ter se manifestado contra ele para quem quisesse ouvir. Acho que ela se sentia parcialmente responsável.

– Também acho – concordou Hope. – Ela sempre achava que era culpa dela quando algum de nós fazia algo errado. Mas, e Rufus, como se comportou durante o enterro?

– A raiva dele era palpável. Fez uma leitura da Bíblia durante a cerimônia religiosa com voz firme, mas estava tremendo, o olhar era gelado. Durante anos havia afirmado para quem quisesse ouvir que Albert era perigoso. Confidenciou-me que se recusou a passar aquele Natal em casa porque não gostava das liberdades que o homem estava tomando com seus pais. Ele agora é um belo rapaz, Hope. Alto, atlético e muito bonito. É tão parecido com William quando tinha a mesma idade que me fez voltar à época em que eu costumava importuná-lo para que me levasse junto quando saía a cavalo.

Hope não sabia que Pettigrew conhecia sir William desde a infância e pediu que falasse mais sobre isso.

– Eu tinha 6 anos, e ele, 10, quando nos conhecemos. Meu pai também era militar. Eu estava hospedado com minha tia e meu tio em Chelwood quando chegou a notícia de que meu pai e minha mãe tinham morrido de febre. Desconfio que os pais de William disseram que ele

tinha que ser gentil comigo por causa disso. E ele era de fato muito gentil, como se fosse um irmão mais velho.

Ele parou abruptamente, fechando os olhos, e Hope adivinhou que estava se sentindo culpado por causa de seu relacionamento com lady Harvey.

– Chega de falar de mim – disse ele, de repente. – Conte-me sobre o dia em que você deixou Briargate.

– Tudo começou com sua carta para lady Harvey...

Ela resumiu a história ao máximo e disse simplesmente que fora à casa do portão a fim de esconder a carta e que Albert a pegou em flagrante.

No entanto, mesmo contando que Albert a agredira e forçara a escrever uma carta de despedida, ela percebia a inconsistência de sua história e se expressava de modo hesitante.

– Ele avisou que, se eu não fosse embora, ele entregaria a carta a sir William e lady Harvey ficaria desonrada, e que Nell também seria demitida por encobrir a situação – explicou ela, corando, porque Pettigrew olhava para ela com o rosto muito sério. – Ele me disse que, se eu fosse embora e nunca mais voltasse, ele ficaria calado.

– Mas se Nell fosse demitida, ele com certeza teria que ir também?

– Isso teria sido ainda pior... Nell ficaria sozinha com ele e sem amigos.

– Por que você não procurou Matt? – perguntou ele, o semblante muito severo. – Ou Ruth, em Bath?

Sem saber por quê, Hope de repente começou a chorar. Talvez por ele conhecer aquelas pessoas de quem havia tanto tempo ela sentia falta, ou talvez estivesse contrariada por, mais uma vez, Albert a estar obrigando a se calar sobre o que sabia.

– Ele me proibiu de procurá-los e me preveniu que, caso o fizesse, ele tornaria a vida de Nell um verdadeiro inferno – disse, aos prantos. – Ele me espancou, me botou para fora debaixo de chuva e sem um centavo no bolso. Não pode imaginar o que passei.

– Acho que posso. Bristol não é um bom lugar para uma moça sem amigos. Falei com Rufus sobre você depois do enterro; ele me disse que sempre soube que Albert fora responsável por fazê-la ir embora e que o odiava por isso. Ele também acreditava que o marido de Nell tinha algum poder sobre seu pai.

– É claro que tinha, ele sabia sobre você e lady Harvey.

– No começo, achei que fosse isso. Mas Rufus foi bastante específico sobre o pai dele e Albert. Veja bem, ele descobriu que Albert recebeu muito dinheiro de William durante anos. Hoje em dia, tenho a minha própria opinião sobre o que seria esse poder, mas não tenho provas. Embora eu pense que você tem.

Hope ergueu a cabeça e viu que ele sabia a verdade.

– Eu nunca teria verbalizado as minhas desconfianças, jamais – disse ele, baixinho. – E, agora que ele está morto, o assunto também deve morrer com ele para o bem de Rufus. É um bom rapaz, Hope, com nenhuma das fraquezas de seus pais. Nell me contou como vocês eram próximos quando crianças. Isso, é claro, deve ter sido o motivo mais forte para você obedecer a Albert, não foi? Pois não poderia ir pedir ajuda a ninguém sem revelar o que sabia.

Não havia como negar, de modo que ela assentiu.

– Eu encontrei os dois juntos – murmurou ela, lágrimas escorrendo pelo rosto. – Mas não se tratava apenas de Rufus; havia também lady Harvey e Nell. Todos passariam uma enorme vergonha.

O capitão segurou a mão dela.

– Sua lealdade a enobrece, Hope – disse ele com voz trêmula. – Acho que a maioria das

pessoas só teria pensado em si. Mas não tenha medo, nunca revelarei o que você me disse.

– Preciso ir. – Hope levantou-se e enxugou os olhos. – Fiquei muito tempo, e Bennett deve estar preocupado. Mas o que digo a Nell?

– Fale apenas sobre a carta, só isso vai bastar, ela não é desconfiada nem experiente nas coisas do mundo como eu. Não queira mal a William; ele não podia evitar ser como era. Encontrei muitos homens como ele durante minha carreira no Exército, homens bons e corajosos que fazem um enorme esforço para se reprimir. Às vezes, eles simplesmente não conseguem mais se conter. Fiz todo o possível para lutar contra o amor que sentia por Anne, mas fracassei. De certa forma, é a mesma coisa.

– Nunca tive ódio de sir William – disse ela, com os olhos marejados. – Somente de Albert, e não por isso. Mas pela crueldade dele com Nell e por nos obrigar a ficar separadas.

Ele a fitou demoradamente, então abriu um sorriso.

– Sabe, você é mesmo tudo o que Nell disse que era, e muito mais. Escreva para ela para o meu endereço, Willow End, Bath Road. Como vê, existe um Deus, até mesmo neste lugar onde parece que Ele nos desertou. À esta altura, Nell já deve ter recebido minha carta, mas é de você que ela vai querer saber.

Por impulso, Hope se inclinou e beijou a testa dele, depois correu para a porta e saiu sem dizer mais nada.

No dia seguinte à batalha de Balaclava, houve outra pequena batalha perto de um vilarejo deserto chamado Inkerman. Pouco depois, as tropas russas foram vistas se reunindo nas colinas de Fedioukine, e ficou evidente que planejavam um ataque definitivo em breve. Contudo, por mais preocupante que fosse, enquanto houvesse tiros sendo disparados constantemente em Sebastopol, o que enviava um fluxo diário de soldados feridos e doentes para o hospital, havia muito a ser feito para se resolver como iam lidar com mais vítimas.

No dia 4 de novembro, choveu muito e as sentinelas que vigiavam as tropas russas relataram uma noite tranquila. Porém, quando estavam saindo de serviço, na madrugada do dia 5, deu-se o ataque.

Havia uma neblina espessa, e as tropas aliadas eram muito inferiores em efetivo e em munição, mas o que faltava em números sobrava em coragem e iniciativa, e no meio da tarde os russos estavam em plena retirada.

A notícia da vitória chegou rapidamente ao hospital, contudo era difícil alguém achar que cabia uma comemoração, não com 2.500 dos homens mortos e feridos, assim como 1.700 soldados franceses. Além disso, ninguém duvidava que algumas das doze mil vítimas russas acabariam ali também. Mas todos fizeram o que era preciso fazer, arregaçaram as mangas e prepararam-se para o embate da melhor maneira possível.

Naquela noite, e durante as três noites seguintes, Hope dormiu apenas duas horas. Sabia que os médicos tinham razão quando diziam que fariam mais mal do que bem se tentassem operar com pouca clareza e entendia por que iam para suas camas à noite, mas ela não conseguia esquecer os gritos de sofrimento dos pacientes.

Fazia muito frio, e muitos dos feridos tremiam deitados nas carroças que os tinham levado para lá, pois não havia espaço para trazê-los para dentro. Só o que podia fazer era enrolá-los em cobertores, ajudá-los a tomar um pouco de conhaque ou simplesmente lavar seus rostos. Mas, pelo menos, perguntando seus nomes, dizendo que eles seriam atendidos o mais rápido possível e mostrando que se importava, ajudava-os a passar a noite.



O capitão Pettigrew apareceu no hospital no início do quarto dia, quando Hope estava sozinha com os feridos mais graves. Ele caminhava com a ajuda de uma muleta improvisada e, quando ela o viu, correu para prendê-lo.

– Ficou louco? – disse ela com voz sibilante. – Vai reabrir as feridas!

– Está tudo bem. Não é nada comparado com algumas dessas feridas que tem aqui. Vim ver se havia algo que eu pudesse fazer.

Ele estava mesmo falando sério, e Hope reparou em seu olhar estarecido quando ele enxergou uma caixa de membros amputados que ainda não tinham sido retirados dali por um dos ordenanças.

Hope rapidamente a cobriu com um cobertor, mas não conseguiu esconder os muitos homens com ataduras encharcadas de sangue nem os gemidos de um soldado num canto. Para onde quer que o capitão olhasse, havia cenas atrozes e, mesmo para alguém sem conhecimento médico, era certo que a maioria dos pacientes morreria.

– Bondade sua vir oferecer ajuda – disse ela. – Mas não deveria estar aqui. Talvez em um ou dois dias já possa vir conversar com alguns dos pacientes menos graves. Muitos deles não conseguem escrever uma carta para casa e apreciariam se fizesse isso por eles. Mas vá agora, antes que caia e arrebe os pontos.

Ele se apoiou com firmeza na muleta, mas estendeu a mão livre e acomodou um cacho solto do cabelo dela debaixo da touca.

– Com a maior boa vontade do mundo, você não pode fazer todos melhorarem – disse o capitão com terna compreensão. – Sei que passa pelo menos vinte horas por dia aqui, e vai ficar doente se continuar assim. Precisa de descanso, de uma boa refeição e provavelmente de um banho. Venha à minha casa mais tarde e terá isso tudo.

– Um banho? – disse ela, espantada. Ele acertara em cheio ao mencionar a única coisa pela qual ela venderia sua alma. – Vocês têm uma banheira?

– Temos. – Ele riu. – E Mead pode enchê-la para você. Traga Bennett, pois sei que ele tem trabalhado tanto quanto você.

– Mas...

– Nada de “mas” – disse Pettigrew com firmeza. – Nell iria querer que eu a forçasse a concordar. E recebi uma carta dela. Se você não for, não a deixarei vê-la.

– O que ela diz?

Num instante, Hope era uma garotinha outra vez, borbulhando de excitação, pois era provavelmente a resposta à carta que o capitão enviara contando que a encontrara em Varna.

– Você só vai descobrir depois de uma refeição e de um banho. Não vou adiantar nem uma palavra até lá.

Bennett sorriu quando Angus o cutucou e apontou para Hope. Ela tinha se sentado na cama, passando os dedos pelos cabelos para ajudar a secá-los, mas acabou caindo no travesseiro e estava profundamente adormecida.

– É melhor eu levá-la de volta para nossa barraca – disse Bennett, levantando-se.

– Nada disso, ela pode ficar aqui – disse Angus com firmeza. – E você pode ficar com ela, também está quase caindo de exaustão.

Bennett apanhou a colcha no pé da cama e cobriu Hope, parando junto dela e olhando-a por um momento. Tinha ficado tão feliz em tomar banho, apesar de haver apenas uns quinze centímetros de água quente em uma banheira de tamanho mais apropriado para uma criança.

Naquele momento, dormindo com o cabelo úmido solto ao redor do rosto, parecia tão jovem quanto no dia em que se conheceram.

– Ela é uma mulher muito bonita – disse Angus em voz baixa.

– É verdade. Mas tem muito mais do que um belo rosto. Eu a conheci quando ela cuidava de seus dois amigos com cólera. Apenas 17 anos e já tão forte, competente e compassiva.

– Hoje foi um bom dia para ela – disse Angus, pensativo. – Essas poucas palavras de Nell significaram tanto, não foi?

Bennett assentiu e voltou para a cadeira. Tinham chegado à casa de Pettigrew ao meio-dia, e o criado dele havia preparado um farto e maravilhoso assado com bolinhos de ervas. Em seguida, ambos tomaram banho e vestiram roupas limpas. Só então Pettigrew, ou Angus, como ele insistia que o chamassem, mostrou-lhes a carta de Nell.

Bennett ficou surpreso com o fato de Nell não ser tão alfabetizada quanto Hope. Escrevera apenas algumas linhas, e visivelmente com grande esforço e trabalho. No entanto, nem o maior escritor da Inglaterra, nem Thomas Hardy ou Charles Dickens, poderiam ter transmitido tanto sentimento e prazer com tão poucas palavras.

*O senhor me deu as joias da Coroa, era como começava a carta.*

*Ainda não consegui parar de chorar de alegria. Imagine, minha Hope casada com um médico! E aí onde o senhor pode ficar de olho nela por mim. Este é o dia mais feliz da minha vida. Mas vou chorar e rir mais ainda quando ela chegar em casa. Beije-a por mim. Diga a ela para tomar cuidado, para ficar longe dos perigos. E peça para me escrever em breve.*

Bennett riu.

– O destino age de maneiras misteriosas. Incrível termos que atravessar a Europa para isso.

– Você poderia ter ido direto ao vilarejo na Inglaterra e resolvido essa questão de uma vez – disse Angus com um sorriso irônico. – Diga-me, Bennett, por que não foi lá?

– Quando eu iria? Você não é o único no Exército! Voltei para casa em janeiro, me casei, tive uma curta lua de mel e depois viemos para cá.

– Sim, é verdade que teve pouco tempo. Mas, quando resolveu se casar com Hope, sabendo o que se passou com ela, imagino que talvez fosse o momento apropriado para investigar em seu benefício. Se tivesse ido à cervejaria local e feito algumas perguntas, ia descobrir que Nell estava morando comigo.

– É fácil para você dizer isso agora, mas Hope não ia querer que eu fosse lá fazer perguntas.

– Acho que você nem sugeriu tal coisa – retrucou Angus. – Você a queria toda para si, não foi?

– Ora, faça-me o favor! – exclamou Bennett.

– Não, e preste atenção – interrompeu Angus. – Eu vi seu rosto quando Hope leu essa carta. Você ficou comovido, mas também com um pouco de medo, com medo de que Nell e o resto da família a roubassem de você.

– Claro que não fiquei com medo.

Bennett bufou, escarnecendo.

– Ficou, sim. Não é nada surpreendente, ela é um grande tesouro e, sendo a única pessoa em sua vida, pode tê-la só para si. Mas ouça um conselho meu, não a prenda numa gaiola. Deixe-a voar!

– E por que devo achar que você entende alguma coisa de amor e casamento? – disse Bennett com frio sarcasmo.

– Às vezes, quem está do lado de fora pode enxergar com mais clareza do que quem está muito envolvido. Ouça, Bennett, já falei demais por hoje, e você está tão exausto quanto sua esposa. Vá para a cama agora antes que caia de cansaço.

Bennett sentia-se fortemente tentado a tirar Hope da cama e levá-la para casa, apenas para mostrar ao capitão Pettigrew que ele não se importava com seus conselhos ou opiniões. Mas estava cansado demais para protestar, e Hope parecia muito confortável para ser perturbada.

– E onde você vai dormir?

Angus deu um sorriso torto.

– Não se preocupe comigo, vou encontrar outra cama.

Nos dias frios e úmidos que se seguiram, a euforia geral em Balaclava causada pela retirada russa em Inkerman desapareceu rapidamente. O tiroteio quase constante em Sebastopol e os relatórios recebidos de que pouco ou nenhum dano havia sido causado nas defesas da cidade tornavam cada vez mais irrefutável o fato de que os aliados não poderiam tomá-la rapidamente. A dura realidade era que as tropas quase certamente permaneceriam nas trincheiras durante todo o inverno.

A ansiedade crescia a cada dia no hospital. Quarenta ou cinquenta homens eram declarados doentes todos os dias e enviados para lá. Outros vinte ou trinta seriam feridos – na verdade, havia apenas 16.500 homens aptos para o serviço, quando inicialmente havia 35 mil. Ainda havia casos de cólera entre eles, assim como de tifo, febre tifoide e malária, embora as últimas três doenças fossem em geral apenas classificadas como febre comum. Com poucos remédios e uma quantidade insuficiente de alimentos nutritivos e de fácil digestão disponíveis para os doentes, as chances de recuperação eram escassas.

Bennett frequentemente se via tomado por uma raiva surda, pois os bens e provisões de que necessitavam com urgência chegavam ao porto, mas a burocracia emperrada e ineficiente tornava impossível levá-los ao destino apropriado. Os homens estavam construindo uma ferrovia para o cerco que, quando fosse concluída, tornaria o transporte para os Heights muito mais fácil. Esse trabalho absurdamente pesado, porém, já bastava para matar homens enfraquecidos pela doença e pela fome.

Se não fosse por uma mulher negra jamaicana que os soldados chamavam de Mãe Seacole, todos os feridos deitados em macas durante horas no cais gelado teriam morrido, à espera de serem embarcados em um navio com destino a Scutari. Ela era parte do enxame de vivandeiros que tinha aparecido para vender seus produtos para os soldados. Entretanto, embora estivesse na Crimeia a negócios e tivesse uma loja fora da cidade onde vendia de tudo, desde refeições quentes até botas novas, era uma mulher sinceramente bondosa, que tinha experiência com enfermagem e estava quase sempre no cais, distribuindo xícaras de chá e outros pequenos confortos.

No cerco, no alto da colina, roupas quentes e cobertores eram desesperadamente necessários, a comida era escassa, insossa, mal dava para se engolir e era difícil encontrar combustível para as fogueiras. Os doentes que vinham de lá contavam sobre ter que ficar sentados nas trincheiras cheias de água a noite toda e depois voltar para as barracas sem uma muda de roupa para vestir.

Hope e Bennett não precisavam ficar sentados debaixo de chuva a noite toda, mas também

sabiam como a vida em uma barraca podia ser desagradável sob mau tempo. Sem cadeiras, mesa ou outros confortos, tinham que se valer de caixas de remédios e, quando chovia, não conseguiam sequer acender um fogo para cozinhar algo para comer.

Na noite de 14 de novembro, Bennett conseguiu um pouco de frango do açougueiro, eles o fritaram e assaram umas batatas no fogo. Acompanhando a refeição com rum e água, acharam que tinham feito um banquete. Para variar, em vez de adormecerem de exaustão logo depois, conversaram sobre a boa recuperação do capitão Pettigrew, sobre quanto tempo levaria até Hope receber uma carta de Nell e se Alice enviaria os alimentos e as roupas quentes que Bennett lhe havia pedido.

Acordaram sobressaltados com o som do vento empurrando a barraca, ameaçando rasgá-la em pedaços e, quando espíaram lá para fora, viram o que só poderia ser classificado como um furacão.

Eram seis da manhã e o dia ainda não tinha clareado, mas mesmo assim avistaram barracas, tábuas, baldes, chaleiras de acampamento e peças de roupa voando.

– Que Deus nos ajude! – exclamou Bennett. – Vamos agora ser varridos pelo vento?

– E quanto aos feridos nas barracas atrás do hospital? – lembrou Hope, ofegante. – É mais exposto lá! Eles podem estar debaixo de chuva!

Bennett segurava o poste da barraca, com medo de que se partisse em dois.

– Vista-se enquanto seguro isso aqui! Coloque todos os nossos pertences em caixas e então iremos.

– O que são esses estalos? – perguntou Hope enquanto enfiava o vestido e calçava as botas às pressas.

– Devem ser os navios no porto batendo uns contra os outros – respondeu ele. – Vão ter um baita prejuízo, aposto.

Deixando a barraca o mais firme que puderam, foram para o hospital. O vento era tão forte que Hope teria sido arrastada se Bennett não a segurasse pela mão. Porém, assim que se afastaram da proteção das construções, o vento que soprava diretamente do mar atingiu-os, jogando-os contra uma parede.

Outros chegaram para ajudá-los a tirar os feridos das barracas mais expostas e levá-los para dentro do hospital pela porta dos fundos, mas foi um trabalho prolongado e difícil, com destroços batendo em seus rostos enquanto trabalhavam.

Passava das nove da manhã quando puderam ir às janelas da frente do prédio e verificar os estragos no porto. A visão com que se depararam era verdadeiramente estarrecedora. As ondas além da muralha do porto eram tão grandes que os borrifos passavam por cima do alto das colinas e se derramavam no porto como se fosse uma inundação. Os navios atracados muito próximos esfregavam-se uns contra os outros e os costados estavam sendo quebrados aos poucos. O *Estrela do Mar* já havia perdido a maior parte da popa, e muitos navios haviam perdido seus mastros, que causavam danos em outros ao cair. O mar estava revoltado e arfando como se pretendesse devorar cada navio no porto.

– E os navios lá fora? – perguntou Hope a Bennett.

Poucos dias antes, durante uma forte ventania, as autorizações solicitadas por vários comandantes de navios mercantes para ir se abrigar no porto interno tinham sido negadas. Ainda estavam ancorados lá fora, e em grande perigo.

Foi o mais negro dos dias. Às dez da manhã, soube-se que o *Prince* tinha afundado fora do porto e toda a tripulação havia se afogado. Outros navios sofreram graves danos e muitas vidas se perderam. Mais tarde, quando o vento amainou, começou a nevar.

O dia seguinte foi muito frio, mas fazia sol, e somente então foi possível avaliar a extensão dos estragos causados pelo furacão. No cerco, em terreno muito mais exposto do que Balaclava, barracas, roupas e equipamentos haviam sido levados pelo vento e desaparecido para sempre, incluindo as barracas que estavam sendo usadas como hospitais de campanha, e os doentes e feridos haviam ficado expostos ao vento e à chuva.

O porto estava cheio de destroços, telhados e janelas haviam sido arrancados de edifícios, e quase todos os navios ancorados no porto tinham sofrido enormes estragos.

Mas foi a perda do *Prince* que deixou todos em choque, pois o navio estava carregado de bens de que tão urgentemente precisavam: roupas quentes para as tropas, suprimentos de remédios, conhaque, cobertores, catres, chá e açúcar. Ironicamente, um dos passageiros que perderam a vida quando o navio afundou foi o Dr. Spence, o vice-Diretor Geral de Hospitais, que viera fazer uma inspeção em consequência de relatórios difamatórios sobre as condições médicas na Crimeia.

– Dr. Meadows!

Bennett levantou a cabeça ao ouvir seu nome e viu Angus Pettigrew acenando para ele por trás de carros de boi pesadamente carregados. O cais estava abarrotado e caótico como de costume. Nem mesmo uma ordem recente para que a sujeira fosse retirada, um novo local fosse construído para o abate de animais e os corpos em decomposição na água fossem rebocados para alto mar fizera muita diferença. Ainda era uma vergonha.

Bennett não estava disposto a falar com Angus. Embora tivessem se passado três semanas desde que o capitão mostrara a Hope a carta que recebera de Nell, Bennett ainda estava remoendo o que ele lhe dissera. Sabia que Angus tinha razão. Se tivesse sido homem de verdade, teria ido a Compton Dando há tempos e descoberto que Nell tinha abandonado Albert.

Naquela época, porém, ele ainda não era um homem de verdade. Ainda era, em essência, o rapaz que fora alvo de tantas piadas na faculdade de medicina. Ainda o incomodava lembrar que permitira que o tio o intimidasse e que não fora firme o bastante para impedir que Hope fosse mandada para St. Peter.

Ingressara no Exército simplesmente porque era uma maneira de sair de debaixo da asa de seu tio, não porque fosse corajoso. Não imaginava então que seria empurrado para o serviço ativo e, se tivesse sabido na época, fugiria em disparada. Tinha na mente a visão cor-de-rosa de ser um oficial médico ligado a um quartel, e que, em alguns anos, poderia se casar com Hope e criar filhos.

No entanto, o que não esperava era encontrar seu próprio nicho no Exército. Soldados doentes não precisavam de outro sargento durão gritando com eles, queriam alguém que os ouvisse e tivesse conhecimentos necessários para deixá-los em forma novamente. E nem os oficiais nem os soldados rasos se preocupavam com os antecedentes do médico nem com sua posição financeira ou social. Para eles, ele era um médico de primeira, e consideravam uma sorte tê-lo em seu regimento.

Sentir-se apreciado, ter suas opiniões valorizadas e suas habilidades médicas admiradas o fizeram perder a timidez. Descobriu que era capaz de enfrentar injustiças e antigas práticas médicas condenáveis. A dureza da vida do Exército na África do Sul também o fortaleceu, e o

médico militar Meadows que voltou para se casar com Hope Renton era um homem muito diferente daquele que morrera de medo quando entrou em Lewins Mead pela primeira vez.

No início da lua de mel, ele tinha dito que estava na hora de Hope procurar sua família, e estava sendo sincero. É claro que não sabia, então, que poucas semanas depois ambos estariam viajando para o mar Negro.

Se soubesse o inferno que os esperava, não teria deixado Hope acompanhá-lo. Mas já estava feito, e ela provaria ser inestimável. Só o que lhes restava era trabalhar com afinco contando que as coisas pudessem melhorar. Também precisava se acostumar com a ideia de que o capitão Angus Pettigrew continuaria a ser irritante como um piolho.

– Como estão os ferimentos? – perguntou Bennett quando conseguiu se fazer ouvir por Angus.

– Bem melhores agora, obrigado, embora a perna ainda esteja um pouco rígida.

Angus abriu um sorriso largo. Ele estava de uniforme completo e visivelmente novo, pois os alamares dourados não estavam escurecidos e o casaco azul e a calça vermelho-cereja não tinham manchas nem remendos. Somente as botas gastas indicavam que ele estivera em combate.

– Você é o homem mais elegante do cais – disse Bennett com mais sarcasmo do que admiração. – Sorte sua ter um uniforme extra.

– Eu me sinto excessivamente bem-vestido – disse Angus, o sorriso desaparecendo ao relancear os olhos para dois homens da infantaria que vinham passando, cujos uniformes eram literalmente farrapos cobertos de lama. – Mas vou subir para o acampamento e, você sabe... – Ele se calou, talvez constrangido de dizer em voz alta que seus oficiais superiores o repreenderiam se não estivesse corretamente vestido.

– Foi um golpe terrível, o *Prince* ir a pique. Os doentes vindos das colinas indicam que os homens lá em cima estão com as solas das botas se despregando e que usam cobertores sob os casacos para tentar se aquecer. Mas tenho certeza de que já sabe disso. Pretende ir a cavalo até o acampamento?

– Sim. Mead desceu com meu cavalo essa manhã, embora ele esteja em péssimo estado. Dei-lhe um punhado de aveia, mas precisa é de um balde cheio. Agora só resta uma maldita forragem para os cavalos. Ouvi dizer que lorde Raglan está insistindo para que enviem mais. Se não vier em breve, teremos de abater alguns dos animais.

– Arrisco-me a dizer que alguns dos homens que estão com frio e fome gostariam de ser abatidos também para que acabasse o sofrimento deles. – Bennett suspirou. – Não vai ser um Natal muito alegre.

– Eu esperava alegrá-lo um pouco perguntando se você e Hope gostariam de usar meu quarto – disse Angus, indicando o prédio atrás deles com um gesto. – Vou ficar lá em cima no acampamento e vocês dois não podem viver em uma barraca, agora que está ficando tão frio.

– Isso é muito generoso de sua parte. – Bennett de repente sentiu o coração mais leve. Durante as duas ou três noites anteriores, a temperatura caíra abaixo de zero. – Hope nunca reclamou, mas há um limite para a resistência de qualquer pessoa.

– Ela é durona. – Angus sorriu. – Já recebeu uma carta de Nell?

Bennett balançou a cabeça.

– Hope espera o correio todo dia. E deve ter escrito uma dúzia de cartas para casa. Mas como ninguém recebeu nenhuma já faz duas semanas, acredito que devam chegar logo.

– Vocês podem se mudar para lá hoje mesmo – explicou Angus. – As minhas coisas estão empacotadas, prontas para serem levadas. Incumbiram uma tártara de fazer a limpeza e acender a

lareira para mim. O nome dela é Rosa, ou pelo menos é como a tenho chamado.

– É realmente muita bondade sua. – Bennett de repente sentiu um pouco de vergonha por seus pensamentos sobre o capitão.

– Você deveria ter recebido um alojamento decente desde o início. Todos os médicos merecem uma medalha pelo que fizeram aqui nas condições mais estarrecedoras. Meu sangue ferve quando leio nos jornais vindos da Inglaterra que o público em geral vem sendo levado a acreditar que alguns médicos estão negligenciando o seu dever. Tenho vontade de enforcar os que são realmente responsáveis pelo caos que impera aqui. E alguns dos oficiais imbecis que mal sabem limpar o próprio traseiro, que dirá liderar seus homens.

Bennett sorriu.

– Acalme-se, Angus, você vai arrebentar seus pontos.

Angus riu.

– Hope fez um ótimo trabalho, não corro esse risco. Mas preciso ir agora. Posso visitá-los na próxima vez em que estiver aqui?

– Ficaremos desapontados se não o fizer.

– Tem certeza de que não estou atrapalhando, Nell? – perguntou Rufus. – É só falar e vou embora.

Faltavam poucos dias para o Natal e eles estavam na cozinha em Willow End. Rufus apareceu quando Nell preparava um pouco de marzipã para cobrir o bolo de frutas que havia feito para enviar para Hope.

– Deus o abençoe, Sr. Rufus. – Nell sorriu para ele. – Claro que não está atrapalhando, é um prazer tê-lo aqui comigo. Deixe-me cobrir o bolo com isso e depois vou buscar as cartas de Hope para o senhor ler.

Na opinião de Nell, Rufus era o cavalheiro mais bonito e refinado que conhecera. Quanto à aparência, ele herdara o melhor de seus pais: os cabelos muito louros, os olhos de um azul vivo e a elegância. Ela gostava de pensar, no entanto, que os Rentons é que tinham influenciado seu caráter, pois ele era confiável, capaz e bondoso. Quanto à sua determinação e firmeza, estas deviam ter vindo de seu avô paterno, pois dizia-se que ele tinha sido uma força digna de respeito.

Rufus voltou a Oxford depois do enterro do pai, deixando a mãe com os Warrens em Wick Farm. Mas, na Páscoa, ele veio para casa e informou a lady Harvey que não voltaria para Oxford e que pretendia transformar a propriedade de Briargate em uma fazenda, não vender a terra como todos esperavam.

– Então, diga-me, senhor, como lady Harvey está passando? – perguntou Nell.

Sua antiga patroa ficara horrorizada quando Rufus lhe informou que os dois iam se instalar na casa do portão. Sua primeira reação tinha sido perguntar onde a governanta ia morar!

– Não me chame de senhor, Nell – disse ele com um sorriso. – Nem de Sr. Rufus, sou apenas Rufus agora. Quanto à minha mãe, ela ainda se queixa dos móveis antigos, do tamanho dos quartos e por ter que fazer tanta coisa por conta própria, mas acho que é apenas um hábito. Ela parece um pouco menos infeliz agora, e tornou-se uma boa cozinheira.

Ele pegou um pedaço de marzipã na mesa e o mordiscou com ar pensativo.

– Diga-me, Nell, acha que fui muito duro em fazê-la morar lá?

– Na minha opinião, ela teve sorte em *ter* um lugar onde morar – disse Nell com aspereza.

Os anos longe de Briargate a fizeram ver sua antiga senhora sob uma luz diferente. Ainda que se solidarizasse com lady Harvey pela perda de seu marido e de sua casa, não achava que

ninguém, por mais alta que fosse sua linhagem, deveria esperar que outros a sustentassem. Se a deixassem, lady Harvey teria ficado com os Warrens indefinidamente. Suas irmãs deram a entender que não a queriam na casa delas. E ela não tinha dinheiro para viver em outro lugar.

– Às vezes acho que eu deveria ter vendido as terras e comprado uma casa pequena em algum lugar como Bath. Sei que minha mãe teria preferido. – Rufus suspirou. – Mas eu teria que encontrar algum tipo de emprego, e o que eu poderia fazer exceto trabalhar num escritório ou algo assim? Precisei usar a maior parte do dinheiro deixado pelo meu avô para pagar as dívidas de meu pai, e achei que seria errado desperdiçar o resto ficando em Oxford enquanto minha mãe morava como se fosse uma parenta pobre em Wick Farm. Pelo menos assim ainda possuímos as terras e, se eu for bem-sucedido cultivando-as, talvez possa reconstruir Briargate, e um dia meus filhos tenham todas as regalias que eu tive.

– Você fez a coisa certa – disse Nell em tom decidido. – Matt acredita que você nasceu para ser fazendeiro, e não acho que lady Harvey teria sido mais feliz em Bath sem roupas finas, carruagens ou criados. Pelo menos, ela tem amigos no vilarejo, pessoas que se importam com ela. Se fosse meu filho, eu ficaria orgulhosa de você.

– Engraçado como as coisas acontecem – disse ele com um sorriso irônico. – Quando eu era pequeno, tinha muita inveja das crianças do vilarejo. Achava que tinham muito mais diversão e liberdade do que eu. Agora que tenho que trabalhar para viver, tudo me parece muito diferente.

Nell terminou de confeitar o bolo e levou-o para a despensa.

– A vida de todos nós foi virada de cabeça para baixo. Eu só queria que a polícia encontrasse Albert e o enforcasse. É como ter um dente podre. Você sabe que a dor vai continuar voltando até que ele seja arrancado.

– Ele não vai se atrever a voltar para cá – disse Rufus, tranquilizando-a. – Ele pode ser o que for, mas não é idiota.

– Não, mas era obcecado com o jardim de Briargate, e acho muito provável que volte para ver o que aconteceu com ele – disse Nell, baixinho.

– Então vai morrer de susto quando descobrir que desapareceu! – Rufus riu. – Passei o arado no gramado em novembro, e estou criando porcos onde costumava ser o jardim de rosas. Você devia vir dar uma olhada, Nell. Não só na fazenda, mas também na casa do portão. As cortinas que fez para nós ficaram lindas.

Nell balançou a cabeça.

– Não posso, Rufus, tenho lembranças ruins demais. Talvez quando Hope e o capitão voltarem para casa eu mude de ideia, mas duvido muito.

Nell mexeu a sopa enquanto Rufus lia as cartas de Hope. De vez em quando, ele ria de algo divertido e ela o encarava, perguntando-se como reagiria se um dia descobrisse que Hope era sua meia-irmã.

Mesmo orgulhosa e feliz por Hope ter se saído bem e se casado com um médico, o segredo de sua verdadeira origem preocupava Nell quase tanto quanto a perspectiva de Albert um dia aparecer.

Hope mencionava o capitão Pettigrew com muita frequência em suas cartas. Evidentemente Nell não havia mostrado a Rufus a primeira, em que ela explicava como Albert a tinha pego com a carta do capitão para lady Harvey, além de fazer várias referências ao caso de amor de ambos. Mas nas cartas subsequentes percebia-se nitidamente que ela criara laços afetivos com o capitão enquanto tratava de seus ferimentos.



As cartas de Angus mostravam que o afeto era mútuo e, embora o bom senso dissesse a Nell que a causa provável eram as respectivas ligações de ambos com ela própria, podia perceber que havia mais do que isso envolvido. Por um lado, dizia a si mesma que talvez devesse contar-lhes a verdade. Hope não tinha outro pai agora, o capitão não tinha outros filhos. Seriam um conforto um para o outro.

Por outro lado, havia Rufus. Ele poderia muito bem ficar tão encantado que sua amiga de infância fosse, de fato, sua meia-irmã que não faria caso da infidelidade da mãe. Mas ela duvidava que lhe agradasse descobrir que o capitão Pettigrew, um homem que conhecera durante toda a sua vida e que admirava, era o vilão da história.

Quando Nell recebeu a maravilhosa notícia de que o capitão encontrara Hope em Varna, foi direto à casa de Matt. O irmão transmitiu a informação a Rufus, que por sua vez contou a lady Harvey.

Lady Harvey conseguiu alguém para levá-la numa carruagem pequena até Nell no dia seguinte e tagarelou sem parar. Era difícil adivinhar o que realmente sentia: se era alegria que Hope estivesse viva e bem, pavor que sua culpa secreta estivesse prestes a ser exposta ou simplesmente ciúme por Nell receber cartas do capitão, e ela, não. Talvez fosse um pouco de tudo isso.

Nell não deu muita atenção à sua antiga patroa nesse dia. Estava tão cheia de alegria que sua espera de sete anos tivesse finalmente acabado que não ia permitir que ninguém estragasse seu humor. Lady Harvey saiu amuada, mas não sem antes choramingar sobre como a vida era difícil agora e como ela era incompreendida.

Poucos dias depois, toda a Inglaterra ficou abalada com a notícia da carnificina da Brigada Ligeira em Balaclava. Nell ficou fora de si enquanto esperava por notícias de Pettigrew e, mesmo quando soube que ele era um dos feridos, não conseguiu parar de se preocupar, pois o capitão poderia muito bem morrer em consequência dos ferimentos. Por fim, chegou uma carta dele dizendo que acabara de ser transferido do hospital onde Hope tinha suturado seus ferimentos e que estava tudo bem.

Nell deve ter lido essa carta umas cem vezes, chorando a cada vez. Tinha parado de ir à igreja depois que o reverendo Gosling, além de não demonstrar preocupação nenhuma com Hope, lhe disse que ela era uma pecadora por ter deixado Albert. Naquele dia, porém, ela foi à igreja em Keynsham e agradeceu a Deus. Mesmo então, com mais duas cartas do capitão e cinco de Hope, ela continuava inteiramente convencida de que havia sido a mão de Deus que reunira os dois, e que fora com um propósito que Ele logo revelaria.

– Imagine Hope costurando o capitão Pettigrew!

O comentário de Rufus tirou Nell bruscamente de suas reflexões. Ele parecia tão incrédulo, os olhos arregalados e inebriados pelo romantismo da guerra.

– Ah! E pensar que eu a ensinei a costurar. – Nell riu. – Mas ela faz tudo parecer tão sujo lá. Se é ruim assim, não sei como ela aguenta.

– Ela só está nos contando como as coisas realmente são. Pelo jeito, não acha que lorde Cardigan seja o herói que fomos levados a acreditar – disse Rufus, pensativo, os olhos em uma das cartas. – Ou que lorde Raglan seja um grande general! É espantoso que tantos soldados estejam morrendo de doenças, que passem fome, não tenham roupas quentes e nem mesmo abrigos apropriados.

– Ela sempre teve coração mole.

– Mas também sempre foi muito verdadeira, Nell – lembrou Rufus. – Tenho a impressão de que estamos recebendo uma imagem falsa por aqui. Como se atrevem a pôr a culpa de tantas mortes nos médicos, quando o erro foi de fato do governo, que não planejou esta campanha da maneira correta desde o início.

– Bem, sei que você lê todos os jornais e compreende o que lê. Eu não entendo nada.

– O que me parece é que eles glorificam a guerra. Não nos contam, como Hope faz, sobre os homens que desmaiaram de calor na marcha para Balaclava porque seus uniformes eram quentes demais, nem que não tinham nada para beber. Imagine, eles serem deixados lá para morrer porque não havia carroças para levá-los!

Nell franziu o nariz com desagrado.

– Não gosto dessas partes das cartas dela, quando fica se alongando sobre essas coisas.

– Então você é tão ruim quanto minha mãe – disse ele em tom desdenhoso. – Ela só se interessa por soldados quando eles estão uniformizados para uma revista de tropas e com a banda tocando.

Nell virou-se para a panela de sopa a fim de que Rufus não lhe visse o rosto, porque tinha medo de revelar seus sentimentos. Tinha certeza de que lady Harvey estaria ansiosa para ouvir as últimas notícias sobre o capitão quando Rufus voltasse para Briargate mais tarde. E veria os ferimentos do capitão Pettigrew como a desculpa perfeita para escrever para ele e tentar reconquistar seu coração.

Se conseguisse, como Nell ficaria?

1855

Hope limpou o gelo no interior da janela do hospital com o canto do avental e não pôde deixar de sorrir para a visão diante de seus olhos. A neve caíra durante a noite e, naquele momento, ao amanhecer, o porto estava lindo.

Os navios tinham se transformado em fantásticos barcos de contos de fadas, com cada cabo, viga e balaustrada levemente espargido de neve. Nenhuma pegada tinha ainda estragado a brancura virgem nos conveses; até as pranchas de acesso ao cais estavam cobertas por um espesso tapete branco.

Toda a horrível feiura, sujeira e miséria do cais estava encoberta. Caixotes, carroças, barris e outros volumes foram transformados em incríveis esculturas de neve. Os penhascos escarpados e íngremes próximos ao porto tinham a aparência de um merengue gigantesco.

A cena evocou lembranças de nevascas de sua infância. Ela quase podia ver Joe e Henry cheios de animação arrastando o trenó de dentro do galpão e discutindo sobre quem faria o primeiro passeio.

Eles a levavam no trenó até o vilarejo. Ela se agarrava à cintura de Henry enquanto ele dirigia na frente, com Joe empurrando-os até o trenó ganhar velocidade para ele saltar para dentro também, e desciam tão rápido pelo caminho que ela gritava com uma mistura inebriante de medo e alegria.

Hope permanecera no hospital a noite inteira, pois tinham feito várias amputações na véspera. Dois dos pacientes haviam sentido tanta dor quando saíram dos efeitos do clorofórmio que ela ficou relutante em deixá-los aos cuidados menos ternos dos serventes do hospital. Mas eles, como todos os outros pacientes, agora estavam dormindo, e a enfermaria estava cheia dos sons de roncoss, a respiração saindo como fumaça de suas bocas no ar frio.

Ela se afastou da janela ao som de passos do outro lado da porta e viu o marido entrando.

– Olhe como está bonito lá fora – disse enquanto caminhava até ele. – Foi divertido ser o primeiro a pisar na neve?

Ele dirigiu-lhe um olhar soturno.

– Desculpe, ousei falar com o eminente cirurgião – retrucou Hope com sarcasmo. – Foi por causa de uma noite sem mim para aquecê-lo? Ou apenas que ficou tão acostumado com a feiura que não reconhece mais a beleza?

– Se tivemos tanta neve aqui embaixo, imagine como está a situação lá em cima.

Isso não ocorrera a Hope, e ela se sentiu culpada por ele estar pensando nos soldados nas trincheiras enquanto ela recordava dias felizes de sua infância.

Hope não era de se desculpar, então começou a contar a ele como Pitt e Moore tinham passado durante a noite.

– Dei-lhes duas gotas de ópio por volta das duas da manhã – concluiu ela. – Eles se acalmaram depois disso.

Ele assentiu, e Hope teve que aceitar isso como confirmação de que aprovava ela ter

administrado a única droga de que dispunham que realmente trazia algum benefício.

– Você chegou muito cedo. Esperava que só viesse pelo menos daqui a mais uma hora.

– Não consegui dormir – disse ele. – E tinha algumas coisas que precisava fazer.

Seu tom era tão frio que Hope olhou para ele com mais cuidado e viu seus olhos pesados, como ficavam sempre que não dormia. Mas havia algo mais: sua boca estava contraída em uma linha rígida e reta, um sinal seguro de que estava preocupado com alguma coisa.

– O que foi? – perguntou ela. – O que aconteceu?

Ele tirou a touca e passou os dedos pelos cabelos, perturbado. Hope percebeu que estava tentando ganhar tempo.

– Vamos lá, conte logo – disse ela, incisiva.

– O tenente-coronel Lawrence veio me ver na noite passada. – Ele suspirou. – Por recomendação do Dr. Anderson, devo me reintegrar ao regimento no cerco de Sebastopol.

Hope perdeu o chão. O Dr. Anderson estava no comando do hospital e sempre gostara de Bennett e o apreciava.

– Por quê? – perguntou ela, ofegante. – Não entendo. Por que mandar um cirurgião tão experiente lá para cima?

Bennett deu de ombros.

– Ele não me deu motivo, mas é quase certo que alguém acha que fui favorecido por ficar aqui embaixo.

– Favorecido! – exclamou ela. – Trabalhando mais de dezesseis horas por dia!

Bennett deu uma risada tristonha.

– Eles fazem o mesmo lá em cima. Desconfio que ganhei a reputação de ser um incômodo, sempre reclamando sobre a falta de remédios e provisões para os doentes.

– O tenente-coronel disse isso?

– Não nessas palavras, mas insinuou isso.

– Imagino que você não possa recusar?

Mesmo tendo perguntado, ela já sabia a resposta. Uma ordem tinha que ser obedecida.

Hope teve uma vertigem com o impacto da notícia. Os três meses que se seguiram ao furacão tinham sido terrivelmente sombrios para os soldados que faziam o cerco. Ainda que os tiros tivessem sido esporádicos e vagos de ambos os lados durante esse período e não houvesse ataques reais, fazia muito frio, com chuva, granizo e neve. O *Prince*, ao afundar com todas as roupas quentes, botas e outros suprimentos de que tão urgentemente precisavam, tinha sido uma tragédia monumental, que se tornara ainda mais aparente quando o inverno se instalou.

Houve menos feridos durante aquele período de três meses, mas o número de doentes aumentou bastante. Tanto os médicos quanto os oficiais haviam feito inúmeras reclamações pelo fato de os homens passarem a noite inteira encharcados nas trincheiras e não terem roupas secas para trocar. Todos estavam exaustos pela falta de comida e pela fadiga de cavar trincheiras, construir fortificações e transportar equipamentos pesados até o alto das colinas. Depois de tudo isso, era desumano quererem ainda que dormissem no chão frio, embrulhados apenas em um sobretudo molhado e gasto.

Todos os que trabalhavam no hospital ficaram magoados ao descobrir que os jornais de seu país estavam atribuindo a alta taxa de mortalidade dos doentes e feridos à negligência médica. A chegada muito divulgada de Florence Nightingale e suas enfermeiras em Scutari e seus relatos sobre as terríveis condições parecia ter transformado cada repórter de meia-tigela em um especialista em hospitais.

Muitos dos médicos mais graduados de Balaclava ficaram indignados com o fato de que

fora necessária a presença de uma senhora bem relacionada com pouca experiência médica para estimular o governo a melhorar as condições existentes, quando seus conselhos profissionais, relatórios e pedidos de suprimentos haviam sido ignorados.

No entanto, todos continuaram a fazer o melhor que podiam, apesar de cada dia ser mais uma batalha perdida. Segundo eles, os doentes e feridos eram enviados para Scutari rápido demais, quando os pacientes estavam mais vulneráveis.

Por mais difíceis e, de modo geral, nada gratificantes que fossem as condições no hospital de base, eram muito melhores do que as dos hospitais de campo nos Heights.

Hope tinha feito duas vezes o percurso até lá com Bennett desde a temporada do Natal para levar curativos e remédios muito necessários, e o que eles tinham visto os horrorizara.

Todo o capim, arbusto e árvore tinha desaparecido, deixando apenas um vasto atoleiro enlameado salpicado de barracas. Os hospitais eram apenas grandes tendas, os feridos e os doentes tinham que deitar no chão, e os cuidados que recebiam eram apenas paliativos enquanto não fosse encontrado algum tipo de transporte para levá-los pelos longos dez quilômetros ladeira abaixo, até Balaclava. Às vezes, nas condições climáticas mais desfavoráveis, isso se fazia nas costas de seus companheiros.

Nenhum dos homens tinha a aparência de um soldado. Eram criaturas macilentas, abatidas e infestadas de piolhos, com barbas grossas e emaranhadas, muitas vezes usando chapéus estranhos e outras peças que não faziam parte do uniforme por cima do traje oficial sujo de lama e esfarrapado. Casacos e botas russas tinham sido tirados dos mortos em Inkerman, e alguns soldados de infantaria usavam japonas navais trocadas com marinheiros. Muitos enrolavam jornais velhos nas pernas ou no corpo e os prendiam com faixas para se agasalhar. Alguns nem sequer tinham botas, apenas sacos em volta dos pés. A higiene pessoal era impossível, pois a água tinha que ser içada a uma grande distância e era preciso lutar contra neve, gelo e chuva forte. O único combustível disponível eram raízes, mas poderia levar um dia inteiro para desenterrar apenas o conteúdo para a fogueira da cozinha. Como resultado, a carne salgada era muitas vezes comida quase crua e, sem dúvida, a responsável pelo aumento dos problemas intestinais. Apareceu o escorbuto, assim como a pneumonia e vários problemas brônquicos, e também houve muitos casos de ulceração causada pelo frio. A cólera desaparecera por enquanto, mas outras febres ainda eram igualmente predominantes.

O moral estava no fundo do poço. Muitos dos homens levados para o hospital diziam que prefeririam se arriscar a morrer em um ataque a Sebastopol a continuar com aquele cerco prolongado e aparentemente sem esperança. Contavam a Bennett que às vezes suas rações não chegavam e, quando o faziam, a carne salgada e o biscoito eram tão insossos que mal podiam comê-los. Hope sentia o desespero em todos os homens com quem falava.

– Você vai ficar aqui – disse Bennett, o tom severo na voz dando a entender que ela não devia discutir. – Pelo menos valorizam a sua ajuda no hospital.

– Eu não posso ficar na casa sem você. Não com todos aqueles homens.

– A Crimeia está cheia de homens onde quer que você vá – replicou ele com impaciência. – Pelo menos os que estão na casa são conhecidos. Não posso deixar você morrer congelada ou ser atingida por tiros.

– Eu vou com você! – repetiu ela, obstinada. Odiava a ideia de ir, mas odiava ainda mais a ideia de estar separada dele.

– Não, Hope. Deus sabe como eu gostaria de ter você ao meu lado, mas não lá. Não é lugar para uma mulher.

– Mas Queenie está lá e as esposas de outros soldados também.

– Não – retrucou ele, a testa franzida. – Seu trabalho é inestimável aqui. Vou poder descer de vez em quando e preciso saber que você está segura e confortável em nosso quarto à noite para poder me concentrar.

Ela entendeu então por que ele tinha ficado acordado a noite toda. Era com ela que estava preocupado. Seu próprio conforto não importava, provavelmente achava que devia aos homens de seu regimento estar junto com eles. Sabia que ela insistiria em acompanhá-lo, mas não podia permitir que ela se expusesse ao perigo.

– Já preparei a mala – disse ele. – Só vou esperar até poder transmitir a outros médicos detalhes sobre pacientes que tenho tratado. Por favor, não torne esta situação mais difícil para mim.

Hope respirou fundo e engoliu as lágrimas. Era, afinal, a esposa de um soldado e devia se comportar de acordo.

– Quem vai lavar sua roupa?

Bennett abriu um leve sorriso.

– Você. Vou trazê-las comigo quando vier visitar. Tenho certeza de que posso dar um jeito de sempre descer com os feridos. Agora, me dê um beijo antes que os pacientes acordem.

Foi um beijo agridoce, e Hope se agarrou a ele, tentando dissipar o medo. A fuzilaria tinha cessado com o inverno, mas ainda havia um ou outro franco-atirador que atirava a esmo. Vários médicos tinham morrido de doenças que apanhavam de seus pacientes porque a higiene era muito precária. E ela também sabia que Bennett iria protestar sobre a forma insensível com que o Exército tratava seus soldados rasos. Ele simplesmente não conseguiria ficar calado.

Porém, acima de seu medo por ele, ela também estava zangada com os oficiais superiores por permitirem que ciúmes banais influenciassem sua decisão. Bennett era um dos cirurgiões mais experientes e hábeis ali embaixo, e na sua ausência muitos morreriam. Qualquer um dos jovens médicos recém-saídos da faculdade de medicina e recrutados às pressas poderia aplicar torniquetes, fazer curativos de primeiros socorros ou colocar talas, pois isso era tudo o que se precisava fazer nos Heights. Ela tremia só de pensar que um desses jovens inexperientes poderia ser destacado para tomar o lugar de Bennett.

No início de março, um mês depois de Bennett ter sido enviado para os Heights, Hope saiu a pé da cidade para ver como ia progredindo a construção do trem do cerco. Era algo vital, pois os soldados não precisariam mais transportar eles próprios armas pesadas e munições até o front. Tinham trazido trabalhadores especializados em escavação e em construção de estradas e canais para acelerar o trabalho.

Hope estava contente por terem mandado gente da Inglaterra para aquela tarefa, e era bom ver homens grandes e vigorosos esbanjando saúde para variar, mas ela, como muitas outras pessoas, não concordava com o tratamento preferencial que recebiam.

Não era justo que lhes dessem grandes quantidades de carne fresca diariamente, enquanto os soldados não comiam nenhuma. Nem era certo que soldados já fracos e enfermos construíssem cabanas para esses trabalhadores, quando eles próprios dormiam em barracas com goteiras.

Mas Hope ficou satisfeita ao ver que tinham feito progresso. Os trilhos já haviam passado do vilarejo de Kadikoi, a quase três quilômetros da cidade e perto do acampamento da cavalaria. Em breve, chegariam ao quartel-general.

O último mês tinha sido o pior. Ela sentia muita falta de Bennett, preocupava-se com ele o tempo todo e sentia-se imensamente solitária.

Quando Bennett estava com ela, as pessoas apareciam para fazer uma visita, e eles às vezes também visitavam outras. Mas agora ela precisava ter muito cuidado. Não podia receber visitantes do sexo masculino por receio de mexericos a seu respeito, e as poucas mulheres ali ou eram tão enfadonhas que ela preferia contemplar o fogo da lareira a passar seu tempo com elas, ou tão arrogantes que tinha vontade de estapeá-las.

Bennett só conseguiu descer duas vezes, e em ambas estava tão exausto que adormeceu imediatamente depois de um banho.

Cartas de casa eram a única coisa que lançavam uma luz na escuridão. Nell escrevia toda semana e, apesar de nas cartas dela haver uma frustrante falta de detalhes sobre sua vida, só de olhar sua letra grande e infantil fazia com que Hope se sentisse amada. Matt havia escrito três vezes, também em nome de Joe e Henry, e Amy sempre comentava sobre mexericos do vilarejo nessas cartas.

As duas cartas de Ruth foram as mais divertidas. Ela escrevia bem, com boa letra, sobre seus três filhos, o marido e os dois enteados e sobre sua vida em Bath. Achava muito emocionante e via como uma grande aventura que Hope estivesse na Crimeia e contou que se gabava disso para os amigos. Via Nell com bastante frequência e disse que ela estava desabrochando, agora que sabia onde Hope estava. Mas foram os pequenos detalhes que Ruth colocou em sua carta que mais a agradaram: como o cabelo dela estava ficando grisalho e ela estava se tornando uma matrona, o que havia cozinhado para um jantar especial e coisinhas engraçadas que seus filhos diziam. Na segunda carta, terminou dizendo que tinham muito para botar em dia quando ela voltasse, e que sempre haveria um lugar para ela e Bennett em sua casa.

James escreveu sua única carta com grande pressa, mas foi caloroso, com promessas de outra assim que tivesse mais tempo. Manifestou sua alegria em saber que Hope estava a salvo e bem, e contou que estava casado com Joan, que tinha sido copeira em Littlecote. A filha deles tinha agora 4 anos; possuíam uma casinha na propriedade e um segundo bebê era esperado em breve. Gostaria que ela e Bennett fossem visitá-los quando voltassem para casa.

Alice e Toby escreveram uma carta conjunta apenas uma vez, e Hope teve a impressão de que fora por obrigação, porque Nell mandara. Ao mesmo tempo que isso a deixava um pouco triste, era compreensível. Eles haviam entrado juntos para o serviço doméstico em Bath quando Hope ainda era pequena, e tinham levado suas vidas bem afastados do restante da família.

Nenhum dos irmãos questionou sobre seu desaparecimento. Se fosse porque Nell já tivesse explicado ou porque não sentiam curiosidade, ela não sabia. Mas era bastante estranho passar tantos anos se preocupando com a reação deles e descobrir que não haveria nenhuma.

O trem do cerco impressionava. O grande motor no alto que puxaria o trem pela parte mais íngreme do percurso já estava no local. Ela só esperava que as pessoas que afirmavam que o trem aceleraria o fim do cerco estivessem certas, assim como esperava que a notícia sobre a morte do czar Nicolau no dia anterior pudesse trazer a paz.

Ver um tufo de flores crescendo à margem da estrada fez com que parasse e se aproximasse. Assemelhavam-se ao açafão e, como eram o primeiro sinal tangível da primavera e, de fato, as primeiras flores que via ali, ela se inclinou para colher uma.

– São quase tão bonitas quanto você, Hope!

Espantada ao ouvir seu nome, Hope levantou-se e virou-se, dando com Angus a cavalo sorrindo para ela. A última vez que o vira tinha sido em janeiro, quando ele estava transtornado de ansiedade porque os cavalos da cavalaria estavam morrendo de fome. Ela o vira mancando

estrada acima na direção do acampamento da cavalaria carregando um pesado saco de aveia nos ombros.

Agora, porém, parecia em forma e diabolicamente bonito, mesmo que sua calça vermelha estivesse inegavelmente desbotada, usada e salpicada de lama. Seu cavalo castanho estava muito magro e nem um pouco lustroso como ela se lembrava dele em Varna, mas foi um alívio ver que não tinha morrido durante aquele período pavoroso.

– Que bom ver você! – disse ela, e acariciou o focinho do cavalo. – E que bom ver que Brandy está tendo o que comer novamente. Como vão os ferimentos?

– Que ferimentos? – disse ele, desmontando.

Hope riu.

– Não ficaria bem pedir que tirasse a calça para eu ver a cicatriz – disse ela. – Mas dá para notar que não o estão incomodando.

– Graças a você, dedos de anjo. – O capitão beijou a mão dela. – Por que não está lá embaixo, costurando um jovem soldado que vai se lembrar do seu rosto até o fim dos tempos?

– Não é de admirar que lady Harvey tenha perdido a cabeça! – Hope riu. – Mas você precisa se comportar. Bennett foi mandado para junto do seu regimento nos Heights, portanto não seria conveniente eu atrair falatórios.

Puxando o cavalo, Angus voltou para o porto ao lado dela e falaram sobre a mudança de Bennett, a morte do czar e o enorme aumento do número de doentes entre janeiro e fevereiro.

– Nosso moral atingiu um nível mínimo histórico. Deveríamos ter atacado assim que chegamos aqui no ano passado. Lorde Raglan é uma mulher idosa, não consegue se decidir sobre coisa alguma. A demora serviu somente para dar tempo aos russos para construir fortificações melhores e conseguir mais suprimentos. Agora não temos quase nenhum homem em forma em todo o exército. Até o novo grupo que chegou em janeiro parece a esta altura tão mal quanto os antigos. Mas você, Hope, está cheia de viço! Por quê?

– Estou? – perguntou ela, surpresa.

– Com toda a certeza – disse ele, olhando-a com atenção. – Você tomou corpo. Encontrou alguma fonte de comida que está mantendo em segredo? Ou será que se pode esperar um feliz evento?

Ela se arrepiou e olhou estarecida para o capitão.

– Não é um feliz evento, então – disse ele, mas, quando ela não respondeu, o sorriso dele sumiu. – Ah, querida, fui muito presunçoso. Sinto muito, Hope, mas a considero quase como sendo da minha família. Você me perdoa?

Ele queria dizer, claro, que os homens não deviam comentar sobre coisas como gravidez. O susto dela, entretanto, não foi por causa do comentário, mas por subitamente perceber que poderia estar grávida.

Bennett tinha muito cuidado quando faziam amor, pois sem dúvida seria uma calamidade engravidar em um lugar como aquele. Ele sempre se retirava antes de ejacular, muitas vezes para decepção dela. Mas, na véspera de Natal, não o fizera.

Tinha sido uma noite encantadora, de temperatura quase agradável, com uma lua cheia grande e brilhante. Músicos de vários regimentos diferentes se uniram para tocar no cais. Os tocadores de gaita de foles dos Highlanders vieram também do seu acampamento. Durante aquela noite, o cerco foi esquecido. Ouviu-se música e cantorias dos russos vindo de dentro de Sebastopol, os franceses também estavam tocando seus instrumentos nos Heights, e nenhum tiro foi disparado de ambos os lados.

Os turcos mataram e assaram um boi. Havia garrafas de vinho, de vinho do porto, conhaque



e rum em profusão e Hope dançou com dezenas de homens, pois havia poucas mulheres. Ela se banhara e pusera o vestido cor-de-rosa usado na lua de mel, e Bennett estava lindo de uniforme. Lembrou-se de ter achado que o casaco verde dos Fuzileiros lhe dava um encanto libertino e ressaltava a cor dos seus olhos.

Estavam bem embriagados quando finalmente foram para a cama, e a cautela foi esquecida. Naquela noite, Bennett a transportou para lugares onde ela nunca sonhara estar. Só de lembrar sentia um arrepio de prazer na espinha.

Por mais que aquela noite tivesse sido mágica, logo depois eles foram atirados de volta à realidade. Janeiro foi o pior mês no hospital, um período sombrio e desesperado, com doentes chegando sem parar todos os dias. Não era de admirar que ela não soubesse se tivera suas regras naquele mês ou não.

– Hope? Diga-me que estou perdoado?

O pedido de Angus trouxe-a de volta ao presente.

– É claro que sim – disse ela, apressadamente. – Uma moça do campo como eu não tem fricotes quando um homem menciona essas coisas.

– Mas você ficou um pouco pálida...

– Ah, vamos falar de outra coisa – disse ela com impaciência. – Diga-me o que tem feito, faz tanto tempo desde a última vez que o vi. Nell lhe enviou mais pacotes de comida?

Ele recebera um grande bolo de frutas no Natal, do qual levou a metade para ela e Bennett. Nada poderia ser mais saboroso, pelo menos até que outro chegasse para Hope em meados de janeiro, juntamente com frascos de carne picada e temperada, vários tipos diferentes de conservas, luvas e cachecóis.

– Já deveria estar chegando algum outro para mim por esses dias – disse ele com seu jeito brincalhão de sempre. – Mas, claro, agora que ela tem você para enviar suas guloseimas, não tenho passado tão bem.

Continuaram sua caminhada, Angus fazendo observações sobre todas as melhorias na cidade. As condições tinham chegado a um nível intolerável, pois, além de toda a desordem habitual, centenas de turcos tinham criado uma favela horrorosa atrás da rua principal. Todos os detritos que produziam e os animais abatidos eram deixados ao redor, e uma enorme quantidade de doenças grassava em seu acampamento. Também não enterravam os mortos corretamente, e isso representara um grave problema de saúde pública.

Mas agora a via principal tinha sido limpa e macadamizada. Novos armazéns foram construídos e cabanas de madeira pré-fabricadas enviadas da Inglaterra tinham surgido por toda parte nas últimas semanas. O hospital também tinha sido ampliado com novas cabanas, e outras estavam sendo erguidas para os convalescentes junto ao antigo forte genovês no penhasco.

Angus continuou a falar sobre suas façanhas de caça na planície com alguns dos outros oficiais. Na ausência de raposas, perseguiam os muitos cachorros selvagens que vagavam pelos campos. Contou também que um dia encontraram um pequeno grupo de cossacos e lutaram contra eles, expulsando-os. A maneira como ele falava dava a impressão de que fazia parte do grupo de oficiais que Bennett mais desprezava; homens tolos, privilegiados demais, ricos e arrogantes que se comportavam como se ainda estivessem na Inglaterra. Mas Hope sabia que ele não era nada disso. Ela conhecera alguns de seus subordinados no hospital e sabia que dariam a vida por ele, pois o capitão se preocupava mais com o bem-estar deles do que com o próprio. Chegava a dividir o conteúdo dos pacotes recebidos de casa com seus soldados. Era entristecedor pensar que achava conveniente esconder seu verdadeiro caráter por trás de uma aparência de bufão.

Eles se separaram, e Hope entrou em casa para se trocar e pôr seu vestido velho do hospital. Porém, assim que entrou no quarto, sentou-se na cama e tentou lembrar quando tinham vindo suas últimas regras. Lembrava-se delas no início de dezembro, porque fora quando tinham se mudado para o quarto. Mas não conseguiu se lembrar de janeiro nem de fevereiro.

E, mais preocupante, agora que estava buscando provas, percebia que Angus estava certo em dizer que ela havia encorpado, porque suas roupas não estavam tão folgadas quanto no fim do ano anterior. Até aquele momento, achava que seria por estar comendo mais durante o tempo frio. O padeiro costumava lhe dar uma bisnaga inteira de pão, que Hope devorava com um pouco da geleia de Nell. Para dizer a verdade, ultimamente estava sempre com fome.

E ainda havia a reação a certos cheiros! O oficial ao lado fumava charutos, um cheiro que antes lhe agradava e que agora não conseguia suportar. O cheiro de excrementos de cavalos – algo com que convivera a vida toda – de repente ficou desagradável.

Seu estômago começou a se revirar de ansiedade. Se tivesse engravidado no Natal, agora devia estar com bem mais de dois meses! Quando a barriga aparecesse, seria enviada para casa, e Bennett não teria permissão para ir junto.

E se ele fosse morto, ou se ficasse doente e morresse? O que aconteceria com ela?

Hope descartou essa possibilidade. Nell a ajudaria, assim como o tio Abel e Alice. Não queria se separar de Bennett. Já era bem ruim a situação atual, mas ele estava a poucos quilômetros de distância. Quem cuidaria dele se ela fosse despachada para casa?

Apanhou o espelhinho que Gussie lhe dera tantos anos antes e segurou-o ao lado do corpo para se ver de perfil. Seu abdômen estava tão plano quanto sempre fora, quem sabe estivesse enganada. Era melhor não pensar mais naquilo.

À medida que março avançava lentamente, Hope descobriu que não podia mais ignorar seu problema. Cada dia que passava ficava mais claro que ela estava realmente grávida, e não sabia se encarava o assunto com medo ou alegria. Tinha amado cuidar dos bebês recém-nascidos na enfermaria da maternidade em St. Peter. Só de pensar em segurar o seu bebê nos braços seu coração derretia. Mas o fato é que aquele não era nem o momento nem o lugar para dar à luz.

Outros homens talvez não mostrassem interesse por seus filhos até que eles pudessem andar e falar, mas Bennett era diferente. Ele ia querer ajudar o filho a nascer e estar com ela o tempo todo. Detestaria ter que mandá-la para casa sozinha, mas ficaria aterrorizado se o bebê nascesse ali por causa de todas aquelas doenças. Se lhe contasse sobre a gravidez, ele ficaria preocupado, e isso afetaria seu trabalho.

Então Hope resolveu manter segredo. Chegaram notícias de que no início de abril haveria um enorme bombardeio em Sebastopol, tanto do Exército quanto da Marinha. Ela viu mais grandes canhões sendo trazidos e grandes quantidades de munição. Com sorte, a ofensiva poderia acabar com o cerco e todos iriam para casa.

Hope sonhava acordada o tempo todo com a volta para casa. Não só para ver a família, ou a Inglaterra na primavera. Queria voltar à rotina, saber o que esperar a cada dia, pois tudo ali era desorganizado e desconcertante.

No fim de março, quando o clima começou a esquentar, todas as roupas de inverno destinadas às tropas que haviam permanecido em armazéns por semanas foram finalmente distribuídas aos soldados, e cabanas de madeira substituíram as tendas do hospital de campanha. Bennett informou que os homens ficaram encantados por enfim ter novas botas, camisas, meias e ceroulas de flanela, mas ficaram um tanto confusos com os pesados casacos de inverno de que

não precisavam mais. Novos leitos também chegaram ao hospital, com colchões e até alguns lençóis para as camas.

Hope teria apreciado essas melhorias se de repente não tivesse sido transferida para uma das novas cabanas na parte de trás do hospital. Quase todos os pacientes ali eram estrangeiros, turcos, poloneses, armênios, croatas e alguns russos, e ela desconfiava que tinha sido mandada para lá por um motivo semelhante ao que fizera Bennett ser levado de volta ao seu regimento.

Logo depois que o marido se foi, ela percebeu que alguns dos médicos se tornaram bastante rudes: não respondiam quando ela fazia uma pergunta, afastavam-se quando ela entrava na enfermaria e chamavam um servente do hospital para ajudá-los no lugar dela. Era possível, é claro, que sempre tivessem antipatizado com ela; afinal, não era uma dama como a Srta. Nightingale, ou a esposa de um soldado comum, a quem poderiam pedir que fizesse o trabalho mais grosseiro. Se tivesse sido este o motivo, eles tinham disfarçado bem enquanto Bennett estava presente.

Parecia-lhe que, enviando-a para uma enfermaria onde ela não poderia se comunicar com ninguém e onde poderia ficar assustada, esperavam que ela deixasse o hospital.

Intimidadora era a melhor palavra para definir a nova enfermaria, pois os pacientes eram os homens mais rudes, muleteiros ou operários. A maioria tinha sofrido algum tipo de acidente de trabalho ou estava doente e, como eram civis, não podiam ser levados para Scutari. Por não falarem inglês, o médico de plantão precisava ter um intérprete consigo quando fazia as rondas.

Entretanto, se ciúmes ou preconceitos mesquinhos contra as mulheres estivessem por trás daquilo, Hope não tinha intenção de deixá-los vencer sua patética cruzada. Ao mesmo tempo que se sentia incomodada por alguns dos hábitos imundos dos homens, e praticamente todos eles estavam infestados de parasitas, eles não eram piores do que alguns dos pacientes em St. Peter. Ela conseguia lidar muito bem com a linguagem gestual, e muitas vezes ficava contente por não ter que conversar, tendo tanta coisa na cabeça. Era uma enfermeira e continuaria trabalhando até o momento em que decidisse sair. Os pacientes eram mais importantes do que umas poucas pessoas intolerantes.

Bennett não ficou muito satisfeito quando viu para onde ela havia sido transferida, mas como ele só descia uma vez por semana com os pacientes que iam ser enviados para Scutari e tinha que retornar aos Heights no mesmo dia, não teve tempo para investigar.

Ele estava mais feliz agora que tinha seus pacientes em uma cabana, e otimista de que poderia lidar com os surtos de escorbuto porque conseguira obter suprimentos de suco de limão. A cólera voltara a aparecer entre os soldados, mas ele acreditava que agora, com o clima e as rações tendo melhorado, a saúde melhoraria de modo geral no acampamento.

Num fim de tarde, quando pegara um cavalo emprestado para voltar ao cerco, Hope perguntou se poderia ir com ele. Naquela tarde, eles tinham visto escadas de sítio e croques serem descarregados de um navio, então ficou evidente que, juntamente com o bombardeamento planejado, haveria também um ataque às fortificações de Sebastopol.

Ela não insistiu, apenas observou que poderia ser muito mais útil a ele no hospital de campo do que ali.

– Não posso concordar – disse ele, segurando um dos cachos de Hope para enrolá-lo em torno de seu dedo. – Será muito perigoso assim que começar.

A suavidade de seu tom de voz e a maneira desejosa como a olhava era prova de que ele estava hesitando. Talvez não se sentisse tão convencido de que ela estivesse totalmente a salvo ali também, não em uma enfermaria cheia de estrangeiros rudes.

Por um instante, ela teve vontade de suplicar, tentada a desabafar sobre como se sentia

isolada, como os dois serventes de sua enfermaria eram ríspidos, dizer que não podia conversar com os pacientes e que achava que estava sendo perseguida como ele fora.

Mas se conteve a tempo. Se começasse a contar algumas coisas, o resto certamente se seguiria e, assim que ele soubesse sobre o bebê, nunca mais teria paz de espírito. Um bombardeio iria resultar em muitos feridos e ele precisava estar com a cabeça fria. Não era justo acrescentar mais um peso aos seus encargos.

– Você tem razão, é claro – disse ela, com mais coragem do que sentia. – Tenho mesmo que ficar aqui; é só porque sinto tanto a sua falta...

Ele a envolveu em seus braços, segurando-a com tanta força que ela mal podia respirar.

– Sinto sua falta também, querida, mas não será por muito tempo. Com todo o poder de fogo que temos desta vez, Sebastopol não tem nenhuma chance.

Em 8 de abril, Hope estava limpando a ferida de um trabalhador croata. Ele havia machucado a mão ao descarregar um navio e não havia procurado nenhum tratamento até a mão estar tão gravemente infeccionada a ponto de precisar ser amputada. Ela sentiu seu paciente ficar tenso e os olhos dele se dirigiram para a porta. Quando ela se virou para ver quem chegava, percebeu que era Angus.

– Me dê um momento! – gritou ela.

Ele ignorou o pedido.

– Está sozinha aqui? – perguntou ele, com extrema preocupação em seus olhos escuros.

– Sim, por enquanto. Os serventes estão recolhendo as rações.

Em silêncio, ele a viu limpar a ferida; então, quando ela começou a fazer o curativo, ele se aproximou e disse algo ao paciente, presumivelmente na própria língua do homem, e pareceu amedrontá-lo.

– O que disse a ele? – perguntou ela. – E como sabe falar croata?

– Sei algumas frases úteis em muitas línguas diferentes. – Ele deu um sorriso afetado. – Fiz uma advertência de que, se alguém aqui a incomodar, ele terá que responder por isso.

– Isso não é necessário – disse ela com ar zangado.

– É sempre necessário dar esses avisos aos homens quando uma mulher bonita parece estar sozinha. De quem foi a ideia de enviá-la para esta enfermaria, Hope? E por quê?

Hope deu de ombros.

O rosto dele ficou sombrio.

– Não é de admirar que os jornais ingleses estejam cheios de relatos de caos e má gestão por aqui! Qualquer servente poderia cuidar desses homens. Você deveria estar onde é mais importante.

– Estes homens também são importantes – replicou Hope, indignada.

– Na minha opinião, eles deveriam estar no fim da fila para tratamento, atrás de nossos soldados – disse ele ríspidamente. – Mas, de qualquer maneira, você não foi mandada para este lugar para benefício deles. Quem quer que tenha sido o idiota que tomou essa decisão, tomou-a por despeito.

– Pode ser... – Hope estava muito consciente de 25 pares de olhos a observando com atenção e esperava sinceramente que não tivessem noção do que eles estavam falando. – Mas estou aqui agora e vou fazer o melhor que puder até que Bennett me deixe ir com ele para os Heights.

– É melhor ficar longe daquele lugar – disse ele, alarmado. – O baile vai começar amanhã.

Hope riu do gracejo para descrever o bombardeio.

– Eu não estava pensando em ir ao baile. Pensei mais em ajudar com a limpeza depois.

– Você deve ficar aqui em Balaclava – disse ele com veemência, enfatizando a ordem com um dedo apontado para ela. – Nell vai mandar me enforcarem, arrastarem e esquartejarem se algum mal acontecer a você.

Como previsto, o bombardeio começou de fato no início da manhã seguinte. Foi um dia úmido e desagradável, que se tornou ainda mais deprimente com a perspectiva de que em breve os feridos começariam a chegar. Hope, isolada nos fundos do hospital, só ouvia os estrondos, estalos e sons sibilantes, cheia de medo, desejando ter alguém com quem compartilhar sua ansiedade por Bennett.

Dia e noite, o bombardeio prosseguiu, incessante. Em intervalos de poucos dias havia uma trégua de umas duas horas para que os mortos pudessem ser sepultados, mas, de acordo com o fluxo de baixas que chegavam ao hospital, Sebastopol ainda não havia caído.

Correu um boato de que o general russo Menshikoff estava morto, confirmado dias depois, e as pessoas se alegraram com a possibilidade de que isso acabasse com a guerra. Mas os russos continuavam disparando suas armas, os feridos continuavam chegando, e agora a conversa mudara para um ataque completo à cidade. A crença geral era que, se os disparos não podiam derrubar Sebastopol, isto teria que ser feito com baionetas.

Hope estremecia com essa ideia, pois a luta corpo a corpo significaria ainda mais carnificina. Enquanto isso, os jornais enviados de casa diziam-lhe que lorde Cardigan havia chegado à Inglaterra e fora recebido como herói. Ela mal podia acreditar no que lia: que a foto dele estava em todas as vitrines, sua biografia em todos os jornais. Tinham até copiado seu casaco de lã e o chamavam de “cardigã”.

Era esse o homem que ficara instalado em seu iate enquanto seus soldados tremiam de frio em barracas na planície e seus cavalos não tinham nenhum abrigo. Quando os cavalos estavam morrendo de fome e a intendência declarou que não havia transporte para levar forragem para os animais e que ele deveria mandar buscá-la ou fazer os cavalos descerem para se alimentar, Cardigan se recusou a fazer qualquer dessas coisas. Insistiu obstinadamente em manter seus homens e seus cavalos prontos para conter um ataque russo. Os soldados tiveram que impedir os cavalos de comer as correias das bridas e as caudas uns dos outros, enterrados até os joelhos na lama, o vento cortante chicoteando seus corpos emaciados. Os soldados não podiam nem sacrificá-los para acabar com seu sofrimento, pois Cardigan tinha dado uma ordem de só abater a tiros os que tivessem ossos quebrados.

Às vezes, os cavalos demoravam três dias para morrer, agonizando deitados na lama, pois ninguém se atrevia a desafiar Cardigan matando-os e correr o risco de ser chicoteado como punição. No entanto, as pessoas na Inglaterra achavam que aquele idiota empolado, cruel e egoísta era um herói.

Hope sabia que os verdadeiros heróis desta guerra ainda estavam lá, cheios de piolhos, magros e cansados, combatendo nas trincheiras ou deitados em uma grande enfermaria em Scutari com membros faltando.

A cada dia que passava, Hope via que os médicos na unidade principal de admissão estavam no limite de sua resistência por causa da quantidade de feridos, e sua frustração crescia. Como Angus havia observado, os serventes poderiam facilmente cuidar dos homens da enfermaria onde estava, mas, mesmo que tentasse, não conseguiria obter permissão para deixá-los e ir ajudar os feridos que chegavam.

O mais desconcertante era que não conseguia descobrir quem estava tão decidido a mantê-la a distância. Dava para notar no rosto cansado de todos os médicos que a ajuda dela era bem-vinda, porém, sem exceção, repetiam obstinadamente que tinham ordens de só permitir que pessoal do Exército trabalhasse em enfermarias críticas.

No início de maio, Hope chegou à sua enfermaria às seis da manhã e às oito tinha terminado todas as suas tarefas. As rondas médicas regulares ficaram no passado, agora que o hospital estava lotado, mas, ao encontrar um paciente, um polaco, com uma ferida infectada, foi procurar um médico, deixando os serventes distribuindo o mingau para o desjejum.

Entrando no hospital principal, deparou-se com uma cena que lembrava muito o seu primeiro dia ali. Era um caos, um imenso afluxo de homens ao mesmo tempo. Soldados trazidos em macas tinham sido colocados no chão porque não havia mais camas livres para acomodá-los, cada curativo de campanha que via estava ensanguentado, homens vomitavam no chão, outros se contorciam e gritavam de dor. Quase todos tinham o rosto enegrecido pela pólvora.

Quatro cirurgiões estavam trabalhando na sala menor da enfermaria principal, removendo balas, estilhaços e realizando amputações, enquanto os assistentes administravam o clorofórmio. Mas a maioria desses serventes visivelmente não tinha ideia do que deveria fazer.

Hope hesitou por alguns segundos. Sabia que todos no Exército deviam obedecer às ordens, ao ponto da insanidade, como no caso da fatídica Carga da Brigada Ligeira. Entretanto, lembrando que era de fato uma voluntária, concluiu que ninguém tinha o direito de lhe dizer o que poderia ou não fazer.

Respirando fundo, assumiu o controle.

Primeiro, fez os serventes removerem os soldados que foram admitidos alguns dias antes e já haviam sido operados para uma das enfermarias menos cheias. Depois, instalou os feridos recentes nas camas livres, limpando a maior parte do espaço no chão. Enquanto um servente era incumbido de limpar o chão, ela instruiu outros a dar água aos feridos, tirar seus uniformes imundos e banhá-los.

– Talvez não possamos tirar a dor deles – explicou. – Mas, ao limpá-los e tentar deixá-los mais confortáveis, nós os tranquilizamos com a certeza de que nos preocupamos com eles e que serão atendidos em breve por um médico.

Os médicos passaram por ela durante toda a manhã, a maioria reconhecendo sua presença com um aceno de cabeça ou uma breve saudação, mas muitas vezes havia um sorriso caloroso e agradecido. Ela continuou lavando os homens, dando-lhes de beber ou ajudando-os se estivessem vomitando. À medida que os pacientes eram trazidos de volta das cirurgias, ela os verificava regularmente, oferecendo urinóis e frascos de água.

Às duas da tarde, tudo estava novamente sob controle e, depois de instruir os serventes, ela voltou para a própria enfermaria.

Quando abriu a porta, sentiu-se gelar, pois o Dr. Truscott estava examinando o homem para quem ela fora buscar ajuda naquela manhã. O médico lhe lançou um olhar ameaçador.

– Onde você estava?

Truscott tinha chegado a Balaclava algumas semanas depois que o hospital de base havia sido instalado, de modo que não se acostumara a vê-la ajudar os pacientes em Varna, como

muitos outros médicos. Hope sempre soubera que ele não aprovava a presença de mulheres em hospitais regimentais; já fizera muitos comentários mordazes sobre ela antes.

Era um homem grande e arrogante de 60 anos com um bigode enrolado que acreditava que o alcance da assistência médica nos dias da Guerra Peninsular era bastante adequado para aquela guerra em curso. Bennett o considerava um cirurgião capaz, mas muito ultrapassado em suas técnicas. Nos últimos meses, mal tinha sido visto no hospital; de acordo com boatos maldosos, ele saía muito para andar a cavalo.

– Fui procurar um médico para ver o ferimento desse homem. Mas estavam precisando tanto de ajuda com os feridos recém-chegados que fiquei por lá.

– Então a vida desse homem não era importante para você?

Hope estava certa de que a infecção do polonês era apenas leve, e que um atraso de poucas horas não causaria nenhum mal.

– Claro que sim, senhor – respondeu ela. – Mas havia homens com ferimentos muito mais graves no hospital principal.

– Agora é você que decide quem precisa de assistência médica, é?! – gritou ele. – Desertar de seu posto durante o serviço é uma ofensa muito séria!

– Não desertei de meu posto. Estava apenas prestando assistência em outro lugar – disse ela, a raiva aumentando.

Ela gostaria de ter falado primeiro com um médico sobre o ferimento daquele polonês, mas, mesmo que o tivesse feito, sabia que nenhum deles teria interrompido o que estava fazendo para tratar algo que consideraria trivial.

– Além do mais, acho difícil ser acusada de deserção quando sou apenas uma voluntária.

– Não vou tolerar insubordinação! – rugiu ele, fazendo com que todos os homens da enfermaria se virassem para olhar. – Você sabe quem eu sou?

Ela ficou tentada a retrucar “Um imbecil”, mas se conteve.

– Sim, o senhor é o Dr. Truscott.

– Com mais de trinta anos de experiência em medicina! Não há lugar para mulheres em hospitais regimentais. Que tipo de molenga é seu marido para trazê-la para cá com ele? E depois impingi-la a nós!

De repente e sem aviso prévio, o cirurgião estava se debatendo, pois um homem tinha se esgueirado por trás dele e encostara uma faca em sua garganta.

Hope arquejou, estarecida. Ela não tinha visto Asiz, o pequeno croata, sair da cama e se aproximar de modo sorrateiro. Era apenas um pouco mais alto do que ela, enquanto Truscott tinha mais de 1,80 metro de altura, mas a faca parecia muito afiada. Ele não era o homem a quem Angus fizera a advertência, mas obviamente todos os croatas tinham tomado aquilo como uma ordem para proteger sua enfermeira de qualquer homem que a ameaçasse.

– Asiz, não! – gritou ela.

Mas Asiz não baixou a faca e todos os outros homens estavam saindo das camas ou, se estavam em condições, sentando-se e gritando em sua própria língua.

– Você causou isso! – disse Truscott, o rosto muito vermelho. – Tire-o de cima de mim.

Hope foi para trás dele e, por meio de sinais, fez Asiz compreender que estava bem, segurou-o pelo braço e o levou de volta para a cama. Pousou um dedo em seus próprios lábios para indicar aos outros pacientes que ficassem calados.

– Quero você fora deste hospital neste minuto! – disse Truscott, esfregando o pescoço como se estivesse convencido de que fora cortado. – Claramente não é alguém de confiança.

Hope relanceou os olhos pela enfermaria. Os homens tinham se calado, mas estavam

assistindo e esperando. De repente, percebeu que deveria ter sido Truscott o responsável por seu destino e, sem dúvida, um dos serventes tinha sido convencido a agir como delator.

Era tentador dizer-lhe quanto estava sendo infantil. E perguntar por quê, sendo um médico tão importante, não estava lá fora tratando dos feridos graves. Mas isso provavelmente causaria problemas para Bennett e, se ela exasperasse Truscott ainda mais, poderia levar os homens a atacá-lo.

– Muito bem, senhor – disse ela e, mordendo o lábio para não o chamar de nenhum dos nomes que Betsy lhe ensinara, saiu da enfermaria de cabeça erguida.



O suor escorria de Hope em profusão quando alcançou o alto do caminho íngreme que levava aos Heights. Eram apenas seis da manhã, e o ar continuaria fresco até o sol se levantar mais no céu, mas era uma subida difícil e sua mala estava pesada.

Durante dois dias inteiros, tinha ficado fechada no quarto, com raiva, frustração e muitas vezes chorando, mas certa de que alguém acabaria vindo pedir que voltasse ao hospital.

Ninguém veio, contudo, nem mesmo os poucos jovens médicos e serventes que tinha por amigos. Por fim, concluiu que não seria apenas por temerem o Dr. Truscott, mas muito provavelmente porque nunca a aceitaram.

A presença de enfermeiras em hospitais militares era encarada com desaprovação generalizada. Quando se soube que Florence Nightingale estava indo para Scutari, Bennett contou que quase todos os médicos mais velhos se mostraram indignados. Talvez a única razão pela qual Hope fora tolerada durante todo aquele tempo fosse por ter provado ser útil em Varna e porque era a esposa de Bennett.

No entanto, o que quer que Truscott e os outros que o apoiavam tivessem contra ela, era um ato de estupidez monumental dispensá-la exatamente quando o hospital estava tão sobrecarregado.

Sendo assim, naquele dia ela partira para se juntar a Bennett no hospital de campanha da Brigada de Fuzileiros.

Estava assustada, preocupada com a reação de Bennett, com a maneira como seus colegas oficiais encarariam sua atitude e como seria morar de novo num acampamento. Em Varna tinha sido muito diferente: todos estavam esperando para ser transferidos e, quando as pessoas adoeceram, ficaram gratos por ela poder ajudar, independentemente de quem fosse.

Ninguém havia previsto que daí a um ano metade deles teria morrido ou estaria ferida. Lembrou-se do entusiasmo quando finalmente o navio saiu da Bulgária, todos tão certos de que todas as doenças tinham ficado para trás e que estariam de volta em casa a tempo para o Natal.

Será que estariam em casa para o próximo Natal?

Sentou-se em uma pedra para recuperar o fôlego, olhando para o porto lá embaixo, lágrimas de ansiedade enchendo-lhe os olhos. Estava com quatro meses de gravidez e, apesar de suas roupas esconderem a barriga cada vez maior, isto não seria possível por muito mais tempo. Bennett perceberia logo a verdade e ficaria zangado por ela não lhe ter dito antes.

Virou-se ao ouvir vozes masculinas e enxugou apressadamente as lágrimas. Alguns soldados vinham em sua direção carregando gabiões, os curiosos cestos em forma de funil que eram enchidos com terra e usados na construção de defesas. Imaginou que talvez estivessem procurando raízes e lenha para as fogueiras.

Não era possível distinguir a qual regimento pertenciam, pois não estavam usando nada que se aproximasse de um uniforme, apenas calças escuras e camisas soltas sujas, ambos com barba escura e espessa e cabelos compridos desgrehados.

Um deles perguntou se ela havia se perdido.

– Não, estou apenas descansando depois da subida!

Levantou-se e caminhou até eles para explicar que iria encontrar seu marido.

– Siga por lá – disse o mais alto, apontando na direção do mar, onde ela avistava barracas e cabanas a distância. – Se continuar neste caminho aqui, vai chegar às trincheiras e pode ser perigoso.

Hope seguiu na direção que eles tinham aconselhado, mas, quando se aproximou do acampamento, ficou confusa. Nada parecia o mesmo de quando passara por ali com Bennett.

É verdade que era um dia cinzento de inverno e havia apenas um mar de lama e barracas. No momento, não conseguia se orientar porque o sol fazia tudo parecer diferente e, com todas as novas cabanas e até umas nesgas irregulares de grama crescendo de volta, ela não reconhecia nada. Lembrava-se de que antes a tenda grande do hospital se destacava de todo o resto e não ficava longe das trincheiras. Quando a substituíram por uma cabana, teriam instalado no mesmo local ou bem perto?

Arrependeu-se de não ter contado aos soldados quem era seu marido e a qual regimento pertencia, pois talvez soubessem encaminhá-la direto a ele. Seus pés latejavam com a longa caminhada, o braço doía por causa do peso da mala e ela não queria andar até o final do acampamento e ser obrigada a voltar.

Parando por um momento e protegendo os olhos do sol, estudou a disposição do acampamento. Para a esquerda estavam as defesas russas – de vez em quando uma rajada de tiros vinha de lá e finas nuvens de fumaça pairavam no ar da manhã. Muito mais perto, ainda à sua esquerda, eram as trincheiras britânicas, não que pudesse avistar muito mais do que montes de terra de onde estava. Nem sabia se estavam ocupadas porque não podia ver ninguém e não havia resposta ao fogo russo.

Mais perto ainda havia barracas, cabanas e muitos homens, carroças, cavalos e mulas. Uma das cabanas era maior do que todas as outras, e ela pensou que talvez as carroças estivessem carregadas com feridos para descer ao hospital de base.

À sua direita ficava o resto do acampamento, estendendo-se até o acampamento francês, onde estava ocorrendo pesada fuzilaria.

À frente havia uma grande área aberta com um mastro de bandeira que ela não se recordava de ter visto anteriormente. Tinha certeza de que, se tivesse passado por ali com Bennett a caminho do hospital de campanha, ela se lembraria daquele mastro.

Então seguiu para a esquerda, indo na direção da cabana maior. Só quando estava perto da primeira fileira de barracas é que reparou como ficavam próximas umas das outras, cordas de retenção e cavilhas formando uma pista de obstáculos pela qual ela não podia passar. Conseguiu encontrar um caminho em um ponto, depois foi parar em outra fileira exatamente igual, em seguida em outra. Não havia soldados ali, nada além de barracas e mais barracas, e ela não enxergava mais a cabana que queria alcançar.

Quando começava a perder as esperanças de sair daquele labirinto, esgueirou-se entre duas barracas e saiu em um caminho com nada mais à sua frente a não ser as trincheiras. Alguns soldados levando uma carreta com seu canhão estavam trezentos metros mais abaixo e ela começou a caminhar na direção deles.

De repente, ouviu alguém gritar atrás de si:

– Sra. Meadows!

Ao se virar, viu Robbie, o marido de Queenie, com um grupo de outros fuzileiros que ela reconheceu.

Era bom ver rostos conhecidos e ela parou, esperando que eles a alcançassem. De repente, uma explosão de tiros veio das linhas russas. Os homens correram abaixados em busca de

cobertura, mas, espantada, ela viu Robbie girar e tombar para trás, deixando cair o rifle e segurando a coxa.

Ela nunca vira ninguém ser alvejado antes, e por um segundo não percebeu o que acontecia até ele cair no chão.

Os outros fuzileiros imediatamente começaram a atirar na direção dos russos. Mas Hope viu, assustada, que Robbie estava na linha de fogo do inimigo. Via o sangue jorrando no chão ao lado dele enquanto tentava rastejar para fora do alcance dos tiros, porém não ia conseguir sair dali sozinho.

Sem parar para pensar, Hope largou a mala e correu para ele.

– Afaste-se! – gritou Robbie quando a viu chegando.

Mas Hope ignorou a ordem, chegou até ele e o deitou de costas.

Uma bala zuniu perto da sua orelha, tão perto que sentiu o seu calor, enquanto segurava os braços de Robbie e o arrastava para trás em direção à fileira de barracas.

Era um homem grande e pesado, e foi como se seus braços estivessem sendo arrancados dos ombros, mas ainda assim ela insistiu, ignorando mais uma bala que passou perigosamente perto.

– Estamos fora de alcance agora? – perguntou ela sem fôlego quando atravessaram a primeira fileira de barracas.

– Pensei que estivéssemos fora do alcance lá – disse ele com voz fraca. – Eles devem ter se aproximado, mas acho que aqui estamos bem.

Hope estendeu-o no chão. Sua coxa era uma massa ensanguentada, mas com a calça era impossível avaliar a extensão do ferimento. Hope arrancou uma faixa do vestido para fazer um torniquete e apertou-o acima da ferida, depois se levantou para tirar a anágua e usá-la para estancar o sangramento.

Os disparos continuavam e, enquanto segurava o pano em cima da coxa ferida de Robbie, Hope olhou freneticamente em volta em busca de ajuda. Vendo um soldado mais abaixo na fileira de tendas, ela se levantou num salto e gritou para ele, acenando com os braços.

Uma ferroada quente atingiu seu braço esquerdo. Ela caiu ao lado de Robbie, pressionando o braço com a mão direita.

– Droga, também fui baleada!

A ferida ficava entre o cotovelo e o pulso, uma tira rubra de carne ensanguentada de cinco centímetros de largura, debaixo de um buraco na manga de seu vestido azul. Já vira centenas de feridas muito piores sem nem pestanejar. Não doía muito, mas a visão fez ela se sentir prestes a desmaiar.

– Espero que o soldado traga alguém – disse ela, sem forças. – Acho que não vou poder mais ajudar você, Robbie. Afrouxe o torniquete em um minuto, depois o aperte novamente.

– Hope! Acorde!

Bennett salpicou água fria no rosto da esposa, depois arrancou o que restava da manga do vestido no braço ferido.

– É você, Bennett? – murmurou ela debilmente, com os olhos ainda fechados.

– Sim, sou eu. Você está no hospital. Você desmaiou.

– Robbie está aqui também?

– Sim, ele também está aqui. Bem ao seu lado. Abra os olhos e você o verá.

Bennett achou que fosse desmaiar. Ouvira os tiros, mas não havia nada de incomum nisso, então mal tirou os olhos do que estava fazendo. Aí alguém gritou que havia dois baleados e um era uma mulher. Por alguma razão inexplicável, instintivamente soube que era Hope.

O fuzileiro Tomlinson já a estava carregando para o hospital quando Bennett correu para buscá-la.

Estava tão sem vida nos braços do homem, os cachos escuros caindo em cascata e o rosto branco como cera, que por um momento terrível pensou que estivesse morta.

– Acho que ela apenas desmaiou, senhor – disse Tomlinson. – Foi alvejada no braço. Ela arrastou Robbie para longe dos tiros. A coisa mais valente que já vi.

Nos dois segundos antes de se recompor para pegar Hope dos braços de Tomlinson e ver que a ferida era pequena, Bennett sentiu uma espécie de pontada de dor incandescente percorrer todo o seu corpo.

Como médico, sabia que qualquer um, mesmo sua amada esposa, poderia ser vítima de uma doença, mas nunca imaginara que seria alvejada. Ele próprio muitas vezes escapara por pouco, porém ele e seu assistente frequentemente precisavam correr sob a fuzilaria para recolher feridos.

– Vamos, querida, abra os olhos – disse ele com ternura, afastando-lhe os cabelos do rosto.

Os lindos olhos escuros se abriram, e ela sorriu para ele, então virou a cabeça para olhar Robbie deitado ao seu lado.

– Ele vai ficar bem? – sussurrou.

– Acho que sim, graças a você. Fez aquele torniquete rapidamente e cobriu a ferida. Vou tirar a bala agora. Em você não é preciso, a bala passou de raspão em seu braço.

Bennett fez um curativo no braço de Hope e deu-lhe uns goles de conhaque, depois assumiu o atendimento a Robbie, que um servente preparava com uma limpeza para que a bala fosse removida. Comparada com a maioria das feridas de tiro, era um trabalho relativamente simples, pois a bala não penetrara muito fundo. Além disso, Robbie estava em melhor estado de saúde do que a maioria dos outros porque Queenie tratava bem dele. Com bons cuidados, ele sobreviveria.

Ao mesmo tempo que Bennett removia a bala com cuidado, sua mente estava em Hope. Um dos soldados trouxera a mala que ela tinha deixado cair, e bastou dar uma olhadela na bagagem para deduzir que Hope viera para ficar. Sabia que ela não teria vindo a menos que surgisse algum tipo de problema no hospital.

Ela adormecera e sua cor havia retornado ao tom normal de pêssego; e, na verdade, parecia ainda mais bonita do que de costume, os cílios escuros parecendo pequenos leques nas bochechas.

Passaram-se algumas horas até Bennett ter oportunidade de conversar direito com Hope, pois já havia cinco feridos e dois doentes com febre no hospital antes de ela e Robbie serem levados para lá.

Bennett tinha a própria cabana agora, e logo que Queenie ficou convencida de que Robbie poderia ser deixado sozinho por um tempo, ele lhe pediu que levasse Hope para a cabana e preparasse algo para ela comer.

Quando chegou lá, viu que Hope praticamente já se sentia em casa. Apesar do braço machucado, tinha reorganizado a maioria de suas coisas e estava sentada na cama de campanha pregando um botão numa camisa. A cena deu-lhe um nó na garganta.

– Você deveria estar descansando – disse ele, sentando-se ao lado dela e tirando a camisa de suas mãos.

– Estou descansando. Meu braço está bem. Na realidade, quase não dói mais.

Bennett não acreditou. Sabia que ia doer por algum tempo.

– Bem, então me diga o que a fez vir para cá.

Ela explicou, e só então começou a chorar.

Bennett ficou lívido. Na verdade, era só o que podia fazer para não sair intempestivamente porta afora, pegar emprestado um cavalo, ir até o hospital e agredir Truscott. Mas forçou-se a esperar até ter tempo para refletir. Hope precisava de um marido e um médico naquela hora, não de um cabeça quente.

O que mais afetou Bennett foi a tristeza dela por ninguém visitá-la depois que Truscott a dispensou. Conjecturou que o que ela sentiu nos dois dias passados sozinha no quarto, imaginando que ninguém gostava ou se importava com ela, devia ter sido semelhante à angústia por que passou quando Albert a expulsou de Briargate.

– Você está errada em pensar que ninguém gostava de você – disse ele, abraçando-a com força. – É verdade que alguns dos oficiais mais antigos têm preconceito contra mulheres em hospitais, mas quase todos comentavam que você é uma excelente enfermeira. Truscott é um fóssil. Ele devia ser empalhado e colocado numa caixa de vidro como amostra de espécie extinta.

– Por que ninguém veio me ver então? – perguntou ela, aos prantos.

– Aposto que ninguém sabia – disse Bennett. – Aquela enfermaria é separada do resto do hospital. Lembre-se de que você não percorre as outras enfermarias para entrar e sair dela. A menos que um dos serventes contasse a alguém o que aconteceu, como eles saberiam? E não iam falar sobre o assunto se um ou ambos tivessem sido subornados por Truscott com rações extras.

Hope enxugou os olhos.

– Não importa mais, de qualquer maneira – disse ela. – Não agora que estou com você.

Bennett sorriu com a reação positiva dela.

– Você vai mudar de opinião quando pegarmos mais chuva. Isto aqui se torna o lugar menos alegre da Criação.

– Não para mim. – Ela sorriu. – Não pode ser, quando você está aqui.

Passaram-se duas semanas até Bennett reparar de fato que Hope havia mudado um pouco desde que se haviam separado. Estava encantado com o fato de seu braço se recuperar muito bem e ela ter bom apetite e, embora tivesse observado que ela parecia se cansar com facilidade, atribuiu isso à natureza do árduo trabalho que vinha fazendo por tanto tempo. Como ela parecia estar vendendo saúde, com faces rosadas, olhos brilhantes e cabelos lustrosos, o fato de estar mais sossegada, talvez até meio retraída, não era nem um pouco preocupante. Havia passado por poucas e boas no ano anterior e ele não podia esperar que ela continuasse endiabrada e tão ardorosa como tinha estado na lua de mel.

Bennett acompanhou Robbie ao hospital de base e, depois de fazer as recomendações para os futuros cuidados dele, descobriu que acertara ao achar que a maioria dos médicos, incluindo o chefe da equipe, desconhecia que Hope havia sido dispensada.

Todos com quem falou ficaram consternados; muitos disseram nunca terem entendido por que ela fora afastada do setor de admissão, onde era tão valiosa. O Dr. Anderson disse que investigaria o assunto e mostrou profunda preocupação com Hope. Para sua grande decepção, Bennett não conseguiu encontrar Truscott; parecia ter ido para o acampamento de base francês no dia anterior e não se sabia quando retornaria.

Mas, àquela altura, Robbie havia espalhado a história de como Hope o resgatara sob

fuzilaria e ela própria fora alvejada. Quando Bennett saiu do hospital naquele dia, teve a suprema satisfação de ver o Sr. Russell, o correspondente de guerra do jornal *The Times*, ao lado da cama de Robbie. Estava ouvindo atentamente a história de Robbie, que Bennett não duvidava que incluiria os méritos de Hope como enfermeira e como acontecera de ela estar junto das trincheiras naquele dia.

Foi numa noite muito quente no início de maio que Bennett começou a suspeitar que Hope estava escondendo algo dele. As trincheiras francesas estiveram sob pesada fuzilaria a noite inteira, e Bennett acordou e a encontrou sentada junto à porta, olhando para a escuridão.

Aproximou-se dela e, em silêncio, viram o céu se acender com os tiros de canhão por algum tempo.

– Com tantos tiros, a esta altura Sebastopol já deveria estar toda destruída. Será que vamos conseguir ir para casa? – disse Hope de repente, e suas palavras soaram impregnadas de desalento.

– Devíamos ter feito o ataque à cidade como foi planejado – disse Bennett, passando o braço em torno dela. – Mas lorde Raglan parece ter se curvado aos desejos dos franceses, e suponho que, como eles têm muito mais homens do que nós, talvez seja mais sensato.

– Não me importo com o motivo disso tudo! – balbuciou ela. – Morreu gente demais, e para quê? O resultado dessa guerra vai trazer algum benefício para alguém?

Bennett não conseguiu responder. Em sua mente estava o espectro das ruas de Portsmouth, Plymouth e outros portos, todos cheios de homens mutilados mendigando. Seria igual em Moscou, Paris e Constantinopla. Hope estava certa: ninguém se beneficiaria com aquela guerra.

Olhou para ela e viu que estava chorando, e isso apertou seu coração porque ela era tão linda, mesmo em lágrimas. Os cabelos escuros caíam sobre os ombros nus, pois usava apenas uma leve camisola branca, mas, enquanto uma das mãos enxugava as lágrimas, a outra descansava em cima do abdômen, quase como proteção, e ele reparou pela primeira vez que não estava mais plano.

Tinha ficado contente quando percebeu que ela ganhara um pouco de peso enquanto estavam afastados, pois isso significava que tivera alimento suficiente. Nunca lhe ocorreu que poderia haver outro motivo.

Bennett tinha conhecimento teórico sobre gravidez, mas, na prática, sua experiência pessoal limitava-se ao resultado final, quando o bebê vinha ao mundo. E em geral só se chamava um médico quando havia complicações.

Imediatamente, teve vontade de enfrentar Hope e perguntar por que não lhe contara, mas de alguma forma sua postura abatida lhe deu a resposta. Ela não queria ser mandada para casa sem ele, mas tampouco queria ficar ali no meio de toda aquela loucura cruel.

Bennett fez o que seu coração lhe disse para fazer. Levantou-se, depois se curvou, a pegou no colo e a levou para a estreita cama de campanha. Então fez amor com ela.

Ele não tentara ainda fazer amor desde a chegada dela no acampamento, por mais que a desejasse, pois seu braço estava dolorido e ela parecia muito cansada. Naquele momento, pôs de lado todo o seu próprio desejo e só pensou em dar prazer a ela.

Ajoelhando-se a seu lado, ele a beijou repetidamente, abaixando a camisola com delicadeza para expor seus seios, que viu e sentiu muito mais cheios e pesados. Quando os beijou e sugou, ela começou a reagir e lentamente ele a deixou nua.

Acariciando e beijando cada centímetro de Hope, dos pés ao pescoço, deleitando-se com o

perfume e a maciez sedosa de sua pele, ele se demorou em sua barriga, lambendo-a até ela se contorcer ao seu contato. Então ele abriu suas pernas e usou a língua e os dedos.

Ele sentia Hope agarrando seus cabelos, arranhando seu pescoço e seus ombros com as unhas, mas ela reprimia qualquer grito, receando ser ouvida. Ele sorriu intimamente, pois no Natal ela não tivera tanta delicadeza, mas naquela noite ela bebera um bocado. Agradou-lhe poder dar tanto prazer a ela, ouvi-la suspirar e gemer baixinho, e ele amava as profundezas escuras, quentes e úmidas dela.

Os gritos que tentara tanto reprimir irromperam quando atingiu o clímax, e ela o agarrou, puxando-o para si, beijando-o com uma paixão ardente. Quando ele deslizou para dentro dela, suas pernas envolveram suas costas, seu corpo se arqueou sob o dele, impelindo-o a ir fundo dentro dela. Dois pensamentos fugazes passaram por sua mente: primeiro, que ele não queria machucar o bebê e, segundo, que não teria que se retirar no último momento. Mas esses pensamentos logo foram substituídos por êxtase e necessidade. Nada mais importava, nem a guerra, nem seu dever para com o Exército. Tudo o que importava estava ali, apenas eles dois.

A cama de campanha despencou apenas quando ele chegou ao orgasmo, e os dois ficaram no chão, ofegantes, pegajosos e saciados, envolvidos nos braços um do outro.

Lá fora ouviram mais tiros vindos do acampamento francês, e alguém tropeçou num balde em algum lugar próximo. Escutaram o homem soltar um palavrão e o imaginaram pulando em uma perna só e segurando o dedo do pé esfolado. Então Hope começou a rir, e o som do riso dela de alguma forma clareou a escuridão, apagou a feiura e a desesperança ao seu redor.

Bennett também riu ao se ajoelhar e olhar para ela ali deitada. As primeiras luzes do amanhecer iam chegando no céu, o suficiente para enxergá-la claramente, os cabelos escuros desgrehados e rebeldes, o rosto rosado com a paixão e o corpo cheio e feminino.

Bennett pousou as mãos na barriga nua, acariciando-a.

– Nós o fizemos numa noite de paixão, mas talvez, depois de outra, você vá me contar oficialmente?

Hope apertava com força a mão de Bennett enquanto subiam pelo portaló do vapor *Marianne* no dia 1º de julho. Fazia um calor intenso, o vestido dela aderira ao seu corpo inchado do jeito mais impróprio, e era bom estar usando o chapéu de palha de aba larga que Mary Seacole lhe dera como presente de despedida.

A velha jamaicana estava no cais com dezenas de outras pessoas que tinham participado da vida de Hope no período passado ali. Agora que estava indo embora, Hope sentia pena de nunca ter tido tempo para conhecer melhor algumas delas. Considerava-os verdadeiros amigos, mas o que realmente sabia sobre eles? O sargento-ajudante Jury, que sempre fora tão gentil com seus soldados feridos e tão alegre com ela, acabaria se casando com a namorada de que sempre falava? E Cobbs, o servente hospitalar que trabalhara ao lado dela desde o primeiro dia no hospital, será que tinha filhos? O cirurgião-assistente Francis, o homem que tantas vezes a fazia rir durante alguns dos momentos mais desesperadores, será que realmente tinha trabalhado por uma temporada como palhaço em um teatro de variedades como costumava afirmar?

Viu o tenente Gordon, dos Engenheiros, acenando para ela, e lembrou que ele generosamente lhe dera um cobertor xadrez no inverno para mantê-la aquecida à noite, apesar de precisar muito de um para si mesmo.

Havia dezenas de rostos queridos e familiares, cada um especial de alguma forma, e sentiria falta de todos. Enquanto as pessoas acenavam e sorriam, sentiu que se compadeciam por ela ter que ir para casa sozinha, mas também se alegravam por vê-la sair com boa saúde e saber que ela e Bennett haviam gerado uma vida nova em um lugar de tanta morte.

Hope segurava nas mãos uma sacola com os muitos presentinhos que todos lhe tinham oferecido, de comerciantes a soldados e médicos. Havia livros, frutas, bolo, sabonetes e alguns desenhos de amigos mais artísticos. Alguns fuzileiros tinham descido do acampamento para vê-la, de botas engraxadas, barba feita e uniforme escovado para homenageá-la com a elegância de um desfile. Tomlinson, conhecido por todos como Tommy, o amigo mais próximo de Robbie e o homem que a levara para Bennett depois que ela foi alvejada, tinha esculpido um chocalho em forma de gato em um pedaço de madeira. Ela esperava fervorosamente que ele ficasse a salvo, pois fizera muito por ela nas últimas semanas, trazendo-lhe água, acendendo o fogo e preparando-lhe bebidas. Na realidade, ela desejava que todos os que estavam acenando, sem exceção, ficassem em segurança.

Hope sabia que deveria ter partido no mês anterior, mas antes acontecera a vitória britânica nas Quarries e, quando os franceses tomaram o Mamelon, uma das principais defesas dos russos, ela se sentiu obrigada a ficar e ajudar com as baixas.

Uma semana depois, começou o quarto bombardeio de Sebastopol, os ingleses foram derrotados no ataque de Redan e os franceses derrotados em Malakoff, então mais uma vez ela achou que precisava ficar, pois havia centenas de feridos.



Lorde Raglan morreu em 28 de junho e, embora a causa oficial da morte fosse cólera, todos acreditavam que ele morreria do coração porque os aliados não tinham conseguido tomar as duas principais defesas. Apesar de tantas palavras amargas ditas sobre ele, houve um sentimento real de tristeza pelo fato de o general que perdera o braço ao lado de lord Wellington na Guerra Peninsular não ter sobrevivido para ver a vitória ali. Talvez não tivesse sido um líder ousado, mas era honrado, bondoso e amado por seus homens, de modo que Hope achou que só deveria partir depois de seu funeral.

Nem um rei poderia ter uma despedida tão magnífica. As tropas se alinharam por todo o percurso de oito quilômetros até a barcaça que levaria seu corpo ao *Caradoc*, o navio que esperava para transportá-lo para sua terra natal. A cavalaria escoltou o caixão, colocado em cima de uma carreta de canhão, e as cores vívidas de seus uniformes à luz brilhante do sol, a música de todas as muitas bandas militares desmentiam a tristeza da ocasião.

– Faltam só dez minutos para a partida – disse Bennett, mas o brilho de seu sorriso não chegou aos olhos. – Procure descansar na viagem. Tio Abel vai estar esperando por você em Portsmouth para levá-la até Nell.

– Pare de se preocupar comigo, querido – disse ela, apertando-lhe a mão. – Vou ficar bem, apenas se empenhe em voltar para mim em breve.

Bennett negava que estivesse preocupado com ela quando afinal Hope avistou Angus vindo a cavalo ao longo do cais. Apontou para ele com alegria, pois havia sido um visitante constante nos Heights, e a primeira pessoa a quem ela e Bennett contaram sobre o bebê. Sabia que ficaria muito aliviado ao ver que ela de fato estava partindo naquele dia, pois o encontrara brevemente no dia do funeral de Raglan e ele então lhe recomendou com severidade que não se demorasse mais.

Ele saltou de seu cavalo, entregou as rédeas a um soldado e subiu o portaló em poucos passos ligeiros.

– Tive medo de não chegar a tempo para me despedir – disse ele, sem fôlego, curvando-se para beijar o rosto de Hope.

– É apenas *au revoir*, pois estarei em sua casa quando você voltar.

– Pois é, vou ter duas mulheres mandando em mim – disse ele, os olhos escuros cintilando.

– Pode ser que eu não aguento, e com um bebê gritando, ainda por cima?

Hope sabia que ele não falava a sério, pois assim que soube a respeito do bebê insistiu que ela poderia ficar em sua casa pelo tempo que desejasse. Ele não a enganava mais com seu sarcasmo e bufonaria; sabia que tinha bom coração, que era generoso e nobre.

– Tome conta de Bennett para mim – disse ela, e seus olhos se encheram de lágrimas. – E cuide para que vocês dois voltem para casa inteiros.

– Você me remendou bem demais para eu me desmanchar agora. – Ele sorriu. – E vou arrastar Bennett para algumas corridas quando você não estiver aí. Este é o problema com as esposas, eles estragam toda a diversão.

Hope riu. Angus agia o tempo todo como se a vida fosse apenas uma aventura divertida e turbulenta. Ele faria bem a Bennett; havia momentos em que seu marido era um pouco sério demais.

– Temos que ir agora – disse Bennett, ansioso quando ouviu o apito do navio. – Escreva todos os dias, quero saber de todos os detalhes. E prometo que vou tentar convencer Lawrence a me deixar ir embora até o fim do mês.

Angus beijou Hope, disse adeus e diplomaticamente saiu pelo portaló. Hope pegou o rosto de Bennett nas mãos e o beijou.

– Não se preocupe comigo; tenho Nell e tio Abel para cuidar de mim. Mas seria maravilhoso se você estivesse de volta para o nascimento, ou logo depois.

– Amo você, Hope – disse ele, os olhos cheios de lágrimas e, quando se virou para deixá-la, estava quase tropeçando de tristeza.

Hope acenou até que o navio estivesse fora do porto, as lágrimas descendo pelo rosto sem controle com o último vislumbre de Bennett acenando um lenço vermelho e Angus ao lado dele, resplandecente em seu casaco azul e dourado. A Crimeia tinha sido o pior dos tempos e, contudo, o pequeno porto sujo, o hospital tristonho, os penhascos e os Heights permaneceriam em seu coração, assim como todas as pessoas que ela conhecera ali.

Seu desejo era que um dia os hospitais fossem lugares melhores, que os soldados rasos fossem tratados com humanidade e a enfermagem se tornasse uma profissão honrada. Talvez, quando ela estivesse velha e grisalha, com os filhos crescidos e rodeada de netos, ela lhes contasse suas histórias sobre a guerra, e eles iam sorrir para agradá-la, achando que estava exagerando o horror que havia sido.

As futuras gerações seriam capazes de acreditar que o imenso número de homens que morrera naquela guerra tinha sucumbido por uma causa que eles nunca compreenderam de fato? Ou que um número ainda maior morrera de doenças ou infecções?

Hope imaginou que seus netos iam preferir ouvir sobre o Natal, quando as bandas foram tocar no cais e ela dançou com mais homens do que seria conveniente para uma moça, uma cena bem mais bonita. Se mantivesse o braço coberto, eles nunca veriam a cicatriz, assim como nunca veriam as imagens medonhas impressas de forma indelével em sua mente.

Levantou a manga e olhou a feia cicatriz vermelha e enrugada. Para ela, era um lembrete permanente de como fora abençoada por escapar com um ferimento tão leve quando tantos outros estavam desfigurados ou mortos. Não queria que desaparecesse.

A brisa do mar trazia uma sensação e um aroma agradáveis e ela se reanimou, sabendo que a tristeza das despedidas finalmente terminara. *Marianne* era considerado um navio rápido; só faria escala em Malta, depois seguiria direto para Portsmouth. Muitos passageiros eram oficiais e funcionários enviados para casa por motivo de doença, mas também havia uma proporção razoável daqueles que em Balaclava eram chamados de “turistas”: cavalheiros e suas senhoras que haviam viajado para ir ver a guerra.

Seu coração se acelerou um pouco com a perspectiva de provocar algumas dessas pessoas ricas e repulsivas que ficavam excitadas em ver outros morrerem. Seria divertido aguardar até que estivessem jantando e então contar-lhes algumas histórias seletas sobre gangrena e cólera.

Esperava ter alargado seu vestido rosa o suficiente para parecer apresentável no jantar.

Quando o navio entrou no porto de Portsmouth no fim de agosto, Hope estava fora de si de entusiasmo. Tinha adorado cada minuto da viagem e, apesar de àquela altura estar muito grande e lenta, nunca se sentira tão bem. A comida no navio tinha sido maravilhosa, sua cabine era confortável e o tempo em geral, esplêndido, e ela apreciou não ter nada mais para fazer além de costurar para si um vestido novo, ler um livro, escrever uma carta ou conversar com alguém.

Subindo a costa da Espanha, alguns passageiros sofreram de enjoos, mas Hope resistiu ao desejo de ir cuidar deles. Era uma alegria ser inteiramente egoísta e se deleitar com sua bastante inesperada nova condição social.

Nunca poderia imaginar, nos tempos de Lewins Mead e St. Peter, que chegaria um dia em que seria considerada uma senhora, e muito menos uma heroína. Porém, um dos oficiais do navio sabia tudo sobre ela, incluindo o resgate de Robbie e como ela havia sido ferida, e a história se espalhou. Cada vez que ela entrava na sala de jantar, alguém sempre pedia que viesse se sentar ao lado. Os homens ficavam atentos e curiosos, dizendo-lhe que deveria escrever suas memórias e publicá-las quando chegasse em casa. E as mulheres se admiravam e a elogiavam por sua coragem em viajar com a gravidez tão avançada e perguntavam como conseguia manter seus cabelos tão lindos e brilhantes, e sua pele, tão clara.

Já estava entediada com tudo aquilo, mas tinha sido bom se deliciar em ser o centro das atenções por um tempo. Bennett teria se divertido em vê-la fazer sala para o tipo de pessoas que sempre a havia intimidado no passado.

Tudo o que queria agora era ir para casa. Para sentar-se com Nell e conversar sobre todas as coisas que lhes tinham acontecido nos últimos sete anos. Mal podia esperar para ver os filhos de Matt e Ruth. Para andar nas campinas e bosques, sentar-se junto aos córregos e sentir o perfume das flores. E aguardar a chegada de seu bebê.

Se a força dos chutes do pequeno significasse algo, seria um verdadeiro Renton, resistente e robusto. Mas esperava que também herdasse a sensibilidade e a inteligência do pai.

Quando o navio chegou perto do ancoradouro, Hope procurou pelo tio Abel na multidão que aguardava. Por mais excitada que estivesse, também estava nervosa porque se dava conta de que ele era, para todos os efeitos, um estranho. Em suas cartas a Bennett, sempre perguntava por ela com calor e interesse, mas Hope não conseguia esquecer que por muito tempo ele não a aceitara.

De repente o encontrou, a imagem perfeita de um cavalheiro inglês, baixo e gordo com uma cartola cinzenta, casaca e colarinho alto. Enquanto acenava, porém, ela o viu se dirigir a uma mulher a seu lado e apontar para o navio.

O coração de Hope deu um pulso, pois não era Alice, mas Nell, usando um toucado branco enfeitado de flores azuis.

Esqueceu o comportamento de dama que preservara a duras penas durante a viagem e deu pulos de alegria, acenando com as duas mãos.

Uma banda no cais tocou uma música animada de boas-vindas, e ela só conseguia ver a multidão à espera através de uma névoa de lágrimas de emoção.

Hope foi uma das primeiras a descer pelo portaló. Empurrou e deu cotoveladas na fila de uma maneira que teria deixado Bennett horrorizado. Mas o que a entusiasmou foi ver que Nell estava igualmente ansiosa, esquivando-se na multidão como um moleque de rua.

Aquela altura, Hope estava quase cega pelas lágrimas, e o rosto redondo e doce de Nell era apenas um borrão, mas ela viu os braços estendidos e correu a toda velocidade para eles. Estava em casa finalmente!

– Vocês duas podem fazer o favor de parar de miar e entrar na carruagem? – disse Abel, rabugento.

Hope e Nell se libertaram do abraço apertado e enxugaram os olhos.

– Desculpe, Dr. Cunningham – disse Hope. – É que faz tanto tempo.

– Entendo – disse ele com um sorriso. – Mas também gostaria de abraçá-la, sabe! E acho que já está na hora de você se dirigir a mim como tio Abel.

Enquanto a carruagem sacolejava pelo campo em direção a Bristol, Hope tentou se lembrar de falar de assuntos que não excluíssem o tio Abel, mas sua excitação em estar com Nell tornava o feito quase impossível. Percebia muito bem que as duas pareciam dois papagaios tagarelando, saltando de um assunto para outro, ofegantes, dando risadinhas e muitas vezes também chorando.

Nell tinha mudado muito desde que a vira pela última vez. Apesar de Angus ter contado que ela estava muito mais confiante, tanto no vestir quanto nas maneiras, Hope ainda esperava encontrá-la grisalha, lenta e corpulenta. Tinha realmente uns salpicos de cabelos grisalhos, mas movia-se com a mesma rapidez de sempre e estava bem torneada, não gorda, com o rosto tão liso e sem rugas como quando era noiva. Entretanto, o mais notável não eram as mudanças físicas.

Nell era muito submissa, uma pessoa doce e flexível que nunca saía do que considerava ser “seu lugar”. Hope não conseguia mais imaginá-la permitindo que alguém lhe desse ordens. Tinha um ar de autoridade, e parecia muito mais determinada e experiente. Alguns dos seus comentários sobre as pessoas tinham sido bastante cáusticos. Suas roupas, também, mostravam que conhecia o próprio valor. Usava um elegante vestido listrado azul e branco que salientava seu corpo curvilíneo em vez de escondê-lo. Seu toucado branco debruado de azul era jovial, não próprio de uma matrona. No todo, Hope achou que a irmã tinha enveredado exatamente pelo rumo certo. Não imitava os ricos, mas não se definia como criada.

Quando pararam para dar água aos cavalos, Hope pensou que deveria pedir desculpas ao tio Abel pela conversa constante entre ela e Nell. Justificou-se dizendo que estavam agitadas demais e que devia ser muito aborrecido e cansativo para ele.

– Nem um pouco, minha querida! – Ele riu e deu um tapinha na mão dela. – Mas talvez eu me vingue quando Bennett voltar para casa!

Somente ao anoitecer do dia seguinte, quando Hope e Nell enfim se viram sozinhas em Willow End, que a calma se instalou. Tinham passado a noite em uma hospedaria e, como tiveram que compartilhar uma cama, que Nell estava convencida de que estava cheia de insetos, elas conversaram quase a noite toda.

Hope cochilou durante os últimos quilômetros da jornada e foi uma satisfação ter Nell a acordá-la e dizer-lhe que tinham chegado.

O sol estava se pondo, tornando rosadas as paredes de pedra cinzenta do chalé quando caminharam até a porta da frente. Hope roçou nos arbustos de lavanda, e o cheiro doce e pungente levou-a de volta à infância, quando costumava colher a lavanda do jardim e amarrá-la em maços para que sua mãe os pendurasse nas vigas da casa.

Admirou-se ao descobrir que Angus vivia com tanta simplicidade. A imagem de Willow

End que tinha na cabeça quando estava na Crimeia era de algo mais grandioso. No entanto, ficou satisfeita e não decepcionada, pois era mais uma prova de que Angus tinha uma boa alma.

Adorou os tetos com vigas baixas e os móveis confortáveis, ligeiramente gastos. Era um lar de verdade, e ela enxergava o dedo de Nell em todos os lugares, no cheiro de cera e nas vidraças cintilantes, no grande vaso de margaridas na mesa do salão.

– Penso sempre que uma mulher que tivesse o amor do capitão e esta casa para morar seria a mulher mais feliz do mundo – disse Nell enquanto Hope corria pela casa, inspecionando tudo com exclamações de júbilo.

Hope fitou-a bruscamente, suspeitando que a irmã desejasse o amor do capitão. Mas Nell riu de sua fisionomia.

– Você me entendeu mal. Só queria dizer que isso é o que a maioria das mulheres espera. Agradeço por minhas bênçãos todos os dias, Hope. Tenho o respeito dele e esta casa para morar. E agora você também está de volta! É mais do que suficiente para mim.

Quando Nell trouxe carne assada, pickles e pão da despensa para a ceia, explicou que tinha uma criada que vinha todos os dias.

– Eu realmente não conseguia imaginar o que daria a ela para fazer todos os dias quando o capitão disse que eu precisava ter alguém para me ajudar – disse ela. – Mas Dora é uma boa moça, e estou feliz com a companhia dela e com seu trabalho duro. Está ansiosa para conhecê-la amanhã, porque falei muito sobre você.

Depois da ceia, sentaram-se nas duas cadeiras junto ao fogão e foi só então que Hope perguntou se havia novidades sobre Albert.

– Nenhuma – disse Nell, e um lampejo de ansiedade atravessou seu rosto. – Tenho certeza de que ele vai voltar a Briargate um dia, mas Matt diz que é tolice pensar nessas coisas.

Hope sabia que nenhum deles teria paz completa até que Albert fosse pego e julgado por seus crimes. Mas não disse nada e preferiu perguntar por lady Harvey e Rufus.

– Rufus está indo bem com a fazenda, teve uma boa colheita este ano – disse Nell com certo orgulho. – Mas lady Harvey!

Nell a mencionara várias vezes nos últimos dois dias, mas sempre com uma espécie de ponto de exclamação, como as pessoas fazem ao falar de uma criança rebelde.

– Ela não se acostumou à casa do portão?

Nell suspirou.

– Acho que ela nunca vai se acostumar a lugar algum. E está tão cheia de arrependimentos.

– Imagino que esteja amargurada por ter perdido sua casa – disse Hope, um pouco surpresa que Nell se mostrasse tão impaciente com a mulher que antes tinha adorado.

– Ela não está amargurada – retrucou Nell, carrancuda. – Ah, você tem que ver por si mesma. Não posso explicar. Ela e Rufus ficaram tão felizes ao saber que você estava voltando para casa, e tão impressionados com aquele artigo sobre você no *The Times*! Já lhe contei que Matt disse que o reverendo Gosling o leu na igreja?

Hope reprimiu uma risadinha, pois Nell não só já havia contado aquilo uma porção de vezes como carregava consigo o recorte do jornal. O artigo referia-se principalmente a Hope ter sido alvejada enquanto resgatava Robbie, mas também sobre seu trabalho no hospital em Balaclava. O recorte amassado revelava que Nell o vinha mostrando a todos por várias semanas.

– É melhor ir ver Rufus logo – respondeu Hope, baixando o olhar para a barriga grande. – Enquanto ainda posso.

– No domingo, todos virão aqui – disse Nell com entusiasmo. – Alice e Toby estão vindo de Bath com Ruth, John e a família deles. Matt e Amy vêm com os pequeninos, e Joe e Henry

estarão aqui. Teremos a casa cheia, sem dúvida. É uma pena que seja muito longe para James vir também.

– Então, vamos estar bem ocupadas cozinhando durante os próximos dias?

– Ah, se vamos! – Nell riu. – Só espero que o tempo continue bom; é mais fácil quando as crianças podem ficar lá fora, há muitos deles agora.

Nos dois primeiros dias em Willow End, Hope teve a impressão de estar envolvida em um lindo sonho do qual nunca queria acordar. Exceto em sua lua de mel, nunca tivera o tipo de conforto e bem-estar de que então estava desfrutando. Um quarto espaçoso e bonito com uma cama macia, refeições tranquilas e suas roupas lavadas e passadas para ela. Podia ficar assistindo carruagens passando pelo chalé ou passear até o rio em Saltford e deleitar-se com a tranquilidade e a beleza do campo.

Toda a ansiedade em relação à sua família durante os longos anos de separação tinha sido eliminada no momento em que Nell a abraçou no porto de Portsmouth e, como resultado de suas conversas, Hope tinha uma imagem nítida de tudo o que acontecera com todos eles durante esses anos.

Somente no domingo, quando o restante da família chegou para vê-la, é que Hope despertou do casulo feliz em que se sentia envolvida desde sua chegada.

Tudo começou tão bem... Era um dia quente e ensolarado, Nell e Dora tinham produzido um verdadeiro banquete e a família chegou com o que parecia um bando de crianças. Era delicioso estar rodeada de tanta animação e amor. Ficou maravilhada em ver como Joe e Henry tinham se tornado homens enquanto ela estava fora; que Matt era agora uma réplica do pai, e que havia uma sensação de camaradagem em compartilhar histórias de parto e gravidez com Amy e Ruth. No entanto, ainda que todos se movimentassem em torno dela, os rostos brilhando de prazer em tê-la de volta em seu meio, Hope deu por si sentindo-se estranhamente isolada e diferente.

Não conseguia entender o motivo, pois, exceto por Matt, Joe e Henry, que ainda levavam uma vida muito parecida com aquela em que ela própria fora criada, todos tinham mudado. Ruth e sua família eram relativamente prósperos e moravam em Bath. Alice e Toby ainda estavam no serviço doméstico e não sabiam falar de muita coisa além dos acontecimentos na casa em que trabalhavam. E Nell, também, havia subido na escala social. No entanto, mudados ou não, todos agiam exatamente como sempre. Só ela era diferente, como se não pertencesse ao meio deles.

Mais tarde, quando todos tinham ido para casa, Hope tentou falar sobre o que sentira com Nell, mas ela só se mostrou zangada e impaciente.

– É claro que você pertence! – respondeu ela, áspera. – Não quero mais ouvir essa tolice.

Duas semanas depois de sua chegada, Hope partiu de manhã com o Sr. Tremble, o carroceiro local, para ver Rufus e lady Harvey na casa do portão. Tinha sido algo que pretendia fazer desde sua chegada, mas, embora no início Nell parecesse concordar em que ela o fizesse logo, agora dava a impressão de relutar.

Hope entendia a súbita mudança de humor de Nell. A casa do portão trazia lembranças ruins para ambas, e era perturbador pensar que Albert tinha incendiado Briargate e causado a morte de sir William. Mas Hope sabia que tinha que voltar lá; tinha fantasmas a exorcizar.

Matt contou-lhe quanto Rufus ficara preocupado depois do seu desaparecimento, como havia ajudado na fazenda durante suas férias e em que rapaz bom ele se transformara. Hope achou que devia mostrar-lhe que ainda valorizava sua amizade de infância.

Quem sabe os receios de Nell sobre essa visita fossem porque temia que sua irmã mais nova esquecesse seu lugar e dissesse alguma coisa desrespeitosa para lady Harvey?

Isso irritou Hope, pois ela já não tinha mais um “lugar”. Não era nem criada nem aristocrata. Era apenas uma esposa de médico do Exército que sabia muito mais sobre a vida pessoal de sir William e lady Harvey do que gostaria, e muito mais sobre Albert do que Nell sabia. Às vezes, tinha vontade de contar tudo a Nell, e aí talvez ela parasse de tratá-la como se fosse uma criança.

– Então você é a Renton que fugiu?

Hope olhou o Sr. Tremble de esguelha. Ele não tinha dito uma palavra sequer desde que ela subira na carroça ao seu lado, e então, de repente, disparou essa pergunta muito inconveniente. Com uma cabeça pequena, nariz comprido e praticamente sem pescoço, apenas um cachecol espesso onde este deveria estar, o homem a fazia se lembrar de uma toupeira.

– Sim, sou – admitiu ela. – Mas prefiro não falar sobre isso.

– Disseram por aí que Albert tinha matado você – continuou ele, ignorando totalmente a resposta. – Mas a patroa acha que ele fez mais alguma coisa.

Hope engoliu em seco. Ela podia bem adivinhar o que seria!

– Sr. Tremble – disse Hope com a voz severa que sempre usava com os pacientes –, isso foi há muito tempo e eu gostaria de esquecer que conheci Albert Scott. É só o que vou falar sobre o assunto.

O carroceiro ficou calado por algum tempo.

– Coisa esquisita é não conseguirem encontrar ele – de repente o homem não se conteve. – Pode ter entrado para o Exército, pode até ter ido lá para onde você estava.

– É possível.

Várias pessoas já haviam sugerido o mesmo, e ela se perguntou o que teria feito se Albert tivesse sido levado ferido para o hospital. Não lhe desgostava a ideia de amarrá-lo para uma amputação sem clorofórmio.

– Quando o pequeno vai nascer?

Hope sorriu, aliviada por ser perguntada sobre algo de que não se importaria de falar.

– Duas semanas mais ou menos. Então, cuidado para não cair em nenhuma vala na estrada ou ele pode nascer hoje mesmo.

Curiosamente, isso o calou, e Hope pôde enfim se recostar e aproveitar o passeio.

Quase esquecera como a Inglaterra era linda em setembro. O sol já não estava muito quente, a colheita fora feita e as folhas nas árvores começavam a mudar de cor. Ela amava as ondulações da paisagem e os pequenos campos rodeados de cercas vivas que, vistos do seu assento do alto da carroça, pareciam uma gorda colcha de retalhos. Como era bom ver vacas e ovelhas pastando e as fileiras ordenadas de legumes nas hortas! Ela teria dado todo o ouro do mundo no inverno anterior por uma cenoura ou um repolho.

– Então, como é a Crimeia? – perguntou o Sr. Tremble, quase como se tivesse lido seus pensamentos.

– Estéril e tristonha. Nada como isso aqui.

Ele assentiu, aparentemente satisfeito com essa descrição sumária.

– Quer que eu passe para buscá-la quando voltar? – perguntou ele.  
– Não, não será necessário, mas obrigada por oferecer. Vou a pé até a fazenda do meu irmão em Woolard e pedir que me leve para casa.

O Sr. Tremble mal acabara de ajudá-la a descer da carroça e Rufus já vinha apressado pelo caminho para encontrá-la.

– Hope! Que bom revê-la! – exclamou ele, os braços estendidos para abraçá-la como sempre fazia quando era pequeno. Mas parou a poucos passos de distância com ar levemente encabulado.

Hope entendeu. A última vez que o vira, ele era apenas um menino vários centímetros mais baixo do que ela. Agora era muito mais alto, um homem adulto com uma voz grave e ombros largos.

– Sei que há muito de mim para abraçar! – Ela riu. – Ou você é tímido porque estamos tão adultos?

Ele riu e abraçou-a de qualquer jeito, mas o tamanho da barriga tornava o abraço difícil.

Hope segurou suas mãos.

– Deixe-me olhar para você, sir Rufus Harvey. Ora, ora, mas você se tornou um belo sujeito.

Ele ainda tinha a beleza dos cabelos louros e olhos azuis de seus pais, mas havia uma força em seus traços que faltava nos deles. Em trajes simples de trabalhador, parecia mais um fazendeiro do que um cavalheiro.

– E você, que era a menina mais bonita do vilarejo, se tornou a mulher mais bonita do condado – afirmou ele.

– Você passou tempo demais na fazenda. Já viu alguém tão gorda quanto eu a não ser uma porca?

Ele riu.

– Acho que passei mesmo muito tempo em uma fazenda. Minha mãe ficaria consternada por um cavalheiro fazer um comentário sobre seu “estado”.

– É melhor entrarmos para vê-la – disse Hope, olhando nervosamente para a casinha que continha tantas lembranças ruins. Parecia menos despojada agora, pois tinham crescido trepadeiras por toda parte, e suas folhas estavam começando a ficar vermelhas.

– Devo preveni-la antes de entrar – disse Rufus, com a fisionomia tensa. – Minha mãe não é mais como costumava ser. Às vezes, ela é decididamente estranha. Se você se sentir desconfortável com ela, apenas dê a desculpa de que precisa ir embora e vou acompanhá-la até a casa de Matt. Eu o vi na noite passada; ele me disse que a levaria de volta.

– Isso significa que podemos brincar de esconde-esconde na floresta?

– Você não conseguiria se esconder de mim agora! – Rufus abriu um sorriso. – Lembra que tempos bons tivemos?

– Foram os melhores. Não me esqueci de nenhum momento.

Hope via que o tempo não enfraquecera o vínculo antigo entre eles e, mesmo que lady Harvey se tornasse difícil, estava muito feliz por ter vindo.

No entanto, todo o resto estava diferente. O caminho de entrada estava cheio de ervas daninhas, a terra marcada com sulcos feitos pelas rodas das carroças da fazenda. No final, onde antes se erguia a mansão, havia apenas um campo arado. Quase todos os vestígios do belo jardim tinham desaparecido, a não ser por algumas lindas árvores antigas.



As estrebarias ainda estavam intactas, mas, como o arco que as ligava à casa desaparecera, pareciam construções rurais.

– Isso tudo deve ser um choque para você.

Hope assentiu, lembrando como ficava sentada na porta dos fundos da casa do portão olhando para a casa grande e achando que era a mais bonita de toda a Inglaterra.

– Você se entristece? Quero dizer, que a casa não exista mais? – perguntou Hope.

Ele deu um sorriso irônico.

– Não, na realidade, não. Claro que ainda sinto muita raiva por Albert ter sido capaz de tal coisa, e se ele algum dia aparecer por aqui acho que o faço em pedaços com minhas próprias mãos. Mas minha tristeza é não ter me despedido de meu pai e, evidentemente, o efeito de tudo isso para minha mãe, não a perda da casa em si. De uma forma estranha, costumo sentir que a casa nunca pertenceu a este lugar. Que o destino deste lugar era ser uma fazenda. Entende o que quero dizer?

Hope correu um olhar pensativo pelas terras. Não parecia que nada estivesse faltando.

– Sim, acho que sim – concordou. – E Nell diz que você está mais feliz como agricultor do que era quando estava estudando. É verdade?

O grande sorriso dele voltou.

– Sim, Nell está certa, estou muito mais feliz. Sinto que tenho um objetivo, uma sensação de pertencimento que nunca senti antes.

– Então você tem sorte. – Ela estendeu a mão e tocou o rosto dele com carinho. – Eu me sentia assim quando trabalhava como enfermeira. É uma sensação boa.

– Quero saber tudo sobre a Crimeia – disse ele em tom impaciente. – Mas é melhor irmos ver minha mãe primeiro.

Foi muito estranho entrar de novo na casa do portão. Hope relanceou os olhos para o alto da escada, lembrando em um instante o que tinha visto lá. Quase podia sentir os golpes de Albert se abatendo sobre ela e o pavor de que ele a matasse.

No entanto, nada parecia o mesmo. A mesa e as cadeiras antigas tinham desaparecido; o lugar parecia maior, mais suave e acolhedor, quase elegante, com um tapete no chão, poltronas confortáveis e uma mesa de madeira polida. Hope levou algum tempo para perceber que em parte era porque outro cômodo havia sido acrescentado, presumivelmente uma nova cozinha, adiante de onde a porta dos fundos costumava ser.

– Que bom você ter vindo, Hope. – Lady Harvey levantou-se com bastante rigidez de uma poltrona de veludo junto à lareira para cumprimentá-la. – Você está bem, e o feliz evento será em breve, imagino?

Lady Harvey envelhecera de modo impressionante. Seu cabelo estava branco, o rosto quase esquelético, e a pele parecia tão fina que era como se as maçãs do rosto salientes pudessem atravessá-la a qualquer momento. Sua boca também estava murcha, e Hope achou que ela devia ter perdido muitos dentes. O vestido preto anulava qualquer colorido que pudesse haver no rosto; até os olhos azuis pareciam desbotados.

Hope percebeu que essa mudança provavelmente se dera aos poucos durante um longo período ou Nell a teria prevenido a respeito. Entretanto, dando com ela tão inesperadamente, não sabia o que falar.

– Sinto muito por sir William – apressou-se em dizer. – Não fiquei sabendo porque tinha acabado de me casar.

– Não falemos sobre isso – disse lady Harvey, e sorriu, o que trouxe de volta um vislumbre da bela mulher que ela havia sido. – Fiquei tão satisfeita quando Nell me disse que você fora encontrada, e que se casara com um médico. E agora um bebê!

– Sim. Apenas mais umas duas semanas, mas espero que não aconteça até que Bennett chegue em casa.

Hope recebera uma carta de Bennett logo depois de chegar avisando que achava que teria permissão para partir no próximo navio. Essa carta viera junto com quase uma dúzia de outras que ele havia escrito antes, e estava datada de agosto. Como ela não recebera mais nenhuma desde então, estava certa de que teria embarcado quase que imediatamente e que estaria logo em casa.

– Tomara que você não tenha que ter a criança sozinha.

E, para o espanto de Hope, lady Harvey começou a chorar.

– Não vou estar sozinha, vou ter Nell junto comigo – disse Hope, tocada por essa excepcional preocupação. Adiantou-se e segurou a mão da velha senhora. – Não chore. Vou ficar bem.

– Tome cuidado para que ela não suma com seu bebê.

As palavras em si já eram bem estranhas, mas a expressão do rosto dela era ainda mais, como se arreganhasse os dentes, apesar de só lhe restarem alguns cacos escurecidos.

Hope virou-se para Rufus tentando compreender, mas ele se limitou a balançar a cabeça e indicar a porta.

Pareceu-lhe demasiado indelicado sair tão rápido, mas ela de fato não aguentava mais estar ali. Não só porque lady Harvey estava tão esquisita, mas porque a própria casa fazia com que se sentisse tensa e ansiosa.

– Desculpe pela visita curta, mas tenho que ir agora – disse ela. – Voltarei para vê-la em breve.

– Você ainda não tomou chá. – A voz dela soou estridente e suplicante. – Eu já ia tocar a campainha para pedir.

Rufus levou Hope para fora.

– Sinto muito – disse ele depois que saíram, um pouco sem graça. – Ela diz umas coisas muito amalucadas de vez em quando. Como essa de tocar para pedir chá! Talvez pense que Baines vai surgir do cemitério e trazer chá para ela.

Hope deu um risinho nervoso.

– Eu não deveria estar rindo. Coitado do velho Baines. Era um homem tão bom.

– Um dos melhores – concordou Rufus. – Fui vê-lo antes de sua morte, e ele me disse que queria mesmo partir desta vida. Disse que tinha sido um privilégio trabalhar para meus pais, mas que agora estava cansado. Morreu no dia seguinte, e fiquei contente, para ser sincero. Quer dizer, se ele tivesse sobrevivido, para onde iria?

Hope sabia, assim como Rufus, que seria para o asilo de pobres. Estava feliz por seu amigo de infância não ter perdido a consciência social.

– Como você se arranja com sua mãe? – perguntou enquanto percorriam o antigo caminho.

– Você quer dizer, quando ela está maluca? – disse ele com franqueza. – Ela não é perigosa para si mesma nem para ninguém. Só diz coisas extravagantes. Outro dia ela me contou que eu tinha uma irmã!

– É mesmo? – Hope riu. – E o que aconteceu com essa irmã? Nell a levou embora?

Ambos riram e passaram a conversar sobre coisas mais alegres.

Foram até o lago para relembrar os velhos tempos e ficaram contentes ao ver que o antigo

barco ainda estava lá. Sentaram-se em um tronco sob o sol e falaram sobre tudo e mais alguma coisa. Hope até contou a Rufus sobre Gussie e Betsy e sobre a vez em que roubou a torta porque estavam famintos.

Era o que ela precisava, sem saber: poder conversar com franqueza sobre o passado, pois apenas contara para Nell uma versão atenuada de seu tempo em Lewins Mead por receio de pôr imagens feias na mente da irmã.

No entanto, não se demorou naquela parte de sua vida; bastou fazer-lhe um breve relato e seguir em frente. Rufus queria saber sobre as batalhas na Crimeia, em particular sobre a Carga da Brigada Ligeira, que havia sido extensamente noticiada em todos os jornais ingleses.

Hope deu-lhe suas próprias impressões sarcásticas sobre o suposto herói, Cardigan, e se disse espantada por, na Inglaterra, todos considerarem lorde Lucan o grande vilão.

– Minha batalha favorita foi a que chamaram de Batalha de Balaclava – comentou Rufus.

– Bennett a assistiu – respondeu Hope, entusiasmada. – Achou os Highlanders os homens mais corajosos da história.

– Russell, do *The Times*, escreveu sobre essa batalha com tanta paixão, quase me senti como se estivesse lá.

– Só espero que eles sejam verdadeiramente recompensados por seu valor quando voltarem para casa. – Hope suspirou. – Houve tantos episódios heroicos, muitos dos quais nunca serão conhecidos. Angus ficou gravemente ferido no ataque da cavalaria, mas ainda assim puxou um soldado para cima do próprio cavalo e voltou com ele em meio aos disparos. Quanto a Bennett, ele podia não ter liderado ataques ou matado nenhum russo, mas, para os homens cuja vida salvou, ele foi e ainda é um herói.

Rufus bebia todas as palavras de Hope enquanto ela descrevia o hospital e a interminável procissão de feridos e doentes que chegava todos os dias.

– Mas agora tomaram Sebastopol, tudo está praticamente resolvido, deve ter acabado – disse ele. – Com certeza vão estar de volta para o Natal!

– Espero que Bennett chegue em casa muito antes disso e me avise quando será – disse Hope com um sorriso. – Seria bem próprio dele chegar de repente no dia em que eu estivesse toda desarrumada. Mas chega de falar de guerra e de mim. E você, Rufus? Você tem uma namorada?

Ele sorriu, tímido.

– Tenho. Lily Freeman. Ela é filha do vigário de Chelwood.

– Fico muito feliz por você! Ela é bonita?

– Para mim, é, sim – respondeu ele, com olhar sonhador. – Eu a amo e quero me casar com ela. Mas não posso enquanto minha mãe estiver assim. Quase só consigo manter nós dois no momento, que dirá uma esposa.

Para Hope, parecia inacreditável que a vida de Rufus tivesse mudado de forma tão drástica. No passado, sempre que o imaginava, era em algum tipo de cenário grandioso: em bailes, festas, em caçadas montando um cavalo como Merlin. Nunca teria pensado nele vestido com roupas grosseiras e unhas sujas de terra, arando um campo ou alimentando galinhas.

– Você ainda é muito novo – lembrou ela. – Lily vai esperar, se ela o ama. Tive que esperar muito tempo por Bennett, mas no final valeu a pena.

– É tão bom ter você de volta... – disse ele, passando um braço ao redor dos ombros dela. – E é ainda melhor descobrir que podemos falar sobre tudo, da maneira como costumávamos. Sempre seremos amigos, não é?

Ela beijou seu rosto.

– Sempre. Para sempre. Mas agora preciso ir para a casa de Matt, já tomei muito do seu dia. Virá me visitar na casa de Nell em breve?

Em 29 de setembro, Hope acordou de madrugada sentindo uma pontada de dor na barriga. A dor desapareceu, mas uns dez minutos depois veio outra. Na quinta vez, quase uma hora depois, ela soube que o bebê estava chegando e foi acordar Nell.

Tio Abel havia providenciado uma parteira no vilarejo de Brislington que ele considerava ser a melhor para assistir ao nascimento, e já tinha dado instruções para que, quando chegasse a hora, Nell mandasse buscá-la e também o avisasse.

Nell estava muito calma. Ela se vestiu, atçou a lenha no fogão e fez chá para as duas, depois saiu para ver um vizinho que tinha um cavalo e uma carruagem pequena e que já havia prometido buscar a parteira quando chegasse a hora.

Hope não tinha a intenção de voltar para a cama até que fosse absolutamente necessário. Uma das irmãs de St. Peter sempre afirmava ter observado que os bebês nasciam com mais facilidade e rapidez quando a mãe ficava andando antes do parto.

Nell tinha tudo preparado para o bebê; enchera uma gaveta inteira de camisolas de flanela, casaquinhos, toucas e sapatinhos de tricô. Arranjara em algum lugar um berço de madeira e tricotara cobertores e uma manta. Hope já vira tudo isso antes, mas, agora que o acontecimento estava tão próximo, decidiu ir olhar melhor.

E sentiu uma onda de amor por sua irmã vendo o cuidado que tivera ao fazer as pequeninas peças de roupa. As camisolinhas de flanela tinham bordados delicados na pala, e ela tinha enfeitado as toucas com renda.

No fundo da pilha havia uma manta mais antiga, e Hope a puxou para fora a fim de examiná-la melhor. Estava amarelada com a idade, mas era tão macia e delicada quanto uma teia de aranha. Intrigava-a de onde teria vindo, pois era evidentemente algo herdado, mas não podia imaginar quem Nell conhecia que pudesse ter uma manta tão fina.

Ela a segurava junto do rosto quando Nell entrou, corada de ter corrido pela estrada.

– De onde veio isso, Nell? – perguntou Hope. – É tão linda.

– Foi sua.

– Minha! Como nossa família poderia comprar tal coisa?

– Alguém deu para nossa mãe. Não sei quem – disse Nell, e sua voz soou estranhamente brusca.

– Vou ficar bem – garantiu Hope, presumindo que Nell estivesse preocupada com ela. – As mulheres têm bebês o tempo todo, e eu também ajudei alguns a nascer, então sei do que se trata.

– Vou lembrá-la disso quando você começar a gritar.

A Sra. Langham, a parteira, chegou ao meio-dia. Era uma mulher corpulenta e mandona com uma grande verruga no nariz, mas Hope ficou satisfeita ao ver que estava muito limpa e não parecia ser do tipo que bebia gim, como faziam tantas supostas parteiras. O marido da senhora despachara um menino para informar ao Dr. Cunningham que o bebê estava a caminho.

– Mas vamos ter este aqui pronto para ele quando chegar – disse a Sra. Langham jovialmente. – Você não me parece o tipo que leva um ou dois dias.

Ela estava certa. Por volta das quatro da tarde, as dores eram tão fortes que Hope foi se deitar na cama e, às seis, estava empurrando. Em menos de meia hora, a Sra. Langham aparava o bebê nas mãos, anunciando que era uma menina.

Hope recostou-se nos travesseiros e segurou a filha nos braços. Esperava que o nascimento

fosse um inferno e chegara perto disso. Mas nunca acreditou realmente que, quando um bebê era colocado nos braços da mãe, ela o amava de imediato. No entanto, enganara-se quanto a isto, pois o sentimento que brotou de dentro dela era tão forte que desceram lágrimas por seu rosto. Nada na sua vida até agora tinha sido tão bom, tão emocionante quanto a visão daquele rostinho pequenino.

– Ah, Nell... Alguma coisa pode ser mais perfeita, mais maravilhosa?

– Ela se parece com você quando nasceu – disse Nell, e começou a chorar.

– Com gritaria, eu consigo lidar – disse a Sra. Langham. – Mas com choradeira, vou precisar de um conhaque para aguentar!

Hope olhou para a mulher grandalhona e suas lágrimas viraram uma risada.

– Você vai tomar seu conhaque. Tanto quanto quiser. E acho melhor Nell tomar um pouco também.

– Então, como vai chamá-la? – perguntou o tio Abel.

Ele chegou uma hora após o parto e pareceu bastante abalado por suas habilidades serem desnecessárias. Examinou a criança, declarou-a forte, saudável e a mais bonita que já tinha visto. Depois se sentou e a aninhou em seus braços.

– Betsy – disse Hope sem qualquer hesitação. – Betsy Hannah Meg Meadows.

Ele pareceu contente pelo fato de o segundo nome ser o de sua falecida irmã e o terceiro da mãe de Hope.

– Por que Betsy? – perguntou.

– Era o nome de alguém que amei – disse ela com simplicidade. – Sei que Bennett vai aprovar, nós nos encontramos quando ele foi visitá-la durante a epidemia de cólera.

– Recebeu alguma carta dele ultimamente?

– Não, desde a que ele escreveu em agosto – respondeu ela. – Acho que isso significa que está a caminho de casa.

– Que tempo danado levam as cartas do exterior para chegar! – disse Abel, refletindo. – Agora temos o telégrafo que nos dá notícias do que está acontecendo apenas uns dias depois do ocorrido. Mas as cartas ainda levam semanas!

– Há uma carta para você do capitão! – gritou Nell da escada exatamente uma semana depois que Betsy nasceu. – Vou levá-la aí em um minuto.

Hope teria disparado escada abaixo no mesmo instante se não estivesse amamentando Betsy. Amamentar era a melhor parte da maternidade. Ela tinha uma cadeira confortável junto da janela no quarto que dava para o jardim, e podia contemplar sonhadoramente os campos além do muro enquanto Betsy sugava seu seio com avidez.

Nada antes tinha chegado perto da alegria de olhar para o rosto pequenino da filha, ou sentir seus dedinhos apertando os dela; havia um leve perfume na sua cabecinha que Hope inalava enlevada, e era uma felicidade recostar-se depois na cadeira e a embalar em seus braços.

Nell e Dora reclamavam que Hope não lhes permitia ficar muito tempo com ela, e às vezes ela se dava conta de que era mesmo muito possessiva. Mas Betsy era *seu* bebê, e agora, enquanto era tão pequena, tudo o que queria era sua mãe.

Nell subiu com chá numa bandeja.

– Posso segurá-la enquanto você lê a carta? – pediu quando pousou a bandeja.

– Ela precisa ser trocada – disse Hope quando se levantou para entregar o bebê e viu a mancha em seu vestido. – Nunca pensei que os bebês vazassem tanto.

– Espere só até ela ficar um pouco maior – disse Nell enquanto deitava Betsy em uma toalha e tirava a fralda encharcada. – Você vai ver quanta roupa terá que lavar. Mas, vamos, leia logo essa carta; quero ouvir as novidades.

Hope sentou-se outra vez e abriu o envelope. Era apenas uma página, e na segunda linha ela empalideceu.

– Ah, não! – exclamou com um arquejo. – Bennett está doente.

Continuou a ler e, quando terminou, deixou cair a carta no colo e cobriu o rosto com as mãos.

– Conte! – disse Nell, colocando Betsy apressadamente de volta no berço e se ajoelhando na frente da irmã. – O que diz a carta?

– Leia você, não posso. Acho que ele está morto.

Nell pegou a carta e a levou para perto da janela para ter melhor claridade.

*Querida Hope,*

*Espero que você esteja bem e que o bebê já tenha nascido. Também espero fervorosamente que Bennett esteja agora com você e que esteja bem de saúde. Acabei de voltar depois de uma ausência temporária com a cavalaria e, é claro, fui procurar por ele, mas me informaram que tinha ficado doente de febre. Quando cheguei ao hospital, já havia sido transferido para Scutari.*

Nell parou de ler quando ouviu Hope gemer.

– Está tudo bem, meu amor. – Nell deixou cair a carta e se aproximou da irmã para confortá-la. – Ele não diz que Bennett está morto, só que foi afastado porque estava doente.

– A data desta carta é 20 de agosto – disse Hope, chorando. – Quando foi escrita, Bennett já devia estar doente por algum tempo. Se ele está vivo, por que não escreveu?

– Você sabe como é irregular a correspondência que vem de lá – explicou Nell, procurando tranquilizá-la. – As más notícias chegam mais rápido do que as boas, todos sabemos disso. Se ele tivesse morrido, você já teria sabido.

– Você não sabe como é lá! – insistiu Hope. – Os homens morrem o tempo todo e às vezes ninguém nem sabe quem são.

– Mas ele é um oficial – disse Nell com firmeza. – Eles não os perdem!

Hope olhou para Nell com os olhos cheios de medo.

– Eles o levaram para Scutari, Nell. Aquele lugar é um buraco infernal, todo mundo sabe. Ele está morto. Nunca mais vai voltar para mim.

Nell acordou sobressaltada, sentou-se e procurou pela vela. Betsy estava gritando e tudo indicava que Hope mais uma vez não ia sair do lugar para acalmá-la.

Vinha fazendo isso havia dias, e a paciência de Nell estava no fim. Saiu da cama, jogou um xale sobre os ombros e, apanhando a vela, saiu descalça pelo patamar, entrando no quarto de Hope.

– Pronto, amorzinho – disse ela segurando o bebê no colo. – Nell chegou.

Betsy estava molhada e, pelo jeito, com muita fome, sugando os pequenos punhos.

Nell tirou a camisola e a fralda molhadas e as substituiu por secas, depois se aproximou da cama. Hope estava exatamente da mesma maneira como tinha ficado por dias a fio, deitada de costas, olhando para o teto, aparentemente sem consciência de qualquer coisa.

– Você precisa amamentar Betsy – disse Nell.

Quando Hope não respondeu, nem sequer olhou para ela, Nell chamou-a, puxou seu braço e repetiu o pedido, mais alto desta vez. Ainda assim não obteve resposta.

– O que Bennett vai dizer se voltar e encontrar a filha meio morta de fome? – disse Nell, zangada. – Você é mãe dela, pelo amor de Deus!

– Ele não vai voltar. Ele morreu.

Um arrepio gelado desceu pela espinha de Nell com o tom frio e inexpressivo da voz da irmã.

– Se ele morreu, então, mais uma razão para você cuidar da filha dele! – disse Nell, áspera.

– Sente-se já e coloque-a no peito.

Betsy começou a gritar novamente; mesmo à penumbra da luz da vela, Nell via que o rostinho estava quase roxo de fúria.

– Você é desumana. Esta criaturinha só quer o seu leite. Você pode ficar aí sentindo pena de si mesma, mas vai amamentá-la primeiro.

Nell pousou a criança na cama e abriu a camisola de Hope. Seus seios estavam grandes como melões, as veias saltando de tão saturados de leite.

– Vai deixá-la mamar. Não vou ficar aqui parada vendo você ser tão egoísta.

Pegou Betsy e colocou-a no peito de Hope. Ela se agarrou ao seio da mãe com avidez, mas ainda assim Hope não tentou acomodá-la nos braços, nem mesmo olhar para ela.

Nell empoleirou-se na cama sustentando o bebê, tão cansada que achou que cairia no chão a qualquer momento, mas sabia que não poderia voltar para a cama até que a fome de Betsy estivesse saciada, e ela, de volta ao berço.

Entenderia melhor a reação de Hope se ela tivesse sido informada oficialmente da morte de Bennett. Mas o capitão não achou que ele estivesse morto, então por que Hope acreditava que fosse assim?

Depois de uns vinte minutos mamando, Betsy adormeceu. Nell a tirou do peito de Hope e a fez arrotar, depois a deitou de volta no berço. Quando se voltou para Hope, viu que ela nem ao menos cobrira os seios.

– Você não pode nem se cobrir? – disse Nell, muito brava. – Sabe quanto estou cansada?

Não consegue pensar em ninguém mais além de você?

Não houve resposta, e Nell estava tão fora de si que estapeou o rosto de Hope com força. Mas o tapa não surtiu efeito, a irmã continuou prostrada como antes, como se não pudesse ver, ouvir nem sentir nada.

– Você é malvada! – gritou. – Até as desgraçadas mais miseráveis que acabam no asilo cuidam de seus filhos. Assim que o dia clarear, vou mandar chamar o Dr. Cunningham porque não sei mais o que fazer com você!

E então saiu do quarto, temendo fazer algum mal à irmã caso continuasse ali com ela.

– Não sei o que fazer, Sr. Rufus – disse Nell aos prantos quando ele apareceu na manhã seguinte.

– Estou esgotada, não aguento mais.

Rufus tinha ido a Keynsham buscar milho para as galinhas e, num impulso, decidiu parar em Willow End para visitar Hope e o bebê. Assim que viu Nell, notou que algo ia muito mal. Os olhos dela estavam inchados de tanto chorar e ela parecia exausta.

Então ela contou como tinham sido os últimos dez dias, desde a carta do capitão Pettigrew, e começou a chorar outra vez, soluçando, dizendo que tinha medo que Hope acabasse em um hospício.

Rufus não via Hope desde o dia em que ela fora à casa do portão, mas Matt e Amy tinham ido visitá-la alguns dias após o nascimento de Betsy e comunicado a ele que tanto a mãe quanto a criança estavam bem, ou melhor, disseram nunca ter visto uma mãe tão feliz.

Ele não sabia sobre a carta de Angus Pettigrew, porém. Se tivesse sabido, teria ido até lá imediatamente.

Rufus podia imaginar que um choque desses logo após o parto a deixasse transtornada, mas, assim como Nell, não entendia por que Hope rejeitaria o bebê.

Nell mostrou-lhe a carta de Angus, que para ele não pareceu tão alarmante, pois havia apenas três ou quatro linhas sobre Bennett, o resto descrevendo o que o capitão estava fazendo e os planos para mais um bombardeio de Sebastopol.

– Ele não teria escrito sobre a doença de Bennett tão por alto se achasse que haveria possibilidade de ele morrer – observou Rufus.

– Não teria, eu sei – disse Nell, chorosa. – Mas é preocupante Bennett não ter escrito. Mesmo que estivesse tão mal que não pudesse segurar uma caneta, decerto teria pedido a alguém que escrevesse para ele, não acha?

Rufus concordou, mas achou que não seria bom fazer Nell pensar o pior.

– Foi provavelmente o que fez, só que a carta ainda não chegou até aqui – disse ele com firmeza. – Agora, vá e descanse, Nell. Vou falar com Hope.

Rufus entrou no quarto de Hope sem bater e foi direto para a janela abrir as cortinas. Betsy dormia no berço e, quando ele se afastou da janela e viu quanto Hope havia mudado desde a última vez que a vira, ainda antes do parto, seu coração se apertou.

Ela estava radiante então, as faces rosadas e cheias, os olhos cintilando como quando era menina. Agora seu rosto estava magro, pálido e cansado, e os olhos escuros vazios e sem vida.

Sentou-se na beirada da cama e segurou a mão dela.

– Isso não pode continuar, Hope – disse ele, docemente. – Li a carta de Angus e não há nada



indicando que Bennett esteja morto. Você sabe perfeitamente que a correspondência vinda do Oriente pode se atrasar semanas. E, como diz Nell, as más notícias chegam duas vezes mais depressa do que as boas. Se ele tivesse morrido, você já teria sido informada.

– Eles o enterraram sem saber quem ele era – respondeu ela, o rosto contraído pelo sofrimento. – Lá isso é muito comum.

– Talvez com soldados rasos, mas não com oficiais – insistiu ele. – Nell escreveu pedindo a Angus para procurar se informar mais. Mas você precisa lembrar que é mãe e tem o dever de cuidar de Betsy.

– Não posso – disse ela, cansada.

– Você deu a ela o nome de sua amiga que morreu. Que você não negligenciou quando ela precisou de sua ajuda. Você tratou do capitão quando ele foi ferido e cuidou de inúmeros outros homens também. Está me dizendo que eles eram mais importantes do que seu próprio bebê?

– Você não entende – disse ela, desviando o olhar.

Rufus segurou seu rosto e virou-lhe a cabeça para encará-lo novamente.

– Só porque sou um homem e não tenho filhos não significa que não consiga entender o tormento que você está passando. Cuidei de minha mãe desde que Briargate foi incendiada; lidei com suas infinitas recriminações a si mesma, as lágrimas e as explosões de raiva. Havia dias em que ela não conseguia se banhar nem se vestir, quando não comia e andava de um lado para outro à noite em vez de dormir. Tive medo de ter que colocá-la em um hospício. Nell está com medo que seja para onde você está se encaminhando.

– Podem me colocar em qualquer lugar; dá tudo na mesma para mim.

– Não acredito! – exclamou Rufus, sua voz se elevando com a agitação. – Você pode se sentir assim agora, mas é capaz de vencer isso porque é forte. Tem que sair desta cama, segurar Betsy e pensar somente nela. Em pouco tempo, vai descobrir que ela será um consolo para você.

– Você não sabe de nada! – disse ela com rispidez. – Você cresceu no luxo. Enquanto você ainda dormia em sua cama de plumas, eu estava limpando as grelhas do fogão, esfregando os assoalhos, carregando as águas sujas da desgraçada da sua mãe, até limpando o vômito de seu pai. Se não fosse por Bennett, eu teria sido obrigada a viver minha vida inteira num cortiço. Talvez tivesse que me vender até para comer. Não posso viver sem ele.

– Pode, sim, se tiver que ser – disse Rufus, segurando os braços dela e sacudindo-a um pouco. – Lembre-se, você é a menina que fugiu de Albert, que teve a coragem de ficar longe porque não queria que ele fizesse mal a Nell. Você trabalhou com bravura em St. Peter, cuidando daqueles que ninguém mais queria cuidar. Angus escreveu e nos contou que os soldados que estavam na Crimeia adoravam você pelo que fez por eles. Uma mulher capaz de fazer todas essas coisas pode cuidar do próprio bebê, mesmo que seu coração esteja partido.

Ela o fitou com um olhar inexpressivo.

– Amar Bennett foi o que me deixou forte – replicou ela. – Ele preencheu todos os vazios dentro de mim. Você não sabe como é isso.

Rufus olhou para ela e acariciou seu rosto com ternura.

– Não sei? Você acha que é a única com vazios dentro de si? Talvez eu tenha dormido em uma cama de plumas, Hope, mas nunca tive o tipo de amor que você recebeu de sua família. Meu pai estava sempre fora em algum lugar ou bêbado, e minha mãe só passava no máximo uma hora por dia comigo. Foram Ruth e Nell que cuidaram de mim, e eu sempre invejo você porque teve o amor delas. Já pensou no inferno por que passei na escola? Apanhava dos mestres e dos meninos mais velhos, sempre faminto, sempre sentindo frio durante o inverno. Tinha a sensação de ter sido mandado para lá como castigo, mas não entendia o que havia feito para merecer.

Quanto aos anos que se seguiram ao seu desaparecimento, fiquei sem nada nem ninguém em Briargate, nem você, nem Nell, ninguém. Baines era velho demais para fazer qualquer coisa; minha mãe e meu pai se escondiam no estúdio, medrosos, enquanto Albert se pavoneava como se fosse o dono do lugar. Na escola era um inferno, mas em casa era uma desgraça.

Ele notou um ligeiro abrandamento na fisionomia dela e viu que devia continuar falando.

– Só fui para Oxford para fugir – disse ele. – Mas lá também nunca me adaptei. Era chamado de “peão de fazenda” e outros termos grosseiros que não posso repetir. Foi só na fazenda de Matt que senti que tinha algum valor.

Betsy começou a chorar, e Rufus se levantou e foi até o berço.

– Olá, pequenina – disse ele, curvando-se para pegá-la no colo. – Agora pare de franzir o rosto assim, não fica bem.

Segurando-a de encontro ao ombro, ficou junto à janela com ela.

– Sua mãe salvou minha vida anos atrás – disse ele ao bebê. – Ela contou certa vez que estava com raiva porque a mãe dela tinha desistido de viver e morrido, deixando-a sozinha. De minha parte, achei isto um pouco excessivo, afinal a pobre mulher estava muito doente. O que você acha, Betsy? Uma mãe deve colocar o marido ou o filho em primeiro lugar? Você entenderia se sua mãe virasse as costas para você porque estava com medo de viver sem seu pai?

Ele escutou um choro fraco atrás de si. Era Hope.

– Ela era a menina mais bonita, engraçada e animada de toda a redondeza – continuou ele, beijando a cabecinha de Betsy. – Valente como um leão, bondosa, atenciosa e tão esperta quanto uma raposa. Não era o tipo de pessoa que se espera que vá terminar seus dias em um hospício. Além do mais, eu estava contando com ela para ir em breve a Briargate me dar uma opinião sobre a possibilidade de transformar as estrebarias em uma casa para Lily e para mim.

Ele se virou quando os soluços se tornaram mais altos. Hope estava transtornada, lágrimas descendo-lhe pelo rosto e a cabeça virando de um lado para o outro no travesseiro.

Nell lhe dissera que Hope tinha chorado somente um pouco quando a carta chegou. Explicou que foi como se o espírito de sua irmã a deixasse e só restasse uma casca. Olhando para Hope, Rufus pensou que talvez aquelas lágrimas fossem necessárias para libertar esse espírito de algum lugar escuro em que estava escondido.

Doía ver sua angústia. Ele teve vontade de abraçá-la e confortá-la. Mas estava com Betsy no colo e sabia que seu papel naquele momento devia ser o de seu protetor.

Então esperou pacientemente até que as lágrimas de Hope começaram a diminuir e ela procurou um lenço para assoar o nariz e secar os olhos. Ela estava horrível, o rosto manchado e vermelho e os olhos inchados. Mas era melhor do que o vazio de antes.

– Você vai amamentá-la agora.

Era uma ordem, não uma pergunta, e ele ficou aliviado quando ela assentiu.

– Boa menina – disse ele, e deitou Betsy na cama por um momento.

Ajudou Hope a sentar-se, enxugou as lágrimas de seu rosto, ajeitou os travesseiros atrás das costas dela e colocou a criança em seus braços.

– Eu gostaria de ficar e desfrutar de sua companhia enquanto você a amamenta – disse ele com um sorriso. – Mas não acho que Nell aprovaria! Vou estar lá embaixo, porém, basta chamar quando terminar.

E parou na porta, aliviado ao ver que ela estava acalentando Betsy com ternura.

– Você não está sozinha, Hope – disse ele, mansamente. – Você tem muitas pessoas que a amam. Aconteça o que acontecer, nunca a abandonaremos.

Rufus sentiu-se como se tivesse passado por um rolo compressor enquanto descia as

escadas e entrava na cozinha. Nell ainda estava caída por cima da mesa.

– Ela está amamentando Betsy – disse ele, pousando a mão nos ombros curvados de Nell. – Vou ficar aqui pelo resto do dia, vá deitar-se.

– Mas tenho que preparar as refeições, lavar as fraldas – protestou Nell.

– Dora pode fazer isso – disse ele delicadamente, pois notou que Nell estava quase tão perturbada quanto Hope. – Não faz mal deixar as coisas um pouco de lado por enquanto. Você trabalhou tanto a vida toda, Nell, já é tempo de descansar quando for preciso.

Ele a ajudou a ficar de pé e a abraçou. Parecia ter sido há tão pouco tempo que ele era aquele garotinho que corria e enterrava a cabeça em seus seios macios para ser consolado. Agora ela é que era pequena, sua cabeça só alcançava seu peito, e ele esperava que a estivesse consolando.

– Acho que ela vai ficar bem agora – disse ele para acalmá-la. – Vocês Rentons são durões. Também vou escrever hoje para o capitão. Agora que a guerra por lá está chegando ao fim, talvez ele possa ir a Scutari e encontrar Bennett para nós.

Três semanas depois, Rufus voltou a Willow End, dessa vez com um cavalo e uma charrete, para levar Hope e Betsy para ver sua mãe.

Sentiu uma onda de prazer imenso quando Hope saiu animadamente, usando um chapéu vermelho gracioso enfeitado com uma vistosa pluma e com Betsy aconchegada sob o capote axadrezado vermelho. Rufus tinha vindo visitá-la várias vezes nas últimas três semanas e, embora Hope ainda não tivesse sabido de nada mais sobre Bennett, parecia apenas preocupada e tensa, não melancólica.

No entanto, hoje ela parecia realmente bem outra vez, com seu sorriso vivo e boa cor. Um pouco magra, talvez, pois Nell contara que ela não estava comendo muito bem. Mas parecia muito melhor.

Nell vinha logo atrás delas. Como sempre, usava um avental alvo como neve por cima do vestido escuro e a touca enfeitada de renda de uso caseiro que lhe cobria todo o cabelo.

Rufus saltou da charrete e tirou Betsy dos braços de Hope, fingindo deixá-la quase cair.

– Meu Deus, como você está ficando pesada! Não sei se Flash vai querer levá-la até lá!

– Ela é uma menina gulosa, sem dúvida – disse Nell, cheia de carinho. – E você cuide bem delas, Rufus, e traga-as de volta antes de anoitecer.

– É tão bom ver o sol de novo, mesmo que esteja muito frio. – Hope saltou para dentro da charrete e estendeu os braços para o bebê. – Toda aquela chuva que tivemos! Não botei os pés aqui fora nos últimos quatro dias.

– Este pode ser o último dia de bom tempo antes de o inverno chegar – avisou Rufus. – Os bebedouros dos animais estavam congelados hoje de manhã, e todas as folhas das árvores já caíram.

Foi sentar-se ao lado de Hope na charrete, agasalhou os joelhos dela com uma manta e puxou o capote um pouco mais para proteger o bebê. Então, cumprimentando Nell com o chapéu, estalou a língua para o cavalo e eles seguiram pela estrada.

Hope se inclinou para fora da capota da charrete e acenou para Nell.

– Ela não está muito satisfeita por eu ir a Briargate. Há alguma coisa entre ela e sua mãe; você sabe o que é?

Rufus olhou de relance para ela e sorriu.

– Aposto que é apenas por causa daquela história de minha mãe não a apoiar quando você

desapareceu.

– Não acho que seja isso – disse Hope, pensativa. – Ela não é de guardar rancor e, além disso, está muito mais feliz agora como governanta de Angus. Tem mais a ver comigo. Parece que não gosta da ideia de eu vir aqui visitar sua mãe.

– Nell ainda está presa às formalidades antigas – disse Rufus de modo despreocupado quando o cavalo entrou no trote. – Ela não consegue aceitar o fato de sua irmã ir tomar chá com sua ex-senhora aristocrata.

– Então preciso tomar muito cuidado para não ofender a senhora aristocrata com um comportamento inadequado, e depois você tem que informar a Nell que eu fui um modelo de cortesia e respeito – respondeu Hope em tom divertido. – Ah, Rufus, é tão bom estar ao ar livre... Estou bem de novo, mas Nell não está inteiramente convencida disso.

A lembrança de Hope sobre a fase a que Nell se referia com certo tato como “quando ela não era bem ela mesma” era muito nebulosa. Dora lhe disse sem rodeios que ela estava completamente doida, que se recusava a amamentar ou mesmo segurar Betsy, e que Nell ficou desesperada. Baixando o olhar para Betsy envolta em xales em seus braços, Hope achava difícil acreditar que poderia ter feito tal coisa. Mas lembrava uma sensação de estar se afogando numa espécie de pântano negro que a envolvia.

Estranhamente, tinha consciência de que fora Rufus quem a puxara desse pântano com suas confidências sobre a própria infância, pois recordava a maior parte do que ele dissera naquele dia. Sempre o considerou tão afortunado que foi uma surpresa descobrir que se sentia mal-amado e rejeitado, e que seus anos na escola tinham sido tão difíceis. Mais tarde, quando pensou quanto ele tinha trabalhado desde a morte do pai para dar uma vida nova a si próprio e à mãe, sentiu-se muito envergonhada.

Seus medos com relação a Bennett não tinham diminuído; na realidade, ficavam mais intensos a cada dia sem notícias dele ou sobre ele. Entretanto, quando se sentia deprimida, pensava em todos os soldados mortos em combate, enterrados junto ao rio Alma e em túmulos não marcados em Balaclava.

Sabia que nenhuma das suas viúvas teria o consolo que ela tinha, mas estava certa de que, por mais desesperada que fosse sua situação, não abandonariam seus filhos. Ela podia contar com a sorte de ter tantos amigos e parentes em torno de si para apoiá-la e, por causa de Betsy, precisava se mostrar corajosa.

No entanto, nem com a maior vontade do mundo era possível ser corajosa à noite, quando o medo de talvez ter que viver sem Bennett caía sobre ela como uma torrente escaldante. Muitas vezes, era tão ruim que ela enchia a boca com o lençol para seu choro não ser ouvido. Podia ter a segurança de saber que Nell e o tio Abel nunca deixariam nem ela nem Betsy desabrigadas, mas era de seu amor por Bennett que precisava para sobreviver.

Todos os dias esperava pelo correio com inquietação. Chegaram mais duas cartas de Angus, mas estavam cheias das notícias sobre a queda de Sebastopol, da entrada na cidade e a devastação que vira lá, pois ele ainda não havia recebido nenhuma das cartas de Nell ou dela perguntando sobre Bennett.

Hope escreveu ao quartel da Brigada de Fuzileiros em Winchester perguntando se podiam lhe dar alguma informação, e ao Dr. Anderson, no hospital de Balaclava, pedindo esclarecimentos sobre o que acontecera. Também escreveu várias cartas para Bennett em Scutari, esperando que o alcançassem. Era muito difícil redigi-las, pois, se ele estivesse vivo, mas muito doente, não queria preocupá-lo demonstrando seus temores e ansiedades. Porém, ser forçada a escrever palavras superficiais e animadas sobre sua linda filha e sobre as notícias triviais de casa

quando, em seu coração, pressentia que ele nunca as teria, era quase impossível.

Também havia momentos nos quais se sentia furiosa com a normalidade ao seu redor. Enquanto sua mente era atormentada pela dúvida de Bennett estar vivo ou morto, não parecia certo Nell perguntar o que ela gostaria de comer no jantar, ou se deveriam ir a Keynsham comprar material para um vestido novo.

Os jornais continuavam a relatar a progressão da guerra. Sebastopol havia caído no dia 9 de setembro, o que indicava que a paz logo seria declarada. No entanto, o que exasperava Hope era todos só parecerem estar interessados em quem seria condecorado ou promovido. O governo aparentemente não fazia planos para os feridos, que nunca mais poderiam voltar a trabalhar, ou para as esposas e famílias dos homens que haviam morrido lá fora.

Hope sabia que tio Abel estava pressionando todas as pessoas que pudessem dar informações sobre Bennett, mas até ele dissera de modo bastante incisivo que também tinha pacientes para atender.

Ela amaldiçoava em silêncio o tempo que a correspondência levava para chegar à Inglaterra; as restrições da maternidade a impediam de ir a Winchester e exigir pessoalmente uma explicação do regimento. Dizia a si mesma que se tinham passado apenas três meses desde a data em que Bennett escrevera pela última vez, o que na realidade não era tanto assim, mas para ela parecia uma eternidade.

– Eu realmente não sei como minha mãe vai aguentar este inverno – disse Rufus enquanto passavam pelo vilarejo de Corston. – No ano passado, ela ficou paralisada com o reumatismo, passou muito tempo de cama, e imagino que vá ser pior este ano.

– Deve ser uma vida muito árida para ela – disse Hope, pesarosa, pensando nos dias em que Nell a vestia e arrumava seus cabelos e ela saía quase todas as tardes em sua carruagem para fazer visitas. – Alguém aparece para visitá-la?

– Na verdade, não. – Ele suspirou. – O reverendo Gosling vem, e também os Warrens, mas suas visitas estão se tornando cada vez menos frequentes. Não posso culpá-los, pois ela às vezes é muito estranha e difícil. Eu sinto que deveria passar mais tempo com ela, mas como posso quando há tanto trabalho na fazenda?

Ele virou a cabeça e sorriu para Hope.

– Mas não vamos falar de coisas sombrias. Temos que aproveitar ao máximo o dia de hoje, e mal posso esperar para lhe mostrar meus planos para as estrebrias. Dará uma casa de bom tamanho e, como o telhado está bom e a bomba d'água fica bem junto da porta, não vai custar muito. Matt, Joe e Henry se ofereceram para me ajudar, e Geoffrey Calway vai fazer a carpintaria.

– Ele deve estar ficando velho – disse Hope, lembrando-se do homem que fizera os caixões de seus pais. – Como vai a esposa dele? Ela foi muito gentil comigo quando minha mãe e meu pai morreram.

– Ainda engraçada como sempre – disse Rufus. – Você provavelmente era muito nova, então, para avaliar que pessoa interessante ela é, estar com ela é como receber uma dose de raios de sol. Mas o vilarejo está cheio de gente boa. Quando Bennett retornar, acho que você deveria voltar. Não temos médico agora, todos estão sempre reclamando disso.

Hope gostou da maneira positiva como ele disse “quando” Bennett retornar.

– Eu gostaria muito – disse, imaginando morar em um pequeno chalé junto do rossio, perto o suficiente para ir a pé até as casas de Matt e Rufus, e Betsy crescendo e fazendo todas as coisas

que ela fazia quando criança.

– Estamos quase chegando – disse ele, quando passavam pelo poste sinalizador para Hunstrete. – Espero que minha mãe hoje esteja melhor. Quando saí, ela parecia muito satisfeita porque ia ver Betsy, tinha até colocado seu vestido mais bonito. Mas o humor dela é como o tempo, nunca se sabe quando vai mudar.

Os temores de Rufus de que poderia ser difícil lidar com sua mãe pareceram sem fundamento quando ela saiu da porta da casa e cumprimentou-os calorosamente. Hope reparou que ela tivera muito cuidado com a aparência. O cabelo estava arrumado quase tão bem quanto Nell costumava fazê-lo, e ela usava uma gola de renda creme em seu vestido negro de luto para alegrá-lo um pouco.

– Você não pode imaginar como fiquei animada com a perspectiva de ver seu bebê – disse, enquanto os levava para dentro, para o ambiente aquecido junto ao fogo. – Posso segurá-la?

Talvez porque Hope já estivesse preparada para quanto sua antiga patroa se tornara prematuramente velha e magra, dessa vez sentiu-se mais à vontade. Também a comovia a mulher estar ansiosa para segurar Betsy. E a recebeu em seus braços com todo o cuidado e prazer com que Nell e Dora o faziam.

Hope ofereceu-se para fazer um pouco de chá enquanto lady Harvey cuidava do bebê, e elas conversaram tranquilamente enquanto Rufus saía por um tempo para levar Flash à estrebaria e cuidar de algumas pequenas tarefas.

– Sinto muito sobre o seu marido – disse lady Harvey, o rosto enrugado demonstrando verdadeira solidariedade. – Mas não deve se preocupar, minha querida, tenho certeza de que vai ter notícias dele muito em breve.

Hope contou-lhe sobre as cartas que havia escrito e tudo o que tio Abel tinha feito. Evitou mencionar Angus por receio de abrir portas na mente de lady Harvey que seria melhor manter fechadas.

Nessa visita, Hope até se sentiu capaz de deixar de lado os acontecimentos impactantes ocorridos na casa do portão. Lady Harvey mostrou vários móveis, quadros e tapetes que tinham sido enviados de Sussex por suas irmãs.

– Às vezes, acho difícil imaginar que já morei em uma mansão – disse ela com bastante alegria. – Os últimos anos lá não foram muito agradáveis. Costumávamos sentir muito frio; pelo menos esta casa é quente e acolhedora.

Mostrou a nova cozinha para Hope com orgulho, e parecia absurdo que essa mulher que raramente punha o pé na cozinha da própria casa pudesse estar tão encantada com o fato de o fogão novo ter dois fornos, ou que se vangloriasse de ter cozinhando em um deles um ensopado que ela tinha preparado sem qualquer ajuda.

– Já não sou uma cozinheira tão ruim. – Ela riu, alegremente. – A Sra. Webb costumava vir do vilarejo me dar lições quando eu me mudei para cá. Um dia, botei um pudim de arroz no forno muito quente, o pudim queimou e fez uma bagunça terrível. Mas estou melhorando a cada dia. Sei até fazer bolos.

Hope ficou impressionada; imaginava que lady Harvey fizesse muito poucas coisas por conta própria, mas pelo jeito não era bem assim.

Amamentou Betsy pouco depois e, quando a estava acomodando num cesto de roupa para dormir, Rufus voltou. Deu um sorriso largo, encantado ao ver que tudo ia bem, e Hope percebeu que ele antes estava convencido de que não seria assim.

Depois que comeram o ensopado, tão bom quanto os que Hope fazia, Rufus disse que eles precisavam ir ver as estrebarias. Já eram duas e meia e queria levá-la para casa antes de escurecer.

– Você virá novamente em breve? – perguntou lady Harvey, tirando Betsy do cesto de roupa e aconchegando-a nos braços da mãe. Ela também ajeitou o chapéu de Hope e deu-lhe um tapinha no rosto como se fosse uma tia afetuosa.

– Sim, é claro que virei, milady. – Hope beijou o rosto dela. – Foi um almoço tão agradável, e foi tão bom vê-la de novo. Talvez Rufus possa levá-la até Willow End para passar o dia. Eu sei que Nell adoraria.

Lady Harvey deu um sorriso feliz, por um momento parecendo-se exatamente como antes, quando Hope era menina.

– Bennett vai voltar para casa – insistiu ela. – Eu sei que vai. Tente não se preocupar, minha querida.

– Isso foi realmente extraordinário – disse Rufus enquanto caminhavam. – Eu esperava que minha mãe ficasse falando sobre suas doenças, ou se queixasse da tristeza de sua vida atual. Mal posso acreditar que ela tenha demonstrado uma consideração tão grande por você e Betsy. Ela nunca expressou muita simpatia por ninguém antes.

– Você contou a ela que eu estive louca por uns tempos? – perguntou Hope, zombeteira. – Talvez tenha sido isso que a fez achar que temos algo em comum.

Rufus riu.

– Não, não contei, e de qualquer forma você não estava louca, só deprimida. O que é bastante compreensível, tendo em vista que você deu à luz recentemente.

Nas estrebarias, Hope decidiu deixar Betsy na charrete enquanto olhavam em volta. Sob a capota, embrulhada em uma manta, ela ficaria mais aquecida e segura do que no colo e, se acordasse, Hope estaria a poucos metros de distância.

Tantas lembranças lhe vinham diante das portas pintadas de verde das cocheiras, agora cheias de bolhas e enegrecidas pelo fogo! Quando ela lavava panelas na pia da copa, avistava as estrebarias e via James cuidando dos cavalos ou tirando o estrume. Lembrava-se de dar comida a Merlin e aos outros cavalos com Rufus, de subir para montar a sela de sir William quando James a enganchou na mureta de uma das baias e de brincar de esconde-esconde com Rufus no alto do paiol de feno.

– Lembra-se daquele verão quente quando minha mãe estava em Sussex, pouco antes de eu ir para a escola? – perguntou Rufus. – Colocaram uma mesa e cadeiras aqui no pátio porque estava muito quente na cozinha, e Martha fez aquele licor de framboesa para nós.

Hope sorriu. Aquele verão era uma de suas melhores lembranças, pois os dias eram tão longos e lânguidos, e todo mundo estava muito bem-humorado. Em certas noites, todos ficavam sentados ali no pátio da estrebaria até bem mais de dez horas, e ela e Rufus olhavam para as estrelas lá em cima e tentavam contá-las.

Muitos dos paralelepípedos no pátio estavam quebrados e desconjuntados agora, e só o que restava da casa grande era uma camada de tijolo e pedra. Mas o degrau da porta da cozinha, onde tantas vezes Hope se sentara durante aquele verão debulhando ervilhas ou descascando batatas, ainda estava lá, como um monumento aos bons tempos.

– Nada se salvou da casa? – perguntou ela, incapaz de assimilar que a sala de estar ficava onde era agora o galinheiro, ou que a magnífica escadaria tinha sido completamente queimada.

– Panelas e frigideiras, e só – disse Rufus, pesaroso. – E as estátuas do canteiro de rosas na frente da casa. Eu as vendi para um homem em Bath e guardei grande parte das pedras das

paredes externas da casa. Mas os móveis, livros, pinturas e porcelanas foram todos destruídos. Não pensemos nisso, porém, vamos entrar porque quero lhe mostrar o que tenho em mente.

Ele estava usando apenas o primeiro prédio das estrebarias para Flash e seu cavalo do arado. Nos outros dois maiores, Rufus já havia retirado as baias e aberto um grande espaço vazio.

– Vou fazer a cozinha aqui – disse, andando por uma área de uns dois metros quadrados. – Depois, um corredor com uma escada para os quartos no andar de cima, e a sala de estar adiante. Vou construir lareiras e chaminés na parede de trás.

Tinham acabado de subir a velha escada dentro da estrebaria que levava ao jirau acima quando ouviram um sino tocando.

Rufus deu um gemido.

– É minha mãe. É o sino antigo na parede da casa do portão. Gostaria de nunca ter pedido que ela tocasse se precisasse de mim; em seus dias ruins, ela toca três ou quatro vezes por dia.

Desceram a escada e olharam para o caminho; lady Harvey tinha voltado para dentro da casa.

– Às vezes ela toca apenas porque perdeu alguma coisa – disse Rufus, franzindo a testa, irritado. – Mas é melhor eu correr lá e ver o que houve. Espere aqui, realmente preciso da sua opinião sobre as janelas e se eu deveria fazer a porta da frente indo direto para a cozinha ou para o corredor.

– Vou pensar nisso enquanto você vai lá – disse Hope. – E é melhor se apressar, pode ser algo sério. Volte a tocar o sino se precisar de mim.

Assim que Rufus se afastou, Hope voltou para dentro da estrebaria e imaginou o que ia querer caso aquela fosse sua casa. A primeira coisa que lhe ocorreu foi que deveria haver janelas na parede externa para deixar entrar o sol da manhã. Pensou também que Rufus deveria construir a chaminé e as lareiras no meio, com o fogão da cozinha de um lado, a lareira da sala de estar no outro, e assim os quartos no andar de cima ficariam mais quentes.

Ouviu o som de passos nas pedras do lado de fora.

– Você foi rápido!

Subitamente, sentiu um cheiro desagradável. Ela se virou e viu um homem na entrada da estrebaria. Era um mendigo, com roupas sujas e esfarrapadas. Ele era tão grande que bloqueou a claridade, e Hope não conseguia ver seu rosto com clareza.

– Está procurando por alguém? – perguntou, nervosa, pois a postura dele era visivelmente ameaçadora e ela receou que ele tivesse ido ali procurar comida. – Sir Rufus voltará logo.

– Achei que tinha dito a você para nunca mais voltar aqui – disse ele, a voz rouca e engrolada.

Ela soube de imediato quem era e seu sangue gelou.

– Albert! – exclamou, ofegante.

Aquele homem não se parecia com ele nem falava como ele. Porém, somente Albert diria tal coisa, e nenhum outro homem teria tamanho poder de assustá-la.

Num instante de intuição, percebeu que fora por isso que lady Harvey tinha tocado o sino. Ela devia tê-lo visto, talvez atravessando o campo ou saindo da floresta.

– O gato comeu sua língua? – perguntou ele com a voz áspera.

– Estou apenas surpresa por vê-lo. Ouvi dizer que se alistou no Exército.

Seu coração estava martelando no peito porque era óbvio que o homem não se arriscaria a voltar ali a menos que estivesse mal-intencionado. O mais provável era que pretendesse agredir Rufus ou lady Harvey, pois não poderia saber que ela estaria lá. Na verdade, a não ser que estivesse escondido por perto durante todo o dia observando a casa do portão, era provável que



estivesse tão surpreso quanto ela por estarem frente a frente outra vez.

– Cale a boca! – ordenou ele. – Vá para aquele canto.

Ele veio em sua direção e ela o viu nitidamente. A boa aparência tinha desaparecido, suas feições bonitas de antigamente agora estavam inchadas e entranhadas de sujeira. O cabelo, que sempre fora preto e lustroso, estava comprido, emaranhado e grisalho. Uma barba grisalha espessa cobria seu rosto e faltavam-lhe vários dentes. Ele se parecia com muitos dos homens embrutecidos que ela via no tempo em que vivia em Lewins Mead.

Ela recuou, prendendo a respiração de tanto medo. Se ele estivesse fugindo desde que incendiara Briargate, não teria escrúpulos em matar mais pessoas, e Betsy estava lá fora na charrete. Se acordasse e chorasse, Hope sabia que ele não a pouparia.

– Vá embora agora, Albert – disse ela com toda a calma possível, mesmo que suas pernas estivessem bambas. – Não há nada para você aqui além de mais problemas. Tenho um pouco de dinheiro que posso lhe dar.

– Eu não quero seu maldito dinheiro – respondeu ele, a voz sibilante. – Dei a este lugar os melhores anos da minha vida e tudo foi destruído. Eu quero vingança.

Os olhos escuros brilhavam como brasas, e ela então percebeu que Albert havia enlouquecido. Ele nunca tinha sido um homem de muito raciocínio, então Hope sabia que qualquer tentativa de adulação ou súplica não teria qualquer efeito. Ela tinha que lutar contra ele ou ser mais esperta. Se não o fizesse, ele a mataria e ainda qualquer outra pessoa que se pusesse no caminho.

– Eu não destruí nada! – disse Hope, tentando desesperadamente ganhar tempo enquanto pensava em um plano. – Era apenas uma criança que deu com algo que não entendia. Mantive a minha palavra. Nunca voltei aqui até algumas semanas atrás. Não contei a ninguém o que vi naquele dia na casa do portão.

Com o canto do olho, viu um forçado encostado na parede à direita.

– Acha que estou querendo saber de você ou do que disse para alguém? – esbravejou ele, ameaçador. – Nunca me importei com nada a não ser com o meu jardim, e tudo acabou agora, derrubaram as árvores, meus canteiros foram estragados. Mas você ajudou a destruir o que eu tinha, e por isso vai pagar. Agora, vá para aquele canto para eu amarrar você, e aí esperamos até que o desgraçado do lorde volte.

Ela entendeu então que era Rufus que ele planejava matar, mas como a encontrara ali, iria obrigá-la a assistir a Rufus morrer antes de matá-la também.

Ele mexeu debaixo do casaco esfarrapado, puxando primeiro um pedaço de corda, depois uma faca.

– Volte para lá e fique de costas – ordenou.

A visão da lâmina comprida e reluzente paralisou-a de pavor, pois no passado muitas vezes o vira abrindo um coelho com uma faca.

– É boa e afiada – disse ele, passando a lâmina no dorso da mão e cortando os pelos para comprovar. – Agora, vá para lá!

Ela recuou de novo, argumentando com ele o tempo todo, e a cada passo aproximava-se aos poucos do forçado. O homem estava mais pesado e mais lento do que oito anos antes, e ela esperava que, em seu estado mental perturbado, não levasse em conta que Hope pudesse lutar contra ele.

– Onde você esteve todos esses anos? – perguntou ela, para ganhar tempo e sem querer de fato saber. – Chegou a trabalhar em outro jardim?

– Como eu poderia trabalhar em algum lugar quando estava sendo caçado! Sou o melhor

jardineiro da Inglaterra e fui forçado a viver como um vagabundo. Ladrões roubaram todo o meu dinheiro enquanto eu dormia. É tudo culpa sua, e agora você vai pagar por isso.

– Por favor, Albert – implorou ela, sabendo que era vital convencê-lo de que estava indefesa e não tinha como apanhá-lo desprevenido. – Deixe-me ir e nunca vou contar a ninguém que vi você.

– Vire-se para a parede! – gritou ele. – E feche essa boca!

Ela se virou, mas, ao fazê-lo, agarrou o forçado e virou-se para encará-lo, apontando-o para ele.

Só o que tinha a seu favor eram os pés rápidos e ágeis. Sabia que, se ele conseguisse agarrar o forçado, seria o fim.

– Para trás! – gritou avançando e, enquanto ele recuava, pulou ligeira para um lado. – Venha, pegue se puder! Estou morrendo de vontade de enfiar isto em você.

Ela amaldiçoou seu capote pesado, sabia que não teria forças para manter o homem longe por muito tempo, mas, se o fizesse ficar de costas para a parede, poderia correr e golpeá-lo com o forçado, ou pelo menos segurá-lo até Rufus voltar.

Ela dançou ao redor dele como uma borboleta, dando estocadas e saltando para trás quando ele tentava agarrar o forçado ou atingi-la com a faca. Seu chapéu caiu, seu cabelo começou a despencar, e várias vezes a lâmina da faca passou rente a seu braço.

Ele estava ficando cansado, com a respiração arquejante, e os movimentos se tornavam mais lentos. Ela pensou que, além disso, ele devia estar com muita fome.

– Vamos – provocou-o. – O que aconteceu com você? Muita bebida, não é?

Ela mantinha o ouvido atento a Rufus, que com certeza estava se perguntando por que ela não teria ido para a casa do portão. No entanto, seu medo supremo era que Betsy começasse a chorar, pois, mesmo que Albert tivesse perdido a cabeça, certamente perceberia que um bebê era o refém perfeito para fazer com todos o que bem entendesse.

Sua dança e os golpes foram ficando cada vez mais acelerados até que, finalmente, ela o colocou de costas contra a parede e ela própria ficou de costas para a porta. Então Betsy começou a chorar.

Albert parou e escutou, um sorriso escarninho retorcendo-lhe grotescamente os lábios.

– Então você tem um neném! – disse, levantando a faca de forma ameaçadora.

Ele poderia facilmente atirar-lhe a faca, mas Hope achou mais provável que fosse atacá-la com ela.

– Não ouse! – Ela o preveniu, segurando o forçado com mais força.

Hope começou a suar frio. Sabia que se não o impedisse de sair ele iria direto para Betsy. Todo o ódio por esse homem que guardara dentro de si durante tantos anos veio à tona. Ele não iria colocar um dedo em sua filha. Ela teria que matá-lo para evitar que isso acontecesse.

– Você não pode me impedir – disse ele em tom zombeteiro, e deu um passo à frente.

Ela sabia que o peso e a força contavam a favor dele. Bastaria ele atacá-la e ela seria jogada para o lado como se fosse uma teia de aranha. Mas tinha que detê-lo; a vida de sua filha, a sua própria e possivelmente a de Rufus e lady Harvey também estavam em jogo.

A imagem dos soldados da Brigada de Fuzileiros nos Heights, diante de Sebastopol, praticando ataques com baionetas veio-lhe num instante à cabeça. E lembrou-se do sargento gritando para eles: *É matar ou ser morto!*

Uma onda de fúria incandescente correu-lhe pelas veias. Que importância tinha ela ser menor e mais leve do que ele? A razão estava do seu lado, e sua causa era muito maior do que a dele.

– Morra, seu canalha! – gritou, e o atacou da maneira como vira os soldados fazerem.

Atingiu-o no estômago e jogou todo o seu peso no forcado para pressioná-lo de encontro à parede, gritando como se estivesse possuída. A faca retiniu ao cair no chão, os olhos dele se arregalaram com o choque. Só quando o fedor dele a dominou ela viu que tinha empurrado o forcado tão fundo que as pontas tinham desaparecido.

Os braços dele se agitaram no ar, as mãos instintivamente se moveram em direção ao forcado. A boca se abriu e ele emitia um som áspero de agonia. O sangue jorrou, espirrando nas roupas de Hope, e ela recuou, cheia de repulsa.

Um soldado ferido certa vez lhe contara que podia matar quantos inimigos fosse com seu rifle e alegrar-se a cada vez, mas tinha pesadelos com os que matara com sua baioneta, pois vira seus rostos, sentira sua dor.

Agora ela sabia exatamente o que o soldado queria dizer. Albert estava escorregando lentamente pela parede, as mãos ensanguentadas segurando o forcado e uma expressão agoniada no rosto. Um dia, sentada na igreja, assistira a esse homem se casar com sua irmã. Tinha cozinhado suas refeições, lavado suas camisas.

Talvez nunca tivesse gostado dele, era uma criatura detestável que havia amedrontado e aterrorizado Nell e ela própria. Matou sir William e deveria ter sido enforcado por isso. Mas ela estava horrorizada por ser capaz de matar.

Uma onda de náusea a alcançou e ela cambaleou para a porta. Rufus vinha correndo pelo caminho carregando uma espingarda, seguido de perto por lady Harvey.

– Ele está lá! – Hope conseguiu sair antes de vomitar.

Tremendo da cabeça aos pés, ela de alguma maneira conseguiu chegar à charrete e apanhar Betsy. A menina parou de chorar de imediato, mas a sensação do pequeno corpo quente pressionado contra o seu fez as lágrimas brotarem nos olhos de Hope.

Virou-se com o bebê em seus braços e viu Rufus e lady Harvey parados na porta da estrebaria olhando para dentro.

– Ele está morto? – perguntou Hope.

– Ainda não – disse Rufus com voz gélida. – E espero que demore bastante antes que esteja.

Hope voltou para a casa do portão sem lady Harvey e Rufus, esperando que eles viessem em seguida. Apesar de trêmula, fez um bule de chá e sentou-se para amamentar Betsy, esforçando-se para assimilar o que acabara de acontecer.

Levou uma boa meia hora, talvez mais, até que os outros dois retornassem, quando já acabara de amamentar e estava trocando a fralda do bebê. Lady Harvey entrou sem dizer uma palavra, sentou-se junto à lareira e inclinou a cabeça quase até os joelhos.

Rufus disse muito pouco. Perguntou a Hope como ela estava e insistiu que tomasse um copo de conhaque antes de levá-la para casa. Disse que iria então informar a polícia sobre o acontecido. Depois foi até a janela e ficou parado em silêncio, olhando para fora.

Hope entendia o silêncio deles, ela também não se sentia capaz de conversar sobre o que acontecera. Estavam todos profundamente abalados, mas, enquanto tomava o conhaque, percebeu que não havia só o silêncio, havia tensão.

Tinha sentido exatamente a mesma coisa quando morava ali com Albert e Nell. Naquela época, sempre achava que era a culpada pela frieza da atmosfera, e sentiu o mesmo naquele momento. Será que a culpavam por lhes trazer mais problemas?

Sua cabeça girava com imagens indesejadas. Revia a expressão surpresa de Albert quando o forçado o penetrou, seu sangue brotando e a faca caindo da sua mão. Parte dela dizia que era bom que ela o tivesse matado, mas a outra continuava lembrando: “Não matarás.”

Por que Rufus não lhe dizia que era a única coisa que poderia ter feito?

Acabou de trocar a fralda de Betsy, engoliu o resto do conhaque e levantou-se.

– Estou pronta para ir agora, Rufus.

– Tudo bem – respondeu ele, sem se virar para olhá-la. – Vou buscar a charrete.

Mas ele não se moveu; continuou olhando pela janela.

– Precisamos que alguém fique com a sua mãe quando você sair – sugeriu Hope.

Ele então se virou para encará-la, mas havia uma expressão em seu rosto que ela não conseguia decifrar, era mais do que raiva ou ansiedade.

– Não sei se posso confiar em minha mãe para não falar.

Hope franziu a testa.

– Todos vão falar sobre isso de qualquer maneira – replicou ela. – Certamente não está pensando em dizer à polícia que você o matou, e não eu.

Parecia a explicação lógica para sua estranha afirmação. Afinal, Rufus era um cavalheiro e talvez achasse que deveria mantê-la fora daquilo.

Ele levou as mãos à cabeça como se estivesse sentindo dor.

Preocupada, Hope deitou Betsy numa poltrona, aproximou-se dele e pousou a mão em seu braço.

– Nenhum de nós vai ter problemas; Albert era um assassino. Ele veio aqui hoje para ferir você e, possivelmente, sua mãe também. Não tenho medo de dizer a ninguém que fui eu. Foi horrível, mas agora está feito e estou contente por ele estar morto.

Rufus tirou as mãos da cabeça e a olhou desolado.

– Ele me contou várias coisas antes de morrer.

O estômago de Hope se contraiu. A única coisa que a consolara fora saber que a morte de Albert acabaria com suas lembranças ruins e pouparia Rufus de conhecer a verdade sobre os pais. Mas deveria ter previsto que Albert não morreria calado.

– O que ele falou?

– Sobre minha mãe e o precioso Angus de Nell! – explodiu Rufus. – Eu não sei o que é mais doloroso: minha mãe ter sido infiel ou você e Nell saberem e a acobertarem!

Um soluço estrangulado veio de lady Harvey. Hope sentiu um ligeiro sentimento de alívio por Albert não ter revelado seu relacionamento com sir William, mas aborreceu-se por Rufus culpar ela e Nell pelo erro de sua mãe.

– Esqueceu que éramos criadas? – retrucou ela. – Teríamos sido expulsas se tivéssemos deixado escapar uma palavra sequer sobre o assunto.

Ele então pareceu desalentado e desesperançado.

– Sim, claro, foi injusto de minha parte. Acho que quero me enfurecer com minha mãe, pois foi isso que evidentemente Albert escondeu sobre ela durante anos. Mas como posso me enfurecer com ela? Olhe para ela!

Hope virou-se. Lady Harvey parecia tão velha, frágil e vulnerável, sem qualquer vestígio da moça cheia de vivacidade que havia conquistado o coração do capitão.

– Esqueça – pediu Hope. – Esse homem horrendo já não causou danos suficientes às nossas famílias? Não permita que ele cause mais nenhum. Agora, por favor, leve-me para casa porque estou exausta. Mas precisamos arranjar alguém para fazer companhia à sua mãe, porque ela não deve ficar sozinha depois desse susto.

– Eu não sou apenas mãe dele, sou sua mãe também.

Hope e Rufus se viraram com a estranha afirmação de lady Harvey.

Ela estava sentada muito ereta agora e, apesar de ainda estar chorando, havia certeza em sua afirmação.

– Não diga bobagens, mãe – disse Rufus, com um tom de voz mais suave, como se estivesse falando com uma criança. – Como pode ser a mãe de Hope?

– Eu sou – insistiu ela, olhando para ambos. – Hope é o fruto do meu amor por Angus. Nell e Bridie me disseram que ela havia nascido morta para evitar um escândalo, e Nell levou meu bebê para a casa de Meg Renton.

Hope e Rufus ficaram parados como estátuas, perplexos e calados, olhando fixamente para lady Harvey. Começava a ventar, o vento produzia um som de rugido na chaminé e Betsy fazia seus pequenos balbucios de bebê, mas ninguém falou ou se mexeu por alguns minutos.

Lady Harvey quebrou o silêncio:

– Eu sei que agora minha mente vagueia de vez em quando, que esqueço as coisas e me confundo. Mas isso é verdade, e vocês precisam acreditar em mim – disse ela, a voz embargada de emoção. – Hope é sua meia-irmã, Rufus. Se eu soubesse onde ela morava e onde estava, talvez pudesse ter encontrado uma forma de criá-los juntos. Mas eu não sabia quem ela era até o dia em que Nell deixou Briargate; foi quando me contou.

Hope e Rufus se encararam.

– Mas Nell acreditava que Albert tinha matado Hope! – exclamou Rufus. – Se sabia que Hope era sua filha, por que não fez alguma coisa? É mesmo tão insensível assim?

Hope pousou a mão no braço de Rufus para acalmá-lo.

– Ela teve medo do escândalo, imagino.

– Você sabe como seu pai era naquela época – disse lady Harvey, defendendo-se. – Tive

medo, mas acabei contando a ele a verdade porque Albert estava me chantageando. Foi por isso que Albert incendiou a casa, porque seu pai e eu nos unimos e o mandamos embora.

Rufus voltou a pôr as mãos na cabeça.

– Então por que não me contou também? – questionou. – Eu vivia perguntando a ambos por que o mantinham na casa. Sabia que havia um motivo. Vocês com certeza sabiam que eu iria ajudá-los, independentemente do que tivessem feito!

– Hoje sei que deveria ter contado a você, mas não queríamos vê-lo perturbado ou constrangido. Quase contei quando soubemos que Hope estava na Crimeia – disse ela. – Mas não consegui encontrar as palavras.

– Angus sabe alguma coisa a respeito disso? – perguntou Hope.

Aquilo tudo era demais para ela. Sabia que tinha que ser verdade, pois nem uma mulher idosa desorientada seria capaz de inventar tal história. E, obviamente, era o que justificava a relutância de Nell quando ela ia ver lady Harvey.

– Não. Ele nunca soube.

A velha senhora voltou a chorar.

– Talvez Nell tenha lhe contado quando foi trabalhar para ele, mas duvido, pois ele teria vindo me ver e exigido uma explicação, iria querer saber por que escondi isso dele.

Rufus parecia ter visto um fantasma. Seu rosto estava branco, e os olhos, arregalados e espantados.

Por mais que Hope desejasse confortá-lo, sua mãe era quem mais precisava, pois estava trêmula e perturbada, então se aproximou, encostou a cabeça dela em seu colo e acariciou suas costas, consolando-a.

– Não sei o que lhe dizer – sussurrou. – Preciso refletir sobre tudo e ouvir isso de Nell também.

– Você acredita em mim?

A velha senhora se afastou dos braços de Hope e a encarou.

– Acredito. – Hope assentiu. – Mas agora não consigo lidar com isso. Preciso levar Betsy para casa.

– Não quero que tragam ninguém para cá – gemeu lady Harvey. – Não posso falar com ninguém, prefiro ficar sozinha.

Hope não falou enquanto a charrete seguia balançando pela estrada. O ruído dos cascos de Flash e a vibração das rodas pareciam combinar com seus pensamentos, enquanto identificava aqui e ali pequenos incidentes que comprovavam sua verdadeira origem.

O nervosismo de Nell sobre Angus quando ele foi a Briargate, as sensações que ela tantas vezes experimentou de não pertencer inteiramente à sua família, até a antiga história sobre ela ser uma “filha das fadas” passava a ter um novo significado. Havia o vínculo entre ela e Rufus, e entre ela e Angus também. Não tinha motivo de se envergonhar ou lamentar estar relacionada a nenhum dos dois, com toda a certeza.

Entretanto, saber que Nell não era sua irmã de sangue era o que lhe doía. Nell tinha sido tudo para ela, muitas vezes mais mãe do que irmã mais velha. Era um sentimento arrasador saber que não havia nenhum laço sanguíneo entre elas, e que Nell tivesse mantido aquele segredo durante todos esses anos.

No que se referia a lady Harvey, ela nada sentia, pois havia pouco para admirar naquela mulher. Meg Renton era uma pessoa muito mais admirável por ter criado Hope e a amado como

se fosse sua própria filha.

Lançou um olhar para Rufus. Estava escuro agora, mas ela divisava seu perfil bem o bastante para ver que a boca estava comprimida e que ele estava lutando para se reconciliar com o abalo dos acontecimentos do dia.

– Que dia, hein? – disse ela, e colocou uma das mãos sobre a dele nas rédeas do cavalo.

Ele suspirou.

– Pelo menos ganhei uma irmã. Sempre tive uma consideração especial por você, mas nunca teria desconfiado disso. Somos tão diferentes! Não há uma única semelhança. Eu louro, você morena, um com olhos azuis, o outro com olhos castanhos. Como pode ser?

– Seus pais tinham cabelos louros e olhos azuis – disse Hope. – Eu herdei tudo de Angus. Imagine se eu tivesse nascido parecida com você! Quantas perguntas fariam! No vilarejo, eles falam que as pessoas são “morenas como os Rentons”.

– Se é para se ouvir da própria mãe que ela tem uma filha de um amante, fico feliz que seja você – disse ele, mas sua voz se agitou com a emoção, como se estivesse se esforçando para não chorar.

– Tente não ficar com raiva dela – disse Hope, procurando acalmá-lo. – Deve ter sido terrível para ela. Nenhum de nós sabe o que fazer em tais circunstâncias.

– Eu sempre soube que havia algo escondido no passado, mas pensei que tivesse a ver com meu pai.

– Ela realmente o amava.

– Mas ele não podia amá-la, não é? – perguntou Rufus.

O coração de Hope deu um salto, pois era como se Rufus também soubesse sobre a natureza de seu pai. Como não sabia como responder, ela ficou em silêncio.

– Ele amava outros homens – afirmou Rufus. – Esse era o problema.

O som das rodas e dos cascos do cavalo pareceram aumentar cada vez mais enquanto Hope quebrava a cabeça para achar uma resposta correta.

– Seu silêncio me diz que você já sabia – disse ele. – E acho que também posso adivinhar quando você descobriu. Eu desconhecía o fato até depois do incêndio de Briargate. Fui a Wells pensando que alguém no Palácio do Bispo poderia saber algo sobre Albert. Alguém realmente sabia, e foi essa pessoa que me contou quem era Albert.

Rufus segurou as rédeas com a mão direita e com a esquerda pegou no queixo de Hope e virou-o para que pudesse olhar para ela.

– Eu já tinha algumas suspeitas sobre meu pai muito antes disso. Você aprende sobre essas coisas no colégio interno, sabe, e em Oxford conheci homens que eram assim. Quando eu soube sobre Albert, então, tudo se encaixou. O medo que meus pais tinham dele, o dinheiro faltando, a forma como ele se pavoneava em Briargate e, claro, o seu desaparecimento.

Ele soltou o queixo dela e segurou sua mão.

– Sinto muito. Talvez eu devesse ter guardado tudo isso para mim como você fez. Em nosso primeiro encontro depois que você voltou, notei que não falou nada a respeito de meu pai além de dar os pêsames formais. Foi a confirmação de que eu precisava de que minhas suspeitas estavam corretas. Mas aposto que você nunca teria me contado, não é?

– Não, eu não teria contado – disse ela com a voz muito baixa. – Pedi a Deus que você não soubesse.

Apoiou a cabeça no ombro dele, cheia de tristeza e solidariedade.

– Não vou pedir detalhes – disse Rufus com uma voz sufocada. – Quero deixar isso de lado e recomeçar a vida.

Hope assentiu, ainda com a cabeça em seu ombro.

– E também não vou entrar em sua casa com você esta noite – acrescentou ele. – Tenho que ir à polícia e voltar para ficar com minha mãe. Mas dentro de um ou dois dias eu volto para conversar com Nell. Ela sabia sobre Albert e meu pai?

– Não, e não conte a ela – pediu Hope. – Ela já sofreu bastante nas mãos desse homem.

– Não vou falar mais sobre isso com ninguém – disse ele, olhando-a. – Foi no passado, não importa mais.

Assim que Nell abriu a porta da frente para Hope, percebeu que o dia não tinha sido bom, porque os olhos da irmã estavam pesados e ela estava muito pálida e abatida.

– Por que Rufus não entrou? – perguntou, tirando o bebê adormecido dos braços da irmã. – Vocês não brigaram, espero?

– Não, Nell. Ele precisava voltar para lady Harvey – disse Hope. – Você pode colocar Betsy no berço para mim?

Nell fez depressa o que ela pedira e, quando voltou para o andar de baixo, Hope tinha entrado na cozinha e estava parada diante no fogão aquecendo as mãos.

– Deixe-me pegar seu capote e seu chapéu – disse Nell. – Depois vou preparar uma bebida quente; você pelo jeito está congelada.

Quando Hope tirou o capote, Nell viu as manchas em seu vestido.

– O que é isso?!

– Sangue – disse Hope, abruptamente. – Sangue de Albert. Eu o matei.

Nell pôs as mãos na boca.

– Albert? Ele foi a Briargate?! – perguntou Nell, achando que tinha entendido mal o que Hope dissera.

– Sim, Nell, é claro que foi – disse Hope um pouco impaciente. – Acabei de dizer, matei Albert. Eu estava na estrebaria quando ele entrou. Eu o matei com um forcado.

Foi como se todo o sangue de Nell tivesse de repente deixado seu corpo. Ao longo dos anos, ela muitas vezes conjecturava qual seria a sua reação se Albert fosse capturado e enforcado por seus crimes. Sabia que não gostaria do faldatório que isso mais uma vez traria, mas sempre teve a impressão de que seria como tirar um peso dos ombros saber que ele se fora de vez.

Mas Hope, ali de pé, com sangue no vestido, dizendo-lhe calmamente que o matara com um forcado, não era uma situação para a qual ela estivesse preparada.

– Ah, meu Deus! – exclamou, e num instante estava chorando como se nunca mais fosse parar.

– Me perdoe por minha falta de tato – ouviu Hope dizer por cima do som dos próprios soluços. – Não pensei que você ficaria tão perturbada.

– Não estou perturbada com a morte dele – Nell conseguiu falar. – Se me dissessem que ele tinha se afogado, morrido de alguma doença ou até tomado um tiro de um guarda-caça, eu teria me alegrado. É saber que ele se aproximou de você de novo. Que mais uma vez ele fez mal às pessoas que eu amo.

Hope preparou um pouco de chá e sentou-se com Nell, explicando exatamente o que havia acontecido. Entretanto, quando Nell começou a se recompor, percebeu que o relato trazia de volta todo o horror que a irmã vivera, pois se pôs a tremer e chorar.

– Você é uma menina corajosa, é mesmo – disse ela, abraçando Hope. – Nunca deveria ter que encontrar esse monstro novamente; ele já fez mal demais a você no passado. Tive um mau



pressentimento nessa manhã quando você foi a Briargate; não queria que fosse. Graças a Deus, você e Betsy estão bem, eu não poderia viver sem vocês duas.

Então, fez um grogue quente para Hope e insistiu que ela fosse logo para a cama porque estava exausta.

– Amanhã falaremos mais sobre isso – disse enquanto ajudava Hope a tirar a roupa e enfiava-lhe pela cabeça uma camisola de inverno – Quando Betsy acordar, vou trocar a fralda dela e levá-la a você para mamar, mas deve ficar na cama.

Depois de acomodar Hope, Nell desceu as escadas e sentou-se junto ao fogo. Estava gelada até a medula e melancólica.

Nunca deveria ter concordado em se casar com Albert; no fundo, sempre soube que não era certo. Ele era uma pessoa estranha, todos sempre diziam. E lá estava ela, aos 39 anos, livre dele, enfim, mas agora velha demais para qualquer homem desejá-la.

Lágrimas desceram pelo seu rosto. Chorava pela moça dentro dela que nunca experimentara o amor verdadeiro e a quem fora negada uma família própria. Quando olhava para trás, sua vida não tivera mais nada além de trabalho duro e muito pouca alegria.

Mas suas lágrimas eram por Hope também. Diziam que era uma filha das fadas e, ainda assim, teve a vida mais difícil. E Nell a amava tanto que a dor de Hope era dela também.

Hope fingiu voltar a adormecer quando Nell tirou Betsy de seus braços depois da mamada da noite, mas ficou observando Nell sob os olhos semicerrados.

Tudo nela era caprichado. Os cabelos estavam sempre limpos, brilhantes e presos sem nem ao menos um fiapo escapando, suas golas e punhos estavam sempre brancos e engomados, usava um avental durante a maior parte do dia, que nunca estava sujo. Suas botas estavam sempre engraxadas, as unhas cuidadosamente aparadas, até o rosto parecia estar sempre lavado. Também se movimentava tão bem, nunca foi estabana ou barulhenta. Ela costumava se descrever como sendo comum, mas de fato havia beleza em sua simplicidade, ou talvez fossem sua honestidade e integridade que transpareciam, tornando-a tão especial.

Hope não teve coragem de contar o que lady Harvey revelara, a morte de Albert era suficiente para um dia. Um segredo que havia sido mantido por quase 24 anos poderia esperar mais um pouco.

Ao ver Nell embalando Betsy ternamente em seus braços, ela refletiu como era espantoso que uma mocinha de 16 anos fizesse um pacto com uma criada mais velha apenas para proteger sua patroa do escândalo e da ruína. Que altruísmo, quanta lealdade e amor! E essa dedicação nunca fraquejou. Hope sentiu o amor de Nell por ela desde a sua mais tenra infância. Albert fez de tudo para acabar com esse amor, mas sempre foi um sentimento forte demais.

No entanto, mais espantoso ainda foi quando lady Harvey deixou de apoiá-la e nem assim Nell se desforrou, de forma alguma, nem mesmo revelando a Angus que ele tinha uma filha. Ela era uma mulher notável em todos os sentidos.

– Amo você, Nell – sussurrou para si mesma. – Irmã de sangue ou não, sou eu a sortuda por ter você.

Foi somente na noite do dia seguinte que Hope enfim conseguiu ficar a sós com Nell para contar o que sabia.

Dora passou o início da manhã se movimentando em torno dela, fazendo a limpeza. Em seguida, um policial apareceu para interrogar Hope sobre a morte de Albert. Felizmente, ele fizera parte do grupo de busca a Albert após o incêndio em Briargate, de modo que concordou que Hope agira em legítima defesa e a felicitou por sua bravura. Mal saiu e um vizinho chegou, e depois disso Betsy ficou chorando e não foi possível conversar com seriedade enquanto Nell andava de um lado para outro preparando a ceia.

Porém, depois que a louça foi lavada e Betsy tomou seu banho e adormeceu no berço, e elas finalmente conseguiram sentar-se junto ao fogo no salão, Hope contou a Nell como lady Harvey revelara que era sua mãe.

Nell ficou muito pálida, parecendo assustada.

– Não estou zangada, não estou julgando você nem lady Harvey – garantiu Hope. – Só quero entender como tudo aconteceu. Então, me conte toda a história, desde o início.

Nell despejou sua narrativa aos trancos e barrancos, balbuciando com nervosismo em alguns pontos, em outros mostrando-se indignada por ser obrigada, com apenas 16 anos, a participar de algo que considerava muito errado.

– Nunca passou pela minha cabeça que ela estivesse esperando uma criança – afirmou, enquanto explicava que lady Harvey ficara fechada no quarto por várias semanas. – Foi só quando os outros criados foram para Londres e Bridie e eu ficamos sozinhas na casa que ela me contou.

Hope constatou que Nell devia ter revivido essa cena no quarto da sua patroa muitas, muitas vezes ao longo dos anos, porque descreveu tudo nos mínimos detalhes assim que começou. Ao contar que, quando estava levando o que achava que era uma criança morta pela escada dos fundos, o bebê se mexeu, ela começou a chorar.

– Eu sabia que Bridie não queria que a criança vivesse, mas, ao olhar para você, vi suas mãozinhas se mexendo e fiquei acabada.

Hope estremeceu na parte em que Nell flagrou Bridie prestes a sufocá-la.

– Não a julgue! – exclamou Nell. – Ela estava apavorada, adorava lady Harvey e não tolerava imaginar o que seria da sua senhora caso alguém descobrisse. Foi quando pensei em levar você para a casa da nossa mãe.

– E ela me aceitou, assim, sem mais nem menos? – perguntou Hope, perplexa, quando Nell descreveu como Meg a tomou nos braços e a amamentou.

– Ela amava bebês – disse Nell. – E não aguentava nem pensar no que poderia acontecer com você caso a recusasse. Ela me falou um pouco mais tarde que nosso pai ficou bravo na manhã seguinte quando soube. Ele saiu para o trabalho resmungando e reclamando que já tinham pouco sem outra boca para alimentar. Mas que, naquela noite, quando ele chegou em casa, pegou você no colo e beijou seu rosto. E nunca mais disse uma única palavra sobre o assunto.

Hope lembrava-se de sentar no joelho de seu pai, de como ele costumava lhe contar histórias e cantar para ela. Jamais se sentiu inferior às crianças mais velhas, até mesmo recebeu mais amor e carinho do que qualquer uma delas.

– Ninguém desconfiava? – perguntou. – E quanto a Matt, James e Ruth? Eles já não tinham idade suficiente para saber que a mãe não me dera à luz?

– Quando há dez crianças e elas se acostumaram à chegada de outra a cada dois anos, só pensam que isso significa que terão de ajudar mais um a se alimentar e ficar limpo – disse Nell com um sorriso irônico. – Matt disse certa vez, depois do nascimento do seu primeiro filho, que ele não sabia como nossa mãe conseguira ficar tão calada tendo você, porque Amy gritou de botar a casa abaixo. Mas ele não era desconfiado, não se lembrava de ouvir a mãe fazer nenhum

alvoroço quando teve os mais novos.

– Como lady Harvey se comportou depois do parto?

– Muito triste e chorosa. Mas logo depois ela foi para Londres ao encontro de sir William e eu fiquei em Briargate. Ela ficou fora por três meses, o que me deixou feliz porque eu podia ir para casa quase todas as tardes ver você. Você foi o bebê mais bonito que já vi.

– Ah, Nell... – Hope suspirou. – Isso tudo foi um grande fardo para você!

– Você nunca foi um fardo – contestou Nell, olhando para Hope com afeto. – Acho que eu estava naquela idade em que algumas moças se tornam mães. No entanto, quase morri de medo naquele dia em que levei você para Briargate e você encontrou o capitão. Você se lembra?

Hope assentiu.

– Você sabia que ele era meu pai naquela ocasião?

– Não! Esse foi o dia em que percebi. Vi o seu rosto no dele. Bridie já estava morta naquela época; não havia ninguém a quem eu pudesse perguntar. Mas tive certeza. Fico admirada por você também nunca ter percebido.

– Eu não tinha motivo nenhum para buscar semelhanças – disse Hope. – Mas agora podemos contar a ele?

– Bem, claro que você pode. – Nell sorriu, então, como se de repente tivesse algo com que se sentir bem. – Ele será pai e avô de uma só vez, não é?

– Eu senti uma ligação entre mim e Angus na primeira vez em que o encontrei – disse Hope, pensativa. – Mas não aconteceu o mesmo com lady Harvey. Por que você acha que foi assim?

Nell deu de ombros.

– Ela não é uma pessoa que pensa muito nos outros. E, claro, fiz o possível para manter você em seu lugar. Meus pais e eu não ficávamos muito satisfeitos quando você ia brincar com Rufus. Não queríamos que você passasse a ter ideias que não fossem condizentes com sua posição social e tampouco queríamos que lady Harvey se encantasse por você. Pensávamos em você como sendo nossa, sabe? Mas às vezes eu achava que todo mundo podia enxergar que você tinha nascido de gente rica.

Conversaram e falaram até altas horas. Havia lembranças comuns de Meg e Silas para recordarem juntas, havia a visão de Nell sobre os arranhões e triunfos da infância da sua irmãzinha e havia histórias novas sobre os outros irmãos que Hope não tinha ouvido antes.

Como as histórias, umas depois das outras, tinham relação com fatos engraçados ou com fatos tristes, Hope sentiu-se verdadeiramente parte da família Renton, e se, no passado, experimentara a estranha sensação de não “pertencer”, via agora que fora por causa de sua situação como mais jovem da família, nada mais. Nell observou que ser a mais velha também a fizera diferente.

– Eu tive que ajudar nossa mãe quando os pequenos podiam brincar – lembrou. – Já dava banho e comida a bebês quando tinha 6 ou 7 anos. Nunca pude correr pelos campos como você fazia. Matt também teve que crescer muito antes do tempo. É o normal em uma família grande. Mas você, Hope, você era a queridinha, a bonequinha. Todos nós fizemos grandes concessões a você.

Mais tarde, Nell continuou seus relatos contando a Hope sobre cada vez que ela lembrava quem eram os pais verdadeiros de sua irmãzinha.

– Os aristocratas nunca a intimidaram. Você se sobressaía na rua e conversava com qualquer um que passasse a cavalo. Simplesmente não entendia que pessoas como nós deveriam ser humildes. E fiquei tão assustada quando cresceu e ficou muito próxima de Rufus...

– Por quê? – perguntou Hope, achando graça.

– Caso vocês se apaixonassem mais tarde – admitiu. – Você nem imagina quantas noites passei acordada preocupada com isso. Agora sinto que um peso foi tirado dos meus ombros. Se soubermos que Bennett está voltando amanhã para casa, todas as minhas preocupações vão acabar.

– Pelo menos por um tempo isso me distraiu de tanto pensar nele.

Nell levantou-se com certo esforço da cadeira e estendeu os braços para Hope.

– O que tiver que ser, será – disse ela enquanto a abraçava. – Eu gostaria de poder prometer que ele vai voltar para casa, mas não posso. O que quer que aconteça, contudo, estarei aqui ao seu lado.

Os dias de outono passaram lentamente, aos poucos ficando mais frios, mais úmidos e mais ventosos. Escurecia às quatro da tarde e quase sempre o tempo estava muito ruim para sair. Ainda não havia cartas de Angus nem de Bennett.

Tio Abel recebeu a informação de que a correspondência tanto da Crimeia quando da Turquia se extraviara. Ele também foi a Winchester, ao quartel da Brigada de Fuzileiros, e foi informado de que Bennett não havia sido declarado morto. Mas, da mesma forma, eles não podiam oferecer nenhuma prova de que estava vivo, pois seu nome não constava de nenhuma das listas de doentes enviados para Scutari. Contudo, conversando com dois soldados que haviam sido mandados de volta ao país por invalidez, soube que suas famílias também não tinham sido informadas e que as cartas que eles enviaram do hospital só apareceram depois que chegaram em casa.

Angus deixara a Crimeia: havia provas de que tinha embarcado em um navio a vapor para Constantinopla. Tio Abel estava certo de que ele fora lá procurar Bennett.

A ansiedade de Hope instalara-se sob a forma de uma dor surda constante, mas quase todos os dias havia alguma distração para tirar da cabeça aquele assunto. Duas semanas após a morte de Albert, houve o inquérito em Bristol, no qual ela e Rufus tiveram que apresentar suas provas. Durou menos de vinte minutos, o legista atestou legítima defesa e elogiou Hope por sua coragem.

Antes de irem para casa naquele dia, Hope levou Rufus a Lewins Mead para lhe mostrar onde havia morado. Foi penoso ver outra vez as condições deploráveis do local, e Rufus considerou um milagre ela ter sobrevivido àquilo. Tio Abel, porém, disse-lhes mais tarde que havia projetos em andamento para que tudo ali fosse demolido, para aterrar o rio Frome, alargar as ruas e construir novas casas com água canalizada e esgotos.

Hope levou algumas flores ao cemitério de St. James, pois, apesar de suspeitar que nem Gussie, Betsy ou qualquer uma das vítimas da cólera haviam sido enterrados lá, era um lugar em que muitas vezes passeavam juntos. Até achou ter ouvido o riso de Betsy no vento, e sabia que sua amiga ficaria encantada em saber que ela estava acompanhada por um cavalheiro com um título de nobreza e que tinha dado seu nome para a filha.

A coisa mais estranha nessa visita foi descobrir que ela era alvo de mendigos. Até então, imaginava que poderia andar por ali a qualquer momento sem se preocupar. Percebeu que não era só o vestido elegante, o toucado e o manto orlado de peles que a identificavam como alguém que poderia distribuir alguns centavos, mas lembrou-se de como ela também era capaz de farejar simpatia e preocupação e aproveitar-se disso. Deu o pouco dinheiro que tinha para algumas crianças descalças e esfarrapadas, depois foi embora depressa.

– Quando Bennett voltar – disse ela, pensativa, retornando para casa –, teremos que encontrar uma maneira de realmente ajudar essas crianças. Uma torta quente de vez em quando é pouco. Mas educação combinada com uma refeição poderia fazer muito por elas.

Além das tarefas do dia a dia e da confecção de roupas para Betsy, que parecia estar crescendo com uma rapidez impressionante, houve muitas visitas de todos os irmãos e irmãs para manter a mente de Hope longe de Bennett. Ela também visitou a fazenda de Matt, a casa de Ruth em Bath e muitos de seus antigos vizinhos em Compton Dando. Às vezes, durante as reuniões familiares, Hope sentia um desejo irresistível de dizer-lhes que não era sua irmã de verdade, sobretudo quando Ruth afirmou que sua filha, Prudence, era a cara dela. Mas resistiu à tentação; primeiro, precisava discutir a questão com lady Harvey e Angus, pois eles seriam os envolvidos em um escândalo, não ela e Rufus.

Rufus continuou dizendo que ia trazer lady Harvey para uma visita assim que o tempo permitisse e houvesse um período menos frio e mais seco. Porém, em 30 de novembro, ela morreu na cama.

Foi Matt quem deu a notícia para elas. Deixando Betsy com Dora, Matt levou Hope e Nell para ver Rufus, e eles chegaram logo depois de o médico ter saído, confirmando que o coração dela havia parado.

– Ela estava um pouco esquisita na noite passada – explicou Rufus, aturdido. – Disse que achou ter visto meu pai no caminho da entrada e que ele estava esperando por ela. Mas foi se deitar como sempre e, quando entrei no seu quarto de manhã cedo, ela estava morta.

Assim que Matt foi para casa deixando Hope e Nell sozinhas com Rufus, todos choraram.

– Eu deveria ter vindo aqui novamente – lamentou-se Hope, chorando. – Deveria ter lembrado que ela estava muito frágil e não ia viver muito tempo mais. Agora não posso mais dizer para ela nenhuma das coisas que eu queria dizer.

– Eu também gostaria de ter sido mais atencioso – admitiu Rufus. – Ela passava tanto tempo sozinha, eu costumava ficar tão impaciente... Mas você não tem nada do que se censurar, Hope, você foi bondosa com ela.

– Eu poderia ter dito que compreendia o que ela deve ter sentido quando nasci. Poderia ter dito que nada disso mais importava.

– Acho que ela sabia que era assim que você se sentia – ponderou Rufus, enxugando os olhos de Hope com o lenço. – Poucos dias depois de você ter estado aqui, ela disse que estava orgulhosa de você, que você tinha o melhor de Angus em si e que os Rentons a fizeram ser forte e amorosa.

Nell tinha ouvido isso tudo sem dizer nada. Então ela se levantou da cadeira e passou um braço em volta de cada um dos dois.

– Se eu a visse mais uma vez, eu lhe diria como ela era afortunada por ter vocês dois e que sorte nem um nem outro ter herdado sua natureza egoísta.

– Nell! – exclamou Hope. – Não fale mal dos mortos.

– Posso dizer isso porque estive com ela nos bons e nos maus momentos – replicou Nell com firmeza. – Eu a amava; teria feito qualquer coisa por ela, e acho que a conheci melhor que ninguém. Ela não queria ser velha, já tinha resolvido tudo e acho que estava feliz por ir. Talvez sir William tenha mesmo voltado para buscá-la. Havia muito amor entre eles apesar de todos os problemas que tinham. Então, devemos estar felizes por ela.

– Gostaria de vê-la agora? – perguntou Rufus, contendo as lágrimas. – Vou buscar Jane Calway mais tarde para prepará-la, e depois vamos trazê-la aqui para baixo.

– Deixe-me prepará-la – disse Nell, a voz tão mansa como se fizesse uma oração. – Sei

como ela gostava de arrumar os cabelos, de estar bem-vestida. E eu queria muito me despedir dessa maneira.

– Claro, Nell. – Rufus enxugou os olhos na manga da camisa. – Hope e eu podemos sair enquanto você faz isso?

Nell assentiu.

– Sim, vão dar uma volta, eu gostaria de ficar sozinha com ela.

Rufus e Hope caminharam em silêncio pelo bosque. As árvores estavam nuas, e as chuvas recentes haviam aumentado o volume dos riachos, que jorravam sobre as pedras, produzindo um ruído bonito e pacífico.

– Tantas vezes viemos aqui quando crianças e nunca soubemos que éramos irmãos – disse Rufus tristemente enquanto jogava pedras na água. – Eu era infeliz porque minha mãe e meu pai estavam sempre discutindo; você tinha que aguentar Albert. Agora todos se foram, só ficamos você e eu, aqui de volta outra vez. Eu sou fazendeiro, e você é mãe. E os problemas continuam.

– Não é para sempre – assegurou-lhe Hope. – Bennett vai chegar em casa, tenho certeza, e você agora vai poder se casar. Não há nada que o impeça.

– Talvez na primavera – disse ele, apático. – Isto é, assim que Bennett retornar, porque eu gostaria de ter vocês no meu casamento, felizes novamente. Acha que fizemos bem em deixar Nell preparar minha mãe? Aposto que está chorando em cima dela!

Hope assentiu.

– Ela é tão boa em conter seus sentimentos quanto em manter segredos. Mas, já que os segredos foram revelados, não há motivo para não revelar também os sentimentos.

Nell estava de fato chorando. Despiu a camisola de lady Harvey, lavou-a da cabeça aos pés e vestiu-lhe a roupa íntima sob um véu de lágrimas.

Era uma estranha sensação voltar ao quarto que tinha sido fonte de tamanha infelicidade, só que não era mais um espaço sóbrio e estéril, pois lady Harvey o havia enchido com quinquilharias. Ela perdera todos os seus pertences no incêndio e apenas usara luto desde então, mas Nell deduziu que suas irmãs lhe tinham enviado algumas das suas coisas antigas.

Um penhoar de veludo cor-de-rosa estava jogado sobre uma cadeira de encosto acolchoado em capitonê junto à janela; havia belas caixas de chapéu empilhadas e, na penteadeira, uma coleção de perfumes, colares e pentes para o cabelo.

A cama em si era uma linda peça de mogno entalhado que combinava com a penteadeira, e o tapete no chão era tão bom quanto os de Briargate.

Vestir sua patroa agora que ela estava morta era como vestir uma boneca de tamanho real, e Nell se afligiu ao ver como emagrecera. Os seios eram pouco mais do que pele murcha, e os ossos do quadril se salientavam sob a camisola. Mas Nell colocou duas meias enroladas no lugar do busto para dar-lhe mais forma, depois foi ao guarda-roupa procurar um vestido.

Eram quase todos negros, mas no fundo encontrou um turquesa. Ela adivinhou que a vaidade de lady Harvey tinha levado a melhor sobre seu senso de decoro em algum momento após a morte do marido, pois aquela sempre fora sua cor favorita.

Uma hora depois, Nell recuou para admirar seu trabalho. O vestido tinha mangas compridas e uma gola alta, e ela o acolchoou um pouco nos quadris para lhes dar um bom efeito. Tufos de

gaze nas bochechas de sua senhora preencheram-nas perfeitamente e, com um pouco de ruge, ela conseguiu trazer um brilho jovial de volta ao rosto outrora belo. Até os cílios receberam um toque de tinta de escrever para escurecê-los. Nell pensou que o cabelo era sua melhor proeza, pois o armou sobre pequenas almofadas próprias para enchimento de cabelo, de modo que pareceu mais cheio, e prendeu-o elegantemente com dois botões de rosa artificiais. Com mechas onduladas emoldurando o rosto para suavizar a magreza e luvas para esconder a crueldade do tempo, ela poderia passar por uma moça de 30 anos novamente.

– Está linda, minha senhora – sussurrou Nell. – Descanse em paz. Vou cuidar de seus filhos.

Tentou conter as lágrimas, pois parecia ridículo que ainda se importasse tanto com essa mulher bela, tola e egocêntrica. Mas tinham passado juntas uma porção muito grande de suas vidas, e tudo o que Nell sabia sobre a sociedade, modas, amor e casamento viera de lady Harvey. Tinha estado em grandes lojas de Londres com ela, em concertos em Bath, em casas de campo dez vezes maiores do que Briargate. Viajaram juntas no trem Great Western e até compartilharam uma garrafa de champanhe em muitas ocasiões.

– E eu acabei com Angus – sussurrou Nell. – Sei que ele nunca vai me amar do modo como a amou. Mas estou na casa e no coração dele. Obrigada por isso, minha senhora.

Hope e Rufus olharam para lady Harvey e as lágrimas escorreram por seus rostos. Para ambos, tinham voltado no tempo e ela se parecia exatamente com a pessoa que viam quando eram crianças.

– Durma em paz, querida mãe – murmurou Rufus enquanto se curvava para beijar seu rosto.

– E obrigado por me dar uma irmã.

– O que você está fazendo? – gritou Nell da cozinha quando Hope abriu a porta da frente e uma rajada de chuva gelada entrou. – Você não pode sair, está um breu aí fora e você vai morrer de frio!

Mas Hope não ouvia nada além da voz dentro de sua cabeça dizendo-lhe para fugir.

Chegando à estrada, correu desenfreada colina abaixo. A chuva estava tão forte que em segundos ela ficou encharcada e perdeu um dos chinelos na lama espessa, mas só sabia de sua própria infelicidade e da necessidade de acabar com aquilo.

O dia tinha começado com uma verdadeira tempestade, e Hope teve a sensação angustiante de que um tempo assim no dia do enterro de lady Harvey era um mau presságio.

O cabriolé que levou Nell e ela para Compton Dando tinha uma goteira no teto e, quando chegaram à igreja, as duas estavam encharcadas. Seu guarda-chuva virou do avesso sob o vento forte quando saíram do veículo, e fazia tanto frio dentro do templo que logo seus dentes começaram a bater.

A igreja estava cheia, os poucos bancos da frente ocupados por aristocratas, alguns dos quais Hope reconheceu como pessoas que tinham frequentado Briargate no passado. Nell cochichou que o resto eram Dorvilles, a família de lady Harvey de Sussex; muitos ela havia encontrado em suas viagens para lá.

Mas a maior parte da congregação era de pessoas comuns dos vilarejos vizinhos, e suas roupas molhadas produziam um bafo úmido e malcheiroso. Hope identificou muitos rostos de sua infância. Os Nichols, os Webbs, os Boxes, Pearces e Calways, todos muito mais velhos agora e parecendo sentir tanto frio e desconforto quanto ela.

Rufus, Matt, Joe e Henry carregaram o caixão sobre os ombros, os cabelos louros de Rufus se destacando como um farol junto aos cabelos negros dos Rentons. A coroa de folhas de azevinho e de heléboros no alto do caixão pareceu a Hope sóbria demais para lady Harvey, que sempre preferiu flores exuberantes. Mas presumiu que em dezembro não seria possível obter nada mais colorido.

O reverendo Gosling parecia ter encolhido desde que Hope o vira pela última vez, e sua voz soou trêmula e incerta durante a cerimônia religiosa. Quando falou de lady Harvey, foi como se não tivesse lembrança de quando ela era uma mulher jovem e vivaz, e só a tivesse conhecido depois do incêndio de Briargate, quando estava frágil e perturbada.

Até os hinos eram melancólicos, desafinados, e Hope sabia que Rufus nunca os teria selecionado.

Hope não esperava que essa cerimônia lhe proporcionasse nenhum sentimento edificante, mas achava que experimentaria algum tipo de consolo, sabendo que as lutas terrenas de sua mãe biológica tinham terminado e que ela fora para um lugar melhor. Entretanto, o rito frio e impiedoso não a reconfortou, nem mesmo as poucas palavras bem escolhidas que um membro da



família pronunciou com certa emoção.

Quando saíram da igreja para o enterro, o vento forte, a chuva cerrada e a lama nos pés fizeram com que a maioria das pessoas do vilarejo corresse para se abrigar na Crown Inn, sem ao menos pensar em ouvir as palavras finais junto ao túmulo. Hope viu na expressão desolada de Rufus a sensação de que sua mãe tinha sido menosprezada.

A própria Hope estava emocionalmente confusa porque não sabia a que lado pertencia. Tinha consciência de que muitas das pessoas do vilarejo já haviam perdido um dia de salário para ir prestar as últimas homenagens a lady Harvey; querer também que arriscassem a saúde permanecendo sob a chuva incessante que caía talvez fosse pedir demais. Contudo, ficou muito decepcionada, pois esperava, e talvez precisasse, ver em todos ali uma enorme manifestação de pesar. Mas tal coisa parecia ridícula; ela própria quase não deixou cair nenhuma lágrima e, na realidade, na noite anterior tinha sido bem maldosa ao observar que não via nenhuma boa razão para que alguém do vilarejo comparecesse ao enterro.

Nell tinha ficado brava, mas Hope alegou que lady Harvey nunca tinha feito nada pelos aldeões, nem no passado, quando ela e sir William eram ricos.

No entanto, a visão da enorme sepultura aberta, já pela metade com água da chuva, subitamente a fez se sentir ainda mais triste. Segurando o braço de Nell com firmeza, ela a conduziu pelas fileiras de mulheres que seguravam junto aos olhos seus lenços debruados em preto e ignorou seus olhares firmes e reprovadores. Talvez pensassem que ninguém mais além dos nobres devesse chegar tão perto do túmulo, mas Hope achou que ela e Nell tinham o direito de estar entre os enlutados mais importantes.

Quando o reverendo Gosling proferiu as últimas palavras da cerimônia fúnebre, Hope baixou o olhar para o caixão de carvalho polido com suas alças de latão e uma placa com a inscrição “Lady Anne Harvey, 1806-1855” e pensou nos enterros na Crimeia. Não havia caixões para aqueles homens corajosos; muitas vezes, suas botas e roupas lhes eram arrebatadas antes de seus corpos esfriarem. Seriam empurrados sem cerimônia para as valas comuns, tendo como único marco uma cruz grosseira que provavelmente se perderia na primeira tempestade. Bennett, que passara a vida inteira cuidando dos outros, poderia estar em uma vala daquelas, enquanto lady Harvey dormiria por toda a eternidade ao lado de seu marido, marcada por uma lápide de mármore.

Hope lembrou-se também do dia em que enterraram Meg e Silas Renton e de como ela se sentira abandonada e revoltada. O túmulo deles ficava junto ao muro do cemitério, ao lado dos de Prudence e Violet, com as lápides menores e mais simples de todas. Lembrou com certo remorso do ciúme que tinha ao ver Meg colocar flores na sepultura das crianças.

No entanto, o incidente que desencadeou a raiva de Hope ocorreu mais tarde. As duas irmãs de lady Harvey estavam paradas sob a cobertura do portão do cemitério esperando sua carruagem e Nell aproximou-se delas para oferecer suas condolências. Para espanto e revolta de Hope, as duas a afugentaram como se ela fosse uma mendiga pedindo dinheiro.

Hope achou inacreditável que elas pudessem ser tão insensíveis, já que Nell encontrara as irmãs antes em inúmeras ocasiões e até assistira ao enterro de seus pais. Hope quase as atacou verbalmente com veemência, dizendo-lhes que Nell tinha sido muito mais do que uma criada leal, também fora a única amiga de verdade de lady Harvey. Porém, zangada como estava, tinha consciência de que acabaria proclamando em alto e bom som que era na realidade sobrinha delas. Sabendo que admitir tal coisa só iria afligir Rufus, Nell e seus outros irmãos, ela se obrigou a dar as costas para aquelas mulheres e levar Nell embora.

Depois do enterro, todos iam se reunir na Hunstrete House, e era evidente que pessoas

comuns como os Rentons não seriam bem-vindas. Rufus correu atrás delas quando seguiam para o cabriolé que as esperava para levá-las para casa, mas Hope explicou-lhe que precisavam voltar por causa de Betsy.

A tristeza nos olhos dele mostrou que entendia a verdadeira razão pela qual elas estavam indo embora, e Hope insistiu para que ele voltasse para junto de seus parentes por um tempo, e mais tarde talvez fosse encontrá-las em Willow End.

A viagem de volta pareceu interminável e, quando chegaram ao moinho de Chewton, o rio tinha transbordado, inundando a estrada. O cavalo relutou no início em atravessar as águas turbulentas, e Hope receou serem forçados a voltar atrás e percorrer o caminho mais longo para casa. Mas, felizmente, o animal andou com um toque do chicote e, enfim, chegaram em casa, muito molhadas e geladas até os ossos.

Betsy estava gritando a ponto de explodir porque não gostara do leite que Dora tentara lhe dar quando estavam fora, e grudou-se no peito da mãe como uma sanguessuga antes que Hope pudesse sequer tirar a roupa molhada. Enquanto isso, Nell continuava falando sem parar do enterro e das irmãs que a tinham ofendido tanto.

– Eu não deveria ter ido falar com elas – dizia com um tremor na voz. – A culpa foi minha, elas provavelmente me culpam por tudo, pois Albert era meu marido. Claro que não iriam querer ter gente como nós em Hunstrete.

– Que diabo você quer dizer com “gente como nós”? – rebateu Hope, indignada. – Somos todos muito mais educados do que esse bando de metidos. Sir William levou Albert para lá, foi ele quem permitiu que o homem mandasse naquele lugar e, portanto, a culpa foi dele se as coisas acabaram mal. Desprezo esse tipo de pessoa, quem pensam que são? Tenho pena do pobre Rufus por ter que aguentar uma ou duas horas com elas, ficaria melhor na Crown com nossos rapazes, que pelo menos se preocupam com ele.

– Vi todos olhando para Matt, Joe e Henry. Não devem ter achado apropriado eles carregarem o caixão.

– Eles são idiotas? – explodiu Hope. – Matt salvou lady Harvey da casa em chamas, os três passaram a noite toda tentando apagar o fogo, e eles fizeram inúmeros trabalhos para ela sem esperar pagamento. Quem poderia ser mais apropriado? E quem mais teria feito tudo isso? A maior parte daquela família está decrépita demais até para limpar o próprio traseiro.

– Você não devia falar assim! – exclamou Nell. – Tem que respeitar essas pessoas.

Hope lançou-se em um amargo discurso sobre as classes superiores, incluindo os tolos dos oficiais que conhecera na Crimeia. Foi só quando Nell começou a chorar que ela saiu do quarto pisando duro com Betsy. Mas não tinha intenção de pedir desculpas a Nell, por que deveria? Era tudo verdade.

Parecia-lhe que não possuía um “lugar”. Tinha brio e ardor demais para ser subserviente a alguém, e não poderia passar por aristocrata por causa da maneira como fora criada. Mesmo que Rufus a reconhecesse publicamente como sua irmã, isso não mudaria nada. Apenas acrescentariam “bastarda” a seu nome ou qualquer outra palavra feia usada para os filhos ilegítimos. As Dorvilles não iriam querer se relacionar com ela e, depois de vê-las hoje, não fazia mesmo questão de estar relacionada a elas de maneira alguma.

Se Bennett voltasse para casa e estabelecesse uma clínica longe dali, ela provavelmente seria aceita como “o tipo intermediário”, mas duvidava da sua capacidade de aceitar os limites estreitos desse modo de vida.

Ela tinha visto e feito coisas que poucas mulheres podiam imaginar. Como poderia se instalar em uma casa bonitinha com cortinas de renda nas janelas e uma criada fazendo todas as

tarefas? Não era de seu feitio passar os dias bordando e recebendo visitas de mulheres tediosas que só sabiam falar sobre o preço do peixe ou a última moda.

As paredes pareceram se fechar sobre ela, então. Ficara feliz em deixar a Crimeia; reencontrar seus irmãos e irmãs era tudo o que esperava, e trazer Betsy ao mundo em um lugar limpo e seguro tinha sido maravilhoso. Mas agora tudo parecia muito vazio.

Pôs Betsy para dormir e ficou ao pé do berço olhando para ela. Não estava mais tão morena como Hope, nem tão clara quanto Bennett. O nariz ligeiramente arrebitado era igual ao dela, mas em geral tinha o semblante muito solene, assim como Bennett.

Um medo gelado invadiu-a quando se deu conta de que Betsy talvez nunca conhecesse o pai. Ano após ano, ela teria que olhar para o rosto da filha e se lembrar de tudo o que havia perdido.

Naquela mesma época, no ano anterior, ela e Bennett haviam subido o caminho escorregadio e íngreme para os Heights com cestos nas costas cheios de curativos, ataduras e remédios para o hospital de campo. Lembrava-se do vento gelado doendo no rosto, da fome que sentia e de estar infestada de piolhos, mas Bennett de vez em quando se virava para ela, estendia a mão para ajudá-la a passar pelos piores lugares, dizendo-lhe que era imperativo chegarem lá em cima porque homens estavam morrendo por falta desses artigos preciosos.

Foi um dos dias mais penosos de toda a sua vida, mas, com Bennett na frente, insistindo que seguisse adiante, ela chegou ao topo. Mais tarde, quando afinal entraram cambaleantes no hospital de campo e viram o alívio naqueles rostos magros e sofridos, ela achou que todo o esforço tinha valido a pena.

Não teria chegado lá sem ele, e também não conseguiria criar Betsy sem ele. Sem Bennett, ela não era nada e não servia de nada para ninguém.

Respirando com dificuldade porque o quarto de repente pareceu tão quente e abafado, sentiu que precisava sair da casa naquele instante.

O segundo chinelo de Hope desapareceu na lama sem que ela percebesse enquanto corria a toda velocidade pela estrada em direção a Bath, e continuou correndo às cegas até o campo aberto e plano, depois do último chalé.

Bem longe à direita e no alto da colina havia uma casa grande, luzes nas janelas brilhando na escuridão. Para a esquerda, estavam as campinas que o trem de Bristol para Londres atravessava e, mais além, o rio Avon.

Durante o dia, ao sol, era lindo, mas visto na escuridão parecia ameaçador.

Ela estava quase na encruzilhada da Globe Inn quando uma pontada na lateral do corpo a forçou a desacelerar e, ao mesmo tempo, um total desalento se abateu sobre ela.

Bennett nunca voltaria para casa, ela estava apenas se iludindo que ele voltaria. O único futuro à sua frente era o de uma viúva solitária, dependente da caridade dos outros. Desatou a chorar, todas as imagens da vida que ela e Bennett tinham planejado juntos lhe passando pela cabeça, como se zombassem dela por ter acreditado que se tornariam realidade.

Nunca viveriam em um chalé aconchegante, com os pacientes mais pobres pagando Bennett com uma galinha ou alguns ovos; nunca ficariam sentados à luz da lua nas noites quentes de verão ou puxariam seus filhos num trenó pela neve. Nunca mais ela teria a felicidade de fazer amor ou acordar e se encontrar nos braços de Bennett. Era uma fantasia tola; na vida real, as pessoas não conseguiam o que queriam.

Lady Harvey amou Angus, mas teve que viver a vida com um homem que queria outros

homens. E morreu sem saber que sua filha não a odiava pelo que ela havia feito. Rufus poderia se casar com Lily, mas haveria anos em que suas colheitas fracassariam, as galinhas não poriam ovos e eles passariam fome. Nell nunca teria um filho. Matt nunca seria rico. Mesmo sendo atraente, o belo Angus não conseguira o que queria. Chegaria em casa e descobriria que tinha uma filha, mas isso não compensaria a morte de lady Harvey.

Era como estar de volta à noite em que Albert a expulsara da casa do portão, o mesmo sentimento de desespero a dominava, a mesma chuva gelada misturando-se com suas lágrimas. Ela se forçara a sobreviver então, sempre otimista de que as coisas iriam melhorar. Mas agora sabia que não era verdade: a vida não passava de uma longa sucessão de calamidades até a pessoa morrer.

Não aguentava mais. Não tinha vontade, força nem ao menos curiosidade sobre o que poderia estar por vir para poder seguir adiante. Se subisse o muro e atravessasse a campina, alcançaria o rio. A água passaria por cima de sua cabeça e toda essa dor desapareceria.

Mas ficou confusa quando olhou para baixo, pois teve a impressão de já estar no rio. Era negro e brilhante na escuridão, correndo por cima de seus pés. O vento puxava seu casaco e seu cabelo como se tentasse atraí-la mais para o fundo.

Acima do ruído do vento, ouvia outro som, mas não conseguia identificar o que era, só que estava vindo em sua direção. Estava assustada, pois o som ia enchendo sua cabeça e não sabia como se afastar daquilo.

– Que droga...?! – exclamou o cocheiro ao ver um vulto branco à frente e perceber que era alguém no meio na estrada. – Ôoa! – gritou, puxando as rédeas com toda a força. – Ôoa, meus cavalinhos, ôoa.

– O que houve, cocheiro? – Seu passageiro chamou do interior da carruagem. – A estrada está inundada?

O cocheiro não respondeu porque estava ocupado tentando parar os cavalos. Através do aguaceiro, agora entrevia uma mulher, pelos ombros estreitos e roupas largas, que o encarava, seus olhos brilhando sob o reflexo das luzes da carruagem.

– Saia daí! – gritou, mas ela ficou parada onde estava.

Ele agarrou o freio, ouviu o rangido da madeira contra o metal das bordas das rodas, puxou mais as rédeas e, finalmente, a poucos metros dela, os cavalos pararam.

O cocheiro saltou da carruagem.

– Sua maluca! – berrou, alcançando-a em dois passos e segurando seu braço com força. – Eu poderia ter atropelado você. Não tem nada melhor para fazer do que ficar aí no meio da estrada?

Ela apenas olhava fixamente para ele, os olhos arregalados e amedrontados.

– Não está ouvindo?! – gritou ele acima do barulho da chuva. – De onde você é?

O cocheiro escutou um de seus passageiros sair da carruagem.

– O que devo fazer, senhor? – falou por cima do ombro. – Parece que ela não está boa da cabeça.

O cocheiro ouviu o cavalheiro ofegar e surgir de repente ao seu lado.

– Hope! – exclamou ele. – Meu Deus, Hope, o que você está fazendo aqui?

– O senhor a conhece? – perguntou o cocheiro, incrédulo.

– Conheço, cocheiro – disse ele, levantando a mulher em seus braços. – Vamos levá-la para casa conosco.

Nell estava fora de si de tanta preocupação, olhando o relógio, afastando as cortinas para espiar pela janela, voltando a olhar para o relógio. Hope já havia desaparecido havia mais de uma hora, e nem mesmo um cachorro perdido ficaria do lado de fora sob uma chuva como aquela.

Foi até a porta da frente e a abriu, voltou a fechá-la quando uma rajada de vento apagou a vela no corredor. Apanhou seu capote, então, mas, ao se lembrar de Betsy, tirou-o novamente.

– Onde ela pode estar? – perguntou-se em voz alta. – Não gosto nada disso.

Hope ficara um pouco estranha depois da morte de Albert, agitada, esquecida e muitas vezes um pouco aérea, como se sua mente estivesse em outro lugar. Contudo, era de se esperar. Afinal, ela havia matado um homem, e isso levaria algum tempo para ser superado. Entretanto, como não ficou tão mal quanto antes ao saber sobre Bennett, Nell não fez caso e deixou passar. O comportamento estranho reapareceu depois da morte de lady Harvey: houve várias vezes em que ela começou uma tarefa e depois se afastou sem terminar. Na véspera, tinha deixado Betsy no chão de seu quarto vestida apenas com uma camiseta enquanto descia a escada para alguma coisa e se esquecera de voltar e vesti-la.

Mas o dia inteiro ela tinha estado muito esquisita. Desceu a escada pronta para sair para o enterro, mas sem o chapéu, não deu instruções a Dora sobre Betsy e, quando chegaram à igreja, não se ajoelhou para rezar, só fazia olhar em volta, apática, como se nunca tivesse estado lá antes.

No caminho de volta do enterro, quase não abriu a boca e, quando o fez, foi para replicar com rispidez. Mais tarde, ficou zangada demais. Nell desejou ter levado esses sinais mais a sério, pois os funerais às vezes tinham esse poder de perturbar as pessoas e trazer o passado de volta.

Passava das oito da noite, mas o que ela poderia fazer? Não podia deixar Betsy sozinha em casa enquanto ia buscar ajuda e não podia levá-la consigo com uma chuva daquelas.

– Por favor, venha, Sr. Rufus – rezou em voz alta. – Agora estou com medo.

Colocou a chaleira para ferver e encheu uma grande panela com a água do jarro da copa.

Ouvindo um barulho, correu para a janela da frente e, através da chuva, entreviu apenas uma carruagem e um homem saindo de dentro dela.

– Graças a Deus, deve ser o Sr. Rufus! – Ela suspirou aliviada e, enxugando as lágrimas com o avental, correu até a porta da frente e a escancarou.

Não conhecia o homem parado ali, mas, próximo ao grande arbusto junto do portão havia uma figura que ela conhecia muito bem. E ele trazia Hope nos braços.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela. – O senhor é a resposta às minhas preces, capitão Pettigrew! Fiquei tão preocupada! O que houve com ela? Onde a encontrou?

O bom senso de Nell retornou e ela orientou o capitão a levar Hope para perto do fogo da lareira. Hope tinha o rosto pálido, o olhar fixo e vazio e, sem saber mais o que fazer, Nell correu ao andar de cima para buscar toalhas, cobertores e roupas secas. Mas estava agitada porque o capitão tinha chegado em casa em meio àquela situação, trazendo uma visita, além do mais, e ela não tinha preparado nada para a ceia.

Quando voltou para a sala de estar, o homem alto, delgado e de rosto pálido a quem ela abrira a porta estava sozinho com Hope, ajoelhado junto dela e tirando suas roupas molhadas.

– Não vou deixar um estranho fazer isso com minha irmã! – disse ela, severa. – Estou surpresa com sua atitude, senhor.

– Sou o marido dela, Nell – disse ele, sem sequer a olhar. – E sou médico. Então, se você fizer o favor de ver onde Angus foi com o conhaque, eu posso continuar.

– Você é Bennett? – disse Nell, zozza.

– Eu mesmo – disse ele, olhando ao redor. – Achei que iria cumprimentar minha cunhada pela primeira vez em melhores circunstâncias, mas não podemos fazer isso agora.

Nell disparou para buscar o conhaque, muito atordoada para dizer qualquer coisa mais.

Quando voltou, as roupas de Hope estavam no chão e Bennett a envolvera em um cobertor e a estava embalando em seus braços.

– Vamos lá, querida – dizia para ela. – Fale comigo, sou eu, Bennett, seu marido. Cheguei.

Nell entregou-lhe o conhaque e ficou parada olhando, as mãos tapando a boca, mal ousando respirar enquanto Bennett levava o copo aos lábios de Hope.

– Boa menina – disse ele mansamente quando ela deu um gole. – Você está bem agora, sou só eu aqui, e logo você vai estar aquecida novamente. Agora, tome mais um pouco para mim?

Ela levantou a cabeça um pouco, tomou outro gole e depois tossiu.

– Assim é melhor – disse Bennett. – Agora, você vai se sentar direito e beber o resto. E eu que achei que estava vindo para casa para ser tratado por você!

Foi como se o som de sua voz e o toque de suas mãos de repente chegasse até ela.

– Bennett? – perguntou ela, cautelosa. – Bennett! É você mesmo?

Uma mão no ombro de Nell a puxou para sair da sala.

– Vamos, Nell – disse Angus. – Vamos deixá-los a sós.

Bennett enrolou uma toalha nos cabelos molhados de Hope, depois se deitou no tapete a seu lado, apoiando-se em um cotovelo para poder olhar para ela. Era cedo ainda para perguntar por que ela estava no meio da estrada daquele jeito, e ele certamente não ia lhe contar que quase morrera de susto quando Angus a levou para a carruagem e ela não reconheceu nenhum dos dois.

Por enquanto, bastava olhar para ela. Ver aqueles belos olhos escuros voltados para ele, os lábios cheios se curvando no sorriso mais doce, pois era tudo com que ele havia sonhado enquanto estava tão doente. Sabia muito bem que chegara muito perto da morte e tinha certeza de que fora apenas sua vontade de ver Hope e seu bebê que o mantiveram vivo. Nenhum dos outros homens que caíram com febre tifoide ao mesmo tempo que ele sobreviveu e, se Angus não tivesse aparecido e o resgatado de Scutari quando o fez, era provável que ele também tivesse ido embora deste mundo.

Bennett ainda estava tão fraco que não teria conseguido carregar Hope na estrada, mas, agora que estava outra vez com ela, pressentia que sua recuperação seria rápida.

– Temos uma menininha, não é? – perguntou. – Angus me disse que recebeu uma carta sua quando estava saindo de Balaclava. Ela está bem, não está?

Parou, de repente temendo que não fosse o caso e, por isso, Hope tivesse saído na chuva.

– Ela é linda! – exclamou Hope, e seu rosto se iluminou com um sorriso radiante. – Ah, Bennett, tive tanto medo de você nunca a conhecer, de você não voltar... Tanta coisa aconteceu... Por que não me escreveu?

– Pedi que uma enfermeira escrevesse para mim quando fiquei doente – disse ele tristemente. – Mas a moça tinha tantos pacientes para cuidar que talvez tenha esquecido. Eu estava tão doente que durante algum tempo mal sabia quem eu era, que dirá conseguir escrever. Mas creio que as cartas que escrevi quando comecei a me recuperar vão aparecer em breve. Também não recebi nenhuma carta sua, portanto quem sabe acabem chegando também algum dia.

– Beije-me – pediu ela, soltando os braços nus do cobertor para poder abraçá-lo. – Para que

eu realmente acredite que é você.

Foi o momento pelo qual Bennett esperou e sonhou tantas vezes na longa viagem de retorno para casa. Quando o navio percorria a costa da Espanha, ele foi atormentado pelo enjoo durante uma tempestade tremenda e procurou se lembrar apenas do gosto e da sensação do corpo dela para passar por aquilo.

Quando seus lábios se encontraram, porém, foi ainda mais perfeito do que imaginara. Fogos de artifício explodiram em sua cabeça, ouviu anjos cantando e bandas tocando. Os horrores da Crimeia e de Scutari desapareceram. Ele estava de volta, sua linda Hope estava em seus braços e tudo estava bem no mundo.

Angus e Nell ficaram na cozinha enquanto Hope e Bennett estavam na sala. Nell deu a Angus um pouco de pão e queijo e, claro, ele perguntou por que Hope estava na chuva e com o juízo inegavelmente abalado.

– Ela ficou mal depois de ter recebido sua carta sobre Bennett – Nell começou a explicar, mas, percebendo que havia muito o que contar de uma só vez, abreviou o relato. – E acho que o funeral de lady Harvey hoje foi demais para ela.

Assim que as palavras saíram de sua boca, ela desejou não ter falado. Se tudo tivesse transcorrido como deveria, naquela noite os quatro estariam comemorando a volta deles para casa. Nell rezou por esse dia, planejou-o cem vezes em sua cabeça. Imaginou uma mesa cheia, a cama do capitão arejada e um fogo aceso na lareira de seu quarto. Entretanto, em vez de se banquetear, rirem e chorarem de alegria, ela e o capitão estavam ali na cozinha com apenas pão e queijo na mesa, e agora ela tornara o regresso dele ainda mais triste ao dizer-lhe que o amor de sua vida tinha morrido.

– Sinto muito, senhor – disse ela, apressadamente. – Tanta coisa aconteceu que não é de admirar que Hope esteja fora de si, mas eu não deveria ter falado sobre lady Harvey tão de imediato.

Ele estava com mais rugas no rosto do que antes de partir, também estava mais magro e parecia cansado. Mas ainda era um homem muito bonito. Aqueles olhos escuros, muito parecidos com os de Hope, tinham uma maneira de olhar para Nell, pareciam enxergá-la até a alma.

– Anne morreu? Morreu de quê?

– Do coração, senhor. – Nell baixou a cabeça. – Mas morreu pacificamente enquanto dormia.

Ela levantou a cabeça e viu que os olhos dele estavam úmidos.

– Sinto muito, senhor...

– Todos nós desejamos morrer durante o sono – disse ele com tristeza. – Mas, para muitos, costuma ser um processo doloroso. Estou muito contente por ela não ter passado por isso. Como Rufus está enfrentando a situação?

– Bem, senhor – respondeu Nell. – Ele tem sido um bom amigo para nós nos últimos meses. Mas vai me contar como encontrou Bennett?

Ele pareceu aliviado com a mudança de assunto e explicou que fora a Scutari para procurá-lo.

– Foi bem na hora. O nome dele não constava na lista de pacientes no hospital. Tive que examinar intermináveis relatórios de navios e, afinal, encontrei o nome dele. Três homens não identificados tinham morrido naquela viagem e sepultados no mar, de modo que parecia que Bennett fora um deles. Mas procurei outros pacientes embarcados naquele navio e um fuzileiro

que conhecia Bennett muito bem me assegurou que o vira ser carregado para fora do navio em uma maca. Então, me dispus a ir procurá-lo no hospital. Com mais de mil doentes e feridos, foi um trabalho demorado, mas no final o encontrei. Ele havia sido listado com o nome errado.

– Como isso pôde acontecer?

Angus deu de ombros.

– O lugar é grande, com uma equipe de enfermagem pequena; é de causar espanto que os registros sejam tão bem mantidos como são, sobretudo quando muitos chegam tão doentes que nem conseguem dizer o próprio nome. Ele ainda estava mal quando o encontrei, mas, quando comecei a mexer os pauzinhos e o levei a uma enfermaria mais saudável com um pouco mais de atenção, ele começou a melhorar.

Naquele momento da conversa, Betsy se pôs a chorar e Nell levantou-se para ir vê-la. No entanto, seus pais chegaram alguns segundos antes dela.

Nell nunca vira nada mais bonito e emocionante do que a reação de Bennett à filha. Meio rindo, meio chorando, ele a pegou nos braços e disse-lhe que ela deveria parar de chorar porque não era maneira de cumprimentar seu pai.

– Desça e cuide de Angus – disse Hope para Nell, com o sorriso luminoso de uma noiva. – Pode deixar que cuidamos da Betsy. Eu já lhe dei trabalho demais para uma noite, e Bennett também está muito cansado. Conte a Angus todas as novidades e amanhã nós comemoramos juntos o regresso deles.

Nell parou um instante antes de sair do quarto e olhou para trás. Bennett tinha Betsy aninhada em seus braços, e Hope, usando apenas a camisola que Bennett vestira nela, abraçava o marido, a cabeça dos dois inclinadas para a filha. Era uma bela cena e algo no íntimo de Nell lhe dizia que dali em diante todos estariam bem.

Quando Nell desceu, Angus tinha ido para a sala de estar e se instalara na sua poltrona favorita junto à lareira.

– Então, onde estávamos? – perguntou. – Você disse que aconteceu tanta coisa. Me conte.

– Bem, Albert foi o principal – ela começou com cuidado, sem ter certeza se poderia explicar de uma maneira que ele pudesse entender.

Esquecera que ele era um bom ouvinte. Além de fazê-la se estender em alguns pontos, não a interrompeu.

– Meu Deus! – exclamou ele quando Nell terminou. – Eu sabia que Hope tinha muita fibra, mas não imaginava que fosse capaz de enfrentar aquele patife. E como ela ficou depois? Não deve ter sido uma imagem agradável para se ter na mente.

Nell concordou.

– Mas não foi tudo – continuou ela. – Antes que Albert morresse, ele contou a Rufus sobre o senhor e a mãe dele.

Angus estremeceu.

– Tenho que me preparar para vê-lo entrar aqui como um touro enfurecido?

Nell sorriu fracamente.

– Não, primeiro ele ficou aborrecido, só que não está mais. Porque, sabe, lady Harvey resolveu contar outra coisa a ele e a Hope nesse dia. E o senhor pode vir a ser o touro enfurecido quando eu confessar minha participação nisso tudo.

– Continue – disse ele, inclinando-se para a frente na poltrona.

– Lady Harvey contou a Hope que era sua mãe e que o senhor é o pai.



– Não entendo. Como pode ser? Hope é sua irmã.

Nell começou a tremer, então, com medo de que ele ficasse zangado por não lhe ter contado quando começou a trabalhar para ele, ou mesmo depois da morte de sir William Harvey.

Foi muito mais difícil contar a ele do que fora explicar a história toda para Hope. Engasgou-se com as palavras, chorou e ficou amedrontada com o semblante dele, tão severo e frio.

– Não tive escolha senão continuar escondendo a verdade – disse, chorando. – Eu não o conhecia, nem sabia quem era o pai. Eu era muito jovem e precisava do emprego porque meus pais dependiam do meu salário. Só contei a lady Harvey que o bebê não tinha morrido no dia em que saí de Briargate. Sinto muito, mas não tive coragem de contar antes ao senhor. Porque, sabe, eu tinha dado a minha palavra à minha patroa.

Ele deu um suspiro profundo, recostou-se na poltrona e fechou os olhos.

A chuva ainda caía copiosamente lá fora, respingando nas janelas, e o vento uivava na chaminé. Nell se agitava em sua cadeira, esperando uma explosão irritada a qualquer momento.

– Por que Anne não me escreveu para dizer que estava esperando um filho meu? – perguntou ele, por fim, a voz trêmula de emoção. – Eu teria vindo. Teria cuidado dela.

– O senhor sabe por quê. Ela achava que sua reputação ficaria arruinada. O senhor poderia perder sua patente.

– Eu teria trabalhado até como lavrador, se necessário – rebateu ele. – Teria superado todos os obstáculos, lutado qualquer batalha por ela.

– Sei disso agora – disse Nell, baixinho. – E acho que ela também sempre soube. Mas foi um momento difícil; estava preocupada com o marido e sua posição. Quem sabe, se Bridie não lhe dissesse que o bebê estava morto, poderia ter sido diferente.

Ele fez muitas perguntas, sobre Anne e igualmente sobre Hope. Nell pensou que ele nunca mais acabaria de fazer perguntas. Estava tão cansada, o dia parecia interminável, e só o que queria era dormir.

– E como Hope reagiu quando lhe disseram que o homem que ela sempre chamou de pai não era seu pai verdadeiro, e que você não é irmã dela? Não admira que quase tenha perdido a cabeça.

– O senhor terá que perguntar isso a ela – disse Nell, cansada. – Ela não falou muito sobre isso comigo. Mas sei que ela gosta muito do senhor.

– Ela salvou minha vida em Balaclava – disse ele, comovido. – Vi homens morrerem de ferimentos muito menos graves do que os meus. Ela tem o dom da cura. Um dos oficiais me perguntou logo depois se ela era da minha família, pois nos achou muito parecidos.

– Vocês se parecem mesmo, senhor – concordou Nell. – A primeira vez que o encontrei, soube logo que era o pai dela, só por sua aparência. Não sei como minha senhora não notava.

– Geralmente só vemos as coisas que queremos ver – respondeu ele, e sorriu. – E vejo que está cansada, Nell. Vá para a cama agora.

Angus ficou contemplando o fogo, melancólico, por mais de uma hora depois que Nell foi dormir, seus pensamentos ora amargos, ora doces. A morte de Anne era triste, mas não de todo inesperada, pois achara-a envelhecida e confusa quando a vira no enterro de William, e soube mais tarde que sua saúde se deteriorara ainda mais.

Não tinha sentido zangar-se com o fato de ela ter escondido dele o nascimento da filha; sempre soubera, afinal, que posição e riqueza significavam mais para ela do que o amor. Mas achou difícil perdoá-la por não vir a ele quando descobriu que Hope era aquela criança. Devia

saber que ele teria revirado céus e terra para encontrá-la.

Apesar de tudo, com certeza estava escrito nas estrelas que ele teria Hope em sua vida, mesmo que o caminho para esse fim fosse tortuoso. Quando encontrou Nell por acaso naquele dia perto do moinho, ofereceu-lhe o emprego de governanta mais por simpatia do que por real necessidade de ajuda em sua casa. No entanto, foi uma das melhores decisões que tomou na vida, pois Nell se tornou uma amiga valiosa e criou para ele um lar estável e confortável, algo que nunca tivera antes.

Quando descobriu que a bonita esposa do médico que fora atacada em Varna não era senão a irmã desaparecida de Nell, considerou aquilo o mais extraordinário golpe de sorte, uma maneira de retribuir a Nell tudo o que tinha feito por ele. E, ainda por cima, ela era sua filha!

Olhando para trás e deixando de lado a ligação com Nell, havia algo em Hope que o atraía para ela desde o início.

Naturalmente, pensou que era só por causa de seus olhos ardentes, cabelos escuros ondulados e rosto meigo. Na verdade, esquivou-se de pensar muito nela, lembrando que tinha idade para ser seu pai.

Ainda bem que seus sentimentos por ela nunca foram de desejo, mas de admiração por sua coragem, estoicismo e habilidades como enfermeira. Mais tarde, depois que ela tratou de seus ferimentos, houve uma profunda gratidão, e diversão também porque ela era esprevidada.

Com o tempo, porém, e quando passou a conhecer bem o casal, começaram a surgir o que só poderia chamar de sentimentos paternos por ela. Sentiu afeto de verdade e preocupação com a saúde de Hope quando soube que estava esperando uma criança. Quando ela foi embora de Balaclava, ficou emotivo e até dominado por uma sensação de perda e falta.

Foi o que o fez procurar Bennett; e, em meio às dificuldades, ele se obrigou a prosseguir, a fazer mais esse esforço por ela. Na viagem para casa, vinha cheio de orgulho por ter trazido seu marido de volta. De fato, estava tão entusiasmado com a perspectiva de revê-la quanto Bennett.

E agora lhe diziam que ela era carne de sua carne, que a bebê dela era sua neta. Era como ser presenteado com o sol, a lua e as estrelas.

– Ela é linda – disse Angus com voz rouca, olhando para Betsy nos braços da mãe. – Pai e avô em um dia! É o que basta para fazer um velho soldado chorar.

Eram dez da manhã. Bennett ainda estava na cama, Nell na cozinha e Hope entrou em seu estúdio com Betsy nos braços para mostrá-la a ele.

– Nell contou tudo, então? – perguntou Hope.

Angus assentiu e enxugou depressa uma lágrima do rosto.

– Há muito a dizer, mas não sei como – disse ele. – Fiquei acordado quase a noite toda pensando nisso. Achei que tinha tudo organizado em minha cabeça, mas agora que estou olhando para Betsy...

Ele parou, novas lágrimas enchendo seus olhos quando deixou a bebê agarrar um de seus dedos.

– Não precisamos de palavras, não é? – disse Hope, olhando para ele também com lágrimas nos olhos. – Nós ficamos amigos desde o início. Através de você, Nell e eu nos reencontramos e você transformou a Crimeia em um lugar melhor para mim e Bennett apenas por estar lá. Depois, trouxe Bennett de volta para mim. Então, se era algum tipo de desculpa o que estava tentando me oferecer, não é necessário.

– Não era uma desculpa que eu queria oferecer – disse ele, estendendo a mão para tocar o

rosto dela com ternura. – Foi mais uma efusão alegre do meu prazer. Naturalmente, estou aborrecido e envergonhado por não ter participado de sua infância, pois, se soubesse do seu nascimento, teria acolhido e criado você como minha filha, independentemente de como os outros veriam isso.

– Então talvez tenha sido melhor você nunca saber sobre mim – disse Hope, segurando a mão que acariciava seu rosto e beijando-a. – Você estaria longe de mim em suas campanhas militares e eu teria ficado com amas que poderiam não ser tão amorosas quanto Meg Renton e Nell.

– Sempre tão prática e equilibrada! – Ele assentiu. – Mas, minha querida menina, você passou por tantas coisas desde que Betsy nasceu, por coisas demais, e precisamos ter certeza de aquilo que ocorreu ontem à noite não vá se repetir.

O rosto dela se obscureceu.

– Não sei o que me deu – disse, baixando os olhos, encabulada.

– Há limites para o que a mente humana pode suportar – disse ele, gentilmente. – Vi muitos homens perderem a razão depois de batalhas e provações; desconfio que é a maneira de a natureza exigir que eles se permitam descansar. Mas Bennett está de volta são e salvo, e espero que agora você me deixe cuidar da minha família, está bem?

– Sua família? – repetiu Hope, olhando para ele, encantada. – A ideia soa tão adorável!

Angus abraçou a filha e a neta e segurou-as junto a si.

– Soa adorável para mim também – disse ele mansamente, a voz trêmula de emoção. – Nunca tive uma família, sempre fui o estranho no ninho de outras pessoas. O mais extraordinário é que, se eu pudesse ter escolhido as pessoas que queria ter na minha família, vocês todos são os que eu escolheria. E, com a jovem Betsy, vou poder dar a ela o amor e a atenção que nunca tive a chance de dar a você. Acho que isso faz de mim o homem mais sortudo deste mundo.

O Natal, algo em que Nell e Hope mal tinham pensado até os dois homens chegarem, de repente seria dali a apenas uma semana, e todos os dias se encheram de preparativos frenéticos. Bennett ainda estava fraco demais para fazer outra coisa além de brincar com a filha, enquanto as mulheres preparavam tortas e pudins e limpavam pratarias à volta dele. Angus cortou lenha, levou para dentro de casa enormes galhos de azevinho e hera e foi ao mercado em Bristol. Trouxe de lá não apenas mantimentos, mas também um cavalo para puxar o cabriolé, que tinha ficado abandonado em um dos galpões desde que ele partira.

Willow End estava cheia de conversas e risos. Havia tantas histórias para compartilhar, longas discussões sobre acontecimentos passados e sobre o que eles gostariam para o futuro, mas, de vez em quando, os quatro adultos se sentavam em torno da mesa da cozinha, apenas sorrindo uns para os outros e se deliciando por finalmente estarem todos juntos.

Uma fonte infinita de debates era quanto iriam dizer ao resto da família sobre Hope e Angus quando viessem no dia seguinte ao Natal. Foi Angus quem finalmente sugeriu que esperassem até a véspera, que passariam na companhia de Rufus, tio Abel e Alice, para então decidir junto com eles.

Já escurecera lá fora às cinco da tarde no dia de Natal, mas a sala de jantar em Willow End fulgurava à luz de duas dúzias de velas e de um fogo ruidoso aceso na lareira. As vigas do teto estavam decoradas com guirlandas de azevinho, hera e fitas vermelhas, e a toalha vermelha quase desaparecia sob a abundância de taças, pratos e de terrinas de prata. O ganso agora era um mero esqueleto, as terrinas de legumes estavam vazias. Todos concordavam que precisariam de

um descanso antes que pudessem se ocupar do pudim de ameixa.

– Sonhei com um Natal assim durante anos – refletiu Bennett. – Mas nunca pensei que se tornaria realidade.

Correu o olhar em torno da mesa, maravilhado por ter sobrevivido e estar ali naquele dia com todas as pessoas que amava: Hope em um vestido vermelho à sua direita, os cachos escuros brilhando como o ébano à luz das velas; Nell, vestida de azul pálido, vinha depois, seguida por tio Abel, Alice e, finalmente, Rufus. Sem esquecer Betsy, que balbuciava em seu berço junto à janela.

Para Bennett, os Natais anteriores tinham sido ocasiões bastante tristonhas, em geral passadas com pessoas às quais ele não estava muito ligado ou que mal conhecia. Mesmo os Natais passados com o tio Abel não tinham sido felizes por causa de seu relacionamento muitas vezes tenso.

Mas no final tudo se acertara. Abel afeiçoara-se muito a Hope e passara a manifestar um inegável orgulho por seu sobrinho. Alice sempre demonstrara seu grande afeto por Bennett, mas agora estava radiante por poder fazê-lo às claras, além de gastar seu tempo com atenções a Hope e Betsy.

Nell era mesmo como Hope a descrevera, plácida, bondosa e maternal, mas não era tediosa como Bennett temia: ria muito, era engraçada às vezes e, quando irritada, não media palavras. Ele achava que ela talvez fosse a mais ideal das cunhadas.

Quando Bennett olhou para Angus, seu coração inchou de gratidão. Ele admirara o garboso capitão desde o início porque ele não era um dos idiotas habituais, de caráter fraco, aristocratas sem cérebro que compravam suas patentes na cavalaria porque queriam desfilar em um uniforme vistoso. A coragem de Angus era inquestionável, mas fora sua humanidade o que havia tocado Bennett. Muitos de seus soldados haviam lhe contado como ele lhes dera comida, roupas e cobertores durante o último inverno. Ele os visitava quando estavam doentes e feridos, escrevia cartas para suas casas.

Contudo, o que o fez amar o sujeito foi ser buscado por ele em Scutari. Nunca esqueceria o momento em que abriu os olhos e viu Angus com seu uniforme de casaco azul e dourado e calça vermelho-cereja sorrindo para ele. A enfermaria da febre era a mais soturna de todas, uma sala escura e malcheirosa em um porão infestado de insetos, mas Angus trouxe luz e ar fresco com ele.

– Você não pode se esconder aqui – disse ele. – Hope precisa de você em casa. Então, vamos levantar, filho.

Ele o tirou da cama, carregou-o sobre o ombro e, por mais doente que Bennett estivesse naquele momento, de alguma forma sabia que a vontade de Angus de levá-lo para casa era forte demais para permitir que ele morresse.

Angus nunca revelaria a ninguém que lhe dera banho e alimentara como um bebê durante dias até Bennett poder cuidar de si sozinho. Como todos os verdadeiros heróis, não achava necessário falar sobre seus feitos. No entanto, em Scutari, soube exatamente o que dizer para que Bennett recobrasse o ânimo.

Descrevera aquela mesma sala em detalhes, até as cortinas de chintz confeccionadas por Nell e o pau-rosa de que era feita a mesa. Dizia que estariam ao redor dela no Natal e que o ganso viria da fazenda de Matt. Falou sobre as habilidades culinárias de Nell até a boca de Bennett aguar, e lembrou-lhe que Hope estaria ao seu lado, mais bonita do que uma rosa.

Agora que Bennett sabia que Angus era o pai de Hope, ele se admirava de não ter desconfiado de nada muito tempo antes, porque os dois eram incrivelmente parecidos. Não

apenas pelos olhos negros idênticos, mas pela mesma coragem, lealdade e determinação obstinada. O que poderia ser mais gratificante do que ter um sogro que já provara ser o melhor e mais verdadeiro amigo?

Quanto à sétima pessoa à mesa, Hope já falara muito sobre seu amigo de infância. Sabendo o que sabia do comportamento de ambos os pais, Bennett esperava que ele fosse um molenga. E, aqui, outra surpresa, pois Rufus não era fraco de maneira alguma. Era tão rijo e trabalhador quanto Matt Renton. Além disso, era divertido, inteligente, com grande coração e uma ótima consciência social. Bennett nunca simpatizara muito com o que lhe diziam sobre lady Harvey, mas tinha que admitir que ela deveria ter algumas boas qualidades para gerar dois filhos tão extraordinários.

– Você nunca mais vai passar um Natal solitário, não com nossa família – disse Nell, interrompendo seu devaneio. – Daqui a alguns anos, porém, poderá estar desejando um mais silencioso.

– Proponho um brinde a muitas outras ocasiões felizes como esta – disse Angus, erguendo a taça de vinho.

– Para muitas mais! – exclamaram todos enquanto tocavam suas taças entre si.

– Ano que vem, Betsy pode já estar andando – disse Hope, olhando para o berço no canto onde a pequena estava acordada, acenando com as mãozinhas. – Então, não haverá paz para nenhum de nós.

Bennett apertou sua mão debaixo da mesa, pois estava feliz por vê-la totalmente recuperada. Mostrara-se constrangida demais para conversar sobre o que a afligira na noite da chegada dele; só dizia que tinha medo de nunca mais vê-lo. Sem dúvida, uma série de coisas a levava a agir daquele modo: choque, medo e ansiedade, mas, quaisquer que fossem as causas, ela voltara a ser a mesma de antes.

– Lembram-se do Natal passado? – perguntou Hope, dirigindo-se a Bennett e Angus.

– Acho que só comi um pouquinho de frango magro com um pedaço de pão. – Angus riu. – E você?

– Não me lembro de ter comido nada – disse Bennett. – Mas os festejos no cais na véspera de Natal foram memoráveis, no mínimo porque não consegui tirar minha esposa dos braços de outros homens.

– Eu só estava dançando com eles – explicou Hope para o resto do grupo. – Bennett sempre gosta de fingir que foi tratado injustamente naquela noite, mas lembro que ele bebeu uma garrafa inteira de rum.

– Vocês três falam sobre a guerra como se fosse um piquenique alegre – comentou Rufus. – Não consigo fazer ninguém me contar como foi realmente. Angus e Bennett nem falaram sobre a enfermeira Florence Nightingale, no entanto os jornais estão cheios dos atos de heroísmo dela.

– Talvez seja só porque estamos um pouco cansados da adulação do público centrada nela – retrucou Angus. – Vimos as esposas dos soldados arriscarem suas vidas nos campos de batalha para ajudar os feridos. Elas, Hope e médicos como Bennett estavam lá desde o início da guerra, fazendo o que podiam sem suprimentos médicos nem instalações, pois os recursos foram cortados por incompetências governamentais. A Srta. Nightingale é, sem dúvida, uma boa mulher: ela trouxe melhores condições ao hospital de Scutari e tenho certeza de que modificou a opinião geral para que a enfermagem daqui em diante seja vista como uma profissão nobre. Mas nós, que estávamos na frente de batalha, gostaríamos de ver pessoas menos ilustres serem

homenageadas por sua coragem e dedicação. Elas deram tudo o que tinham por seu país e seus companheiros. Entre aqueles que sobreviveram, muitos voltarão mutilados e encontrarão esposas e filhos nos asilos de pobres. É lá que muitos desses homens corajosos também vão acabar seus dias. Mas a Srta. Nightingale não vai participar dessa indignidade.

Hope compartilhava os pontos de vista de Angus e sabia que Bennett igualmente o apoiava, mas aquele não era o momento apropriado para verbalizá-los.

– Falemos de outra coisa, Angus – disse ela em tom conciliatório, levantando as sobrancelhas. – Como diria Nell: “Este não é um assunto adequado para a mesa de jantar.”

– Certamente que não – disse Nell, indignada. – A conversa na mesa deve ser leve e superficial.

Rufus deu uma gargalhada.

– Ora, faça-me o favor, Nell! Aposto que, se você dissesse isso na casa de Matt, eles iriam cair na gargalhada. Eles conversam à mesa sobre abate de porcos e castração de bois.

Hope sorriu.

– E você, tio Abel? Sobre o que você fala?

– Sabe-se que ele já discutiu os conteúdos do estômago de alguém depois de ter feito uma autópsia – disse Alice, maliciosa. – Em um jantar, e um de seus convidados saiu correndo da mesa, verde como capim!

Abel ficou constrangido.

– Foi embaraçoso, mas tive a impressão de que ele também era médico.

– Considero-me repreendido. – Angus sorriu para Nell. – Guerra, medicina, religião e política são assuntos que é melhor evitar ao jantar.

– Por mim está bem, já que sei muito pouco sobre qualquer um desses assuntos – disse Rufus, bem-humorado.

– É melhor você se dedicar à religião se vai se casar com a filha do vigário – retrucou Hope. – E quando será?

– Bem, isso nos leva de volta ao espinhoso assunto dos laços de sangue – disse Rufus, com ar mais sério. – Antes de pedir a Lily para se casar comigo, devemos decidir se devo contar a ela que Hope é minha irmã.

Antes do jantar, eles haviam informado a tio Abel e Alice sobre as questões recentes. Ambos ficaram tão atônitos que disseram que precisavam de tempo para pensar antes de poderem comentá-las. Porém, Hope percebeu que Abel preferia a ideia de ela ser o fruto de um caso de amor entre aristocratas do que filha legítima de camponeses.

– Se contar a ela, teremos que contar a Matt e ao restante da família – disse Nell, preocupada.

Nas discussões antes do Natal, todos concordaram que a decisão final deveria caber a Rufus, pois poderia ser ele o mais afetado por um provável escândalo.

Angus chamou sua atenção para isso.

– Por mais que me agrada reconhecer Hope como minha filha – disse ele –, não quero manchar o nome de sua mãe.

– Isso importa, agora que ela não está mais conosco? – Rufus deu de ombros. – Eu ganharia uma irmã, uma sobrinha e um cunhado, todos eles importantes para mim, e que provavelmente também serão importantes para meus futuros filhos. Hope ganharia um pai.

– Mas Hope perderia toda a família Renton com a qual ela cresceu – disse tio Abel, um pouco impaciente.

– Não, ela não perderia – protestou Nell, enfática. – Eles não vão modificar o que sentem

por ela. Para nós, ela será sempre nossa irmã.

– O que você acha, Bennett? – perguntou Rufus.

– Bem, parece que todos já vimos quanto sofrimento os segredos podem causar – disse ele.

– Se você se casar com Lily sem contar a ela, a verdade pode muito bem vir à tona depois, Rufus. Porém, mais importante do que qualquer escândalo que possa ocorrer em seguida, Lily vai ficar magoada se você não confiar nela.

– Ninguém além de nós sabe a verdade. Então, como pode vir à tona? – perguntou Nell.

Angus segurou a mão de Nell na mesa.

– Não somos todos tão bons quanto você em manter segredos – disse ele. – Hoje somos sete aqui. Qualquer um de nós poderia deixar a história escapar algum dia.

No mesmo instante, Betsy soltou um grito. Hope riu.

– Acho que Betsy quer nos lembrar que não somos apenas sete pessoas, mas uma família: mãe, pai, avô, tias e tios.

Rufus levantou-se para tirar Betsy do berço e, quando a segurou, ela parou de chorar e seu rostinho se abriu num grande sorriso.

– Bem, Betsy – disse ele, olhando para ela. – Longe de mim privar você da duvidosa distinção de ter um tio com título de nobreza quando já se tem uma coleção de heróis de guerra na família. Então, acho melhor sair de mansinho e contar a Lily que você será sobrinha dela.

Bennett levantou-se da mesa e foi até ele.

– Você está mesmo convencido disso, Rufus? Haverá falatório e pode ser prejudicial a você.

Rufus fitou Betsy em seus braços e atravessou a sala até Hope, seus olhos azuis cheios de carinho.

– Que falem, tenho orgulho de dizer a qualquer pessoa que Hope é minha irmã. Talvez algumas sobranceiras se levantem, mas o que importa? – Ele posicionou Betsy em seus braços de modo que ficasse de frente para todos. – Esta pequenina e outras crianças que Hope ou eu tivermos é que importam. Elas devem ser criadas com amor e sinceridade. E sei que Hope, como eu, lhes dirá como fomos criados pelos Rentons, e que tudo o que aprendemos de bom e verdadeiro veio deles.

Ele beijou Betsy antes de entregá-la ao pai.

– Estou absolutamente convencido. Agora, vamos encher nossos copos mais uma vez e beber à nossa família.

## A<sub>GRADE</sub>DECIMENTOS

A Glenn Fisher, da Crimean War Research Society, pela inspiração, informação e pelo incentivo muito além do que era necessário. Sem sua ajuda e entusiasmo eu teria fracassado e provavelmente desertado. Minhas desculpas a Jo, William e James por monopolizar tanto tempo de seu marido e pai. Glenn, você será condecorado por bravura.

A Sue Hardiman, do escritório de Bristol da Historical Association, não apenas por seu folheto informativo sobre a epidemia de cólera de 1832 e seu impacto na cidade de Bristol, que é tão bem escrito, fascinante e bem pesquisado, mas também por seu grande interesse em meu projeto, ajudando-me a corrigir os fatos.

Li dezenas de livros sobre a Inglaterra vitoriana e a Guerra da Crimeia na minha pesquisa, mas estes foram particularmente notáveis e informativos:

1. *Journal Kept During the Russian War: From the Departure of the Army from England in April 1854, to the Fall of Sebastopol*, por Frances Isabella Duberly (Elibron Classics, 2000)
2. *Eyewitness in the Crimea: The Crimean War Letters of Lt. Col. George Frederick Dallas, 1854-1856*, organizado por Michael Hargreave Mawson (Greenhill Books, 2001)
3. *George Lawson: Surgeon in the Crimea*, organizado, expandido e comentado por Victor Bonham-Carter (Constable and Co., 1968)
4. Várias obras sobre a história de Bristol, escritas por Peter MacDonald
5. *Mary Carpenter and Children of the Street*, por Jo Manton (Heinemann Educational, 1976)
6. *Wonderful Adventures of Mrs. Seacole in Many Lands*, por Mary Seacole, organizado por Sara Salih (Penguin Books, 2005)
7. *The Crimean Doctors: A History of the British Medical Services in the Crimean War*, por John Shepherd (Liverpool University Press, 1991)
8. *The Reason Why*, por Cecil Woodham-Smith (Penguin Books, 1991)



A pesquisa para os meus livros pode assumir muitas formas: leitura de livros sobre os assuntos necessários, conversas com pessoas que têm conhecimento especializado, buscas em arquivos de jornais, *etc.* Mas acho que a fonte mais valiosa de inspiração para dar vida aos fatos são as visitas aos lugares onde situo a história.

Antes e durante a escrita de *Esperança*, li dezenas de livros sobre a Guerra da Crimeia, mas esta realmente só adquiriu vida para mim quando passei uma semana na Crimeia em outubro de 2005.

Fiquei com o coração apertado quando cheguei a Yalta. Lembrei-me de cidades decadentes à beira-mar construídas nos anos 1950; ali, ninguém falava inglês e o caminho até os campos de batalha era longo. Eu queria andar sozinha nesses locais para absorver as vibrações. Isso, porém, foi impossível, pois eu tinha que participar de uma excursão organizada com uma guia russa, que explicou toda a história do ponto de vista russo. Além disso, ela nos fez correr, sem tempo para pausar e contemplar, muito menos perambular à vontade, e nos bombardeou com informações muitas vezes enfadonhas.

O pequeno porto de Balaclava é bonito e cheio de iates elegantes. A guia insistiu que o prédio principal havia sido reconstruído no estilo original, mas isso evidentemente não era verdade, já que vi fotos antigas do porto na década de 1850. Na época, sua situação era precária, piorou um milhão de vezes com a passagem das hordas de tropas. Ela também nos mostrou o local onde ficava o hospital da célebre enfermeira britânica Florence Nightingale. Não pude deixar de observar que Florence só esteve uma vez na Crimeia, brevemente, quando adoeceu, e voltou direto para Scutari. Ela nunca trabalhara naquele lugar. Apesar das informações imprecisas da guia, com um pouco de imaginação, fotos antigas e depoimentos de testemunhas oculares, foi possível recriar o pequeno porto como deve ter sido durante a guerra.

A inclinação íngreme das falésias dá uma ideia da terrível dificuldade que os soldados tiveram para levar suprimentos e equipamentos até o cerco. Sempre consegui descrever e imaginar com nitidez situações de extrema miséria e privação – às vezes, penso que em uma vida anterior devo ter passado por isso.

Sebastopol é bastante impressionante. Foi arrasada durante a Guerra da Crimeia, reconstruída depois e destruída de novo na Segunda Guerra Mundial, mas me deu uma noção de como deve ter sido originalmente. É uma das joias da Rússia, já que a Frota do Mar Negro tem base lá. Meu pai, que pertenceu ao Corpo de Fuzileiros, teria ficado horrorizado com os navios enferrujados no porto, mas uma noite a Marinha russa nos entreteve com seus cantos e danças. O evento foi excelente, por isso suponho que estejam ocupados demais praticando para pintar seus navios ou esfregar os deques.

Foi lá que me deparei com a obra de arte mais impressionante e surpreendente que já vi: uma pintura panorâmica do cerco. O visitante entra em uma sala circular e a pintura se desenrola em torno dela. E é tridimensional, com modelos de carros de boi, trincheiras, cabanas e outras coisas afins em primeiro plano, então é como se a pessoa estivesse em meio ao cerco, não apenas contemplando uma obra.

Eu poderia ter ficado lá olhando aquilo o dia todo. Reconheço que foi pintada a partir da perspectiva das tropas russas – vista de dentro de Sebastopol – e os britânicos e franceses estão ao longe. Mas pode-se entender a escala e a atmosfera da guerra e ter uma noção das dificuldades que os homens de ambos os lados tiveram que enfrentar.

Minha viagem aos campos de batalha me proporcionou uma compreensão significativa de como foram travados os conflitos. O Vale da Morte não é nem um pouco como eu tinha imaginado. É uma planície de quase cinco quilômetros de extensão e mais de três quilômetros de largura, não uma espécie de ravina como eu visualizei quando aprendi o poema de Tennyson na escola. Quando se está em diferentes partes do “vale”, dá para compreender por que a Carga da Brigada Ligeira cometeu aquele erro fatal, que enviou tantos homens para a morte.

Para mim, porém, a parte mais emocionante da viagem foi visitar o lugar onde a Brigada das Terras Altas se manteve inabalável na defesa de Balaclava. No episódio agora conhecido como A Fina Linha Vermelha, e imortalizado em uma pintura no Castelo de Edimburgo, as instruções de sir Colin Campbell para seus homens me causam um frisson: “Não pode haver retirada. Fiquem firmes até morrer.”

Que coragem suprema a situação deve ter exigido! Umas poucas centenas enfrentando hordas da cavalaria russa vindo a galope. E aquela coragem indomável e talvez a temível aparência do regimento das Terras Altas foram suficientes para fazer os russos recuarem. Não é segredo que aprecio homens de farda, mas homens capazes de tal nobreza e bravura me deixam de pernas bambas.

As mulheres que estavam na Crimeia também eram firmes e obstinadas. Dispersas e em número reduzido, mas fizeram sentir sua presença. Quando alguns soldados turcos fugiram da batalha de Balaclava, a esposa de um soldado bateu na cabeça de um deles para tentar impedi-lo de fugir. Ela e as outras esposas dos militares cuidavam dos doentes, cozinhavam, lavavam as roupas e carregavam munição. Viveram sob as condições mais pavorosas durante o cerco e certamente tornaram a vida um pouco mais suportável para seus homens.

É terrível que mais homens tenham morrido por causa de doenças durante a Guerra da Crimeia do que em batalha. Precisamos agradecer a Florence Nightingale por transformar a enfermagem em uma profissão honrosa e melhorar a vida do soldado comum. Entretanto, como salientei em *Esperança*, houve inúmeros outros heróis e heroínas desconhecidos, cuja coragem, determinação e estoicismo diante de imensas dificuldades deveriam ser lembrados. *Esperança* é uma obra de ficção, mas cada um dos personagens tem uma contrapartida na História.

Em 2005, a Penguin Books realizou um concurso para tornar um leitor personagem do livro. Foi muito difícil escolher o vencedor, pois muitos me enviaram ricos detalhes sobre suas vidas, todas fascinantes.

Afinal escolhemos Betsy Molyneux, de Liverpool. Seu nome de batismo era adequado para a época da narrativa e ela parecia o tipo de moça corajosa e adorável que eu queria na minha história. Depois de uma longa troca de ideias com ela, decidi usar seu nome de solteira, Archer, pois Molyneux parecia um pouco elegante demais para a personagem que eu tinha em mente. A verdadeira Betsy é na verdade uma soldadora, um trabalho que eu não consegui encaixar naquele período, mas ela estava feliz em ser retratada como uma jovem que vive de pequenos delitos nos cortiços de Bristol. A verdadeira Betsy foi uma grande inspiração para mim; passei a gostar muito dela durante nossas conversas e, apesar de sua vida com o marido e o filho estarem a milhões de quilômetros de distância da personagem que escolhi para ela, espero ter conseguido descrever bem seu lindo rosto, sua personalidade calorosa, seu senso de humor irreverente e sua capacidade de trabalhar em um mundo predominantemente masculino.

Obrigada, Betsy, e espero que aproveite suas aventuras!

## S OBRE A AUTORA

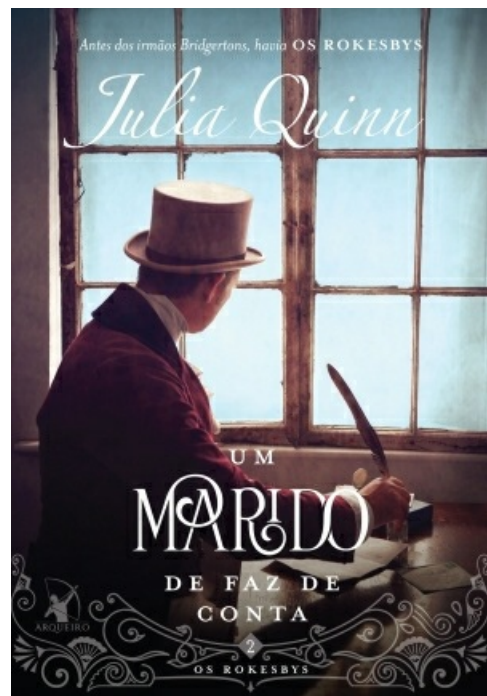


**Lesley Pearce** nasceu em Rochester, Inglaterra, e hoje vive em Devon. Mãe de três filhas e avó de três netos, escreveu 27 romances e tem mais de 10 milhões de livros vendidos no mundo inteiro.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)







# Um marido de faz de conta Quinn, Julia

**9788580419238**

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Enquanto você dormia...Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade...Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com [Compre agora e leia](#)

Pode o amor resistir  
às mais duras provocações?

Da autora  
de **DESEJO**  
**PROIBIDO**

eternamente  
 *você*

SOPHIE JACKSON



# Eternamente você

Jackson, Sophie

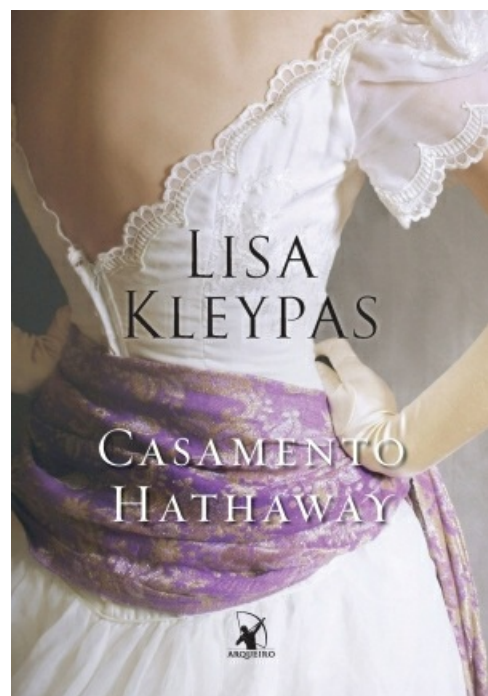
**9788580414820**

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido. Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele. Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas. Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois. Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?

[Compre agora e leia](#)



# Casamento Hathaway Kleypas, Lisa

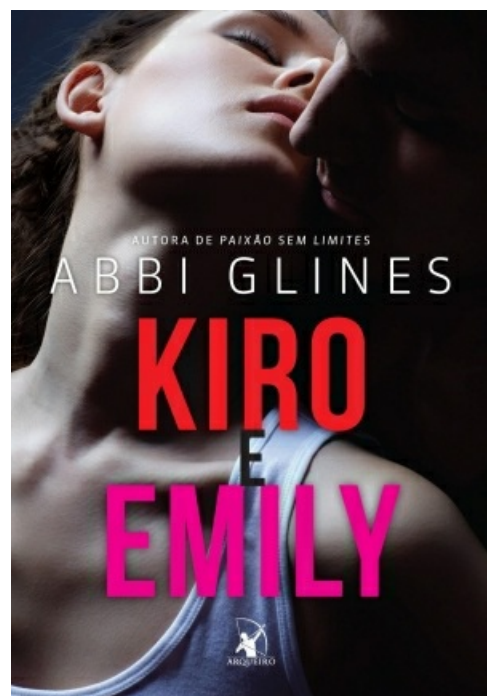
**9788580418484**

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improvisado e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



# Kiro e Emily

Glines, Abbi

**9788580416107**

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock. Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show. Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado. Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

[Compre agora e leia](#)





# Uma dama fora dos padrões Quinn, Julia

**9788580418767**

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Às vezes você encontra o amor nos lugares mais inesperados...Esta não é uma dessas vezes. Todos esperam que Billie Bridgerton se case com um dos irmãos Rokesbys. As duas famílias são vizinhas há séculos e, quando criança, a levada Billie adorava brincar com Edward e Andrew. Qualquer um deles seria um marido perfeito... algum dia. Às vezes você se apaixona exatamente pela pessoa que acha que deveria...Ou não.Há apenas um irmão Rokesby que Billie não suporta: George. Ele até pode ser o mais velho e herdeiro do condado, mas é arrogante e irritante. Billie tem certeza de que ele também não gosta nem um pouco dela, o que é perfeitamente conveniente.Mas às vezes o destino tem um senso de humor perverso...Porque quando Billie e George são obrigados a ficar juntos num lugar inusitado, um novo tipo de centelha começa a surgir. E no momento em que esses adversários da vida inteira finalmente se beijam, descobrem que a pessoa que detestam talvez seja a mesma sem a qual não conseguem viver."Com um senso de humor fascinante e personagens inesquecíveis, Uma dama fora dos padrões é Julia Quinn em sua melhor forma e certamente será apreciado tanto por fãs de longa data quanto por novas leitoras." – Booklist"Julia Quinn é incomparável! O primeiro livro da nova série sobre a adorada família Bridgerton é engraçado, charmoso, espirituoso e incrivelmente romântico." – RT Book Reviews [Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Créditos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)